

Revue Spirite  
Journal d'Études Psychologiques

A L L A N K A R D E C

# REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos



ANO III

1 8 6 0

# REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos



# REVISTA ESPÍRITA

## Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antiguidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos etc.

Publicada sob a direção  
de  
ALLAN KARDEC

*Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.  
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

ANO TERCEIRO – 1860

TRADUÇÃO DE EVANDRO NOLETO BEZERRA



Copyright © 2004 by  
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

4ª edição – 1ª impressão – 1 mil exemplares – 11/2019

ISBN 978-85-8485-037-2

Título do original francês:

*REVUE SPIRITE: JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES*

(Paris, 1860)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

SGAN 603 – Conjunto F – Avenida L2 Norte

70830-106 – Brasília (DF) – Brasil

www.febeditora.com.br

editorial@febnet.org.br

+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB

Comercial

Tel.: (61) 2101 6155/6177 – comercial@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

---

K18r Kardec, Allan, 1804–1869

Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Ano terceiro – 1860/  
publicada sob a direção de Allan Kardec; [tradução de Evandro Noleto  
Bezerra; (poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima)]. – 4.ed. – 1.imp.  
– Brasília: FEB, 2019.

566 p.; 21 cm

Tradução de: *Revue spirite: journal d'études psychologiques*

Conteúdo: Vol. 3 (1860)

ISBN 978-85-8485-037-2

1. Espiritismo. I. Bezerra, Evandro Noleto, 1949–. II. Federação Espírita Brasileira. II. Título: Jornal de estudos psicológicos.

CDD 133.9

CDU 133.7

CDE 00.06.01

---

# Sumário



PRIMEIRO VOLUME – ANO DE 1860

## JANEIRO

O Espiritismo em 1860	15
O magnetismo perante a Academia	21
O Espírito de um lado, o corpo do outro	28
Conselhos de família	41
As pedras de Java	46
Correspondência	48
Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas	53

## FEVEREIRO

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas	61
Os Espíritos glóbulos	70
Médiuns especiais	75
Bibliografia – Condessa Mathilde de Canossa	78

História de um danado	84
Comunicações espontâneas	103
<i>Estelle Riquier</i>	103
<i>O tempo presente</i>	105
<i>Os sinos</i>	106
<i>Conselhos de família</i>	107

## MARÇO

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas	109
Os pré-adamitas	116
Um médium curador	120
Manifestações físicas espontâneas	124
<i>O padeiro de Dieppe</i>	124
Estudo sobre o Espírito de pessoas vivas	129
<i>O Dr. Vignal</i>	139
<i>Senhorita Indermuhle</i>	142
Bibliografia – <i>Siamora, a Druidesa ou o Espiritualismo no Século XV</i>	146
Ditados espontâneos	149
<i>O gênio das flores</i>	149
<i>Perguntas sobre o gênio das flores</i>	150
<i>Felicidade</i>	151
<i>O livro dos espíritos</i> – Segunda edição	153
Aos leitores da <i>Revista</i> – Cartas não assinadas	154

# ABRIL

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas	155
Formação da Terra – <i>Teoria da incrustação planetária</i>	164
Cartas do Dr. Morhéry sobre a Srta. Désirée Godu	172
Variedades	178
<i>O fabricante de São Petersburgo</i>	178
<i>Aparição tangível</i>	181
Ditados espontâneos	182
<i>O anjo das crianças</i>	182
Conselhos	183
<i>A ostentação</i>	184
<i>Amor e liberdade</i>	185
<i>A imortalidade</i>	186
<i>Parábola</i>	187
<i>O Espiritismo</i>	188
<i>Filosofia</i>	188
Comunicações lidas na sociedade	190
<i>A consciência</i>	191
<i>A morada dos eleitos</i>	192
<i>O Espírito e o julgamento</i>	193
<i>O incrédulo</i>	194
<i>O sobrenatural</i>	194

# MAIO

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas	197
História do Espírito familiar do senhor de Corasse	205
Correspondência	212
Conversas familiares de Além-Túmulo	216
<i>Jardin</i>	216
<i>Uma convulsionária</i>	221
Variedades	226
<i>A biblioteca de Nova York</i>	226
<i>A noiva traída</i>	229
<i>Superstição</i>	232
<i>Pneumatografia ou escrita direta</i>	233
<i>Espiritismo e espiritualismo</i>	236
Ditados espontâneos	237
<i>As diferentes ordens de Espíritos</i>	237
I – Remorso e arrependimento	238
II – Os médiuns	239

# JUNHO

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas	241
O Espiritismo na Inglaterra	250
<i>Um espírito falador</i>	251
O Espírito e o cãozinho	255

O Espírito de um idiota	258
Conversas familiares de Além-Túmulo	260
<i>Sra. Duret</i>	260
Medicina intuitiva	271
Uma semente de loucura	274
Tradição muçulmana	276
Erro de linguagem de um Espírito	278
Ditados espontâneos e dissertações espíritas	280
<i>A vaidade</i>	280
<i>A miséria humana</i>	281
<i>A tristeza e o pesar</i>	282
<i>A fantasia</i>	283
<i>Influência do médium sobre o Espírito</i>	284
Bibliografia	285

## JULHO

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas	287
Frenologia e fisiognomonia	295
Os fantasmas	302
Lembrança de uma existência anterior	303
Os animais	308
Exame crítico das dissertações de Charlet sobre os animais	317
Bibliografia	328

# AGOSTO

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas	329
Concordância espírita e cristã	339
O trapeiro da rua des Noyers	344
Conversas familiares de Além-Túmulo	354
<i>Thilorier, o físico</i>	354
<i>O suicida da rua Quincampoix</i>	362
Variedades	365
<i>O prisioneiro de Limoges</i>	365
<i>Perguntas de um espírita de Sétif ao Sr. Oscar Comettant</i>	366
Ditados espontâneos e dissertações espíritas	368
<i>Desenvolvimento das ideias</i>	368
<i>Mascaradas humanas</i>	369
<i>O saber dos Espíritos</i>	370
<i>Origens</i>	371
<i>O futuro</i>	372
<i>Eletricidade espiritual</i>	373
Instrução prática sobre as manifestações espíritas	375

# SETEMBRO

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas	377
O maravilhoso e o sobrenatural	391
História do maravilhoso e do sobrenatural	401

Correspondência ao Sr. Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas	413
Dissertações espíritas	418
<i>Devaneio</i>	418
<i>Sobre os trabalhos da Sociedade</i>	420

## OUTUBRO

Resposta do Sr. Allan Kardec à Gazette de Lyon	421
Banquete oferecido pelos espíritas lioneses ao Sr. Allan Kardec	434
Sobre o valor das comunicações espíritas	445
Dissertações espíritas	454
<i>Formação dos Espíritos</i>	454
<i>Os Espíritos errantes</i>	455
<i>O castigo</i>	457
<i>Marte</i>	459
<i>Júpiter</i>	461
<i>Os Espíritos puros</i>	463
<i>Morada dos bem-aventurados</i>	464
<i>A reencarnação</i>	465
<i>O despertar de um Espírito</i>	467
<i>Progresso dos Espíritos</i>	469
<i>A caridade material e a caridade moral</i>	470
<i>A eletricidade do pensamento</i>	472
<i>A hipocrisia</i>	473

# NOVEMBRO

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas	475
Bibliografia – Carta de um católico sobre o espiritismo	482
Homero	483
Conversas familiares de Além-Túmulo	487
<i>Baltazar, o Espírito gastrônomo</i>	487
Um espírita a seu Espírito familiar – <i>Estâncias</i>	491
Relações afetuosas dos Espíritos	493
Dissertações espíritas	495
<i>Primeiras impressões de um Espírito</i>	495
<i>Os órfãos</i>	496
<i>Um irmão morto à sua irmã viva</i>	497
<i>O Cristianismo</i>	499
<i>O tempo perdido</i>	499
<i>Os sábios</i>	500
<i>O homem</i>	502
<i>A firmeza nos trabalhos espíritas</i>	503
<i>Os inimigos do progresso</i>	503
<i>Distinção da natureza dos Espíritos</i>	504
<i>Scarron</i>	505
<i>O nada da vida</i>	506
<i>Aos médiuns</i>	506
<i>A honestidade relativa</i>	507
<i>Proveito dos conselhos</i>	508

	<i>Pensamentos avulsos</i>	508
Maria de Agreda – Fenômeno de bicorporeidade		509

## DEZEMBRO

	<i>Aos assinantes da Revista Espírita</i>	517
Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas		519
	<i>Arte pagã, arte cristã, arte espírita</i>	523
	<i>História do maravilhoso</i>	527
Conversas familiares de Além-Túmulo		537
	<i>Baltazar, o Espírito gastrônomo</i>	537
	<i>A educação de um Espírito</i>	539
	<i>Dissertações espíritas</i>	545
<i>Entrada de um culpado no mundo dos Espíritos</i>		545
	<i>Castigo do egoísta</i>	546
	<i>Alfred de Musset</i>	550
	<i>Intuição da vida futura</i>	553
	<i>A reencarnação</i>	554
	<i>O dia dos mortos</i>	555
	<i>Alegoria de Lázaro</i>	557
	<i>O duende familiar</i>	558
	NOTA EXPLICATIVA	561



# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

JANEIRO DE 1860

Nº 1

## O Espiritismo em 1860

Temos o prazer de anunciar que a *Revista Espírita* dá início ao seu terceiro ano de circulação, amparada pelos mais favoráveis auspícios. É com satisfação que aproveitamos o ensejo para testemunhar aos leitores a nossa gratidão pelas provas de simpatia que temos recebido diariamente. Só isso já seria motivo suficiente de encorajamento, caso não encontrássemos, na própria natureza e no objetivo de nossos trabalhos, larga compensação moral às fadigas que lhes são consequentes. Tal é a multiplicidade desses trabalhos, aos quais nos consagramos inteiramente, que se torna impossível responder a todas as cartas de felicitações que nos chegam. Somos, pois, obrigados a dirigir-nos coletivamente aos seus autores, rogando-lhes que aceitem os nossos agradecimentos. Estas cartas, bem assim as numerosas pessoas que nos dão a honra de com elas conferenciar a respeito desses graves problemas, convencem-nos cada vez mais do progresso do Espiritismo *verdadeiro*, isto é, do Espiritismo compreendido em todas as suas conseqüências morais. Sem nos iludirmos quanto ao alcance de nossos trabalhos, o pensamento de haver contribuído, lançando alguns grãos na balança, é para nós doce satisfação, porquanto essas poucas sementes terão contribuído para despertar a reflexão.

A prosperidade crescente da *Revista* é um indício do favor com que é acolhida. Não nos cabe senão continuar a obra na mesma linha, já que vem recebendo a consagração do tempo, sem nos afastarmos da moderação, da prudência e das conveniências que sempre nos orientaram. Deixando aos nossos contraditores o triste privilégio das injúrias e do personalismo, não os seguiremos no terreno de uma controvérsia sem objetivo. Dizemos sem objetivo porque jamais os levaria à convicção; ademais, seria pura perda de tempo discutir com pessoas que não têm a menor noção daquilo de que falam. Só temos uma coisa a dizer-lhes: Estudai primeiro; depois veremos. Temos mais que fazer do que falar a quem não quer ouvir. Afinal de contas, o que importa a opinião contrária deste ou daquele? Terá essa opinião tão grande importância que possa deter a marcha natural das coisas? As maiores descobertas encontraram os mais rudes adversários, sem que por isso fossem prejudicadas. Assim, deixando a incredulidade zunir à nossa volta, jamais nos desviaremos do caminho que nos é traçado pela própria gravidade do assunto que nos ocupa.

Dissemos que as ideias espíritas estão em franco progresso. Com efeito, desde algum tempo ganharam imenso terreno. Dir-se-ia que estão no ar; não, certamente, em razão do barulho da grande e da pequena imprensa. Se elas progredirem, apesar de tudo e contra tudo, não obstante a má vontade encontrada em certas regiões, é porque possuem vitalidade suficiente para se bastarem a si mesmas. Quem se der ao trabalho de aprofundar a questão do Espiritismo encontra nele uma satisfação moral tão grande, a solução de tantos problemas que inutilmente havia pedido às teorias vulgares; o futuro se desdobra à sua frente de maneira tão clara, tão precisa e tão *lógica* que a si mesmo confessa a impossibilidade de as coisas realmente não se passarem assim; já que um sentimento íntimo lhe dizia que assim deveria ser, é de causar admiração que não as tenha compreendido mais cedo. Desenvolvida, a ciência espírita nada mais faz que formular, tirar do nevoeiro ideias já existentes em seu foro íntimo; daí por diante o futuro se apresenta com objetivo claro, preciso, perfeitamente definido; já não marcha ao sabor das ondas: vê o seu caminho. Não é mais esse futuro de felicidade ou de desgraça que a

razão não podia compreender e que, por isso mesmo, o repelia; é um futuro racional, consequência das próprias leis da natureza, capaz de suportar o exame mais severo. Eis por que é feliz e como que aliviado de um imenso peso: o da *incerteza*, porquanto a incerteza é um tormento. Mau grado seu, o homem sonda as profundezas do futuro e *não pode deixar de vê-lo eterno*; compara-o à brevidade e à fragilidade da existência terrestre. Se o futuro não lhe oferece nenhuma certeza, ele se atordoa, concentra-se no presente e, para o tornar mais suportável, entrega-se a todos os excessos: é em vão que a consciência lhe fala do bem e do mal. Diz a si mesmo: o bem é aquilo que me faz feliz. De fato, que motivo teria para ver o bem em outra parte? Por que suportar privações? Quer ser feliz e, para ser feliz, quer gozar; gozar o que os outros possuem; quer ouro, muito ouro; a ele se apega como à sua vida, porque o ouro é o veículo de todos os prazeres materiais. Que lhe importa o bem-estar do semelhante? O seu, antes de tudo. Quer satisfazer-se no presente, por não saber se o poderá mais tarde, num futuro em que não acredita. Torna-se, assim, ávido, invejoso, egoísta e, com todos esses prazeres, não é feliz, porque o presente lhe parece muito curto.

Com a *certeza* do futuro, tudo para ele muda de aspecto; o presente é apenas efêmero e o vê passar sem lamentar-se; é menos apegado aos prazeres terrenos, porque só lhe trazem uma sensação passageira, fugidia, que deixa vazio o coração; aspira a uma felicidade mais duradoura e, conseqüentemente, mais real. E onde poderá encontrá-la senão no futuro? Mostrando-lhe, *provando-lhe* esse futuro, o Espiritismo o liberta do suplício da incerteza, e isso o torna feliz. Ora, aquilo que traz felicidade sempre encontra partidários.

Os adversários do Espiritismo atribuem sua rápida propagação a uma febre supersticiosa que se apodera da humanidade: o amor do maravilhoso. Antes, porém, precisariam ser lógicos; aceitaremos o seu raciocínio — se é que a isso podemos chamar raciocínio — quando tiverem explicado claramente por que essa febre atinge justamente as classes esclarecidas da sociedade, em vez das ignorantes. Quanto a nós, dizemos que é porque o Espiritismo apela

ao raciocínio, e não à crença cega, que as classes esclarecidas o examinam, refletem e o compreendem. Ora, as ideias supersticiosas não suportam o exame.

Aliás, todos vós que combateis o Espiritismo, chegais a compreendê-lo? Estudastes, perscrutastes seus detalhes, pesastes maduramente todas as suas consequências? Não, mil vezes não. Falais de algo que não conheceis. Todas as vossas críticas — e não falo das tolas, vulgares e grosseiras diatribes, despidas de qualquer raciocínio e que não têm nenhum valor —, refiro-me às que, pelo menos, têm aparência de seriedade, todas as vossas críticas, repito, acusam a mais completa ignorância do assunto.

Para criticar é necessário poder opor raciocínio a raciocínio, prova a prova. Será isto possível sem conhecimento aprofundado do assunto de que se trata? Que pensaríeis de quem pretendesse criticar um quadro, sem possuir, pelo menos em teoria, as regras do desenho e da pintura? Discutir o mérito de uma ópera, sem saber música? Sabeis a consequência de uma crítica ignorante? É ser ridícula e revelar falta de juízo. Quanto mais elevada a posição do crítico, quanto mais ele se põe em evidência, tanto mais seu interesse lhe exige circunspeção, a fim de não vir a receber desmentidos, sempre fáceis de dar a quem quer que fale daquilo que não conhece. É por isso que os ataques contra o Espiritismo têm tão pouco alcance e favorecem o seu desenvolvimento, em vez de detê-lo. Esses ataques são propaganda; provocam exame, e o exame só nos pode ser favorável, porque nos dirigimos à razão. Não há um só artigo publicado contra a Doutrina que não nos tenha proporcionado um aumento de assinaturas e de vendas de obras. O do Sr. Oscar Comettant (Vide o *Siècle* de 27 de outubro passado e nossa resposta na *Revista* do mês de dezembro de 1859) provocou a venda, em poucos dias, na casa Ledoyen, de mais de cinquenta exemplares da famosa sonata de Mozart (que custa 2 francos, preço líquido, segundo a importante e espirituosa observação do Sr. Comettant). Os artigos do *Univers* de 13 de abril e 28 de maio de 1859 (ver nossa resposta nos números da *Revista* de maio e julho de 1859) esgotaram rapidamente o que

restava da primeira edição de *O livro dos espíritos*, bem como outros. Mas voltemos a coisas menos materiais. Enquanto não opuserem ao Espiritismo senão argumentos desta natureza, ele nada tem a temer.

Repetimos que a principal fonte do progresso das ideias espíritas está na satisfação que proporcionam a todos que as aprofundam, e que nelas veem algo mais do que um simples passatempo. Ora, como antes de tudo todos querem a felicidade, não é de admirar que se liguem a uma ideia que os torna felizes. Dissemos em algum lugar que, tratando-se de Espiritismo, o período da curiosidade passou, dando lugar ao da razão e da filosofia. A curiosidade tem tempo certo: uma vez satisfeita, muda-se o objetivo por um outro. Já não se dá a mesma coisa com quem se dirige ao pensamento sério e à razão. O Espiritismo progrediu principalmente a partir do momento em que passou a ser mais bem compreendido em sua essência íntima, desde que se viu o seu alcance, porque toca na corda mais sensível do homem: a de sua felicidade, mesmo neste mundo. Aí reside a causa de sua propagação, o segredo da força que o fará triunfar.

Vós todos que atacais o Espiritismo, quereis um meio seguro de combatê-lo com sucesso? Eu vo-lo indico. Substituí-o por algo melhor; encontrai uma solução mais *lógica* a todas as questões que ele resolve; dai ao homem *outra certeza* que o torne mais feliz, e compreendi bem o alcance da palavra certeza, porque o homem só aceita como certo o que lhe parece *lógico*; não vos contenteis em dizer que isso não é, pois é muito fácil; provai, não pela negação, mas pelos fatos, que isso não é, jamais foi e *não pode ser*. Provai, finalmente, que as consequências do Espiritismo não tornam melhores os homens, pela prática da mais pura moral evangélica, moral muito elogiada, mas pouco praticada. Quando tiverdes feito isso, serei o primeiro a inclinar-me perante vós. Até lá, permiti que encare vossas doutrinas, que são a negação completa do futuro, como a fonte do egoísmo, verme que corrói a sociedade e, conseqüentemente, como um verdadeiro flagelo. Sim, o Espiritismo é forte, mais forte do que vós, porque se apoia nos próprios alicerces da religião: Deus, a alma e as penas e recompensas futuras, baseadas no bem e no mal que se

faz. Vós vos apoiáis na incredulidade. Ele convida o homem à felicidade, à esperança, à verdadeira fraternidade. Vós lhe ofereceis *nada* como perspectiva e o *egoísmo* como consolação. Ele tudo explica, vós nada explicais. Ele prova pelos fatos e vós nada provais. Como pretendeis que se vacile entre as duas doutrinas?

Em resumo, constatamos — e cada um vê e sente como nós — que o Espiritismo deu um passo imenso no ano que findou, e esse passo é a garantia daquele que haverá de dar no ano que começa. Não somente o número de seus partidários aumentou consideravelmente, como uma notável mudança operou-se na opinião geral, mesmo entre os indiferentes. Diz-se que no fundo de tudo isso bem poderia haver alguma coisa; que não se deve ser apressado em julgá-lo; os que assim agiam, dando de ombros, começam a temer o ridículo sobre si mesmos ao ligarem o próprio nome a um julgamento precipitado, que poderá ser desmentido. Deste modo, preferem calar-se e esperar. Sem dúvida, durante muito tempo ainda haverá pessoas que, nada tendo a perder com a opinião da posteridade, procurarão denegri-lo; umas, por caráter ou por estado de ânimo; outras, por cálculo. Mas nós nos acostumamos à ideia de ir ao hospício,<sup>1</sup> desde que nos vejamos em boa companhia; e, como tantas outras, esta piada sem graça torna-se um lugar-comum, com a qual ninguém se incomoda, porque no fundo desses ataques vê-se a mais absoluta falta de raciocínio. A arma do ridículo, essa arma que se diz tão terrível, se gasta evidentemente e tomba das mãos daqueles que a empunhavam. Acaso teria perdido o seu poder? Não, contanto que não desfira golpes em falso. O ridículo não mata senão o que é ridículo em si, tendo de sério apenas a aparência, porque fustiga o hipócrita e lhe arranca a máscara; mas aquilo que é verdadeiramente sério só receberá golpes passageiros e sairá sempre triunfante da luta. Vede se uma só das grandes ideias que foram ridicularizadas em sua origem pela turba ignorante e invejosa caiu para não mais se erguer! Ora, o Espiritismo é uma das maiores ideias, porque toca na questão mais vital — a da felicidade do homem — e não se brinca

<sup>1</sup> Nota do tradutor: No original: *aller à Charenton*, referência a famoso hospital psiquiátrico francês.

impunemente com semelhante problema. Ele é forte porque tem suas raízes nas próprias leis da natureza e responde aos inimigos fazendo, desde o início, a volta ao mundo. Alguns anos mais e seus detratores, impotentes para combatê-lo pelo raciocínio, encontrar-se-ão de tal modo ultrapassados pela opinião dominante, de tal forma isolados, que se verão forçados a calar ou a abrir os olhos à luz.

## O magnetismo perante a Academia

Deixado à porta, o magnetismo entrou pela janela, mediante um disfarce e um outro nome. Em vez de dizer: “Sou o magnetismo”, o que provavelmente não lhe teria valido uma acolhida favorável, disse: “Chamo-me *hipnotismo*” (do grego *hypnos*, sono). Graças a esse salvo-conduto, conseguiu entrar após vinte anos de paciência. Mas não perdeu por esperar, pois soube fazer-se introduzir por uma das maiores celebridades. Evitou cuidadosamente apresentar-se com seu cortejo de passes, de sonambulismo, de visão a distância, de êxtases, que o teriam traído. Disse simplesmente: “Sois bons e humanos; vosso coração sangra ao ver sofrer os vossos doentes; procurais um meio de suavizar a dor do paciente, cortado pelo vosso escalpelo, mas o que empregais às vezes é muito perigoso. Eu vos trago um mais simples e que, em todo caso, não tem inconvenientes.” Estava bem seguro de ser ouvido, falando em nome da humanidade. E acrescentou, matreiro: “Sou da família, pois devo a vida a um dos vossos.” Pensava, não sem alguma razão, que essa origem não o prejudicaria.

Se vivêssemos ao tempo da brilhante e poética Grécia, diríamos: O magnetismo, filho da natureza e de um simples mortal, foi proscrito do Olimpo porque, ao fazer concorrência com Esculápio, feriu os interesses deste último, louvando-se de poder curar sem o seu concurso. Errou muito tempo pela Terra, ensinando aos homens a arte de curar por meios novos; desvendou ao vulgo uma porção de maravilhas que, até então, tinham sido misteriosamente escondidas nos templos; mas aqueles cujos segredos havia revelado, desmascarando-lhe a charlatanice, o perseguiram a pedradas,

de tal sorte que foi, ao mesmo tempo, banido pelos deuses e maltratado pelos homens. Nem por isso deixou de espalhar seus benefícios, aliviando a humanidade, certo de que um dia a sua inocência seria reconhecida e lhe fariam justiça. Teve um filho, cujo nascimento escondeu cuidadosamente, temeroso de lhe atrair perseguições; ele o chamou hipnotismo. Este filho partilhou de seu exílio durante muito tempo, aproveitando-o para instruir-se. Quando o julgou suficientemente formado, disse-lhe: — Vai-te apresentar no Olimpo; abstém-te de dizer que és meu filho; teu nome e um disfarce facilitarão o teu acesso; Esculápio te apresentará. — Como, meu pai?! Esculápio, vosso inimigo mais encarniçado! Logo ele que vos proscreeu! — Ele mesmo te estenderá a mão. — Mas se me reconhecer, expulsar-me-á. — Ora essa! se te expulsar, virás junto a mim e continuaremos nossa obra beneficente entre os homens, à espera de melhores dias. Mas fica tranquilo, tenho muita esperança. Esculápio não é mau; quer, antes de tudo, o progresso da Ciência: caso contrário não seria digno de ser o deus da Medicina. Aliás, talvez eu tenha cometido algumas faltas para com ele; ofendido por me ver denegrir, eu me exaltei e o ataquei sem consideração. Prodigalizei-lhe injúrias, ridicularizei-o, vilipendiei-o, chamei-o de ignorante. Ora, eis um meio deplorável de tratar os homens e os deuses; e seu amor-próprio ferido irritou-se um instante contra mim. Não faças como eu, meu filho; sê mais prudente e, sobretudo, mais atencioso. Se os outros não o forem para contigo, o erro será deles, e a razão, tua. Vai, filho meu, e lembra-te de que nada se obtém de alguém pela força. — Assim falou o pai. O hipnotismo partiu timidamente para o Olimpo; batia-lhe forte o coração quando se apresentou à soleira da porta sagrada. Mas, ó surpresa, o próprio Esculápio lhe estende a mão e o introduz.

Eis, pois, o magnetismo no lugar. O que fará? Oh! não acrediteis na vitória definitiva; ainda não nos encontramos sequer nas preliminares da paz. É uma primeira barreira derrubada: eis tudo. Esse passo é importante, sem dúvida, mas não penseis que seus inimigos vão confessar-se vencidos. O próprio Esculápio, o grande Esculápio, que o reconheceu por seus traços de família, abraçou de tal forma sua defesa que seriam capazes de enviá-lo ao hospício.

Vão dizer que é... qualquer coisa... mas que, seguramente, não é magnetismo. Pois seja! Não sofismamos com as palavras: será tudo o que quiserem. Mas, enquanto se espera, é um fato que terá consequências. Ora, eis essas consequências. Inicialmente vão ocupar-se somente do ponto de vista anestésico (do grego *aisthesis*, sensibilidade, e *a*, privativo, ou seja, privação geral ou parcial da faculdade de sentir), e isto em razão da predominância das ideias materialistas, pois ainda há tanta gente que, sem dúvida por modéstia, teima em se reduzir ao papel de manivela de espeto que, ao parar de funcionar, é atirada ao ferro-velho, sem deixar vestígios! Assim, vão examinar o fato de todas as maneiras, ainda que por mera curiosidade. Vão estudar a ação das diferentes substâncias para produzir o fenômeno da catalepsia. Depois, um belo dia, reconhecerão que basta pôr o dedo. Mas não é tudo. Observando o fenômeno da catalepsia, outros surgirão espontaneamente. Já foi notada a liberdade de pensamento durante a suspensão das faculdades orgânicas; assim, o pensamento independe dos órgãos. Há, pois, no homem algo mais além da matéria. Ver-se-á a manifestação de faculdades estranhas: a vista adquirir uma amplitude insólita, transpondo os limites dos sentidos; todas as percepções modificadas; numa palavra, é um vasto campo para a observação e não faltarão observadores. O santuário está aberto, e esperamos que dele jorre a luz, a menos que o celeste areópago não deixe a honra a ninguém senão a ele mesmo.

Nossos leitores haverão de apreciar bastante o notável artigo que o Sr. Victor Meunier, redator do *Ami des Sciences*, publicou sobre este interessante assunto, na revista científica hebdomadária do *Siècle*, de 16 de dezembro de 1859:

O magnetismo animal, levado à Academia pelo Sr. Broca, apresentado à ilustre associação pelo Sr. Velpeau, experimentado pelos senhores Follin, Verneuil, Faure, Trousseau, Denonvilliers, Nélaton, Azam, Ch. Robin etc., todos cirurgiões dos hospitais, é a grande novidade do dia.

As descobertas, como os livros, têm seu destino. A de que vamos tratar não é nova. Data de uns vinte anos, e nem na Inglaterra,

onde nasceu, nem na França, onde, no momento, não se ocupa de outra coisa, a publicidade lhe faltou. Um médico escocês, o Dr. Braid, a descobriu e lhe consagrou todo um livro (*Neurypnology or the rationale of nervous sleep, considered in relation with animal magnetism*). O Dr. Carpenter, célebre médico inglês, analisou cuidadosamente a descoberta do Dr. Braid no artigo *Sleep* (sono) da *Enciclopédia de anatomia e fisiologia de Tood* (*Cyclopedia of anatomy and physiology*); um ilustre sábio francês, o Sr. Littré, reproduziu a análise do Dr. Carpenter na segunda edição do *Manual de Fisiologia* de J. Mueller. Enfim, nós mesmos consagramos um de nossos folhetins da *Presse* (7 de julho de 1852) ao *hipnotismo* (é o nome dado pelo Dr. Braid ao conjunto de dados de que se trata). A mais recente das publicações relativas a esse assunto data, pois, de sete anos; e eis que, no momento em que o julgavam esquecido, ele adquire esta imensa repercussão.

Há no hipnotismo duas coisas: um conjunto de fenômenos nervosos, e o processo por meio do qual são produzidos.

Esse processo, empregado outrora, salvo engano, pelo abade Faria, é de grande utilidade. Consiste em manter um objeto brilhante diante dos olhos da pessoa com a qual se experimenta, a pequena distância da base do nariz, de sorte que não possa olhá-lo senão envesgando os olhos para dentro; ela deve fixar os olhos sobre ele. A princípio as pupilas se contraem, depois se dilatam bastante e, em poucos instantes, produz-se o estado cataléptico. Levantando os membros do paciente, estes conservam a posição que lhes dermos. Este é apenas um dos fenômenos produzidos; dos outros falaremos oportunamente.

O Sr. Azam, professor substituto de Clínica Cirúrgica da Escola de Medicina de Bordeaux, tendo repetido com sucesso as experiências do Dr. Braid, trocou opiniões com o Dr. Broca, que pensava que as pessoas hipnotizadas talvez fossem insensíveis à dor das intervenções cirúrgicas. A carta que acaba de dirigir à Academia das Ciências é o resumo de suas experiências a respeito. Antes de tudo,

porém, devia assegurar-se da realidade do hipnotismo. E o conseguiu sem dificuldades.

Visitando uma senhora de cerca de 40 anos, algo histérica, e que se mantinha acamada por ligeira indisposição, o Dr. Broca fingia querer examinar os olhos da doente e lhe pedia que fixasse detidamente um pequeno frasco dourado que ele segurava a mais ou menos 15 centímetros de distância da base do nariz daquela senhora. Ao cabo de três minutos, os olhos tornaram-se um pouco vermelhos, os traços imóveis, as respostas lentas e difíceis, mas perfeitamente racionais. O Dr. Broca levantou o braço da enferma e este se manteve na posição em que foi deixado; submeteu os dedos às mais extremas situações e eles as conservaram; beliscou a pele em vários lugares, com certa força, mas a paciente nada parecia sentir. Catalepsia, insensibilidade! O Dr. Broca não levou adiante a experiência: esta lhe havia ensinado o que queria saber. Uma fricção sobre os olhos, uma insuflação de ar frio na fronte trouxeram a doente ao estado normal. Não guardava a menor lembrança do que acabara de se passar.

Restava saber se a insensibilidade hipnótica resistiria à prova das intervenções cirúrgicas.

Entre os internos do Hospital Necker, no serviço do Dr. Follin, achava-se uma pobre mulher de 24 anos, vitimada por extensa queimadura nas costas e nos dois membros direitos e por um enorme abscesso, extremamente doloroso. Os menores movimentos lhe eram um suplício. Esgotada pelo sofrimento e, ademais, muito pusilânime, essa infeliz pensava com terror na operação que se fazia necessária. Foi nela que, de acordo com o Dr. Follin, o Dr. Broca resolveu completar a prova do hipnotismo.

Colocaram-na sobre um leito em frente à janela, prevenindo-a de que iam fazê-la dormir. Ao cabo de dois minutos suas pupilas se dilatam; levantado quase verticalmente acima do leito, seu braço esquerdo fica imóvel. Ao quarto minuto suas respostas são lentas e

quase penosas, mas perfeitamente sensatas. Quinto minuto: o Dr. Follin espeta a pele do braço esquerdo e a doente nem sequer se mexe; nova espetadela mais profunda, que produz sangramento, e a mesma impassibilidade. Erguem o braço direito, que fica no ar. Então as cobertas são levantadas e afastados os membros inferiores para pôr à mostra a sede do abscesso. A doente não esboça reação e disse com tranquilidade que, sem dúvida, irão prejudicá-la. Ao ser aberto o abscesso, um fraco grito foi o único sinal de reação de sua parte, e durou menos de um segundo. Nem o menor tremor nos músculos da face ou dos membros, nem um só estremecimento nos braços, sempre elevados verticalmente acima do leito. Um pouco injetados, os olhos estavam largamente abertos; o rosto tinha a imobilidade de uma máscara...

Levantado, o pé esquerdo mantém-se suspenso. Tiram o corpo brilhante (uma luneta): a catalepsia persiste. Pela terceira vez picam o braço esquerdo, o sangue goteja e a operada nada sente. Há 13 minutos que o braço guarda a posição que lhe foi dada.

Enfim, uma fricção nos olhos, uma insuflação de ar fresco despertam a jovem senhora quase subitamente; relaxados, os braços e a perna esquerda caem de repente na cama. Ela esfrega os olhos, readquire a consciência, de nada se lembra e surpreende-se de que a tenham operado. A experiência havia durado 18 a 20 minutos; o período de anestesia, de 12 a 15.

Tais são, em resumo, os fatos essenciais comunicados pelo Sr. Broca à Academia das Ciências. Já não são mais isolados. Grande número de cirurgiões de nossos hospitais teve a honra de repeti-los, e o fizeram com sucesso. O objetivo do Dr. Broca e de seus distintos colegas era e deveria ser cirúrgico. Esperemos tenha o hipnotismo, como meio de provocar a insensibilidade, todas as vantagens dos agentes anestésicos, sem deles guardar os inconvenientes. Mas a Medicina não é de nossa alçada e, para não sair de suas atribuições, nossa *Revista* não deve considerar o fato senão sob o ponto de vista fisiológico.

Depois de haver reconhecido a veracidade do Dr. Braid sobre o ponto essencial, sem dúvida ter-se-á que verificar tudo que respeita a este estado singular, ao qual ele dá o nome de hipnotismo. Os fenômenos que ele lhe atribui podem ser classificados da seguinte maneira:

*Exaltação da sensibilidade* – O olfato é levado a um grau de acuidade que no mínimo se iguala ao observado nos animais de melhor faro. A audição torna-se igualmente muito penetrante. O tato adquire, sobretudo em relação à temperatura, uma incrível delicadeza.

*Sentimentos sugeridos* – Ponde o rosto, o corpo ou os membros do paciente na atitude que convém à expressão de um sentimento particular e logo o estado mental correspondente é despertado. Assim, colocando-se a mão do hipnotizado sobre sua cabeça, ele se endireita espontaneamente, inclinando para trás; seu porte é o do mais vivo orgulho. Se nesse momento se lhe curvar para frente a cabeça, fletindo levemente o corpo e os membros, o orgulho dará lugar à mais profunda humildade. Afastando delicadamente os cantos da boca, como no riso, logo se produz uma tendência alegre; o mau humor entra em campo imediatamente quando se faz as sobrancelhas convergirem para baixo.

*Ideias provocadas* – Levantai a mão do paciente acima da cabeça e fleti os dedos sobre a palma: logo é suscitada a ideia de subir, de se balançar ou puxar uma corda. Se, ao contrário, forem os dedos fletidos, deixando o braço pendente, provoca-se a ideia de levantar um peso. Se os dedos forem fletidos e o braço levado à frente, como para dar um soco, surge a ideia de lutar boxe (A cena se passa em Londres).

*Incremento da força muscular* – Se se quiser suscitar uma força extraordinária num grupo de músculos, basta sugerir ao paciente a ideia da ação que reclama essa força e assegurar-lhe que o pode realizar com a maior facilidade, caso queira. Diz o Dr. Carpenter: “Vimos um dos pacientes hipnotizados pelo Dr. Braid, notável pela pobreza de seu desenvolvimento muscular, levantar, com o auxílio de seu dedo

mínimo, um peso de 14 quilos e fazê-lo girar em volta da cabeça, com a única garantia de que o peso era tão leve como uma pluma”.

Limitamo-nos, por hoje, à indicação deste programa. Aos fatos a palavra; as reflexões virão mais tarde.

## O Espírito de um lado, o corpo do outro

CONVERSA COM O ESPÍRITO DE UMA PESSOA VIVA

Nosso distinto colega, o Sr. conde de R... C..., dirigiu-nos a seguinte carta, datada de 23 de novembro último:

Senhor Presidente,

Ouvi dizer que médicos, entusiastas de sua arte e desejosos de contribuir para o progresso da Ciência, tornando-se úteis à humanidade, legaram, por testamento, os seus corpos ao escalpelo das salas anatômicas. A experiência a que assisti, da evocação de uma pessoa viva (Sessão da Sociedade de 14 de outubro de 1859), não me pareceu muito instrutiva, por se tratar de uma coisa muito pessoal: pôr em comunicação um pai vivo com a filha morta. Pensei que aquilo que os médicos fizeram pelo corpo, um membro da Sociedade poderia fazer pela alma, ainda em vida, pondo-se à vossa disposição para um ensaio desse gênero. Talvez pudésseis, preparando as perguntas antecipadamente, que desta vez nada teriam de pessoal, obter novas luzes sobre o fato do isolamento da alma e do corpo. Aproveitando de uma indisposição que me retém em casa, venho oferecer-me como paciente para estudo, se estiverdes de acordo. Portanto, caso não haja contraordem, na próxima sexta-feira deitar-me-ei às nove horas e penso que às nove e meia podereis chamar-me etc.

Aproveitamos a oferta do Sr. conde de R... C... com tanto mais interesse quanto, pondo-se à nossa disposição, pensávamos

que seu Espírito se prestaria de bom grado às nossas pesquisas. Por outro lado, sua instrução, a superioridade de sua inteligência (o que, abrindo parênteses, não o impede de ser um excelente espírito) e a experiência que adquiriu em suas viagens em torno do mundo, como capitão da Marinha imperial, faziam que esperássemos de sua parte uma apreciação mais justa de seu estado. De fato não nos enganamos. Em consequência tivemos com ele as duas conversas que se seguem, a primeira a 25 de novembro e a segunda a 2 de dezembro de 1859.

(Sociedade, 25 de novembro de 1859)

1. *Evocação.*

*Resp.* – Estou aqui.

2. Neste momento tendes consciência do desejo que manifestastes, de ser evocado?

*Resp.* – Perfeitamente.

3. Em que lugar vos achais aqui?

*Resp.* – Entre vós e o médium.

4. Vede-nos tão claramente como quando assistis pessoalmente às nossas sessões?

*Resp.* – Mais ou menos, embora um pouco velado. Ainda não durmo bem.

5. Como tendes consciência de vossa individualidade aqui presente, ao passo que vosso corpo está no leito?

*Resp.* – Neste momento meu corpo não me é senão um acessório. Sou EU que estou aqui.

OBSERVAÇÃO — *Sou EU que estou aqui* é uma resposta deveras notável. Para ele, o corpo não é a parte essencial de seu ser: esta parte é o Espírito, que constitui o EU; o seu *eu* e o seu corpo são duas coisas distintas.

6. Podeis transportar-vos instantaneamente, e à vontade, daqui para vossa casa e vice-versa?

*Resp.* – Sim.

7. Indo e vindo daqui para vossa casa, tendes consciência do trajeto que fazeis? Vedes os objetos que estão no caminho?

*Resp.* – Eu o poderia, mas negligencio fazê-lo; não me interessam.

8. O estado em que vos encontrais é semelhante ao de um sonâmbulo?

*Resp.* – Não completamente. Meu corpo *dorme*, ou seja, está mais ou menos inerte; o sonâmbulo *não dorme*: suas faculdades estão modificadas, mas não aniquiladas.

9. O Espírito evocado de uma pessoa viva poderia indicar remédios, como um sonâmbulo?

*Resp.* – Se os conhecer, ou caso se ache em contato com um Espírito que os conheça, sim; do contrário, não.

10. A lembrança de vossa existência corporal está claramente presente em vossa memória?

*Resp.* – Muito clara.

11. Poderíeis citar algumas de vossas ocupações mais destacadas do dia?

*Resp.* – Poderia, mas não o farei e lamento ter proposto esta pergunta (Ele havia pedido que lhe dirigissem uma pergunta desse gênero como prova).

12. É como Espírito que lamentais ter proposto esta questão?

*Resp.* – Como Espírito.

13. Por que o lamentais?

*Resp.* – Porque melhor compreendo quanto é justo que, na maior parte dos casos, seja proibido fazê-lo.

14. Poderíeis descrever o vosso quarto de dormir?

*Resp.* – Certamente; e o do porteiro também.

15. Pois bem! Descrevei, então, um deles.

*Resp.* – Eu disse que poderia, mas poder não é querer.

16. Qual a doença que vos retém em casa?

*Resp.* – A gota.

17. Há um remédio para a gota? Se o conheceis, poderíeis indicá-lo, pois prestaríeis um grande serviço?

*Resp.* – Poderia, mas me guardarei de fazê-lo: o remédio seria pior que o mal.

18. Pior ou não, quereis indicá-lo, mesmo que não venhais a vos servir dele?

*Resp.* – Há vários, entre os quais o lírio verde.

OBSERVAÇÃO – Ao despertar, o Sr. de R... reconheceu jamais ter ouvido falar do emprego desta planta como específico antigotoso.

19. Em vosso estado atual, veríeis um perigo que poderia correr um amigo e poderíeis vir em seu auxílio?

*Resp.* – Poderia. Inspirá-lo-ia; se ouvisse a minha inspiração e, ainda com mais proveito, se fosse médium.

20. Desde que o evocamos por vossa vontade, e que vos pondeis à nossa disposição para estudos, tende a bondade de descrever, o melhor possível, o estado em que vos encontráis agora.

*Resp.* – Estou no estado mais feliz e mais satisfatório que se possa experimentar. Jamais tivestes um sonho em que o calor do leito vos faz crer que sois levemente embalados no ar, ou na crista de ondas tépidas, sem nenhuma preocupação com os movimentos, sem a menor consciência dos membros pesados e incômodos, a se moverem ou a se arrastarem, numa palavra, sem necessidades a satisfazer? Não sentindo o agulhão da fome nem o da sede? Encontro-me neste estado junto a vós. E ainda não vos dei senão uma pequena ideia do que experimento.

21. O estado atual de vosso corpo sofre alguma modificação fisiológica em razão da ausência do Espírito?

*Resp.* – De modo algum. Estou no estado a que chamais primeiro sono; sono pesado e profundo que todos experimentamos e durante o qual nos afastamos do corpo.

OBSERVAÇÃO – O sono, que não era completo no começo da evocação, estabeleceu-se pouco a pouco, em consequência do próprio desprendimento do Espírito, que deixa o corpo no maior repouso.

22. Se, em razão de um movimento brusco, vosso corpo é instantaneamente despertado enquanto vosso Espírito aqui está, o que aconteceria?

*Resp.* – O que é brusco para o homem é muito lento para o Espírito, que sempre tem tempo de ser avisado.

23. A felicidade que acabais de descrever e que desfrutais em vosso estado de liberdade tem alguma relação com as sensações agradáveis que por vezes se experimenta nos primeiros momentos da asfixia? O Sr. S..., que involuntariamente teve a satisfação de as experimentar, vos dirige esta pergunta.

*Resp.* – Ele não está de todo errado. Na morte por asfixia há um instante análogo àquele de que fala, mas somente o Espírito perde a lucidez, enquanto aqui ela é consideravelmente aumentada.

24. Vosso Espírito prende-se ainda por um laço qualquer ao vosso corpo?

*Resp.* – Sim, e disso guardo perfeita consciência.

25. A que podeis comparar este laço?

*Resp.* – A nada que conheceis, senão a uma luz fosforescente, para vos dar uma ideia, se o pudésseis ver, mas que em mim não produz nenhuma sensação.

26. A luz vos afeta da mesma maneira? Tem a mesma tonalidade que vedes pelos olhos?

*Resp.* – Absolutamente, porque os olhos me servem, de alguma sorte, como janelas de meu cérebro.

27. Percebeis os sons tão distintamente?

*Resp.* – Mais ainda, já que percebo muitos outros que vos escapam.

28. Como transmitis o pensamento ao médium?

*Resp.* – Atuo sobre sua mão para lhe dar uma direção, que facilito por uma ação sobre o cérebro.

29. Utilizai-vos das palavras do vocabulário que ele tem na cabeça ou indicais as palavras que deve escrever?

*Resp.* – Uma coisa e outra, conforme a conveniência.

29.<sup>2</sup> Se tivésseis por médium alguém que desconhecesse a vossa língua e a dele vos fosse desconhecida, um chinês, por exemplo, como faríeis para ditar-lhe?

*Resp.* – Isso seria mais difícil; talvez impossível. Em todo caso, só seria possível com uma flexibilidade e uma docilidade muito rara de encontrar.

<sup>2</sup> Nota do tradutor: O número 29 foi repetido no original.

30. Um Espírito, cujo corpo estivesse morto, experimentaria a mesma dificuldade para se comunicar por um médium completamente estranho à língua que falava em vida?

*Resp.* – Talvez menor, mas ela existiria sempre. Acabo de dizer que, conforme o caso, o Espírito dá ao médium as suas expressões, ou toma as dele.

31. Vossa presença aqui fatiga o corpo?

*Resp.* – Absolutamente.

32. Vosso corpo sonha?

*Resp.* – Não; é justamente por isso que não se cansa. A pessoa da qual falais experimentaria por seus órgãos impressões que se transmitiam ao Espírito; era isto que a fatigava. Nada experimento de semelhante.

OBSERVAÇÃO – Ele faz alusão a uma pessoa de que se falava no momento e que, em semelhante situação, tinha dito que seu corpo se fatigava, e havia comparado seu Espírito a um balão cativo, cujas sacudidelas abalam o poste que o retém.

No dia seguinte o Sr. R... de C... contou-nos haver sonhado que se achava na Sociedade, entre nós e o médium. Evidentemente é uma lembrança da evocação. É provável que no momento da pergunta não sonhasse, pois respondeu negativamente. Também é possível, e mais provável, que não sendo o sonho senão uma lembrança da atividade do Espírito, na verdade não é o corpo que sonha, desde que não pensa. Ele, pois, respondeu negativamente, sem saber se, uma vez desperto, seu Espírito se recordaria. Se o corpo tivesse sonhado quando seu Espírito estava ausente, é que o Espírito teria tido uma dupla ação. Ora, ele não poderia estar ao mesmo tempo na Sociedade e em sua casa.

33. Vosso Espírito se acha no estado em que se encontrará quando estiverdes morto?

*Resp.* – Mais ou menos a mesma coisa, por causa do laço que o prende ao corpo.

34. Tendes consciência das existências anteriores?

*Resp.* – Muito confusamente. Eis aí uma diferença de que me esquecia. Após o desprendimento completo que se segue à morte, as lembranças são muito mais precisas. Atualmente são mais completas do que durante a vigília, mas não suficientes para poder especificá-las de modo mais inteligível.

35. Se, ao despertar, vos mostrassem vossos escritos, teríeis consciência das respostas que acabais de dar?

*Resp.* – Poderia identificar alguns de meus pensamentos, mas muitos outros não encontrariam nenhum eco em meu pensamento quando acordado.

36. Poderíeis exercer sobre o corpo uma influência de tal forma intensa que fosse capaz de o despertar?

*Resp.* – Não.

37. Poderíeis responder a uma pergunta mental?

*Resp.* – Sim.

38. Vede-nos espiritualmente ou fisicamente?

*Resp.* – De ambos os modos.

39. Poderíeis ir visitar o irmão de vosso pai, que dizem estar numa ilha da Oceania e, como marinheiro, poderíeis precisar a posição dessa ilha?

*Resp.* – Não posso nada disso.

40. Que pensais agora de vossa interminável obra e seu objetivo?

*Resp.* – Penso que devo prosseguir-la, com o mesmo objetivo. É tudo quanto posso dizer.

OBSERVAÇÃO – Ele havia desejado que lhe fizessem essa pergunta, relativa a importante trabalho que empreendia sobre a marinha.

41. Ficaríamos muito contentes se dirigísseis algumas palavras aos vossos colegas, uma espécie de pequeno discurso.

*Resp.* – Já que tenho oportunidade, aproveito-a para vos afirmar a minha fé no futuro da alma; que a maior falta que os homens podem cometer é procurar provas e provas. Isto quando muito é perdoável nos homens que se iniciam no conhecimento do Espiritismo. Já não vos repetiram milhares de vezes que é preciso crer, porque se compreende e se ama a justiça e a verdade, e que se déssemos satisfação a uma dessas perguntas pueris, os que pretendessem fazê-la para se convencerem não deixariam de fazer outras no dia seguinte e perderíeis, infalivelmente, um tempo precioso, fazendo os Espíritos lerem a sorte? Eu o compreendo agora muito melhor do que quando desperto e vos posso dar um sábio conselho: quando quiserdes obter tais resultados, diri-vos aos Espíritos batedores e às mesas falantes que, nada tendo de melhor a dizer, podem ocupar-se de tais manifestações. Perdoai-me a lição, mas tenho necessidade dela e não me aborreço de a dar a mim mesmo.

(Segunda conversa – 2 de dezembro de 1859)

42. *Evocação.*

*Resp.* – Eis-me aqui.

43. Dormis bem?

*Resp.* – Não muito; mas irei.

44. No caso particular em que vos encontrais, julgais útil fazer a evocação em nome de Deus, como se fosse o Espírito de um morto?

*Resp.* – Por que não? Por não estar morto, credes que Deus me seja indiferente?

45. Considerando-se que vos achais aqui, se vosso corpo recebesse uma picada, não bastante forte para vos despertar, mas suficiente para vos fazer estremecer, vosso Espírito a sentiria?

*Resp.* – Meu corpo não a sentiria.

46. Vosso Espírito teria consciência do fato?

*Resp.* – Nenhuma; mas notai que me falais de uma sensação leve e sem nenhum alcance em termos de importância, seja para o corpo, seja para o Espírito.

47. A propósito da luz, dissestes que ela vos parece como se estivésseis em vigília, considerando-se que vossos olhos são como janelas por onde ela chega ao cérebro. Compreendemo-lo em relação à luz percebida pelo corpo, mas neste momento não é o vosso corpo que vê. Vedes ainda por um ponto circunscrito ou por todo o ser?

*Resp.* – É muito difícil vos fazer compreender. O Espírito percebe as sensações sem intermédio dos órgãos e não tem ponto circunscrito para percebê-las.

48. Insisto novamente em saber se os objetos, o espaço que vos cerca têm para vós a mesma cor de quando estais desperto.

*Resp.* – Para mim, sim, porque meus órgãos não me enganam. Mas certos Espíritos encontrariam nisso grandes diferenças. Vós, por exemplo, percebeis os sons e as cores de modo muito diverso.

49. Percebeis os odores?

*Resp.* – Também melhor que vós.

50. Fazeis diferença entre a luz e a obscuridade?

*Resp.* – Diferença, sim. Mas para mim a obscuridade não é como para vós: vejo perfeitamente no escuro.

51. Vossa vista penetra os corpos opacos?

*Resp.* – Sim.

52. Poderíeis ir a um outro planeta?

*Resp.* – Isto depende.

53. De que depende?

*Resp.* – Do planeta.

54. A que planeta poderíeis ir?

*Resp.* – Aos que estão aproximadamente no mesmo grau da Terra.

55. Vede os outros Espíritos?

*Resp.* – Muitos e ainda.

OBSERVAÇÃO – Uma pessoa que o conhece intimamente, presente à sessão, disse que essa expressão lhe é muito familiar, vendo nisso, assim como em toda a forma da linguagem, uma prova de identidade.

56. Vede-os aqui?

*Resp.* – Sim.

57. Como constatais sua presença? Por uma forma qualquer?

*Resp.* – Por sua forma própria, isto é, por seu perispírito.

58. Vedes algumas vezes os vossos filhos e podeis falar-lhes?

*Resp.* – Vejo-os e lhes falo frequentemente.

59. Dissestes: Meu corpo é um acessório; sou EU que estou aqui. Esse *eu* é circunscrito, limitado, tem uma forma qualquer? Em suma, como vos vedes?

*Resp.* – É sempre o perispírito.

60. Então, para vós, o perispírito é um corpo?

*Resp.* – Mas evidentemente.

61. Vosso perispírito imita a forma de vosso corpo material e vos parece que aqui estais com o vosso corpo?

*Resp.* – Sim, quanto à primeira pergunta, e não, quanto à segunda. Tenho perfeita consciência de estar aqui somente com o meu corpo fluídico luminoso.

62. Poderíeis dar-me um soco?

*Resp.* – Sim, mas não o sentiríeis.

63. Poderíeis fazê-lo de maneira sensível?

*Resp.* – Isto é possível, mas não o posso aqui.

64. Se, no momento em que estais aqui, vosso corpo morresse subitamente, que experimentaríeis?

*Resp.* – Eu lá estaria antes.

65. Ficaríeis desembaraçado mais prontamente do que se morrêsseis em circunstâncias ordinárias?

*Resp.* – Muito. Não tornaria a entrar senão para fechar a porta, depois de haver saído.

66. Dissestes que sofreis de gota. Não concordais com vosso médico, aqui presente, que pretende seja um reumatismo nerválgico? Que pensais?

*Resp.* – Já que estais tão bem informado, penso que isto deve bastar.

67. [O médico] Em que vos baseais para supor que seja gota?

*Resp.* – É a minha opinião. Talvez me engane, sobretudo se estais tão certo de não vos enganar.

68. [O médico] Seria possível uma complicação de gota e reumatismo.

*Resp.* – Então ambos teríamos razão; não nos restaria senão nos abraçar.

(Esta resposta provocou risos na assembleia).

69. Isto vos faz rir de nos ver rindo?

*Resp.* – Mas às gargalhadas. Então não me entendeis?

70. Disseste que o lírio verde é um remédio eficaz contra a gota. De onde vos veio essa ideia, tendo em vista que, desperto, não a sabíeis?

*Resp.* – Servi-me dele outrora.

71. Foi, portanto, numa outra existência?

*Resp.* – Sim, e fez-me mal.

72. Se vos fizessem uma pergunta indiscreta, ver-vos-íeis constrangido a respondê-la?

*Resp.* – Oh! é muito forte; tentai.

73. Assim, tendes perfeito livre-arbítrio?

*Resp.* – Mais que vós.

OBSERVAÇÃO – Em muitas ocasiões a experiência tem provado que o Espírito, isolado do corpo, conserva sempre a sua vontade e não diz senão o que quer. Compreendendo melhor o alcance das coisas, é mesmo mais prudente e discreto do que quando se acha desperto. Quando diz uma coisa, é que julga útil dizê-lo.

74. Teríeis tido a liberdade de não vir quando vos chamamos?

*Resp.* – Sim; livre de sofrer as consequências.

75. Quais seriam essas consequências?

*Resp.* – Se me recusar a ser útil aos meus semelhantes, principalmente quando tenho perfeita consciência de meus atos, sou livre, mas sou punido.

76. Que gênero de punição sofreríeis?

*Resp.* – Seria necessário vos desvelar o código de Deus, e isso seria muito longo.

77. Se neste momento alguém vos insultasse, dizendo coisas que, desperto, não suportaríeis, qual o sentimento que experimentaríeis?

*Resp.* – O desprezo.

78. Então não procuraríeis vingar-vos?

*Resp.* – Não.

79. Fazeis uma ideia da posição que ireis ocupar entre os Espíritos quando lá estiverdes completamente?

*Resp.* – Não; isto não é permitido.

80. No estado atual em que vos achais, credes que o Espírito possa prever a morte do corpo?

*Resp.* – Algumas vezes; contudo, se tivesse que morrer de repente, *sempre* teria tempo de a ele voltar.

## Conselhos de família

Certamente nossos leitores se lembram do artigo que publicamos no mês de setembro último, sob o título de *Uma*

*família espírita*. As comunicações seguintes são muito semelhantes. Com efeito, são conselhos ditados numa reunião íntima, por um Espírito eminentemente superior e benevolente. Distinguem-se pelo encanto e pela doçura do estilo, a profundidade dos pensamentos e, além disso, por matizes de extrema delicadeza, apropriados à idade e ao caráter das pessoas a quem eram dirigidas. O Sr. Rabache, negociante de Bordeaux, que serviu de intermediário, houve por bem autorizar a sua publicação. Só podemos felicitar os médiuns que obtêm coisas semelhantes. É uma prova de que têm simpatias felizes no mundo invisível.

Castelo de Pechbusque, novembro de 1859.

(Primeira sessão)

Foi perguntado ao Espírito protetor da família se ele podia dar alguns conselhos aos membros presentes; ele respondeu:

Sim. Tenham confiança em Deus e procurem instruir-se nas verdades imutáveis e eternas que lhes ensina o Livro Divino da natureza. Ele contém toda a lei de Deus, e os que sabem ler e o compreendem são os únicos a seguirem o verdadeiro caminho da sabedoria. Que nada do que vejam seja negligenciado, porquanto cada coisa traz em si um ensinamento e deve, pelo uso do raciocínio, elevar a alma para Deus e dele aproximá-la. Em tudo quanto ferir a inteligência, procurem sempre distinguir o bem do mal: o primeiro, para praticá-lo; o segundo, para evitá-lo. Antes de formular um julgamento, voltem sempre o pensamento para o ETERNO, *que os guiará ao bem*, E NÃO OS ENGANARÁ JAMAIS.

(Segunda sessão)

Boa noite, meus filhos. Se me amais, procurai instruir-vos; reuni-vos muitas vezes com este pensamento. Ponde vossas ideias em comum: é um excelente meio, pois em geral não comunicamos senão as coisas que julgamos boas; temos vergonha das más.

Assim, são guardadas em segredo ou só são comunicadas aos que queremos tornar cúmplices. Distinguem-se os bons dos maus pensamentos, porque os primeiros podem, sem nenhum receio, ser transmitidos a todo o mundo, ao passo que os últimos não poderiam, sem perigo, ser comunicados senão a alguns. Quando vos vier um pensamento, para julgar de seu valor, perguntai-vos se podeis torná-lo público sem inconveniente e se não fará mal: se vossa consciência vo-lo autorizar, não temais, vosso pensamento é bom. Dai-vos mutuamente bons conselhos, tendo em vista somente o bem daquele a quem os dais, e não o vosso. Vossa recompensa estará no prazer que experimentareis por terdes sido úteis. A união dos corações é a mais fecunda fonte de felicidades; e, se muitos homens são infelizes, é que só procuram a felicidade para si mesmos. Ela lhes escapa precisamente porque julgam encontrá-la somente no egoísmo. Digo a felicidade, e não a fortuna, porquanto esta última só tem servido como sustentáculo à injustiça, e o objetivo da existência é a justiça. Se a justiça fosse praticada entre os homens, o mais afortunado seria aquele que realizasse maior soma de boas obras. Se, pois, quizerdes tornar-vos ricos, meus filhos, praticai muitas ações boas. Pouco importam os bens do mundo; não é a satisfação da carne que se deve buscar, mas a da alma. Aquela é efêmera; esta é eterna.

Por hoje é bastante. Meditai estes conselhos e esforçai-vos para pô-los em prática: aí se encontra o caminho da salvação.

(Terceira sessão)

Sim, meus filhos, eis-me aqui. Tende confiança em Deus, que jamais abandona os que fazem o bem. Aquilo que julgais um mal, por vezes, só o é em relação às vossas concepções. Muitas vezes, também, o mal real vem apenas de um desânimo ocasionado por uma dificuldade, que a calma de espírito e a reflexão teriam evitado. Assim, refleti sempre e, como já vos disse, reportai tudo a Deus. Quando experimentardes qualquer pesar, longe de vos abandonar à tristeza, ao contrário, resisti e fazei todo esforço para triunfar, pensando que nada se obtém sem trabalho, e que algumas vezes o

sucesso faz-se acompanhar de dificuldades. Invocai em vosso auxílio os Espíritos benevolentes. Eles não podem, como vos ensinam, fazer boas obras em vosso lugar, nem obter coisa alguma de Deus para vós, pois é preciso que cada um ganhe, por si mesmo, a perfeição a que todos estamos destinados, mas podem inspirar-vos o bem, sugerir-vos conduta conveniente e ajudar-vos com o seu concurso. Não se manifestam ostensivamente, mas no recolhimento. Escutai a voz da vossa consciência, lembrando-vos de meus conselhos precedentes. Confiança em Deus, calma e coragem.

(Quarta sessão)

Boa noite, meus filhos. Sim, é preciso continuar as sessões até que um médium se manifeste para substituir o que deve deixar-vos. O seu papel de iniciador entre vós está cumprido: continuai o que começastes, porque também servireis um dia à propagação da verdade que, neste momento, é proclamada no mundo inteiro pelas manifestações espíritas. Persuadi-vos, meus filhos, de que, em geral, o que se entende na Terra por Espírito não é Espírito senão para vós. Depois que esse Espírito, ou alma, separa-se da matéria grosseira que o envolve, para vós não tem mais corpo, porque vossos olhos materiais não mais o veem. Mas é sempre matéria, relativamente aos que são mais elevados que ele. Para vós, crianças, vou fazer uma comparação muito imperfeita, mas que poderá dar-vos uma ideia da *transformação* a que chamais, impropriamente, de morte. Imaginai uma lagarta, que vedes diariamente. Quando se esgota o tempo de sua existência nesse estado, ela se *transforma* em crisálida; passa ainda algum tempo como tal e depois, chegado o momento, despoja-se de seu invólucro grosseiro e dá origem a uma borboleta, que voa. Ora, a lagarta, ao deixar sua natureza inferior, representa o homem que *morre*; a borboleta simboliza a alma que *se eleva*. A lagarta arrasta-se no chão, a borboleta voa para o céu; mudou de matéria, mas ainda é material. Se a lagarta raciocinasse, não veria a borboleta que, entretanto, teria saído da carapaça apodrecida da crisálida. Portanto, o corpo não pode *ver* a alma, mas a alma, envolvida pela matéria, tem consciência de sua existência e o próprio materialista por vezes

o sente interiormente. Então seu orgulho o impede de concordar e fica com sua ciência sem crença, sem se elevar, até que finalmente lhe chegue a *dúvida*. Nem tudo, porém, está acabado, porque nele a luta é maior. Será apenas uma questão de tempo, porque, meus amigos, lembrai-vos de que todos os filhos de Deus foram criados para a perfeição. Felizes os que não perdem tempo pelo caminho. A eternidade compõe-se de dois períodos: o da prova, que poderia chamar-se de incubação, e o da eclosão, ou entrada na vida verdadeira, que chamais a felicidade dos eleitos.

(Quinta sessão)

Meus caros filhos, vejo com satisfação que começais a refletir nos avisos e conselhos que vos dou. Sei que para o atual desenvolvimento de vossa inteligência, há, simultaneamente, muito assunto para reflexão; contudo, devo aproveitar a ocasião que se apresenta: dentro de alguns dias esse meio não mais estará à minha disposição, e era necessário ferir a vossa imaginação de maneira a vos sugerir o desejo de continuar as vossas sessões, até que algum de vós pudesse substituir o médium atual. Espero que essas poucas sessões, sobre as quais vos incito a meditar demoradamente, tenham bastado para vos despertar a atenção e o desejo de aprofundar mais esse vasto campo de investigações. Tomai por regra jamais buscar a satisfação da vã curiosidade, e sim de vos instruir e de vos aperfeiçoar. É inútil vos preocupardes com a diferença que possa existir entre o que vos ensinarei e o que sabeis ou julgais saber. Cada vez que vos for dada uma instrução, perguntai se é justa e se responde às exigências da consciência e da equidade. Quando a resposta for afirmativa, não vos inquieteis por saber se concorda com o que vos tiver sido dito. Que vos importa isto! O importante é o justo, o consciencioso e o equitativo: tudo quanto reúne essas condições é de Deus. Obedecer a uma boa consciência, não fazer senão coisas úteis, evitar todas quanto, não sendo más, não tenham utilidade — eis o essencial, porque fazer algo de inútil já é fazer o mal. Evitai escandalizar, mesmo pelo vosso aperfeiçoamento: há situações em que a simples vista de vossa mudança pode produzir um mau efeito; assim, por exemplo, a luz do

dia não poderia, sem perigo, ferir de súbito a vista de um homem encerrado num cárcere escuro. Que o vosso progresso, então, não seja entregue à investigação, senão conforme vos aconselhar a sabedoria. Aperfeiçoai-vos sempre; só o vereis quando for tempo. Aqueles para quem escrevo este conselho o compreendem sem que eu tenha de ser mais explícito. Sua consciência lhes dirá.

Coragem, pois, e perseverança! São as únicas leis do sucesso.

OBSERVAÇÃO – O último conselho não poderia ter aplicação geral. Evidentemente o Espírito teve um objetivo especial, como ele próprio o disse; do contrário, poderíamos enganar-nos quanto ao sentido e o alcance de suas palavras.

## As pedras de Java

Bruxelas, 9 de dezembro de 1859.

Senhor Diretor,

Li na *Revista Espírita* o fato relatado por *Ida Pfeiffer* sobre as pedras caídas em Java, na presença de um oficial superior holandês, com o qual estive muito ligado em 1817, pois foi ele quem me emprestou suas pistolas e serviu de testemunha em meu primeiro duelo. Chamava-se Michiels, de Maestricht, e tornou-se general em Java. A carta que relatava o fato acrescentava que essa queda de pedras, na habitação isolada do distrito de Chéribon, não durou menos de 12 dias, sem que as sentinelas postas pelo general tivessem algo descoberto, nem ele também, durante todo o tempo em que lá ficou. Essas pedras, formadas de uma espécie de pedra-pomes, pareciam criadas no ar, a alguns pés do teto. Com elas o general mandou encher vários cestos; os habitantes vinham buscá-las para fazer amuletos e mesmo remédios. Este fato é muito conhecido em Java, pois se repete com muita frequência, sobretudo as *cusparadas de siri*. Várias crianças foram perseguidas a pedradas em campo raso, sem

serem atingidas. Dir-se-ia que os Espíritos farsistas se divertiam em amedrontar as pessoas. Evocai o Espírito General Michiels; talvez ele vos explique o fato. O Dr. Vanden Kerkhove, que durante muito tempo morou em Java, confirmou-me, como vos afirmo, que vossa *Revista* torna-se cada dia mais interessante, mais moralizadora e mais procurada em Bruxelas.

Aceitai,

JOBARD

O conhecido caráter da Sra. Ida Pfeiffer, o cunho de veracidade que marca todos os seus relatos não nos deixam nenhuma dúvida sobre a realidade do fenômeno em questão, mas compreende-se toda a importância que a ela vem juntar-se a carta do Sr. Jobard, pelo depoimento da principal testemunha ocular encarregada de verificar o fato, e que não tinha o menor interesse em fazê-lo acreditado, se o tivesse reconhecido falso. Em primeiro lugar, a natureza esponjosa dessa chuva de pedras poderia fazer atribuí-la a uma origem vulcânica ou aerólítica, e os cétricos não deixariam de dizer que a superstição havia tomado o lugar de um fenômeno natural. Se não contássemos senão com o testemunho dos javaneses, a suposição seria fundada, e as pedras, caindo em campo raso, viriam sem dúvida em apoio dessa opinião. Mas o General Michiels e o Dr. Vanden Kerkhove não eram malaiois, e sua afirmação tem valor. A essa consideração, por si só muito forte, é preciso acrescentar que as pedras não caíam somente em pleno ar, mas no quarto onde parece que se formavam, a alguma distância do teto: é o general quem o afirma. Ora, imaginamos que jamais se tenham visto aerólitos se formarem na atmosfera de um quarto. Admitindo a causa meteorológica ou vulcânica, o mesmo não se poderia dizer das *cusparadas de siri*, que os vulcões jamais vomitaram, pelo menos de nosso conhecimento. Afastada essa hipótese pela própria natureza dos fatos, resta saber como tais substâncias puderam ser formadas. Encontraremos sua explicação em nosso artigo do mês de agosto de 1859, sobre o *Mobiliário de Além-Túmulo*.

## Correspondência

Toulouse, 17 de dezembro de 1859.

Meu caro Senhor,

Acabo de ler vossa resposta ao Sr. Oscar Comettant cujo artigo havia lido. Se esse folhetinista cético, atoleimado e trocista não se convenceu pelas boas razões que lhe destes, poderia pelo menos reconhecer em vossa resposta a urbanidade do estilo, totalmente ausente da sua prosa. As digressões insossas com que tinha temperado as evocações me pareciam do espírito maligno; os lamentos com que se referia aos dois francos que havia custado a sonata bem mereciam que a Sociedade lhe votasse um socorro de dois francos. Pensais bem, meu caro senhor Allan Kardec, pois sou um espírito por demais ardente para ter deixado sem resposta um artigo em que era citado e posto em causa. Por minha vez, escrevi também ao Sr. Oscar Comettant; no dia seguinte à recepção de seu jornal ele recebeu a seguinte carta:

“Senhor,

Tive o prazer de ler vosso folhetim de quinta-feira: *Varietades*. Como me põe em causa, já que sou citado nominalmente, peço que me concedais permissão para tecer algumas considerações a respeito, que aceitareis, assim como aceitei as espirituosas digressões com que adornastes o relatório das evocações de Mozart e de Chopin. Que quereis gracejar com esse artigo humorístico? O Espiritismo? Enganar-vos-íeis redondamente se julgásseis causar-lhe o mais leve dano. Na França, a princípio faz-se gracejos, depois se julga e só se concedem as honras das piadas às coisas verdadeiramente grandes e sérias, livres de com elas concordar após o exame que merecem.

Se o Sr. Ledoyen é tão ávido e interesseiro quanto quereis fazer crer, ele vos deve ser extremamente reconhecido por terdes querido, num folhetim de onze colunas, assegurar o sucesso de uma de suas modestas publicações. É a primeira vez que um artigo tão importante

sobre o Espiritismo é publicado num grande jornal. Por esse artigo um tanto tumultuado, vejo que o Espiritismo já é levado em consideração por seus próprios inimigos. Dir-vos-ei, confidencialmente, que os Espíritos nos alertaram que também se servem dos inimigos para o triunfo de sua causa. Assim, não tendes senão que vos manter em guarda, se não vos quiserdes transformar em *apóstolo, mau grado vosso*.

Não vedes no Espiritismo mais que charlatanismo moral e comercial. Nós outros, futuros inquilinos do hospício, nele encontramos a solução de uma porção de problemas contra os quais a humanidade se debatia há muitos séculos, a saber: o *reconhecimento* raciocinado de Deus em todas as suas obras materiais e espirituais; a certeza da imortalidade e da individualidade da alma, provada pelas manifestações dos Espíritos; a ciência das leis da Justiça divina, estudada nas diversas encarnações dos Espíritos etc. etc. Se nos déssemos ao trabalho de aprofundar um pouco esses assuntos, poderíamos ver que se acham acima de todos os sarcasmos e de todas as zombarias. Por mais que nos considereis sonhadores e alucinados, todos diremos, em lugar do *E pur si muove* de Galileu: Todavia, Deus está lá!

Rogo aceiteis etc.”

BRION D’ORGEVAL

Primeiro baixo da ópera cômica do teatro de  
Toulouse, ex-pensionista do Sr. Carvalho.

OBSERVAÇÃO – Não é de nosso conhecimento que o Sr. Oscar Comettant tenha publicado esta resposta, bem como a nossa. Ora, atacar sem admitir a defesa não é um combate leal.

Bruxelas, 23 de dezembro de 1859.

“Meu caro colega,

Venho submeter-vos algumas reflexões etnográficas sobre o mundo dos Espíritos, com a intenção de corrigir uma opinião

assaz generalizada, mas, a meu ver, muito errada no que respeita ao estado do homem após a sua espiritualização.

Imagina-se erroneamente que um imbecil, um ignorante, um bruto, torna-se imediatamente um gênio, um sábio, um profeta, desde que deixou seu casulo. É um erro análogo ao de quem admitisse que um celerado, liberto da camisa de força, iria tornar-se honesto; um tolo ficará esperto e um fanático raciocinará, tão somente porque transpuseram a fronteira do mundo espiritual.

Não é nada disso. Levamos conosco todas as nossas *conquistas* morais, nosso caráter, nossa ciência, nossos vícios e virtudes, à exceção dos que se prendem à matéria: os coxos, os zanolhos e os corcundas não mais o são, mas os velhacos, os avarentos e os supersticiosos ainda o são. Não é, pois, de admirar que ouçamos os Espíritos a pedir preces, desejar que façamos as peregrinações que haviam prometido e, mesmo, que se descubra o que haviam escondido, a fim de dá-lo à pessoa a quem o haviam destinado e que a indicam exatamente, estando ela encarnada.

Em suma, o Espírito que tinha um desejo, um plano, uma opinião, uma crença na Terra quer vê-los realizados. Assim, Hahnemann exclamava: ‘Coragem, meus amigos, minha doutrina triunfa; que satisfação para minha alma!’

Quanto ao Dr. Gall, sabeis o que ele pensa de sua ciência, assim como Lavater,<sup>3</sup> Swedenborg<sup>4</sup> e Fourier,<sup>5</sup> o qual me disse que seus alunos haviam truncado a sua doutrina, querendo ultrapassar a fase do *garantismo*, que ele me felicita por continuar.

Numa palavra, todos os Espíritos que professam uma religião, uma idolatria ou um cisma, por convicção, persistem nas

<sup>3</sup> N.E.: Johann Kaspar Lavater (1741–1801), teólogo e filósofo suíço.

<sup>4</sup> N.E.: Emanuel Swedenborg (1688–1772), pensador, naturalista e místico sueco.

<sup>5</sup> N.E.: François-Marie-Charles Fourier (1772–1837), reformador social francês.

mesmas crenças, até serem esclarecidos pelo estudo e pela reflexão. Tal é o móvel de minhas preocupações neste momento, e evidentemente é um Espírito lógico que as dita, porque, há uma hora, não pensava senão em recolher-me ao leito e acabar a leitura do excelente opúsculo da Sra. Henry Gaugain, sobre os piedosos preconceitos dos baixo-bretões contra as novas invenções.

Continuando vossos estudos, reconheceréis que o mundo de Além-Túmulo nada mais é que a imagem daguerreotipada deste, que, como sabeis, encerra Espíritos malignos como o diabo, e maus como os demônios. Não é de admirar que as pessoas simples se enganem e interditem todo comércio com eles, o que as priva da visita dos bons e grandes Espíritos, menos raros lá em cima do que aqui embaixo, pois os há de todos os tempos e em todos os lugares, e estes só nos querem dar bons conselhos e nos fazer o bem, enquanto sabeis com que repugnância e com que cólera os maus respondem ao apelo forçado. Mas o maior, o mais raro de todos os Espíritos, aquele que vem apenas três vezes durante a vida de um globo, o Espírito Divino, o Espírito Santo, enfim, não obedece às evocações dos pneumatólogos; vem quando quer, *spiritus flat ubi vult*, o que não quer dizer que não envie outros para lhe preparar o caminho.

A hierarquia é uma lei universal, *tudo é como tudo*, aliás como entre nós. O que mais retarda o progresso das boas doutrinas, que a perseguição não deixa avançar, é o falso respeito humano.

Há muito tempo teria o magnetismo triunfado se o Sr. X. e o Sr. N., em vez de darem o nome e o endereço das pessoas para referências, como dizem os ingleses, houvessem dito: Quem é esse Sr. M., que se esconde? Aparentemente, um mentiroso. E esse Sr. J.? Um farsista, ou antes, um ser em quem não se deve confiar, porquanto não se oculta nem se mascara senão para fazer mal e mentir.

Hoje, que as academias finalmente já aceitam o magnetismo e o sonambulismo, primos-irmãos do Espiritismo, é necessário

que seus partidários se disponham a assumi-lo com todas as letras. O medo *do que dirão* é um sentimento covarde e mau.

A ação de subscrever aquilo que se viu, que se crê, não deve mais ser considerada como um traço de coragem. Deveis, pois, persuadir vossos adeptos a fazerem o que sempre tenho feito: assinar.”

JOBARD

OBSERVAÇÃO – Estamos perfeitamente de acordo em todos os pontos com o Sr. Jobard. Inicialmente, suas observações sobre o estado do Espírito são perfeitamente exatas. Quanto ao segundo ponto, como ele, aspiramos ao momento em que a dúvida *do que dirão* não deterá mais ninguém. Mas que quereis? É preciso levar em conta a fraqueza humana. Uns começam, e o Sr. Jobard terá o mérito de ter dado o exemplo. Ficai certos de que outros seguirão quando virem que se pode pôr o pé de fora sem ser mordido. Para tudo é preciso tempo. Ora, o tempo chega mais depressa do que pensa o Sr. Jobard. A reserva que temos na publicação dos nomes é motivada por razões de conveniência, pelo que não temos, até o momento, senão que nos felicitar; mas enquanto esperamos, constatamos um progresso muito sensível na coragem de opinião. Diariamente vemos pessoas que, há bem pouco tempo ainda, apenas ousavam confessar-se espíritas; hoje o fazem abertamente nas conversas e sustentam teses sobre a doutrina, sem se preocuparem minimamente com os epítetos grosseiros com que as presentieiam. É um passo imenso: o resto virá. Eu o disse no começo: mais alguns anos e se verá uma nova mudança. Em pouco tempo dar-se-á com o Espiritismo o que se deu com o magnetismo: até há bem pouco tempo, não era senão entre quatro paredes que se ousava dizer que se era magnetizador; hoje é um título que honra. Quando estiverem perfeitamente convencidos de que o Espiritismo não queima, dir-se-ão espíritas, sem mais receio do que se dizer frenologista, homeopata etc. Estamos num momento de transição e as transições jamais se fazem bruscamente.

# Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Sexta-feira, 2 de dezembro de 1859 – Sessão particular

Leitura da Ata da sessão de 25 de novembro.

*Pedidos de admissão* – Cartas do Sr. L. Benardacky, de São Petersburgo, e da Sra. Elisa Johnson, de Londres, que pedem para fazer parte da Sociedade como membros titulares.

*Comunicações diversas* – Leitura de duas comunicações dadas ao Sr. Bouché, antigo reitor da Academia, médium escrevente, pelo Espírito duquesa de Longueville, a respeito da visita que esta última acaba de fazer, como Espírito, a Port-Royal-des-Champs. Essas duas comunicações são notáveis pelo estilo e elevação dos pensamentos. Provam que certos Espíritos reveem com prazer os lugares onde viveram e experimentam o encanto da saudade. Sem dúvida, quanto mais desmaterializados, menos importância dão às coisas terrenas, mas alguns ainda se ligam a elas por muito tempo após a morte, parecendo continuar, no mundo invisível, as ocupações que tinham neste mundo ou, pelo menos, tomando certo interesse por elas.

## *Estudos:*

1º) Evocação do Sr. conde Desbassyns de Richmont, falecido em junho de 1859 e que, há mais de dez anos, professava ideias espíritas. Essa evocação confirma a influência de tais ideias sobre o desprendimento do Espírito após a morte.

2º) Evocação da Irmã Martha, morta em 1824.

3º) Segunda evocação do Sr. conde de R... C..., membro da Sociedade, retido em sua casa por uma indisposição,

seguida de perguntas que lhe são dirigidas sobre o isolamento momentâneo do Espírito e do corpo durante o sono (Publicada neste número).

Sexta-feira, 9 de dezembro – Sessão geral

Leitura da Ata da sessão de 2 de dezembro.

*Comunicações diversas* – O Sr. De la Roche transmite notícias sobre notáveis manifestações ocorridas numa casa de Castelnaudary. Os fatos são relatados na nota que precede o relato da evocação ocorrida e que será publicada.

*Estudos:*

1<sup>o</sup>) Evocação do rei de Kanala (Nova Caledônia), já evocado a 28 de outubro, mas que então havia escrito com muita dificuldade e prometera exercitar-se para escrever de modo mais legível. Dá curiosas explicações sobre a maneira empregada para se aperfeiçoar (Será publicada com a primeira evocação).

2<sup>o</sup>) Evocação do Espírito de Castelnaudary. Manifesta-se por sinais de viva cólera, sem nada poder escrever; quebra sete ou oito lápis, vários dos quais são lançados com força sobre os assistentes, e sacode violentamente o braço do médium. São Luís dá informações interessantes sobre o estado e a natureza desse Espírito que, diz ele, é da pior espécie e está numa das mais infelizes situações (Será publicada com todas as outras comunicações relativas ao assunto).

3<sup>o</sup>) Quatro comunicações espontâneas são obtidas simultaneamente: a primeira, de São Vicente de Paulo, pelo Sr. Roze; a segunda, de Charlet, pelo Sr. Didier Filho, dando seqüência ao trabalho iniciado pelo mesmo Espírito; a terceira, de Melanchthon, pelo Sr. Colin; e a quarta, de um Espírito que deu o nome de Mikael, protetor das crianças, pela Sra. de Boyer.

Sexta-feira, 16 de dezembro de 1859 – Sessão particular

Leitura da Ata.

*Admissões* – São admitidos como membros titulares: O Sr. L. Benadacky, de São Petersburgo, e a Sra. Elisa Johnson, de Londres, apresentados a 2 de dezembro.

*Pedidos de admissão* – O Sr. Forbes, de Londres, oficial engenheiro, e a Sra. Forbes, de Florença, escreveram pedindo para fazer parte da Sociedade como membros titulares. Relatório e decisão adiados para o dia 30 de dezembro.

Designação de seis comissários que deverão revezar-se em serviço nas sessões gerais até 1º de abril, sem que haja necessidade de designar um deles para cada sessão. Terão, além disso, a incumbência de assinalar as infrações que os ouvintes estranhos possam cometer contra o regulamento, por ignorarem as exigências da Sociedade, a fim de advertir os membros titulares que lhes houverem dado cartas de apresentação.

Por proposta do Sr. Allan Kardec, a Sociedade decide que, doravante, o Boletim da Sociedade será publicado em suplemento da *Revista*, para que essa publicação não prejudique as matérias habituais do jornal. Em consequência dessa adição, cada número será aumentado de cerca de quatro páginas, cujas despesas correrão por conta da Sociedade.

O Sr. Lesourd propõe que quando houver cinco sessões num mês, a quinta seja consagrada a uma sessão particular (Adotado).

O mesmo membro também propõe que quando um novo membro for admitido, seja oficialmente apresentado aos outros membros da Sociedade, a fim de que não venha como um estranho (Adotado).

O Sr. Thiry observa que Espíritos sofredores muitas vezes reclamam o socorro da prece para lhes suavizar as penas, mas, como podem ser perdidos de vista, propõe que em cada sessão o presidente lhes lembre os nomes (Adotado).

*Comunicações diversas:*

1ª) Carta do Sr. Jobard, de Bruxelas, confirmando, com detalhes circunstanciados, o fato das manifestações de Java, relatadas pela Sra. Ida Pfeiffer e publicadas na *Revista* de dezembro. Ele as obteve do próprio general holandês, ao qual estava ligado e que era encarregado de vigiar a casa onde as coisas se passavam, sendo, conseqüentemente, testemunha ocular (Publicada neste número).

2ª) Leitura de uma comunicação do Espírito de Castelnauary, obtida pelo Sr. e pela Sra. Forbes, ouvintes da última sessão. São fornecidos detalhes circunstanciados e interessantes sobre esse Espírito, bem assim os acontecimentos que se passaram na casa em questão. Várias outras comunicações foram dadas sobre o mesmo assunto e serão reunidas às obtidas na Sociedade e publicadas quando a série estiver completa.

3ª) Leitura de uma notícia sobre a Sra. Xavier, médium vidente. Esta senhora não vê à vontade, mas os Espíritos se apresentam a ela espontaneamente. Apesar de não estar em sonambulismo nem em êxtase, em certos momentos fica num estado particular que reclama maior calma e muito recolhimento, de tal forma que, interrogada quanto ao que vê, aquele estado se dissipa imediatamente e ela não vê mais nada. Como conserva uma lembrança completa, mais tarde poderá dar-se conta do que viu. Foi assim, por exemplo, que, entre outras, viu a Irmã Martha, no dia em que foi evocada e a descreveu de maneira a não deixar nenhuma dúvida sobre a sua identidade. Na última sessão ela também viu o Espírito de Castelnauary, vestindo uma camisa rasgada, um punhal na mão, as mãos ensanguentadas, a sacudir fortemente o braço do médium, durante suas tentativas para escrever, a cada vez que São Luís aparecia

e lhe ordenava que escrevesse. Tinha uma espécie de sorriso embrutecido nos lábios. Depois, quando lhe falaram de prece, a princípio parece que não compreendeu, mas, logo depois da explicação dada por São Luís, precipitou-se de joelhos.

O rei de Kanala lhe apareceu com a cabeça de um branco; tinha os olhos azuis, bigodes e costeletas grisalhas, mãos de negro, braceletes de aço, um costume azul, o peito coberto por uma porção de objetos que ela não pôde distinguir bem. “Esta aparência” — disse ele — “deve-se ao fato de, entre a existência anterior, da qual falou, e a última, ter sido ele soldado na França, ao tempo de Luís XV. Era uma consequência de seu estado relativamente adiantado. Pediu para voltar entre seu povo, a fim de, como chefe, ali introduzir as ideias de progresso. A forma que tomou e a aparência meio selvagem, meio civilizada, são destinadas a vos mostrar, sob nova face, as que o Espírito pode dar ao perispírito, com um fim instrutivo e como indício dos diferentes estados pelos quais passou.”

A Sra. X... ainda viu os Espíritos evocados virem responder à evocação e às perguntas, que nada tinham de repreensível quanto ao seu objetivo, e, à ordem de São Luís, retirarem-se para que os Espíritos presentes respondessem em seu lugar, já que as perguntas tomavam um caráter insidioso. “A maior boa-fé e a maior franqueza deviam ditar as perguntas; nenhuma intenção dissimulada” — acrescenta o Espírito interrogado a respeito pelo marido daquela senhora — “nos escapa; jamais procureis atingir o vosso objetivo por caminhos tortuosos, pois assim o perdereis infalivelmente.”

Ela via uma coroa fluídica cingir a cabeça do médium, como para indicar os momentos durante os quais era interdito aos Espíritos não chamados de se comunicarem, porque as respostas deviam ser sinceras; mas desde que a coroa era retirada, via todos os Espíritos intrusos a disputar, de algum modo, o lugar que lhes deixavam.

Enfim, viu o Espírito Sr. conde de R... sob a forma de um coração luminoso invertido, unido a um cordão fluídico que

vinha de fora. Primeiro, disse ele, era para nos ensinar que o Espírito pode dar a seu perispírito a aparência que quiser e, depois, porque poderia ter havido o inconveniente, para a médium, de encontrar-se frente a frente com um Espírito encarnado, que tivesse visto como Espírito desprendido. Mais tarde esse inconveniente terá diminuído ou desaparecido.

*Estudos:*

1<sup>o</sup>) Evocação de Charlet.

2<sup>o</sup>) Três comunicações espontâneas são obtidas simultaneamente: a primeira, de Santo Agostinho, pelo Sr. Roze. Explica a missão do Cristo e confirma um ponto muito importante, explicado por Arago, sobre a formação do globo; a segunda, de Charlet, pelo Sr. Didier Filho (continuação do trabalho começado); e a terceira, de Joinville, que assina em velha ortografia: Amy de Loys, pela Srta. Huet.

Sexta-feira, 23 de dezembro de 1859 – Sessão geral<sup>6</sup>

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 16 de dezembro.

*Pedidos de admissão* – Cartas dos Srs. Demange e Soive, negociantes em Paris, apresentados como membros titulares. Relatório e decisão adiados para a sessão de 30 de dezembro.

*Comunicações diversas:*

1<sup>a</sup>) Leitura de uma evocação particular, feita pela Sra. De B..., do Espírito que por ela se comunicou espontaneamente na Sociedade, sob o nome de Paul Miffet, no momento em que ia reencarnar-se. Essa evocação, que apresenta um interessante quadro da reencarnação e da situação física e moral do Espírito nos primeiros instantes de sua vida corporal, será publicada.

---

<sup>6</sup> Nota do tradutor: No original consta o ano de 1854. Torna-se evidente, porém, que é 1859.

2ª) Carta do Sr. Paul Netz, sobre os fatos que determinaram a posse, pelos Cartuxos, das ruínas do castelo de Vauvert, situado no bairro do Observatório, em Paris, ao tempo de Luís IX. Diz-se que no castelo se passavam cenas diabólicas, que cessaram desde que os monges ali se instalaram. Interrogado sobre esses fatos, São Luís respondeu que deles tem perfeito conhecimento, mas que se tratava de charlatanice.

*Estudos:*

1. Perguntas e problemas morais diversos, dirigidos a São Luís sobre o estado dos Espíritos sofredores (Serão publicados).

2. Evocação de John Brown.

Três comunicações espontâneas: a primeira, pelo Sr. Roze, assinada pelo Espírito de Verdade, contendo diversos conselhos à Sociedade; a segunda, de Charlet, pelo Sr. Didier Filho (continuação do trabalho começado); e a terceira, sobre os Espíritos que presidem às flores, pela Sra. De B...

ALLAN KARDEC

NOTA – A nova edição de *O livro dos espíritos* aparecerá em janeiro.



# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

FEVEREIRO DE 1860

Nº 2

## Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Sexta-feira, 30 de dezembro de 1859 – Sessão particular

Leitura da Ata da sessão de 30 de dezembro.

A Sociedade decide que em cada sessão particular, em seguida à leitura da ata, seja lida a lista nominal dos ouvintes que assistiram à sessão geral precedente, com indicação dos membros que os apresentaram, e que um aviso seja feito para assinalar os inconvenientes causados pela presença de pessoas estranhas à Sociedade. Em consequência, foi lida uma lista dos ouvintes à última sessão.

São admitidos como membros titulares, conforme pedido escrito e após informação verbal:

1º) O Sr. Forbes, oficial de engenharia, apresentado a 16 de dezembro. 2º) A Sra. Forbes, nascida Condessa Passerini Corretesi, de Florença, apresentada a 23 de dezembro. 3º) O Sr.

Soive, negociante de Paris, apresentado a 23 de dezembro. 4º) O Sr. Demange, negociante de Paris, apresentado a 23 de dezembro.

Leitura de três novas cartas de pedidos de admissão. Relatório e decisão adiados para o dia 6 de janeiro.

*Comunicações diversas:*

1ª) Carta do Sr. Brion D'Orgeval, contendo a resposta dirigida ao Sr. Oscar Commetant, a respeito do artigo deste último, publicado no *Siècle* (Vide o número de janeiro).

2ª) Carta do Sr. Jobard, de Bruxelas, com observações judiciosas sobre o estado moral dos Espíritos. Ele lamenta que os partidários do Espiritismo sejam frequentemente designados por suas iniciais. Pensa que indicações mais explícitas contribuiriam para o progresso da ciência, convidando, em consequência, todos os adeptos a assinarem o nome, como ele mesmo o faz (Vide o número de janeiro).

Esta última observação do Sr. Jobard é fortemente apoiada por grande número de membros que autorizam pôr seus nomes em todas as atas que lhes possam dizer respeito.

O Sr. Allan Kardec observa que o medo do *que dirão* diminui a cada dia, e que hoje há poucas pessoas que temem confessar suas opiniões acerca do Espiritismo. Os epítetos de mau gosto, dados a seus partidários, tornam-se ridículos lugares-comuns, dos quais se riam, quando se vê tanta gente da elite ligar-se à Doutrina, porque é entrevisto o momento em que a força da opinião imporá silêncio aos sarcasmos. Mas uma coisa é ter coragem de externar a opinião numa conversa e outra é entregar o nome à publicidade. Entre as pessoas que mais energicamente sustentam a causa do Espiritismo, muitas há que não gostariam de ser postas em evidência, por estas e outras coisas. Estes escrúpulos, que absolutamente não implicam falta de coragem, devem ser respeitados. Quando fatos extraordinários se passam em qualquer parte, compreende-se que seria pouco agradável, para as

peças que lhes são objeto, serem transformadas em ponto de mira da curiosidade pública e molestadas pelos importunos. Sem dúvida, devemos ser gratos aos que se põem acima dos preconceitos, mas também não devemos censurar com tanta leviandade os que talvez tenham motivos muito legítimos para não se fazerem notados.

*Estudos:*

1º) Perguntas dirigidas a São Luís sobre os Espíritos que presidem às flores, a propósito da comunicação obtida pela Sra. De B... Uma explicação muito interessante foi dada a esse respeito (Será publicada).

2º) Outras perguntas sobre o espírito dos animais.

3º) Duas comunicações espontâneas são obtidas simultaneamente: a primeira, do Espírito de Verdade, pelo Sr. Roze, com alguns conselhos à Sociedade; a segunda, de Fénelon, pela Srta. Huet.

Sexta-feira, 6 de janeiro – Sessão particular

Leitura da Ata da sessão de 30 de dezembro.

São admitidos como membros titulares, por pedido escrito, depois de relatório verbal: 1º) O Sr. Ducastel, proprietário em Abbeville, apresentado a 30 de dezembro; 2º) A Sra. Deslandes, de Paris, apresentada a 30 de dezembro; 3º) A Sra. Rakowska, de Paris, apresentada a 30 de dezembro.

Leitura de uma carta de pedido de admissão.

Carta do Sr. Poinignon, de Paris, felicitando a Sociedade pela passagem do Ano-Novo e fazendo votos pela propagação do Espiritismo.

Carta do Sr. Demange, recentemente recebida, agradecendo a sua admissão. Assegura à Sociedade sua cooperação ativa.

Exame de várias questões relativas aos negócios administrativos da Sociedade.

*Comunicações diversas:*

1ª) Notícia sobre D. Péra, prior de Armilly, falecido há 30 anos. Será feito um estudo a respeito.

2ª) Carta do Sr. Lussiez, de Troyes, contendo reflexões muito judiciosas relativas à influência moralizadora do Espiritismo sobre as classes operárias.

3ª) Carta da Sra. P..., de Rouen, anunciando ter recebido, como médium, notáveis comunicações, em tudo conforme à doutrina exposta em *O livro dos espíritos*. Além disso, a carta contém reflexões que denotam, da parte da autora, uma apreciação muito justa das ideias espíritas.

4ª) Carta relativa à Srta. Désirée Godu, médium curadora, de Hannebon. Sabe-se que, da parte da Srta. Godu, é uma obra de devotamento e de pura filantropia.

*Estudos:*

1ª) Perguntas diversas dirigidas a São Luís, como esclarecimento e desenvolvimento de várias comunicações anteriores.

2ª) A Srta. Dubois, médium, membro da Sociedade, tendo recebido uma comunicação de um Espírito que se diz Chateaubriand, deseja esclarecimentos a respeito. Outro Espírito se apresenta com seu nome, mas recusa identificar-se em nome de Deus. Confessa sua fraude, pede desculpas e dá curiosas indicações sobre sua pessoa. A seguir, o verdadeiro Chateaubriand dá uma curta comunicação espontânea, prometendo, oportunamente, outra mais explícita.

Sexta-feira, 13 de janeiro de 1860 – Sessão geral

Leitura da Ata de 6 de janeiro.

Leitura de três novos pedidos de admissão. Exame e relatório adiados para a sessão de 20 de janeiro.

*Comunicações diversas:*

1ª) Carta do Sr. Maurice, de Teil, Ardèche, relatando fatos extraordinários que ocorreram numa casa de Fons, perto de Aubenas, e que, sob certos aspectos, lembra os que se passaram em Java.

2ª) Carta do Sr. Albert Ferdinand, de Béziers, contendo três fatos notáveis, que lhe são pessoais, provando a ação *física* que os Espíritos podem exercer sobre certos médiuns.

3ª) Carta do Sr. Crozet, do Havre, médium correspondente da Sociedade, dando conta de uma comunicação recebida conjuntamente com o Sr. Sprenger, da parte de um Espírito *brinca-lhão*. Trata-se do Espírito de um capitão da Marinha, morto em Marselha há seis meses, explicando com precisão e lucidez notáveis as cartadas do jogo de *bésigue* e a maneira pela qual faz os parceiros perder ou ganhar (Será publicada).

4ª) *Um Espírito dançarino* – O Sr. e a Sra. Netz, membros da Sociedade, desde algum tempo recebem comunicações de um Espírito que se manifesta dançando constantemente, isto é, fazendo dançar uma mesa, que marca o ritmo perfeitamente reconhecido de uma polca, de uma mazurca, de uma quadrilha, de uma valsa em dois ou três tempos etc. Jamais quis escrever e não responde senão por batidas. Por esse meio chegou a dizer que era peruano, de raça indígena, morto há 56 anos, com 35 anos de idade; que em vida gostava muito de aguardente e que atualmente frequenta os bailes públicos, onde sente muito prazer. Apresenta a particularidade de jamais chegar antes das dez horas da noite e em certos dias. Diz que

vem para a Sra. Netz, mas só se comunica por meio do concurso do Sr. D..., médium de efeitos físicos, de sorte que necessita da presença de ambos. Assim, o Sr. D... jamais conseguiu que ele viesse à sua casa e a Sra. Netz não poderá recebê-lo se estiver sozinha.

5ª) Leitura de uma comunicação espontânea, enviada pelo Sr. Rabache, de Bordeaux, em continuação às que foram publicadas sob o título de *Conselhos de família*.

6ª) A Sra. Forbes procede à leitura de três comunicações espontâneas, obtidas por seu marido, sobre o amor filial, o amor paterno e a paciência. Notáveis por sua elevada moralidade e simplicidade de linguagem, essas comunicações podem ser classificadas na categoria dos conselhos íntimos.

#### *Estudos:*

1º) Evocação do Espírito de Castelnaudary, já evocado a 9 de dezembro (Vide a relação completa, sob o título de *História de um danado*).

2º) Evocação do Espírito dançarino. Não quer escrever, mas bate o ritmo de várias danças com o lápis e agita o braço do médium cadencialmente. São Luís dá algumas explicações sobre o seu caráter e confirma as informações precedentes.

3º) Perguntas sobre as manifestações de Fons, perto de Aubenas. É respondido que há algo de verdadeiro nesses fatos, mas que não devem ser aceitos sem controle e, sobretudo, que devemos nos manter em guarda contra o exagero.

4º) Evocação de D. Péra, prior de Armilly. Fornece importantes detalhes sobre sua situação e seu caráter.

5º) Duas comunicações espontâneas são obtidas: a primeira, pelo Sr. Roze, de um Espírito que se designa sob o nome de

Estelle Riquier, e que havia levado uma vida desordenada e faltado a todos os seus deveres de esposa e de mãe; a segunda, pelo Sr. Forbes, contendo conselhos sobre a cólera.

Sexta-feira, 20 de janeiro de 1860 – Sessão particular

Leitura da Ata de 13 de janeiro.

São admitidos como membros titulares, conforme pedido escrito, e após relatório verbal:

1<sup>o</sup>) O Sr. M. Krafzoff, de São Petersburgo, apresentado a 13 de janeiro; 2<sup>o</sup>) O Sr. Julien, de Belfort (Haut-Rhin), apresentado a 13 de janeiro; 3<sup>o</sup>) O Sr. conde Alexandre Stenbock Fermor, de São Petersburgo, apresentado a 6 de janeiro.

*Comunicações diversas:*

1<sup>a</sup>) Leitura de uma comunicação espontânea, recebida pelo Sr. Pécheur, membro da Sociedade.

2<sup>a</sup>) Novos detalhes sobre o Espírito dançarino. A Sra. Netz, que é médium escrevente, havendo interrogado outro Espírito a esse respeito, obteve várias informações por sua conta, entre outras a de que era bastante rico quando vivo; de que morreu em um acidente de caça, num momento em que se achava completamente só. Tendo mais tarde interrogado o próprio dançarino sobre esses fatos, com o auxílio de seu médium, por meio de batidas, obteve respostas idênticas. Ora, a Sra. Netz não havia comunicado ao médium as primeiras respostas escritas. Por outro lado, já não era ela que servia de médium e, além disso, tinha formulado perguntas insidiosas que podiam levar a respostas contrárias. Havia, pois, de uma e de outra parte, independência de pensamento, e a correlação das respostas é um fato característico.

Outro fato igualmente curioso é que seu médium predileto para a dança, um dia, ao sair de casa, foi tomado de movimentos

involuntários que o faziam andar em cadência pela rua. Por sua vontade e se endireitando, podia parar esse movimento, mas desde que se abandonava a si mesmo, suas pernas retomavam o modo de andar do dançarino. Nada havia de ostensivo para despertar a atenção dos transeuntes. Mas, por isso mesmo, compreende-se que Espíritos de outra ordem e mais mal-intencionados que o dançarino que, afinal de contas, não quer senão se divertir, possam provocar sobre certas organizações movimentos mais violentos e da natureza dos que se veem entre os convulsionários em crise.

3º) Relato de um fato de comunicação espontânea do Espírito de uma pessoa viva, feito pelo Sr. de G..., médium escrevente, e que lhe é pessoal. Este Espírito entrou em detalhes circunstanciados completamente ignorados do médium, e a exatidão deles foi verificada. O Sr. de G... não conhece essa pessoa senão de vista, uma única vez, numa visita, não mais o tendo encontrado depois. Sabia apenas seu nome de família. Ora, o Espírito assinou ao mesmo tempo o seu nome de batismo, que era exatamente o seu. Essa circunstância, aliada a outras indicações de tempo e lugar, fornecidas pelo Espírito, é uma prova evidente de identidade.

O Sr. conde de R... observa a respeito que esses tipos de comunicações por vezes podem ser indiscretos e pergunta se a pessoa em questão teria ficado satisfeita se tomasse conhecimento da conversa.

A isto foi respondido que: 1º) se a pessoa se comunicou é porque o quis, como Espírito, desde que veio por vontade própria, considerando-se que o Sr. G..., não pensando nela, não a tinha chamado; 2º) desprendido do corpo, o Espírito sempre tem o livre-arbítrio, não dizendo senão o que quer; 3º) nesse estado, o Espírito é mesmo mais prudente do que em estado normal, porque melhor aprecia o alcance das coisas. Se esse Espírito tivesse visto um inconveniente qualquer em suas palavras, não as teria dito.

4º) Leitura de uma comunicação de Lyon, dirigida à Sociedade, na qual, entre outras coisas, é dito:

“Que a reforma da humanidade se prepara pela encarnação na Terra de Espíritos melhores, que constituirão uma nova geração, dominada pelo amor do bem; que os homens votados ao mal e que fecham os olhos à luz reencarnarão numa nova falange de Espíritos simples e ignorantes, enviados por Deus para trabalhar na formação de um globo inferior à Terra. Só poderão encontrar-se com seus irmãos terrenos depois que houverem, por meio de rudes trabalhos, alcançado o nível onde estes últimos vão entrar, após esta geração, pois não será permitido aos Espíritos maus assistir ao começo desta brilhante transformação.”

O Sr. Theubet observa que esta comunicação parece consagrar o princípio de uma marcha retrógrada, contrariando tudo quanto nos foi ensinado.

Trava-se uma longa e profunda discussão a respeito, que assim se resume: O Espírito pode decair como posição, mas não em relação às aptidões adquiridas. Por princípio da não retrogradação deve entender-se o progresso intelectual e moral, isto é, o Espírito não pode perder o que adquiriu em inteligência e moralidade e não volta ao estado de infância espiritual. Em outras palavras, não se torna mais ignorante nem pior do que era, o que não o impede de reencarnar-se numa posição inferior mais penosa e entre outros Espíritos mais ignorantes do que ele, se o mereceu. Um Espírito muito atrasado que reencarnasse num povo civilizado estaria aí deslocado e não poderia sustentar a sua posição; voltando aos selvagens em nova existência, apenas retomará o lugar que havia deixado cedo demais, mas as idéias que houver adquirido durante sua estada entre os homens mais esclarecidos não serão perdidas. Deve se dar o mesmo com os homens que irão concorrer para a formação de um mundo novo. Encontrando-se deslocados na Terra melhorada, irão para um mundo em consonância com seu estado moral.

*Estudos:*

1<sup>o</sup>) Evocação do negro do navio *Constant*, já evocado a 30 de setembro de 1859. Ele dá novas explicações sobre as circunstâncias que acompanharam a sua morte.

Três comunicações espontâneas: a primeira, de Chateaubriand, pelo Sr. Roze; a segunda, de Platão,<sup>7</sup> pelo Sr. Colin; a terceira, de Charlet, pelo Sr. Didier Filho, em continuação ao trabalho por ele começado sobre a natureza dos animais.

## Os Espíritos glóbulos<sup>8</sup>

A vontade de ver os Espíritos é coisa muito natural e conhecemos poucas pessoas que não desejariam fruir dessa faculdade. Infelizmente é uma das mais raras, sobretudo quando permanente. As aparições espontâneas são bastante frequentes, mas acidentais, e quase sempre motivadas por uma circunstância toda individual, baseada nas relações que podem ter existido entre o vidente e o Espírito que lhe aparece. Uma coisa é ver fortuitamente um Espírito; outra é vê-lo habitualmente e nas condições normais ordinárias. Ora, é aí que está o que constitui, a bem dizer, a faculdade dos médiuns videntes. Ela resulta de uma aptidão especial, cuja causa ainda é desconhecida e que pode desenvolver-se, mas que em vão seria provocada se não existisse a predisposição natural. É necessário, pois, que nos acatelemos contra as ilusões que podem nascer do desejo de possuí-la, e que deram lugar a estranhos sistemas. Tanto combatemos as teorias temerárias pelas quais são atacadas as manifestações, sobretudo quando essas teorias denotam a ignorância dos fatos, quanto devemos procurar, no interesse da verdade, destruir ideias que provam mais entusiasmo que reflexão e que, por isso mesmo, fazem mais mal do que bem, levando ao ridículo.

<sup>7</sup> N.E.: Filósofo e matemático grego (427 a.C.–347 a.C.).

<sup>8</sup> Nota do tradutor: Vide *O livro dos médiuns* – Segunda parte, cap. VI, it. 108.

A teoria das visões e das aparições é hoje perfeitamente conhecida. Desenvolvemo-la em vários artigos, especialmente nos números de dezembro de 1858, fevereiro e agosto de 1859, e no nosso *O livro dos médiuns*, ou *Espiritismo experimental*.<sup>9</sup> Portanto, não a repetiremos aqui; lembraremos apenas alguns pontos essenciais, antes de chegar ao exame do sistema dos glóbulos.

Os Espíritos podem ser vistos sob diferentes aspectos; o mais frequente é a forma humana. Sua aparição geralmente ocorre sob uma forma vaporosa e diáfana, às vezes vaga e imprecisa. A princípio quase sempre é uma claridade esbranquiçada, cujos contornos pouco a pouco se vão delineando. De outras vezes as linhas são mais acentuadas e os menores traços da fisionomia são desenhados com tal precisão que permite dar-lhes descrição mais exata. Nesses momentos, certamente um pintor poderia fazer o seu retrato com tanta facilidade quanto faria o de uma pessoa viva. As maneiras e o aspecto são os mesmos que tinha o Espírito quando encarnado. Podendo dar todas as aparências ao seu perispírito, que constitui seu corpo etéreo, ele se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível. Assim, embora como Espírito não mais tenha nenhuma das enfermidades corpóreas que pudesse ter experimentado como homem, mostrar-se-á estropeado, coxo ou corcunda, se o julga conveniente para atestar a sua identidade. Quanto às vestes, compõem-se geralmente de um amontoado de pano, terminando em longa túnica flutuante; é, pelo menos, a aparência dos Espíritos Superiores, que nada conservaram das coisas terrestres. Os Espíritos vulgares, porém, os que aqui conhecemos, quase sempre aparecem com os trajes que usavam no último período de sua vida.

Frequentemente, os Espíritos mostram atributos característicos da posição que ocuparam. Os superiores têm sempre uma figura bela, nobre e serena; os inferiores, ao contrário, têm uma fisionomia vulgar, espelho onde se refletem as paixões mais ou menos ignóbeis que os agitavam. Algumas vezes ainda revelam os vestígios dos crimes que praticaram ou dos suplícios que padeceram.

<sup>9</sup> Nota do tradutor: Vide *O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. VI, *Manifestações visuais*.

Coisa interessante é que, salvo em circunstâncias especiais, as partes menos acentuadas são os membros inferiores, enquanto a cabeça, o tronco e os braços são sempre claramente desenhados.

Dissemos que as aparições têm algo de vaporoso, malgrado sua nitidez. Em certos casos, poderíamos compará-las à imagem que se reflete num espelho sem estanho, o que não impede se vejam os objetos que lhe estão por detrás. Geralmente, é assim que os médiuns videntes as percebem. Eles as veem ir e vir, entrar, sair, andar por entre os vivos com ares — pelo menos se se trata de Espíritos comuns — de participarem ativamente de tudo quanto se passa em derredor deles, de se interessarem segundo o assunto, de ouvirem o que dizem os humanos. Com frequência são vistos a se aproximar das pessoas, a lhes insuflar ideias, a influenciá-las, a consolá-las, a se mostrar tristes ou contentes conforme o resultado que obtenham. Numa palavra: constituem como que a réplica ou o reflexo do mundo corpóreo, com suas paixões, vícios ou virtudes, mais virtudes do que a nossa natureza material dificilmente nos permite compreender. Tal é esse mundo oculto que povoa os espaços, que nos cerca, dentro do qual vivemos sem percebê-lo, como vivemos em meio às miríades de seres do mundo microscópico.

Mas pode acontecer que o Espírito revista uma forma ainda mais precisa e tome todas as aparências de um corpo sólido, a ponto de causar completa ilusão e dar a crer, aos que observam a aparição, que têm diante de si um ser corpóreo. Enfim, a tangibilidade pode tornar-se real, isto é, possível se torna ao observador tocar, apalpar o corpo, sentir a mesma resistência, o mesmo calor que num corpo vivo, apesar de poder se desvanecer com a rapidez do relâmpago. Embora a aparição desses seres, designados pelo nome de *agêneres*, seja muito rara, é sempre acidental e de curta duração e, sob essa forma, não poderiam tornar-se os comensais habituais de uma casa.

Sabe-se que, entre as faculdades excepcionais de que o Sr. Home deu provas irrecusáveis, deve-se colocar a de fazer aparecer mãos tangíveis, que podem ser apalpadadas e que, por seu lado,

podem pegar, apertar e deixar marcas na pele. As aparições tangíveis, dizemos, são bastante raras, mas as que ocorreram nestes últimos tempos confirmam e explicam as que a História registra, a respeito de pessoas que se mostraram depois de mortas com todas as aparências da natureza corporal. Aliás, por mais extraordinários que sejam, tais fenômenos perdem inteiramente todo o caráter de maravilhoso, quando conhecida a maneira por que se produzem e quando se compreende que, longe de constituírem uma derrogação das leis da natureza, são apenas efeito de uma aplicação dessas leis.

Quando os Espíritos revestem a forma humana, não poderemos nos enganar. Já o mesmo não acontece quando tomam outras aparências. Não falaremos de certas imagens terrestres refletidas pela atmosfera, que alimentaram a superstição das pessoas ignorantes, mas de alguns outros efeitos sobre os quais até homens esclarecidos puderam enganar-se. É aí, sobretudo, que nos devemos pôr em guarda contra a ilusão, para não nos expormos a tomar por Espíritos fenômenos puramente físicos.

Nem sempre o ar é perfeitamente límpido; há circunstâncias em que a agitação e as correntes de moléculas aeriformes, produzidas pelo calor, são perfeitamente visíveis. A aglomeração dessas partículas forma pequenas massas transparentes que parecem nadar no espaço e que deram lugar ao singular sistema dos Espíritos sob a forma de glóbulos. A causa dessa aparência está no próprio ar, mas também pode estar no olho. O humor aquoso oferece pontos imperceptíveis, que não perderam alguma coisa da sua natural transparência. Esses pontos são como corpos semiopacos em suspensão no líquido, cujos movimentos e ondulações eles acompanham. Produzem no ar ambiente e a distância, por efeito do aumento e da refração, a aparência de pequenos discos, por vezes irisados, variando de 1 a 10 milímetros de diâmetro. Vimos certas pessoas tomarem esses discos por Espíritos familiares, que as seguiam e acompanhavam a toda parte e, em seu entusiasmo, verem figuras nos matizes da irisação. Uma simples observação, fornecida por essas pessoas, reconduzi-las-ão ao terreno da realidade.

Os aludidos discos, ou medalhões, dizem elas, não só as acompanham, como lhes seguem todos os movimentos, vão para a direita, para a esquerda, para cima, para baixo, ou param, conforme o movimento que elas fazem com a cabeça. Esta coincidência, por si só, prova que a sede da aparência está em nós, e não fora de nós, e o que o demonstra, além disso, é que, em seus movimentos ondulatórios, jamais esses discos se afastam de um certo ângulo; como, porém, não seguem bruscamente o movimento da linha visual, parecem ter certa independência. A causa desse efeito é bem simples. Os pontos opacos ou semiopacos do humor aquoso, causa primeira do fenômeno, são, já dissemos, mantidos em suspensão, mas tendendo sempre a descer. Quando sobem, é que foram solidificados pelo movimento dos olhos, de baixo para cima; chegados a certa altura, se o olho se torna fixo, nota-se que os discos descem lentamente, depois param. Sua mobilidade é extrema, porquanto basta um movimento imperceptível do olho para fazê-los percorrer no raio visual toda a amplitude do ângulo em sua abertura no espaço, onde se projeta a imagem.

O mesmo diremos das centelhas que se produzem algumas vezes em feixes mais ou menos compactos, pela contração do músculo do olho, e são devidas, provavelmente, à fosforescência ou à eletricidade natural da íris, porque geralmente adstritas à circunferência do disco desse órgão.

Tais ilusões não podem provir senão de uma observação incompleta. Quem quer que tenha estudado a natureza dos Espíritos, por todos os meios que a ciência prática faculta, compreenderá tudo o que elas têm de pueril. Se esses glóbulos aéreos fossem Espíritos, teríamos de convir que estariam reduzidos a um papel puramente mecânico para seres inteligentes e livres, papel sofrivelmente fastidioso para os Espíritos inferiores e, com mais forte razão, incompatível com a ideia que fazemos dos Espíritos Superiores.

Os únicos sinais que, realmente, podem atestar a presença dos Espíritos são os sinais inteligentes. Enquanto não ficar

provado que as imagens de que acabamos de falar, ainda que assumindo a forma humana, têm movimento próprio, espontâneo, com evidente caráter intencional e acusando uma vontade livre, nisso não veremos senão fenômenos fisiológicos ou ópticos. A mesma observação se aplica a todos os gêneros de manifestações, sobretudo aos ruídos, às pancadas, aos movimentos insólitos dos corpos inertes, que milhares de causas físicas podem produzir. Repetimos: enquanto um efeito não for inteligente por si mesmo, e independente da inteligência dos homens, é preciso olhá-lo duas vezes antes de o atribuir aos Espíritos.

## Médiuns especiais

A experiência prova diariamente quanto são numerosas as variedades da faculdade mediúnica, mas também nos prova que os diversos matizes dessa faculdade são devidos a aptidões especiais ainda não definidas, abstração feita das qualidades e dos conhecimentos do Espírito que se manifesta.

A natureza das comunicações é sempre relativa à natureza do Espírito e traz o cunho de sua elevação ou de sua inferioridade, de seu saber ou de sua ignorância. Mas considerando-se o mesmo mérito, do ponto de vista hierárquico, nele há, incontestavelmente, uma propensão para ocupar-se de uma coisa, em vez de outra. Os Espíritos batedores, por exemplo, quase não saem das manifestações físicas. Entre os que dão manifestações inteligentes, há Espíritos poetas, músicos, desenhistas, moralistas, sábios, médicos etc. Falamos de Espíritos de uma ordem média, porquanto, chegados a um certo grau, as aptidões se confundem na unidade da perfeição. Mas ao lado da aptidão do Espírito, há também a do médium que, para o primeiro, é um instrumento mais ou menos cômodo, mais ou menos flexível, e no qual descobre qualidades particulares que não podemos apreciar.

Façamos uma comparação: um músico muito hábil tem em mãos vários violinos; para o vulgo, são todos bons, mas

entre os quais o artista consumado faz uma grande diferença. Capta matizes de extrema delicadeza, que o levam a escolher uns e rejeitar outros, matizes que compreende por intuição, mas que é incapaz de definir. O mesmo se dá em relação aos médiuns: para idênticas qualidades na força mediúnica, o Espírito dará preferência a este ou àquele, conforme o gênero de comunicação que queira dar. Assim, por exemplo, vemos pessoas que escrevem, como médiuns, poesias admiráveis, embora em condições ordinárias jamais tenham conseguido fazer um verso; outros, ao contrário, são poetas, mas, como médiuns, só escrevem prosa, apesar de seu desejo. O mesmo se dá com o desenho, a música etc. Também há os que, sem conhecimentos científicos próprios, têm uma aptidão toda particular para receber comunicações científicas; outros, para estudos históricos; outros servem mais facilmente de intérpretes aos Espíritos moralistas. Numa palavra, seja qual for a flexibilidade do médium, as comunicações que recebe com mais facilidade têm geralmente um sinete especial. Alguns, até, não saem de um certo círculo de ideias e, quando dele se afastam, só obtêm comunicações incompletas, lacônicas e frequentemente falsas. Excetuando-se as causas de aptidão, os Espíritos ainda se comunicam, com maior ou menor boa vontade, por tal ou qual intermediário, conforme as suas simpatias. Assim, considerando-se a igualdade de aptidões, o mesmo Espírito será muito mais explícito por meio de certos médiuns, pelo simples fato de que esses lhes convêm melhor.

Incorreríamos em erro, portanto, se, pelo simples fato de termos um bom médium à mão, que escrevesse com facilidade, pudéssemos, por seu intermédio, obter boas comunicações de todos os gêneros. A primeira condição para se obter boas comunicações é, sem contradita, assegurar-se da fonte de onde emanam, isto é, das qualidades do Espírito que as transmite; mas não é menos importante levar em conta as qualidades do instrumento oferecido ao Espírito. É necessário, pois, estudar a natureza do médium, como se estuda a do Espírito, pois aí estão os dois elementos essenciais para se obter resultados satisfatórios. Há um terceiro que desempenha um papel igualmente importante: a intenção, o pensamento

íntimo, o sentimento mais ou menos louvável de quem interroga; e isto se concebe. Para que uma comunicação seja boa, é preciso que emane de um Espírito bom; para que esse Espírito bom *possa* transmiti-la, é necessário um bom instrumento; para que a *queira* transmitir, é preciso que o objetivo lhe convenha. Lendo o pensamento, o Espírito julga se a pergunta que lhe é feita merece uma resposta séria e se a pessoa que a dirige é digna de recebê-la. Caso contrário, não perde o tempo em semear bons grãos em terra imprópria; e é então que os Espíritos levianos e zombadores aproveitam o campo, deixado livre, porquanto, pouco se importando com a verdade, não hesitam em fazê-lo, e geralmente são muito pouco escrupulosos quanto aos fins e aos meios.

De acordo com o que acabamos de dizer, compreende-se que deve haver Espíritos, por gosto ou pela razão, mais especialmente ocupados com o alívio da humanidade sofredora; que, paralelamente, deve haver médiuns mais aptos que outros a lhes servirem de intermediários. Ora, como esses Espíritos agem exclusivamente com vistas ao bem, devem procurar em seus intérpretes, além da aptidão que poderia ser chamada fisiológica, certas qualidades morais, entre as quais figuram, em primeira linha, o *devotamento* e o *desinteresse*. A cupidez sempre foi, e será sempre, um motivo de repulsa para os Espíritos bons e uma causa de atração para os outros. É admissível possa o bom senso aceitar que os Espíritos Superiores se prestem a todas as combinações de interesse material e que estejam às ordens do primeiro que aparecer, pretendendo explorá-los? Os Espíritos, *sejam quais forem*, não querem ser explorados; e, se alguns parecem estar de acordo, se mesmo se adiantam a certos desejos demasiado mundanos, quase sempre têm em vista uma mistificação, de que se riem depois, como de uma boa peça pregada a gente muito crédula. Ademais, talvez não seja inútil que alguns queimem os dedos, a fim de aprenderem que não se deve brincar com coisas sérias.

Seria o caso de falarmos aqui de um desses médiuns *privilegiados*, que os Espíritos curadores parece haverem tomado sob seu patrocínio direto. A Srta. *Désirée Godu*, que reside em Hennebon

(Morbihan), goza, a este respeito, de uma faculdade verdadeiramente excepcional, que utiliza com a mais piedosa abnegação. Sobre isto já dissemos algumas palavras num relatório das sessões da Sociedade, mas a importância do assunto merece um artigo especial, que teremos a satisfação de lhe consagrar em nosso próximo número. À parte o interesse que se liga ao estudo de toda faculdade rara, sempre consideramos como um dever dar a conhecer o bem e fazer justiça a quem o pratica.

## Bibliografia – Condessa Mathilde de Canossa

Tal é o título de um romance legendário, publicado em 1858, em Roma, pelo R. P. Bresciani, da Companhia de Jesus,<sup>10</sup> autor do *Juif de Vérone (Judeu de Verona)*. O assunto da obra é a História, no gênero de Walter Scott, da antiga família de Canossa. Foi por isso que o autor a dedicou ao atual descendente dessa ilustre família, o Marquês Otávio de Canossa, podestade de Verona e camareiro de S. M. o Imperador da Áustria. A ação se passa na Idade Média; os feiticeiros e os magos nela representam um grande papel, e as cenas demoníacas são descritas com uma precisão que faria inveja ao romancista escocês. O autor nos parece menos feliz em sua apreciação dos fenômenos espíritas modernos, das mesas falantes, do magnetismo, do sonambulismo. Ora, eis o que a respeito lemos no capítulo X, página 170:

Vários de meus leitores — e talvez não sejam em menor número — poderiam admirar-se de ver expostos, nos capítulos precedentes, todo esse aparato de diabruras, de exorcismos, de sortilégios, de alucinações, de irrupções fantásticas, que não ficaria mal nas histórias de serão e nos contos das amas de leite. Em nossos dias, quem acredita ainda em necromantes, em feiticeiros, em encantamentos, em fascínio, em filtros, no comércio com o diabo? Desejaríeis reconduzir-nos

<sup>10</sup> Nota de Allan Kardec: Um vol. in-8º, traduzido do italiano. J.-B. Pélagaud et Cie, rue des Saints-Pères, 57, Paris. Preço, 3 fr. 50 c.

aos contos azuis de Martin del Rio,<sup>11</sup> às ingênuas superstições do povo e das comadres de esquina, por lendas que eriçam a pele das camponesas bochechudas, que têm medo de lobisomem e impedem de dormir os garotos medrosos, em nome do bicho-papão? Realmente, amigo, este é o momento azado para nos livrarmos dessas frivolidades! — Tal é, mais ou menos, a linguagem que creio ouvir.

Responderei que, antes de desdenhar as antigas crenças, é preciso que cada um ponha a mão na consciência e se pergunte, com muita franqueza, se ao menos não é tão crédulo quanto algum dos seus antepassados. Vejamos um pouco: que significa essa voga de magnetizadores e de médiuns, de mesas girantes, falantes e proféticas; de sonâmbulos que veem através de paredes, que leem pelo cotovelo, que têm à sua frente aquilo que se diz e se faz a vinte, trinta, quarenta milhas de distância; que leem e escrevem sem conhecer o á-bê-cê; que, sem saberem uma palavra de Medicina, assinalam, determinam todos os casos patológicos, indicando-lhes as causas e prescrevendo-lhes o remédio nas doses habituais, em todos os termos greco-árabes do vocabulário científico? Que são esses interrogatórios de Espíritos, essas respostas de pessoas mortas e enterradas, essas profecias de acontecimentos futuros? Quem evoca essas sombras? Quem as leva a falar? Quem as faz ver um futuro que não existe? Quem as faz proferir essas blasfêmias contra Deus, contra os santos do Céu, contra os sacramentos da Igreja?

Vejamos, brava gente, falai! Por que essas contorções e esses olhares sombrios? — Ah! quem sabe acabareis me dizendo! Mistérios da natureza, leis desconhecidas, força da lucidez, sentido oculto no organismo humano! Sutileza do fluido magnético, do influxo nervoso, das ondulações ópticas e acústicas; virtudes secretas que a eletricidade ou o magnetismo excitam no cérebro, no sangue, nas fibras, em todas as partes vitais; potências e forças supremas da vontade e da imaginação.

---

<sup>11</sup> Nota de Allan Kardec: Del Rio, sábio jesuíta, nascido em Antuérpia em 1551 e morto em 1608. O autor faz alusão à sua obra intitulada: *Disquisitiones Magicæ*.

Meus amigos, isto são ninharias, palavras vazias de sentido, frases ocas, desvios ambíguos, enigmas que nem compreendeis. Toda a diferença que há entre nós e nossos antepassados é que, para negar um mistério, forjamos cem outros, ao passo que para aquela boa gente um gato era um gato, e o diabo, o diabo. Temos a pretensão de dotar a natureza de forças que ela não tem, nem pode ter; nossos velhos, mais sábios e mais francos, diziam, sem muitos rodeios, que havia operações sobrenaturais, tratando-as, muito ingenuamente, de feitiçaria.

Entretanto, menos versados do que nós no conhecimento dos fenômenos naturais, sem dúvida chegaram algumas vezes a tomar por um efeito prodigioso coisas que não saem da ordem natural, ao passo que os modernos, muito mais esclarecidos, não deixam de olhar bom número de charlatanices dos magnetizadores como efeito misterioso das leis secretas da natureza, e as operações realmente diabólicas como passes de magia mais ou menos sutis. Mas os homens mais cristãos do velho tempo bem sabiam que os Espíritos maus, evocados por meio de certos sinais, de certas conjurações, de certos pactos, apareciam, respondiam, alucinavam a imaginação, impressionando de mil maneiras e, sobretudo, fazendo o maior mal que podiam aos que com eles conversavam. Confessai, pois, de boa-fé que, mesmo em nossos dias, em maior número que antigamente, temos os nossos necromantes, encantadores e feiticeiros, com a diferença de que os nossos pobres pais tinham horror a esses malefícios, por eles praticados em segredo, nas trevas, nas cavernas, nas florestas, e que muitos se arrependiam, confessavam-se e faziam penitência; hoje, porém, são exercidos nos salões resplandecentes de ouro e luz, na presença de curiosos, de moças, crianças e mães, sem o menor escrúpulo e muitas vezes se deleitando com as superstições da Idade Média.

Crede-me: em todas as épocas os homens quiseram manter negócios com o demônio, e esse espírito astucioso, embora os homens não o devolvam aos abismos e com ele mantenham comércio, presta-se a todas as transformações. Nos séculos idólatras ele vivia com

os oráculos e as pitonisas; mostrava-se sob a forma de pomba, de pega, de galo, de serpente e cantava versos fatídicos. Na Idade Média apresentava-se pedante aos povos bárbaros e lhes aparecia sob formas terríveis, em monstruosas conjurações. Se, por vezes, ele se encolhia e se utilizava a ponto de se alojar nos cabelos, em garrafinhas, em filtros, que os feiticeiros faziam os amantes beber, não era sem inspirar grande terror.

Hoje, ao contrário, ele se presta à civilização do século; alegre-se no mundo elegante, nos saraus brilhantes; alternadamente, dormindo com os sonâmbulos, dançando com as mesas, escrevendo com as *cestas*.<sup>12</sup> Na verdade não é muito gentil? Tem cuidado de não amedrontar ninguém! Veste-se à americana, à inglesa, à parisiense, à alemã. É realmente amável, sob a barba e o bigode fino dos italianos. É a coqueluche dos salões e seria muito desajeitado se não se revestisse de uma distinção irreprochável. Vede, tornou-se tão bom apóstolo que conversa de modo muito cortês com aquela senhora que ainda vai à missa e que, se lhe disserdes: — Cuidado! Há coisas que não são naturais e não o poderiam ser; há nisso algo de nebuloso; os bons cristãos não tratam destas coisas — vos riria na cara e responderia com um arzinho biruta: — Que diacho! tudo isto é muito natural; também sou cristã, mas não sou imbecil.

Enquanto isso, caso se apresente uma ocasião, ela magnetizará sua filha de 20 anos, a fim de fazer com que leia, na sua intuição magnética, fatos distantes e segredos do futuro.

Deixo-vos a pensar se esse belo diabo de luvas amarelas deve rir no rosto da boa cristã!

Deixamos aos nossos leitores o cuidado de apreciar o julgamento de P. Bresciani: em vão aí procurarão, como nós, argumentos peremptórios contra as ideias espíritas, uma demonstração

<sup>12</sup> Nota do tradutor: Grifo nosso. No original, *guéridons*, mesinhas de centro, mesas de pé-de-galo. Preferimos traduzir por *cestas*, numa alusão às *cestas de bico* utilizadas na psicografia rudimentar do Espiritismo nascente, e que melhor se aplica ao presente caso.

qualquer da falsidade dessas ideias. Sem dúvida pensa ele que não vale a pena fazer-lhes uma refutação séria e que basta um sopro para dissipá-las. Todavia, parece-nos que, a exemplo da maioria dos adversários, chega ele a uma consequência inteiramente diferente à esperada, desde que não prova, por A mais B, que isto não é, nem *pode* ser. Como P. Bresciani é um homem de talento incontestável e de instrução superior, pensamos que, desde que seu objetivo era combater os Espíritos, teve de reunir contra estes as suas armas mais terríveis; donde concluímos que, se não diz muito, é que nada mais tem a dizer; que se não dá outras provas é porque não as tem melhores para opor, sem o que não teria tido o cuidado de deixá-las no fundo do saco. Os mais ridicularizados, em toda essa argumentação, não são os Espíritos, mas o próprio diabo, que é tratado um pouco cavalheirescamente, e não como algo levado a sério. Seríamos induzidos a pensar, diante desse espírito chistoso, que o autor não acredita mais no diabo que nos Espíritos. Se, portanto, como se pretende, o diabo é o agente único de todas as manifestações, forçoso é convir que representa um papel mais divertido que terrível e muito mais capaz de excitar a curiosidade do que amedrontar. Tal é, aliás, até o presente, o resultado de tudo quanto se tem dito e escrito contra o Espiritismo, de modo que mais o tem servido que prejudicado.

Segundo a maioria dos críticos, o fato das manifestações não tem alcance. É um entusiasmo passageiro, um brinquito de salão, e o autor não nos parece tê-lo encarado por um lado mais sério. Se assim é, por que se atormentar? Deixai à moda o cuidado de trazer amanhã outro passatempo, e o Espiritismo viverá o que viveu a mania dos vasos chineses: o espaço de duas estações. Atirando-lhe pedras, dão a impressão de temê-lo, porquanto não se procura abater senão o que se teme. Se é uma quimera, uma utopia, por que se bater contra moinhos de vento? É verdade, dizem, que o diabo algumas vezes nele se intromete, mas não haveria necessidade de tantos autores, como este, de pintar o diabo com cores róseas, para despertar em todas as mulheres a vontade de conhecê-lo.

Terá P. Bresciani examinado bem a questão? Terá pesado o alcance de todas as suas palavras? Que nos permita a dúvida. Quando ele diz: *Que são essas respostas de pessoas mortas e enterradas? Quem lhes faz ver um futuro que não existe?*, nós nos perguntamos se foi um cristão ou um materialista que escreveu semelhantes coisas, embora o materialista falasse dos mortos com mais respeito. — *Quem os faz proferir essas blasfêmias contra Deus?* Mas onde estão essas blasfêmias? O autor, que atribui tudo ao diabo, as supôs; saberia, ao contrário, que a confiança mais ilimitada na bondade infinita de Deus é a base do Espiritismo; que tudo nele se faz em nome de Deus; que os Espíritos mais perversos não falam dele senão com temor e respeito, e os bons com amor. Que há nisso de blasfematório? Mas o que pensar dessas palavras: *Temos a pretensão de dotar a natureza de forças que ela não tem, nem pode ter; nossos velhos, mais sábios, as tratavam, muito ingenuamente, de feitiçaria.* Assim, é mais sábio atribuir os fenômenos da natureza ao diabo do que a Deus. Enquanto proclamamos o poder infinito do Criador, P. Bresciani lhe impõe limites; a natureza, que resume a obra divina, não tem, e não *pode* ter, outras forças além das que conhecemos. Quanto às que poderiam ser descobertas, é *mais sábio* atribuí-las ao diabo que, assim, seria mais poderoso do que Deus. Há necessidade de indagar de que lado está a blasfêmia ou o maior respeito ao Ser Supremo? — Enfim, o diabo toma todas as aparências: *Na verdade, não é muito gentil? Veste-se à americana, à inglesa, à parisiense; é realmente amável, sob a barba e o bigode fino dos italianos e seria muito desajeitado se não se revestisse de uma distinção irreprochável.* Não sabemos se os senhores italianos sentir-se-ão envidados por serem tomados como diabos de luvas amarelas. Quem são essas belas senhoras, que fazem coqueluche desses gentis demônios e que, ante o caridoso aviso de que há nisso algo de nebuloso, vos riem no rosto, exclamando: *Que diacho! Não sou uma imbecil!* Se é uma figura tomada pela realidade, perguntaremos em que mundo elas se servem de tão belas expressões. Lamentamos que o autor não tenha haurido seus conhecimentos de Espiritismo numa fonte mais séria, com o que não falaria tão levemente. Enquanto não lhe opuserem argumentos mais peremptórios, seus partidários poderão dormir bem tranquilos.

## História de um danado<sup>13</sup>

(Sociedade, 9 de dezembro de 1859 – Primeira sessão)

O Sr. De la Roche, membro titular, comunica o seguinte fato, que é de seu conhecimento pessoal:

Numa pequena casa perto de Castelnaudary ocorriam barulhos estranhos e manifestações diversas que levavam a considerá-la como assombrada por algum mau gênio. Por conta disso, foi exorcizada em 1848 e nela colocaram grande número de imagens de santos. Então, querendo habitá-la, o Sr. D... mandou fazer reparos e retirar as gravuras. Depois de alguns anos, ali morreu subitamente. Seu filho, que a ocupa atualmente, ou pelo menos a ocupava até há pouco, certo dia recebeu, ao entrar num aposento, forte bofetada de mão invisível. Como estivesse completamente só, não duvidou que ela proviesse de uma fonte oculta. Agora não quer mais ficar lá e vai deixá-la definitivamente. Há, na região, a tradição segundo a qual um grande crime teria sido cometido naquela casa.

Interrogado sobre a possibilidade de evocar o esbofeteador, São Luís respondeu que sim.

Chamado, o Espírito se manifesta por sinais de violência; o médium é tomado de extrema agitação, sete ou oito lápis são quebrados, vários são atirados sobre os assistentes, uma página é rasgada e coberta de traços insignificantes, feitos com cólera. Todos os esforços para acalmá-lo mostram-se impotentes. Pressionado a responder às perguntas que lhe são dirigidas, escreve com a maior dificuldade um *não* quase indecifrável.

1. [A São Luís] Teríeis a bondade de nos dar algumas informações sobre este Espírito, já que ele mesmo não pode ou não as quer dar?

---

<sup>13</sup> N.E.: Ver Nota explicativa, p. 561.

*Resp.* – É um Espírito da pior espécie, um verdadeiro monstro. Nós o fizemos vir, mas não nos foi possível obrigá-lo a escrever, malgrado tudo quanto lhe foi dito. Ele tem seu livre-arbítrio, mas, infeliz, dele faz triste uso.

2. Há muito tempo que morreu como homem?

*Resp.* – Tomai informações; foi ele que cometeu o crime, cuja lenda existe na região.

3. Quem era ele em vida?

*Resp.* – Sabê-lo-eis por vós mesmos.

4. É ele, pois, que assombra a casa atualmente?

*Resp.* – Sem dúvida, pois foi assim que vo-lo fiz chamar a atenção.

5. Os exorcismos praticados não foram capazes de expulsá-lo?

*Resp.* – De modo algum.

6. Ele tem algo a ver com a morte súbita do Sr. D...?

*Resp.* – Sim.

7. De que maneira contribuiu para essa morte?

*Resp.* – Pelo pavor.

8. Foi ele quem deu a bofetada no filho do Sr. D...?

*Resp.* – Sim.

9. Poderia ter dado outra em qualquer um de nós?

*Resp.* – Mas certamente; vontade não lhe faltava.

10. Por que não o fez?

*Resp.* – Não lhe foi permitido.

11. Haveria um meio de desalojá-lo daquela casa? Qual seria?

*Resp.* – Se quiserem desembaraçar-se da obsessão de semelhantes Espíritos, será fácil, orando por eles: é o que sempre descuram fazer. Preferem apavorá-los com fórmulas de exorcismos, que os divertem muito.

12. Dando às pessoas interessadas a ideia de orar por esse Espírito, e orando nós mesmos por ele, seria possível desalojá-lo?

*Resp.* – Sim, mas notai que eu disse orar, e não *mandar orar*.

13. Esse Espírito é suscetível de melhora?

*Resp.* – Por que não? Não o são todos, este como os outros? Contudo, é preciso enfrentar dificuldades. Mas, por mais perverso que seja, o bem em retribuição ao mal acabará por tocá-lo. Que orem primeiramente e o evoquem dentro de um mês; assim podereis julgar da mudança que nele se terá operado.

14. Esse Espírito é sofredor e infeliz. Podeis descrever o gênero de sofrimentos que ele suporta?

*Resp.* – Está convencido de que deverá ficar eternamente na situação em que se encontra. Vê-se constantemente no momento em que praticou o crime: qualquer outra lembrança lhe foi apagada, e interdita qualquer comunicação com outro Espírito. Na Terra só pode estar naquela casa e, quando no Espaço, nas trevas e na solidão.

15. De onde vinha antes da última encarnação? A que raça pertencia?

*Resp.* – Havia tido uma existência entre as tribos mais ferozes e mais selvagens e, precedentemente, vinha de um planeta inferior à Terra.

16. Se esse Espírito reencarnasse, em que categoria de indivíduos iria encontrar-se?

*Resp.* – Vai depender dele e do arrependimento que experimentar.

17. Em sua próxima existência corporal poderia ser o que se chama um homem de bem?

*Resp.* – Isto seria difícil. O que quer que faça, não poderá evitar uma existência bastante tempestuosa.

OBSERVAÇÃO – A Sra. X..., médium vidente que assistia à sessão, viu esse Espírito no momento em que queriam que escrevesse: sacudia o braço do médium; seu aspecto era aterrador; vestia uma camisa coberta de sangue e tinha um punhal.

O Sr. e a Sra. F..., que assistiam à sessão como ouvintes, embora ainda não fossem sócios, desde a mesma noite atenderam à recomendação feita em favor do infeliz Espírito e oraram por ele. Obtiveram várias comunicações, assim como de suas vítimas. Narrá-las-emos na ordem em que foram recebidas e as que, sobre o mesmo assunto, foram obtidas na Sociedade. Além do interesse ligado a essa dramática história, ressalta um ensinamento que a ninguém escapará.

(Segunda sessão – casa do Sr. F...)

18. [Ao Espírito familiar] Podes dizer-nos alguma coisa a respeito do Espírito de Castelnaudary?

*Resp.* – Evoca-o.

19. Será mal?

*Resp.* – Verás.

20. Que devemos fazer?

*Resp.* – Não lhe falar, se nada tens a dizer-lhe.

21. Se lhe falarmos para compartilhar o seu sofrimento, isso lhe fará bem?

*Resp.* – A compaixão sempre faz bem aos infelizes.

22. *Evocação do Espírito de Castelnauudary.*

*Resp.* – Que querem de mim?

23. Nós te chamamos a fim de te sermos úteis.

*Resp.* – Oh! vossa piedade me faz bem, porque soffro... oh! como soffro!... Que Deus tenha piedade de mim!... Perdão!... Perdão!

24. Nossas preces ser-te-ão salutaes?

*Resp.* – Sim; orai, orai.

25. Pois bem! Oraremos por ti.

*Resp.* – Obrigado! Tu, pelo menos, não me amaldiçoas.

26. Por que não quiseste escrever na Sociedade quando te chamaram?

*Resp.* – Oh! maldição!

27. Maldição para quem?

*Resp.* – Para mim, que expio muito cruelmente os crimes nos quais a minha vontade não teve senão uma pequena parte.

OBSERVAÇÃO – Dizendo que sua vontade só tomou uma pequena parte em seus crimes, quer atenuá-los, como se soube mais tarde.

28. Se te arrependeres, serás perdoado?

*Resp.* – Oh! jamais!

29. Não desespere.

*Resp.* – Eternidade de sofrimentos, tal é a minha sorte.

30. Qual é o teu sofrimento?

*Resp.* – O que há de mais horrível; não o podes compreender.

31. Oraram por ti desde ontem à noite?

*Resp.* – Sim, mas sofro ainda mais.

32. Como assim?

*Resp.* – Sei lá!

OBSERVAÇÃO – Esta circunstância será explicada mais tarde.

33. Deve-se fazer algo em relação à casa onde te instalaste?

*Resp.* – Não, não! Não me falem disso... Perdão, meu Deus! Já sofri muito.

34. Tens que permanecer lá?

*Resp.* – A isso estou condenado.

35. Será para que tenhas constantemente teus crimes à vista?

*Resp.* – É isso.

36. Não desesperes; tudo pode ser perdoado com o arrependimento.

*Resp.* – Não; não há perdão para Caim.

37. Mataste, pois, teu irmão?

*Resp.* – Somos todos irmãos.

38. Por que quisestes fazer mal ao Sr. D...?

*Resp.* – Chega! por piedade, chega!

39. Então, adeus; tem confiança na misericórdia divina!

*Resp.* – Orai.

(Terceira sessão)

40. *Evocação.*

*Resp.* – Estou junto de vós.

41. Começas a ter esperança?

*Resp.* – Sim, meu arrependimento é grande.

42. Qual era o teu nome?

*Resp.* – Sabereis mais tarde.

43. Há quantos anos sofres?

*Resp.* – Há 200 anos.

44. Em que época cometeste o crime?

*Resp.* – Em 1608.

45. Podes repetir as datas para no-las confirmar?

*Resp.* – Inútil; uma vez é bastante. Adeus; eu vos falarei amanhã. Uma força me chama.

(Quarta sessão)

46. *Evocação.*

*Resp.* – Obrigado, Hugo (nome de batismo do Sr. F...).

47. Queres falar do que se passou em Castelnaudary?

*Resp.* – Não; fazeis-me sofrer quando falais disto. Não é generoso de vossa parte.

48. Sabes muito bem que se falamos disto é com vistas a poder esclarecer a tua posição e não a agravá-la. Assim, fala sem temor. Como foste levado a cometer esse crime?

*Resp.* – Um momento de alucinação.

49. Houve premeditação?

*Resp.* – Não.

50. Não pode ser verdade. Teus sofrimentos provam que és mais culpado do que dizes. Já sabes que só pelo arrependimento poderás suavizar a tua sorte, e não pela mentira. Vamos! Sê franco.

*Resp.* – Bem! Já que é preciso, seja.

51. Foi um homem ou uma mulher que mataste?

*Resp.* – Um homem.

52. Como causaste a morte do Sr. D...?

*Resp.* – Apareci-lhe visivelmente e me encontrava de tal forma horrendo que minha simples visão o matou.

53. Fizeste-o de propósito?

*Resp.* – Sim.

54. Por quê?

*Resp.* – Ele quis me desafiar; e eu ainda faria outro tanto, se me viesse tentar.

55. Se eu fosse morar naquela casa, tu me farias mal?

*Resp.* – Oh! não, certamente; tens piedade de mim e me desejas o bem.

56. O Sr. D... morreu instantaneamente?

*Resp.* – Não; foi tomado pelo medo, mas não morreu senão duas horas depois.

57. Por que te limitaste a dar uma bofetada no Sr. D... Filho?

*Resp.* – Era demais ter matado dois homens.

(Sociedade, 16 de dezembro de 1859 – Quinta sessão)

58. *Perguntas dirigidas a São Luís* – O Espírito que se comunicou com o Sr. e a Sra. F... é realmente o de Castelnau?

*Resp.* – Sim.

59. Como pôde comunicar-se a eles tão prontamente?

*Resp.* – A Sociedade ainda o ignorava. Ele não se havia arrependido; o arrependimento é tudo.

60. São exatas as informações por ele dadas sobre o crime?

*Resp.* – Compete verificardes e vos entenderdes com ele.

61. Ele disse que o crime foi cometido em 1608 e que tinha morrido em 1659. Há, pois, 200 anos que se encontra naquele estado?

*Resp.* – Isso vos será explicado mais tarde.

62. Poderíeis descrever seu gênero de suplício?

*Resp.* – É atroz para ele. Como sabeis, foi condenado a ficar na casa onde o crime foi cometido, sem poder dirigir o pensamento a outra coisa senão ao crime, sempre diante de seus olhos, e julga-se condenado a essa tortura para todo o sempre.

63. Está mergulhado na escuridão?

*Resp.* – Escuridão, quando quer afastar-se desse lugar de exílio.

64. Qual o gênero de suplício mais terrível que pode experimentar um Espírito, neste caso?

*Resp.* – Não há descrição possível das torturas morais que são a punição de certos crimes. O próprio que as experimenta teria dificuldade em vos dar uma ideia. Mas a mais horrível é a certeza de ser condenado sem apelação.

65. Ele se acha nessa situação há dois séculos. Avalia o tempo como o fazia quando encarnado, isto é, o tempo lhe parece mais ou menos longo, como quando vivia?

*Resp.* – Parece-lhe antes mais longo: para ele o sono não existe.

66. Foi-nos dito que, para os Espíritos, o tempo não existia e que, para eles, um século é um ponto na eternidade. Não é o mesmo para todos?

*Resp.* – Certo que não. Só o é para os Espíritos chegados a um grau muito elevado de progresso; para os Espíritos inferiores, o tempo é por vezes muito longo, sobretudo quando sofrem.

67. Esse Espírito é punido muito severamente pelo crime que cometeu. Ora, dissestes-nos que antes desta última existência ele tinha vivido entre as tribos mais bárbaras. Lá deve ter cometido atos no mínimo tão atroz quanto o último. Foi punido do mesmo modo?

*Resp.* – Foi menos punido, porque, sendo mais ignorante, compreendia menos o alcance.

OBSERVAÇÃO – Todas as observações confirmam este fato, eminentemente conforme à Justiça de Deus, de que as penas são proporcionais não à natureza da falta, mas ao grau de inteligência do culpado e à possibilidade de compreender o mal que faz. Assim, menos grave em aparência, uma falta poderá ser mais severamente punida num homem civilizado, que um ato de barbárie num selvagem.

68. O estado em que se encontra esse Espírito é o dos seres vulgarmente chamados *danados*?

*Resp.* – Absolutamente; há outros ainda muito mais horríveis. Os sofrimentos estão longe de ser os mesmos para todos, inclusive para crimes semelhantes, pois variam conforme seja o culpado mais ou menos *acessível* ao arrependimento. Para este, a casa onde cometeu o crime é seu inferno; outros o trazem em si mesmos, pelas paixões que os atormentam e que não podem satisfazer.

OBSERVAÇÃO – Com efeito, vimos avarentos sofrer à vista do ouro, que se lhes tornara uma verdadeira quimera; orgulhosos, atormentados pela inveja das honras que viam prestar e que não se dirigiam a eles; homens que haviam mandado na Terra, humilhados pelo poder invisível que os constringia a obedecer e pela visão de seus subordinados, que não mais se dobravam diante deles; ateus sofrendo as angústias da incerteza e se achando num isolamento absoluto em meio à imensidade, sem encontrar nenhum ser que os pudesse esclarecer. Se no mundo dos Espíritos há alegrias para todas as virtudes, há penas para todas as faltas, e as que não são alcançadas pelas leis dos homens, sempre o são pela Lei de Deus.

69. Apesar de sua inferioridade, esse Espírito sente os bons efeitos da prece; vimos o mesmo da parte de outros Espíritos igualmente perversos e da mais bruta natureza. Como é possível a Espíritos mais esclarecidos, de inteligência mais desenvolvida, mostrarem completa ausência de sentimentos; sorrirem de tudo quanto há de mais sagrado; numa palavra, de nada se tocarem nem concederem a menor trégua ao seu cinismo?

*Resp.* – A prece não tem efeito senão em favor do Espírito que se arrepende. Aquele que, impelido pelo orgulho, revolta-se contra Deus e persiste nos seus desvios, ainda os exagerando, como fazem os Espíritos infelizes, sobre estes a prece nada pode nem poderá fazer, a não ser quando um clarão de arrependimento neles se manifestar. Para eles a ineficácia da prece é também um castigo. Ela só alivia os que não estão totalmente endurecidos.

70. Quando vemos um Espírito inacessível aos bons efeitos da prece, há uma razão para nos abstermos de orar por ele?

*Resp.* – Não, certamente, porque cedo ou tarde ela poderá triunfar de seu endurecimento e fazer com que nele germinem pensamentos salutares.

(Sexta sessão – em casa do Sr. F..)

71. *Evocação.*

*Resp.* – Eis-me aqui.

72. Então, agora podes deixar a casa de Castelnauary quando quiseres?

*Resp.* – Permitem-me, porque aproveito vossos bons conselhos.

73. Experimentas algum alívio?

*Resp.* – Começo a ter esperança.

74. Se pudéssemos ver-te, sob que aparência te veríamos?

*Resp.* – Ver-me-íeis de camisa e sem punhal.

75. Por que não mais terias o punhal? Que fizeste dele?

*Resp.* – Eu o maldigo; Deus me poupa sua vista.

76. Se o Sr. D... Filho voltasse a casa, ainda lhe farias mal?

*Resp.* – Não, pois estou arrependido.

77. E se ele ainda te quisesse desafiar?

*Resp.* – Oh! não me pergunteis isso; não poderia me dominar; isto estaria acima de minhas forças... porque não passo de um miserável.

78. As preces do Sr. D... Filho ser-te-iam mais salutares que as de outras pessoas?

*Resp.* – Sim, pois a ele é que fiz o maior mal.

79. Muito bem! Continuaremos a fazer por ti o que pudermos.

*Resp.* – Obrigado. Pelo menos encontrei em vós almas caridosas. Adeus.

(Sétima sessão)

80. *Evocação do homem assassinado.*

*Resp.* – Eis-me aqui.

81. Que nome tínheis quando vivo?

*Resp.* – Eu me chamava Pierre Dupont.

82. Qual era a vossa profissão?

*Resp.* – Era salsicheiro em Castelnaudary, onde meu irmão mais velho, Charles Dupont, assassinou-me com um punhal, no meio da noite do dia 6 de maio de 1608.

83. Qual foi a causa do crime?

*Resp.* – Meu irmão pensou que eu queria cortejar uma mulher a quem ele amava e que eu via com muita frequência. Mas ele se enganava, porquanto eu jamais havia pensado nisso.

84. Como ele vos matou?

*Resp.* – Eu dormia; ele me feriu na garganta, depois no coração. Ferindo, despertou-me; quis lutar, mas logo sucumbi.

85. Vós o perdoastes?

*Resp.* – Sim; no momento de sua morte, há 200 anos.

86. Com que idade ele morreu?

*Resp.* – Com 80 anos.

87. Então ele não foi punido em vida?

*Resp.* – Não.

88. Quem foi acusado por vossa morte?

*Resp.* – Ninguém; naquele tempo de confusão, prestava-se pouca atenção a tais coisas; isto de nada adiantaria.

89. Que aconteceu à mulher?

*Resp.* – Pouco depois foi assassinada em minha casa por meu irmão.

90. Por que a assassinou?

*Resp.* – Amor frustrado. Ele a tinha desposado antes de minha morte.

(Oitava sessão)

91. Por que ele não fala do assassinato dessa mulher?

*Resp.* – Porque o meu é o pior para ele.

92. *Evocação da mulher assassinada.*

*Resp.* – Eis-me aqui.

93. Que nome tínheis em vida?

*Resp.* – Marguerite Aeder, senhora Dupont.

94. Quanto tempo estivestes casada?

*Resp.* – Cinco anos.

95. Pierre nos disse que seu irmão suspeitava de relações criminosas entre vós dois. Isso é verdade?

*Resp.* – Nenhuma relação criminosa existia entre nós. Não acrediteis nisso.

96. Quanto tempo depois da morte de seu irmão Charles ele vos assassinou?

*Resp.* – Dois anos depois.

97. Que motivo o impeliu?

*Resp.* – O ciúme e o desejo de ficar com meu dinheiro.

98. Podeis relatar as circunstâncias do crime?

*Resp.* – Ele me agarrou e feriu-me na cabeça, no ateliê de trabalho, com sua faca de salsicheiro.

99. Como é que não foi perseguido?

*Resp.* – Para quê? Tudo era desordem naqueles tempos infelizes.

100. O ciúme de Charles tinha fundamento?

*Resp.* – Sim, mas não o autorizava a cometer semelhante crime, porque neste mundo todos somos pecadores.

101. Há quanto tempo estáveis casada por ocasião da morte de Pierre?

*Resp.* – Há três anos.

102. Podeis precisar a data de vossa morte?

*Resp.* – Sim: 3 de maio de 1610.

103. Que pensaram da morte de Pierre?

*Resp.* – Fizeram crer em assassinos que queriam roubar.

OBSERVAÇÃO – Seja qual for a autenticidade desses relatos, que parecem difíceis de controlar, há um fato notável: a precisão e a concordância das datas e de todos os acontecimentos. Por si só essa circunstância é um curioso assunto de estudo, se considerarmos que esses três Espíritos, chamados em intervalos diversos, em nada se contradizem. O que pareceria confirmar suas palavras é que o principal culpado no caso, evocado por outro médium, deu respostas idênticas.

(Nona sessão)

104. *Evocação do Sr. D...*

*Resp.* – Eis-me aqui.

105. Desejamos pedir alguns detalhes sobre as circunstâncias de vossa morte. Poderíeis no-los dar?

*Resp.* – De bom grado.

106. Sabíeis que a casa em que habitáveis era assombrada por um Espírito?

*Resp.* – Sim, mas eu o quis desafiar e agi mal em fazê-lo. Melhor teria sido orar por ele.

OBSERVAÇÃO – Por aí se vê que os meios geralmente empregados para nos desembaraçarmos dos Espíritos importunos não são os mais eficazes. As ameaças mais os excitam do que os intimidam. A benevolência e a comiseração têm mais poder que o emprego de meios coercitivos, que os irritam, ou das fórmulas, de que se riem.

107. Como esse Espírito vos apareceu?

*Resp.* – À minha chegada em casa ele estava visível e me olhava fixamente; não pude escapar; fui tomado pelo pavor e expirei sob o olhar terrível desse Espírito que eu havia desprezado e para o qual me havia mostrado tão pouco caridoso.

108. Não poderíeis pedir por socorro?

*Resp.* – Impossível; minha hora havia chegado, e é assim que eu devia morrer.

109. Que aparência tinha ele?

*Resp.* – De um furioso disposto a me devorar.

110. Sofrestes ao morrer?

*Resp.* – Horrivelmente.

111. Morrestes subitamente?

*Resp.* – Não; duas horas depois.

112. Que reflexões fazíeis, sentindo que morríeis?

*Resp.* – Não pude refletir; fui tomado de um terror inexprimível.

113. A aparição ficou visível até o fim?

*Resp.* – Sim; não deixou um só instante o meu pobre Espírito.

114. Quando vosso Espírito se desprende, percebestes a causa de vossa morte?

*Resp.* – Não; tudo estava acabado. Só mais tarde compreendi.

115. Podeis indicar a data de vossa morte?

*Resp.* – Sim: 9 de agosto de 1853. (A data precisa ainda não pôde ser verificada, mas é exata aproximadamente).

(Décima sessão)

Quando esse Espírito foi evocado, a 9 de dezembro, São Luís aconselhou a chamá-lo novamente dentro de um mês,

a fim de julgar do progresso que deveria ter feito no intervalo. Já se pôde julgá-lo pelas comunicações do Sr. e da Sra. F..., pela mudança operada em suas ideias, graças à influência das preces e dos bons conselhos. Decorrido pouco mais de um mês depois de sua primeira evocação, foi ele novamente chamado à Sociedade, em 13 de janeiro.

116. *Evocação.*

*Resp.* – Eis-me aqui.

117. Lembrai-vos de ter sido chamado entre nós há cerca de um mês?

*Resp.* – Como o esqueceria?

118. Por que então não pudestes escrever?

*Resp.* – Eu não queria.

119. Por que não o queríeis?

*Resp.* – Ignorância e embrutecimento.

120. Vossas ideias mudaram desde então?

*Resp.* – Muito. Vários dentre vós foram complacentes e oraram por mim.

121. Confirmais todas as informações que foram dadas por vós e por vossas vítimas?

*Resp.* – Se não as confirmasse seria dizer que não as dera, e fui eu mesmo que as dei.

122. Entrevedes o fim de vossas penas?

*Resp.* – Oh! ainda não. Já é muito mais do que mereço saber que, graças à vossa intercessão, elas não durarão para sempre.

123. Descrevei a situação em que estáveis antes da nossa primeira evocação. Haveréis de compreender que vo-lo pedimos para nossa instrução, e não como um motivo de curiosidade.

*Resp.* – Como vos disse, não tinha consciência de nada no mundo, senão do meu crime, e não podia deixar a casa onde o cometi senão para me elevar no espaço, onde tudo à minha volta era solidão e obscuridade. Não vos poderia dar uma ideia disto; jamais o compreendi. Desde que me elevava acima do ar, tudo era negro e vazio; não sei o que era. Hoje experimento muito mais remorso, mas, como vos provam as comunicações, já não sou constrangido a ficar naquela casa fatal. Permitem-me vagar na Terra e procurar esclarecer-me por minhas observações. Agora compreendo melhor a enormidade dos meus crimes. Se, por um lado, sofro menos, por outro aumentam minhas torturas pelo remorso; mas, pelo menos, tenho esperança.

124. Se tivésseis que retomar uma existência corpórea, qual escolheríeis?

*Resp.* – Ainda não vi suficientemente, nem refleti bastante para sabê-lo.

125. Encontrais as vossas vítimas?

*Resp.* – Oh! que Deus me guarde!

OBSERVAÇÃO – Sempre foi dito que a visão das vítimas é um dos tormentos dos culpados. Este ainda não as viu, porque estava no isolamento e nas trevas; era um castigo. Mas ele teme essa visão, e talvez aí esteja o complemento de seu suplício.

126. Durante vosso longo isolamento e, pode-se dizer, vosso cativeiro, sentistes remorsos?

*Resp.* – Nem um pouco, e é por isso que sofri tanto. Foi somente quando comecei a experimentá-los que, mau grado meu, foram provocadas as circunstâncias que levaram à minha evocação, à

qual devo o começo de minha liberdade. Obrigado, pois, a vós, que tivestes piedade de mim e me esclarecestes.

OBSERVAÇÃO – Esta evocação não é obra do acaso. Como devia ser útil a esse infeliz, os Espíritos que velavam por ele, vendo que começava a compreender a enormidade de seus crimes, julgaram chegado o momento de lhe prestar um socorro eficaz, e então o trouxeram às circunstâncias propícias. É um fato que vimos se produzir muitas vezes.

A propósito, perguntaram o que teria sido dele se não pudesse ter sido evocado, como ocorre com todos os Espíritos sofredores que também não o podem ser, e nos quais não se pensa. A isto foi respondido que os caminhos de Deus, para a salvação de suas criaturas, são inumeráveis. A evocação pode ser um meio de os assistir, mas, por certo, não é o único. Deus não deixa ninguém no esquecimento. Aliás, as preces coletivas também devem exercer sua influência sobre os Espíritos acessíveis ao arrependimento.

## Comunicações espontâneas

ESTELLE RIQUIER

(Sociedade, 13 de janeiro de 1860)

O tédio, a mágoa, o desespero me devoram. Esposa culpada, mãe desnaturada, abandonei as santas alegrias da família, o domicílio conjugal, embelezado pela presença de dois anjinhos descidos do Céu. Arrastada pelos atalhos do vício, por um egoísmo, um orgulho e uma vaidade desenfreados, mulher sem coração, conspirei contra o santo amor daquele que Deus e os homens me haviam dado por sustentáculo e por companheiro na vida. Ele buscou na morte um refúgio contra o desespero que lhe haviam causado o meu covarde abandono e a sua desonra.

O Cristo perdoou à mulher adúltera e à Madalena arrependida. A mulher adúltera tinha amado, e Madalena se tinha arrependido. Mas, eu! — miserável — vendi a preço de ouro um falso amor que jamais senti. Semeei o prazer a mancheias e não recolhi senão o desprezo. A miséria horrível e a fome cruel vieram pôr termo a uma vida que se me tinha tornado odiosa... e não me arrependi! Miserável e infame, muitas vezes empreguei, com fatal sucesso, infelizmente, minha infernal influência como Espírito, impelindo ao vício pobres mulheres que via virtuosas e gozando a felicidade que eu havia esmagado com os pés. Perdoar-me-á Deus algum dia? Talvez, se o desprezo que ela vos inspira não vos impedir de orar pela infeliz Estelle Riquier.

OBSERVAÇÃO – Tendo esse Espírito se comunicado espontaneamente, sem ser chamado e sem ser conhecido de nenhum dos assistentes, foram-lhe dirigidas as seguintes perguntas:

1. Em que época morrestes?

*Resp.* – Há cinquenta anos.

2. Onde moráveis?

*Resp.* – Em Paris.

3. A que classe da sociedade pertencia vosso marido?

*Resp.* – À classe média.

4. Com que idade morrestes?

*Resp.* – Trinta e dois anos.

5. Que motivos vos levaram a comunicar-vos espontaneamente conosco?

*Resp.* – Permitiram-me para vossa instrução e para exemplo.

6. Tínheis recebido certa educação?

*Resp.* – Sim.

7. Esperamos que Deus vos levará em conta a franqueza da vossa confissão e do vosso arrependimento. Rogamos a ele estender a sua misericórdia sobre vós, enviando Espíritos bons para vos esclarecer sobre os meios de reparar o vosso passado.

*Resp.* — Oh! obrigada! obrigada! Que Deus vos ouça!

OBSERVAÇÃO — Várias pessoas nos informaram que consideraram um dever orar pelos Espíritos sofredores que assinalamos e que reclamam assistência. Fazemos votos para que este pensamento caridoso se generalize entre os nossos leitores. Alguns receberam a visita espontânea de Espíritos pelos quais se haviam interessado e que lhes vieram agradecer.

## O TEMPO PRESENTE

(Sociedade, 20 de janeiro de 1860)

Sois guiados pelo verdadeiro Gênio do Cristianismo. É que o próprio Cristo preside aos trabalhos de toda natureza que estão em via de realização, para abrir-se a era de renovação e de aperfeiçoamento que predizem vossos guias espirituais. Com efeito, se lançardes os olhos, fora das manifestações espíritas, sobre os acontecimentos contemporâneos, reconheceréis sem nenhuma hesitação os sinais precursores que vos provarão de maneira incontestável que os tempos preditos são chegados. Estabelecendo-se entre todos os povos, as comunicações derrubam as barreiras materiais; os obstáculos morais que se opõem à sua união, os preconceitos políticos e religiosos apagar-se-ão rapidamente e o reino da fraternidade finalmente se estabelecerá, de maneira sólida e durável. Observai, desde agora, os próprios soberanos, impelidos por mão invisível, tomar — coisa incrível para vós — a iniciativa das reformas; e as reformas que espontaneamente partem do alto são muito mais rápidas e duradouras do que as que procedem de baixo e são arrancadas à força. Apesar dos preconceitos da infância e da educação, em que pese o culto da saudade, pressenti a época atual. Estou feliz por isto e mais feliz ainda por vir dizer-vos: Irmãos, coragem! Trabalhai por vós e pelo futuro

dos vossos; trabalhai, sobretudo, por vosso melhoramento pessoal e fruireis, na vossa próxima existência, de uma felicidade que vos é tão difícil imaginar, quanto a mim de vo-la fazer compreender.

CHATEAUBRIAND

## OS SINOS

(Obtida pelo Sr. Pécheur, 13 de janeiro de 1860)

Podes dizer-me por que sempre gostei de ouvir o som dos sinos? É que a alma do homem, que pensa e sofre, busca sempre se desprender quando experimenta essa felicidade muda, que em nós desperta vagas lembranças de uma vida passada. É que tal som é uma tradução da palavra do Cristo, que vibra no ar há 18 séculos: é a voz da esperança. Quantos corações consolou! Quanta força deu à humanidade crente! Essa voz divina apavorou os grandes da época: eles a temeram, porque a verdade que haviam abafado os fez tremer. O Cristo a mostrava a todos; mataram o Cristo, mas não a ideia. Sua palavra sagrada tinha sido compreendida; era imortal e, no entanto, quantas vezes a dúvida se insinuou em vossos corações! Quantas vezes o homem acusou a Deus de ser injusto! Exclamava: Meu Deus, que fiz eu? A desgraça marcou-me no berço? Estou, pois, destinado a seguir esta via que me dilacera o coração? Parece que uma fatalidade se liga a meus passos; sinto que as forças me abandonam; vou me aniquilar nesta vida.

Neste momento, Deus faz penetrar em vosso coração um raio de esperança; uma mão amiga vos retira a venda do materialismo que vos cobre os olhos; uma voz dos céus vos diz: Olha no horizonte aquele foco luminoso: é um fogo sagrado que emana de Deus; essa chama deve iluminar o mundo e o purificar; deve fazer penetrar sua luz no coração do homem e dele expulsar as trevas que obscurecem seus olhos. Alguns homens pretenderam vos trazer a luz; entretanto, não produziram senão um nevoeiro, que fez perder-se o reto caminho.

Não sejais cegos, vós a quem Deus mostra a luz. É o Espiritismo que vos permite levantar a ponta do véu que cobria o vosso passado. Olhai agora o que fostes e julgai. Curvai a cabeça ante a justiça do Criador. Rendei-lhe graças por vos dar coragem para continuar a prova que escolhestes. Disse o Cristo: Aquele que usar a espada morrerá pela espada. Esse pensamento, inteiramente espírita, encerra o mistério de vossos sofrimentos. Que a esperança e a bondade de Deus vos dê a coragem e a fé; escutai sempre esta voz que vibra em vossos corações. Cabe a vós compreender, estudar com sabedoria, elevar vossa alma em pensamentos fraternos. Que o rico estenda a mão ao que sofre, pois a riqueza não lhe foi dada para os prazeres pessoais, mas para que seja o seu dispensador; e Deus lhe pedirá contas do uso que dela tiver feito. A única riqueza que Deus reconhece são as vossas virtudes; a única que levareis ao deixar este mundo. Deixai falar esses pretensos sábios que vos chamam de loucos. Amanhã — quem sabe? — talvez vos peçam para orar por eles, pois Deus os julgará.

TUA FILHA, QUE TE AMA E ORA POR TI

## CONSELHOS DE FAMÍLIA

*Continuação.* (Ver o número de janeiro – Lido na Sociedade a 20 de janeiro de 1860)

Meus caros filhos: em minhas instruções precedentes aconselhei-vos a calma e a coragem; entretanto, nem todos as mostrais quanto deveríeis. Pensai que o lamento jamais acalma a dor: ao contrário, esta tende a aumentar. Um bom conselho, uma boa palavra, um sorriso, um simples gesto dão força e coragem. Uma lágrima amolece o coração, em vez de endurecê-lo. Chorai, se a isso vos impele o coração, preferencialmente nos momentos de solidão, e não em presença dos que necessitam de toda a sua força e de toda a sua energia, que uma lágrima ou um suspiro podem diminuir ou enfraquecer. Todos necessitamos de encorajamento e nada é mais propício a nos encorajar que uma voz amiga, um olhar benevolente,

uma palavra vinda do coração. Quando vos aconselhei a vos reunirdes, não foi para que reunísseis vossas lágrimas e amarguras; não era para vos excitar a prece, que não prova senão uma boa intenção, mas sim para que unísseis vossos pensamentos, *vossos esforços* mútuos e coletivos; para que mutuamente vos désseis bons conselhos e procurásseis, em comum, não o meio de vos entristecer, mas a marcha a seguir para vencer os obstáculos que se apresentam diante de vós. Em vão um infeliz que não tem pão se lançará de joelhos para rogar a Deus o alimento que não cairá do céu. Que ele trabalhe e, por pouco obtenha, isso valerá mais do que todas as suas preces. A prece mais agradável a Deus é o trabalho útil, seja qual for. Eu o repito: a prece prova uma boa intenção, um bom sentimento, mas não pode produzir senão um efeito moral, desde que é toda moral. É excelente como um consolo da alma, porquanto a alma que ora sinceramente encontra na prece um alívio às suas dores morais: fora destes efeitos e dos que decorrem da prece, como já vos expliquei em outras instruções, nada espereis, pois sereis iludidos em vossa esperança.

Segui, pois, exatamente os meus conselhos. Não vos contenteis em pedir a Deus que vos ajude: ajudai-vos a vós mesmos, porque assim provareis a sinceridade de vossa prece. Seria muito cômodo, na verdade, que bastasse pedir uma coisa nas preces para que ela vos fosse concedida! Seria o maior estímulo à preguiça e à negligência das boas ações. Eu poderia estender-me ainda mais a este respeito, mas seria demasiado para vós. Vosso estado de adiantamento não o comporta. Meditai sobre esta instrução, como sobre as precedentes: elas são suscetíveis de ocupar por muito tempo vossos Espíritos, pois contêm em germe tudo quanto vos será desvendado no futuro. Segui meus conselhos anteriores.<sup>14</sup>

ALLAN KARDEC

---

<sup>14</sup> Nota do tradutor: O Espírito que ditou a mensagem não declinou o nome.

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

MARÇO DE 1860

Nº 3

## Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Sexta-feira, 27 de janeiro de 1859 – Sessão geral

Lida e aprovada a Ata da sessão de 20 de janeiro.

Recebimento de um pedido de admissão. Adiados sua leitura, exame e parecer para a próxima sessão particular.

### *Comunicações diversas:*

1ª) Carta do Sr. Hinderson Mackenzie, de Londres, membro da Sociedade Real dos Antiquários, dando detalhes do mais alto interesse sobre o emprego dos globos de cristal ou metálicos como meio de obter comunicações espíritas. É o que usa, com o auxílio de um médium vidente especial, conforme conselho de um de seus amigos que, há 35 anos, faz as mais completas e concludentes experiências. O médium vê, nessa espécie de espelho, as respostas escritas às perguntas propostas, assim obtendo comunicações muito desenvolvidas e tão rápidas que muitas vezes é difícil acompanhar o médium.

2ª) Leitura de um artigo do *Siècle*, de 22 de janeiro de 1860, em que se nota a seguinte passagem:

As mesas falavam, giravam e dançavam muito tempo antes da existência da seita americana que pretende ter-lhes dado origem. Esse baile de mesas já era célebre em Roma, nos primeiros séculos de nossa era, e eis como, no capítulo XXIII da Apologética, exprimiam-se Tertuliano, ao falar dos médiuns de seu tempo: “Se é dado aos mágicos o poder de fazer com que os fantasmas apareçam, de evocar a alma dos mortos, de forçar a boca das crianças a dar oráculos; se esses charlatães imitam um grande número de milagres, que parecem devidos aos círculos e às correntes que as pessoas formam entre si; se induzem sonhos, se fazem conjurações, se têm às suas ordens Espíritos mentirosos e demônios, pela virtude dos quais *as cadeiras e as mesas que profetizam são um fato vulgar etc.*”

Observa-se, a esse respeito, que os espíritas modernos jamais pretenderam ter descoberto ou inventado as manifestações. Ao contrário, têm constantemente proclamado a ancianidade e a universalidade dos fenômenos espíritas, e a própria ancianidade é um argumento em favor da Doutrina, demonstrando que ela tem o seu princípio na natureza e que não resulta de uma combinação sistemática. Os que pretendem opor-lhe tal circunstância provam que falam sem conhecer-lhe os princípios, pois de outro modo saberiam que o Espiritismo moderno se apoia no fato incontestável de que se encontra em todos os tempos e entre todos os povos.

#### *Estudos:*

1ª) Perguntas sobre o fenômeno dos globos metálicos ou de cristal, como meio de obter comunicações. É respondido que: “A teoria desse fenômeno não pode ainda ser explicada; para sua compreensão faltam certos conhecimentos prévios, que nascerão deles mesmos e decorrerão de observações ulteriores. Ela será dada em tempo oportuno.”

2º) Nova evocação de Urbain Grandier, que confirma e completa certos fatos históricos e dá, além disso, sobre o planeta Saturno, explicações que apoiam o que a esse respeito já foi dito.

3º) Dois ditados espontâneos são obtidos simultaneamente: o primeiro, de Abelardo, pelo Sr. Roze; o segundo, de João, o Batista, pelo Sr. Colin.

Em seguida, tendo-se pedido a um dos Espíritos sofredores, que havia solicitado o auxílio de preces, para vir comunicar-se espontaneamente, um dos médiuns escreveu o que se segue: “Sede abençoados por terdes consentido em orar pelo ser imundo e inútil que chamastes e que se mostrou ainda tão vergonhosamente ligado às suas riquezas miseráveis. Recebei os sinceros agradecimentos do *Père Crépin.*”

Sexta-feira, 3 de fevereiro de 1860 – Sessão particular

A Ata da sessão de 27 de janeiro é aprovada. Leitura da lista nominal dos ouvintes que assistiram à última assembleia geral. Nenhum inconveniente assinalado em sua presença.

O Sr. Dr. Gotti, diretor do Instituto Homeopático de Gênova (Piemonte), é admitido como membro correspondente.

Leitura de dois novos pedidos de admissão. Adiados para a próxima sessão particular.

#### *Comunicações diversas:*

1ª) O Sr. Allan Kardec anuncia que uma senhora, assinante da província, acaba de enviar-lhe uma soma de *dez mil francos* para ser usada em favor do Espiritismo.

Tendo essa senhora recebido uma herança, com a qual não contava, quer que dela participe a Doutrina Espírita, à qual deve

supremas consolações e o ser esclarecida sobre as verdadeiras condições de felicidade, nesta e na outra vida. “Vós me fizestes” — diz ela em sua carta — “compreender o Espiritismo, mostrando-me o seu verdadeiro objetivo; somente ele pôde vencer as dúvidas e incertezas que, para mim, eram fonte de inexprimíveis ansiedades. Eu marchava na vida ao acaso, maldizendo as pedras que encontrava no caminho. Agora vejo claro à minha volta; diante de mim o horizonte se expandiu e caminho com certeza e confiança no futuro, sem me inquietar com os espinhos semeados na estrada. Desejo que este singelo óbolo vos ajude a espalhar sobre os outros a luz benfazeja que me tornou tão feliz. Empregai-o como entenderdes: não quero recibo nem controle. A única coisa que faço questão é do mais estrito incógnito.”

Respeitarei — acrescenta Allan Kardec — o véu da modéstia com o qual essa senhora se quer cobrir e esforçar-me-ei por corresponder às suas generosas intenções. Creio não poder melhor atendê-la senão aplicando essa quantia naquilo que for necessário para a instalação da Sociedade, em condições mais favoráveis para os seus trabalhos.

Um membro exprime o pesar de que o anonimato, guardado por essa senhora, não permita à Sociedade testemunhar-lhe diretamente a sua gratidão.

Responde o Sr. Allan Kardec que, não tendo o donativo nenhuma destinação especial senão o Espiritismo em geral, ele se encarregou de sua guarda em nome de todos os partidários sérios do Espiritismo. Insiste na qualificação de *partidários sérios*, tendo em vista que não se pode aplicar esse nome aos que, vendo no Espiritismo apenas uma questão de fenômenos e de experiências, não lhe podem compreender as elevadas conseqüências morais e, o que é pior, dele se aproveitam ou fazem que outros o aproveitem.

2ª) O presidente depositou na secretária uma carta lacrada, enviada pelo Dr. Vignal, membro titular, que só deverá ser aberta no fim de março próximo.

3ª) O Sr. Netz envia um número da *Illustration*, contendo o relato de uma aparição. O fato será objeto de exame especial.

*Estudos:*

1ª) Observações a propósito dos efeitos de visões em certos corpos, tais como vidros, globos de cristal, bolas metálicas etc., de que se tratou na última sessão. O Sr. Allan Kardec pensa ser necessário que se descarte cuidadosamente o nome de *espelhos mágicos*, dado vulgarmente a esses objetos. Propõe chamá-los *espelhos psíquicos*. Na opinião de vários membros, julga a assembleia que a designação de *espelhos psicográficos* corresponderia melhor à natureza do fenômeno.

2ª) Evocação do Dr. Vignal, que se ofereceu para um estudo sobre o estado do Espírito das pessoas vivas. Responde com perfeita lucidez às questões que lhe são dirigidas. Dois outros Espíritos, o de Castelnauary e o do Dr. Cauvière comunicam-se ao mesmo tempo por um outro médium, daí resultando uma troca de observações muito instrutivas. Os médicos terminam cada um por um ditado, que traz a marca das altas capacidades que lhes são conhecidas (Publicado mais adiante).

3ª) São obtidos dois outros ditados espontâneos: o primeiro, de São Francisco de Sales, pela Sra. Mallet; o segundo, pelo Sr. Colin, assinado Moisés, Platão e, depois, Juliano.

Sexta-feira, 10 de fevereiro de 1860 – Sessão geral

Lida e aprovada a Ata de 3 de fevereiro.

Carta com pedido de admissão – Decisão adiada para a próxima sessão particular.

Leitura das comunicações recebidas na última sessão.

*Comunicações diversas* – O Sr. Soive transmite a nota seguinte, indagando se não seria útil que se fizesse uma evocação

a respeito: “Um tal Sr. T..., de 35 anos, residente no Boulevard de l’Hôpital, era perseguido por uma ideia fixa, a de involuntariamente ter matado um de seus amigos numa rixa. Malgrado tudo que se tinha feito para o dissuadir, mostrando-lhe o amigo vivo, ele julgava estar diante de sua sombra. Atormentado pelo remorso de um crime imaginário, asfixiou-se.”

A evocação do Sr. T... será feita, caso haja tempo.

*Estudos:*

1º) Cinco ditados espontâneos são obtidos simultaneamente: o primeiro, pelo Sr. Roze, assinado por Lamennais; o segundo, pela Srta. Eugénie, assinado por Stäel; o terceiro, pelo Sr. Colin, assinado por Fourier; o quarto, pela Srta. Huet, de um Espírito que, diz ele, dar-se-á a conhecer mais tarde e anuncia uma série de comunicações; a quinta, pelo Sr. Didier Filho, assinada por Charlet.

2º) Após a leitura do ditado de Fourier, o presidente observa, para a compreensão das pessoas estranhas à Sociedade e que podem não estar a par da sua maneira de proceder, que essa comunicação lhe parece, à primeira vista, suscetível de alguns comentários; que, entre os Espíritos que se manifestam, os há de todos os graus; que suas comunicações são o reflexo de suas ideias pessoais, nem sempre perfeitamente justas; a Sociedade, conforme o conselho que lhe foi dado, as recebe como expressão de uma opinião individual e se reserva o direito de julgá-las, submetendo-as ao controle da lógica e da razão. É essencial que se saiba muito bem que ela não adota como verdadeiro tudo quanto vem dos Espíritos; por suas comunicações o Espírito dá a conhecer o que ele é em bem ou em mal, em ciência ou em ignorância. São para ela assuntos de estudo; aceita o que é bom e rejeita o que é mau.

3º) Evocação da Srta. Indermuhle, de Berna, surda-muda de nascimento, de 32 anos, viva. Essa comunicação oferece um grande interesse, do ponto de vista moral e científico, pela sagacidade e precisão das respostas, que nela denotam um Espírito já adiantado.

4º) Evocação do Sr. T..., do qual falamos atrás. Dá sinais de grande agitação e quebra vários lápis antes de poder traçar algumas linhas quase ilegíveis. A perturbação de suas ideias é evidente; inicialmente persiste na crença de que matou seu amigo, acabando por convencer-se de que era apenas uma ideia fixa; mas acrescenta que, se não o matou, tinha vontade de fazê-lo, não o fazendo simplesmente por lhe ter faltado coragem. — São Luís dá algumas explicações sobre a situação desse Espírito e as consequências de seu suicídio.

Essa evocação será repetida mais tarde, quando o Espírito estiver mais desprendido.

Sexta-feira, 17 de fevereiro de 1860 – Sessão particular

Lida e aprovada a Ata da sessão de 10 de fevereiro.

São admitidos como membros titulares, conforme pedido escrito e parecer favorável: Sra. Regnez, de Paris; Sr. Indermuhle de Wytenbach, de Berna; Sra. Lubrat, de Paris.

Leitura de dois novos pedidos de admissão. — Adiados para a próxima sessão particular.

O Sr. Allan Kardec transmite à Sociedade as seguintes observações a respeito do donativo feito:

Diz ele: “Se a doadora não reclama, no que lhe concerne, nenhuma conta do emprego dos fundos, não devo, para minha própria satisfação, permitir que seu emprego não seja submetido a um controle. Essa soma formará o primeiro fundo de uma *Caixa Especial*, que nada terá de comum com meus negócios pessoais, e que será objeto de uma contabilidade distinta, sob o nome de *Caixa do Espiritismo*.”

“Essa caixa será aumentada posteriormente pelos fundos que poderão chegar-lhe de outras fontes e destinada exclusivamente às necessidades da Doutrina e ao desenvolvimento dos estudos espíritas.

“Um de meus primeiros cuidados será a criação de uma biblioteca especial, e, como já disse, prover a Sociedade daquilo que lhe falta materialmente, para a regularidade de seus trabalhos.

“Pedi a vários colegas que aceitassem o controle dessa caixa e constatassem, em datas que serão ulteriormente determinadas, o emprego útil dos fundos.

“Esta comissão está composta pelos Srs. Solichon, Thiry, Levent, Mialhe, Krafzoff e Sra. Parisse.”

Leitura das comunicações recebidas na última sessão.

Em seguida a Sociedade ocupou-se do exame de várias questões administrativas.

## Os pré-adamitas<sup>15</sup>

Uma carta que recebemos contém a seguinte passagem:

“Devo convir que o ensino que vos foi dado pelos Espíritos repousa sobre uma moral absolutamente conforme à do Cristo e, mesmo, muito mais desenvolvida do que a existente no Evangelho, porque mostrais a aplicação daquilo que, com muita frequência, ali só se acha em preceitos gerais. Quanto à questão da existência dos Espíritos e de suas relações com os homens, para mim não é objeto de qualquer dúvida. Eu estaria convencido apenas pelo testemunho dos Pais da Igreja, se não tivesse a prova da minha própria experiência. Não levanto, portanto, nenhuma objeção a esse respeito. Já não se dá o mesmo com certos pontos de sua doutrina, que são evidentemente contrários ao testemunho das *Escrituras*. Limitar-me-ei, por hoje, a uma só questão, a relativa ao primeiro homem. Dizeis que Adão não é o primeiro nem o único que tenha povoado a Terra. Se assim fosse, fora preciso

---

<sup>15</sup> N.E.: Ver Nota explicativa, p. 561.

admitir que a *Bíblia* estaria em erro, pois o ponto de partida seria controvertido. Vede, por um instante, a que consequências isto nos conduz! Confesso que esse pensamento lançou alguma confusão em minhas ideias. Como, porém, antes de tudo sou pela verdade, e a fé nada pode ganhar se construída sobre um erro, peço-vos a gentileza de dar alguns esclarecimentos a respeito, se vossas horas vagas o permitirem. Ser-vos-ei muito reconhecido se puderdes tranquilizar a minha consciência.”

### Resposta:

A questão do primeiro homem, na pessoa de Adão, como tronco único da humanidade, não é a única sobre a qual as crenças religiosas tiveram de modificar-se.

Em certa época o movimento da Terra pareceu de tal modo em oposição ao texto das Escrituras que não houve formas de perseguições a que esta teoria não tenha servido de pretexto, contudo vê-se que Josué, parando o Sol, não pôde impedir que a Terra girasse. Ela gira apesar dos anátemas, e ninguém hoje o contestaria sem atentar contra a própria razão.

Diz igualmente a *Bíblia* que o mundo foi criado em seis dias, fixando a data em cerca de 4.000 anos antes da era cristã. Antes disso a Terra não existia, havendo sido tirada do nada. O texto é formal. E eis que a ciência positiva, inexorável, vem provar o contrário. A formação do globo está escrita em caracteres imprescritíveis no mundo fóssil, e está provado que os seis dias da Criação representam outros tantos períodos, talvez de várias centenas de milhares de anos. Não se trata de um sistema, de uma doutrina, de uma opinião isolada, mas de um fato tão constante quanto o movimento da Terra, que a Teologia não pode deixar de admitir. Assim, não é senão nas pequenas escolas que se ensina que o mundo foi feito em seis vezes vinte e quatro horas, prova evidente de erro no qual se pode cair, tomando ao pé da letra as expressões de uma linguagem muitas vezes figurada. A autoridade da *Bíblia* teria sido atingida aos olhos dos

teólogos? Absolutamente. Eles se renderam à evidência e concluíram que o texto podia comportar outra interpretação.

Revistando os arquivos da Terra, a Ciência reconheceu a ordem na qual os diferentes seres vivos apareceram em sua superfície. A observação não deixa nenhuma dúvida quanto às espécies orgânicas pertencentes a cada período, e esta ordem está de acordo com o que é indicado no Gênesis, com a diferença de que esta obra, em vez de ter saído miraculosamente das mãos de Deus em algumas horas, realizou-se, sempre por sua vontade, mas conforme as leis das forças da natureza, em alguns milhões de anos. Deus, por isso, será menor e menos poderoso? Sua obra será menos sublime por não ter o prestígio da instantaneidade? Evidentemente, não. Seria preciso fazer da Divindade uma ideia muito mesquinha para não reconhecer sua onipotência nas leis eternas por ela estabelecidas para reger os mundos.

Assim como Moisés, a Ciência coloca o homem na última ordem da criação dos seres vivos; mas Moisés coloca o dilúvio universal no ano 1654 do mundo, enquanto a geologia nos mostra esse grande cataclismo anteriormente ao aparecimento do homem, considerando-se que, até aquele dia, não se encontra nas camadas primitivas nenhum traço de sua presença, nem de animais da mesma categoria, do ponto de vista físico. Mas nada prova que isto seja impossível. Várias descobertas já lançaram dúvidas a respeito. É possível, então, que de um momento para outro se adquira a certeza dessa anterioridade da raça humana. Resta ver se o cataclismo geológico, cujos traços estão por toda a Terra, é o mesmo que o dilúvio de Noé. Ora, a lei de duração da formação das camadas fósseis não permite confundi-los, remontando o primeiro, talvez, a cem mil anos. No momento em que forem encontrados traços da existência do homem antes da grande catástrofe, ficará provado que Adão não foi o primeiro homem, ou que sua criação se perde na noite dos tempos. Contra a evidência não há raciocínios possíveis. Os teólogos deverão, assim, aceitar o fato, como aceitaram o movimento da Terra e os seis períodos da Criação.

É verdade que a existência do homem antes do dilúvio geológico ainda é hipotética, mas isto é de somenos importância. Admitindo que o homem tenha aparecido pela primeira vez na Terra 4.000 anos antes do Cristo, se 1.650 anos mais tarde toda a raça humana foi destruída, com exceção de um só, conclui-se que o povoamento da Terra não pode datar senão de Noé, isto é, de 2.350 anos antes de nossa era. Ora, quando os hebreus emigraram para o Egito, no século XVIII a.C., já encontraram este país bastante povoado e com uma civilização muito adiantada.

Prova a História que, nessa época, as Índias e outras regiões eram igualmente florescentes. Seria preciso, então, que do décimo quarto ao décimo oitavo séculos, ou seja, no espaço de 500 anos, não só a posteridade de um só homem tivesse conseguido povoar todas as imensas regiões então conhecidas, mas que, nesse curto intervalo, a espécie humana tivesse podido elevar-se da ignorância absoluta do estado primitivo ao mais alto grau do desenvolvimento intelectual, o que contraria todas as leis antropológicas. Tudo se explica, ao contrário, admitindo-se a anterioridade do homem, o dilúvio de Noé como uma catástrofe parcial, confundida com o cataclismo geológico, e Adão, que viveu há 6.000 anos, como tendo povoado uma região desabitada. Ainda uma vez, nada poderia prevalecer contra a evidência dos fatos. Eis por que julgamos prudente não tomar posição em falso contra doutrinas que, cedo ou tarde, como tantas outras, podem revelar a falta de razão dos que as combatem. Longe de perder, as ideias religiosas se engrandecem ao caminharem com a Ciência. É o meio de não dar margem ao ceticismo, mostrando-lhe o lado vulnerável.

Em que se teria tornado a religião, caso se obstinasse contra a evidência e persistisse em anatematizar os que não aceitassem as letras das Escrituras? Disso resultaria que não se pode ser católico sem crer no movimento do Sol, nos seis dias da criação e nos 6.000 anos de existência da Terra. Calcule-se o que restaria hoje de católicos. Proscreveis também os que não tomam ao pé da letra a alegoria da árvore e seu fruto, da costela de Adão, da serpente etc.?

A religião será sempre forte quando marchar de acordo com a Ciência, porque estará ligada à parte esclarecida da população. É o único meio de desmentir o preconceito que a faz ser considerada, por gente superficial, como antagonista do progresso. Se a religião jamais repelisse a evidência dos fatos, não se afastaria dos homens sérios nem provocaria cismas, porquanto nada poderia prevalecer contra a evidência. Assim, a alta teologia, que conta homens eminentes pelo saber, sobre muitos pontos controvertidos admite uma interpretação conforme à sã razão. Apenas é lamentável que reserve suas interpretações aos privilegiados e continue a ensinar ao pé da letra nas escolas. Daí resulta que a letra, aceita inicialmente pelas crianças, é mais tarde rejeitada por elas quando chega a idade da razão. Nada tendo em compensação, tudo repelem, aumentando o número dos incrédulos absolutos. Ao contrário, daí às crianças apenas o que a razão possa admitir mais tarde; desenvolvendo-se a razão, as crianças serão fortificadas nos princípios que lhes tiverem sido inculcados. Assim falando, cremos servir aos verdadeiros interesses da religião; ela será sempre respeitada quando for mostrada conforme a realidade e quando não a fizerem consistir em alegorias, cuja realidade o bom senso não pode admitir.

## Um médium curador

Senhorita Désirée Godu, de Hennebon (Morbihan)

Pedimos aos nossos leitores que se reportem ao artigo do mês passado sobre os *médiuns spéciaux*; melhor compreenderão os ensinamentos que vamos dar sobre a Srta. Désirée Godu, cuja faculdade oferece um caráter da mais notável especialidade. Há cerca de oito anos, ela passou sucessivamente por todas as fases da mediunidade; a princípio, médium de efeitos físicos muito poderosa, tornou-se, sucessivamente, médium vidente, audiente, falante, escrevente, e, finalmente, todas as suas faculdades se concentraram na cura de doentes, que parece ser a sua missão, missão que desempenha com um devotamento e uma abnegação sem limites. Deixemos

falar a testemunha ocular, o Sr. Pierre, professor em Lorient, que nos transmite esses detalhes em resposta às perguntas que lhe dirigimos:

“A Srta. Désirée Godu, jovem de 25 anos, pertence a uma família muito distinta, respeitável e respeitada de Lorient; seu pai é um antigo militar, cavaleiro da Legião de Honra, e sua mãe, mulher paciente e laboriosa, ajuda a filha o quanto pode em sua penosa, mas sublime missão. Há mais ou menos seis anos que essa família patriarcal dá esmolas de remédios prescritos e, frequentemente, daquilo que é necessário aos curativos, tanto aos ricos quanto aos pobres que a procuram. Suas relações com os Espíritos começaram no tempo das mesas girantes; então ela residia em Lorient e, durante meses, não se falava senão das maravilhas operadas pela Srta. Godu com as mesas, sempre complacentes e dóceis sob suas mãos. Era um privilégio ser admitido às sessões de mesa em sua casa, e lá não entrava quem quisesse. Simples e modesta, não buscava pôr-se em evidência. Entretanto, como bem podeis imaginar, a maledicência não a poupou.

O próprio Cristo foi injuriado, embora só fizesse e ensinasse o bem. É de admirar que ainda se encontrem fariseus, quando ainda há homens que em nada creem? É a sina de todos os que mostram uma superioridade qualquer serem alvo dos ataques da mediocridade invejosa e ciumenta. Nada lhes custa para derrubar aquele que ergue a cabeça acima do vulgo, nem mesmo o veneno da calúnia; o hipócrita desmascarado jamais perdoa. Mas Deus é justo, e quanto mais maltratado for o homem de bem, tanto mais gloriosa será a sua reabilitação e mais humilhante a vergonha de seus inimigos: a posteridade o vingará.

Aguardando sua verdadeira missão que, conforme se diz, deve começar dentro de dois anos, o Espírito que a guia propôs-lhe a de curar todos os tipos de doenças, o que ela aceitou. Para comunicar-se, ele agora se serve de seus órgãos, muitas vezes à sua revelia, em vez das batidas insípidas das mesas. Quando é o Espírito que fala, o timbre de sua voz já não é o mesmo e os seus lábios não se movem.

A Srta. Godu recebeu apenas uma instrução comum, mas a parte principal de sua educação não devia ser obra dos homens. Quando consentiu em ser médium curadora, o Espírito procedeu metodicamente para a sua instrução, sem que ela não visse outra coisa além de mãos. Uma misteriosa personagem lhe punha sob os olhos livros, gravuras ou desenhos, e lhe explicava todo o funcionamento dos órgãos do corpo humano, as propriedades das plantas, os efeitos da eletricidade etc. Ela não é sonâmbula; ninguém a adormece. É completamente desperta que penetra os doentes com o olhar. O Espírito lhe indica os remédios, que ela geralmente prepara e aplica, cuidando e pensando as mais repugnantes feridas com a dedicação de uma irmã de caridade. Começaram por lhe dar a composição de certos unguentos que curavam em poucos dias os panarícios e as feridas de pequena gravidade, a fim de lentamente habituá-la a ver, sem muita repulsa, todas as horrendas e repugnantes misérias que deviam aparecer aos seus olhos, pondo a finura e a delicadeza de seus sentidos às mais rudes provas. Não imaginemos nela encontrar um ser sofredor, doentio e fraco; desfruta do *mens sana in corpore sano*<sup>16</sup> em toda a sua plenitude; longe de cuidar dos doentes por meio de um auxiliar, em tudo ela põe a própria mão, dando conta de tudo, graças à sua robusta constituição. Sabe inspirar aos doentes uma confiança sem limites, acha no coração consolações para todas as dores, tendo à mão remédios para todos os males. É de um caráter naturalmente alegre e jovial. Sua alegria é contagiante como a fé que a anima e atua instantaneamente sobre os doentes. Vi muitos se retirarem com os olhos cheios de lágrimas, doces lágrimas de admiração, de reconhecimento e de alegria. Todas as quintas-feiras, dia de feira, e domingos, das seis horas da manhã até cinco ou seis horas da tarde, a casa não se esvazia. Para ela, trabalhar é orar, e disso se desincumbe com consciência. Antes de ter de tratar os doentes, passava dias inteiros confeccionando roupas para os pobres e enxovais para os recém-nascidos, empregando os meios mais engenhosos para que os presentes chegassem ao destino anonimamente, de sorte que

---

<sup>16</sup> N.E.: Em latim, espírito sadio em corpo são. Frase de Juvenal, utilizada para demonstrar a necessidade de corpo sadio para serviços de ideais elevados.

a mão esquerda sempre ignorasse o que dava a direita. Possui grande número de certificados autênticos, concedidos por eclesiásticos, autoridades e pessoas notáveis, atestando curas que, em outros tempos, teriam sido consideradas miraculosas.”

Sabemos, por pessoas dignas de fé, que não há o menor exagero no relato que acabamos de transcrever e temos a satisfação de poder assinalar o digno emprego que a Srta. Godu faz da excepcional faculdade de que foi dotada. Esperamos que estes elogios, que temos o prazer de reproduzir no interesse da humanidade, não alterem sua modéstia, que dobra o valor do bem, e que ela não escute as sugestões do espírito do orgulho. O orgulho é o escolho de um grande número de médiuns, e vimos muitos cujas faculdades transcendentais se aniquilaram ou perverteram, desde que deram ouvidos a este demônio tentador. As melhores intenções não dão garantia contra os embustes e é precisamente contra os bons que dirige as suas baterias, pois se satisfaz em fazê-los sucumbir e mostrar que ele é o mais forte; insinua-se no coração com tanta habilidade que muitas vezes o enche sem que o suspeite. Assim, o orgulho é o último defeito que confessamos a nós mesmos, semelhante a essas moléstias mortais que se tem em estado latente e que sobre sua gravidade o doente se ilude até o último momento. Eis por que é tão difícil erradicá-lo.

A partir do momento que um médium desfrute de uma faculdade, por menos notável que seja, é procurado, elogiado, adulado. Para ele isso é uma terrível pedra de toque, pois acaba se julgando indispensável, se não for essencialmente simples e modesto. Infeliz dele, sobretudo se julgar que somente ele poderá entrar em contato com os Espíritos bons. Custa-lhe reconhecer que foi enganado e, muitas vezes, escreve ou ouve sua própria condenação, sua própria censura, sem acreditar que a ele seja dirigida. Ora, é precisamente essa cegueira que o aprisiona. Os Espíritos enganadores se aproveitaram para o fascinar, o dominar, o subjugar cada vez mais, a ponto de lhe fazerem tomar por verdades as coisas mais falsas; é assim que nele se perde o dom precioso, que não havia recebido de Deus senão para se tornar útil aos semelhantes, já que os Espíritos bons sempre

se afastam daqueles que preferem escutar os maus. Aquele a quem a Providência destina a ser posto em evidência o será pela força das coisas, e os Espíritos bem saberão tirá-lo da obscuridade, se isso for útil, ao passo que, muitas vezes, quanta decepção para quem é atormentado pela necessidade de fazer falar de si! O que sabemos do caráter da Srta. Godu dá-nos a firme confiança de que ela se encontra acima dessas pequenas fraquezas e, assim, jamais comprometerá, como tantos outros, a nobre missão que recebeu.

## Manifestações físicas espontâneas

### O PADEIRO DE DIEPPE

Os fenômenos pelos quais os Espíritos podem manifestar sua presença são de duas naturezas, que se designam pelos nomes de manifestações físicas e manifestações inteligentes. Pelas primeiras, os Espíritos atestam sua ação sobre a matéria; pelas segundas, revelam um pensamento mais ou menos elevado, conforme seu grau de depuração. Uma e outras podem ser espontâneas ou provocadas. São provocadas quando solicitadas pelo desejo e obtidas com o auxílio de pessoas dotadas de uma aptidão especial, isto é, dos médiuns. São espontâneas quando ocorrem naturalmente, sem nenhuma participação da vontade e, muitas vezes, na ausência de qualquer conhecimento e mesmo de qualquer crença espírita. É a esta ordem que pertencem certos fenômenos que não podem ser explicados pelas causas físicas ordinárias. Entretanto, não nos devemos apressar, como já temos dito, em atribuir aos Espíritos tudo quanto é insólito e não se compreende. Nunca insistiríamos demais neste ponto, a fim de nos precavermos contra os efeitos da imaginação e, muitas vezes, do medo. Repetimos: quando um fenômeno extraordinário se produz, o primeiro pensamento deve ser o de que tenha uma causa natural, por ser a mais frequente e a mais provável; tais são, sobretudo, os ruídos e mesmo certos movimentos de objetos. O que se precisa fazer, neste caso, é buscar a causa, sendo provável que a encontremos muito simples e muito vulgar.

Dizemos mais: O verdadeiro e, por assim dizer, único sinal de intervenção dos Espíritos é o caráter intencional e inteligente do efeito produzido, quando a impossibilidade de uma intervenção humana esteja perfeitamente demonstrada. Nessas condições, raciocinando conforme o axioma de que todo efeito tem uma causa, e que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente, torna-se evidente que, se a causa não estiver nos agentes ordinários dos efeitos materiais, estará fora desses mesmos agentes; que se a inteligência que age não for humana, é preciso que se encontre fora da humanidade. Haverá, então, inteligências extra-humanas? Isso parece provável. Se certas coisas não são e não podem ser obra dos homens, devem ser obra de alguém. Ora, se esse alguém não for um homem, parece que, necessariamente, deve estar fora da humanidade; se não o vemos, deve ser invisível. É um raciocínio tão peremptório e de tão fácil compreensão quanto o do Sr. de La Palisse.

Quais são, então, essas inteligências? Anjos ou demônios? E de que modo inteligências invisíveis podem agir sobre a matéria visível? — É o que sabem perfeitamente aqueles que se aprofundaram na ciência espírita, ciência que, como as outras, não é aprendida num piscar de olhos, nem pode ser resumida em algumas linhas. Aos que fazem tal pergunta, diremos apenas isto: *Como o vosso pensamento, que é imaterial, move à vontade o vosso corpo, que é material?* Acreditamos que eles não se embarçarão na solução deste problema e, se rejeitarem a explicação dada pelo Espiritismo desse fenômeno tão vulgar, é que têm outra muito mais lógica a opor. Mas até agora não a conhecemos.

Vamos aos fatos que motivaram estas observações. Vários jornais, entre outros o *Opinion nationale*, de 14 de fevereiro último, e o *Journal de Rouen*, de 12 do mesmo mês, relatam o seguinte fato, conforme o *Vigie de Dieppe*. Eis o artigo do *Journal de Rouen*:

O *Vigie de Dieppe* publica a seguinte carta de seu correspondente de Grandes-Ventes. Em nosso número de sexta-feira já assinalamos uma parte dos fatos hoje relatados neste jornal, mas a

emoção provocada na comuna por esses extraordinários acontecimentos nos leva a dar novos detalhes contidos nesta correspondência.

Hoje sorrimos das histórias mais ou menos fantásticas dos velhos tempos que se foram, não desfrutando os pretensos feiticeiros da atualidade de grande veneração. Não são mais acreditados em Grandes-Ventes que alhures. Contudo, nossos velhos preconceitos ainda têm alguns adeptos entre os aldeões, de modo que a cena verdadeiramente extraordinária, que acabamos de testemunhar, é bem adequada para fortalecer a sua crença supersticiosa.

Ontem pela manhã, o Sr. Goubert, um dos padeiros da nossa vila, seu pai, que lhe serve de operário, e um jovem aprendiz de 16 a 17 anos iam começar o trabalho rotineiro, quando perceberam que vários objetos deixavam espontaneamente seu lugar para se lançarem na masseira. Tiveram, assim, que refugar sucessivamente a farinha que trabalhavam, vários pedaços de carvão, dois pesos de tamanhos diversos, um cachimbo e uma vela. Apesar de sua extrema surpresa, continuaram a tarefa e tinham chegado a virar o pão, quando, de repente, uma porção de massa de dois quilos, escapando das mãos do jovem auxiliar, foi lançada a alguns metros de distância. Isto foi o prelúdio e como que a senha da mais estranha desordem. Então eram cerca de nove horas e, até o meio-dia, foi positivamente impossível ficar no forno e no aposento vizinho. Tudo foi posto em grande desordem, derrubado e quebrado. Os pães, atirados no meio da sala com as pranchas que lhes serviam de base, entre restos de toda sorte, foram completamente perdidos. Mais de trinta garrafas repletas de vinho quebraram-se sucessivamente e, enquanto o bolinete da cisterna rodava sozinho com extrema velocidade, as brasas, as pás, os cavaletes e os pesos saltavam no ar e executavam as mais diabólicas evoluções.

Em torno do meio-dia o tumulto cessou pouco a pouco e, algumas horas depois, quando tudo entrou em ordem e os utensílios repostos em seus lugares, o chefe da casa pôde retomar os trabalhos habituais.

Este bizarro acontecimento causou ao Sr. Goubert um prejuízo de no mínimo 100 francos.

A este mesmo relato o *Opinion nationale* acrescenta as seguintes reflexões:

Reproduzindo esta história singular, seria uma injúria aos nossos leitores preveni-los contra os fatos sobrenaturais que ela relata. Sabemos perfeitamente não se tratar de uma história do nosso tempo e que poderá escandalizar alguns dos doutos leitores do *Vigie*. No entanto, por mais inverossímil que pareça, não é menos verdadeira e, se necessário, cem pessoas poderão certificar-lhe a exatidão.

Confessamos não compreender bem as reflexões do jornalista, que parece contradizer-se. Por um lado, diz aos leitores que se *previnam contra os fatos sobrenaturais que a carta relata*, e termina dizendo que “por mais inverossímil que pareça, essa história não é menos verdadeira e, se necessário, cem pessoas poderiam certificar-lhe a exatidão”. De duas, uma: ou é verdadeira, ou é falsa. Se falsa, tudo está dito; se é verdadeira, como atesta o *Opinion nationale*, o fato revela uma coisa muito grave para ser tratada um tanto levemente. Ponhamos de lado a questão dos Espíritos e nela não vejamos senão um fenômeno físico. Não é bastante extraordinária para merecer a atenção de observadores sérios? Que, pois, os sábios se ponham à obra e, perscrutando os arquivos da Ciência, nos deem uma explicação racional, irrefutável, apontando a razão de todas as circunstâncias. Se não o podem, somos obrigados a admitir que não conhecem todos os segredos da natureza. E se apenas a ciência espírita dá a solução, é preciso optar entre a teoria que explica e a que nada explica.

Quando fatos desta natureza são relatados, nosso primeiro cuidado, antes mesmo de inquirir da realidade, é o de examinar se são ou não possíveis, conforme o que conhecemos da teoria das manifestações espíritas. Citamos alguns, demonstrando-lhes a absoluta impossibilidade, notadamente a história que narramos no

número de fevereiro de 1859, segundo o *Journal des Débats*, sob o título de *Meu amigo Hermann*, à qual certos pontos da Doutrina Espírita poderiam ter dado uma aparência de probabilidade. Sob este ponto de vista, os fenômenos que se passaram com o padeiro dos arredores de Dieppe nada têm de mais extraordinário que muitos outros, perfeitamente verificados, e que a solução completa é dada pela ciência espírita. Aos nossos olhos, portanto, se o fato não fosse verdadeiro, seria possível. Pedimos a um de nossos correspondentes de Dieppe, em quem temos plena confiança, que verificasse a realidade do fato. Eis o que nos responde:

“Hoje posso vos dar todas as informações que desejais, pois me informei em boa fonte. O relato do *Vigie* é a exata verdade; inútil relatar todos os fatos. Parece que vários homens de ciência vieram de muito longe para se darem conta desses fatos extraordinários, que não poderão explicar se não tiverem nenhuma noção da ciência espírita. Quanto aos nossos camponeses, estão confusos. Uns dizem que são feiticeiros; outros, que é porque o cemitério mudou de lugar e sobre o antigo sítio fizeram construções; e os espertalhões, que passam entre os seus por tudo saber, sobretudo se são militares, terminam dizendo: ‘Palavra de honra! Não sei como isso pode acontecer.’ Inútil dizer que não falta quem atribua grande parte de tudo isso ao diabo. Para fazer com que a gente do povo compreenda todos esses fenômenos, seria necessário iniciá-los na verdadeira ciência espírita, único meio de arrancar dentre eles a crença nos feiticeiros e todas as ideias supersticiosas, que ainda por muito tempo representarão o maior obstáculo à sua moralização.”

Terminaremos com uma última observação.

Ouvimos algumas pessoas dizerem que não queriam ocupar-se de Espiritismo, com receio de atrair os Espíritos e provocar manifestações do gênero da que acabamos de relatar.

Não conhecemos o padeiro Goubert, mas cremos poder afirmar que nem ele, nem seu filho, nem seu ajudante jamais

se ocuparam com os Espíritos. É mesmo de notar que as manifestações espontâneas se produzem preferencialmente entre pessoas que nenhuma ideia possuem do Espiritismo, prova evidente de que os Espíritos vêm sem ser chamados. Dizemos mais: O conhecimento *esclarecido* dessa ciência é o melhor meio de nos preservarmos dos Espíritos importunos, porque indica a *única* maneira racional de afastá-los.

Nosso correspondente está perfeitamente certo ao dizer que o Espiritismo é um remédio contra a superstição. Não será, com efeito, uma ideia supersticiosa a crença de que esses fenômenos estranhos se devem ao deslocamento do cemitério? A superstição não consiste na crença em um fato, quando é verificado, mas na causa irracional atribuída ao fato. Está, sobretudo, na crença em pretensos meios de adivinhação, no efeito de certas práticas, na virtude dos talismãs, nos dias e horas cabalísticos etc., coisas cujo absurdo e ridículo o Espiritismo demonstra.

## Estudo sobre o Espírito de pessoas vivas

O DR. VIGNAL

O Dr. Vignal, membro titular da Sociedade, tendo se oferecido para servir a um estudo sobre uma pessoa viva, como ocorreu com o conde de R..., foi evocado na sessão de 3 de fevereiro de 1860.

1. [A São Luís] Podemos evocar o Dr. Vignal?

*Resp.* — Sem nenhum perigo, pois, para isso, ele está preparado.

2. *Evocação.*

*Resp.* — Eis-me aqui. Juro em nome de Deus, o que não faria se respondesse por outro.

3. Embora estejais vivo, julgais necessário que a evocação seja feita em nome de Deus?

*Resp.* – Deus não existe tanto para os vivos quanto para os mortos?

4. Vede-nos tão claramente como quando em pessoa assistíeis às nossas sessões?

*Resp.* – Mais claramente.

5. Em que lugar estais aqui?

*Resp.* – Naturalmente no lugar onde minha ação é necessária: à direita e um pouco atrás do médium.

6. Para vir de Souilly até aqui, tivestes consciência do espaço transposto? Vistes o caminho que percorrestes?

*Resp.* – Não mais que o carro que me trouxe.

7. Poderíamos oferecer-vos uma cadeira?

*Resp.* – Sois muito bons, mas não estou tão fatigado quanto vós.

8. Como constatais vossa individualidade, aqui presente?

*Resp.* – Como os outros.

OBSERVAÇÃO – Ele faz alusão ao que já foi dito em caso semelhante, isto é, que o Espírito constata sua individualidade por meio do perispírito que, para ele, é a representação do seu corpo.

9. Entretanto, seríamos gratos se vós mesmos nos désseis a explicação.

*Resp.* – O que me pedis é uma repetição.

10. Já que não quereis repetir o que foi dito, é porque pensais do mesmo modo?

*Resp.* – Mas isto está bem claro.

11. Assim, para vós, vosso perispírito é uma espécie de corpo circunscrito e limitado?

*Resp.* – É evidente. Sem comentários.

12. Podeis ver o vosso corpo adormecido?

*Resp.* – Não daqui. Vi-o ao deixá-lo; tive vontade de rir.

13. Como se estabelece a relação entre vosso corpo, que está em Souilly, e vosso Espírito, que se encontra aqui?

*Resp.* – Como já vos disse, por um cordão fluídico.

14. Quereis descrever, o melhor possível, a fim de que possamos compreender a maneira por que vedes a vós mesmo, abstração feita do vosso corpo?

*Resp.* – É bem fácil; vejo-me como em vigília, ou antes — a comparação é melhor —, como a gente se vê em sonho. Tenho meu corpo, mas tenho consciência de que é organizado de outra maneira e mais leve que o outro. Não sinto o peso, a força de atração que me prende à Terra quando acordado. Numa palavra, como vos disse, não estou fadado.

15. A luz se vos apresenta com a mesma coloração que no estado normal?

*Resp.* – Não. Ela é acrescida de uma luminosidade inacessível aos vossos sentidos grosseiros. Entretanto, não infraís que a sensação produzida pelas cores sobre o nervo óptico seja diferente para mim: o que é vermelho é vermelho e assim por diante. Apenas os objetos que eu não via em vigília, em razão da obscuridade, são luminosos e perceptíveis para mim. Assim, a obscuridade não existe *absolutamente* para o Espírito, embora ele possa estabelecer uma diferença entre o que para vós é claro e o que não é.

16. Vossa visão é indefinida ou limitada ao objeto ao qual prestais atenção?

*Resp.* – Nem uma coisa nem outra. Não sei absolutamente o que ela pode experimentar, como modificações, para o Espírito inteiramente desprendido. Mas, para mim, sei que os objetos materiais são perceptíveis no seu interior; que minha vista os atravessa. Contudo, não poderia ver por toda parte, nem a distância.

17. Poderíeis prestar-vos a uma pequena experiência de prova, não motivada pela curiosidade, mas pelo desejo de nos instruírmos?

*Resp.* – De modo algum; isto me é expressamente proibido.

18. Era para lerdes a pergunta que acabam de me trazer e respondê-la sem que eu a dissesse.

*Resp.* – Eu o poderia, mas, repito, isto me é proibido.

19. Como tendes consciência da proibição que vos fizeram?

*Resp.* – Pela comunicação do pensamento do Espírito que me proíbe.

20. Pois bem! Eis a pergunta: Podeis ver-vos num espelho?

*Resp.* – Não. Que vedes num espelho? O reflexo de um objeto material. Não sou material e, portanto, só posso produzir o reflexo auxiliado pela operação que torna tangível o perispírito.

21. Assim, um Espírito que se encontrasse nas condições de um agêner, por exemplo, poderia ver-se num espelho?

*Resp.* – Certamente.

22. Neste momento, poderíeis julgar da saúde ou da doença de uma pessoa com tanta segurança quanto o faríeis em vosso estado normal?

*Resp.* – Com mais segurança.

23. Poderíeis dar uma consulta, se alguém vo-la pedisse?

*Resp.* – Poderia, mas não desejo fazer concorrência aos sonâmbulos e aos Espíritos benfeitores que os guiam. Quando estiver morto, não direi que não.

24. O estado em que agora vos encontrais é idêntico àquele em que estareis depois de morto?

*Resp.* – Não. Tereis certas percepções muito mais precisas; não esqueçais de que ainda me encontro ligado à matéria.

25. Vosso corpo poderia morrer enquanto estais aqui, sem que o suspeitásseis?

*Resp.* – Não. Morremos assim todos os dias.

26. Isto se compreende quanto à morte natural, sempre precedida de alguns sintomas. Suponhamos, porém, que alguém vos fira e mate instantaneamente; como o saberíeis?

*Resp.* – Eu estaria pronto para receber o golpe antes que o braço o desferisse.

27. Que necessidade teria vosso Espírito de retornar ao corpo, desde que nada mais haveria a fazer?

*Resp.* – É uma lei muito sábia, sem a qual, uma vez saído, muitas vezes poderíamos hesitar tão bem em voltar para ele, que seria um pretexto para suicidar-se... hipocritamente.

28. Suponhamos que vosso Espírito não estivesse aqui, mas em casa, passeando, enquanto o corpo dormisse. Deveríeis ver tudo quanto lá se passasse?

*Resp.* – Sim.

29. Neste caso, suponhamos que lá se praticasse uma ação má qualquer, por parte de um parente ou de um estranho. Vós o testemunharíeis?

*Resp.* – Sem dúvida, mas nem *sempre* livre para me opor. Entretanto, isso ocorre com mais frequência do que imaginais.

30. Qual a impressão que vos daria a visão dessa ação má? Ficaríeis tão afetado quanto se fôsseis testemunha ocular?

*Resp.* – Algumas vezes mais, algumas vezes menos, conforme as circunstâncias.

31. Experimentaríeis o desejo de vingança?

*Resp.* – Vingar-me, não; impedi-la, sim.

OBSERVAÇÃO – Resulta do que acaba de ser dito e, ademais, é a consequência do que já sabemos, que o Espírito de uma pessoa que dorme sabe perfeitamente o que se passa à sua volta; aquele que quisesse aproveitar-se do sono para cometer uma ação má em seu prejuízo engana-se quando crê não ser visto. Nem mesmo deveria contar com o esquecimento que se segue ao despertar, porquanto algumas vezes a pessoa pode guardar uma intuição muito forte para inspirar desconfianças. Os sonhos de pressentimento não passam de uma lembrança mais precisa daquilo que se viu. É ainda uma das consequências morais do Espiritismo. Dando a convicção do fenômeno, pode ser um freio para muita gente. Eis um fato que vem em apoio dessa verdade: certo dia alguém recebeu uma carta sem assinatura e muito descortês. Inutilmente tentou descobrir seu autor. É possível que durante a noite tenha sabido o que desejava saber, porque no dia seguinte, ao despertar, e sem que tivesse sonhado, seu pensamento se dirigiu a alguém de quem não havia suspeitado e, depois de uma verificação, certificou-se de que não se enganara.

32. Voltemos às vossas sensações e percepções. Por onde vedes?

*Resp.* – Por todo o meu ser.

33. Percebeis os sons? Por onde?

*Resp.* – É a mesma coisa, pois a percepção é transmitida ao Espírito por seus órgãos imperfeitos. Para vós deve ser claro que ele sinta, quando livre, numerosas percepções que vos escapam.

34. [Batem numa sineta] Ouvis o som perfeitamente?

*Resp.* – Mais do que vós.

35. Se vos fizessem ouvir música desafinada, experimentaríeis uma sensação semelhante à que sentis em estado de vigília?

*Resp.* – Não disse que as sensações fossem análogas; há uma diferença. Mas há percepções muito mais completas.

36. Percebeis os odores?

*Resp.* – Sem dúvida; sempre da mesma maneira.

OBSERVAÇÃO – Poderíamos dizer, conforme isso, que a matéria que envolve o Espírito é uma espécie de abafador que amortece a acuidade da percepção. Recebendo essa percepção sem intermediário, o Espírito desprendido pode captar nuances que escapam àquele a quem chegam, passando por um meio mais denso que o perispírito. Compreende-se, então, que os Espíritos sofredores possam ter dores que, por não serem físicas, do nosso ponto de vista, não deixam de ser mais pungentes que as dores corporais, e que os Espíritos felizes tenham prazeres dos quais as nossas sensações não nos podem dar uma ideia.

37. Se estivésseis diante de pratos apetitosos, sentiríeis vontade de comer?

*Resp.* – O desejo seria uma distração.

38. Suponhamos que neste momento, enquanto vosso Espírito está aqui, o corpo tenha fome. Que efeito a visão desses pratos produziria sobre vós?

*Resp.* – Isto me faria partir para satisfazer a uma necessidade irresistível.

39. Poderíeis fazer com que compreendêssemos o que se passa convosco quando deixais o corpo para vir aqui, ou quando nos deixais para retomar o corpo? Como o percebeis?

*Resp.* – Isto seria muito difícil. Entro como saio, sem o perceber, ou, melhor dizendo, sem dar-me conta da maneira por que se opera o fenómeno. Contudo, não penseis que o Espírito, ao entrar no corpo, esteja encerrado como num quarto. Ele irradia incessantemente para fora, de tal sorte que se pode dizer que frequentemente está mais fora do que dentro. Apenas a união é mais íntima e os laços mais apertados.

40. Vedes outros Espíritos?

*Resp.* – Aqueles que querem que eu veja.

41. Como os vedes?

*Resp.* – Como a mim mesmo.

42. Vedes alguns à nossa volta?

*Resp.* – Em multidão.

43. *Evocação de Charles Dupont* [Espírito de Castelnau-dary] – Atendo ao vosso apelo.

44. [Ao mesmo] Estais hoje mais tranquilo do que da última vez em que vos chamamos?

*Resp.* – Sim; progrido no bem.

45. Compreendeis agora que vossas penas não durarão sempre?

*Resp.* – Sim.

46. Entrevedes o fim dos sofrimentos?

*Resp.* – Não. Para minha punição, Deus não me permite ver o fim.

47. [Ao Sr. Vignal] Vedes o Espírito que acaba de responder?

*Resp.* – Sim; ele não é agradável de ver.

48. Podeis descrevê-lo?

*Resp.* – Vejo-o como foi visto, com a diferença de não ter mais sangue nem punhal, revelando sua fisionomia mais tristeza do que a estupidez feroz que apresentou na primeira aparição.

49. Desperto, tendes conhecimento do retrato que foi feito deste Espírito?

*Resp.* – Sim; além disso, estou informado.

50. Quando vedes um Espírito, como sabeis se seu corpo está morto ou vivo?

*Resp.* – Pelo seu cordão fluídico.

51. Como julgais o moral deste?

*Resp.* – Seu moral deve ser bem triste, mas ele melhora.

52. [A Charles Dupont] Ouvis o que se diz de vós. Isto vos deve encorajar a perseverar na via do progresso em que entraste.

*Resp.* – Obrigado; é o que procuro fazer.

53. Vedes o Espírito do médico com o qual conversamos?

*Resp.* – Sim.

54. Como o vedes?

*Resp.* – Vejo-o com um envoltório menos transparente que o dos outros Espíritos.

55. Como julgais que ele ainda esteja vivo?

*Resp.* – Os Espíritos comuns não têm forma aparente; este tem a forma humana. Está envolvido por matéria semelhante

a uma névoa, reproduzindo sua forma humana terrestre; o Espírito dos mortos não tem mais esse envoltório: dele está desprendido.

56. [Ao Sr. Vignal] Se evocássemos um louco, como o reconheceríeis?

*Resp.* – Não o reconheceria se sua loucura fosse recente, porquanto nenhuma ação teria sobre o Espírito. Mas se fosse alienado há muito tempo, a matéria poderia ter exercido certa influência sobre ele, produzindo sinais que me serviriam para reconhecê-lo, como em vigília.

57. Poderíeis descrever-nos as causas da loucura?

*Resp.* – Nada mais é que uma alteração, uma perversão dos órgãos, que não mais recebem as impressões de maneira regular, transmitindo falsas sensações e, por isso mesmo, realizando atos diametralmente opostos à vontade do Espírito.

OBSERVAÇÃO – Acontece muitas vezes que certas criaturas, cujo Espírito é perfeitamente são, apresentam nos membros e em outras partes do corpo movimentos involuntários e independentes de sua vontade, por exemplo, o que designamos *tiques nervosos*. Compreende-se que essa alteração, se em vez de ocorrer no braço ou nos músculos da face, se desse no cérebro, a emissão das ideias sofreria. A impossibilidade de dirigir ou de dominar esta emissão constitui a loucura.

58. Depois da última resposta do Sr. Vignal, o médium que servia de intérprete a Charles Dupont escreveu espontaneamente:

“Reconhecem-se esses Espíritos (os dos loucos) por sua chegada entre nós, pois giram em todos os sentidos, sem terem uma ideia firme, nem de Deus, nem das preces. Necessitam de tempo para se firmarem.” Assinado: CAUVIÈRE

Como ninguém tivesse pensado em chamar esse Espírito, o Sr. Belliol pergunta se não seria o do Dr. Cauvière, de

Marselha, de quem outrora foi aluno. – *Resp.* Sim, sou eu, morto há um ano e meio.

OBSERVAÇÃO — O Sr. Belliol reconhece a assinatura como a do Dr. Cauvière. Mais tarde pôde-se compará-la com uma assinatura original e constatar a perfeita semelhança da escrita e da rubrica.

59. [Ao Sr. Cauvière] A que devemos a honra de vossa visita inesperada?

*Resp.* – Não é a primeira vez que venho entre vós. Hoje achei uma ocasião favorável para me comunicar e a aproveitei.

60. Vedes vosso confrade Dr. Vignal, que aqui se acha em Espírito?

*Resp.* – Sim, eu o vejo.

61. Como reconheceis que ele ainda está vivo?

*Resp.* – Por seu envoltório, menos transparente que o nosso.

62. Esta resposta concorda com as que Charles Dupont acaba de dar, e nos pareceram ultrapassar o alcance de sua inteligência. Fostes vós quem lhas teríeis ditado?

*Resp.* – Eu podia perfeitamente influenciá-lo, visto estar aqui.

63. Em que estado vos encontrais, como Espírito?

*Resp.* – Ainda não reencarnei e, embora sendo um Espírito adiantado, estava longe de crer, na Terra, ao que chamais de espiritualismo. É preciso que faça minha educação aqui, onde me acho. Mas a minha inteligência, aperfeiçoada pelo estudo, sobreveio de repente.

64. Se quiserdes, iremos vos fazer uma pergunta preparada pelo Sr. Vignal; e pediremos a gentileza da resposta, cada um de seu lado, com o auxílio de vossos intérpretes particulares. Como encarais agora a diferença entre o Espírito dos animais e o do homem?

*Resp.* – Não me é muito mais fácil dizê-lo que no estado de vigília. Conforme meu pensamento atual, o Espírito animal dorme, está entorpecido moralmente, ao passo que no homem desperta inicialmente de forma muito penosa.

*Resp. do Sr. Cauvière* – O Espírito do homem é chamado a um maior aperfeiçoamento que o dos animais; a diferença é sensível, uma vez que, nestes últimos, não existe senão em estado de instinto; mais tarde o instinto pode aperfeiçoar-se.

65. Ele pode aperfeiçoar-se a ponto de tornar-se um Espírito humano?

*Resp.* – Pode, mas após ter passado por muitas existências animais, quer em nosso planeta, quer em outros.

66. Teríeis a gentileza de ditar-nos, um e outro, cada um por sua vez, uma pequena alocução espontânea, sobre assunto de vossa escolha?

Ditado do Sr. Cauvière

Meus bons amigos, sinto-me tão feliz em poder conversar um pouco convosco que desejo dar-vos um conselho, não a vós, particularmente, que sois crentes, mas àqueles cuja fé ainda é vacilante ou que não a têm e a repelem. É verdade que não posso ver aqui todos os meus confrades vivos, que não acreditariam em mim. Entretanto, eu lhes diria que, em vida, repeli altivamente a verdade, embora a sentisse no fundo do coração. A maioria deles faz como eu: por um falso amor-próprio não querem concordar com o que por vezes experimentam. Estão errados, porque a indecisão faz sofrer na Terra, sobretudo no momento de deixá-la. Instruí-vos, pois; sede de boa-fé; em vida sereis mais felizes, assim como no mundo em que me encontro atualmente. Se realmente o quiserdes, virei conversar algumas vezes convosco.

CAUVIÈRE

## Ditado do Sr. Vignal

Para que serve a Astronomia, e que nos importa o tempo que leva a bala de canhão para percorrer a distância que existe entre a Terra e o Sol? Assim raciocinam pessoas muito honradas, que não veem nas ciências outros resultados senão a aplicação que pode ser dada à indústria ou ao seu bem-estar. Mas sem a Astronomia, que razão teríeis para adotar o admirável sistema que estamos desenvolvendo, em vez de um outro, da autoria de Espíritos ignorantes ou invejosos?

Se a Terra, como se pensava antigamente, fosse o ponto central do universo; se os numerosos sóis que povoam o espaço mais não fossem que simples pontos brilhantes fixados numa abóbada de cristal, que razão teríeis para admitir o passado e o futuro do Espírito? A Astronomia, ao contrário, vem demonstrar que a vida planetária, que circula em torno de nosso Sol, reflete-se em redor de todos os que compõem a nebulosa, da qual nosso mundo faz parte; que todos esses planetas são organizados de maneira diferente um dos outros e que, em consequência, as condições de vida não são as mesmas. Sois então levados a perguntar se Deus cria instantaneamente e para cada corpo, especialmente, o Espírito que o deve animar. Por que razão teria julgado justo criá-lo aqui, e não acolá, na Terra e não em outro mundo, em tal condição e não em outra?

Uma lógica inflexível vos leva, assim, a admitir como expressão da maior verdade a habitabilidade dos mundos, a preexistência da alma e a reencarnação.

Então a Astronomia é útil, porque vos põe em condições de receber o esboço das sublimes verdades que, para vós, serão desenvolvidas como consequência do progresso que o Espiritismo e a própria Ciência farão. Porque, auxiliada pela indústria, ela é chamada a vos levar à descoberta de muitas outras maravilhas que apenas teríeis podido entrever. Doravante, a Astronomia e a Teologia são irmãs e vão marchar de mãos dadas.

VIGNAL, POR ARAGO

## SENHORITA INDERMUHLE

Surda-muda de nascença, 32 anos, viva, residente em Berna

Sessão de 10 de fevereiro de 1860

1. [A São Luís] Podemos entrar em comunicação com o Espírito da Srta. Indermuhle?

*Resp.* – Podeis.

2. *Evocação.*

*Resp.* – Eis-me aqui, e o afirmo em nome de Deus.

3. [A São Luís] Podereis dizer-nos se o Espírito que responde é realmente o da Srta. Indermuhle?

*Resp.* – Posso afirmar e vo-lo afirmo. Estais mais adiantados e credes que, se fosse um outro que respondesse em seu lugar, isto seria embaraçoso? A afirmação vos prova que ela está aqui. Compete a vós garantir uma boa comunicação, pela natureza e o móvel de vossas perguntas.

3.<sup>17</sup> Sabeis exatamente onde estais neste momento?

*Resp.* – Perfeitamente. Pensais que eu não tenha sido instruída sobre isso?

4. Como podeis responder aqui, se vosso corpo está na Suíça?

*Resp.* – Porque não é meu corpo que responde. Aliás, como bem o sabeis, ele é absolutamente incapaz de fazê-lo.

5. Que faz vosso corpo neste momento?

*Resp.* – Cochila.

---

<sup>17</sup> Nota do tradutor: Repetido o nº 3 tal como se encontra no original.

6. Está com saúde?

*Resp.* – Excelente.

OBSERVAÇÃO – O irmão da Srta. Indermuhle, que se achava presente, confirma que realmente ela goza de boa saúde.

7. Quanto tempo levastes para vir da Suíça até aqui?

*Resp.* – Um tempo inapreciável para vós.

8. Vistes o caminho que percorrestes?

*Resp.* – Não.

9. Estais surpresa de vos achar nesta reunião?

*Resp.* – Minha primeira resposta vos prova que não.

10. Que aconteceria se vosso corpo despertasse enquanto nos falais aqui?

*Resp.* – Eu lá estaria.

11. Existe um laço qualquer entre o vosso Espírito, aqui presente, e o corpo, que se encontra na Suíça?

*Resp.* – Sim; não fora assim, quem me advertiria de que devo voltar a ele?

12. Vede-nos bem distintamente?

*Resp.* – Sim, perfeitamente.

13. Compreendeis que possais ver-nos, mas que não vos vejamos?

*Resp.* – Mas sem dúvida.

14. Ouvis o ruído que faço neste momento, batendo?

*Resp.* – Aqui não sou surda.

15. Como percebeis, visto que, por comparação, não tendes a lembrança do ruído em estado de vigília?

*Resp.* – *Eu não nasci ontem.*

OBSERVAÇÃO – A lembrança da sensação do ruído lhe vem das existências em que ela não era surda. Esta resposta é perfeitamente lógica.

16. Escutaríeis música com prazer?

*Resp.* – Com tanto mais prazer quanto há muito tempo isto não me acontece. Cantai alguma coisa para mim.

17. Lamentamos não poder fazê-lo agora, e que aqui não haja um instrumento para vos proporcionar este prazer. Mas nos parece que vosso Espírito, desprendendo-se todos os dias durante o sono, deve transportar-se a lugares onde podeis ouvir música.

*Resp.* – Isto me acontece muito raramente.

18. Como podeis responder-nos em francês, já que sois alemã e não conheceis a nossa língua?

*Resp.* – O pensamento não tem língua; eu o comunico ao guia do médium, que o traduz na língua que lhe é familiar.

19. Qual é esse guia de que falais?

*Resp.* – Seu Espírito familiar. É sempre assim que recebeis comunicações de Espíritos estrangeiros, e é desse modo que os Espíritos falam todas as línguas.

OBSERVAÇÃO – Desta maneira, muitas vezes as respostas não nos chegariam senão de terceira mão. O Espírito interrogado transmite o pensamento ao Espírito familiar, este ao médium e o médium o traduz, seja pela escrita, seja pela palavra. Ora, podendo o médium ser assistido por Espíritos mais ou menos bons, isto explica como, em muitas outras circunstâncias, o pensamento do Espírito

interrogado pode ser alterado. Assim, no começo, São Luís disse que a presença do Espírito evocado nem sempre é suficiente para assegurar a integridade das respostas. Cabe a nós apreciá-las e julgar se são lógicas e se estão em relação com a natureza do Espírito. Aliás, segundo a Srta. Indermuhle, esta tríplice feira não ocorreria senão com os Espíritos estrangeiros.

20. Qual a causa da enfermidade que vos afetou?

*Resp.* – Uma causa voluntária.

21. Por que singularidade todos os vossos irmãos e irmãs, em número de seis, foram acometidos pela mesma enfermidade?

*Resp.* – Pelas mesmas causas que eu.

22. Assim, foi voluntariamente que todos escolhestes esta prova; pensamos que esta reunião na mesma família deve ter ocorrido como uma prova para os pais. É uma boa razão?

*Resp.* – Ela se aproxima da verdade.

23. Vedes aqui vosso irmão?

*Resp.* – Que pergunta!

24. Estais contente de vê-lo?

*Resp.* – Mesma resposta.

OBSERVAÇÃO – Sabe-se que os Espíritos não gostam de repetir. Nossa linguagem é tão lenta para eles que evitam tudo quanto lhes parece inútil. Eis um ponto que caracteriza os Espíritos sérios; os levianos, zombadores, obsessores e pseudossábios geralmente são faladores e prolixos. Como os homens a quem falta base, falam para nada dizer; as palavras substituem os pensamentos e eles julgam impor-se pelas frases redundantes e um estilo pedante.

25. Gostaríeis de dizer-lhe alguma coisa?

*Resp.* – Peço-lhe que receba a expressão dos meus sinceros agradecimentos, pelo bom pensamento que teve de chamar-me aqui, onde felizmente me acho em contato com Espíritos bons, embora veja alguns que não valem muito. Ganhei em instrução e não esquecerei o que lhe devo.

## Bibliografia – Siamora, a Druidesa ou o Espiritualismo no Século XV18

Por Clément de la Chave

As ideias espíritas fervilham em grande número de escritores antigos e modernos e muitos autores contemporâneos ficariam admirados se lhes provássemos, por seus próprios escritos, que são espíritas sem o saberem. Pode, pois, o Espiritismo encontrar argumentos em seus próprios adversários, que parecem ter sido impelidos, mau grado seu, a fornecer-lhe armas. Assim, os autores sacros e profanos apresentam um campo no qual não só se deve respigar, mas colher a mancheias. É o que nos propomos fazer algum dia; e então veremos se os críticos julgam acertado mandar aos hospícios aqueles que incensaram e que o nome, de pleno direito, tem autoridade nas letras, nas artes, nas ciências, na Filosofia ou na Teologia. O autor do opúsculo que anunciamos não é daqueles que se pode dizer espíritas sem o saberem; ao contrário, é um adepto sério e esclarecido, que se dispôs a resumir as verdades fundamentais da Doutrina numa ordem menos árida que a forma didática, e com o atrativo de um romance semi-histórico. Com efeito, aí encontramos o delfim que, mais tarde, foi Luís XI, e algumas personagens de seu tempo, com a descrição dos costumes da época. Siamora, último rebento das antigas druidesas, conservou as tradições do culto dos antepassados, mas esclarecida pelas verdades do Cristianismo. Num artigo da *Revista* do mês de abril de 1858, vimos a que grau haviam chegado os sacerdotes da Gália, no tocante à filosofia espírita. Não há, pois, nenhuma

<sup>18</sup> Nota de Allan Kardec: Um vol. in-18, preço 2 francos. Vannier, livreiro-editor, rue Notre-Dame-des-Victoires, nº 52 – 1860.

contradição em pôr essas mesmas ideias na boca de sua descendente. Ao contrário, é tornar evidente uma verdade muito pouco conhecida e, sob esse prisma, o autor bem mereceu dos espíritas modernos. Pode-se julgá-los pelas seguintes citações. Edda, jovem noviça, num momento de êxtase, dirigindo-se a Siamora, assim se explica:

“Sob a forma de meu bom anjo, de meu anjo familiar, aparece-me um Espírito. Oferece-se para guiar-me nas penosas visões daqui de baixo. Os homens, diz-me ele, são maus porque desconhecaram sua natureza espiritual; porque rejeitaram esse agente sutil, esse influxo divino que Deus havia espalhado para a sua felicidade na criação, e que os fazia iguais e irmãos. Então os homens curavam porque, fazendo apelo a esse agente sutil da criação, dele retiravam poderoso auxílio.”

.....

“É na hora da morte que cada homem me aparece! Ó tristeza! Ó desgosto! Que desespero amargo! Esses seres perversos deixaram de amar. Siamora, cada homem leva consigo, ao morrer, as virtudes e os vícios. Leve, ou carregada de faltas, sua alma se eleva mais ou menos, pois guardou pouco ou muito do agente sutil, o amor, essa substância de Deus que, conforme as afinidades, atrai para si as substâncias semelhantes e repele as que procedem de um princípio contrário.

“A alma do homem mau fica errante aqui embaixo, a todos insuflando sua essência corrompida. Tem a alegria do mal e o orgulho do vício. Nós a chamamos *demônio*; no Céu tem o nome de *irmão transviado*. — Mas de todos os corações piedosos, Siamora, eleva-se um suave vapor e, mau grado seu, a alma-demônio chega a ser saturada pelo mesmo; ela aí se retempera, despojando-se em parte de sua corrupção... Então começa a perceber a ideia de Deus, o que no estado de alma não podia fazer. Do mesmo modo que a alma leva consigo a imagem exata, embora toda espiritual de seu corpo, assim também a ela se junta esta outra, impregnada de seus vícios e imperfeições, e a alma se adensa e não pode ver.

“Nesse mundo invisível, acima do nosso, Siamora, onde com esforço pouco a pouco me elevo, nuvens brilhantes limitam-me a visão. Milhares de almas, Espíritos Celestes, nele entram e saem; como flocos de neve, abaixados, elevados, dispersos, correm arrastados pelo ímpeto caprichoso dos ventos. Em sua essência espiritual, descem até nós, os anjos, dizendo a uns palavras de paz, insinuando no coração de outros a crença divina; inspirando a este a busca da ciência, insuflando naquele o instinto do bem e do belo; porque foi tocado pelo dedo de Deus, aquele que, em sua arte, a esta levou o gosto das nobres e grandes coisas. Todo homem tem a sua Egéria, o seu conselho, seu ímã; a corda da salvação foi lançada a todos. Cabe a nós agarrá-la.”

.....

“E esse homem mau, ou antes, essa alma-demônio, cujos olhos, ao contato do ar puro, começaram a abrir-se, vai chorando seu crime e pedindo sofrimento para expiá-lo. Se é privado de auxílio, que fará?”

“Um anjo de caridade aproxima-se e lhe diz: *‘Irmão transviado, entra comigo na vida: lá está o inferno, o lugar de sofrimentos, onde cada um de nós se regenera. Vem, eu te sustentarei. Tratemos de ali fazer um pouco de bem, a fim de que, para ti, a balança do bem e do mal acabe por pender para o lado bom.’*”

“É assim, Siamora, que para todos os homens chega o momento de morrer. Vejo-os mais ou menos se elevando nos céus, entrar na vida, sofrer novamente, depurar-se, morrer ainda e subir incessantemente nos mais elevados espaços celestes. Ainda não alcançam o céu do Deus único, mas por meio de longas peregrinações através de outros mundos, muito mais maravilhosos e aperfeiçoados que este, à força de se depurar, chegarão a possuí-lo.”

# Ditados espontâneos

## O GÊNIO DAS FLORES

(Sessão de 23 de dezembro de 1859 – Médiun: Sra. de Boyer)

Sou Hettani, um dos Espíritos que presidem à formação das flores, à diversidade de seus perfumes. Sou eu, ou melhor, somos nós, porquanto somos milhares de Espíritos, que ornamos os campos, os jardins; que damos ao horticultor o gosto pelas flores. Não poderíamos ensinar-lhe a mutilação que por vezes protagoniza, mas lhe ensinamos a variar seus perfumes, a embelezar suas formas, já tão graciosas. Entretanto, é principalmente para as flores desabrochadas naturalmente que se volta toda a nossa atenção; a elas prodigalizamos mais cuidados ainda: são nossas preferidas. Como tudo quanto é só tem maior necessidade de auxílio, eis por que delas cuidamos melhor.

Também somos encarregados de espalhar os perfumes. Somos nós que levamos ao exilado uma lembrança de seu país, fazendo entrar em sua prisão o perfume das flores que ornavam o jardim paterno. Àquele que ama, e ama realmente, levamos o perfume das flores ofertadas pela sua noiva; ao que chora, uma lembrança dos que se foram, fazendo desabrochar em seus túmulos as rosas e violetas que lembram as suas virtudes.

Qual de vós não nos deve essas suaves emoções? Quem não estremeceu ao contato de um perfume amado? Estais perplexos, penso, ouvindo-nos dizer que há Espíritos para tudo isso e, no entanto, é a pura verdade. Nunca encarnamos e talvez jamais encarnaremos em vosso meio. Todavia, alguns já foram homens, mas poucos entre os Espíritos dos elementos. Nossa missão, em vossa Terra, nada representa; progredimos como vós, mas é principalmente nesses planetas superiores que somos felizes. Em Júpiter nossas flores reproduzem sons melodiosos e formamos as moradas aéreas, das quais somente os ninhos de colibris vos podem dar uma pálida ideia. Pela

primeira vez far-vos-ei a descrição de algumas dessas flores, não apenas magníficas, mas sublimes e dignas dos elevados Espíritos, aos quais servem de morada.

Adeus. Que um perfume de caridade vos anime. As próprias virtudes têm seu perfume.

## PERGUNTAS SOBRE O GÊNIO DAS FLORES

Sociedade, 30 de dezembro de 1859 – Médiun: Sr. Roze

1. [A São Luís] Outro dia tivemos uma comunicação espontânea de um Espírito que disse presidir às flores e seus perfumes; haverá de fato Espíritos que podemos considerar como gênios das flores?

*Resp.* – Esta expressão é poética e se aplica bem ao assunto. Mas, a bem dizer, seria defeituosa. Não deveis duvidar de que o Espírito preside, por toda a Criação, ao trabalho que Deus lhe confia. É assim que deve ser entendida essa comunicação.

2. Esse Espírito diz chamar-se *Hettani*. Como poderá ter um nome, se jamais encarnou?

*Resp.* – É uma ficção. O Espírito não preside, de maneira particular, à formação das flores. Antes de passar pela série animal, o Espírito elementar dirige sua ação fluídica para a criação dos vegetais. Este ainda não encarnou e somente age sob a direção de inteligências mais elevadas, que já viveram o bastante para adquirir a ciência necessária à sua missão. Foi um desses que se comunicou. Ele vos fez uma mistura poética da ação de duas classes de Espíritos que atuam na criação vegetal.

3. Não tendo ainda vivido, mesmo na vida animal, como esse Espírito pode ser tão poético?

*Resp.* – Relede.

OBSERVAÇÃO – Vide a observação feita após a pergunta 24.

4. Assim, o Espírito que se comunicou não é o que habita e anima a flor?

*Resp.* – Não, não. Já vo-lo disse muito claramente: ele guia.

5. Esse Espírito que nos falou esteve encarnado?

*Resp.* – Esteve.

6. O Espírito que dá a vida às plantas e às flores tem um pensamento, a inteligência do seu *eu*?

*Resp.* – Nenhum pensamento, nenhum instinto.

## FELICIDADE

(Sociedade, 10 de fevereiro de 1860 – Médiun: Srta. Eugénie)

Qual é o objetivo de cada indivíduo na Terra? Quer a felicidade a qualquer preço. O que é que faz que cada um siga uma rota diferente? É que cada um de nós espera encontrá-la num lugar ou numa coisa que lhe agrada particularmente: uns buscam a glória, outros, as riquezas, outros ainda, as honrarias. O maior número corre atrás da fortuna, pois atualmente é o meio mais poderoso de chegar a tudo. A tudo ela serve de pedestal. Mas quantos veem realizada essa necessidade de felicidade? Muito poucos. Perguntai a cada um dos que chegam se alcançou o objetivo a que se propunha; se são felizes. Todos responderão: ainda não; porque todos os desejos aumentam na proporção daqueles que são satisfeitos. Se hoje há tanta gente que quer interessar-se pelo Espiritismo, é porque, depois de ver que tudo é quimera e, mesmo assim, querendo alcançá-la, experimentam o Espiritismo, como tentaram a riqueza e a glória.

Se Deus pôs nos corações essa necessidade tão grande de felicidade, é que ela deve existir em algum lugar. Sim, tende confiança nele, mas sabeis que tudo quanto Deus promete deve ser divino como ele, e que a felicidade que buscais não pode ser material.

Vinde a nós, todos vós que sofreis; vinde a nós, todos vós que necessitais de esperança, porque, quando na Terra tudo vos faltar, nós aqui teremos mais do que solicitam as vossas necessidades. Mães desesperadas, que vos lamentais sobre um túmulo, vinde aqui: o anjo que pranteais vos falará, vos protegerá, vos inspirará a resignação às penas que suportastes na Terra. Todos vós que tendes insaciável necessidade da Ciência, dirigi-vos a nós, porquanto somente nós podemos dar ao vosso Espírito o alimento necessário. Vinde: saberemos achar um alívio para cada ferida e, por mais abandonados pareçais, há Espíritos que vos amam e estão prontos a vo-lo provar. Falo em nome de todos. Desejo que venhais pedir-nos conselhos, pois estou certa de que voltareis com a esperança no coração.

STAËL

NOTA – Um instante depois, o Espírito escreveu de novo, espontaneamente:

Muitas vezes o sorriso vem aos lábios de certos ouvintes; e, se escapa aos médiuns, não escapa aos Espíritos. Mas não temais; são os que mais sorriram que mais acreditarão depois, e nós vos perdoamos, porque um dia podereis vos arrepender de vossa ironia. Estou convicta de que, senhoras, se perto de cada uma de vós se achegasse um ser perdido que tivésseis amado, a recordar-vos uma lembrança, trocaríeis vosso sorriso de incredulidade por um suspiro e ficaríeis felizes ou ansiosas. Ficai tranquilas, vosso dia chegará e sereis tocadas pelo coração, porque, como bem o sei, é a vossa corda mais sensível.

STAËL

# À venda – *O livro dos espíritos* – Segunda edição

Inteiramente refundida e consideravelmente aumentada

Aviso sobre esta nova edição

Na primeira edição desta obra, anunciamos uma parte suplementar. Devia compor-se de todas as questões que ali não puderam entrar, ou que circunstâncias ulteriores e novos estudos deveriam originar. Mas como todas se referem a alguma das partes já tratadas, e das quais são o desenvolvimento, sua publicação isolada não teria apresentado nenhuma continuidade. Preferimos aguardar a reimpressão do livro para incorporar todo o conjunto, e aproveitamos para dar à distribuição das matérias uma ordem muito mais metódica, suprimindo ao mesmo tempo tudo quanto tivesse duplo sentido. Esta reimpressão pode, pois, ser considerada como obra nova, embora não tenham os princípios sofrido nenhuma alteração, salvo pouquíssimas exceções, que são antes complementos e esclarecimentos do que verdadeiras modificações. Esta conformidade com os princípios emitidos, malgrado a diversidade das fontes em que foram hauridos, é um fato importante para o estabelecimento da ciência espírita. Prova nossa própria correspondência que comunicações em tudo idênticas, se não quanto à forma, ao menos quanto ao fundo, foram obtidas em diferentes localidades, e isso muito antes da publicação do nosso livro, o que veio confirmá-las e dar-lhes um corpo regular. Por seu lado, a História atesta que a maioria desses princípios tem sido professada pelos homens mais eminentes, dos tempos antigos e modernos, assim trazendo a sua sanção.

## Aos leitores da *Revista* – Cartas não assinadas

Algumas vezes recebemos cartas que trazem como única subscrição: *Um dos vossos assinantes; um dos vossos leitores; um dos vossos adeptos* etc., sem outra designação. A maioria dessas cartas contém relatos de fatos, comunicações espíritas, perguntas pedindo resposta ou, ainda, solicitação de evocação de certas pessoas. Julgamos dever prevenir nossos leitores, assinantes ou não, que toda carta não autenticada será considerada não recebida; assim, não lhe daremos nenhuma atenção. Em nossos relatórios usamos de grande reserva quanto à publicação de nomes próprios, porque compreendemos a necessidade de certas posições, razão por que não citamos senão aqueles que nos autorizam. Outro, porém, é o critério a respeito das comunicações que nos fazem: tudo quanto não é assinado é refugado, até mesmo sem ser lido, pois nossos trabalhos se multiplicaram de tal forma que não nos permitem ocupar-nos com aquilo que não tenha um caráter sério.

ALLAN KARDEC

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

ABRIL DE 1860

Nº 4

## Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Sexta-feira, 24 de fevereiro de 1860 – Sessão geral

### *Comunicações diversas:*

1ª) Carta de Dieppe, confirmando em todos os pontos os fatos de manifestações espontâneas ocorridas na casa de um pai-deiro do vilarejo de Grandes-Ventes, perto de Dieppe, e relatados pelo *Vigie* (Publicada em nosso número de março).

2ª) Carta do Sr. M..., de Teil d'Ardèche, dando novas informações sobre fatos que se passaram no Castelo de Fons, perto de Aubenas.

3ª) Carta do barão Tscherkassoff, com detalhes circunstanciados e autênticos sobre um fato deveras extraordinário de manifestação espontânea por um Espírito perturbador, ocorrido em meados deste século, com um fabricante de São Petersburgo (Publicada a seguir).

4ª) Relato de um fato de aparição tangível, com todos os caracteres de um agênera, ocorrido em 15 de janeiro último, na comuna de Brix, perto de Valognes. O fato foi transmitido ao Sr. Ledoyen, por pessoa de seu conhecimento, e que verificou a sua exatidão (Publicada adiante).

5ª) Leitura de uma tradição muçulmana sobre o profeta Esdras, extraída do *Moniteur*, de 15 de fevereiro de 1860, e que se baseia sobre um fato de faculdade mediúnica.

*Estudos:*

1ª) Ditado espontâneo de Charlet, recebido pelo Sr. Didier Filho, dando continuidade ao trabalho começado.

2ª) Evocação do Sr. Jules-Louis C..., falecido em 30 de janeiro último, no hospital do Val-de-Grâce, em consequência de um câncer que lhe havia destruído parte da face e do maxilar. Esta evocação foi feita conforme o desejo de um de seus amigos, presente à sessão, e de uma pessoa da família. É instrutiva principalmente do ponto de vista da modificação das ideias após a morte, considerando-se que em vida o Sr. C... professava abertamente o materialismo.

3ª) Pede-se a São Luís dizer se é possível chamar o Espírito que se manifestou na casa do padeiro de Dieppe. Ele responde que não, por motivos que serão conhecidos mais tarde.

Sexta-feira, 2 de março de 1860 – Sessão particular

Exame e discussão de várias questões administrativas.

Estudo e apreciação de diversas comunicações espíritas, quer obtidas na Sociedade, quer fora das sessões.

Solicitado a dar um ditado espontâneo, São Luís escreve o que se segue, por intermédio da Srta. Huet:

“Eis-me aqui, meus amigos, pronto a vos dar meus conselhos, como tenho feito até hoje. Desconfiai dos Espíritos maus, que poderiam insinuar-se entre vós, procurando semear a desunião. Infelizmente, os que querem tornar-se úteis a uma obra sempre encontram obstáculos. Aqui não se acha a pessoa generosa que os conhece, mas o encarregado de executar os desejos que ela manifesta. Não temais; triunfareis de todos os obstáculos pela paciência, uma atitude firme contra as vontades que querem se impor. Quanto às diversas comunicações que me atribuem, muitas vezes é outro Espírito que toma meu nome. Pouco me comunico fora da Sociedade, que tomei sob meu patrocínio; aprecio esses lugares de reunião, que me são especialmente consagrados, mas é somente aqui que gosto de dar avisos e conselhos. Assim, desconfiai dos Espíritos que frequentemente se servem de meu nome. Que a paz e a união estejam entre vós! Em nome de Deus todo-poderoso, que criou o bem, eu vo-lo desejo.”

SÃO LUÍS

Um membro faz esta observação: Como pode um Espírito inferior usurpar o nome de um Espírito superior, sem o consentimento deste último? Isto não pode ser senão com má intenção. Por que, então, os Espíritos bons o permitem? Se não podem se opor, serão menos poderosos que os maus?

A isso foi respondido: Existe algo mais poderoso que os Espíritos bons: Deus. Pode Deus permitir que os Espíritos maus se manifestem para ajudá-los a se melhorarem e, além disso, para testar a nossa paciência, a nossa fé, a nossa confiança, a nossa firmeza em resistir à tentação e, sobretudo, exercitar a nossa perspicácia em distinguir o verdadeiro do falso. Depende de nós afastá-los por nossa vontade, provando-lhes que não somos tão tolos quanto pensam. Se lograrem domínio sobre nós, não será senão por nossa fraqueza. São o orgulho, o ciúme e todas as más paixões dos homens que fazem sua força, dando-lhes domínio. Sabemos, por experiência, que sua obsessão cessa quando veem que não conseguem fatigar-nos. Cabe,

pois, a nós mostrar-lhes que perdem tempo. Se Deus nos quer experimentar, não está no poder de nenhum Espírito opor-se aos seus desígnios. A obsessão dos Espíritos enganadores ou malévolos não resulta, pois, nem de seu poder, nem da fraqueza dos bons, mas de uma vontade que é superior a todos. Quanto maior a luta, maior o nosso mérito, se sairmos vencedores.

Sexta-feira, 9 de março de 1860 – Sessão particular

Leitura do projeto de modificações a ser introduzido no regulamento da Sociedade. A respeito, o Sr. Allan Kardec apresenta as seguintes observações:

*Considerações sobre o objetivo e o caráter da Sociedade:*

“Senhores,

Algumas pessoas parecem equivocadas quanto ao verdadeiro objetivo e o caráter da Sociedade. Permiti-me lembrá-los em poucas palavras.

O objetivo da Sociedade está claramente definido em seu título e no preâmbulo do regimento atual. Esse objetivo é, essencialmente e, pode-se dizer, com exclusividade, o estudo da ciência espírita. O que queremos, antes de tudo, não é nos convencer, pois já o estamos, mas instruir-nos e aprender o que não sabemos. Para tanto, queremos nos colocar nas mais favoráveis condições. Como esses estudos exigem calma e recolhimento, queremos evitar tudo quanto seja causa de perturbação. Tal é a consideração que deve prevalecer na apreciação das medidas que vamos adotar.

Partindo deste princípio, a Sociedade não se apresenta absolutamente como uma Sociedade de propaganda. Sem dúvida, cada um de nós deseja a difusão das ideias que julgamos justas e úteis, contribuindo no círculo de suas relações e na medida de suas forças; entretanto, será erro pensar que para isso seja necessário

estar reunidos em sociedade e, mais falso ainda, crer que a Sociedade seja a coluna sem a qual o Espiritismo estaria em perigo. Estando regularmente constituída, nossa Sociedade procede com mais ordem e método do que se marchasse ao acaso; mas, à parte isso, ela não é mais preponderante do que os milhares de sociedades livres ou reuniões particulares existentes na França e no estrangeiro. Ainda uma vez, o que ela quer é instruir-se; eis por que só admite em seu seio pessoas sérias e animadas do mesmo desejo, porque o antagonismo de princípios é uma causa de perturbação. Falo de um antagonismo sistemático sobre as bases fundamentais, porquanto não poderia ela, sem se contradizer, afastar a discussão sobre as questões de detalhe. Se adotou certos princípios gerais, não o fez por espírito de estreito exclusivismo. Ela tudo viu, tudo estudou, tudo comparou, e somente depois disso é que firmou uma opinião, baseada na experiência e no raciocínio. Só o futuro pode encarregar-se de lhe dar ou não razão. Mas, enquanto espera, não procura nenhuma supremacia e somente os que não a conhecem podem supor-lhe a ridícula pretensão de absorver todos os partidários do Espiritismo ou de fazer-se passar como reguladora universal. Se ela não existisse, cada um de nós instruir-se-ia por seu lado e, em vez de uma única reunião, talvez formássemos dez ou vinte: eis toda a diferença.

Não impomos nossas ideias a ninguém. Os que as adotam é porque as consideram justas. Os que vêm a nós é porque pensam aqui encontrar oportunidade de aprender, mas não se trata de uma *filiação*, pois não formamos *nem seita nem partido*. Reunimo-nos para estudar o Espiritismo, como outros se reúnem para estudar a frenologia, a história ou outras ciências. E como nossas reuniões não se baseiam em nenhum interesse material, pouco nos importa se outras se formam ao nosso lado. Na verdade, seria atribuir-nos ideias bem mesquinhas, bem estreitas e bem pueris crer que as veríamos com olhos ciumentos; os que pensassem em nos criar *rivalidades* mostrariam, por isso mesmo, quão pouco compreendem o verdadeiro espírito da Doutrina. Só lamentamos uma coisa: que nos conheçam tão mal, a ponto de nos suporem acessíveis

ao ignóbil sentimento do ciúme. Compreende-se que empresas mercenárias rivais, que podem prejudicar-se pela concorrência, se vejam com maus olhos. Mas se essas reuniões não tiverem em vista, como deveriam ter, senão um interesse puramente moral, e a elas não se misturarem nenhuma consideração *mercantil*, pergunto: Em que poderiam ser prejudicadas pela multiplicidade? Dirão, sem dúvida, que se não existe interesse material, há o do amor-próprio, o direito de destruir o crédito moral de seu vizinho. Mas talvez esse móvel fosse mais ignóbil ainda. Se é assim — que Deus não permita! —, apenas lamentaremos os que forem movidos por semelhantes pensamentos. Queremos sobrepujar os vizinhos? Tratemos de fazer melhor que eles; eis aí uma luta nobre e digna, desde que não seja ofuscada pela inveja e pelo ciúme.

Eis, pois, senhores, um ponto essencial, que não deve ser perdido de vista: não formamos uma seita, nem uma sociedade de propaganda, nem uma corporação com interesse comum; se deixássemos de existir, o Espiritismo não sofreria nenhum prejuízo, formando-se, de nossas ruínas, vinte outras sociedades. Portanto, os que buscassem destruir-nos com o objetivo de entravar o progresso das ideias espíritas nada ganhariam com isso; é necessário saberem que as raízes do Espiritismo não estão em nossa Sociedade, mas no mundo inteiro. Existe algo mais poderoso que eles, mais influente que todas as sociedades: é a Doutrina, que vai ao coração e à razão dos que a compreendem e, sobretudo, dos que a praticam.

Esses princípios, senhores, indicam-nos o verdadeiro caráter do nosso regimento, que nada tem em comum com os estatutos de uma corporação. Nenhum contrato nos liga uns aos outros; fora de nossas sessões não temos outras obrigações recíprocas que não sejam as de nos comportarmos como gente bem-educada. Os que nessas reuniões não encontrarem aquilo que nelas esperam achar têm toda liberdade de retirar-se; eu mesmo não compreenderia que permanecessem, desde que não lhes convenha o que aqui se faz. Não seria racional que viessem perder tempo.

Em toda reunião é preciso uma regra para a manutenção da boa ordem. Falando claramente, nosso regulamento nada mais é que uma instrução destinada a estabelecer ordem em nossas sessões, a manter, entre os assistentes, as relações de urbanidade e de conveniência que devem presidir a todas as assembleias de pessoas educadas, abstração feita das condições inerentes à especialidade de nossos trabalhos. Porque não tratamos apenas com homens, mas com Espíritos que, como sabeis, não são igualmente bons, e contra a velhacaria dos quais é preciso que nos resguardemos. Nesse número, alguns são muito astuciosos e podem mesmo, por ódio ao bem, impelir-nos a uma vida perigosa. Cabe a nós ter bastante prudência e perspicácia para frustrá-los, o que nos obriga a tomar precauções particulares.

Lembraí-vos, senhores, da maneira pela qual se formou a Sociedade. Eu recebia em minha casa algumas pessoas em pequeno comitê. Com o crescimento do grupo, acharam que era preciso um local maior. Para consegui-lo, teríamos de pagar; tivemos, portanto, que nos cotizar. Disseram mais: é preciso ordem nas sessões; não se pode admitir o primeiro que chegar; é necessário, portanto, um regulamento. Eis toda a história da Sociedade. Como vedes, é bem simples. Não entrou na cabeça de ninguém fundar uma instituição, nem se ocupar do que quer que seja fora dos estudos; eu próprio declaro, de maneira muito formal, que, se um dia a Sociedade quiser ir além, não a acompanharei.

O que fiz, outros são mestres em fazê-lo, ocupando-se à vontade, conforme seus gostos, suas ideias, seus pontos de vista particulares. E esses diferentes grupos podem perfeitamente entender-se e viver como bons vizinhos. A menos que utilizemos uma praça pública como local de assembleia, considerando-se que é impossível reunir num mesmo lugar todos os partidários do Espiritismo, esses diversos grupos devem ser fração de um grande todo, mas não seitas rivais. E o mesmo grupo, tornado muito numeroso, pode subdividir-se, como os enxames de abelhas. Estes grupos já existem em grande número e se multiplicam todos os dias. Ora,

é precisamente contra essa multiplicidade que a má vontade dos inimigos do Espiritismo virá quebrar-se, porque os entraves teriam como efeito inevitável, pela própria força das coisas, a multiplicação das reuniões particulares.

Entretanto, é preciso convir que em certos grupos há uma espécie de rivalidade, ou antes, de antagonismo. Qual a causa? Meu Deus! esta causa está na fraqueza humana, no espírito de orgulho que quer impor-se; está, sobretudo, no conhecimento ainda incompleto dos verdadeiros princípios do Espiritismo. Cada um defende os seus Espíritos, como outrora as cidades da Grécia defendiam seus deuses que, seja dito de passagem, não passavam de Espíritos mais ou menos bons. Essas dissidências só existem porque há pessoas que querem julgar antes de terem visto tudo, ou que julgam do ponto de vista de sua personalidade. Elas se apagarão, como muitas outras já se apagaram, à medida que a ciência se reformular; porque, em última análise, a verdade é uma só, e sairá do exame imparcial das diferentes opiniões. Esperando que a luz se faça sobre todos os pontos, qual será o juiz? Dir-se-á que é a razão. Mas quando duas pessoas se contradizem, cada uma invoca a sua razão. Que razão superior decidirá entre as duas?

Sem nos determos sobre a forma mais ou menos imponente da linguagem, forma que os Espíritos impostores e pseudossábios sabem muito bem tomar para seduzir pelas aparências, partimos do princípio de que os Espíritos bons não podem aconselhar senão o bem, a união e a concórdia; que sua linguagem é sempre simples, modesta, marcada pela benevolência, isenta de acrimônia, de arrogância e de fatuidade. Numa palavra, tudo nelas respira a mais pura caridade. Caridade — eis o verdadeiro critério para julgar os Espíritos e julgar-se a si próprio. Quem quer que, sondando o foro íntimo de sua consciência, encontrar um germe de rancor contra o próximo, mesmo um simples desejo do mal, pode dizer a si mesmo, sem sombra de dúvida, que é solicitado por um Espírito mau, porque esquece estas palavras do Cristo: ‘Sereis perdoados como vós mesmos houverdes perdoado.’

Portanto, se houvesse rivalidade entre dois grupos espíritas, os Espíritos verdadeiramente bons não poderiam estar ao lado daquele que lançasse anátema ao outro, pois jamais um homem sensato poderia acreditar que a inveja, o rancor, a malevolência, numa palavra, todo sentimento contrário à caridade pudesse emanar de uma fonte pura. Procurai, então, de que lado há mais caridade *prática*, e não de palavras, e reconheceréis sem dificuldade de que lado estão os melhores Espíritos e, conseqüentemente, de quais deles temos mais razão de esperar a verdade.

Estas considerações, senhores, longe de nos afastar do nosso objetivo, colocam-nos no verdadeiro terreno. Encarado desse ponto de vista, o regimento perde completamente seu caráter de contrato, para revestir aquele, bem mais modesto, de uma simples regra disciplinar.

Todas as reuniões, seja qual for o seu objetivo, deverão premunir-se contra um escolho: o dos caracteres trapalhões, que parecem nascidos para semear a perturbação e a cizânia, onde quer que se encontrem. A desordem e a contradição são o seu elemento. As reuniões espíritas, mais que as outras, devem pôr-se em guarda contra eles, porque as melhores comunicações só são obtidas na calma e no recolhimento, incompatíveis com sua presença e com os Espíritos simpáticos que os conduzem.

Em resumo, o que devemos buscar é remover todas as causas de perturbação e de interrupção; manter entre nós as boas relações, de que os espíritas sinceros, mais que outros, devem dar exemplo; opor-nos, por todos os meios possíveis, ao afastamento da Sociedade de seus objetivos, à abordagem de questões que não são de sua alçada, e que degenerem em arena de controvérsias e de personalismo. O que devemos buscar, ainda, é a possibilidade de execução, simplificando o mais possível as engrenagens. Quanto mais complicadas forem estas engrenagens, maiores serão as causas de perturbação. O relaxamento seria introduzido pela força das coisas, e deste à anarquia não há mais que um passo.”

Sexta-feira, 16 de março de 1860 – Sessão particular

Discussão e adoção do regimento modificado

Sexta-feira, 23 de março – Sessão particular

Nomeação dos membros do comitê.

*Estudos:*

Foram obtidos dois ditados espontâneos; o primeiro, do Espírito Charlet, pelo Sr. Didier Filho; o segundo, pela Sra. De Boyer, de um Espírito que disse ter sido forçado a vir acusar-se, por ter querido romper a boa harmonia e lançar a perturbação entre os homens, suscitando a inveja e a rivalidade entre os que deviam estar unidos. Cita alguns fatos dos quais foi culpado. Diz que esta confissão espontânea faz parte da punição que lhe é infligida.

## Formação da Terra – Teoria da incrustação planetária<sup>19,20</sup>

Nosso sábio confrade Sr. Jobard, de Bruxelas, nos escreve o que se segue, a propósito de nosso artigo sobre os pré-adamitas, publicado na *Revista* do mês passado:

“Permiti-me algumas reflexões sobre a criação do mundo, com vistas a reabilitar a *Bíblia* aos vossos olhos e aos dos livres-pensadores. Deus criou o mundo em seis dias, quatro mil anos antes da era cristã. Essa afirmativa os geólogos a contestam, firmados no estudo dos fósseis e dos milhares de caracteres incontestáveis de vetustez que fazem remontar a origem da Terra a milhares de milhões de anos. Entretanto, a Escritura disse a verdade e os geólogos

<sup>19</sup> Nota do tradutor: Vide *A gênese*, de Allan Kardec, cap. VIII, Teoria da incrustação.

<sup>20</sup> N.E.: Ver Nota explicativa, p. 561

também. E foi um simples campônio quem os pôs de acordo, ensinando que o nosso globo não é mais do que um planeta “incrustativo”, muito moderno, composto de materiais muito antigos.

Após o arrebatamento do *planeta desconhecido*, que chegara à maturidade, ou de harmonia com o que existiu no lugar que hoje ocupamos, a alma da Terra recebeu ordem de reunir seus satélites para formar a Terra atual, segundo as regras do progresso em tudo e por tudo. Somente quatro desses astros concordaram com a associação que lhes era proposta. Apenas a Lua persistiu na sua autonomia, visto que também os *globos têm o seu livre-arbítrio*. Para proceder a essa fusão, a alma da Terra dirigiu aos satélites um raio magnético, que pôs em estado cataléptico todo o mobiliário vegetal, animal e hominal que eles possuíam e que trouxeram para a comunidade. A operação teve por únicas testemunhas a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que a ajudaram nessa grande obra, abrindo aqueles globos para lhes dar entranhas comuns. Praticada a soldadura, as águas se escoaram para os vazios que a ausência da Lua deixara, da qual se tinha o direito de esperar uma melhor apreciação de seus interesses. As atmosferas se confundiram e começou o despertar ou *a ressurreição dos germens que estavam em catalepsia*. O homem foi o último a ser tirado do estado de hipnotismo e se viu cercado da luxuriante vegetação do paraíso terrestre e dos animais que pastavam em paz ao seu derredor. Tudo isto se podia fazer em seis dias, com obreiros tão poderosos como os que Deus encarregara da tarefa. O planeta *Ásia* trouxe a raça amarela, a de civilização mais antiga; o *África*, a raça negra; o *Europa*, a raça branca, e o *América*, a raça vermelha. A Lua certamente nos teria trazido a raça verde ou azul.

“Assim, certos animais, de que apenas os despojos são encontrados, nunca teriam vivido na Terra atual, mas teriam sido transportados de outros mundos desmanchados pela velhice. Os fósseis, que se encontram em climas sob os quais não teriam podido existir neste mundo, viviam sem dúvida em zonas muito diferentes nos globos onde nasceram. Tais despojos na Terra se encontram nos polos, ao

passo que viviam no equador dos globos a que pertenciam. E depois essas enormes massas, cuja possibilidade de existência não podemos conceber no ar, viviam no fundo dos mares, sob a pressão de um meio que lhes tornava fácil a locomoção. Os futuros levantamentos dos mares nos trarão outros despojos, muitos outros germens que despertarão de sua longa letargia para nos mostrar espécies desconhecidas de plantas, de animais e de autóctones, contemporâneos do dilúvio, e ficareis muito admirados ao descobrires, no meio do vasto oceano, novas ilhas, povoadas de plantas e animais que não podem vir de nenhuma parte, nem transportadas pelos ventos, nem pelas ondas.

Nossa ciência, que acha errada a *Bíblia*, terminará por restituir-lhe sua estima, como foi forçada a fazê-lo a propósito da rotação da Terra, pois não se trata de erro da *Bíblia*, mas dos que não a compreendem. Eis a prova:

Josué parou o Sol, dizendo-lhe: *Sta, sol!* Ora, desde então ele está parado, pois em parte alguma encontrais que ele lhe tenha ordenado que girasse novamente; e, se desde a derrota dos Amalequitas a noite continua sucedendo ao dia, é preciso admitir que a Terra gira. Então, não é Galileu, mas os inquisidores que mereciam ser censurados por não terem tomado a *Bíblia* ao pé da letra.

Também se negava a existência do licorne bíblico, e acabam de ser mortos dois nas montanhas do Tibete. Negava-se a aparição do espectro de Saul e, graças a Deus, estais a ponto de convencer os negadores. Lembremo-nos sempre desta advertência das Escrituras: *Noli esse incredulus sicut equus et mulus, quibus non est intellectus.*

Saudações cordiais e respeitosas ao autor da Etnografia do mundo espírita.”

JOBARD

A teoria da formação da Terra pela incrustação de vários corpos planetários já foi dada por certos Espíritos em diversas

épocas, por meio de médiuns estranhos entre si. Não nos fazemos adeptos dessa doutrina, que confessamos não ter sido ainda suficientemente estudada para sobre ela nos pronunciarmos, mas reconhecemos que merece um exame sério. As reflexões que ela nos sugere não passam de hipóteses, até que dados mais positivos venham confirmá-las ou desmenti-las. Enquanto esperamos, é uma baliza que pode abrir caminhos a grandes descobertas e guiar nas buscas. Talvez os cientistas um dia encontrem, nessa teoria, a solução de mais de um problema.

Mas — dirão certos críticos — não tendes confiança nos Espíritos, já que duvidais de suas afirmações? Como inteligências desprendidas da matéria podem remover todas as dúvidas da Ciência e projetar luz onde reina a obscuridade?

Isto é uma questão muito grave, que se liga à própria base do Espiritismo, e que não poderíamos resolver neste momento sem repetir o que já temos dito a respeito. Assim, aditaremos apenas algumas palavras, a fim de justificar nossas reservas. Para começar, responderemos que nos tornaríamos sábios com muita facilidade se cuidássemos tão somente de interrogar os Espíritos para conhecer tudo quanto ignoramos. Querendo Deus que adquiríssemos a ciência pelo trabalho, por isso mesmo não encarregou os Espíritos de no-la trazer pronta e acabada, favorecendo a nossa preguiça. Em segundo lugar a humanidade, como os indivíduos, tem a sua infância, sua adolescência, sua juventude e sua virilidade. Os Espíritos, encarregados por Deus de instruir os homens, devem, pois, proporcionar-lhes ensinamentos para o desenvolvimento da inteligência; não dirão tudo a todos, aguardando, antes de semear, que a terra esteja pronta para receber a semente que a fará frutificar. Eis por que certas verdades que nos são ensinadas hoje não o foram aos nossos pais, que também interrogavam os Espíritos; eis por que as verdades, para as quais ainda não estamos maduros, só serão ensinadas aos que vierem depois de nós. Nosso equívoco está em nos julgarmos chegados ao cume da escada, quando apenas nos achamos na metade do caminho.

Digamos, de passagem, que os Espíritos têm duas maneiras de instruir os homens. Tanto podem fazê-lo comunicando-se diretamente, o que tem ocorrido em todos os tempos, como o provam todas as histórias sagradas e profanas, quanto se encarnando entre eles, para o desempenho das missões de progresso. Tais são esses homens de bem e de gênio, que aparecem de tempos em tempos, como fochos para a humanidade, fazendo-a avançar alguns passos. Vede o que acontece quando esses mesmos homens vêm antes do tempo propício para as ideias que devem espalhar: são desconhecidos em vida, mas seus ensinamentos não ficam perdidos. Depositados nos arquivos do mundo, como um grão precioso posto de reserva, um belo dia levanta da poeira, no momento em que pode frutificar.

Desde então, compreende-se que, se o tempo requerido para disseminar certas ideias não houver ainda chegado, será em vão interrogarmos os Espíritos. Eles só podem dizer o que lhes é permitido. Mas também há outra razão, que compreendem perfeitamente todos os que têm alguma experiência do mundo espírita.

Não basta ser Espírito para possuir a ciência universal; do contrário, a morte nos tornaria quase iguais a Deus. Aliás, o simples bom senso recusa-se a admitir que o Espírito de um selvagem, de um ignorante ou de um malvado, desde que desprendido da matéria, esteja no nível do sábio ou do homem de bem. Isto não seria racional. Há, pois, Espíritos adiantados, e outros mais ou menos atrasados, que devem vencer diversas etapas e passar por numerosas peneiras, antes de se despojarem de todas as suas imperfeições. Disso resulta que no mundo dos Espíritos são encontradas todas as variedades morais e intelectuais existentes entre os homens e outras mais. Ora, prova a experiência que os maus se comunicam tão bem quanto os bons. Os que são francamente maus são facilmente reconhecíveis, mas há também, entre eles, semissábios, pseudossábios, presunçosos, sistemáticos e até hipócritas. Estes são os mais perigosos, porque afetam uma aparência de gravidade, de sabedoria e de ciência, em favor da qual enunciam, em meio a algumas verdades e boas máximas, as coisas mais absurdas. E, para melhor enganar, não receiam

adornar-se com os mais respeitáveis nomes. Separar o verdadeiro do falso, descobrir o embuste escondido numa exibição de palavras bonitas, desmascarar os impostores, eis, sem contradita, uma das maiores dificuldades da ciência espírita. Para superá-la, faz-se necessária uma longa experiência, conhecer todas as *astúcias* de que são capazes os Espíritos de baixa classe, ter muita prudência, ver as coisas com o mais imperturbável sangue-frio e, sobretudo, guardar-se contra o entusiasmo que cega. Com o hábito e um pouco de tato chega-se facilmente a desmascará-los, mesmo sob a ênfase da mais pretensiosa linguagem. Mas infeliz do médium que se julga infalível, que se ilude com as comunicações que recebe: o Espírito que o domina pode fasciná-lo a ponto de fazê-lo achar sublime aquilo que, muitas vezes, é apenas absurdo e salta aos olhos de todos, menos aos seus.

Voltemos ao assunto. A teoria da formação da Terra pela incrustação não é a única que tem sido dada pelos Espíritos. Em qual acreditar? Isto prova que, fora da moral, que não admite duas interpretações, não se deve aceitar as teorias científicas dos Espíritos senão com as maiores reservas, porque, uma vez mais, eles não estão encarregados de nos trazer a ciência acabada; estão longe de tudo saber, sobretudo no que diz respeito ao princípio das coisas; enfim, é preciso desconfiar das ideias sistemáticas que alguns deles procuram fazer prevalecer, às quais não têm escrúpulo de atribuir uma origem divina. Se examinarmos essas comunicações com sangue-frio, *sem prevenção*; se pesarmos maduramente todas as palavras, descobriremos facilmente os traços de uma origem suspeita, incompatível com o caráter do Espírito que se supõe falar. São, por vezes, heresias científicas tão patentes que só um cego ou uma pessoa muito ignorante não as perceberia. Ora, como admitir possa um Espírito superior cometer semelhantes absurdos? De outras vezes são expressões triviais, formas ridículas, pueris, e mil outros sinais que traem a inferioridade, para quem quer que não esteja fascinado. Que homem de bom senso acreditaria que uma doutrina contrária aos mais positivos dados da Ciência pudesse emanar de um Espírito sábio, ainda que trouxesse o nome de Arago? Como crer na bondade de um Espírito que dá conselhos contrários à caridade e à benevolência, ainda que

sejam assinados por um apóstolo da beneficência? Dizemos mais: há profanação em misturar nomes venerados a comunicações com evidentes traços de inferioridade. Quanto mais elevados os nomes, tanto mais devem ser acolhidos com circunspeção e mais se deve temer ser juguete de uma mistificação. Em suma, o grande critério do ensino dado pelos Espíritos é a lógica. Deus nos deu a capacidade de julgar e a razão para delas nos servirmos; os Espíritos bons no-las recomendam, nisto nos dando uma prova de superioridade. Os outros se guardam: querem ser acreditados sob palavra, pois sabem muito bem que no exame têm tudo a perder.

Como se vê, temos muitos motivos para não aceitar levemente todas as teorias dadas pelos Espíritos. Quando surge uma, limitamo-nos ao papel de observador; fazemos abstração de sua origem espírita, sem nos deixar fascinar pelo brilho de nomes pomposos; examinamo-la como se emanasse de um simples mortal e vemos se é racional, se dá conta de tudo, se resolve todas as dificuldades. Foi assim que procedemos com a doutrina da reencarnação, que não tínhamos adotado, embora vinda dos Espíritos, senão após haver reconhecido que ela só, *e só ela*, podia resolver aquilo que nenhuma filosofia jamais havia resolvido, e isso abstração feita das provas materiais que diariamente são dadas, a nós e a muitos outros. Pouco nos importam, pois, os contraditores, ainda que sejam Espíritos. Desde que ela seja lógica, conforme à Justiça de Deus, que não possam substituí-la por nada de mais satisfatório, não nos inquietamos mais do que os que afirmam que a Terra não gira em torno do Sol — porquanto há Espíritos que se julgam sábios — ou que pretendem que o homem veio completamente formado de um outro mundo, transportado nas costas de um elefante alado.

Menos ainda concordamos com o ponto de vista da formação e, sobretudo, do povoamento da Terra. Eis por que dissemos, no início, que para nós a questão não estava suficientemente elucidada. Encarada do ponto de vista exclusivamente científico, dizemos apenas que, à primeira vista, a teoria da incrustação não nos parecia desprovida de fundamento e, sem nos pronunciarmos pró nem

contra, dizemos haver nela matéria para exame. Com efeito, se estudarmos os caracteres fisiológicos das diferentes raças humanas, não é possível atribuir-lhes uma origem comum, porque a raça negra não é um abastardamento da raça branca. Ora, adotando a letra do texto bíblico, que faz todos os homens procederem da família de Noé, 2.400 anos antes da era cristã, seria preciso admitir não apenas que em alguns séculos esta única família tivesse povoado a Ásia, a Europa e a África, mas que se houvesse transformado em negros. Sabemos perfeitamente a influência que o clima e os hábitos podem exercer sobre a economia. Um sol ardente avermelha a epiderme e escurece a pele, mas em parte alguma se viu, mesmo sob o mais intenso ardor tropical, famílias brancas procriarem negros sem cruzamento de raças. Para nós, portanto, é evidente que as raças primitivas da Terra provêm de origens diferentes. Qual o princípio? Eis a questão e, até provas concretas, não é permitido a respeito fazer senão conjecturas. Aos sábios, pois, compete ver as que melhor concordam com os fatos constatados pela Ciência.

Sem examinar como foi possível a junção e a soldagem de vários corpos planetários para formar o nosso globo atual, devemos reconhecer que o fato não é impossível e, desde então, estaria explicada a presença simultânea de raças heterogêneas, tão diferentes em costumes e em línguas, de que cada globo teria trazido os germens ou os embriões; e, quem sabe, talvez indivíduos completamente formados. Nesta hipótese a raça branca proviria de um mundo mais adiantado do que o que teria trazido a raça negra. Em todo o caso, a junção não se teria operado sem um cataclismo geral, o que só teria deixado subsistir alguns indivíduos. Assim, conforme essa teoria, nosso globo seria, ao mesmo tempo, muito antigo por suas partes constituintes, e muito novo por sua aglomeração. Como se vê, tal sistema em nada contradiz os períodos geológicos que, assim, remontariam a uma época indeterminada e anterior à junção. Seja como for, e seja o que disser o Sr. Jobard, se as coisas se passaram assim, parece difícil que um tal acontecimento se tenha realizado e, sobretudo, que o equilíbrio de semelhante caos tenha podido estabelecer-se em seis dias de 24 horas. Os movimentos da

matéria inerte estão submetidos a leis eternas, que não podem ser derogadas senão por milagres.

Resta-nos explicar o que se deve entender por alma da Terra, porquanto não pode entrar na cabeça de ninguém atribuir uma vontade à matéria. Os Espíritos sempre disseram que alguns entre eles têm atribuições especiais. Agentes e ministros de Deus, dirigem, conforme o seu grau de elevação, os fatos de ordem física, bem como os de ordem moral. Assim como alguns velam pelos indivíduos, dos quais se constituem gênios familiares ou protetores, outros tomam sob seu patrocínio reuniões de indivíduos, grupos, cidades, povos e até mundos. Por alma da Terra deve-se, pois, entender-se o Espírito, chamado por sua missão a dirigi-la e a fazê-la progredir, tendo sob suas ordens inumeráveis legiões de Espíritos encarregados de velar pela realização de seus desígnios. O Espírito diretor de um mundo deve ser, necessariamente, de uma ordem superior, e tanto mais elevado quanto mais adiantado for aquele mundo.

Se insistimos sobre vários pontos que poderiam parecer estranhos ao assunto, foi precisamente por se tratar de uma questão científica eminentemente controversa. Importa que seja bem constatado, pelos que julgam as coisas sem conhecê-las, que o Espiritismo está longe de tomar por artigo de fé tudo quanto vem do mundo invisível; assim, como pretendem, ele não se apoia numa crença cega, mas na razão. Se nem todos os seus partidários guardam a mesma circunspeção, a culpa não é da ciência espírita, mas dos que não se dão ao trabalho de aprofundá-la. Ora, não seria mais lógico julgar o exagero de alguns, do que condenar a religião pela opinião dos fanáticos.

## **Cartas do Dr. Morhéry sobre a Srta. Désirée Godu**

Falamos sobre a notável faculdade da Srta. Désirée Godu, como médium curadora, e poderíamos ter citado atestados autênticos que temos sob os olhos. Mas eis um testemunho cujo alcance ninguém

contestará. Não se trata de um desses certificados liberados um tanto levemente, mas do resultado de observações sérias de um homem de saber, eminentemente competente para apreciar as coisas sob o duplo ponto de vista da Ciência e do Espiritismo. O Dr. Morhéry nos envia as duas cartas seguintes, cuja reprodução por certo nossos leitores agradecerão:

“Plessis-Boudet, perto de Loudéac (Côtes-du-Nord)

Senhor Allan Kardec,

Embora sobrecarregado de ocupações neste momento, como membro correspondente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, devo informar-vos de um acontecimento para mim inesperado e que, sem dúvida, interessa a todos os nossos colegas.

Nos últimos números de vossa *Revista* elogiastes a Srta. Désirée Godu, de Hennebon. Dissestes que depois de ter sido médium vidente, audiente e escrevente, esta senhorita se havia tornado, desde alguns anos, médium curadora. Foi nesta última qualidade que ela se dirigiu a mim, reclamando meu concurso como doutor em Medicina, para provar a eficácia de sua medicação, que poderíamos chamar *espírita*. A princípio pensei que as ameaças que lhe eram feitas e os obstáculos interpostos à sua prática médica, sem diploma, fossem a única causa de sua determinação; mas ela me disse que o Espírito que a dirige há seis anos havia aconselhado a medida como necessária, do ponto de vista da Doutrina Espírita. Seja como for, julguei ser de meu dever e do interesse da humanidade aceitar sua generosa proposta, mas duvidava que ela a realizasse. Sem a conhecer, nem jamais tê-la visto, tinha sabido que essa piedosa jovem não havia querido separar-se de sua família senão numa circunstância excepcional, para cumprir uma missão não menos importante, na idade de 17 anos. Fiquei, pois, agradavelmente surpreendido ao vê-la chegar em minha casa, conduzida por sua mãe, que deixou no dia seguinte com profunda mágoa; mas essa mágoa era temperada pela coragem da resignação. Há dez dias a Srta. Godu está no seio de minha família, da qual constitui a alegria, malgrado sua enervante ocupação.

Desde sua chegada, já constatee 75 casos de observações de doenças diversas, para a maioria das quais os recursos da Medicina haviam falhado. Temos amauroses, oftalmias graves, paralisias antigas e rebeldes a todo tratamento, escrofulosos, herpéticos, cataratas e cânceres avançados. Todos os casos são numerados, a natureza da moléstia por mim constatada, os curativos mencionados, e tudo é ordenado como numa sala clínica destinada a observações.

Ainda não há tempo suficiente para que eu me possa pronunciar de maneira peremptória sobre as curas operadas pela medicação da Srta. Godu. Mas, desde hoje, posso manifestar minha surpresa pelos resultados revulsivos que ela obtém pela aplicação de seus unguentos, cujos efeitos variam ao infinito, por uma causa que eu não poderia explicar dentro das regras ordinárias da Ciência. Também vi com prazer que ela cortava as febres sem nenhuma preparação de quinina ou de seus extratos, por meio de simples infusões de flores ou de folhas de diversas plantas.

Acompanho com vivo interesse o tratamento de um câncer bastante avançado. Esse câncer, diagnosticado e tratado sem sucesso, como sempre, por vários colegas, é objeto da maior preocupação da Srta. Godu. Não são uma nem duas vezes que ela o pensa, mas a todas as horas. Desejo sinceramente que seus esforços sejam coroados de sucesso e que cure este indigente, que trata com zelo acima de qualquer elogio. Se o conseguir, pode-se naturalmente esperar que logrará outros e, neste caso, prestará um imenso serviço à humanidade, curando essa terrível e atroz moléstia.

Sei que alguns confrades censurarão e sorrirão da esperança em que me embalo. Mas que me importa, desde que essa esperança se realize! Já me fazem reprimendas por prestar concurso a uma pessoa cuja intenção ninguém contesta, mas que a aptidão para curar é negada pela maioria, considerando-se que tal aptidão não lhe foi dada pela Faculdade.

A isto responderei: não foi a Faculdade que descobriu a vacina, mas simples pastores; não foi a Faculdade que descobriu a

cortiça do Peru, mas os indígenas daquele país. A Faculdade constata os fatos; agrupa-os e classifica-os para formar a preciosa base do ensino, mas não os produz exclusivamente. Alguns tolos — infelizmente há muitos por aqui, como em toda parte — se julgam espirituosos por qualificarem a Srta. Godu de feiticeira. Certamente é uma feiticeira amável e bastante útil, pois não inspira nenhum temor de feitiçaria nem o desejo de sacrificá-la na fogueira.

A outros, que pretendem seja ela instrumento do demônio, responderei sem rodeios: se o demônio vem à Terra curar os incuráveis, abandonados e indigentes, forçoso é concluirmos que finalmente ele se converteu, merecendo, por isso, os nossos agradecimentos. Ora, duvido muito que entre os que assim falam não haja muitos que prefiram ser curados por suas mãos a morrer nas mãos de médico. Recebamos, pois, o bem de onde vier e, a não ser com provas autênticas, não atribuamos o seu mérito ao diabo. É mais moral e mais racional atribuir o bem a Deus e lho agradecer; a respeito, penso que minha opinião será partilhada por vós e por todos os meus colegas.

Aliás, que isso se torne ou não uma realidade, sempre resultará algo para a Ciência. Não sou homem de olvidar certos meios empregados, que hoje muito negligenciamos. Diz-se que a Medicina fez imensos progressos. Sim, sem dúvida, para a Ciência, mas não tanto na arte de curar. Aprendemos muito e muito esquecemos. O Espírito humano é como o oceano: não pode abarcar tudo; quando invade uma praia, deixa outra. Voltarei ao assunto e vos porei ao corrente dessa curiosa experiência. Ligo a ela a maior importância; se triunfar, será uma brilhante manifestação contra a qual será impossível lutar, porque nada detém os que sofrem e querem curar-se. Estou decidido a tudo afrontar com esse objetivo, mesmo o ridículo que tanto se teme na França.

Aproveito a oportunidade para vos enviar minha tese inaugural. Se vos derdes ao trabalho de lê-la, compreendereis facilmente quanto eu estava disposto em admitir o Espiritismo. Esta tese

foi defendida quando a Medicina havia caído no mais profundo materialismo. Era um protesto contra essa corrente que nos arrastou para a Medicina orgânica e a farmacologia mineral, de que tanto se abusou. Quanta saúde arruinada pelo uso de substâncias minerais que, em caso de insucesso, aumentam o mal e, no de melhora, muitas vezes deixam traços em nosso organismo!

Aceitai etc.”

MORHÉRY

“20 de março de 1860.

Senhor,

Em minha última carta anunciei-vos que a Srta. Désirée Godu tinha vindo exercer sua faculdade curadora sob minhas vistas. Hoje venho vos trazer algumas novidades.

Desde 25 de fevereiro, comecei minhas observações sobre um grande número de doentes, quase todos indigentes e impossibilitados de tratamento adequado. Alguns têm doenças pouco importantes. A maioria, porém, é acometida por afecções que resistiram aos meios curativos ordinários. Cataloguei, desde 25 de fevereiro, 152 casos de moléstias muito variadas. Infelizmente, em nossa região, sobretudo os doentes indigentes seguem seus caprichos e não têm paciência para se resignarem a um tratamento contínuo e metódico. Desde que experimentam melhora, julgam-se curados e nada mais fazem. É um fato muitas vezes constatado em minha clientela e que, necessariamente, deveria ocorrer com a Srta. Godu.

Como já vos disse, nada quero prejudicar, nada afirmar, exceto os resultados constatados pela experiência. Mais tarde farei o inventário de minhas observações e constatarei as mais notáveis. Mas, desde já, posso exprimir a minha admiração por certas curas obtidas fora dos meios ordinários.

“Vi curar sem quinino três episódios de febres intermitentes, rebeldes, dos quais um havia resistido a todos os meios por mim empregados.

“A Srta. Godu curou igualmente três panarícios e duas inflamações subaponevróticas da mão, em poucos dias. Fiquei deveras surpreendido.

“Posso também constatar a cura, ainda não radical, mas muito avançada, de um de nossos mais inteligentes trabalhadores, Pierre Le Boudec, de Saint-Hervé, surdo há 18 anos; ele ficou tão maravilhado quanto eu, quando, após três dias de tratamento, pôde ouvir o canto dos pássaros e a voz de seus filhos. Vi-o esta manhã; tudo leva a crer numa cura radical dentro em pouco.

Entre nossos doentes, o que mais atrai minha atenção neste momento é um tal Bigot, operário em Saint-Caradec, acometido há dois anos e meio por um câncer do lábio inferior. O câncer chegou ao último grau; o lábio inferior está parcialmente destruído; as gengivas, as glândulas sublinguais e submaxilares estão tomados pelo câncer; o próprio osso maxilar inferior está afetado pela moléstia. Quando se apresentou em minha casa, seu estado era desesperador; suas dores eram atrozes; não dormia há seis meses; qualquer operação era impraticável, pois o mal estava muito avançado; a cura me parecia impossível e o declarei com toda franqueza à Srta. Godu, a fim de premuni-la contra uma derrota inevitável. Minha opinião não variou quanto ao prognóstico; não posso acreditar na cura de um câncer tão avançado. Entretanto, devo declarar que, desde o primeiro curativo, o doente experimenta alívio e, a partir de 25 de fevereiro, dorme bem e se alimenta; voltou-lhe a confiança; a ferida mudou de aspecto de modo visível e, se isso continuar, a despeito de minha opinião tão formal, serei obrigado a esperar uma cura. Se realizar-se, será o maior fenômeno de cura que se possa constatar. É preciso esperar e ter paciência com o doente. A Srta. Godu tem com ele um cuidado todo especial; por vezes tem feito curativos de meia em meia hora. Esse indigente é o seu favorito.

Quanto a outras coisas, nada tenho a dizer. Poderia edificar-vos sobre os boatos, mexericos e alusões à feitiçaria, mas como a tolice é inerente à humanidade, não me dou ao trabalho de tentar erradicá-la.

Aceitai, etc.”

MORHÉRY

OBSERVAÇÃO – Como se pode ficar convencido pelas duas cartas acima, o Dr. Morhéry não se deixa fascinar pelo entusiasmo; observa as coisas friamente, como homem esclarecido que não se permite ilusões; demonstra inteira boa-fé e, pondo de lado o amor-próprio do médico, não teme confessar que a natureza pode prescindir dele, inspirando a uma jovem sem instrução os meios de curar que ele não encontrou sequer em sua Faculdade, nem em seu próprio cérebro, não se julgando humilhado por isso. Seus conhecimentos de Espiritismo mostram-lhe que a coisa é possível, sem que, por isso, haja derrogação das leis da natureza; ele a compreende, desde que essa notável faculdade é para ele um simples fenômeno, mais desenvolvido na Srta. Godu que em outros. Pode-se dizer que essa jovem representa, para a arte de curar, o que Joana d’Arc representava para a arte militar. O Dr. Morhéry, esclarecido sobre os dois pontos essenciais — o Espiritismo como fonte e a Medicina ordinária como controle —, pondo de lado o amor-próprio e qualquer sentimento pessoal, encontra-se na melhor posição para julgar imparcialmente, e nós cumprimos a Srta. Godu pela resolução tomada de colocar-se sob seu patrocínio. Sem dúvida os leitores nos serão gratos por mantê-los ao corrente das observações que serão feitas ulteriormente.

## Variedades

### O FABRICANTE DE SÃO PETERSBURGO

O seguinte fato de manifestação espontânea foi transmitido ao nosso colega Sr. Kratzoff, de São Petersburgo, por seu compatriota, o barão Gabriel Tscherkassoff, que reside em Cannes

(Var) e garante a sua autenticidade. Aliás, parece que o fato é muito conhecido e fez sensação na época em que ocorreu.

“No começo do século havia em São Petersburgo um rico artesão, que empregava grande número de operários em suas oficinas. Seu nome me escapa, mas creio que era inglês. Homem probo, humano e comportado, não só desfrutava a boa renda de seus produtos, mas, muito mais ainda, do bem-estar físico e moral de seus operários que, conseqüentemente, ofereciam o exemplo de boa conduta e de uma concórdia quase fraternal. Conforme um costume observado na Rússia até hoje, o patrão custeava o alojamento e a alimentação, ocupando os operários os andares superiores e as águas-furtadas da mesma casa que ele. Certa manhã, ao despertar, vários operários não encontraram suas roupas, que haviam posto de lado ao se deitarem. Não se podia pensar em roubo. Conjeturaram inutilmente e suspeitaram que os mais maliciosos tinham querido pregar uma peça em seus camaradas. Enfim, graças às buscas realizadas, encontraram todos os objetos desaparecidos, no celeiro, nas chaminés e até nos telhados. O patrão fez advertências gerais, já que ninguém se confessava culpado; ao contrário, todos protestavam inocência.

Passado algum tempo, o mesmo fato se repetiu; novas advertências, novos protestos. Pouco a pouco o fenômeno começou a se repetir todas as noites e o patrão inquietou-se bastante, porque além de seu trabalho ser muito prejudicado, via-se ameaçado pela debandada de todos os operários, que temiam permanecer numa casa onde se passavam, segundo eles, coisas sobrenaturais. Seguindo o conselho do patrão, foi organizado um serviço noturno, escolhido pelos próprios operários, para surpreender o culpado. Mas nada conseguiram: ao contrário, as coisas pioravam cada vez mais. Para alcançar seus quartos, os operários deviam subir escadas que não estavam iluminadas. Ora, aconteceu a vários deles receber pancadas e bofetões e, quando procuravam defender-se, não batiam senão no vazio, enquanto a violência dos golpes os fazia supor que tratavam com um ser sólido. Desta vez o patrão os aconselhou a se dividirem em dois grupos: um deveria ficar na parte superior da escada, e o

outro embaixo. Desta maneira o brincalhão de mau gosto não poderia escapar e receber o corretivo que merecia. Mas a providência do patrão falhou novamente; os dois grupos apanharam bastante e cada um acusava o outro. As recriminações tornaram-se atrozes e a desinteligência entre os operários chegou ao cúmulo, de modo que o pobre patrão já pensava em fechar as oficinas ou mudar-se.

Uma noite estava sentado, triste e pensativo, cercado pela família. Todos estavam abatidos quando, de repente, ouviu-se um grande ruído no aposento ao lado, que lhe servia de gabinete de trabalho. Levantou-se precipitadamente e foi procurar a causa do barulho. Ao abrir a porta, a primeira coisa que viu foi sua escrivaninha aberta e um castiçal aceso. Ora, há poucos instantes ele havia fechado a escrivaninha e apagado a luz. Ao aproximar-se, distinguiu sobre a mesa um tinteiro de vidro e uma pena que não lhe pertenciam, além de uma folha de papel sobre a qual estavam escritas estas palavras, que não tinham tido tempo de secar: 'Manda demolir a parede em tal lugar (era acima da escada); aí encontrarás ossadas humanas, que mandarás sepultar em terra santa.' O patrão tomou o papel e correu a informar a polícia.

No dia seguinte começaram a procurar de onde proviham o tinteiro e a pena. Mostrando-os aos moradores da mesma casa, chegaram até um negociante de gêneros alimentícios que tinha a sua quitanda no rés do chão e que reconheceu um e outra como seus. Interrogado sobre a pessoa a quem os dera, respondeu: 'Ontem à noite, já tendo fechado a porta da loja, ouvi uma leve batida no postigo da janela; abri e um homem, cujos traços não me foi possível distinguir, disse-me:

— Peço-te que me dês um tinteiro e uma pena; eu tos pagarei.

Tendo-lhe passado os dois objetos, ele me atirou uma grande moeda de cobre, que ouvi cair no assoalho, mas não pude encontrar.'

Demoliram a parede no lugar indicado e aí encontraram ossadas humanas, que foram enterradas, voltando tudo ao normal. Jamais se soube a quem pertenciam aqueles ossos.”

Fatos desta natureza devem ter ocorrido em todas as épocas e vê-se que não são provocados absolutamente pelos conhecimentos espíritas. Compreende-se que, em séculos recuados, ou entre povos ignorantes, tenham dado lugar a todo tipo de conjecturas supersticiosas.

### APARIÇÃO TANGÍVEL

No dia 14 de janeiro último, o Sr. Lecomte, cultivador na comuna de Brix, distrito de Valognes, foi visitado por um indivíduo que se dizia um de seus antigos camaradas, com o qual havia trabalhado no porto de Cherbourg, e sua morte remonta a dois anos e meio. A aparição tinha por fim pedir a Lecomte que mandasse rezar uma missa. No dia 15 houve recorrência da aparição. Menos espantado, Lecomte efetivamente reconheceu o antigo camarada, mas, ainda perturbado, não soube o que responder. O mesmo aconteceu em 17 e 18 de janeiro. Somente no dia 19 Lecomte disse-lhe:

— Já que desejas uma missa, onde queres que seja rezada? Assistirás a ela?

— Desejo — respondeu o Espírito — que a missa seja realizada na capela de São Salvador, dentro de oito dias; lá estarei. — E acrescentou: — Há muito tempo que eu não te via e a distância era longa para vir te procurar.

Dito isto, retirou-se, *apertando-lhe a mão*.

O Senhor Lecomte cumpriu sua promessa: em 27 de janeiro a missa foi rezada em São Salvador, e ele viu seu antigo camarada ajoelhado nos degraus do altar, perto do sacerdote oficiante.

Além dele, ninguém percebeu a aparição, embora tivesse perguntado ao padre e aos assistentes se não o teriam visto.

Desde aquele dia o Sr. Lecomte não foi mais visitado e retomou sua habitual tranquilidade.

OBSERVAÇÃO — Conforme esse relato, cuja autenticidade é garantida por uma pessoa digna de fé, não se trata de uma simples visão, mas de uma aparição tangível, pois o defunto, amigo do Sr. Lecomte, lhe havia apertado a mão. Os incrédulos dirão que foi uma alucinação, mas, até o momento, ainda esperamos de sua parte uma explicação clara, lógica e verdadeiramente científica dos estranhos fenômenos que designam por esse nome, porquanto simplesmente negá-los não nos parece a melhor solução.

## Ditados espontâneos

### O ANJO DAS CRIANÇAS

(Sociedade – Médiun: Sra. de Boyer)

Meu nome é Micaël. Sou um dos Espíritos prepostos à guarda das crianças. Que doce missão! E que felicidade proporciona à alma! Perguntais se me refiro à guarda das crianças? Mas não têm suas mães, anjos bons prepostos a essa guarda? E por que ainda é necessário um Espírito para delas se ocupar? Então não pensais nas que não têm mais essa boa mãe? Infelizmente não as há, e muitas? E não terá a própria mãe necessidade de ajuda algumas vezes? Quem a desperta em meio ao seu primeiro sono? Quem a faz pressentir o perigo? Quem cogita em aliviá-la, quando o mal é grave? Nós, sempre nós; que desviamos a criança travessa do precipício para onde corre; que dela desviamos os animais nocivos e afastamos o fogo que poderia misturar-se aos seus cabelos louros. Nossa missão é suave! Somos ainda nós que lhes inspiramos a compaixão pelo pobre, a doçura, a bondade; nenhuma criança, mesmo das piores, poderia nos irritar. Há sempre um instante em que seu coraçãozinho nos fica aberto.

Alguns de vós se espantarão desta missão. Mas não dizeis frequentemente: há um Deus para as crianças? sobretudo para as crianças pobres? Não, não há um Deus, mas anjos, amigos. E como poderíeis explicar de outro modo essas salvações miraculosas? Existem ainda muitos outros poderes, cuja existência nem mesmo suspeitais. Há o Espírito das flores, dos perfumes; há milhares, cujas missões, mais ou menos elevadas, vos pareceriam deliciosas e invejáveis, após vossa dura vida de provas. Eu os exortarei a virem ao vosso meio. Neste momento sou recompensada por uma vida inteiramente devotada às crianças. Casada jovem, com um homem que possuía vários filhos, não tive a felicidade de tê-los de mim mesma. Completamente devotada a elas, Deus, o bom e soberano Senhor, concedeu-me ser ainda guarda das crianças. Eu repito: Doce e santa missão! cuja influência as mães aqui presentes não poderiam negar. Adeus, vou à cabeceira dos meus pequenos protegidos. A hora do sono é a minha hora, e é preciso que visite todos esses olhinhos fechados. Ficai sabendo que o bom anjo que vela por elas não é uma alegoria, mas uma verdade.

## CONSELHOS

(Sociedade, 25 de novembro de 1859 – Médiun: Sr. Roze)

Outroza vos teriam crucificado, queimado, torturado. A força foi derrubada; a fogueira, extinta; os instrumentos de tortura, destruídos; a arma terrível do ridículo, tão poderosa contra a mentira, atenuar-se-á ante a verdade; seus inimigos mais temíveis foram encerrados num círculo intransponível. Com efeito, negar a realidade de nossas manifestações seria negar a revelação, que é a base de todas as religiões; atribuí-las ao demônio, pretender que o Espírito do mal venha confirmar e desenvolver o Evangelho, exortar-vos ao bem e à prática de todas as virtudes, é simplesmente e felizmente provar que ele não existe. Todo reino dividido contra si mesmo perecerá. Restam os Espíritos maus. Jamais uma árvore boa produzirá maus frutos; jamais uma árvore má produzirá bons frutos. Nada de melhor tendes a fazer senão responder-lhes o que respondia o Cristo aos seus perseguidores, quando formularam contra Ele as mesmas

acusações; e, como Ele, rogar a Deus que os perdoe, pois não sabem o que fazem.

O ESPÍRITO DE VERDADE

(Outra, ditada ao Sr. Roze e lida na Sociedade)

A França conduz o estandarte do progresso e deve guiar as outras nações: assim o provam os acontecimentos passados e contemporâneos. Fostes escolhidos para serdes o espelho que deve receber e refletir a luz divina, que deve iluminar a Terra, até então mergulhada nas trevas da ignorância e da mentira. Mas se não estiverdes animados pelo amor do próximo e por um desinteresse sem limites; se o desejo de conhecer e propagar a verdade, cujas vias deveis abrir à posteridade, não for o único móvel a guiar os vossos trabalhos; se o mais leve pensamento íntimo de orgulho, egoísmo e interesse material achar lugar em vossos corações, não nos serviremos de vós senão como o artífice, que provisoriamente emprega uma ferramenta defeituosa; viremos a vós até que tenhamos encontrado ou provocado um centro mais rico do que vós em virtudes, mais simpático à falange de Espíritos que Deus enviou para revelar a verdade aos homens de *boa vontade*. Pensai nisto seriamente; descei aos vossos corações, sondai-lhes os mais íntimos refolhos e expulsai com energia as más paixões que nos afastam. A não ser assim, retirai-vos antes de comprometerdes os trabalhos de vossos irmãos pela vossa presença, ou a dos Espíritos que traríeis convosco.

O ESPÍRITO DE VERDADE

## A OSTENTAÇÃO

(Sociedade, 16 de dezembro de 1860 – Médium: Srta. Huet)

Numa bela tarde de primavera, um homem rico e generoso estava sentado em seu salão; sorvia, feliz, o perfume das flores de

seu jardim. Enumerava, complacente, todas as boas obras que tinha praticado durante o ano. A essa lembrança não pôde deixar de lançar um olhar quase desprezível sobre a casa de um de seus vizinhos, que não pudera dar senão módica moeda para a construção da igreja paroquial. “De minha parte”, disse ele, “dei mais de mil escudos para essa obra pia; deitei negligentemente uma cédula de 500 francos na bolsa que me estendia aquela jovem duquesa, em favor dos pobres; dei muito para as festas de beneficência, para toda sorte de loterias, e creio que Deus me será grato por tanto bem que fiz. Ah! ia esquecendo uma pequena esmola que dei há pouco tempo a uma infeliz viúva, responsável por numerosa família e que ainda cria um órfão. Mas o que lhe dei é tão pouco que, por certo, não será por isso que o céu se me abrirá.”

“Tu te enganas”, respondeu de repente uma voz que lhe fez voltar a cabeça, “é a única que Deus aceita, e eis a prova.” No mesmo instante uma mão apagou o papel em que ele havia escrito todas as suas boas obras, deixando apenas a última; ela o levou ao Céu.

Não é, pois, a esmola dada com ostentação que é a melhor, mas a que é dada com toda a humildade do coração.

JOINVILLE, AMY DE LOYS

## AMOR E LIBERDADE

(Sociedade, 27 de janeiro de 1860 – Médiun: Sr. Roze)

Deus é amor e liberdade. É pelo amor e pela liberdade que o Espírito se aproxima dele. Pelo amor desenvolve, em cada existência, novas relações que o aproximam da unidade; pela liberdade escolhe o bem que o aproxima de Deus. Sede ardorosos na propagação da nova fé; que o santo ardor que vos anima jamais vos leve a atentar contra a liberdade alheia. Evitai, por meio de uma insistência muito grande junto à incredulidade orgulhosa e temível, de exasperar uma existência meio vencida e prestes a render-se. O

reino da violência e da opressão acabou; o da razão, da liberdade e do amor fraterno está começando. Não é mais pelo medo e pela força que os poderosos da Terra adquirirão, doravante, o direito de dirigir os interesses morais, espirituais e físicos dos povos, mas pelo amor e pela liberdade.

ABELARDO

## A IMORTALIDADE

(Sociedade, 3 de fevereiro de 1860 – Médium: Srta. Huet)

Como pode um homem, e um homem inteligente, não crer na imortalidade da alma e, conseqüentemente, numa vida futura, que não é outra senão a do Espiritismo? Em que se tornariam esse amor imenso que a mãe devota ao filho, esses cuidados com que o cerca na infância, essa atitude esclarecida que o pai dedica à educação desse ser bem-amado? Tudo isso seria, então, aniquilado no momento da morte ou da separação? Seríamos, assim, semelhantes aos animais, cujo instinto é admirável, sem dúvida, mas que não cuidam de sua progênie com ternura senão até o momento em que ela cessa de ter necessidade dos cuidados maternos? Chegado esse momento, os pais abandonam os filhos e tudo está acabado: o corpo está criado, a alma não existe. Mas o homem não teria uma alma, e uma alma imortal! E o gênio sublime, que só se pode comparar a Deus, tanto dele emana, esse gênio que gera prodígios, que cria obras-primas, seria aniquilado pela morte do homem! Profanação! Não se pode aniquilar assim as coisas que vêm de Deus. Um Rafael, um Newton, um Michelangelo e tantos outros gênios sublimes abarcam ainda o universo em seu Espírito, embora seus corpos não mais existam. Não vos enganéis; eles vivem e viverão eternamente. Quanto a se comunicarem convosco, é menos fácil de admitir pela generalidade dos homens. Somente pelo estudo e pela observação eles podem adquirir a certeza de que isso é possível.

FÉNELON

## PARÁBOLA

(Sociedade, 9 de dezembro de 1859 – Médiun: Sr. Roze)

Em sua última travessia, um velho navio foi assaltado por terrível tempestade. Além de grande número de passageiros, transportava uma porção de mercadorias estrangeiras ao seu destino, acumuladas pela avareza e cupidez de seus donos. — O perigo era iminente; reinava a maior desordem a bordo; os chefes se recusavam a lançar a carga no mar; suas ordens eram ignoradas; tinham perdido a confiança da tripulação e dos passageiros. Era preciso pensar em abandonar o navio. Puseram três embarcações no mar: na primeira, a maior, precipitaram-se, aturdidos, os mais impacientes e os mais inexperientes, que se apressaram a remar na direção da luz que avistaram ao longe, na costa. Caíram nas mãos de um bando de corsários, que os despojaram dos objetos preciosos que haviam recolhido às pressas, maltratando-os sem piedade.

Os segundos, mais espertos, souberam distinguir um farol libertador em meio às luzes enganadoras que alumiam o horizonte e, confiantes, abandonaram o barco ao capricho das ondas; foram arrebear nos arrecifes, ao pé do próprio farol, do qual não haviam tirado os olhos. Foram tanto mais sensíveis à sua ruína e à perda de seus bens quanto haviam entrevisto a salvação.

Os terceiros, pouco numerosos, mas sábios e prudentes, guiavam com cuidado o frágil barco em meio aos obstáculos; salvaram corpos e bens, sem outro mal além da fadiga da viagem.

Não vos contenteis, portanto, em vos guardardes contra a pirataria e contra os Espíritos maus, mas sabei, também, evitar o erro dos viajantes negligentes, que perderam os bens e naufragaram no porto. Sabeis guiar vosso barco em meio aos escolhos das paixões e atracareis com felicidade no porto da vida eterna, ricos das virtudes que tiverdes adquirido em vossas viagens.

SÃO VICENTE DE PAULO

## O ESPIRITISMO

(Sociedade, 3 de fevereiro de 1860 – Médiun: Sra. M.)

O Espiritismo é chamado a esclarecer o mundo, mas necessita de um certo tempo para progredir. Existiu desde a Criação, mas só era conhecido por algumas pessoas, porque, em geral, a massa pouco se ocupa em meditar sobre questões espíritas. Hoje, com o auxílio desta pura Doutrina, haverá uma luz nova. Deus, que não quer deixar a criatura na ignorância, permite que os Espíritos mais elevados venham em nosso auxílio, para contrabalançar a ação do Espírito das trevas, que tende a envolver o mundo. O orgulho humano obscurece a razão e a faz cometer muitas faltas na Terra. São necessários Espíritos simples e dóceis para comunicarem a luz e atenuarem todos os nossos males. Coragem! Persisti nesta obra, que é agradável a Deus, porque ela é útil para a sua maior glória, e dela resultarão grandes bens para salvação das almas.

FRANCISCO DE SALES

## FILOSOFIA

(Sociedade, 3 de fevereiro de 1860 – Médiun: Sr. Colin)

Escrevei isto: O homem! Que é ele? De onde veio? Para onde vai? — Deus? A natureza? A Criação? O mundo? Sua eternidade no passado, no futuro! Limite da natureza, relações do ser infinito com o ser particular? Passagem do infinito ao finito? — Perguntas que devia fazer o homem, criança ainda, quando viu pela primeira vez, com sua razão, acima da cabeça, a marcha misteriosa dos astros; sob seus pés a terra, alternativamente revestida com roupas de festa, sob o hálito tépido da primavera, ou coberta de um manto de luto, debaixo do sopro gelado do inverno; quando ele próprio se viu, pensando e sentindo, ser lançado por um instante nesse imenso turbilhão vital entre o ontem, dia de seu nascimento, e o amanhã, dia de sua morte. Perguntas que foram propostas a todos os povos,

em todas as idades e em todas as suas escolas e que, no entanto, não permaneceram menos enigmáticas para as gerações seguintes. Contudo, questões dignas de cativar o espírito investigador do vosso século e o gênio do vosso país. — Se, pois, houvesse entre vós um homem, dez homens, tendo consciência da alta gravidade de uma missão apostólica e vontade de deixar um traço de sua passagem aqui, para servir de ponto de referência à posteridade, eu lhe diria: durante muito tempo transigistes com os erros e preconceitos de vossa época; para vós, o período das manifestações materiais e físicas passou; aquilo a que chamais de *evocações experimentais* já não vos pode ensinar grandes coisas, porque, no mais das vezes, apenas a curiosidade está em jogo. Mas a era filosófica da Doutrina se aproxima. Não permaneçais por muito tempo fixados nas fasquias<sup>21</sup> do pórtico, em breve carcomidas, e penetrai sem hesitação no santuário celeste, conduzindo altivamente a bandeira da filosofia moderna, na qual escrevei sem medo: *misticismo, racionalismo*. Fazei ecletismo no ecletismo moderno; fazei-o como os antigos, apoiando-vos na tradição histórica, mística e legendária, mas sempre cuidando de não sair da *revelação*, facho que a todos nos faltou, recorrendo às luzes dos Espíritos Superiores, votados missionariamente à marcha do espírito humano. Por mais elevados que sejam, esses Espíritos não sabem tudo; só Deus o sabe. Além disso, de tudo quanto sabem, nem tudo podem revelar. Com efeito, em que se tornaria o livre-arbítrio do homem, sua responsabilidade, o mérito e o demérito? E, como sanção, o castigo e a recompensa?

Entretanto, posso balizar o caminho que vos mostramos, com alguns princípios fundamentais. Escutai, pois, isto:

- 1º) A alma tem o poder de subtrair-se à matéria;
- 2º) De elevar-se muito acima da inteligência;
- 3º) Esse estado é superior à razão;

<sup>21</sup> N.E.: Pedacos de madeira.

4º) Ele pode colocar o homem em relação com aquilo que escapa às suas faculdades;

5º) O homem pode provocá-lo pela prece a Deus, por um esforço constante da vontade, reduzindo a alma, por assim dizer, ao estado de pura essência, privada da atividade sensível e exterior; numa palavra, pela abstração de tudo que há de diverso, de múltiplo, de indeciso, de turbilhonamento, de exterioridade na alma;

6º) Existe no *eu* concreto e complexo do homem uma força completamente ignorada até hoje. Procurai-a, portanto.

MOISÉS, PLATÃO, DEPOIS JULIANO

## Comunicações lidas na sociedade

(Pelo Sr. Pêcheur)

Meu amigo, não sabeis que todo homem que marcha na senda do progresso tem sempre contra si a ignorância e a inveja? *A inveja é a poeira levantada por vossos passos.* Vossas ideias revoltam certos homens, pois não compreendem ou abafam no orgulho o clamor da consciência, que lhes grita: Aquilo que repeles, teu juiz te lembrará um dia; é uma mão que Deus estende para te retirar do lamaçal onde te lançaram as paixões. Escuta por um instante a voz da razão; pensais que viveis no século do dinheiro, em que o eu domina; que o amor às riquezas vos desseca o coração, carrega vossa consciência de muitas faltas e até de crimes que devereis confessar. Homens sem fé, que vos dizeis hábeis, vossa habilidade vos levará ao naufrágio; nenhuma mão vos será estendida; fostes surdos às misérias alheias e sereis tragados sem que caia uma lágrima sobre vós. Parai! ainda há tempo; que o arrependimento penetre vossos corações; que ele seja sincero, e Deus vos perdoará. Procurai o infeliz que não ousa lastimar-se e que a miséria mata lentamente. O pobre que tiverdes aliviado incluirá vosso nome em suas preces; abençoará a mão que talvez lhe tenha salvado a

filha da fome que mata e da vergonha que desonra. Infelizes de vós, se fordes surdos à sua voz. Deus vos disse, pela boca sagrada do Cristo: *Ama a teu irmão como a ti mesmo*. Não vos deu a razão para julgardes o bem e o mal? Não vos deu um coração para vos compadecerdes dos sofrimentos dos vossos semelhantes? Não sentis que, abafando a consciência, abafais a voz do progresso e da caridade? Não sentis que apenas arrastais um corpo vazio? Que nada mais bate em vosso peito, o que torna incerta a vossa marcha? Porque fugistes da luz e os vossos olhos se tornaram de carne, as trevas que vos cercam vos agitam e causam medo. Procurais, mas tarde demais, sair dessa vida que desmorona aos vossos pés; o medo, que não podeis definir, vos torna supersticiosos. Fingis que sois um homem caridoso; no entanto, esperando resgatar a vida de egoísta, dais o ceartil que o temor vos arranca, mas Deus sabe o que vos leva a agir: não podeis enganá-lo; vossa vida se extinguirá sem esperança, e não podeis prolongá-la por um só dia. Extinguir-se-á, malgrado vossas riquezas, que vossos filhos ambicionam por antecipação, pois lhes destes o exemplo. Como vós, eles não têm senão um amor: o do ouro, único sonho de felicidade para eles. Quando esta hora de justiça soar, tereis de comparecer perante o supremo Juiz que tendes desprezado.

TUA FILHA

## A CONSCIÊNCIA

Cada homem tem em si o que chamais uma voz interior; é o que o Espírito chama consciência, juiz severo que preside a todas as ações de vossa vida. Quando o homem está só, escuta essa consciência e se pesa no seu justo valor; muitas vezes tem vergonha de si mesmo. Nesse momento reconhece a Deus, mas a ignorância, conselheira fatal, o impele e lhe põe a máscara do orgulho. Ele se vos apresenta repleto do seu vazio; procura enganar-vos pela firmeza que apresenta. Mas o homem de coração reto não tem a cabeça altaneira: escuta com proveito as palavras do sábio; sente que não é nada, e que Deus é tudo. Procura instruir-se no livro da natureza, escrito pela

mão do Criador. Seu Espírito se eleva, expulsando as paixões materiais que muitas vezes vos desviam. Essa paixão que vos conduz é um guia perigoso. Guardai isto, amigo: deixai rir o cético; seu sorriso se extinguirá. À sua hora derradeira, o homem torna-se crente. Amigo, pensai sempre em Deus; somente Ele não se engana. Lembrai-vos de que há apenas um caminho que conduz a Ele: a fé e o amor aos semelhantes.

TUA FILHA

## A MORADA DOS ELEITOS

(Pela Sra. Desl...)

Teu pensamento ainda está absorvido pelas coisas da Terra. Se queres nos escutar, é preciso esquecê-las. Tentemos conversar do alto; que teu Espírito se eleve para essas regiões, morada dos Eleitos do Senhor. Vê esses mundos que esperam todos os mortais, cujos lugares estão marcados conforme o mérito que tiverem. Quanta felicidade para aquele que se compraz nas coisas santas, nos grandes ensinamentos dados em nome de Deus! Ó homens! como sois pequenos, comparados aos Espíritos desprendidos da matéria, que planam nos espaços ocupados pela glória do Senhor! Felizes os que forem chamados a habitar os mundos onde a matéria não é mais que um nome; onde tudo é etéreo e translúcido; *onde os passos não mais se escutam*. A música celeste é o único brilho que chega aos sentidos, tão perfeitos que captam os menores sons, desde que estes se chamem harmonia! Que leveza, a de todos os seres amados por Deus! Como percorrem, deliciados, esses sítios encantados, transformados em asilos! Ali não há mais discórdias, nem ciúme, nem ódio. O amor tornou-se o laço destinado a unir entre si todos os seres criados; e esse amor, que enche seus corações, só tem por limite o próprio Deus, que é o fim, e no qual se resumem a fé, o amor e a caridade.

UM AMIGO

(Outra, pelo mesmo)

Teu esquecimento me afligia. Não me deixes mais por tanto tempo sem me chamares. Sinto-me disposto a conversar contigo e a te dar conselhos. Guarda-te de acreditar em tudo quanto outros Espíritos poderiam dizer-te; talvez eles te arrastem por um mau caminho. Antes de tudo, sê prudente, a fim de que Deus não tire a missão que te encarregou de realizar, a saber: ajudar a levar ao conhecimento dos homens a revelação da existência dos Espíritos ao redor deles. Nem todos se acham em condições de apreciar e compreender o elevado alcance das coisas, cujo conhecimento Deus ainda não permite senão aos eleitos. Dia virá em que esta ciência, cheia de consolação e de grandeza, será compartilhada pela humanidade inteira, na qual não mais se encontrará um incrédulo. Os homens, então, só poderão compreender uma verdade, tão palpável que não será posta em dúvida por um só instante pelo mais simples dos mortais. Digo-te, em verdade, que não passará meio século antes que os olhos e ouvidos de todos sejam abertos a essa grande verdade: os Espíritos circulam no Espaço e ocupam diferentes mundos, conforme seu mérito aos olhos de Deus; a verdadeira vida está na morte, sendo necessário que o homem seja resgatado várias vezes antes de obter a vida eterna, a que todos deverão chegar, através de um número maior ou menor de séculos de sofrimentos, conforme tenham sido mais ou menos fiéis à voz do Senhor.

UM AMIGO

## O ESPÍRITO E O JULGAMENTO

(Pela Sra. Netz)

A liberdade do homem é toda individual; nasceu livre, mas essa liberdade muitas vezes é a sua desgraça. Liberdade moral, liberdade física, tudo ele reuniu, mas com frequência lhe falta o discernimento, aquilo a que chamais de bom senso. Se um homem tiver muito espírito e lhe faltar esta última qualidade, é absolutamente como se nada tivesse; pois o que faria de seu espírito, se não

pudesse governá-lo, se não tivesse a inteligência necessária para saber se conduzir, se acreditasse marchar no bom caminho, quando está no lodaçal, se pensasse ter sempre razão, quando muitas vezes está errado? O discernimento pode tomar o lugar do espírito, mas este jamais substituirá aquele. É uma qualidade necessária e, quando não a temos, precisamos envidar todos os esforços para adquiri-la.

UM ESPÍRITO FAMILIAR

## O INCRÉDULO

(Pela Sra. L...)

Vossa doutrina é bela e santa; sua primeira baliza está plantada, e solidamente plantada. Agora não tendes senão que marchar. O caminho que vos é aberto é grande e majestoso. Bem-aventurado o que chegar ao porto. Quanto mais prosélitos houver feito, tanto mais lhe será contado. Mas para isto não deve abraçar a doutrina friamente; é necessário ter ardor, e este ardor será dobrado, porquanto Deus está sempre convosco quando fazeis o bem. Todos os que trouxerdes serão outras tantas ovelhas entradas no redil. Pobres ovelhas, meio tresmalhadas! Crede: o mais cético, o mais ateu, o mais incrédulo, enfim, tem sempre um cantinho no coração que gostaria de ocultar a si mesmo. Pois bem! É esse cantinho que ele deve procurar e encontrar, é esse lado vulnerável que deve atacar. É uma pequena brecha, deixada aberta intencionalmente por Deus, para facilitar à criatura o meio de retornar ao seu seio.

SÃO BENTO

## O SOBRENATURAL

(Pelo Sr. Rabache, de Bordeaux)

Meus filhos, vosso pai fez bem em vos chamar seriamente a atenção para os fenômenos produzidos nas sessões que vos

ocupam há alguns dias. A julgá-los conforme instruções de certos Espíritos sectários, ignorantes ou dominadores, esses efeitos são sobrenaturais. Não creiais nisso, meus filhos; nada do que acontece é *sobrenatural*; se assim fosse, diz o bom senso que só aconteceria fora da natureza e, então, não o veríeis. Para que vossos olhos ou vossos sentidos percebam uma coisa, *é de todo necessário que essa coisa seja natural*. Com um pouco de reflexão não há um Espírito sério que consinta em crer em coisas sobrenaturais. Com isso não quero dizer que não haja coisas que assim pareçam à vossa inteligência, mas a única razão para isso é que não as compreendeis. Quando algum fato vos parecer sair do que julgardes natural, guardai-vos contra essa preguiça de espírito que vos induziria a crer que seja sobrenatural; procurai compreendê-lo, pois para isto vos foi dada a inteligência. Para que vos serviria ela, se tivésseis de vos contentar em aprender e crer no que ensinaram vossos predecessores? É preciso que cada um ponha a inteligência a serviço do progresso, que é obra coletiva de todos. Já que sois dotados de pensamento, pensai; já que tendes a razão, que não vos foi dada sem motivo, examinai e julgai. Não aceiteis julgamentos acabados senão depois de submetidos ao crivo da razão. Duvidai longamente se não tiverdes certeza, mas jamais negueis aquilo que não compreendeis. Examinai, examinai seriamente. Somente o preguiçoso, o não inteligente e o indiferente aceitam como verdadeiro ou falso tudo quanto ouvem afirmar ou negar. Enfim, meus filhos, envidai todos os esforços para vos tornardes sérios e úteis, de modo a bem cumprirdes a missão que vos está confiada. Nunca é demasiado cedo para vos ocupardes do bem e do que é bom. Começai, pois, cedo, a vos ocupardes das coisas sérias. O tempo das futilidades é sempre muito longo: é inútil para o vosso progresso, que não deveis perder de vista um só instante. As coisas da Terra nada são; servem apenas à vossa passagem para outro estado, que será tanto mais perfeito quanto melhor preparados estiverdes.

VOSSA AVÓ

ALLAN KARDEC



# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

MAIO DE 1860

Nº 5

## Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Sexta-feira, 30 de março de 1860 – Sessão particular

### *Assuntos administrativos:*

O Sr. Ledoyen, tesoureiro, apresenta o balanço da situação financeira da Sociedade no segundo semestre do ano social, encerrado a 30 de março de 1860. O balanço é aprovado.

### *Comunicações diversas:*

1ª) O Sr. Chuard, de Lyon, homenageia a Sociedade com duas brochuras, contendo uma a *Ode sacra sobre a imortalidade da alma*, e a outra, uma *Sátira sobre as sociedades em comandita*. A Sociedade agradece ao autor e, embora uma dessas duas brochuras seja estranha aos objetivos de seus trabalhos, ambas integrarão o acervo de sua biblioteca.

2ª) Leitura de três cartas do Sr. Morhéry sobre as curas operadas pela Srta. Godu, médium curadora, que foi morar na casa

dele e colocou-se sob o seu patrocínio. Como homem de ciência, o Sr. Morhéry observa os efeitos do tratamento praticado por essa senhorita nos diversos doentes dos quais ela cuida. Ele procede a anotações exatas, como o faria numa sala de clínica, e até chegou a constatar, em curto espaço de tempo, resultados deveras prodigiosos.

Acrescenta o Sr. presidente que a Sociedade tem duplo motivo para interessar-se pela Srta. Godu; além da simpatia que naturalmente excitam os exemplos de caridade e desinteresse, tão raros em nossos dias, do ponto de vista espírita essa jovem lhe oferece preciosa matéria de estudo, por desfrutar de uma faculdade de certo modo excepcional. Quem não se interessaria por um médium de efeitos físicos, capaz de produzir fenômenos extraordinários? Quem poderia ver com indiferença aquele cujas faculdades são proveitosas à humanidade, revelando-nos, além disso, uma nova força da natureza?

3ª) Carta do Sr. conde de R..., membro titular, que partiu para o Brasil, e que agora se acha retido no porto de Cherbourg, em razão do mau tempo. Ele pede à Sociedade que o evoque na presente sessão, se possível.

O Sr. T... observa que essa mesma pessoa já foi evocada duas vezes, parecendo-lhe supérflua uma terceira evocação.

O Sr. Allan Kardec responde que, sendo o estudo o objetivo da Sociedade, a mesma pessoa pode oferecer observações úteis numa terceira vez, tão bem quanto o fez na segunda ou na primeira. A experiência, aliás, prova que o Espírito é tanto mais lúcido e explícito quanto mais frequentemente se comunica e, de certo modo, se identifica com o médium que lhe serve de instrumento. Não se trata aqui da satisfação a um capricho ou da vã curiosidade. Em suas evocações, a Sociedade não procura consentimento nem divertimento: ela quer instruir-se. Ora, encontrando-se o Sr. de R... numa situação completamente diferente daquela em que foi evocado, pode ensinar novas observações.

Consultado sobre a oportunidade de tal evocação, São Luís responde que ela não poderia ocorrer naquele momento.

*Estudos:*

1º) São obtidos dois ditados espontâneos, um de São Luís, pela Srta. Huet, e outro de Charlet, pelo Sr. Didier Filho.

2º) Perguntas diversas dirigidas a São Luís sobre o Espírito que se comunicou espontaneamente na última sessão sob o nome de *Being*, por intermédio da Srta. Boyer e que revelou a intenção de semear a perturbação e a discórdia e de ter interferido em diversas comunicações. Das respostas obtidas resulta um ensinamento interessante sobre o modo de ação dos Espíritos uns sobre os outros.

3º) O Sr. R... propõe a evocação de um de seus amigos, desaparecido desde 1848 e do qual não se teve mais notícias.

Considerando-se o avanço das horas, tal evocação foi adiada para a próxima sessão.

A Sociedade decide que não se reunirá na Sexta-feira Santa, 6 de abril. A partir de 20 de abril as sessões ocorrerão na nova sede da Sociedade, à rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.

Sexta-feira, 13 de abril – Sessão particular

*Assuntos administrativos:*

Nomeação de quatro novos membros, como associados livres.

A Sociedade confirma o título de membro honorário a cinco membros precedentemente escolhidos.

*Comunicações diversas:*

A Sra. Desl..., membro da Sociedade, tendo feito uma viagem a Dieppe, dirigiu-se até Grandes-Ventes, onde ouviu, do próprio padeiro Goubert, a confirmação de todos os fatos relatados no número do mês de março, e com muito mais detalhes. Pelo exame dos lugares pôde constatar, sobretudo para certos fatos, que a fraude era impossível. Parece resultar das informações obtidas que esses fenômenos tiveram como causa a presença de um rapaz, que desde algum tempo estava a serviço do padeiro, responsável, igualmente, por fatos semelhantes ocorridos em outras casas. Sendo os fenômenos independentes de sua vontade, pode-se classificá-lo na categoria dos *médiuns naturels ou involuntários*, de efeitos físicos. Desde que deixou a casa do Sr. Goubert, nada se repetiu.

*Estudos:*

1º) Ditados espontâneos, obtidos por três médiuns.

2º) Evocação do Dr. Vogel, viajante no interior da África, onde morreu assassinado. A evocação não deu os resultados esperados. O Espírito declara estar sofrendo e reclama preces para ajudá-lo a sair da perturbação em que ainda se encontra. Diz que mais tarde poderá ser mais explícito.

Propõe o Sr. Allan Kardec, como assunto de estudo, o exame aprofundado e detalhado de certos ditados espontâneos, ou outros, que poderiam ser analisados e comentados como se faz com as críticas literárias. Tal gênero de estudo teria a dupla vantagem de exercitar a apreciação do valor das comunicações espíritas e, em segundo lugar, como consequência dessa apreciação, desencorajar os Espíritos enganadores que, vendo suas palavras censuradas, controladas pela razão e, finalmente, repelidas, desde que tivessem um cunho suspeito, acabariam por compreender que perdem tempo. Quanto aos Espíritos sérios, poderiam ser chamados para dar explicações e

desenvolvimentos sobre os pontos de suas comunicações que necessitassem de elucidação.

A Sociedade aprova a referida proposta.

Sexta-feira, 20 de abril de 1860 – Sessão particular

*Correspondência:*

1ª) Carta do Sr. J..., de Saint-Étienne, membro titular, contendo apreciações muito judiciosas sobre o Espiritismo. Prova esta carta que o autor o compreende sob seu verdadeiro ponto de vista.

2ª) Carta do Sr. L..., operário de Troyes, contendo reflexões quanto à influência moralizadora da Doutrina Espírita sobre as classes trabalhadoras. Convida os adeptos sérios a se ocuparem da propaganda em suas fileiras, no interesse da ordem, nelas visando reanimar os sentimentos religiosos, que se extinguem, dando lugar ao ceticismo, que é a chaga de nosso século e a negação de toda a responsabilidade moral.

Esses dois senhores já declararam em outras cartas jamais terem visto algo em matéria de Espiritismo prático, mas nem por isso estarem menos convencidos, em razão do alcance filosófico da ciência. O presidente chama a atenção a esse respeito, lembrando que diariamente tem exemplos semelhantes, não da parte de pessoas que acreditam cegamente, mas, ao contrário, daquelas que refletem e se dão ao trabalho de compreender. Para estas, a parte filosófica é o principal, porque explica o que nenhuma outra filosofia resolveu; o fato das manifestações é acessório.

3ª) Carta do Sr. Dumas, de Sétif, Argélia, membro da Sociedade, transmitindo novos detalhes interessantes sobre fatos cujos resultados testemunhou. Cita principalmente um jovem médium que apresenta um fenômeno singular, qual seja o de entrar espontaneamente, e sem ser magnetizado, numa espécie de

sonambulismo, toda vez que se deseja fazer uma evocação por seu intermédio, e nesse estado escrever ou ditar verbalmente as respostas às questões propostas.

*Comunicações diversas:*

1ª) A Sra. R..., do Jura, membro correspondente da Sociedade, transmite um fato curioso que lhe é pessoal. Trata-se de um velho relógio, ao qual se ligam recordações da família, e que parece estar submetido a uma influência singular e inteligente em determinadas circunstâncias.

2ª) Leitura de uma comunicação obtida numa outra reunião espírita e assinada por Joana d'Arc. Contém excelentes conselhos aos médiuns sobre as causas que podem aniquilar ou perverter suas faculdades mediúnicas (Publicada adiante).

3ª) O Sr. Col... inicia a leitura de uma evocação de São Lucas, evangelista, por ele dada em particular.

Percebendo que nessa evocação são abordadas diversas questões de dogmas religiosos, o presidente interrompe a leitura em virtude do regulamento, que proíbe sejam tais assuntos tratados na Sociedade.

O Sr. Col... observa que, não tendo a comunicação nada que não seja ortodoxo, não tinha pensado que pudesse haver inconveniência em proceder à sua leitura.

Objeta o presidente que as respostas sempre supõem perguntas. Ora, sejam as respostas ortodoxas ou não, não deixam de dar lugar à suposição de que a Sociedade se ocupa de coisas que lhe são interditas. Uma outra consideração vem corroborar esses motivos, a de que, entre os membros, há aqueles que pertencem a diferentes cultos; o que para uns seria ortodoxo poderia não o ser para outros, razão a mais de nos abstermos. Aliás, o regulamento

prescreve o exame prévio de toda comunicação obtida fora da Sociedade, medida que deverá ser observada rigorosamente.

*Estudos:*

Evocação do Sr. B..., amigo do Sr. Royer, desaparecido de casa desde 25 de junho de 1848. Dá algumas informações sobre sua morte acidental durante as escaramuças ocorridas naquela época. Pela linguagem e por algumas particularidades íntimas, reconhece o Sr. Royer a identidade.

Sexta-feira, 27 de abril de 1860 – Sessão geral

*Comunicações diversas:*

1ª) Carta do Dr. Morhéry, contendo novos estudos sobre as curas que ele obteve com o concurso da Srta. Godu, por meio daquilo que se pode chamar a *medicina intuitiva* (Publicada a seguir).

2ª) A propósito da medicina intuitiva, o Sr. C..., um dos ouvintes presentes à sessão, após convidado pelo presidente, dá informações do mais alto interesse sobre o poder curador de que desfrutam certas castas negras. Natural do Hindustão, de origem indiana, o Sr. C... foi testemunha ocular de numerosos fatos desse gênero, dos quais não se dava conta àquela época. Hoje ele encontra a chave no Espiritismo e no magnetismo. Os negros curadores fazem largo uso de certas plantas, mas muitas vezes se contentam em apalpar e friccionar o doente, agindo conforme as instruções de vozes ocultas que lhes falam.

3ª) Fato curioso de intuição circunstanciada de uma existência anterior. A pessoa em questão, que consigna o fato numa carta a um de seus amigos, o qual a leu, diz que desde sua infância tem uma lembrança precisa de haver perecido durante os massacres de São Bartolomeu, recordando-se até mesmo de detalhes de sua

morte, lugares etc. As circunstâncias não permitem ver nesse pensamento o resultado de uma imaginação exaltada, considerando-se que tal lembrança remonta a uma época na qual não se cogitava absolutamente nem de Espíritos nem de reencarnação.

4ª) O Sr. Georges G..., de Marselha, transmite o seguinte fato: Um jovem rapaz morreu há oito meses, e sua família, na qual se encontram três irmãs médiuns, o evoca quase diariamente, servindo-se de uma cesta. Cada vez que o Espírito é chamado, um cãozinho, do qual muito gostava, pula sobre a mesa e vem cheirar a cesta, dando grunhidos. A primeira vez que isso aconteceu, a cesta escreveu espontaneamente: “Meu bravo cachorrinho, tu me reconheces!”.

Diz o Sr. G... poder assegurar a realidade do fato. Não o viu, mas as pessoas que o contam, e que muitas vezes o testemunharam, são muito bons espíritas e bastante sérias para que se possa duvidar de sua sinceridade. Depois disso, pergunta ele se o perispírito, mesmo não tangível, tem um aroma qualquer, ou se certos animais são dotados de uma espécie de mediunidade.

Um estudo especial será feito ulteriormente sobre esse interessante assunto, no qual outros fatos não menos curiosos parecem lançar alguma luz.

5ª) Constatação de um Espírito mau, trazido a uma reunião particular por um visitante, donde se pode deduzir a influência exercida pela presença de certas pessoas, em determinadas circunstâncias.

6ª) Leitura de uma evocação particular, feita pelo Sr. Allan Kardec, de uma das principais convulsionárias de Saint-Médard, falecida em 1830, e em presença de sua própria filha, que pôde constatar a identidade do Espírito evocado. Tal evocação apresenta, sob diversos pontos, um alto grau de ensino, emprestando um interesse particular às circunstâncias em que foi feita (Publicada adiante).

*Estudos:*

- 1º) Ditado espontâneo obtido por intermédio da Sra. P..
- 2º) Evocação de Stevens, companheiro de Georges Brown.

## História do Espírito familiar do senhor de Corasse

Devemos à gentileza de um de nossos assinantes a interessante notícia que se segue, tirada das crônicas de Froissard, provando que os Espíritos não são uma descoberta moderna. Pedimos permissão aos nossos leitores para relatá-la no estilo da época (século XIV); ela perderia a sua originalidade, caso fosse traduzida para a linguagem moderna.

A batalha de Juberoth é célebre nas crônicas antigas. Ocorreu durante a guerra que João, rei de Castela, e Diniz, rei de Portugal, travaram para sustentar suas respectivas pretensões sobre o último reino. Os castelhanos e os bearneses foram reduzidos a pedaços. O fato que Froissard relata nessa ocasião é dos mais singulares. Lê-se no capítulo XVI do livro III de sua crônica que, no dia seguinte à batalha, o conde de Foix foi informado sobre o seu resultado, o que a distância dos lugares tornava inconcebível naquela época. É um escudeiro do conde Foix que narra a Froissard o fato em questão:

“Todo o dia de domingo, e o dia de segunda-feira e o de terça-feira seguinte, estando o conde de Foix em seu castelo, em Ortais, apresentava o semblante tão fechado e tão duro que dele não se arrancava uma única palavra. Durante esses três dias não quis sair de seu quarto, nem falar ao cavaleiro, nem ao escudeiro, por mais próximo que estivessem, a menos que os chamasse; e ainda aconteceu que ordenou se afastassem aqueles com os quais não desejava trocar uma só palavra naqueles três dias. Quando chegou

terça-feira à noite, ele chamou seu irmão, Arnaut-Guillaume, e lhe disse baixinho: ‘Nossa gente enfrentou dificuldades que me enfureceram, pois, como lhes dissera ao partirem, cabaram sendo assaltados em viagem.’ Arnaut-Guillaume, que é um homem muito prudente e um cavaleiro audacioso, conhecendo a maneira e a condição de seu irmão, calou-se, e o conde, que desejava experimentar sua coragem, por haver durante muito tempo suportado seu aborrecimento, tomou ainda a palavra e falou mais alto do que o fizera da primeira vez, dizendo: ‘Por Deus, senhor Arnaut, é assim como vos digo e logo teremos notícias, mas nunca o país de Béarn perdeu tanto, desde cem anos até hoje, como perdeu desta vez em Portugal.’ Vários cavaleiros e escudeiros que estavam presentes e que viram e compreenderam o conde não ousaram falar. E então, dez dias mais tarde, soube-se a verdade por parte daqueles que lá haviam estado por dever de ofício, os quais lhe contaram primeiramente, fazendo-o em seguida a todos quantos quisessem ouvir, todas as coisas, na forma e maneira por que se deram em Juberoth. Isto renovou o pesar do conde e da gente de seu país, que lá haviam perdido seus irmãos, seus pais, seus filhos e seus amigos.

“— Santa Maria! — disse eu ao escudeiro que me narava a história — como pôde o conde de Foix saber, sem presumir, da noite para o dia? — Por minha fé — disse ele —, ele o sente bem, como o demonstrou. — Então é adivinho — disse eu —, ou tem mensageiros que cavalgam tão rápido quanto o vento, ou deve se tratar de alguma artimanha. — O escudeiro começou a rir e disse: — É preciso que ele o saiba por alguma espécie de necromancia. A bem da verdade, nada sabemos, nesta terra, como ele a usa, a não ser por suposição. — Então — disse eu ao escudeiro —, tende a bondade de me dizer e declarar a imaginação que pensais, e eu vos serei grato. E se é uma coisa para calar, calarei; jamais abrirei minha boca, haja o que houver no mundo. — Peço-vos — disse o escudeiro — pois não gostaria que soubessem que eu o tivera dito.

“Então me levou para um ângulo do castelo de Ortais e depois começou a fazer o seu relato, dizendo:

“Há cerca de vinte anos, reinava neste país um barão que se chamava Raymon, senhor de Corasse. Como sabeis, Corasse é uma cidade a sete léguas desta cidade de Ortais. Ao tempo em que vos falo, o senhor de Corasse tinha um pleito em Avinhão, perante o papa, sobre os dízimos da Igreja, em sua cidade, contra um padre da Catalunha, muito abastado e que reclamava direitos sobre esses dízimos de Corasse, que bem valiam uma renda anual de cem florins, e o direito que ele tinha mostrava e provava; por sentença definitiva, o papa Urbano V, em consistório geral, condenou o cavaleiro e julgou a favor do padre. Da última sentença do papa levou carta e cavalgou tantos dias que chegou a Béarn e mostrou suas bulas e suas cartas e entrou na posse desse dízimo. O senhor de Corasse adiantou-se e disse ao padre: — Mestre Pedro, ou Mestre Martin — tal era o seu nome —, pensais que por vossas cartas eu deva perder minha herança? Não vos considero tão atrevido a ponto de tomá-la, nem que leveis as coisas que são minhas, porquanto, se o fizerdes, arriscais vossa vida. Mas ide a outra parte impetrar benefícios, porque de minha herança nada obtereis; e, de uma vez por todas, eu vo-lo proíbo.

“O padre desconfiou do cavaleiro, que era cruel, e não ousou insistir. Avisou que retornaria a Avinhão, como de fato o fez. Mas quando devia partir, veio à presença do cavaleiro e senhor de Corasse e lhe disse: — Pela força, e não pelo direito, vós me tirais os direitos de minha Igreja, com o que, em consciência, praticais grande erro. Não sou tão forte neste país como vós o sois, mas sabeí que, o mais cedo que eu poder, eu vos enviarei um campeão que temereis mais do que a mim. — O senhor de Corasse, não levando em consideração essas ameaças, disse-lhe: — Vai a Deus, vai, faze o que puderes; eu não temo, morto ou vivo; já por tuas palavras não perderei minha herança.

“Assim se foi o padre e voltou, não sei para onde, para Catalunha ou para Avinhão, e não esqueceu o que havia dito ao partir o Senhor de Corasse, porque, quando o cavaleiro menos pensava, cerca de três meses depois, em seu castelo, quando dormia em seu leito, ao lado de sua mulher, surgiram mensageiros invisíveis

que começaram revolver tudo quanto encontravam no castelo, parecendo que queriam tudo arrasar, desferindo golpes tão grandes no quarto do senhor que a dama, que lá estava, ficou completamente apavorada. O cavaleiro ouvia tudo isso muito bem, mas não emitiu uma só palavra, por não querer demonstrar falta de coragem. Assim, foi bastante astucioso para enfrentar todas as aventuras. Essas confusões e desordens em vários locais do castelo duraram muito tempo, cessando depois. Na manhã seguinte todos os hóspedes se reuniram e vieram ao senhor, à hora em que ele se levantou, e lhe perguntaram: — Senhor, não ouvistes o que ouvimos esta noite? — O senhor de Corasse disse que não. — Que coisas ouvistes? — Então lhe falaram sobre a tempestade que se abateu no castelo, derrubando e quebrando toda a louça da cozinha. Ele se pôs a rir e disse que eles haviam sonhado e que fora apenas o vento. — Em nome de Deus — disse a senhora —, eu também ouvi.

“Quando, em seguida, veio a outra noite, ainda voltaram aquelas tempestades, provocando maior barulho que antes e dando golpes tão grandes nas portas e nas janelas do quarto do cavaleiro que parecia que tudo ia romper-se. O cavaleiro saiu do leito e não pôde nem quis obter o que desejava: — Quem é que bate assim a esta hora à porta do meu quarto? — Logo lhe responderam: — Sou eu. — O cavaleiro perguntou-lhe: — Quem te envia? — Envia-me o padre da Catalunha, a quem fazes grande mal, porque lhe tiras os direitos de seus benefícios. Não te deixarei em paz enquanto não lhe prestares boa conta e ele não ficar contente.

“O cavaleiro perguntou: — Como te chamas, tu que és tão bom mensageiro? — Chamam-me Orthon. — Orthon — disse o cavaleiro —, o serviço de um padre nada te vale. Ele te dará e te fará muito sofrimento. Se queres crer-me, peço-te, deixa-me em paz e serve-me, e eu te serei muito grato. — Orthon julgou por bem responder, porque logo se aproximou do cavaleiro e lhe disse: — Quereis? — Sim — disse o cavaleiro —, mas que não faças mal a ninguém nesta casa. — A ninguém — disse Orthon —; não tenho nenhum poder a não ser te despertar e te impedir de dormir, a ti ou

aos outros. — Faze o que te digo — disse o cavaleiro — e entraremos em acordo; deixa esse padre malvado, que nada possui de bom em si, exceto que pena por ti; assim, serve-me. — Já que o queres — disse Orthon — eu o quero.

“Assim esse Orthon se ligou de tal modo ao senhor de Corasse, que muitas vezes vinha vê-lo à noite, e, quando o encontrava dormindo, puxava o travesseiro ou dava pancadas nas portas e nas janelas do quarto, despertando o cavaleiro, que lhe dizia: — Orthon, deixa-me dormir. — Não o farei — dizia Orthon — sem que antes te dê notícias. — A esposa do cavaleiro, então, teve tão grande medo que seus cabelos se eriçaram, levando-a a esconder-se sob as cobertas. — Então — perguntava o cavaleiro —, que novidades me trazes? — Respondeu Orthon: — Venho da Inglaterra, ou da Hungria ou de outro lugar. Saí ontem e aconteceram tais coisas. — Assim, soube o senhor de Corasse, por intermédio de Orthon, tudo quanto se passava pelo mundo. Manteve esse mensageiro durante cinco anos e não podia calar-se nem fazer-se descobrir ao conde de Foix, pela maneira por que vos direi. No primeiro ano o senhor de Corasse veio diversas vezes ao conde de Foix, em Ortais, e lhe dizia: Senhor, tal coisa aconteceu na Inglaterra, ou na Alemanha, ou em outro país; e o conde de Foix, após verificar que tudo era verdade, ficava maravilhado de como vinha a saber tais coisas. E tanto insistiu uma vez que o Senhor de Corasse terminou por dizer-lhe como e por quem lhe vinham tais notícias.

“Quando o conde de Foix soube a verdade, ficou muito contente e lhe disse: Senhor de Corasse, procurai ser-lhe agradável; eu bem que gostaria de ter um tal mensageiro. Isso não vos custa nada e por esse meio ficareis sabendo realmente o que acontece no mundo. O cavaleiro respondeu: — Senhor, eu o farei. — Assim, o senhor de Corasse foi servido por Orthon durante muito tempo. Não sei se esse Orthon tinha mais de um senhor, mas todas as semanas, duas ou três vezes, vinha visitar o senhor de Corasse, dando-lhe notícias do que acontecia nos países onde tinha conversado, e este as escrevia ao conde de Foix, o qual tinha grande alegria.

“Uma vez estava o senhor de Corasse com o conde de Foix e conversavam sobre isto, de modo que o conde lhe perguntou: — Senhor de Corasse, nunca vistes o vosso mensageiro? — Palavra de honra, nunca, nem uma só vez. — É maravilhoso — disse o conde —; se ele me fosse tão ligado quanto a vós, eu lhe teria pedido que o demonstrasse a mim; e peço que vos deis ao trabalho de dizer-me qual a sua forma e a sua maneira. Dissestes que ele fala tão bem o gascão como eu e vós. — Juro — disse o senhor de Corasse —, é verdade; ele fala tão bem e tão bonito como vós e eu; e juro que procurarei vê-lo, já que me aconselhais. Sucedeu que o senhor de Corasse, como em outras noites, estava em seu leito, ao lado de sua mulher, a qual já se acostumara a ouvir Orthon e não mais tinha medo. Então veio Orthon e puxou o travesseiro do senhor de Corasse, que dormia profundamente. Despertando, o senhor de Corasse perguntou: — Quem está aí? — Sou eu — respondeu Orthon. — E lhe perguntou: — De onde vens? — Venho de Praga, na Boêmia. — Quanto — disse ele —, tudo bem? — Sessenta dias — respondeu Orthon. — E vieste tão cedo? — Sim, por Deus; vou tão rápido quanto o vento, ou mais. ‘Então tens asas?’ ‘Nenhuma’ — disse. ‘Como, então, podes voar tão rápido?’ Respondeu Orthon: — Não tendes senão que ouvir as notícias que vos trago. — Por Deus — disse o senhor de Corasse —, eu preferia te ver. — Respondeu Orthon: — Já que desejais ver-me, a primeira coisa que vereis e encontrareis amanhã de manhã, quando sairdes do leito, será eu. — Basta — disse o senhor de Corasse. — Agora vai; eu te dispense por esta noite. — Na manhã seguinte o senhor de Corasse levantou-se. A senhora tinha tanto medo que ficou doente e disse que não se levantaria naquele dia, mas o senhor ordenou que ela se levantasse. — Senhor — disse ela —, eu veria Orthon, e não quero vê-lo de forma alguma, se Deus mo permitir. — Então, disse o Senhor de Corasse: — Eu quero vê-lo. — Saiu de mansinho do leito, mas nada viu que pudesse dizer: — Eu vi Orthon aqui. O dia se passou e veio a noite. Quando o senhor de Corasse estava deitado em sua cama, veio Orthon e começou a falar, como de costume. — Vai — disse o senhor de Corasse a Orthon —, és um mentiroso; devias ter-te mostrado muito bem a mim e não o fizeste. — Sim, fiz. — Não o fizeste. — E quando saístes do leito

— disse Orthon — nada vistes? — O senhor de Corasse pensou um pouco e lembrou-se. — Sim — respondeu ele —, ao sair da cama e, pensando em ti, vi duas tiras de palha no assoalho, que giravam juntos. — Era eu — disse Orthon — na forma que tinha tomado. — Disse o senhor de Corasse: — Isto não me basta; peço-te que tomes outra forma, de tal modo que te possa ver e reconhecer. — Orthon respondeu: — Pedis tanto que me perdereis e vos deixarei, porque exigis muito. — Disse o senhor de Corasse: — Tu não te irás de mim. Se eu te tivesse visto uma vez, não te pediria mais para te ver novamente. — Ora — disse Orthon —, ver-me-eis amanhã; e tomai cuidado com a primeira coisa que virdes ao sair do vosso quarto.

“No dia seguinte, à hora terça, o senhor de Corasse levantou-se, aprontou-se e, tão logo saiu do quarto, veio a um local que dá para o pátio do castelo; lançou os olhos e a primeira coisa que viu foi uma porca, a maior que já tinha visto, mas era tão magra que parecia ter apenas pele e ossos; tinha as orelhas grandes, caídas e manchadas e o focinho longo e agudo. O senhor de Corasse ficou muito admirado da porca. Como não a via com prazer, ordenou à sua gente: Soltem os cães; quero ver esta porca morta e devorada. Os criados saíram, abriram o lugar onde estavam os cães e os fizeram assaltar a porca, que soltou um grande grito e olhou firmemente para o senhor de Corasse, que se apoiava no terraço em frente ao quarto e não mais a viu, porquanto ela desvaneceu-se, não se sabendo em que se tornou. O senhor de Corasse entrou em seu quarto muito pensativo e lembrou-se de Orthon. ‘Creio que vi Orthon, meu mensageiro. Arrependo-me de haver lançado meus cães sobre ele. Será um azar se não mais o vir, pois me disse várias vezes que, assim que o reconhecesse, eu o perderia.’ Ele disse a verdade. Desde então não voltou mais ao castelo de Corasse, e o cavaleiro ali morreu no ano seguinte.

“— É verdade — perguntei ao escudeiro — que o conde de Foix tenha se servido de tal mensageiro? — Para dizer a verdade: sim, é a opinião de vários homens de Béarn, pois nada se faz na região e alhures sem que ele o queira ou se empenhe, a menos que não o saiba ou não tenha tomado cuidado. Assim, foi com bons

cavaleiros e escudeiros deste país que estavam em Portugal. A graça e o renome que ele tem por isto lhe foi de grande proveito, porque não perdia em casa o valor de uma colher de ouro ou de prata, nem coisa alguma sem que logo desse falta.”

## Correspondência

Carta do Dr. Morhéry sobre diversas curas obtidas  
pela medicação da senhorita Désirée Godu:

Plessis-Doudet, perto de Loudéac, Côtes-du-Nord, 25  
de abril de 1860.

Senhor Allan Kardec,

Venho hoje me desobrigar da promessa feita de vos assinalar os casos de cura que obtive com o concurso da Srta. Godu. Como haveis de compreender, não enumerarei todos, pois seria muito longo. Limito-me a fazer uma escolha, não em virtude da gravidade, mas da variedade das moléstias. Não quis repetir os mesmos casos nem mencionar curas de pouca importância.

Vede, senhor, que a Srta. Godu não perdeu tempo desde que se encontra em Plessis-Boudet. Já visitamos mais de duzentos doentes e tivemos a satisfação de curar quase todos os que tiveram a paciência de seguir as prescrições. Não vos falo dos nossos cancerosos, eles estão bem encaminhados, mas esperarei resultados positivos antes de me pronunciar. Temos ainda grande número de doentes em tratamento; escolhemos, de preferência, os que são considerados incuráveis. Dentro de pouco tempo espero ter novos casos de cura a vos indicar. São principalmente as afecções reumáticas, as paralisias, as ciáticas, as úlceras, os distúrbios ósseos e as chagas de qualquer natureza que o sistema de tratamento parece dar melhores resultados.

Posso assegurar-vos, senhor, que aprendi muitas coisas úteis que, antes do meu contato, essa senhorita ignorava. Cada dia

ela me ensina algo de novo, tanto para o tratamento quanto para o diagnóstico. Em relação ao prognóstico, ignoro como pode fixá-lo; todavia, ela não se engana. Com a ciência ordinária não se pode explicar uma tal penetração, mas vós, senhor, a compreendeis facilmente.

Termino declarando que certifico como verdadeiras e sinceras todas as observações que se seguem, com a minha assinatura.

Aceitai etc.

MORHÉRY, DOUTOR EM MEDICINA

1ª) *Observação* nº 5 (23 de fevereiro de 1860). François Langle, trabalhador jornaleiro. Diagnóstico: febre terçã há seis meses. A febre tinha resistido ao sulfato de quinina, por mim administrado várias vezes ao doente; foi curado em cinco dias de tratamento com simples infusões de plantas diversas, e o doente passa melhor do que nunca. Poderia citar dez curas semelhantes.

2ª) *Observação* nº 9 (24 de fevereiro de 1860). Senhora R..., de Loudéac, 32 anos. Diagnóstico: inflamação e intumescimento crônico das amígdalas; cefalalgia violenta; dores na coluna vertebral; abatimento geral; ausência de apetite. O mal começou por arrepios e surdez e já dura dois anos. – Prognóstico: caso grave e difícil de curar, o mal tem resistido aos melhores tratamentos aplicados. Hoje a doente está curada; prossegue o tratamento apenas para evitar uma recaída.

3ª) *Observação* nº 13 (25 de fevereiro de 1860). Pierre Gaubichais, do vilarejo de Ventou-Lamotte, 23 anos. Diagnóstico: inflamação subaponevrótica no dorso e na palma da mão. – Prognóstico: caso grave, mas não incurável. A cura foi obtida em menos de 15 dias. Temos quatro ou cinco casos semelhantes.

4ª) *Observação* nº 18 (26 de fevereiro de 1860). François R..., de Loudéac, 27 anos. Diagnóstico: tumor branco cicatrizado

no joelho esquerdo; abscesso fistuloso na parte posterior da coxa, acima da articulação. O mal existe desde os dez anos. – Prognóstico: caso muito grave e incurável, resistiu aos melhores tratamentos instituídos durante seis anos. O doente foi pensado com unguentos preparados pela Srta. Godu e tomou infusões de plantas diversas. Hoje se pode considerá-lo curado.

5ª) *Observação* nº 23 (25 de fevereiro de 1860). Jeanne Gloux, operária em Tierné-Loudéac. Diagnóstico: panarício muito intenso há dez dias. A doente foi curada radicalmente em 15 dias apenas com os unguentos da Srta. Godu. As dores desapareceram a partir do segundo curativo. Temos três curas semelhantes.

6ª) *Observação* nº 12 (25 de fevereiro de 1860). Vincent Gourdel, tecelão em Lamotte, 32 anos. Diagnóstico: oftalmia aguda, conseqüente a uma erisipela intensa. Injeção inflamatória da conjuntiva e grande belida<sup>22</sup> manifestando-se na córnea transparente do olho esquerdo; estado inflamatório geral. – Prognóstico: afecção grave e muito intensa. É de temer-se que o olho se perca em dez dias. – Tratamento: aplicação de unguentos sobre o olho doente. Hoje a oftalmia está curada; a belida desapareceu, mas o tratamento continua para combater a erisipela, que parece ser de natureza periódica e, talvez, dartrosa.<sup>23</sup>

7ª) *Observação* nº 31 (27 de fevereiro de 1860). Marie-Louise Rivière, jornaleira em Lamotte, 24 anos. Diagnóstico: reumatismo antigo na mão direita, com debilidade completa e paralisia das falanges; impossibilidade de trabalhar. Causa desconhecida. – Prognóstico: cura muito difícil, se não impossível. Curada em vinte dias de tratamento.

8ª) *Observação* nº 34 (28 de fevereiro de 1860). Jean-Marie Le Berre, 19 anos, indigente em Lamotte. Diagnóstico:

<sup>22</sup> Nota do tradutor: Mancha permanente da córnea devida a traumatismos ou ulcerações.

<sup>23</sup> Nota do tradutor: Que apresenta dartro, termo genérico com o qual se designavam várias afecções cutâneas.

cefalalgia violenta, insônia, hemorragias frequentes pelas fossas nasais, desvio para dentro do joelho direito e para fora da mesma perna. O doente realmente está estropiado. – Prognóstico: incurável. – Tratamento: tópico extrativo e unguentos da Srta. Godu. Hoje o membro se endireitou e a cura é mais ou menos completa; entretanto, continua-se o tratamento, por precaução.

9ª) *Observação* nº 50 (28 de fevereiro de 1860). Marie Nogret, 23 anos, de Lamotte. Diagnóstico: inflamação da pleura e do diafragma, intumescimento e inflamação das amígdalas e da úvula, palpitações, tontura, sufocações. – Prognóstico: embora a paciente seja forte, seu estado é grave; não pode dar dois passos. – Tratamento: infusões de plantas diversas. Melhor desde o dia seguinte e cura radical em oito dias.

10ª) *Observação* nº 109 (12 de março de 1860). Pierre Le Boudu, comuna de Saint-Hervé. Diagnóstico: surdez desde os 18 anos, conseqüente a uma febre tifoide. – Prognóstico: incurável e rebelde a todo tratamento. – Tratamento: injeções e usos de infusões de plantas diversas, preparadas pela Srta. Godu. Hoje o doente ouve o movimento de seu relógio; o barulho o incomoda e atordoia, em razão da sensibilidade do ouvido.

11ª) *Observação* nº 132 (18 de março de 1860). Marie Le Maux, 10 anos, residente em Grâces. Diagnóstico: reumatismo com rigidez das articulações, particularmente em ambos os joelhos; a criança só anda com muletas. – Prognóstico: caso muito grave, se não incurável. – Tratamento: tópico extrativo e curativos com unguentos da Srta. Godu. Cura em menos de vinte dias. Hoje anda sem muletas nem bengala.

12ª) *Observação* nº 80 (19 de março de 1860). Hélène Lucas, 9 anos, indigente em Lamotte. Diagnóstico: protrusão e intumescimento permanente da língua, que avança de 5 a 6 centímetros além dos lábios e parece estrangulada; a língua é rugosa, os dentes inferiores estão corroídos pela língua; para comer, a criança é obrigada

a afastar a língua para um lado com uma mão e introduzir os alimentos na boca com a outra. Tal estado remonta à idade de dois meses e meio. – Prognóstico: caso muito grave julgado incurável. Hoje a língua retraiu-se e a doente está quase completamente curada.

MORHÉRY

Notar-se-á sem dificuldades que as notícias acima não constituem esses certificados banais, solicitados pela cupidez, nos quais muitas vezes a complacência disputa com a ignorância. São observações de um profissional que, pondo de lado o amor-próprio, admite francamente a sua insuficiência em presença dos infinitos recursos da natureza, que não lhe disse a última palavra nos bancos escolares. Reconhece que essa moça, sem instrução especial, ensinou-lhe mais do que certos livros dos homens, porque lê no próprio livro da natureza. Como homem sensato, prefere salvar um doente por meios aparentemente irregulares a deixá-lo morrer segundo as regras; e não se julga humilhado.

Comprometemo-nos a fazer um estudo sério no próximo artigo, do ponto de vista teórico, sobre essa faculdade intuitiva, mais frequente do que se pensa, mas que é mais ou menos desenvolvida, por meio da qual a Ciência poderá haurir preciosas luzes, quando os homens não se julgarem mais sábios que o Senhor do Universo. Por intermédio de um homem muito esclarecido, natural do Hindustão e de origem indiana, obtivemos preciosos ensinamentos sobre as práticas da Medicina intuitiva pelos nativos, e que vêm acrescentar à teoria o testemunho de fatos autênticos, bem observados.

## Conversas familiares de Além-Túmulo

JARDIN

(Sociedade de Paris, 25 de novembro de 1859).

Lê-se no *Journal de la Nièvre*: “Um acidente funesto ocorreu sábado passado na estação ferroviária. O Sr. Jardin, homem

de 62 anos, ao sair do pátio da estação, foi colhido pelos varais de um tálburi,<sup>24</sup> exalando o último suspiro poucas horas depois.”

A morte desse homem revelou uma das mais extraordinárias histórias, à qual não teríamos dado crédito se testemunhas verídicas não nos tivessem garantido a sua autenticidade. Ei-la, tal qual nos foi narrada:

Antes de ser empregado no entreposto de tabacos de Nevers, Jardin morava no Cher, burgo de Saint-Germain-des-Bois, onde exercia a profissão de alfaiate. Sua mulher tinha morrido havia cinco anos, nesse vilarejo, vítima de uma fluxão de peito, quando, há oito anos, ele deixou Saint-Germain para vir morar em Nevers. Empregado laborioso, Jardin era muito piedoso, de uma devoção que raiava à exaltação; entregava-se com fervor às práticas religiosas. Em seu quarto tinha um genuflexório, no qual gostava de ajoelhar-se. Sexta-feira à noite, achando-se só com a filha, anunciou-lhe, de repente, que um secreto pressentimento o advertia de que seu fim estava próximo. “Escuta” — disse-lhe ele — “minhas últimas vontades: quando eu estiver morto, remeterás ao Sr. B... a chave do meu genuflexório para que ele leve o que ali encontrar e deposite em meu caixão.”

Surpreendida por essa brusca recomendação, a Srta. Jardin, não sabendo ao certo se o pai falava sério, perguntou-lhe o que poderia haver no genuflexório. A princípio recusou responder, mas, como ela insistisse, ele lhe fez a estranha revelação de que o que se achava ali eram os restos de sua mãe! Informou-lhe que, antes de deixar Saint-Germain-des-Bois, tinha ido ao cemitério durante a noite. Todos dormiam no vilarejo. Sentindo-se muito só, tinha ido à sepultura da esposa e, armado de uma pá, havia cavado a terra até atingir o caixão que continha os restos daquela que fora sua companheira. Não querendo separar-se desses preciosos despojos, recolhera os ossos e os depositara no seu genuflexório.

<sup>24</sup> N.E.: Carro de duas rodas e dois assentos, com capota e sem bo-leia, puxado por um só animal.

A essa estranha confiança, um pouco amedrontada, mas sempre duvidando que o pai falasse sério, a Srta. Jardim prometeu-lhe conformar-se às suas últimas vontades, persuadida de que ele queria divertir-se à sua custa e que no dia seguinte lhe daria a solução desse fantástico enigma.

No dia seguinte, sábado, Jardim foi ao escritório, como de costume. Cerca de uma hora foi mandado à estação de mercadorias para despachar sacos de tabaco destinados ao abastecimento do entreposto. Mal saíra da estação, foi atingido no peito pelos varais de um tílbur, que lhe passara despercebido em meio às viaturas estacionadas no embarcadouro. Seus pressentimentos não o haviam enganado. Derrubado pela violência do choque, foi levado para casa sem sentidos.

Os socorros prodigalizados fizeram-lhe recobrar os sentidos. Pediram para tirar-lhe as roupas, a fim de examinar os ferimentos, mas ele se opôs vivamente; insistiram, e recusou ainda. Mas como, apesar da resistência, se dispunham a despi-lo, prostrou-se de repente: estava morto.

O corpo foi posto numa cama. Qual não foi, porém, a surpresa dos presentes quando, depois de despido, viu-se sobre o coração um saco de couro, amarrado em volta de seu corpo! Um corte feito pelo médico, chamado para constatar a morte, separou o saco em duas partes, do qual escapou uma mão seca!

Lembrando-se do que o pai lhe houvera dito na véspera, a Srta. Jardim preveniu os senhores B... e J..., marceneiros. Aberto o genuflexório, dele foi retirado uma barretina da Guarda Nacional, no fundo da qual encontrava-se a cabeça de um morto, ainda com os cabelos; depois perceberam, no fundo do genuflexório, dispostos sobre os raios, os ossos de um esqueleto: eram os restos da esposa de Jardim.

Domingo último os despojos de Jardim foram conduzidos à derradeira morada. Para satisfazer à vontade do sexagenário,

puseram no caixão os restos de sua mulher e, sobre seu peito, a mão seca que, se assim podemos nos exprimir, durante oito anos havia sentido o bater de seu coração.

1. *Evocação.*

*Resp.* – Eis-me aqui.

2. Quem vos preveniu de que desejávamos falar-vos?

*Resp.* – Nada sei; fui arrastado até aqui.

3. Onde estáveis quando vos chamamos?

*Resp.* – Junto a um homem de quem gosto, acompanhado de minha esposa.

4. Como tivestes o pressentimento da morte?

*Resp.* – Tinha sido prevenido por aquela que tanto lamentava. Deus o havia concedido, por sua prece.

5. Então vossa mulher estava sempre ao vosso lado?

*Resp.* – Ela não me deixava.

6. Os seus restos mortais, que conserváveis no genuflexório, eram a causa de sua presença contínua?

*Resp.* – De maneira alguma, mas eu o acreditava.

7. Assim, se não tivésseis conservado esses restos, nem por isso o Espírito de vossa mulher deixaria de ficar ao vosso lado?

*Resp.* – Então o pensamento não é mais poderoso para atrair o Espírito do que os restos, sem importância para ele?

8. Revistes imediatamente vossa esposa no momento da morte?

*Resp.* – Foi ela quem veio receber-me e esclarecer-me.

9. Tiveste imediatamente a consciência de vós mesmo?

*Resp.* – Ao cabo de pouco tempo; eu tinha uma fé intuitiva na imortalidade da alma.

10. Vossa esposa deve ter tido existências anteriores à última. Como se explica que as tenha esquecido, para consagrar-se inteiramente a vós?

*Resp.* – Tinha de me guiar em minha vida material, sem, por isso, renunciar às suas antigas afeições. Quando dizemos que jamais deixamos um Espírito encarnado, deveis compreender que por isso queremos dar a entender que frequentemente estamos mais junto a ele do que alhures. A rapidez do nosso deslocamento no-lo permite, de maneira tão fácil quanto, a vós, uma conversa com vários interlocutores.

11. Lembrai-vos de vossas existências anteriores?

*Resp.* – Sim. Na última fui um pobre camponês, sem nenhuma instrução, mas, anteriormente, havia sido religioso sincero, devotado ao estudo.

12. A extraordinária afeição que tínheis por vossa mulher não teria, como causa, antigas relações de outras existências?

*Resp.* – Não.

13. Sois feliz como Espírito?

*Resp.* – Mais não é possível, deveis compreender.

14. Podeis definir vossa felicidade atual e dizer-nos a sua causa?

*Resp.* – Eu não deveria ter necessidade de vo-lo dizer: eu amava e sentia falta de um Espírito querido; amava a Deus; era honesto. Encontrei o que me faltava: eis os elementos de felicidade para um Espírito.

15. Quais as vossas ocupações como Espírito?

*Resp.* – Disse-vos que ao ser chamado estava junto a um homem de quem gostava; procurava inspirar-lhe o desejo do bem, como sempre fazem os Espíritos que Deus julga dignos. Temos ainda outras ocupações, que não podemos, por ora, revelar.

16. Agradecemos a gentileza de terdes vindo.

*Resp.* – Também vos agradeço.

## UMA CONVULSIONÁRIA

Havendo as circunstâncias nos posto em contato com a filha de uma das principais convulsionárias de Saint-Médard, foi possível recolher sobre essa espécie de seita alguns ensinamentos particulares. Assim, nada há de exagerado no que se relata sobre as torturas a que voluntariamente se submetiam os fanáticos. Sabe-se que uma das provas, designadas pelo nome de *grandes socorros*, consistia em sofrer a crucificação e todos os tormentos da Paixão do Cristo. A pessoa de quem falamos, falecida em 1830, ainda tinha nas mãos os buracos feitos pelos pregos que haviam servido para suspendê-la à cruz, e ao lado as marcas das lançadas que havia recebido. Ela escondia cuidadosamente esses estigmas do fanatismo, e sempre tinha evitado explicá-los aos filhos. É conhecida na história das convulsionárias sob um pseudônimo que não revelaremos, por motivos que logo serão indicados. A conversa a seguir ocorreu em presença de sua filha, que a desejou.

Suprimimos as suas particularidades íntimas, que não interessariam aos estranhos, mas que foram, para a moça, uma prova incontestável da identidade de sua mãe.

1. *Evocação.*

*Resp.* – Há muito que desejo conversar convosco.

2. Qual o motivo que vos levava a desejar conversar comigo?

*Resp.* – Sei apreciar vossos trabalhos, apesar do que possais pensar de minhas crenças.

3. Vedes aqui a senhora vossa filha? Foi sobretudo ela quem quis conversar convosco e ficaremos muito contentes de aproveitar a ocasião para nossa instrução.

*Resp.* – Sim; uma mãe sempre vê seus filhos.

4. Sois feliz como Espírito?

*Resp.* – Sim e não, porque poderia ter feito melhor, mas Deus leva em conta a minha ignorância.

5. Lembrais perfeitamente da vossa última existência?

*Resp.* – Eu teria muitas coisas a vos dizer, mas orai por mim, a fim de que isto me seja permitido.

6. As torturas a que vos submetestes vos elevaram e tornaram mais feliz como Espírito?

*Resp.* – Não me fizeram mal, mas não me fizeram avançar em inteligência.

7. Rogo-vos a gentileza de ser mais precisa. Pergunto se aquilo vos foi levado à conta de mérito?

*Resp.* – Direi que tendes uma pergunta em *O livro dos espíritos* que dá uma resposta geral. Quanto a mim, era uma pobre fanática.

NOTA – Alusão à questão 726, de *O livro dos espíritos*, sobre os sofrimentos voluntários.

8. Essa questão diz que o mérito dos sofrimentos voluntários está na razão da utilidade que daí resulta para o próximo. Ora, os das convulsionárias não teriam, segundo creio, senão um fim puramente pessoal?

*Resp.* – Era geralmente pessoal, e se jamais falei disso a meus filhos foi porque compreendia, vagamente, que não era o verdadeiro caminho.

OBSERVAÇÃO – Aqui o Espírito da mãe responde, por antecipação, ao pensamento da filha, que desejava perguntar-lhe por que, em vida, tinha evitado falar disso aos filhos.

9. Qual era a causa do estado da crise das convulsionárias?

*Resp.* – Disposição natural e superexcitação fanática. Jamais teria querido que meus filhos fossem arrastados por essa ladeira fatal, que hoje reconheço melhor ainda.

Respondendo espontaneamente a uma reflexão de sua filha, que, entretanto, não havia formulado a pergunta, acrescenta o Espírito: — Eu não tinha educação, mas intuição de muitas existências anteriores.

10. Dentre os fenômenos produzidos entre as convulsionárias, alguns apresentam analogia com certos efeitos sonambúlicos, por exemplo, a penetração do pensamento, a visão a distância, a intuição das línguas. O magnetismo representava nisso um certo papel?

*Resp.* – Muito, e vários sacerdotes magnetizavam, sem que as pessoas o soubessem.

11. De onde provinham as cicatrizes que apresentáveis nas mãos e em outras partes do corpo?

*Resp.* – Pobres troféus de nossas vitórias, que não serviram a ninguém e que muitas vezes excitaram paixões. Deveis compreender-me.

OBSERVAÇÃO — Parece que se passavam coisas de grande imoralidade na prática das convulsionárias, que haviam revoltado o coração honesto dessa senhora, levando-a, mais tarde, quando

acalmada a febre fanática, a tomar aversão por tudo quanto lhe recordasse o passado. É, sem dúvida, uma das razões por que não falou do assunto a seus filhos.

12. Realmente eram operadas curas sobre o túmulo do diácono Pâris?

*Resp.* – Oh! que pergunta! Sabeis muito bem que não, ou pouca coisa, sobretudo para vós.

13. Vistes Pâris depois que morrestes?

*Resp.* – Não me ocupei dele, porquanto o censura por meu erro, desde que sou Espírito.

14. Como o consideráveis quando viva?

*Resp.* – Como um enviado de Deus. É por isso que o censura, pelo mal que me fez em nome de Deus.

15. Mas não é ele inocente pelas tolices praticadas em seu nome após a sua morte?

*Resp.* – Não, porque ele próprio não acreditava no que ensinava. Quando viva não o compreendi como o compreendo agora.

16. É verdade que o Espírito dele tenha ficado alheio, como ele o disse, às manifestações ocorridas em sua sepultura?

*Resp.* – Ele vos enganou.

17. Assim, ele excitava o zelo fanático?

*Resp.* – Sim, e ainda o faz.

18. Quais são as vossas ocupações como Espírito?

*Resp.* – Procuo instruir-me; é por isso que disse que desejava vir entre vós.

19. Em que lugar vos achais aqui?

*Resp.* – Perto do médium, com a mão sobre o seu braço ou sobre o seu ombro.

20. Se vos pudéssemos ver, sob que forma seríeis vista?

*Resp.* – Minha filha veria sua mãe, como quando viva. Quanto a vós, me veríeis em Espírito; a palavra, não vo-la posso dizer.

21. Explicai-vos, por gentileza. Que pretendeis dizendo que eu vos veria em Espírito?

*Resp.* – Uma forma humana transparente, conforme a depuração do Espírito.

22. Dissestes haver tido outras existências. Lembrais-vos delas?

*Resp.* – Sim, já vos falei delas e, por minhas respostas, deveis ver que tive muitas.

23. Poderíeis dizer qual a que precedeu a última, que conhecemos?

*Resp.* – Não esta noite e não por este médium. Pelo senhor, se quiserdes.

NOTA – Ela designa um dos assistentes que começava a escrever como médium e explica sua simpatia por ele, porque diz tê-lo conhecido em sua precedente existência.

24. Ficaríeis contrariada se eu publicasse esta conversa na *Revista*?

*Resp.* – Não; é necessário que o mal seja divulgado. Mas não me chameis... (seu nome de guerra); detesto esse nome. Designai-me, se quiserdes, como a grande mestra.

OBSERVAÇÃO — É para condescender com o seu desejo que não citamos o nome pelo qual era conhecida e que lhe traz penosas recordações.

25. Nós vos agradecemos por terdes vindo e pelas explicações que nos destes.

*Resp.* — Sou eu quem vos agradece por terdes proporcionado à minha filha a oportunidade de encontrar sua mãe, e a mim, a de poder fazer um pouco de bem.

## Variedades

### A BIBLIOTECA DE NOVA YORK

Lê-se no *Courrier des États-Unis*:

Um jornal de Nova York publica um fato bastante curioso, do qual certo número de pessoas já tinha conhecimento, e sobre o qual, desde alguns dias, eram feitos comentários assaz divertidos. Os espiritualistas veem nele um exemplo a mais das manifestações do outro mundo. As pessoas sensatas não vão procurar tão longe a explicação, reconhecendo claramente os sintomas característicos de uma alucinação. É também a opinião do próprio Dr. Cogswell, o herói da aventura.

O Dr. Cogswell é o bibliotecário chefe da *Astor Library*. O devotamento que se permite ao acabamento de um catálogo completo da biblioteca muitas vezes o leva a consagrar a esse trabalho as horas que deveria destinar ao sono. É assim que tem oportunidade de visitar sozinho, à noite, as salas onde tantos volumes se acham arrumados nas estantes.

Há cerca de 15 dias, pelas onze horas da noite, ele passava, com o castiçal na mão, diante de um dos recantos cheios de livros, quando, para sua grande surpresa, percebeu um homem bem-posto, que parecia examinar com cuidado os títulos dos volumes. A princípio,

imaginando que se tratasse de um ladrão, recuou e observou atentamente o desconhecido. Sua surpresa tornou-se ainda mais viva quando reconheceu, no visitante noturno, o doutor \*\*\*, que tinha vivido na vizinhança de Lafayette-Place, mas que estava morto e enterrado havia seis meses.

O Dr. Cogswell não acredita muito em aparições e as teme menos ainda. Não obstante, resolveu tratar o fantasma com atenção e, levantando a voz, disse-lhe: “Doutor, como se explica que em vida provavelmente jamais tenhais vindo a esta biblioteca, e agora a visitais depois de morto?” Perturbado em sua contemplação, o fantasma olhou o bibliotecário ternamente e desapareceu sem responder.

“Singular alucinação”, disse o Sr. Cogswell de si para si. “Sem dúvida terei comido algo indigesto ao jantar.”

Retornou ao trabalho; depois foi deitar-se e dormiu tranquilamente. No dia seguinte, à mesma hora, teve vontade de visitar a biblioteca. No mesmo local da véspera, encontrou o mesmo fantasma, dirigiu-lhe as mesmas palavras e obteve o mesmo resultado.

“Eis uma coisa curiosa”, pensou ele; “é preciso que eu volte amanhã.”

Antes de voltar, porém, o Dr. Cogswell examinou as estantes que pareciam interessar vivamente ao fantasma e, por uma singular coincidência, reconheceu que estavam repletas de obras antigas e modernas de necromancia. No dia seguinte, ao encontrar pela terceira vez o doutor morto, variou a pergunta e lhe disse: “É a terceira vez que vos encontro, doutor. Dizei-me se algum desses livros perturba vosso repouso, a fim de que eu o mande retirar da coleção.” O fantasma não respondeu desta, como das outras vezes, mas desapareceu definitivamente, e o perseverante bibliotecário pôde voltar à mesma hora e ao mesmo lugar, noites seguidas, sem encontrá-lo.

Entretanto, aconselhado por amigos, aos quais havia contado a história, e pelos médicos a quem consultou, decidiu repousar um pouco

e fazer uma viagem de algumas semanas até Charlestown, antes de retomar a tarefa longa e paciente que se havia imposto, e sua fadiga, sem dúvida, havia causado a alucinação que acabamos de narrar.

OBSERVAÇÃO – Sobre o artigo, faremos uma primeira observação: é a falta de cerimônia com que os negadores dos Espíritos se atribuem o monopólio do bom senso. “Os espiritualistas” — diz o autor — “veem no fato um exemplo a mais das manifestações do outro mundo; *as pessoas sensatas* não vão procurar tão longe a explicação, reconhecendo *claramente* os sintomas de uma alucinação.” Assim, de acordo com esse autor, somente são sensatas as pessoas que pensam como ele; as demais não têm senso comum, mesmo que fossem doutores, e o Espiritismo os conta aos milhares. Estranha modéstia, na verdade, a que tem por máxima: Ninguém tem razão, exceto nós e nossos amigos!

Ainda estamos para ter uma definição clara e precisa, uma explicação fisiológica da alucinação. Mas, em falta de explicação, há um sentido ligado a esta palavra; no pensamento dos que a empregam, significa ilusão. Ora, quem diz *ilusão* diz *ausência de realidade*; segundo eles, é uma imagem puramente fantástica, produzida pela imaginação, sob o império de uma superexcitação cerebral. Não negamos que assim possa ser em certos casos; a questão é saber se todos os fatos do mesmo gênero estão em condições idênticas. Examinando o que foi relatado acima, parece que o Dr. Cogswell estava perfeitamente calmo, como ele próprio declara, e que nenhuma causa fisiológica ou moral teria vindo perturbar-lhe o cérebro. Por outro lado, mesmo admitindo nele uma ilusão momentânea, restaria ainda explicar como essa ilusão se produziu vários dias seguidos, à mesma hora, e com as mesmas circunstâncias; isso não é o caráter da alucinação propriamente dita. Se uma causa material desconhecida impressionou seu cérebro no primeiro dia, é evidente que essa causa cessou ao cabo de alguns instantes, quando o fantasma desapareceu. Como, então, ela se reproduziu identicamente três dias seguidos, com 24 horas de intervalo? É lamentável que o

autor do artigo tenha negligenciado de fazê-lo, porquanto deve, sem dúvida, ter excelentes razões, visto pertencer ao grupo das pessoas sensatas.

Contudo, reconhecemos que, no fato acima mencionado, não há nenhuma prova positiva da realidade e que, a rigor, poder-se-ia admitir que a mesma aberração dos sentidos tenha podido repetir-se. Mas dar-se-á o mesmo quando as aparições são acompanhadas de circunstâncias, de certo modo, materiais? Por exemplo, quando pessoas, não em sonho, mas perfeitamente despertas, veem parentes ou amigos ausentes, nos quais absolutamente não pensavam, aparecer-lhes no momento da morte, que vêm anunciar, pode-se dizer que seja um efeito da imaginação? Se o fato da morte não fosse real, haveria incontestavelmente ilusão; mas quando o acontecimento vem confirmar a previsão — e o caso é muito frequente —, como não admitir outra coisa senão simples fantasmagoria? Ainda que o fato fosse único, ou mesmo raro, poder-se-ia crer num jogo do acaso; mas, como dissemos, os exemplos são inumeráveis e perfeitamente provados. Que os *alucinacionistas* se disponham a nos dar uma explicação categórica e, então, veremos se suas razões são mais probantes que as nossas. Gostaríamos, sobretudo, que nos provassem a impossibilidade material que a alma — principalmente eles, que se julgam sensatos por excelência, e admitem que temos uma alma que sobrevive ao corpo — que nos provassem, dizíamos, que essa alma, que deve estar em toda parte, não possa estar à nossa volta, ver-nos, ouvir-nos e, desde então, comunicar-se conosco.

### A NOIVA TRAÍDA

O fato seguinte foi narrado pela *Gazetta dei Teatri*, de Milão, de 14 de março de 1860.

Um rapaz amava perdidamente uma jovem, que o retribuía, e com a qual ia casar-se, quando, cedendo a um lamentável arrastamento, abandonou a noiva por uma mulher indigna de

verdadeiro amor. A infeliz abandonada roga, chora, mas tudo é inútil: seu volúvel amante permanece surdo a seus lamentos. Então, desesperada, penetra na casa dele, onde, em sua presença, expira em consequência do veneno que havia tomado. À vista do cadáver daquela cuja morte acabara de causar, uma terrível reação nele se opera e, por sua vez, quer também pôr termo à vida. Entretanto, sobrevive; sua consciência, porém, sempre lhe reprovava o crime. Desde o momento fatal, diariamente, à hora do jantar, via a porta do quarto abrir-se e a noiva aparecer-lhe sob o aspecto de um esqueleto ameaçador. Por mais procurasse distrair-se, mudar de hábitos, viajar, cercar-se de companhias alegres, parar o relógio, nada conseguia. Onde quer que estivesse, à hora certa, o espectro sempre se apresentava. Em pouco tempo emagreceu e sua saúde alterou-se, a ponto de os facultativos desanimarem de salvá-lo.

Um médico amigo seu, estudando-o a sério, depois de inutilmente haver experimentado diversos remédios, teve a seguinte ideia: na esperança de demonstrar-lhe que ele era vítima de uma ilusão, procurou um esqueleto verdadeiro e o mandou depositar no quarto vizinho; depois, tendo convidado o amigo para jantar, ao soarem as quatro horas, que era a hora da visão, fez vir o esqueleto por meio de polias,<sup>25</sup> dispostas para esse fim. O médico pensava triunfar, mas seu amigo, tomado de súbito terror, exclamou: “Ai de mim! já não basta um; agora são dois.” E caiu morto, como se fulminado.

OBSERVAÇÃO – Ao ler o relato que publicamos, e dando crédito ao jornal italiano, de onde o extraímos, os *alucinacionistas* terão argumentos de sobra, porque poderão dizer, e com razão, que havia uma causa evidente de superexcitação cerebral, que pôde produzir uma ilusão naquele espírito vivamente impressionado. Nada prova, com efeito, a realidade da aparição, que poderia ser atribuída a um cérebro enfraquecido por um violento abalo. Para nós, que conhecemos tantos fatos análogos indubitáveis, dizemos

<sup>25</sup> N.E.: Rodas para correia transmissora de movimento.

que ela é possível e, em todo caso, o conhecimento aprofundado do Espiritismo teria dado ao médico um meio mais eficaz de curar seu amigo. O meio teria sido evocar a jovem em outras horas e com ela conversar, seja diretamente, seja com o auxílio de um médium; perguntar-lhe o que deveria fazer para lhe ser agradável e obter seu perdão; pedir a intercessão do anjo da guarda junto a ela para aplacá-la. E, afinal, visto que ela amava o rapaz, seguramente haveria de esquecer-lhe os erros, se nele tivesse reconhecido um arrependimento e um pesar sinceros, em vez de simples terror, que talvez fosse o sentimento dominante nele. Teria deixado de mostrar-se sob uma forma horrível para assumir a forma graciosa que tinha em vida, ou, então, cessaria de aparecer. Talvez lhe tivesse dito boas palavras, que lhe haveriam de restabelecer a calma de espírito. A certeza de que jamais estariam separados, de que ela velava ao seu lado e de que um dia estariam reunidos ter-lhe-ia proporcionado coragem e resignação. É um resultado que muitas vezes temos podido constatar.

Os Espíritos que aparecem espontaneamente sempre têm um motivo. O melhor, no caso, é perguntar-lhes o que desejam; se estão sofrendo, devemos orar por eles e fazer o que lhes possa ser agradável. Se a aparição tem um caráter permanente e de obsessão, cessa quase sempre quando o Espírito fica satisfeito. Se o Espírito que se manifesta com obstinação, seja à vista, seja por meios perturbadores, que não poderiam ser tomados por uma ilusão, é mau; e, se age com malevolência, geralmente é mais tenaz, o que não impede que sejamos mais perseverantes, sobretudo pela prece sincera feita em sua intenção. Mas é preciso estarmos realmente convencidos de que não há, para isso, nem palavras sacramentais, nem fórmulas cabalísticas, nem exorcismos que tenham a menor influência. Quanto piores, mais se riem do pavor que inspiram e da importância ligada à sua presença. Divertem-se ao serem chamados diabos ou demônios, razão por que tomam gravemente os nomes de Asmodeu, Astaroth, Lúcifer e outras qualificações infernais, redobrando de malícias, ao passo que se retiram quando veem que perdem tempo com gente que não se deixa enganar e que se limita a rogar para eles a Misericórdia Divina.

## SUPERSTIÇÃO

Lê-se no *Siècle*, de 6 de abril de 1860:

O Sr. Félix N..., jardineiro dos arredores de Orléans, passava por ter a habilidade de isentar os conscritos do sorteio, isto é, de os fazer obter um bom número. Prometeu ao Sr. Frédéric Vincent P..., jovem vinhateiro de St-Jean-de-Braye, fazê-lo tirar o número que quisesse, mediante a quantia de 60 francos, 30 dos quais adiantadamente e o restante após o sorteio. O segredo consistia em rezar três *Pater* e três *Ave* durante nove dias. Além disso, o feiticeiro afirmava que, graças ao que fazia de sua parte, a coisa beneficiaria o conscrito e o impediria de dormir durante a última noite, mas que ficaria isento. Infelizmente o encanto não funcionou; o conscrito dormiu como de costume e tirou o número 31, que o fez soldado. Repetidos duas vezes ainda, esses fatos não puderam ser mantidos em segredo e o feiticeiro Félix foi levado à justiça.

Os adversários do Espiritismo o acusam de despertar ideias supersticiosas. Mas o que haverá de comum entre a doutrina que ensina a existência do mundo invisível, comunicando-se com o mundo visível, e fatos da natureza do que relatamos, que são os verdadeiros tipos de superstição? Onde se viu alguma vez que o Espiritismo tenha ensinado semelhantes absurdos? Se aqueles que o atacam a tal respeito se dessem ao trabalho de estudá-lo, antes de julgá-lo tão levemente, não somente saberiam que ele condena todas as práticas divinatórias, como lhes demonstra a inutilidade. Portanto, como temos dito muitas vezes, o estudo sério do Espiritismo tende a destruir as crenças verdadeiramente supersticiosas. Na maioria das crenças populares há, quase sempre, um fundo de verdade, embora desnaturada e amplificada. São os acessórios, as falsas aplicações que, a bem dizer, constituem a superstição. Assim é que os contos de fadas e de gênios repousam sobre a existência de Espíritos bons ou maus, protetores ou malévolos; que todas as histórias de fantasmas têm sua origem no fenômeno muito real das manifestações espíritas, visíveis e mesmo tangíveis. Tal fenômeno, hoje completamente

provado e *explicado*, entra na categoria dos fenômenos naturais, que são uma consequência das leis eternas da Criação. Mas o homem raramente se contenta com a verdade que lhe parece muito simples; pela imaginação ele a reveste com todas as quimeras e é então que cai no absurdo. Vêm depois os que têm interesse em explorar essas mesmas crenças, às quais juntam um prestígio fantástico, próprio a servir aos seus interesses. Daí essa turba de adivinhos, de feiticeiros, de ledores da sorte, contra os quais a lei impõe o rigor da justiça. O Espiritismo verdadeiro, racional, não é, pois, mais responsável pelos abusos que se cometem em seu nome, do que o é a Medicina, pelas fórmulas ridículas e pelas práticas empregadas por charlatães ou pessoas ignorantes. Ainda uma vez: antes de julgá-lo, dai-vos ao trabalho de estudá-lo.

Concebe-se um fundo de verdade em certas crenças, mas talvez se pergunte sobre o que pode repousar a que originou o fato acima, crença muito espalhada em nosso interior, como se sabe. Parece-nos que tem seu princípio no sentimento intuitivo dos seres invisíveis, aos quais se é levado a atribuir um poder de que muitas vezes não dispõem. A existência dos Espíritos enganadores que pululam à nossa volta, em consequência da inferioridade do nosso globo, como insetos nocivos num pântano, e que se divertem à custa das pessoas crédulas, predizendo-lhes um futuro quimérico, sempre próprio a lisonjear seus gostos e desejos, é um fato cuja prova nos é dada diariamente pelos médiuns atuais. O que se passa aos nossos olhos tem ocorrido em todas as épocas, pelos meios de comunicação em uso conforme o tempo e os lugares; eis a realidade. Com o auxílio do charlatanismo e da cupidez, a realidade passou ao estado de crença supersticiosa.

## PNEUMATOGRAFIA OU ESCRITA DIRETA

No dia 11 de fevereiro último, o Sr. X..., um dos nossos mais ilustres literatos, achava-se em casa da Srta. Huet, com seis outras pessoas, há tempos iniciadas nas manifestações espíritas. O Sr. X... e a Srta. Huet assentaram-se face a face, em volta de uma mesinha

escolhida pelo próprio Sr. X... Este último tirou do bolso um papel perfeitamente branco, dobrado em quatro e por ele marcado com sinal quase imperceptível, embora suficiente para ser facilmente reconhecido; colocou-o sobre a mesa e o cobriu com um lenço branco que lhe pertencia. A Srta. Huet pôs as mãos sobre a ponta do lenço; o Sr. X... fez o mesmo, pedindo aos Espíritos uma manifestação direta, com vistas à sua instrução. Pediu-a de preferência a Channing, evocado com essa finalidade. Ao cabo de dez minutos, ele mesmo levantou o lenço e retirou o papel, que trazia escrito de um lado o esboço de uma frase traçada com dificuldade e quase ilegível, mas na qual se podiam descobrir os rudimentos destas palavras: *Deus vos ama*; do outro lado estava escrito: *Deus*, no ângulo exterior, e *Cristo*, no fim do papel. Esta última palavra era escrita de modo a deixar uma impressão na folha dupla.

Uma segunda prova foi feita em condições exatamente iguais e, ao cabo de um quarto de hora, o papel continha, na face inferior, e em caracteres fortemente traçados em negro, estas palavras inglesas: *God loves you* e, mais abaixo, *Channing*. No fim do papel ele havia escrito em francês: *Fé em Deus*; enfim, no reverso da mesma página existia uma cruz com um sinal semelhante a um caniço, ambos traçados com uma substância vermelha.

Terminada a prova, o Sr. X... exprimiu à Srta. Huet o desejo de obter, por seu intermédio, considerando-se a sua condição de médium escrevente, algumas explicações mais desenvolvidas de Channing, estabelecendo-se entre ele e o Espírito o seguinte diálogo:

P. Channing, estais presente?

*Resp.* – Eis-me aqui; estais contente comigo?

P. A quem se destina o que escrevestes, a todos ou a mim particularmente?

*Resp.* – Escrevi esta frase, cujo sentido se dirige a todos os homens, mas, escrevendo-a em inglês, a experiência é para vós em particular. Quanto à cruz, é o sinal da fé.

P. Por que a fizestes em cor vermelha?

*Resp.* – Para vos pedir fé. Eu nada podia escrever, era muito longo. Dei a vós um sinal simbólico.

P. O vermelho é, pois, a cor que simboliza a fé?

*Resp.* – Certamente; é a representação do batismo de sangue.

OBSERVAÇÃO — A Srta. Huet não sabe inglês, e o Espírito quis dar, assim, uma prova a mais de que seu pensamento era estranho à manifestação. Ele o fez espontaneamente e de boa vontade, mas é mais que provável que, se tivessem pedido como prova, ele não teria se prestado a isso. Sabe-se que os Espíritos não gostam de servir de instrumento com vistas a experiências. Muitas vezes as provas mais patentes surgem quando menos se espera; e quando os Espíritos agem por sua iniciativa, frequentemente dão mais do que se lhes teria pedido, seja porque desejam mostrar sua independência, seja porque, para a produção de certos fenômenos, seria necessário o concurso de circunstâncias que, nem sempre, nossa vontade é suficiente para as fazer nascer. Nunca seria demais repetir que os Espíritos têm livre-arbítrio e querem provar-nos que não se submetem aos nossos caprichos. Eis por que raramente acedem ao desejo da curiosidade.

Os fenômenos, seja qual for a sua natureza, jamais estão, de uma maneira certa, à nossa disposição, e ninguém poderia gabar-se de obtê-los à vontade e num dado momento. Quem os quiser observar deve resignar-se a esperá-los e, muitas vezes é, da parte dos Espíritos, uma prova para a perseverança do observador e do fim a que se propõe. *Os Espíritos pouco se preocupam em divertir os curiosos e só se ligam de boa vontade às pessoas sérias, que provam vontade de instruir-se, para tanto fazendo o que for necessário, sem mercadejar seu esforço e seu tempo.*

A produção simultânea de sinais em caracteres de cores diferentes é um fato extremamente curioso; contudo, não é mais

sobrenatural que os outros. Podemos dar-nos conta desse fato lendo a teoria da escrita direta na *Revista Espírita* do mês de agosto de 1859. Com a explicação desaparece o maravilhoso, resultando num simples fenômeno que tem sua razão de ser nas Leis gerais da natureza e no que poderíamos chamar a fisiologia dos Espíritos.

## ESPIRITISMO E ESPIRITUALISMO

Num discurso pronunciado ultimamente no Senado, por S. Em<sup>a</sup> o cardeal Donnet, nota-se a frase seguinte: “Mas hoje, como outrora, é certo dizer, com um eloquente publicista que, no gênero humano, o *Espiritualismo* é representado pelo Cristianismo.”

Incorreríamos, sem dúvida, em estranho erro se pensássemos que o ilustre prelado, em tal circunstância, tivesse entendido o *Espiritualismo* no sentido da manifestação dos Espíritos. Esta palavra é aqui empregada em sua verdadeira acepção e o orador não podia exprimir-se de outra maneira; e, a menos que se servisse de uma perífrase, não existiria outro termo para exprimir o mesmo pensamento. Se não tivéssemos indicado a fonte de nossa citação, certamente poderiam pensar que tivesse saído *textualmente* da boca de um espiritualista americano, a propósito da Doutrina dos Espíritos, igualmente representada pelo *Cristianismo*, que é a sua mais sublime expressão. De acordo com isso, seria possível que um futuro erudito, interpretando à vontade as palavras de monsenhor Donnet, tentasse demonstrar, aos nossos sobrinhos-netos, que em 1860 um cardeal tinha professado publicamente, perante o Senado da França, a manifestação dos Espíritos? Não vemos no fato uma nova prova da necessidade de existir uma palavra para cada coisa, a fim de nos entendermos? Quantas disputas filosóficas intermináveis não tiveram por causa o sentido múltiplo das palavras! O inconveniente é mais grave ainda nas traduções, oferecendo-nos o texto bíblico mais de um exemplo. Se, na língua hebraica, a mesma palavra não tivesse significado *dia e período*, não nos teríamos enganado sobre o sentido do *Gênesis*, a propósito da duração da formação da Terra, e o anátema não teria sido lançado, por falta de entendimento, contra a Ciência,

quando esta demonstrou que a referida formação não poderia ter sido realizada em seis vezes 24 horas.

## Ditados espontâneos

### AS DIFERENTES ORDENS DE ESPÍRITOS<sup>26</sup>

(Comunicação particular obtida pela Sra. Desl...,  
membro da Sociedade, de seu finado marido)

Escuta-me, cara amiga, se queres que te diga boas e grandes coisas. Não vês a direção dada a certos acontecimentos, e a vantagem que daí se pode tirar para o progresso da obra santa? Ouve os Espíritos elevados e trata, sobretudo, de não os confundir com os que procuram impor-se por uma linguagem mais pretensiosa do que profunda. Não mistures os teus com os pensamentos deles. Seria possível que os habitantes da Terra pudessem encarar as coisas do mesmo ponto de vista que os Espíritos desprendidos da matéria e obedientes às Leis do Senhor? Não confundas num mesmo conjunto todos os Espíritos: eles são de ordens bem diferentes. O estudo do Espiritismo vo-lo ensina, mas, deste lado, quanto tendes ainda a aprender! Há, na Terra, uma enormidade de indivíduos cuja inteligência não se assemelha absolutamente; alguns dentre eles parecem aproximar-se mais dos animais que do homem, ao passo que existem outros de tal modo superiores que se é tentado a dizer que se aproximam de Deus, espécie de blasfêmia, que se deve traduzir pelo pensamento de que eles têm em si uma centelha dessas claridades celestes, lançadas em seu coração pelo Divino Mestre. Pois bem! Seja qual for a diversidade das inteligências na raça humana, convence-te de que tal diversidade é infinitamente maior ainda entre os Espíritos. Neste ponto há os inferiores, que não têm semelhantes entre os homens, enquanto os há bastante purificados para se aproximarem de Deus e o contemplar em toda a sua glória. Submetidos às suas menores ordens, só aspiram a obedecer e a agradar. Chamados a circular em

<sup>26</sup> N.E.: Ver Nota explicativa, p. 561

meio dos mundos ou a fixar-se segundo o que convém à execução dos grandes desígnios do Senhor, a uns diz: Ide, revelai meu poder a esses seres grosseiros, cuja inteligência já é tempo de despertar. A outros: Percorrei esses mundos, a fim de que, guiados por vossos ensinamentos, os seres superiores que os habitam juntem novas grandezas a todas as que já lhes foram reveladas. Que todos sejam instruídos de que chegará o dia em que as claridades do Alto não mais serão obscurecidas, mas brilharão eternamente.

TEU AMIGO

Os dois ditados seguintes foram obtidos num pequeno círculo íntimo do bairro de Luxemburgo, e nos são enviados por nosso colega Sr. Solichon, que assistiu a eles. Lamentamos que nossas ocupações ainda não nos tenham permitido comparecer a essas reuniões, para as quais houveram por bem convidar-nos. Sentir-nos-emos felizes quando pudermos assistir a elas, porque sabemos que são presididas por um sentimento de verdadeira caridade cristã e de recíproca benevolência.

## I – REMORSO E ARREPENDIMENTO

Estou contente por ver que vos reunis pela mesma fé e pelo amor de Deus Todo-Poderoso, nosso Divino Senhor. Possa ele guiar-vos sempre no bom caminho e cumular-vos com seus benefícios, o que fará se vos tornardes dignos.

Amai-vos sempre uns aos outros, como irmãos; prestai-vos mútuo auxílio, e que o amor do próximo não vos seja uma palavra vazia de sentido.

Lembraí-vos de que a caridade é a mais bela das virtudes, e que, de todas, é a mais agradável a Deus; não só dessa caridade que dá um óbolo aos infelizes, mas a que vos leva a ter compaixão das misérias de nossos irmãos; que vos faz partilhar suas dores morais, aliviar o fardo que os oprime, a fim de lhes tornar a dor menos viva e a vida mais fácil.

Recordai-vos de que o arrependimento sincero obtém o perdão de todas as faltas, tamanha é a bondade de Deus. O remorso nada tem em comum com o arrependimento; o remorso, meus irmãos, já é o prelúdio do castigo. O arrependimento, a caridade, a fé vos conduzirão às felicidades reservadas aos Espíritos bons.

Ides ouvir a palavra de um Espírito superior, bem-amado de Deus. Recolhei-vos e abri o coração às lições que ele vos dará.

UM ANJO DA GUARDA

## II – OS MÉDIUNS

Sinto-me satisfeito por ver que sois pontuais ao encontro que vos marquei. Possa a bondade de Deus estender-se sobre vós e serdes auxiliados por vossos anjos da guarda, com seus conselhos, preservando-vos da influência dos Espíritos maus, se souberdes escutar sua voz e fechar o coração ao orgulho, à vaidade e à inveja.

Encarregou-me Deus de uma missão a cumprir junto aos crentes que Ele favorece com o mediunato. Quanto mais graças receberem do Altíssimo, mais perigos correrão; e esses perigos são tanto maiores quanto nascem dos mesmos favores que Deus lhes concede.

As faculdades de que gozam os médiuns lhes atraem os elogios dos homens: felicitações, adulações, eis o escolho. Esses mesmos médiuns, que deveriam ter sempre presente na memória a sua incapacidade primitiva, a esquecem; fazem mais: o que só devem a Deus, atribuem ao seu próprio mérito. Que acontece então? Os Espíritos bons os abandonam. Não tendo mais bússola para os guiar, se transformam em juguete dos Espíritos enganadores. Quanto mais capazes, mais são levados a considerar sua faculdade um mérito, até que, enfim, para os punir, Deus lhes retira o dom, que apenas lhes pode ser fatal.

Nunca seria demais lembrar que vos recomendeis ao vosso anjo da guarda, para que vos auxilie a vos manter vigilantes

contra vosso mais fiel inimigo, que é o orgulho. Lembrai-vos de que sem o apoio de vosso Divino Mestre, vós, que tendes a felicidade de servir de intermediários entre os Espíritos e os homens, sereis punidos tanto mais severamente quanto mais favorecidos, se não tiverdes aproveitado a luz.

Apraz-me crer que esta comunicação, da qual dareis conhecimento à Sociedade, produzirá seus frutos e que todos os médiuns que lá se acham reunidos manter-se-ão em guarda contra o escolho que os destruiriam. Esse escolho — já o disse a todos — é o orgulho.

JOANA D'ARC

AVISO: Temos a satisfação de anunciar aos nossos leitores a reimpressão da *História de Joana d'Arc*, ditada por ela mesma. Essa obra aparecerá em breve, na livraria do Sr. Ledoyen. Voltaremos a falar novamente dela.

ALLAN KARDEC

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

JUNHO DE 1860

Nº 6

## AVISO

*A partir de 15 de julho próximo, o escritório da Revista Espírita e o domicílio particular do Sr. Allan Kardec serão transferidos para a rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.*

## Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Sexta-feira, 4 de maio de 1860 – Sessão particular

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 17 de abril.

Por sugestão e proposta da Comissão, e após a leitura da ata, a Sociedade admite no número dos sócios livres: 1º Sr. Achille R..., empregado em Paris; 2º Sr. Serge de W..., de Moscou.

### *Comunicações diversas:*

1ª) Carta da Sra. P..., médium, de Rouen, dizendo que vários Espíritos sofredores, evocados na Sociedade, foram procurá-la

espontaneamente para agradecer as preces que ela fez por eles. Desde que ela recuperou a sua faculdade mediúcnica, só tem tido trabalho com Espíritos sofredores. Foi-lhe dito que sua missão era principalmente a de ajudá-los em seu alívio.

2ª) Leitura de um ditado espontâneo sobre a vaidade, obtido pela Sra. Lesc..., médium, membro da Sociedade, da parte de seu Espírito familiar (Publicado adiante).

3ª) Carta do Sr. Bénardacky, datada de Bruxelas, contendo uma comunicação por ele obtida sobre a teoria da formação da Terra pela incrustação de vários corpos planetários e o estado de catalepsia em que se encontram seus primeiros habitantes e os demais seres vivos. Tal comunicação ocorreu a propósito de um fenômeno de catalepsia voluntário que se teria produzido com alguns habitantes da Índia e do interior da África. O fenômeno consiste no fato de certos indivíduos se fazerem enterrar vivos, mediante pagamento em dinheiro, e retornarem à vida, vários meses depois, após serem retirados do sepulcro.

O Sr. Arnauld d'A..., membro da Sociedade, antigo amigo e conselheiro do finado rei da Abissínia, e que residiu muito tempo naquele país, cita dois fatos de seu conhecimento, um dos quais ocorreu na Inglaterra e o outro na Índia, e que parecem confirmar a possibilidade da catalepsia voluntária de curta duração, mas declara jamais ter conhecido fatos de natureza semelhante aos citados pelo Sr. Bénardacky. Estando o Sr. d'A... familiarizado com a língua e os costumes daquele país, que observou como homem de ciência, seria surpreendente que fatos tão extraordinários assim não tivessem chegado ao seu conhecimento, de onde se pode supor que tenha havido exagero.

#### *Estudos:*

1ª) Pergunta sobre a possibilidade de ser feita uma nova evocação do Sr. Jules-Louis C..., morto no hospital do Val-de-Grâce em condições excepcionais, e já evocado em 24 de fevereiro (ver o

número de abril). O pedido é motivado pela presença de uma pessoa de sua família, que nela tem grande interesse e, além disso, pelo desejo de avaliar os progressos que ele realizou depois. — São Luís responde que o Espírito prefere ser chamado numa sessão íntima.

2<sup>o</sup>) Perguntas sobre a teoria da formação da Terra pela incrustação e o estado cataléptico dos seres vivos em sua origem, a propósito da comunicação do Sr. Bénardacky. Numerosas observações são feitas sobre o assunto por vários membros.

3<sup>o</sup>) Estudo sobre o fenômeno, relatado na última sessão, de um cão que reconhece seu dono evocado. O Espírito Charlet intervém espontaneamente na questão e desenvolve uma teoria da qual ressalta a possibilidade do fato (Publicada adiante).

Sexta-feira, 11 de maio de 1860 – Sessão geral

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 4 de maio.

*Comunicações diversas:*

1<sup>a</sup>) Carta do Sr. Rabache, escrita de Liverpool, na qual relata uma comunicação espontânea que lhe foi dada por Adam Smith, sem que a tivesse provocado; depois a entrevista que se segue, na qual as respostas eram dadas em inglês, enquanto as perguntas eram feitas em francês. Nessa entrevista Adam Smith critica o ponto de vista que serviu de base ao seu sistema econômico. Diz ele que se hoje escrevesse o seu livro sobre *sentimentos morais*, daria a estes, por princípio: a consciência inata, tendo por móvel especial o amor.

2<sup>a</sup>) Segunda carta do Sr. Bénardacky, completando as comunicações obtidas sobre a catalepsia.

NOTA – Numa sessão particular, interrogado sobre o valor de tais comunicações, São Luís lhes confirma várias partes, mas acrescenta, por intermédio do Sr. T..., médium:

“Podeis estudar essas coisas, mas vos aconselho a não as publicar ainda. São necessários muitos outros documentos, que vos serão fornecidos mais tarde, e que as circunstâncias trarão. Publicando-as agora, correis o risco de cometer graves erros, que mais tarde sereis obrigados a reconsiderar, o que seria muito desagradável e prejudicaria o Espiritismo. Sede, pois, muito prudentes no que diz respeito às teorias científicas, pois é principalmente aí que deveis temer os Espíritos impostores e pseudossábios. Lembrai-vos do que vos tem sido dito muitas vezes: os Espíritos não têm a missão de vos trazer a ciência acabada, que deve ser fruto do trabalho e do gênio humano, nem de levantar todos os véus antes que o tempo tenha chegado. Tratai, sobretudo, de melhorar-vos: eis o essencial. Deus levará mais em conta o vosso bom coração e vossa humildade, do que um saber no qual a curiosidade, muitas vezes, detém a maior parte. É praticando as suas Leis — praticando-as, entendei bem — que mereceis ser favorecidos pelas comunicações dos Espíritos verdadeiramente superiores, que jamais enganam.”

Não se pode ignorar a profundidade e alta sabedoria desses conselhos. Essa linguagem, ao mesmo tempo simples e sublime, marcada por extrema benevolência, contrasta singularmente com o tom altivo e categórico ou a jactância dos Espíritos que querem impor-se.

3ª) Leitura de uma notícia enviada pelo Sr. de T..., contendo a descrição de um mundo muito superior, ao qual seu Espírito foi transportado durante o sono. Parece que esse mundo tem muita analogia com o estado indicado para Júpiter, porém num grau ainda mais elevado.

#### *Estudos:*

1º) Dois ditados espontâneos são obtidos, um pela Sra. Parisse, assinado *Luís*, e outro pelo Sr. Didier Filho, assinado Gérard de Nerval.

2º) Perguntas relativas à visão do Sr. T..., dirigidas a São Luís. Vagas e incoerentes, as respostas acusam a evidente interferência de um Espírito enganador.

3º) Evocação de Adam Smith a propósito da carta do Sr. Rabache. Perguntas sobre suas opiniões atuais, comparadas às emitidas em suas obras. Ele confirma o que disse ao Sr. Rabache sobre o erro do princípio que lhe serviu de base nas suas apreciações morais.

Sexta-feira, 18 de maio de 1860 – Sessão particular

Leitura da Ata e dos trabalhos da última sessão.

A conselho e por proposta do Comitê, e após relatório verbal, a Sociedade recebeu, no número de seus associados livres: 1º) Sr. B..., negociante em Paris; 2º) Sr. C..., negociante na mesma cidade.

*Comunicações diversas:*

1ª) Leitura da comunicação seguinte, recebida em sessão particular, a propósito dos trabalhos da última sessão, pela Sra. S..., médium.

P. – Por que São Luís não se comunicou sexta-feira passada pelo Sr. Didier e deixou falasse um Espírito enganador?

*Resp.* – São Luís estava presente, mas não quis falar. Aliás, não reconhecestes que não era ele? É o essencial. Não fostes enganados, desde que vos destes conta da impostura.

P. Com que objetivo ele não quis falar?

*Resp.* – Podeis perguntar a ele mesmo. Está aqui.

P. São Luís poderia esclarecer o motivo de sua abstenção?

*Resp.* – Ficastes contrariado com o que aconteceu; entretanto, deveis saber que nada acontece sem motivo. Muitas vezes há coisas, cujo objetivo não compreendeis, que a princípio parecem más, porque sois muito impacientes, mas a sabedoria delas mais tarde reconheceis. Ficai, pois, tranquilos e não vos inquieteis por nada; sabemos distinguir os que são sinceros e velamos por eles.

P. Se foi uma lição que quisestes nos dar, eu a compreenderia, quando estamos entre nós, mas em presença de estranhos, que poderiam ficar mal impressionados, parece que o mal sobrepua o bem.

*Resp.* – Laborais em erro, vendo as coisas assim. O mal não consiste naquilo em que acreditais, e eu vos asseguro que houve pessoas aos olhos das quais essa espécie de revés foi uma prova da boa-fé de vossa parte. Aliás, do mal muitas vezes resulta o bem. Quando vedes um jardineiro cortar os belos ramos de uma árvore, deplorais a perda da verdura, e isso vos parece um mal; porém, uma vez suprimidos esses ramos parasitas, os frutos são mais belos e saborosos: eis o bem, e então achais que o jardineiro foi sábio e mais prudente do que supúnheis. Do mesmo modo, se se amputa um membro de um doente, a perda do membro é um mal, mas, após a amputação, se fica melhor, eis o bem, porque talvez lhe tenham salvo a vida.

Refleti bem nisto e haveis de compreender.

P. É muito justo. Mas como se explica que, apelando aos Espíritos bons e lhes pedindo que afastem os impostores, o apelo não seja atendido?

*Resp.* – É atendido, não o duvideis. Mas estais bem seguros de que o apelo procede do fundo do coração de todos os assistentes, ou que não haja alguém que, por um pensamento pouco caridoso e malévolos, ou pelo desejo, atraia para o meio de vós os Espíritos maus? Eis por que vos dizemos incessantemente: Sede unidos, sede bons e benevolentes uns para com os outros. Disse Jesus: “Quando estiverdes reunidos em meu nome, estarei entre vós.” Acreditais, por isso, que basta pronunciar o seu nome? Não o penseis e convencei-vos de que Jesus não vai senão aonde é chamado pelos corações puros, aos que praticam os seus preceitos, porquanto esses estão verdadeiramente reunidos em seu nome. Não vai aos orgulhosos, nem aos ambiciosos, nem aos hipócritas, nem aos que falam mal do próximo. Foi a eles que Jesus se referiu: “Não entrarão no reino dos céus.”

P. Compreendo que os Espíritos bons se afastem dos que não lhes ouvem os conselhos; mas se, entre os assistentes, há mal-intencionados, é isto uma razão para punir os outros?

*Resp.* – Admiro-me de vossa insistência. Parece que me expliquei com muita clareza para quem queira compreender. É preciso repetir que não vos deveis preocupar com tais coisas, que são puerilidades junto ao grande edifício da Doutrina que se ergue? Acreditais que vossa casa vai cair porque se desprende uma telha? Duvidais de nosso poder, de nossa benevolência? Não? Pois bem! deixai-nos então agir e ficai certos de que todo pensamento, bom ou mau, tem seu eco no seio do Eterno.

P. Nada dissestes a respeito da invocação geral que fazemos no começo de cada sessão. Podeis dizer o que pensais?

*Resp.* – Deveis sempre apelar aos Espíritos bons; a forma, bem o sabeis, é insignificante: o pensamento é tudo. Admirai-vos do que se passou, mas examinastes bem o rosto dos que vos escutavam quando fazíeis essa invocação? Não percebestes, mais de uma vez, o sorriso de sarcasmo em certos lábios? Que Espíritos pensais que trazem essas pessoas? Espíritos que, como elas, se riem das coisas mais sagradas. É por isso que vos digo para não admitirdes o primeiro que vier, evitando os curiosos e os que não vêm para se instruírem. Cada coisa virá a seu tempo e ninguém pode prejudicar os desígnios de Deus. Em verdade vos digo que aqueles que hoje sorriem destas coisas não rirão por muito tempo.

SÃO LUÍS

2ª) Nota dirigida pelo Sr. Jobard, de Bruxelas, sobre a evocação por ele feita do Sr. Ch. de Br..., falecido recentemente.

3ª) Leitura de uma comunicação obtida pela Sra. Lesc..., médium, membro da Sociedade, com interessantes explicações sobre a história do Espírito e do cãozinho (Publicada adiante).

4ª) Outro ditado espontâneo do mesmo médium, sobre a tristeza e a mágoa.

5ª) Carta do Sr. B..., professor de Ciências, sobre a teoria que lhe foi dada, das horas fixas, nas quais cada Espírito pode manifestar-se. Essa teoria é por todos considerada, sem exceção, como resultado de uma obsessão da parte de Espíritos sistemáticos e ignorantes. A experiência e o raciocínio demonstram à saciedade que ela não merece um exame sério.

6ª) Relato de um fato curioso, referente a um retrato pintado sob a influência de uma mediunidade natural intuitiva. O Sr. T..., pintor, tinha perdido o pai numa idade em que não podia conservar nenhuma lembrança de seus traços. Como os outros membros da família, lamentava vivamente não ter nenhum retrato dele. Certo dia, quando se achava em seu ateliê, teve uma espécie de visão, ou antes, uma imagem se lhe desenhou no cérebro e ele se pôs a reproduzi-la na tela. Sua execução tomou várias sessões e, de cada vez, a mesma imagem se apresentava a ele. Veio-lhe a ideia de que pudesse ser seu pai, mas não falou a ninguém. Quando o retrato foi concluído, ele o mostrou aos parentes e todos o reconheceram sem hesitar.

### *Estudos:*

1º) Quatro ditados espontâneos são obtidos simultaneamente: o primeiro, pela Srta. Huet, do Espírito que começou a escrever suas memórias; o segundo, pela Sra. S..., sobre a *Fantasia*, de Alfred de Musset;<sup>27</sup> o terceiro, pela Srta. Stéphanie S..., de um Espírito familiar, falecido há alguns anos, e que em vida se chamava Gustave Lenormand. É um Espírito ainda pouco adiantado, de um caráter alegre e espirituoso, mas muito bom, muito prestativo, e que é considerado, em várias famílias nas quais muito aparece, como amigo da casa. Um dia havia dito que viria expulsar os Espíritos maus. O quarto, da Srta. Parisse, assinado *Luis*.

2º) Evocação do Sr. B..., professor de Ciências, vivo, do qual se falou acima, e que tinha sido designado por outro Espírito como capaz de dar informações sobre *François Bayle*, médico do século XVII, cuja biografia querem fazer. O resultado dessa evocação

<sup>27</sup> N.E.: Louis Charles Alfred de Musset (1810–1857), poeta francês.

tende a provar que *Bayle*, morto, e o Sr. B..., vivo, são a mesma pessoa. Com efeito este último forneceu as informações desejadas e deu várias explicações do mais alto interesse (Serão publicadas).

Sexta-feira, 25 de maio de 1860 – Sessão geral

Leitura da Ata e dos trabalhos da última sessão.

*Comunicações diversas:*

1ª) Carta do Dr. Morhéry, contendo uma apreciação, do ponto de vista científico, da medicação empregada, sob sua direção, pela Srta. Désirée Godu (Publicada adiante).

2ª) Leitura de um ditado espontâneo obtido pela Sra. Lesc..., médium, sobre a *miséria humana*.

3ª) Leitura de uma série de comunicações deveras notáveis, recebidas em sessões particulares por diversos membros da família russa W... (Serão publicadas).

4ª) Leitura da evocação feita em sessão particular da Sra. Duret, falecida em Sétif (Argélia), a 1º de maio. Encerra importantes apreciações sobre os médiuns.

*Estudos:*

1º) Evocação da Sra. Duret; série de suas comunicações.

2º) Evocação de Charles de Saint-G..., deficiente mental de 13 anos. Faz curiosas revelações sobre o estado desse Espírito, antes e durante a sua encarnação (Publicada adiante).

3º) Estudo sobre o Sr. V..., oficial da Marinha, vivo, que conservou a lembrança precisa de sua existência e morte na época de São Bartolomeu (Será publicada).

## O Espiritismo na Inglaterra

Inicialmente o Espiritismo encontrou na Inglaterra uma oposição da qual, com razão, nos admiramos. Não que não tivesse encontrado partidários isolados, como em toda parte, mas ali os seus progressos foram infinitamente menos rápidos do que na França. Será que os ingleses, como pretendem alguns, sejam mais frios, mais positivos, menos entusiastas do que nós, se deixem arrastar menos pela imaginação? Que sejam menos inclinados ao maravilhoso? Se fosse assim, seria de admirar, com mais forte razão, que o Espiritismo tenha tido seu principal foco nos Estados Unidos, onde o positivismo dos interesses materiais reina como soberano absoluto. Não teria sido mais racional que houvesse surgido na Alemanha, ou na Rússia, que, a esse respeito, parece tomar a dianteira, como a terra clássica das lendas? A oposição encontrada pelo Espiritismo na Inglaterra nada tem a ver com o caráter nacional, mas com a influência das ideias religiosas de certas seitas preponderantes, rigorosamente vinculadas mais à letra que ao espírito de seus dogmas. Elas se inquietaram com uma doutrina que, à primeira vista, lhes pareceu contrária às suas crenças. Mas assim não poderia ser por muito tempo num povo dado à reflexão, esclarecido, em que o livre-exame não experimenta nenhum entrave e o direito de reunião para discutir é absoluto. Ante a evidência dos fatos, tinham de se render. Ora, foi precisamente porque os ingleses os julgaram friamente e sem entusiasmo, que os apreciaram e lhes compreenderam todo o alcance. Quando, após terem observado seriamente, surgiu para eles esta verdade capital, de que as ideias espíritas têm sua fonte nas ideias cristãs, que, longe de se contradizerem, se corroboram, se confirmam, se explicam umas pelas outras, toda satisfação foi dada ao escrúpulo religioso. Tranquilizada a consciência, nada mais se opôs ao progresso das ideias novas, que se propagam naquele país com surpreendente velocidade. Ora, lá, como alhures, ainda é na parte esclarecida da população que se encontram seus mais numerosos e mais zelosos partidários, argumento peremptório ao qual nada se tem oposto. Os médiuns se multiplicam; estabelecem-se numerosos centros, aos quais se associam membros do alto clero, proclamando abertamente suas convicções. Dirão os adversários que a

febre do maravilhoso triunfou sobre a fleuma inglesa? Seja como for, há um fato notório: suas fileiras se esclarecem diariamente, a despeito de seus sarcasmos.

O desenvolvimento das ideias espíritas na Inglaterra não poderia deixar de dar origem a publicações especializadas. Elas têm agora um órgão mensal muito interessante, que se publica em Londres desde 1º de maio último, sob o título de *The Spiritual Magazine*, do qual extraímos o relato seguinte:

### UM ESPÍRITO FALADOR

Estando em Worcester, há algumas semanas, na casa de um banqueiro da cidade, encontrei casualmente uma senhora, com cuja filha travei conhecimento, ouvindo, de sua própria boca, uma história de tal forma surpreendente que necessitei de mais de uma testemunha para lhe dar crédito. Quando interroguei nosso hóspede sobre aquela senhora, disse-me que a conhecia há mais de trinta anos. “Ela é tão verídica” — acrescentou ele —, “sua exatidão é tão bem conhecida por todos que não tenho a menor dúvida quanto à realidade do que contou. É uma senhora de reputação sem mancha, de costumes irrepreensíveis, de espírito forte e inteligente, e de instrução variada.” Achava, portanto, impossível que procurasse enganar os outros ou que ela própria se enganasse. Dela várias vezes ouvira contar aquela história, sempre de maneira clara e precisa, de modo que ele se achava extremamente embaraçado. Repugnava-lhe admitir semelhantes fatos, mas, por outro lado, não ousava pôr em dúvida a sua boa-fé.

Minhas próprias observações tendiam a confirmar tudo quanto me haviam dito da dama em questão. Havia no seu ar, nas suas maneiras, mesmo na sua voz, um não sei quê difícil de enganar e que traz em si a convicção da verdade. Era-me, pois, impossível não julgá-la sincera, tanto mais que parecia falar de tais coisas com evidente repugnância. O banqueiro me havia dito que era muito difícil convencê-la a falar do assunto, porque, em geral, achava os

ouvintes mais dispostos a rir do que a crer. Acrescentai a isso que nem ela nem o banqueiro conheciam o Espiritismo ou dele tinham ouvido falar.

Eis o relato dessa senhora:

“Por volta de 1820, tendo deixado nossa casa de Suffolk, fomos morar na cidade de \*\*\*, porto de mar na França. Nossa família compunha-se de meu pai, minha mãe, uma irmã, um irmão de cerca de 12 anos, eu e um doméstico inglês. Nossa casa situava-se num local muito retirado, um pouco fora da cidade, bem no meio da praia. Não havia outras casas ou construções na vizinhança.

“Uma noite meu pai viu, a poucas jardas da porta, um homem envolto num grande manto, sentado num pedaço de rochedo. Meu pai aproximou-se dele para dizer-lhe boa noite, mas, não obtendo resposta, voltou. Antes de entrar, contudo, teve a ideia de olhar para trás e, para seu grande espanto, não viu mais ninguém. Ficou ainda mais surpreso quando, ao aproximar-se novamente e bem examinar em redor do rochedo, não encontrou o menor traço do indivíduo, que lá estivera assentado um instante antes, nem nenhum abrigo onde pudesse ter-se escondido. Quando meu pai entrou no salão, disse: ‘Meus filhos, acabo de ver uma aparição.’ Como é fácil de entender, rimos às gargalhadas.

“Entretanto, naquela noite e em várias noites seguidas, ouvimos ruídos estranhos em diversos locais da casa: ora eram gemidos, que vinham de baixo das janelas, ora parecia que arranhavam as próprias janelas e, em outros momentos, dir-se-ia que várias pessoas trepavam no telhado. Abrimos as janelas diversas vezes, perguntando em voz alta: ‘Quem está aí?’ Mas não obtivemos resposta.

“Ao cabo de alguns dias, os ruídos foram ouvidos no mesmo quarto em que dormíamos eu e minha irmã (esta tinha 20 anos e eu, 18). Despertamos toda a casa, mas não quiseram escutar-nos; censuraram-nos e nos chamaram de loucas. Ordinariamente os ruídos

consistiam em pancadas; por vezes havia vinte ou trinta por minuto; outras vezes, uma por minuto.

“Por fim, os ruídos internos e externos também foram ouvidos por nossos pais, que se viram constrangidos a admitir não se tratar de imaginação. Então, se recordaram da aparição. Mas, como não estivéssemos muito apavorados, acabamos por nos habituar a todo esse barulho. Uma noite, quando batiam, como de hábito, veio-me a ideia de dizer: ‘Se és um Espírito, bate seis pancadas.’ Imediatamente, ouvi bater seis golpes com toda clareza. Com o tempo, esses ruídos tornaram-se de tal modo familiares que não apenas não tínhamos medo como deixaram de ser desagradáveis.

“Agora vou contar a parte mais curiosa desta história. Confesso que hesitaria em vo-la comunicar, não a tivessem testemunhado todos os membros de minha família. Meu irmão, então menino, mas agora um homem muito distinto em sua profissão, poderá, caso se faça necessário, confirmar todos os detalhes.

“Além das batidas em nosso quarto, começamos a ouvir, principalmente no salão, como que uma voz humana. A primeira vez que a ouvimos, minha irmã estava ao piano; cantávamos uma *romanza*<sup>28</sup> e eis que o Espírito se pôs a cantar conosco. Podem imaginar o nosso espanto. Não havia meio de duvidar da realidade do fato, porque, pouco depois, a voz começou a falar-nos de maneira clara e inteligível, intrometendo-se, de vez em quando, em nossa conversa. A voz era baixa, os tons lentos, solenes e muito distintos: o Espírito nos falava sempre em francês. Disse chamar-se Gaspard, mas, quando queríamos interrogá-lo sobre sua história pessoal, não respondia; também jamais quis explicar o motivo que o levara a pôr-se em contato conosco. Geralmente pensávamos que fosse espanhol, sem atinar, contudo, de onde nos vinha tal ideia. Chamava cada membro da família por seu nome de batismo; algumas vezes recitava versos e constantemente procurava inculcar-nos sentimentos de moralidade cristã, sem,

<sup>28</sup> Nota do tradutor: Grifo nosso. Narração em verso de uma história simples e sentimental, feita para ser cantada.

contudo, jamais tocar nas questões dogmáticas. Parecia desejoso de nos fazer compreender o que há de grandioso na virtude, o que há de belo na harmonia que reina entre os membros de uma mesma família. Uma vez em que minha irmã e eu tivemos uma ligeira discussão, ouvimos a voz dizer: 'M... está errado; S... tem razão.' Desde que se tornou conhecido, ocupou-se constantemente em nos dar bons conselhos. Certa vez meu pai estava muito inquieto a propósito de alguns documentos que temia haver perdido e queria encontrar. Gaspard lhe disse onde estavam, em nossa velha casa de Suffolk. Procuraram e os encontraram no exato lugar que fora indicado.

“As coisas continuaram a passar-se assim durante mais de três anos. Todas as pessoas da família, sem excetuar os domésticos, tinham ouvido a voz. A presença do Espírito, de que não duvidávamos, era sempre uma grande felicidade para todos nós; era considerado, ao mesmo tempo, como nosso companheiro e nosso protetor. Um dia nos disse: 'Durante alguns meses não estarei convosco.' Com efeito, suas visitas cessaram por vários meses. Uma noite, ouvimos aquela voz, que tão bem conhecíamos, dizer: 'Eis-me ainda entre vós.' Seria difícil descrever o nosso júbilo.

“Até aqui tínhamos sempre ouvido, mas jamais o vimos. Uma noite, meu irmão disse: 'Gaspard, gostaria muito de te ver.' A voz respondeu: 'Eu vos contentarei. Ver-me-eis, se quiserdes ir até o outro lado da praça.' Meu irmão nos deixou, mas logo retornou, dizendo: 'Vi Gaspard; ele usava um grande manto e um chapéu de abas largas; olhei por baixo do chapéu e ele sorriu.' 'Sim', disse a voz, intervindo na conversa, 'era eu.'

“A maneira por que nos deixou, de repente, foi-nos muito sensível. Voltamos a Suffolk e ali, como na França, durante várias semanas após nossa chegada, Gaspard continuou a conversar conosco.

“Uma noite nos disse: 'Vou deixar-vos para sempre; suceder-vos-ia uma desgraça se eu ficasse junto a vós neste país, onde nossas comunicações seriam mal compreendidas e mal interpretadas.'

“Desde então — acrescentou a senhora, com um acento de tristeza, como se falasse de um ser amado, que a morte arrebatou — não mais ouvimos a voz de Gaspard.”

Eis os fatos, como nos foram contados. Tudo isto me faz refletir e pode levar vossos leitores, quem sabe, a refletir também. Não pretendo dar nenhuma explicação, nenhuma opinião. Direi apenas que tenho inteira confiança na boa-fé da pessoa de quem os ouvi, e subscrevo o meu nome, como garantia da exatidão de meu relato.

S. C. HALL

## O Espírito e o cãozinho

(Sociedade, 4 de maio de 1860 – Médiun: Sr. Didier)

O Sr. G. G..., de Marselha, nos transmite o seguinte fato:

“Um rapaz faleceu há oito meses e sua família, na qual há três irmãs médiuns, o evoca quase diariamente, por meio de uma cesta. Cada vez que o Espírito é chamado, um cãozinho, do qual muito gostava, salta sobre a mesa e vem cheirar a cesta, soltando pequenos ganidos. A primeira vez que isto aconteceu, a cesta escreveu: ‘Meu bravo cachorrinho, que me reconhece.’

“Não presenciei o fato, mas as pessoas, das quais o ouvi várias vezes, o testemunharam e são excelentes espíritas e muito sérias para que eu possa pôr em dúvida a sua veracidade. Perguntei a mim mesmo se o perispírito conservava partículas materiais suficientes para afetar o olfato do cão, ou se este seria dotado da faculdade de ver os Espíritos. É um problema que me parece útil aprofundar, caso ainda não esteja resolvido.”

1. Evocação do Sr. M\*\*\*, morto há oito meses, do qual acabamos de falar.

*Resp.* — Eis-me aqui.

2. Confirmais o fato relativo ao vosso cão, que vem cheirar a cesta que serve às vossas evocações, e que parece reconhecer-vos?

*Resp.* – Sim.

3. Poderíeis dizer-nos a causa que atrai o cão para a cesta?

*Resp.* – A extrema finura dos sentidos pode levar a adivinhar a presença do Espírito e até vê-lo.

4. O cão vos vê ou vos sente?

*Resp.* – O olfato, sobretudo, e o fluido magnético.

CHARLET

OBSERVAÇÃO – Charlet, o pintor, deu à Sociedade uma série de comunicações muito notáveis sobre os animais, e que publicaremos brevemente. Por certo foi a esse título que interferiu espontaneamente na presente evocação.

5. Considerando que Charlet quer mesmo intervir na questão de que nos ocupamos, nós lhe pedimos que dê algumas explicações a respeito.

*Resp.* – Com prazer. O fato é perfeitamente verossímil e, em consequência, natural. Falo em geral, pois não conheço aquele de que se trata. O cão é dotado de uma organização muito particular; compreende o homem, eis tudo. Sente-o, segue-o em todas as suas ações com a curiosidade de uma criança; ama-o e chega mesmo a ponto — e temos muitos exemplos para confirmar o que adiantamos — de a ele se devotar. O cão deve ser — não tenho certeza, entendi bem — um desses animais vindos de um mundo já avançado, para sustentar o homem em seu sofrimento, servi-lo, guardá-lo. Acabo de falar das qualidades morais que, positivamente, o cão possui. Quanto às suas faculdades sensitivas, são extremamente apuradas. Todos os caçadores conhecem a sutileza do faro do cão; além dessa faculdade, o cão compreende quase todas as ações

do homem; compreende a importância de sua morte. Por que não adivinharia a sua alma e por que, mesmo, não a veria?

CHARLET

No dia seguinte a Sra. Lesc..., médium, membro da Sociedade, obteve em particular a explicação seguinte, sobre o mesmo assunto:

“O fato citado na Sociedade é verídico, embora o perispírito desprendido do corpo não tenha nenhuma de suas emanções. O cão farejava a presença do dono; quando digo *farejava*, entendo que seus órgãos percebiam sem que os olhos vissem, sem que o nariz sentisse, mas todo o seu ser estava advertido da presença do dono, e essa advertência lhe era dada, sobretudo, pela vontade que se desprendia do Espírito dos que evocavam o morto. A vontade humana alcança e adverte o instinto dos animais, principalmente dos cães, antes que algum sinal exterior o tenha revelado. O cão é posto, por suas fibras nervosas, em contato direto conosco, Espírito, quase tanto quanto com os homens; percebe as aparições; dá-se conta da diferença existente entre elas e as coisas reais ou terrestres e lhes tem um grande pavor. O cão uiva à Lua, conforme a expressão vulgar; uiva também quando sente a morte chegar. Em ambos os casos, e em muitos outros ainda, o cão é intuitivo. Acrescentarei que seu órgão visual é menos desenvolvido que seu órgão perceptivo; ele vê menos do que sente. O fluido elétrico o penetra quase que habitualmente. O fato que me serviu de ponto de partida nada tem de surpreendente, porque, no momento do desprendimento da vontade que chamava seu dono, o cão sentia sua presença quase tão depressa que o próprio Espírito ouvia e respondia à chamada que lhe era feita.”

GEORGES (ESPÍRITO FAMILIAR)

## O Espírito de um idiota<sup>29</sup>

(Sociedade, 25 de maio de 1860)

Charles de Saint-G... é um jovem idiota de 13 anos, vivo, cujas faculdades intelectuais são de tal nulidade que nem mesmo reconhece os pais e apenas é capaz de alimentar-se. Há nele uma parada completa do desenvolvimento em todo o sistema orgânico. Pensou-se que ele poderia constituir-se num interessante assunto de estudo psicológico.

1. [A São Luís] Poderíeis dizer-nos se podemos evocar o Espírito dessa criança?

*Resp.* – Podeis fazê-lo como se evocásseis um morto.

2. Vossa resposta faz-nos supor que a evocação poderia ser feita em qualquer momento.

*Resp.* – Sim. Sua alma está atada ao corpo por laços materiais, mas não espirituais; ela pode sempre se desprender.

3. Evocação de Ch. de Saint-G...

*Resp.* – Sou um pobre Espírito, preso à Terra como uma ave pelo pé.

4. Em vosso estado atual, como Espírito, tendes consciência de vossa nulidade neste mundo?

*Resp.* – Certamente; sinto bem o meu cativeiro.

5. Quando vosso corpo dorme e vosso Espírito se desprende, tendes as ideias tão lúcidas quanto se estivésseis em estado normal?

*Resp.* – Quando meu corpo infeliz repousa, estou um pouco mais livre para me elevar ao céu, a que aspiro.

---

<sup>29</sup> N.E.: Que sofre de idiotia: retardo mental e atraso intelectual profundo, com ausência de linguagem e por vezes acompanhado de malformações físicas.

6. Como Espírito, experimentais um pensamento penoso de vosso estado corporal?

*Resp.* – Sim, pois é uma punição.

7. Recordai-vos da vossa existência precedente?

*Resp.* – Oh, sim! Ela é a causa de meu exílio atual.

8. Qual foi essa existência?

*Resp.* – Um jovem libertino ao tempo de Henrique III.

9. Dissestes que vossa condição atual é uma punição; então não a escolhestes?

*Resp.* – Não.

10. Como pode vossa existência atual servir ao vosso progresso, no estado de nulidade em que vos encontrais?

*Resp.* – Ela não me é nula perante Deus, que a impôs.

11. Prevedes a duração da vossa existência atual?

*Resp.* – Não; mais alguns anos e retornarei à minha pátria.

12. Desde vossa precedente existência até a encarnação atual, que fizestes como Espírito?

*Resp.* – Porque eu era um Espírito leviano, Deus me aprisionou.

13. No estado de vigília, tendes consciência do que se passa ao vosso redor, apesar da imperfeição dos vossos órgãos?

*Resp.* – Vejo, entendo, mas meu corpo não compreende e nada vê.

14. Podemos fazer algo que vos seja útil?

*Resp.* – Nada.

15. [A São Luís] As preces por um Espírito reencarnado podem ter a mesma eficácia que a dirigida a um errante?

*Resp.* – As preces são sempre boas e agradáveis a Deus. Na posição deste pobre Espírito, elas em nada lhe poderão servir; servirão mais tarde, pois Deus as deixa de reserva.

OBSERVAÇÃO – Ninguém desconhecerá o alto ensinamento moral que resulta desta evocação. Além disso, ela confirma o que sempre foi dito sobre os idiotas. Sua nulidade moral nada tem a ver com a nulidade do Espírito, que, abstração feita dos órgãos, goza de todas as suas faculdades. A imperfeição dos órgãos é apenas um *obstáculo* à livre manifestação das faculdades; não as aniquila. É o caso de um homem vigoroso, cujos membros seriam comprimidos por laços. Sabe-se que, em certas regiões, longe de ser um objeto de desprezo, os cretinos<sup>30</sup> são cercados de cuidados benevolentes. Esse sentimento não decorreria de uma intuição do verdadeiro estado desses infelizes, tanto mais dignos de atenções quanto seu Espírito, que compreende a posição em que se encontra e deve sofrer por se ver como um refugio da sociedade?

## Conversas familiares de Além-Túmulo

SRA. DURET

Médium escrevente, morta a 1<sup>a</sup> de maio de 1860, em Sétif, Argélia, evocada primeiro em casa do Sr. Allan Kardec, a 21 de maio, depois a 25, na Sociedade.

1. *Evocação.*

*Resp.* – Eis-me aqui.

2. Conhecemo-nos de nome, se não de fato; e embora jamais me tenhais visto, sois capaz de reconhecer-me?

*Resp.* – Oh! muito bem.

---

<sup>30</sup> N.E.: O mesmo que idiota. Ver nota de rodapé nº 29.

3. Já viestes visitar-me depois que morrestes?

*Resp.* – Não; ainda, não, mas sabia muito bem que me chamaríeis.

4. Como médium, e perfeitamente iniciada no Espiritismo, pensei que, melhor que outro, poderíeis dar-nos explicações instrutivas sobre diferentes pontos da Ciência.

*Resp.* – Responderei o melhor que puder.

5. Esta primeira evocação tem por objetivo apenas renovar, de certo modo, nosso conhecimento e nos pôr em contato. Quanto às perguntas, como são de interesse geral, prefiro fazê-las na Sociedade. Indago, pois, se consentiríeis em vir.

*Resp.* – Sim, com prazer. Responderei e pedirei a Deus que me esclareça.

6. Há cinco médiuns aqui; tendes preferência por algum deles para vos servir de intérprete?

*Resp.* – Isto me é indiferente, contanto que seja um bom médium.

7. Como médium, fostes enganada alguma vez pelos Espíritos em vossas comunicações?

*Resp.* – Oh! muitas vezes. Há poucos médiuns que não o sejam mais ou menos.

NOTA – No dia seguinte, a Sra. Duret manifestou-se espontaneamente e confessou pesar por não lhe terem feito maior número de perguntas na véspera.

8. Se não o fiz, como disse, foi porque as reservava para a Sociedade. Queria tão somente assegurar-me se podia contar convosco.

*Resp.* – O que se faz em vossa casa também é dado para a instrução da Sociedade e, muitas vezes, é útil aproveitar os instantes

em que o Espírito quer comunicar-se, pois nem sempre as condições lhe são igualmente favoráveis.

9. Quais as circunstâncias que lhe podem ser favoráveis?

*Resp.* – Há muitas que conheceis. Mas é preciso saibais que isso nem sempre depende dele. Por vezes necessita ser assistido por outros Espíritos, que podem não estar ali no momento.

10. Considerando que viestes espontaneamente, devo supor que estais num desses momentos propícios e o aproveitarei, se quiserdes. Dissestes ontem que muitas vezes fostes enganada como médium. Vedes agora os Espíritos que vos enganaram?

*Resp.* – Sim, vejo-os perfeitamente. Bem que eles ainda gostariam de me envolver, mas vejo bastante claro agora. Não sou mais o seu juguete. Então os repilo.

11. Dissestes também que há poucos médiuns que não tenham sido mais ou menos enganados. De que depende isto?

*Resp.* – Muito do médium e daquele que interroga.

12. Poderíeis explicar mais claramente?

*Resp.* – Quero dizer que sempre é possível preservar-se dos Espíritos maus, desde que se o queira. A primeira condição para isso é não os atrair pela fraqueza ou pelos defeitos. Quanto vos teria a dizer sobre isto! Ah! se os médiuns soubessem todo o erro que cometem, dando trela aos Espíritos malévolos!

13. É no mundo dos Espíritos que cometem erros?

*Resp.* – Sim; e também no mundo dos vivos.

14. Qual o erro que podem cometer no mundo dos vivos?

*Resp.* – Vários. Para começar, tornam-se presa dos Espíritos maus, que deles abusam e os impelem ao mal, excitando todas as imperfeições que neles se encontram em germe,

principalmente o orgulho e a inveja. Depois, Deus os pune, muitas vezes, pelos sofrimentos da vida.

OBSERVAÇÃO – Temos mais de um exemplo de médiuns dotados das mais felizes disposições, e que a desgraça perseguiu e abateu, depois de se terem deixado dominar pelos Espíritos maus.

15. Mas, então, não seria melhor não ser médium, já que essa faculdade pode arrastar a tão graves inconvenientes?

*Resp.* – Acreditais que os Espíritos maus só venham atacar os médiuns? A mediunidade, ao contrário, é um meio precioso de os reconhecer e de se resguardar contra eles. É o remédio que, em sua bondade, Deus põe ao lado do mal. É o aviso do bom pai, que ama os filhos e quer preservá-los do perigo. Infelizmente, os que desfrutam desse dom não sabem ou não querem aproveitá-lo. São como o imprudente que se fere com a arma que deveria servir para defendê-lo.

16. Sois vós mesma, Sra. Duret, que dais as respostas?

*Resp.* – Sou eu mesma que as dou, e vo-lo asseguro em nome de Deus. Mas creio que, se tivesse sido abandonada a mim mesma, não seria capaz de responder. Os pensamentos me vêm de mais alto.

17. Vedes o Espírito que vo-las inspira?

*Resp.* – Não. Há aqui uma multidão de Espíritos, diante dos quais me inclino, e seus pensamentos parecem irradiar sobre mim.

18. Assim, um Espírito pode receber inspiração de outros, tão bem quanto aquele que está encarnado, e lhes servir de intermediário?

*Resp.* – Não o duvideis; muitas vezes julga responder por si mesmo, quando não é mais que um eco.

19. Quer os pensamentos sejam pessoalmente vossos, quer sejam sugeridos, pouco nos importa, desde que sejam bons, e

nós agradecemos aos Espíritos bons que vo-los sugerem. Mas, então, perguntarei: por que esses mesmos Espíritos não respondem diretamente?

*Resp.* – Eles o fariam, se os interrogásseis. Foi a mim que evocastes. Eles querem responder e, então, servem-se de mim para minha própria instrução.

20. O Espírito que obsidiou um médium em vida ainda o obsidiará após a morte?

*Resp.* – A morte não liberta o homem da obsessão dos Espíritos maus; é a figura dos demônios, atormentando as almas penadas. Sim, esses Espíritos os perseguem após a morte e lhes causam terríveis sofrimentos, porque o Espírito atormentado se sente sob uma constrição de que não se pode desembaraçar. Aquele, ao contrário, que se libertou da obsessão em vida é forte, e os Espíritos maus o encaram com temor e respeito; encontraram o seu mestre.

21. Há muitos médiuns realmente bons, na completa aceção da palavra?

*Resp.* – Não são os médicos que faltam, mas os bons médicos são raros. Dá-se o mesmo com os médiuns.

22. Por qual sinal podemos reconhecer que as comunicações de um médium merecem confiança?

*Resp.* – As comunicações dos Espíritos bons têm um caráter com o qual não podemos nos enganar, quando nos damos ao trabalho de estudá-las. Quanto ao médium, o melhor seria aquele que jamais tivesse sido enganado, pois isso seria a prova de que só atraí Espíritos bons.

23. Mas não há médiuns dotados de excelentes qualidades morais e que são enganados?

*Resp.* – Sim, os Espíritos maus podem fazer tentativas, e não triunfam senão pela fraqueza ou pela excessiva confiança do

médium que se deixa enganar. Mas isso não dura e os Espíritos bons facilmente vencem, quando há vontade.

24. A faculdade mediúnica é independente das qualidades morais do médium?

*Resp.* – Sim. Muitas vezes é dada em alto grau a pessoas viciosas, a fim de ajudá-las a corrigir-se. Será que os doentes não precisam mais de remédio que as pessoas sadias? Os Espíritos maus por vezes lhes dão bons conselhos sem o saber; a isso são impelidos pelos bons. Mas elas não os aproveitam, porque, por orgulho, não os tomam para si.

OBSERVAÇÃO – Isto é perfeitamente exato. Muitas vezes temos visto Espíritos inferiores darem rudes lições em termos pouco comedidos; assinalar defeitos, expor ao ridículo as imperfeições alheias, com mais ou menos habilidade, conforme as circunstâncias, e por vezes de modo muito espirituoso.

25. Espíritos bons podem comunicar-se por maus médiuns?

*Resp.* – Algumas vezes médiuns imperfeitos podem receber belas comunicações, que não procederiam senão dos Espíritos bons. Mas, quanto mais sábias e sublimes, tanto mais culpados serão os médiuns por não aproveitá-las. Oh! sim; são muito culpados e sofrerão cruelmente por sua cegueira.

26. As boas intenções e as qualidades pessoais de quem interroga podem conjurar os Espíritos maus, atraídos por um médium imperfeito, e lhe assegurar boas comunicações?

*Resp.* – Os Espíritos bons apreciam a intenção e, quando o julgam útil, podem servir-se de qualquer espécie de médium, conforme o objetivo a que se propõem. Mas, em geral, as comunicações são tanto mais seguras quanto mais sérias as qualidades do médium.

27. Como nenhum homem é perfeito, segue-se que não há médiuns perfeitos?

*Resp.* – Há os que são tão perfeitos quanto o comporta a humanidade terrena. São raros, mas existem; são os preferidos de Deus e se preparam grandes alegrias no mundo dos Espíritos.

28. Quais os defeitos que dão mais acesso aos Espíritos maus?

*Resp.* – Já vo-lo disse: o orgulho e a inveja, sendo esta uma consequência do orgulho e do egoísmo. Deus ama os humildes e castiga os soberbos.

29. Disso concluí que o médium que não é humilde não merece nenhuma confiança?

*Resp.* – Não de maneira absoluta. Mas, se no médium reconheceis orgulho, inveja e pouca caridade, tendes muito mais chances de ser enganado.

OBSERVAÇÃO – O que leva a perder muitos médiuns é o fato de se julgarem os únicos capazes de receber boas comunicações e desprezarem as dos outros. Julgam que são profetas, quando não passam de intérpretes de Espíritos astuciosos que os enlaçam em suas redes, persuadindo-os de que tudo quanto escrevem é sublime e não mais precisam de conselhos. A crença de certos médiuns na infalibilidade e na superioridade de suas comunicações é tal, que nelas tocar é quase uma profanação; delas duvidar é quase uma injúria; mais ainda: é até expor-se a deles fazer inimigos, porquanto mais valeria dizer a um poeta que os seus versos são maus. Esse sentimento, que tem por princípio evidente o orgulho, é alimentado pelos Espíritos que os assistem e que têm muito cuidado em lhes inspirar o afastamento de quem quer que os possa esclarecer. Só isto deveria ser suficiente para lhes abrir os olhos, caso não estivessem fascinados. Há um princípio, que ninguém poderia contestar: os Espíritos bons só aconselham o bem. Portanto, tudo quanto não for o *bem*, no sentido absoluto, não pode provir de um Espírito bom. Consequentemente, todo conselho ditado, ou todo sentimento inspirado, que reflita o menor pensamento mau, é, por isso

mesmo, de origem suspeita, sejam quais forem as qualidades ou a redundância do estilo.

Um sinal não menos característico dessa origem é a liçonja, de que os Espíritos maus são pródigos em relação a certos médiuns. A propósito, sabem exaltar os dotes físicos ou as qualidades morais, afagar as secretas inclinações, excitar a cobiça e a cupidez e, mesmo censurando o orgulho e aconselhando a humildade, agrilhoar-lhes a vaidade e o amor-próprio. Um dos meios que empregam consiste, sobretudo, em convencê-los de sua superioridade como médiuns, apresentando-os como apóstolos de missões, pelo menos duvidosas, e para as quais a primeira de todas as qualidades seria a humildade, unida à simplicidade e à caridade.

Fascinados pelo nome de seres venerados, dos quais se julgam intérpretes, não percebem as verdadeiras intenções dos falsos Espíritos, mau grado seu, porquanto seria impossível a Espíritos inferiores simular completamente todas as qualidades que não possuem. Os médiuns não se libertarão verdadeiramente da obsessão de que são alvo senão quando compreenderem esta verdade. Só então os Espíritos maus, por seu lado, compreenderão que perdem tempo com pessoas que não poderiam pegar em falta.

(Sociedade, 25 de maio de 1860)

30. Ao que parece, vosso marido possui a faculdade da vidência. Ele a tem realmente?

*Resp.* – Sim, positivamente.

31. Diz ele vos ter visto duas vezes após vossa morte. Isto é verdade?

*Resp.* – É bem verdade.

32. Os médiuns videntes estão expostos a ser enganados pelos Espíritos impostores, como os médiuns escreventes?

*Resp.* – São enganados menos vezes que os médiuns escreventes, mas igualmente podem sê-lo, pelas falsas aparências, quando não são inspirados por Deus. Sob os faraós, ao tempo de Moisés, os falsos profetas não faziam milagres que enganavam o povo? Só Moisés não se enganava, porque era inspirado por Deus.

33. Poderíeis explicar-nos agora vossas sensações ao entrardes no mundo dos Espíritos? Além da perturbação mais ou menos longa que sempre acompanha a morte, houve um instante em que vosso Espírito perdeu toda a consciência de si mesmo?

*Resp.* – Sim, como sempre; impossível ser de outro modo.

34. Essa perda absoluta de consciência começou antes do instante da morte?

*Resp.* – Começou na agonia.

35. Persistiu após a morte?

*Resp.* – Por muito pouco tempo.

36. Ao todo, quanto tempo pode ter durado?

*Resp.* – Cerca de 15 a 18 de vossas horas.

37. Essa duração é variável, conforme os indivíduos?

*Resp.* – Certamente. Não é a mesma em todos os homens; depende muito do gênero de morte.

38. Enquanto se consumava o fenômeno da morte, tíneis consciência do que se passava com o corpo?

*Resp.* – Absolutamente. Deus, que é bom para todas as suas criaturas, quer poupar ao Espírito as angústias desse momento. Eis por que lhe tira toda lembrança e toda sensação.

OBSERVAÇÃO – Este fato, que nos tem sido sempre confirmado, é análogo ao que se passa na volta do Espírito ao

mundo corporal. Sabe-se que, desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar o corpo que deve nascer é tomado por uma perturbação, que vai crescendo à medida que os laços fluídicos, que o unem à matéria, se apertam, até as proximidades do nascimento. Neste momento, perde igualmente toda a consciência de si mesmo e só começa a recobrar as ideias no momento em que a criança respira. Somente então a união entre o Espírito e o corpo é completa e definitiva.

39. Como se operou o instante do despertar? Vós vos reconhecestes subitamente ou houve um momento de semiconsciência, isto é, um vazio nas ideias?

*Resp.* – Permaneci nesse estado durante alguns instantes; depois, pouco a pouco, eu me reconheci.

40. Quanto tempo durou esse estado?

*Resp.* – Não sei exatamente, mas pouco tempo. Creio que cerca de duas horas.

41. Durante essa espécie de meio sono, experimentastes uma sensação agradável ou penosa?

*Resp.* – Não sei; quase não tinha consciência de mim mesma.

42. À medida que vossas ideias clareavam, tínheis a certeza da morte do corpo ou julgastes por um instante ainda estar neste mundo?

*Resp.* – Realmente o julguei durante alguns instantes.

43. Quando tivestes a certeza da morte, sentistes pesar?

*Resp.* – Não, absolutamente. A vida não é para se lamentar.

44. Quando vos reconhecestes, onde vos encontráveis e o que vos feriu primeiramente a vista?

*Resp.* – Encontrei-me com Espíritos que me rodeavam e me auxiliavam a sair da perturbação. Foi essa mudança que me impressionou.

45. Vós vos encontrastes junto ao vosso marido?

*Resp.* – Eu pouco o deixo. Ele me vê, evoca-me, e isto substitui meu pobre corpo.

46. Fostes rever imediatamente as pessoas que tínheis conhecido: o Sr. Dumas e os outros espíritas de Sétif?

*Resp.* – R. Não; não imediatamente. Pensei que me evocariam; não havia muito que os havia deixado, mas encontrei alguns que conhecera e que não via há séculos. Eu era médium e espírita. Todos os Espíritos que eu havia evocado vieram receber-me. Isto me sensibilizou. Se soubésseis como é agradável reencontrar os amigos neste mundo!

47. O mundo dos Espíritos vos pareceu uma coisa estranha e nova?

*Resp.* – Oh! sim.

48. Esta resposta nos surpreende, porque não é a primeira vez que vos achais no mundo dos Espíritos.

*Resp.* – R. Isto nada tem que deva surpreender. Eu não era tão adiantada quanto hoje; e, depois, a diferença entre o mundo corporal e o mundo dos Espíritos é tão grande que haverá de surpreender sempre.

49. Vossa explicação poderia ser mais clara. Isto não resultaria dos progressos realizados pelo Espírito, cada que vez que retorna ao mundo espiritual, ensejando-lhe percepções novas que o levam a encarar esse mundo sob outro aspecto?

*Resp.* – É bem isto. Eu vos disse que não era tão adiantada quanto hoje.

OBSERVAÇÃO – A seguinte comparação permite compreender o que se passa em tal circunstância. Suponhamos que um pobre camponês venha a Paris pela primeira vez; frequentará uma sociedade, residirá num bairro compatível com a sua situação. Depois de uma ausência de vários anos, durante os quais tivesse ficado rico e adquirido certa educação, retorna a Paris e se encontra num meio completamente diverso do da primeira vez, e que lhe parecerá novo. Compreenderá e apreciará uma porção de coisas que apenas havia despertado sua atenção da primeira vez. Numa palavra, terá dificuldade em reconhecer sua antiga Paris e, no entanto, será sempre Paris, embora se lhe apresente sob um aspecto novo.

50. Como julgais agora as comunicações que são recebidas em Sétif? São, em geral, melhores ou piores?

*Resp.* – São como em toda parte: há boas e más, verdadeiras e falsas. Muitas vezes se ocupam de coisas que não são bastante sérias nem consideradas com acerto. Mas não julgam fazer mal. Tentarei corrigi-los.

51. Agradecemos a vossa presença e as explicações que houvestes por bem nos dar.

*Resp.* – Também vos agradeço por terdes pensado em mim.

## Medicina intuitiva

Plessis-Boudet, 23 de maio de 1860.

Senhor,

Em minha última carta dei-vos um boletim das curas obtidas por meio da medicação da Srta. Godu. Estou sempre com a intenção de vos manter ao corrente dos fatos, mas hoje julgo mais útil falar do seu modo de tratar. É bom manter as pessoas a par disso, porque de longe vêm doentes que fazem uma ideia muito falsa desse

gênero de medicação, e que se expõem a fazer uma viagem inútil ou de pura curiosidade.

A Srta. Godu não é sonâmbula. Jamais consulta a distância, nem mesmo em meu domicílio, mas apenas sob minha direção e meu controle. Quando estamos de acordo, o que ocorre quase sempre, pois agora estou em condições de apreciar sua medicação, começamos o tratamento convencional e a Srta. Godu faz os curativos e prepara as tisanas. Numa palavra, age como enfermeira, mas enfermeira *de elite*, e com um zelo sem paralelo, em nossa modesta casa de saúde improvisada.

Será por um fluido depurador, de que seria dotada, que ela consegue resultados tão preciosos?

Será por sua pertinácia na aplicação dos curativos, ou pela confiança que inspira?

Será, enfim, por um sistema de medicação bem concebido e bem dirigido que ela obtém sucesso?

Tais as três perguntas que muitas vezes me faço.

No momento não quero entrar na primeira questão, porque exige um estudo aprofundado e uma discussão científica de primeira ordem. Ela virá mais tarde.

A respeito da segunda questão, hoje posso resolver afirmativamente, uma vez que a Srta. Godu se acha nas mesmas condições que todos os médicos, enfermeiras ou operadores, que sabem levantar o moral de seus doentes e inspirar-lhes uma confiança salutar.

Quanto à terceira questão, não hesito mais em resolvê-la afirmativamente. Adquiri a convicção de que a medicação da Srta. Godu constitui todo um sistema muito metódico. Este sistema é

simples em sua teoria, mas, na prática, varia ao infinito; e é na aplicação que reclama toda a atenção e toda a habilidade possíveis. O profissional mais experiente tem dificuldade em compreender, de saída, esse mecanismo e essa série de modificações incessantes, em razão do progresso ou do declínio da doença. Fica ofuscado e pouco compreende, mas, com o tempo, dá-se conta facilmente dessa medicação e dos seus efeitos.

Seria longo demais enumerar em detalhes e, *currente calamo*,<sup>31</sup> todo um sistema médico novo para nós, embora, por certo, muito antigo em relação à idade dos homens em nosso planeta. Eis as bases sobre as quais repousa o sistema, que raramente sai da medicina revulsiva.<sup>32</sup>

Na maioria dos casos, a Srta. Godu aplica um tópico extrativo, composto de uma ou duas matérias, encontradas em toda parte, na choupana como no castelo. Esse tópico tem uma ação de tal modo enérgica que se obtêm efeitos incomparavelmente superiores a todos os nossos revulsivos conhecidos, sem excetuar o cautério atual e as moxas.<sup>33</sup> Às vezes, ela se limita à aplicação de vesicatórios, quando um efeito mais enérgico não é indispensável. A habilidade consiste em proporcionar o remédio ao mal, em manter uma supuração constante e variada, e eis o que ela obtêm com um unguento tão simples que não se pode classificar no número dos medicamentos. Pode ser assimilado aos ceratos simples e mesmo aos cataplasmas; entretanto, tal unguento produz efeitos duráveis e muito variados: aqui são sais calcários que aparecem sobre o emplastro; nos hidrópicos, é água; nas pessoas com humores, é uma supuração abundante, ora clara, ora espessa. Enfim, os efeitos de seu unguento variam ao infinito, por uma causa que ainda não apreendi e que, aliás, deve

<sup>31</sup> N.E.: Do latim – Ao correr da pena; de maneira espontânea.

<sup>32</sup> N.E.: Revulsão – irritação local causada pela utilização de medicamento específico com o fim de fazer cessar um estado congestivo ou inflamatório existente em outra parte do corpo.

<sup>33</sup> Nota do tradutor: Bastonete de artemísia, que, queimado em contato com a pele de certas regiões do corpo, produz efeito comparável ao da acupuntura.

entrar no estudo da primeira questão. Isto quanto ao exterior. Mais tarde dir-vos-ei uma palavra sobre a medicação interna, que compreendo facilmente. Não se deve pensar que o mal seja tirado qual se fora um passe de mágica; como sempre, são precisos tempo e perseverança para curar radicalmente as doenças rebeldes.

Aceitai etc.

MORHÉRY

## Uma semente de loucura

O *Journal de la Haute-Saône* narrou, ultimamente, o seguinte fato:

Viram-se reis destronados sepultar-se nas ruínas de seus palácios; veem-se infelizes jogadores renunciarem à vida após a perda da fortuna, mas um proprietário que se suicida para não sobreviver à expropriação de um pedaço de terra é o que talvez jamais se tenha visto, antes do caso que relatamos. Um proprietário de Saint-Loup foi advertido de que uma de suas quintas seria expropriada, no dia 14 de maio, pela Companhia de Estradas de Ferro do Leste. A informação o afetou vivamente. Não podendo suportar a separação de suas terras, deu sinais de alienação mental. No dia 2 de maio, saiu de sua casa às três horas da manhã e afogou-se no rio de Combeauté.

Realmente, é difícil suicidar-se por um motivo tão fútil, e um ato tão desarrazoado não pode ser explicado senão por um transtorno cerebral; mas o que teria produzido esse transtorno? Indubitavelmente, não foi a crença nos Espíritos. O fato da desapropriação do terreno? Mas, então, por que não se tornam loucos todos aqueles cujas terras são desapropriadas? Dirão que é porque nem todos têm o cérebro tão fraco. Então, admitis uma predisposição natural à loucura, e não poderia ser de outra forma, já que a mesma causa nem sempre produz o mesmo efeito. Já o dissemos muitas vezes, em

resposta aos que acusam o Espiritismo de provocar a loucura. Que digam se, antes de cogitar-se dos Espíritos, não havia loucos e se não há loucos entre os que não creem nos Espíritos? Uma causa física ou uma violenta comoção moral apenas poderão produzir uma loucura momentânea. Fora disso, se examinarmos os antecedentes, sempre serão encontrados sintomas, que uma causa fortuita pode desenvolver; então a loucura toma o caráter da preocupação principal. O louco fala daquilo que o preocupa, mas a causa não é a preocupação; esta, quando muito, é uma espécie de forma de manifestação. Assim, havendo uma predisposição para a loucura, aquele que se ocupa de religião terá uma loucura religiosa; o amor produzirá a loucura amorosa; a ambição, a loucura das honras e das riquezas etc. No fato narrado acima, seria absurdo ver outra coisa além de um simples efeito, que qualquer outra causa teria provocado, pois havia predisposição. Agora, vamos mais longe: diremos, com toda clareza, que se esse proprietário, tão impressionável em relação ao seu terreno, estivesse imbuído profundamente dos princípios do Espiritismo, não teria enlouquecido nem se afogado, duas desgraças que teriam sido evitadas, como nos mostram numerosos exemplos. A razão disso é evidente. A loucura tem como causa primeira uma fraqueza moral relativa, que torna o indivíduo incapaz de suportar o choque de certas impressões, no número das quais figura, ao menos em três quartas partes, a mágoa, o desespero, o desapontamento e todas as tribulações da vida. Dar ao homem a força necessária para ver tais coisas com indiferença é atenuar a causa mais frequente que o leva à loucura e ao suicídio. Ora, essa força ele a tira da Doutrina Espírita bem compreendida. Ante a grandeza do futuro que se descortina aos nossos olhos, e de que dá prova patente, as tribulações da vida tornam-se tão efêmeras que deslizam sobre a alma como a água sobre o mármore, sem deixar traços. O verdadeiro espírita não se liga à matéria senão o estritamente indispensável para as necessidades da vida; mas, se algo lhe falta, conforma-se, porque sabe que está aqui de passagem e que uma sorte muito melhor o aguarda. Também não se aflige por encontrar acidentalmente uma pedra em seu caminho. Se o nosso homem estivesse imbuído dessas ideias, em que se teriam tornado aquelas terras aos seus olhos? A contrariedade que sofreu

teria sido insignificante ou nula, e uma desgraça imaginária não o teria conduzido a uma desgraça real. Em resumo, um dos efeitos — e, podemos dizer, um dos benefícios do Espiritismo — é o de dar à alma a força que lhe falta em muitas circunstâncias, e é nisto que ele pode reduzir as causas da loucura e do suicídio. Como se vê, os fatos mais simples podem ser uma fonte de ensinamentos para quem quer refletir. É mostrando as aplicações do Espiritismo nos casos mais vulgares que se fará compreender toda a sua sublimidade. Não está aí a verdadeira filosofia?

## Tradição muçulmana

Extraímos a passagem seguinte da sábia e notável obra que o Sr. Géraldy Saintine publicou sob o título *Três anos na Judeia*.

Quando o sultão de Babel Bakhtunnassar (Nabucodonosor) foi enviado por Deus para punir os filhos de Israel, que tinham abandonado a doutrina da unidade, despojou o templo de todos os objetos preciosos que lá se achavam reunidos. E, reservando para si mesmo o trono de Salomão, com seus suportes, os dois leões de ouro puro, animados por uma arte mágica, que defendiam a entrada, distribuiu o resto do saque aos diversos reis de sua corte. O rei de Roum recebeu o hábito de Adam e a vara de Moisés; o rei de Antakie teve o trono de Kelkis e o pavão maravilhoso, cuja cauda, toda em pedrarias, formava no trono um rico dossel; o rei de Andaluzia tomou a mesa de ouro do Profeta. Um cofre em pedra, que continha a *Torá* (*Bíblia*), estava no meio de todas essas riquezas, e ninguém lhe dava atenção, embora, de todos os tesouros, fosse o mais precioso. Assim, deixaram-no abandonado ao capricho dos ladrões, que percorriam a cidade e o templo, passando a mão em tudo que encontravam. O depósito da palavra divina desapareceu nessa imensa desordem.

Quarenta anos mais tarde, estando aplacada a sua cólera, Deus resolveu estabelecer os filhos de Israel em sua herança e suscitou o profeta Euzer (Esdras) — Que Deus o salve! — predestinado pela vontade divina a uma missão gloriosa. Ele passara toda a juventude na prece

e na meditação, negligenciando as ciências humanas para absorver-se na contemplação do Ser infinito, e vivia separado do mundo, no interior de uma das grutas que cercavam a cidade santa. Essa gruta ainda hoje se chama *El Azérie*.<sup>34</sup> Obedecendo à ordem de Deus, saiu de seu retiro e veio entre os filhos de Israel para indicar-lhes como deveriam reconstruir o templo e restabelecer a honra dos antigos ritos.

Mas o povo não acreditou na missão do profeta. Declarou que não se submeteria à lei; que até cessaria os trabalhos de construção do templo e iria habitar outras terras, se não lhe apresentassem o livro em que nosso senhor Moisés — Que Deus o salve! — tinha consignado todas as prescrições religiosas a ele ditadas no monte Sinai. O livro havia desaparecido e todas as buscas para o encontrar foram infrutíferas.

Euzer, então, nesse grande embaraço, fez a Deus fervorosas preces para que o tirasse dessa aflição e impedisse o povo de persistir no caminho da perdição. Estava sentado debaixo de uma árvore, contemplando com tristeza as ruínas do templo, em redor das quais se agitava a multidão indócil, quando, de repente, uma voz do alto lhe ordenou que escrevesse; e, embora jamais tivesse pegado num *qalam* (pena, caniço), obedeceu imediatamente. Depois da prece do meio-dia até o dia seguinte à mesma hora, sem se alimentar, sem se levantar do lugar bendito onde estava sentado, continuou a escrever tudo quanto lhe ditava a voz celeste, não hesitando um só instante, nem mesmo se detendo ante as trevas da noite, porquanto uma luz sobrenatural iluminava o seu Espírito e um anjo lhe guiava a mão.

Todos os filhos de Israel estavam assombrados e contemplavam em silêncio essa manifestação da onipotência divina. Mas quando o profeta terminou sua cópia milagrosa, os imãs,<sup>35</sup> invejosos do favor particular do qual acabavam de ser objeto, pretenderam que o novo livro fosse uma invenção diabólica e que em nada se parecia com o antigo.

<sup>34</sup> Nota de Allan Kardec: Nome árabe da gruta conhecida como Túmulo de Lázaro.

<sup>35</sup> N.E.: O mesmo que imane, sacerdote muçulmano.

Euzer dirigiu-se novamente à Bondade infinita e, cedendo a uma súbita inspiração, encaminhou-se, seguido por todo o povo, para a fonte de Siloé. Chegado diante da fonte, levantou as mãos ao céu, proferiu uma longa e ardente prece e, com ele, toda a multidão se prostrou. De repente apareceu uma pedra quadrada na superfície da água, flutuando como se sustentada por mão invisível; nela os imãs reconheceram, trêmulos, o cofre sagrado, há muito perdido. Euzer o tomou com respeito. O cofre abriu-se por si mesmo; a *Torá* de Moisés saiu dele, qual se fora animada de vida própria, e a nova cópia, escapando-se do seio do profeta, foi colocar-se na caixa sagrada.

A dúvida não era mais permitida. Entretanto, o santo homem exigiu que os imãs confrontassem os dois exemplares. Estes, apesar de sua confusão, obedeceram-lhe a vontade. Após longo exame, testemunharam em altas vozes que nem uma só palavra, nem um *kareket* (acento) fazia a menor diferença entre o livro escrito por Euzer e o que tinha sido traçado por Moisés. Desde que prestaram essa homenagem à verdade, Deus, para os punir de seus erros, apagou os seus olhos e os mergulhou nas trevas eternas.

Assim, os filhos de Israel foram trazidos à fé de seus pais. O lugar onde se havia sentado o chefe que Deus lhes tinha dado foi chamado depois *Kerm ech Cheick* (cercado ou vinha do Xeque).

Quem não reconhecerá neste relato vários fenômenos espíritos que os médiuns reproduzem aos nossos olhos e que nada têm de sobrenatural?

## Erro de linguagem de um Espírito

Recebemos a seguinte carta, a propósito do fato de escrita direta, relatado em nosso número da *Revista Espírita* do mês de maio.

Senhor,

Somente hoje li o vosso número de maio, e nele encontro o relato de uma experiência de escrita direta, feita em minha presença, em casa da Srta. Huet. Para mim é um prazer confirmar o relato, à exceção de um pequeno erro, que escapou ao *narrador*. Não é *God loves you*, mas *God love you*, que encontramos no papel, isto é, o verbo *love*, sem a letra *s*, não estava na terceira pessoa do presente do indicativo. Assim, não se poderia traduzir por *Deus vos ama*, a menos que se subentenda a palavra *que* e se dê à frase uma forma de imperativo ou de subjuntivo. A observação foi feita na sessão seguinte ao Espírito Channing (se é que foi mesmo ao Espírito Channing, pois me conheceis e vos peço permissão para conservar minhas dúvidas sobre a identidade absoluta dos Espíritos); e o Espírito Channing, digo eu, não se explicou muito categoricamente a respeito deste *s*, omitido de propósito ou por inadvertência; ele próprio nos censurou um pouco, se tenho boa memória, por ligar importância a uma letra a mais ou a menos numa experiência tão notável.

A despeito dessa censura amistosa, feita pelo Espírito Channing, julguei por bem vos comunicar minha observação sobre a maneira pela qual a palavra *love* foi realmente escrita. O honrado Sr. E. B..., que ficou com o papel, pôde mostrá-lo e o mostrará a muitas pessoas; e entre estas poderão achar-se algumas que tenham conhecimento do vosso último número. Ora, importa — e estou persuadido de que também pensais como eu — que a maior fidelidade se encontre no relato de fatos tão estranhos e tão maravilhosos que obtemos.

Aceitai etc.

MATHIEU

Havíamos notado perfeitamente a falta assinalada pelo Sr. Mathieu e nos incumbimos de corrigi-la, embora soubéssemos, por experiência, que os Espíritos ligam pouquíssima importância a esses tipos de pecadilhos, com os quais os mais esclarecidos não têm nenhum escrúpulo. Assim, não ficamos absolutamente

surpreendidos com a observação de Channing, em presença, como o disse, de um fato de somenos importância. A exatidão na reprodução dos fatos é, sem dúvida, uma coisa essencial, mas a importância desses fatos é relativa, e confessamos que se devêssemos sempre, para o francês, seguir a ortografia dos Invisíveis, os senhores gramáticos estariam com o queijo e a faca na mão, tratando-os de cozinheiros, mesmo que o médium tenha sido aprovado nessas matérias. Temos um, ou uma, na Sociedade, favorecido com todos esses diplomas, e suas comunicações, embora escritas muito pausadamente, contêm numerosos erros desse gênero. Os Espíritos sempre nos têm dito: “Ligai-vos ao fundo e não à forma; para nós, o pensamento é tudo; a forma, nada. Corrigi, pois, a forma, se quiserdes. Nós vos deixamos esse cuidado.” Se, portanto, a forma for defeituosa, não a conservamos senão quando pode servir de ensinamento. Ora, tal não era o caso, em nossa opinião, no fato acima, porquanto o sentido era bastante evidente.

## Ditados espontâneos e dissertações espíritas

Recebidos ou lidos nas sessões da Sociedade

### A VAIDADE

(Pela Sra. Lesc..., médium)

Quero falar da vaidade, que se mescla a todas as ações humanas. Ela macula os mais suaves pensamentos; invade o coração e o cérebro. Planta maligna, abafa a bondade em seu nascedouro; todas as qualidades são aniquiladas por seu veneno. Para lutar contra ela, é preciso exercitar a prece; somente ela nos dá força e humildade. Homens ingratos! esqueceis de Deus incessantemente. Ele não é para vós senão o socorro implorado na aflição, e jamais o amigo convidado para o banquete da alegria. Para iluminar o dia, Ele vos deu o Sol, radiação gloriosa, e para clarear a noite, as estrelas, flores

de ouro. Por toda parte, ao lado dos elementos necessários à humanidade, pôs o luxo necessário à beleza de sua obra. Deus vos tratou como faria um anfitrião generoso que, para receber seus convidados, multiplica o luxo de sua mansão e a abundância do festim. Que fazeis vós, que tendes apenas o coração para lhe oferecer? Longe de o honrar com as vossas virtudes e alegrias, longe de lhe oferecer as premissas de vossas esperanças, não o desejais e somente o convidais a penetrar-vos o coração quando o luto e as decepções amargas vos trabalharam e deixaram marcas. Ingratos! Que esperais para amar vosso Deus? A desgraça e o abandono. Antes lhe ofereci o coração, livre de dores; ofereci-lhe, como homens em pé, e não como escravos ajoelhados, vosso amor purificado do medo, e na hora do perigo Ele se lembrará de vós, que não o esquecestes na hora da felicidade.

GEORGES (ESPÍRITO FAMILIAR)

### A MISÉRIA HUMANA

A miséria humana não está na incerteza dos acontecimentos, que ora nos elevam, ora nos precipitam. Reside inteira no coração ávido e insaciável, que incessantemente aspira a receber, que se lamenta da secura de outrem e jamais se lembra da própria aridez. Essa desgraça de aspirar a mais alto que a si mesmo, essa desgraça de não poder satisfazer-se com as mais caras alegrias, essa desgraça, digo eu, constitui a miséria humana. Que importa o cérebro, que importam as mais brilhantes faculdades, se elas são sempre ensombradas pelo desejo amargo e insaciável de que algo lhe escape sem cessar? A sombra flutua junto ao corpo, a felicidade flutua junto à alma, para ela inatingível. Não deveis, entretanto, nem vos lamentar, nem maldizer a sorte, porque essa sombra, essa felicidade, fugidia e móvel como a onda, pelo ardor e pela angústia que deposita no coração, dá-nos a prova da divindade aprisionada na humanidade. Amai, pois, a dor e sua poesia vivificante, que faz vibrar vossos Espíritos pela lembrança da pátria eterna. O coração humano é um cálice repleto de lágrimas, mas vem a aurora, e beberá a água de vossos corações; para vós ela será a vida que deslumbrará vossos olhos, enceguecidos pela

obscuridade da prisão carnal. Coragem! Cada dia é uma libertação; marchai na dolorosa senda; marchai, acompanhando com o olhar a maravilhosa estrela da esperança.

GEORGES (ESPÍRITO FAMILIAR)

## A TRISTEZA E O PESAR

(Pela Sra. Lesc..., médium)

É um erro ceder frequentemente à tristeza. Não vos enganéis: o pesar é o sentimento firme e honesto que se apossa do homem atingido no coração ou nos interesses, mas a fastidiosa tristeza é apenas a manifestação física do sangue em sua lentidão ou rapidez de curso. A tristeza encobre com seu nome muito egoísmo, muitas fraquezas; debilita o Espírito que a ela se abandona. O pesar, ao contrário, é o pão dos fortes. Este amargo alimento nutre as faculdades do espírito e diminui a parte animal. Não procureis o martírio do corpo, mas sede ávidos pelo tormento da alma. Os homens compreendem que devem mover suas pernas e braços para manter a vida do corpo, mas não compreendem que devem sofrer para exercitar as faculdades morais. A felicidade ou, apenas, a alegria são hóspedes tão passageiros da humanidade que não podeis, sem ser por elas esmagados, suportar sua presença, por mais leve que seja. Fostes feitos para sofrer e sonhar incessantemente com a felicidade, porquanto sois aves sem asas, chumbados ao solo, que olhais o céu e desejais o espaço.

GEORGES (ESPÍRITO FAMILIAR)

OBSERVAÇÃO – Estas duas comunicações encerram, incontestavelmente, belíssimos pensamentos e imagens de grande elevação, mas nos parecem escritas sob o império de ideias um pouco sombrias e um tanto misantrópicas. Dir-se-ia haver nelas a expressão de um coração ulcerado. O Espírito que as ditou faleceu há poucos anos. Em vida era amigo do médium, do qual, após a morte, se

tornou o gênio familiar. Era um pintor de talento, cuja vida tinha sido calma e muito despreocupada. Mas quem sabe se teria sido o mesmo na existência anterior? Seja como for, todas as suas comunicações atestam muita profundidade e sabedoria. Poderiam pensar que fossem o reflexo do caráter do médium. A Sra. Lesc... é, incontestavelmente, uma mulher muito séria e acima do vulgo, sob muitos aspectos, e é isso, sem dúvida — abstração feita à sua faculdade mediúnica —, que lhe granjeia a simpatia dos Espíritos bons. Mas a comunicação seguinte, obtida na Sociedade, prova que pode receber outras de caráter muito variado.

## A FANTASIA

(Médium: Sra. Lesc...)

Queres que te fale da fantasia. Ela foi minha rainha, minha dona, minha escrava. Eu a servi e a dominei. Sempre submetido às suas adoráveis flutuações, jamais lhe fui infiel. É ainda ela quem me impele a falar de outra coisa: da facilidade com que o coração carrega dois amores, facilidade desprezada e muito censurada. Considero absurda essa censura dos bons burgueses, que só gostam de seus pequenos vícios moderados, mais enfadonhos ainda que suas virtudes; do mesmo modo que uma cerca viva de arbustos delimita os jardins de um padre, eles só admitem o que seus miolos limitados podem compreender. Tens medo do que te digo; fica tranquila; Musset tem a sua garra; não se lhe pode pedir gentilezas de cãezinhos amestrados. É preciso suportar e compreender seus gracejos, verdadeiros sob sua frívola aparência, tristes sob sua alegria, risonhos nas suas lágrimas.

ALFRED DE MUSSET

OBSERVAÇÃO – Uma pessoa que só tinha ouvido esta comunicação por ocasião de sua primeira leitura dizia, numa sessão íntima, que lhe parecia de pouca significação. O Espírito Sócrates, que participava da conversa, respondendo a essa observação, escreveu espontaneamente: “Não, tu te enganas; relê a mensagem; há coisas

boas; ela é muito inteligente e isto tem seu lado bom. Diz-se que nisso se conhece o homem. Com efeito, é mais fácil provar a identidade de um Espírito do vosso tempo do que do meu; e, para certas pessoas, é útil que, de vez em quando, tenhais comunicações deste gênero.”

Certo dia em que se conversava sobre os médiuns e sobre o caráter de Alfred de Musset, que um dos assistentes acusava de ter sido muito material em vida, o poeta escreveu espontaneamente a notável comunicação que se segue, por um de seus *médiuns preferidos*:

## INFLUÊNCIA DO MÉDIUM SOBRE O ESPÍRITO

(Médium: Sra. Schmidt)

Somente os Espíritos Superiores podem comunicar-se indistintamente por todos os médiuns e manter em toda parte a mesma linguagem. Mas eu não sou um Espírito superior, razão por que, às vezes, sou um pouco material. Contudo, sou mais adiantado do que imaginais.

Quando nos comunicamos por um médium, a emanção de sua natureza se reflete mais ou menos sobre nós. Por exemplo, se o médium é dessas naturezas em que predomina o coração, desses seres elevados, capazes de sofrer por seus irmãos; enfim, dessas almas devotadas, nobres, que a infelicidade tornou fortes e que ficaram puras em meio à tormenta, então o reflexo faz bem, no sentido de nos corrigirmos espontaneamente e nossa linguagem se ressentir. Mas, no caso contrário, se nos comunicamos por um médium de natureza menos elevada, servimo-nos pura e simplesmente de sua faculdade como nos utilizamos de um instrumento. É então que nos tornamos o que chamamos de um pouco material. Dizemos coisas espirituosas, se quiseres, mas deixamos de lado o coração.

*Pergunta* – Os médiuns instruídos, de espírito culto, são mais aptos a receber comunicações elevadas do que os que não têm instrução?

*Resposta* – Não, repito. Somente a essência da alma se reflete sobre os Espíritos, mas os Espíritos Superiores são os únicos invulneráveis.

ALFRED DE MUSSET

## Bibliografia

Num artigo acima falamos de uma nova publicação periódica sobre o Espiritismo, feita em Londres, sob o título de *The Spiritual Magazine*. A Itália não fica a reboque do movimento que conduz as ideias para o mundo invisível. Recebemos o prospecto de um jornal que se publica em Gênova: L'AMORE DEL VERO, *periodico di scienze, letteratura, belle arti, magnetismo animale, omeopatia, elettrotelegrafia, Spiritismo etc. Sotto la direzione dei signori D. Pietro Gatti e B. E. Maineri*. Esse jornal aparece três vezes por mês, em cadernos de 18 páginas.

O Dr. Gatti, diretor do Instituto Homeopático de Gênova, é um adepto esclarecido do Espiritismo, e não temos dúvida de que as questões relativas a esta ciência sejam por ele tratadas com o talento e a sagacidade que o caracterizam.

*A História de Joana d'Arc*, ditada por ela mesma à Srta. *Ermance Dufaux*, cuja reimpressão anunciamos, acaba de aparecer na Livraria Ledoyen. Já nos referimos a essa obra notável na *Revista Espírita*, número de janeiro de 1858. Desde essa época nossa opinião não variou quanto à sua importância, não somente do ponto de vista histórico, mas como um dos fatos mais curiosos de manifestação espírita. A reimpressão era vivamente reclamada, e não duvidamos que obtenha um sucesso tanto maior quanto os partidários da nova ciência são hoje mais numerosos do que no tempo da primeira publicação.

ALLAN KARDEC



# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

JULHO DE 1860

Nº 7

## AVISO

*O escritório da Revista Espírita e o domicilio particular do Sr. Allan Kardec foram transferidos para a rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.*

## Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Sexta-feira, 1º de junho de 1860 – Sessão particular

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 25 de maio.

Por proposta da comissão e após relato verbal, a Sociedade admite no número de seus sócios livres:

Sra. E..., de Viena, Áustria.

*Assuntos administrativos:* A comissão propõe e a Sociedade adota as duas seguintes proposições:

1º) Considerando que a Sociedade, nos termos do artigo 16 do regulamento, pode dar a conhecer, no fim de abril, a intenção da retirada de certos membros;

Que as nomeações feitas pela direção e comissão antes dessa época poderiam recair sobre membros que não continuariam a fazer parte da Sociedade;

Que não seria racional que aqueles que tivessem tal intenção participassem das nomeações,

Resolve o seguinte:

“As nomeações para a direção e para a comissão serão feitas na primeira sessão do mês de maio. Os membros em exercício continuarão em suas funções até essa data.”

2º) A Sociedade, considerando que uma ausência muito prolongada e não prevista dos membros da direção e da comissão pode entrar a marcha dos trabalhos;

Resolve o seguinte:

“Os membros da direção e da comissão que se ausentarem durante três meses consecutivos, sem justificativa, serão considerados demitidos de suas funções e providenciada a sua substituição.”

*Comunicações diversas:*

1ª) Leitura de um ditado espontâneo, obtido pela Sra. L..., sobre a *honestidade relativa*, assinado por Georges, Espírito familiar.

2ª) Outro, da Sra. Schmidt, acerca da *influência do médium sobre o Espírito*, assinada por Alfred de Musset.

Relato de um fato concernente a duas pessoas, uma das quais é uma pobre moça, e suas relações atuais são consequência das que existiam em sua precedente existência. Circunstâncias aparentemente fortuitas as puseram em contato, e as duas experimentaram reciprocamente uma simpatia que se revelou por singular coincidência de poder mediúnico. Interrogado sobre certos fatos, um Espírito superior disse que a jovem tinha sido filha da outra na existência anterior e havia sido abandonada; na presente existência, foi posta em seu caminho, a fim de lhe dar oportunidade de reparar seus erros, protegendo-a, o que está disposta a fazer, apesar de sua situação bastante precária, pois só vive de seu trabalho.

Esse fato, que encerra detalhes do mais alto interesse, vem em apoio do que sempre tem sido dito sobre certas simpatias, cuja causa remonta a existências anteriores.

Indubitavelmente, esse princípio dá uma razão de ser a mais ao sentimento fraterno, que faz da caridade e da benevolência uma lei, porquanto aperta e multiplica os laços que devem unir a humanidade.

#### *Estudos:*

1º) Evocação da grande *Françoise*, uma das principais convulsionárias de Saint Médard, da qual uma primeira evocação já foi publicada (ver o número de maio de 1860). Este Espírito foi chamado novamente, a pedido seu, com o objetivo de retificar a opinião emitida sobre o diácono Pâris. Acusa-se de o haver caluniado, desnaturando suas intenções e pensa que a retratação feita espontaneamente poderá poupar-lhe a merecida punição.

São Luís completa a comunicação com informes sobre os mundos destinados ao castigo dos Espíritos culpados.

2º) Exame analítico e crítico das comunicações de Charlet sobre os animais. O Espírito desenvolve, completa e retifica

certas afirmações que tinham parecido obscuras ou errôneas. Tal exame será continuado na próxima sessão (Publicado adiante).

3<sup>a</sup>) Dois ditados espontâneos são obtidos, o primeiro, pela Srta. Huet, sobre a continuação das memórias de um Espírito; o segundo, pela Sra. Lesc..., assinado por Georges, seu Espírito familiar, sobre o exame crítico que a Sociedade se propõe fazer das comunicações espíritas. O Espírito aprova muito esse gênero de estudo e o considera como um meio de prevenir as falsas comunicações.

Sexta-feira, 8 de junho de 1860 – Sessão geral

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 1<sup>o</sup> de junho.

A Sra. viúva G..., antigo membro titular, não fazendo parte da lista de 30 de abril, em cumprimento ao novo regulamento da Sociedade, escreve para explicar os motivos de sua abstenção, pedindo à Sociedade para ser reintegrada como associada livre. Com a anuência da Comissão, é admitida nessa qualidade.

*Comunicações diversas:*

1<sup>a</sup>) Leitura de um ditado espontâneo recebido pela Sra. Lesc... e assinado por Delphine de Girardin, sobre as primeiras impressões de um Espírito. Apresenta um quadro poético e muito real das sensações que o Espírito experimenta ao deixar a Terra.

2<sup>a</sup>) Outro ditado, pelo mesmo médium, assinado por Alfred de Musset, intitulado *Aspirações de um Espírito*.

3<sup>a</sup>) O Sr. M..., de Metz, relata um fato interessante, pessoal, sobre a influência que um médium pode exercer sobre outra pessoa, para lhe desenvolver a faculdade mediúnica. Foi por tal meio que essa faculdade foi desenvolvida no Sr. M...; mas o que há de particular nessa circunstância é a constatação da ação a distância. Estando o médium em Châlons e o Sr. M... em Metz, combinaram

a hora para a prova e o Sr. M... pôde constatar os momentos *precisos* em que o médium o influenciava ou cessava de agir. Ainda mais: descreveu as impressões morais que o médium sentia, impressões que não podia suspeitar e, por outro lado, o médium escreveu as mesmas palavras traçadas pelo Sr. M...

Deu-se ainda com o mesmo médium um fato muito curioso de escrita direta espontânea, isto é, sem provocação e sem nenhuma intenção de sua parte, porque em tal absolutamente não pensava. Várias palavras, que não podiam ter outra origem, quando se conhecem as circunstâncias, foram inopinadamente achadas escritas, com manifesta intenção, e apropriadas à situação. Tendo tentado provocar nova manifestação semelhante, o médium nada conseguiu.

*Estudos:*

1º) Perguntas diversas dirigidas a São Luís: a) Sobre o estado dos Espíritos; b) Sobre o que se deve entender por esfera ou planeta das flores, de que falam alguns Espíritos; c) Sobre as faculdades intelectuais latentes; d) Sobre os sinais de reconhecimento para constatar a identidade dos Espíritos.

2º) Evocação de Antoine T..., desaparecido há alguns anos, sem deixar indícios sobre o seu paradeiro. Reconhecida como inexata uma primeira evocação, ele explica o motivo e dá novos detalhes sobre sua pessoa. A experiência mostrará se são mais verídicos que os primeiros.

3º) Evocação do astrólogo Vogt, de Munique, que se suicidou em 4 de maio de 1860. Pouco desprendido, seu Espírito ainda se acha sob o império das ideias que o tinham preocupado durante a vida.

4º) Dois ditados espontâneos são obtidos simultaneamente: o primeiro, pelo Sr. Didier Filho, sobre a *Fatalidade*, assinado por *Lamennais*; o segundo, pela Sra. Lesc..., assinado por *Delphine de Girardin*, sobre as *Mascaradas humanas*.

Sexta-feira, 15 de junho de 1860 – Sessão particular

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 8 de maio.

Por proposta da comissão, a Sociedade admite, como sócios livres, o Sr. conde de N..., de Moscou, e o Sr. P..., proprietário em Paris.

*Comunicações diversas:*

1ª) Leitura de uma carta informando que em certas localidades o clero se ocupa seriamente com o estudo do Espiritismo, e que membros bem esclarecidos desse corpo falam dele como de uma coisa chamada a exercer grande influência nas relações sociais.

2ª) Leitura de uma evocação particular, feita na casa do Sr. Allan Kardec, do Sr. J... Filho, de Saint-Etienne. Embora de interesse privado, essa evocação apresenta ensinamentos úteis pela elevação de pensamentos do Espírito chamado, tendo sido ouvida com vivo interesse.

3ª) Observação apresentada pelo Sr. Allan Kardec a respeito de uma predição que lhe foi submetida por um médium de seu conhecimento. Conforme tal predição, certos acontecimentos devem ocorrer em data fixa e, como constatação, o Espírito tinha dito ao médium que a fizesse assinar por várias pessoas, entre outras o Sr. Allan Kardec, a fim de poder certificar, quando de sua ocorrência, a época em que fora feita. Eu me recusei, disse o Sr. Allan Kardec, pelas seguintes considerações: “Muitos têm visto no Espiritismo um meio de adivinhação, o que é contrário ao seu objetivo; quando acontecimentos futuros são anunciados e se realizam, trata-se sem dúvida de um fato excepcional e curioso, mas seria perigoso considerá-lo como regra. Por isso não quis que meu nome servisse para legitimar uma crença que falsearia o Espiritismo em seu princípio e em sua aplicação.”

*Estudos:*

1º) Evocação de Thilorier, físico, que morrera supondo ter encontrado o meio de substituir o vapor pelo ácido carbônico condensado, como força motriz. Reconhece que tal descoberta só existia em sua imaginação (Publicada adiante).

2º) Continuação do exame crítico das comunicações de Charlet sobre os animais (Será publicado).

3º) Evocação de um Espírito batedor que se manifesta ao filho do Sr. N..., membro da Sociedade, por efeitos físicos de certa originalidade. Disse ter sido tambor-mor na banda de música militar do papa e chamar-se *Eugênio*. Sua linguagem não desmente a qualidade que se atribui.

4º) Ditado espontâneo obtido pela Sra. Lesc..., sobre o *desenvolvimento das faculdades intelectuais*, a propósito da evocação de Thilorier, assinada por Georges, Espírito familiar. É de notar que esse Espírito muitas vezes adapta suas comunicações às circunstâncias presentes, o que prova que assiste às conversas, mesmo sem ser chamado. O fato produziu-se igualmente em várias outras ocasiões, da parte de outros Espíritos.

Outro, pelo Sr. Didier Filho, assinado por *Vauvenargues*, e contendo alguns pensamentos avulsos.

Sexta-feira, 22 de junho de 1860 – Sessão geral

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 15 de junho.

*Comunicações diversas:*

1ª) Leitura de um ditado espontâneo obtido pela Sra. Lesc..., sobre o *devaneio*, assinado por Alfred de Musset.

2ª) Relato de um fato de mediunidade natural espontânea, como médium escrevente, apresentado pela Sra. Lub..., membro da Sociedade. A pessoa é uma camponesa de 15 anos, que, sem possuir nenhum conhecimento do Espiritismo, escreve quase diariamente, por vezes páginas inteiras, de modo inteiramente mecânico. Uma intuição lhe diz que deve ser um Espírito que lhe fala, porque, quando se sente levada a escrever, toma um lápis dizendo: “Vejam o que ele vai me dizer hoje.” Suas comunicações muitas vezes se referem a episódios da vida privada, seja para ela, seja para pessoas do seu conhecimento; quase sempre são de extrema justeza, mesmo para as coisas que ela ignora completamente. É provável que essa faculdade, se fosse cultivada e bem dirigida, desenvolver-se-ia de modo notável e útil.

*Estudos:*

1ª) Perguntas sobre os animais de transição que podem preencher a lacuna existente na escala dos seres vivos, entre o animal e o homem. O estudo será continuado.

2ª) Perguntas sobre os inventores e as descobertas prematuras, a propósito da evocação de Thilorier.

3ª) Manifestações físicas produzidas pelo filho do Sr. N..., menino de 13 anos, de que se falou na última sessão. O Espírito batedor que se lhe vinculou o faz simular, com as mãos e os dedos, com incrível volubilidade, toda sorte de evoluções militares, como carga de cavalaria, manobras de artilharia, ataques de fortes etc., tomando todos os objetos ao seu alcance para simular armas. Exprime os vários sentimentos que o agitam, como a cólera, a impaciência ou a zombaria, por violentas batidas e gestos de pantomima muito significativos. O que se nota, além disso, é a impassibilidade e a despreocupação do garoto, enquanto suas mãos e braços se entregam a essa espécie de ginástica. Torna-se evidente que todos os movimentos independem de sua vontade. Durante o resto da sessão, e mesmo quando já havia cessado a experiência, o Espírito aproveitava

a oportunidade para manifestar, a seu modo, o contentamento ou o mau humor a respeito do que se disse. Numa palavra, vê-se que se apodera dos membros do rapaz e os emprega como se fossem seus. Tal gênero de manifestações oferece um curioso objeto de estudo por sua originalidade, e pode dar a compreender a maneira pela qual os Espíritos agem sobre certos indivíduos.

Interrogado sobre as consequências que essas manifestações podem ter sobre o rapazinho, São Luís fez advertências de muita sabedoria e aconselhou não as provocar. Além disso, fez com que a Sociedade se compromettesse a não entrar nessa via de experiências, que teria como resultado o afastamento dos Espíritos sérios, e a continuar ocupando-se, como fez até agora, em aprofundar as questões importantes.

## Frenologia e fisiognomonia<sup>36</sup>

A frenologia é ciência que trata das funções atribuídas a cada parte do cérebro. O Dr. Gall, fundador dessa ciência, pensava que, desde que o cérebro é o ponto para onde são conduzidas todas as sensações, e de onde partem todas as manifestações das faculdades intelectuais e morais, cada uma das faculdades primitivas deveria ter ali o seu órgão especial. Assim, seu sistema consiste na localização das faculdades. Sendo o desenvolvimento de cada parte cerebral determinado pelo desenvolvimento da calota óssea, produzindo protuberâncias, concluiu ele que, do exame dessas protuberâncias, poder-se-ia deduzir a predominância de tal ou qual faculdade e, daí, o caráter ou as aptidões do indivíduo. Daí, também, o nome de *cranioscopia* dado a essa ciência, com a diferença de que a *frenologia* tem por objeto tudo o que diz respeito às atribuições do cérebro, enquanto a *cranioscopia* se limita às ilações tiradas da inspeção do crânio. Numa palavra, Gall fez, a respeito do crânio e do cérebro, o que fez Lavater para os traços fisionômicos.

<sup>36</sup> N.E.: Ver Nota explicativa, p. 561.

Não há por que discutir aqui o mérito desta ciência, nem examinar se é verdadeira ou exagerada em todas as suas consequências. Mas ela foi, alternadamente, defendida e criticada por homens de alto valor científico. Se certos detalhes são ainda hipotéticos, nem por isso deixa de repousar sobre um princípio incontestável, o das funções gerais do cérebro, e sobre as relações existentes entre o desenvolvimento ou a atrofia desse órgão e as manifestações intelectuais. O nosso objetivo é o estudo das suas consequências psicológicas.

Das relações existentes entre o desenvolvimento do cérebro e a manifestação de certas faculdades, alguns sábios concluíram que os órgãos cerebrais são a própria fonte das faculdades, doutrina que não é outra senão a do materialismo, porquanto tende à negação do princípio inteligente estranho à matéria. Consequentemente, faz do homem uma máquina, sem livre-arbítrio e sem responsabilidade de seus atos, já que sempre poderia atribuir os seus erros à sua organização e seria injustiça puni-lo por faltas que não teriam dependido dele cometer. Ficamos abalados pelas consequências de semelhante teoria, e com razão. Devia-se, por isso, proscrever a frenologia? Não, mas examinar o que nela poderia haver de verdadeiro ou de falso na maneira de encarar os fatos. Ora, esse exame prova que as atribuições do cérebro em geral, e mesmo a localização das faculdades, podem conciliar-se perfeitamente com o *espiritualismo* mais severo, que nisso encontraria a explicação de certos fatos. Admitamos, por um instante, a título de hipótese, a existência de um órgão especial para o instinto musical. Suponhamos, além disso, como nos ensina a Doutrina *Espírita*, que um Espírito, cuja existência é muito anterior ao seu corpo, reencarne com a faculdade musical muito desenvolvida; esta se exercerá naturalmente sobre o órgão correspondente e estimulará o seu desenvolvimento, como o exercício de um membro aumenta o volume dos músculos. Como na infância o sistema ósseo oferece pouca resistência, o crânio sofre a influência do movimento expansivo da massa cerebral. Desse modo, o desenvolvimento do crânio é produzido pelo desenvolvimento do cérebro, assim como o desenvolvimento do cérebro o é pelo da faculdade. A faculdade é a

causa primeira; o estado do cérebro é um efeito consecutivo. Sem a faculdade o órgão não existiria ou seria apenas rudimentar. Encarada sob esse ponto de vista, a frenologia, como se vê, nada tem de contrário à moral, porquanto deixa ao homem toda a sua responsabilidade, cabendo-nos acrescentar que esta teoria é, ao mesmo tempo, conforme à lógica e à observação dos fatos.

Objetam com os casos bem conhecidos, nos quais a influência do organismo sobre a manifestação das faculdades é incontestável, como os da loucura e da idiotia, mas é fácil resolver a questão. Veem-se todos os dias homens muito inteligentes tornarem-se loucos. O que prova isto? Um homem muito forte pode quebrar a perna e não poderá mais andar. Ora, a vontade de andar não está na perna, mas no cérebro; esta vontade só é paralisada pela impossibilidade de mover a perna. No louco, o órgão que servia às manifestações do pensamento estando avariado por uma causa física qualquer, o pensamento já não pode manifestar-se de maneira regular; erra a torto e a direito, fazendo o que chamamos extravagâncias. Mas nem por isso deixa de existir em sua integridade, e a prova disso está em que, se o órgão for restabelecido, volta o pensamento original, como o movimento da perna que é curada. Assim, o pensamento não está no cérebro, como não se encontra na calota craniana. O cérebro é o instrumento do pensamento, como o olho é o instrumento da visão, e o crânio é a superfície sólida que se molda aos movimentos do instrumento. Se o instrumento for deteriorado, não ocorrerá manifestação, exatamente como não se pode mais ver ao se perder um olho.

Entretanto, por vezes acontece que a suspensão da livre manifestação do pensamento não se deve a uma causa accidental, como na loucura. A constituição primitiva dos órgãos pode oferecer ao Espírito, desde o nascimento, um obstáculo do qual sua atividade não pode triunfar. É o que acontece quando os órgãos são atrofiados ou apresentam uma resistência insuperável. Tal é o caso da idiotia. O Espírito está como que aprisionado e sofre essa constrição, mas nem por isso deixa de pensar como Espírito, do mesmo modo que um

prisioneiro atrás das grades. O estudo das manifestações do Espírito de pessoas vivas, pela evocação, lança uma grande luz sobre os fenômenos psicológicos. Isolando o Espírito da matéria, prova-se pelos fatos que os órgãos não são a causa das faculdades, mas simples instrumentos, com o auxílio dos quais as faculdades se manifestam com maior ou menor liberdade ou precisão; que muitas vezes funcionam como abafadores, que amortecem as manifestações, o que explica a maior liberdade do Espírito, uma vez desprendido da matéria.

No conceito materialista, o que é um idiota? Nada; é apenas um ser humano. Conforme a Doutrina Espírita, é um ser dotado de razão como todo mundo, mas enfermo de nascença pelo cérebro, como outros o são pelos membros. Ao reabilitá-lo, não será tal doutrina mais moral, mais humana, que a que dele faz um ser desprezível? Não é mais consolador para um pai, que tem a infelicidade de ter um tal filho, pensar que esse envoltório imperfeito encerra uma alma que pensa?

Aos que, sem serem materialistas, não admitem a pluralidade das existências perguntaremos: O que é a alma do idiota? Se a alma é formada ao mesmo tempo com o corpo, por que criaria Deus seres assim desgraçados? Qual será o seu futuro? Admiti, ao contrário, uma sucessão de existências e tudo se explica conforme a justiça: a idiotia pode ser uma punição ou uma prova e, em todo caso, não passa de um incidente na vida do Espírito. Isto não é maior, mais digno da Justiça de Deus, do que supor que o Pai tenha criado um ser fracassado para sempre?

Agora lancemos as vistas para a *fisiognomonía*. Esta ciência é baseada no princípio incontestável de que é o pensamento que põe os órgãos em jogo, que imprime aos músculos certos movimentos. Daí se segue que, estudando as relações entre os movimentos aparentes e o pensamento, dos movimentos vistos podemos deduzir o pensamento, que não vemos. É assim que não nos enganaremos quanto à intenção de quem faz um gesto ameaçador ou amigável; que reconheceremos o modo de andar de um homem apressado e

o do que não o é. De todos os músculos, os mais móveis são os da face; ali se refletem muitas vezes até os mais delicados matizes do pensamento. Eis por que, com razão, se diz que o rosto é o espelho da alma. Pela frequência de certas sensações, os músculos contraem o hábito dos movimentos correspondentes e acabam formando a ruga. A forma exterior se modifica, assim, pelas impressões da alma, de onde se segue que, dessa forma, algumas vezes se podem deduzir essas impressões, como do gesto podemos deduzir o pensamento. Tal é o princípio geral da arte ou, se se quiser, da ciência fisiognomônica. Este princípio é verdadeiro; não apenas se apoia sobre base racional, mas é confirmado pela observação, tendo Lavater a glória, se não de o haver descoberto, pelo menos de o ter desenvolvido e formulado em corpo de doutrina. Infelizmente, Lavater caiu no erro comum à maioria dos autores de sistemas, ou seja, a partir de um princípio verdadeiro sob certos pontos, concluírem por uma aplicação universal e, em seu entusiasmo por terem descoberto uma verdade, vê-la por toda parte. Eis aí o exagero e, muitas vezes, o ridículo. Não nos cabe examinar aqui o sistema de Lavater em seus detalhes: diremos apenas que tanto é ele consequente ao remontar do físico ao moral por certos sinais exteriores, quanto é ilógico ao atribuir um sentido qualquer às formas ou sinais sobre os quais o pensamento não pode exercer nenhuma ação. É a falsa aplicação de um princípio verdadeiro que muitas vezes o relega ao nível das crenças supersticiosas, e que leva a confundir na mesma reprovação os que veem certo e os que exageram.

Digamos, entretanto, para ser justo, que muitas vezes a falta é menos do mestre que dos discípulos que, em sua admiração fanática e irrefletida, por vezes levam as conseqüências de um princípio além dos limites do possível.

Agora, se examinarmos esta ciência nas suas relações com o Espiritismo, teremos de combater várias induções errôneas que dela poderiam ser tiradas. Entre as relações fisiognomônicas, existe principalmente uma sobre a qual a imaginação muitas vezes se exerceu: é a semelhança de algumas pessoas com certos animais. Procuremos, então, buscar a causa.

A semelhança física entre os parentes resulta da consanguinidade que transmite, de um a outro, partículas orgânicas semelhantes,<sup>37</sup> porque o corpo procede do corpo. Mas não poderia vir ao pensamento de ninguém supor que aquele que se parece com um gato, por exemplo, tenha nas veias o sangue de gato. Há, pois, uma outra causa. De início, pode ser fortuita e sem qualquer significação: é o caso mais comum. Todavia, além da semelhança física, nota-se por vezes uma certa analogia de inclinações. Isto poderia explicar-se pela mesma causa que modifica os traços da fisionomia. Se um Espírito ainda atrasado conserva alguns dos instintos do animal, seu caráter, como homem, terá esses traços, e as paixões que o agitam poderão dar a esses traços algo que lembre vagamente os do animal cujos instintos possui. Mas esses traços se apagam à medida que o Espírito se depura e o homem avança no caminho da perfeição.

Aqui, portanto, seria o Espírito a imprimir sua marca na fisionomia; mas da similitude dos instintos seria absurdo concluir que o homem, que tem os do gato, possa ser a encarnação do Espírito de um gato. Longe de ensinar semelhante teoria, o Espiritismo sempre demonstrou o seu ridículo e a sua impossibilidade. É verdade que se nota uma gradação contínua na série animal, mas entre o animal e o homem há uma solução de continuidade. Ora, mesmo admitindo, o que é apenas um sistema, que o Espírito tenha passado por todos os graus da escala animal antes de chegar ao homem, haveria sempre, de um ao outro, uma interrupção que não existiria se o Espírito do animal pudesse encarnar-se diretamente no corpo do homem. Se assim fosse, entre os Espíritos errantes haveria os de animais, como há Espíritos humanos, o que não acontece.

Sem entrar no exame aprofundado desta questão, que discutiremos mais tarde, dizemos, conforme os Espíritos, que nisto estão de acordo com a observação dos fatos, que nenhum homem é a reencarnação do Espírito de um animal. Os instintos animais do

---

<sup>37</sup> Nota do tradutor: Kardec serviu-se das teorias científicas da época. Só em 1865 Mendel publicaria seus primeiros trabalhos de genética, enquanto a molécula de DNA, base da hereditariedade, nem sequer era sonhada.

homem decorrem da imperfeição de seu próprio Espírito, ainda não depurado e que, sob a influência da matéria, dá preponderância às necessidades físicas sobre as morais e sobre o senso moral, não ainda suficientemente desenvolvido. Sendo as mesmas as necessidades físicas no homem e no animal, necessariamente resulta que, até o senso moral estabelecer um contrapeso, pode haver entre eles uma certa analogia de instintos; mas aí se detém a paridade; o senso moral que não existe num, e que no outro germina e cresce incessantemente, estabelece entre eles a verdadeira linha de demarcação.

Uma outra indução não menos errônea é tirada do princípio da pluralidade das existências. Da sua semelhança com certas personagens, algumas concluem que podem ter sido tais personagens. Ora, do que precede, é fácil demonstrar que aí existe apenas uma ideia quimérica. Como dissemos, as relações consanguíneas podem produzir uma similitude de formas, mas não é este aqui o caso, pois Esopo pode ter sido mais tarde um homem bonito, e Sócrates, um belo rapaz. Assim, quando não há filiação corporal, só haverá uma semelhança fortuita, porquanto não há nenhuma necessidade para o Espírito habitar corpos parecidos e, ao tomar um novo corpo, não traz nenhuma parcela do antigo. Entretanto, conforme o que dissemos acima, quanto ao caráter que as paixões podem imprimir aos traços, poder-se-ia pensar que, se um Espírito não progrediu sensivelmente e retorna com as mesmas inclinações, poderá trazer no rosto identidade de expressão. Isto é exato, mas seria no máximo um ar de família, e daí a uma semelhança real há muita distância. Aliás, este caso deve ser excepcional, pois é raro que o Espírito não venha em outra existência com disposições sensivelmente modificadas. Assim, dos sinais fisiognômicos não se pode tirar absolutamente nenhum indício das existências anteriores. Só podemos encontrá-las no caráter moral, nas ideias instintivas e intuitivas, nas inclinações inatas, nas que não resultam da educação, assim como na natureza das expiações suportadas. E ainda isto só poderia indicar o gênero de existência, o caráter que se deveria ter, levando em conta o progresso, mas não a individualidade (Vide *O livro dos espíritos*, q. 216 e 217).

## Os fantasmas

A academia assim define essa palavra: “Diz-se dos Espíritos que se supõe voltarem do outro mundo.” Ela não diz *que voltam*; só os espíritas podem ser bastante loucos para ousarem afirmar semelhantes coisas. Seja como for, pode dizer-se que a crença nos fantasmas é universal. Evidentemente se funda na intuição da existência dos Espíritos e na possibilidade de comunicação com eles. A esse título, todo Espírito que manifesta sua presença, seja pela escrita de um médium, ou simplesmente batendo numa mesa, seria um fantasma. Mas esse nome quase sepulcral geralmente é reservado para os que se tornam visíveis e que se *supõe*, como diz com razão a Academia, vir em circunstâncias mais dramáticas. São histórias de comadres? O fato em si, não; os acessórios, sim. Sabe-se que os Espíritos podem manifestar-se à vista, mesmo em forma tangível — eis o que é real. Mas o que é fantástico são os acessórios; o medo, que tudo exagera, ordinariamente acompanha esse fenômeno, em si tão simples, o qual se explica por uma lei muito natural; consequentemente, nada tem de maravilhoso ou de diabólico. Por que, então, se tem medo dos fantasmas? Precisamente por causa desses mesmos acessórios, que a imaginação se apraz em tornar apavorantes, porque ela se assustou e talvez acreditasse ter visto o que não viu. Em geral são representados sob aspecto lúgubre, vindo de preferência à noite, sobretudo nas noites mais sombrias, em horas fatais, aos lugares sinistros, revestidos de mortalhas extravagantes. O Espiritismo ensina, ao contrário, que os Espíritos podem mostrar-se em todos os lugares, a qualquer hora, de dia como de noite; que em geral o fazem sob a aparência que tinham em vida, e que só a imaginação criou os fantasmas; que os que aparecem, longe de ser temidos, na maioria das vezes são parentes ou amigos que vêm a nós por afeição, ou Espíritos infelizes que podemos assistir. Também são, algumas vezes, galhofeiros do mundo espiritual, que se divertem à nossa custa e se riem do medo que causam. Compreende-se que com estes o melhor meio é rir também, e provar-lhes que não se os teme. Aliás, limitam-se quase sempre a fazer barulho e raramente se tornam visíveis. Infeliz de quem os leva a sério, pois redobram nas travessuras; seria o mesmo

que exorcizar um moleque de Paris. Mesmo supondo que seja um Espírito mau, que mal poderia fazer? Um valentão vivo não seria cem vezes mais temível do que um morto que se tornou Espírito? Aliás, sabemos que estamos constantemente rodeados por Espíritos, que só diferem dos que chamamos fantasmas porque não os vemos.

Os adversários do Espiritismo não deixarão de o acusar por dar crédito a uma crença supersticiosa. Mas sendo o fato das manifestações visíveis constatado, explicado pela teoria e confirmado por inúmeras testemunhas, não se pode dizer que não existam, e todas as negações não o impedirão de se reproduzir, porquanto poucas pessoas há que, consultando suas lembranças, não se recordem de algum fato dessa natureza e que não podem pôr em dúvida. É preferível, portanto, que nos esclareçamos sobre o que há de verdadeiro ou de falso, de possível ou de impossível nas narrativas desse gênero. É explicando uma coisa, raciocinando, que nos premunimos contra o medo pueril. Conhecemos muitas pessoas que tinham pavor dos fantasmas. Hoje, graças ao Espiritismo, sabem o que é isto, e seu maior desejo é ver um. Conhecemos outras que tiveram visões que as terrificaram; agora, que as compreendem, não mais se inquietam. Conhecem-se os perigos do mal do medo para os cérebros fracos. Ora, um dos resultados do conhecimento do Espiritismo esclarecido é precisamente curar esse mal, e não é esse um dos seus menores benefícios.

## Lembrança de uma existência anterior

(Sociedade, 25 de maio de 1860)

Um dos nossos assinantes nos envia uma carta de um de seus amigos, da qual extraímos o seguinte trecho:

Perguntastes a minha opinião, ou melhor, a minha crença, na presença ou não, junto a nós, das almas dos que amamos. Pedis, também, algumas explicações relativas à minha convicção de que nossas almas mudam de envoltório com muita rapidez.

Por mais ridículo que pareça, direi que guardo a sincera convicção de ter sido assassinado durante os massacres de São Bartolomeu. Eu era muito criança quando tal lembrança veio ferir a minha imaginação. Mais tarde, ao ler essa triste página de nossa História, pareceu que muitos detalhes me eram conhecidos, e ainda creio que, se a velha Paris pudesse ser reconstruída, eu reconheceria aquela alameda sombria, onde, fugindo, senti o frio de três punhaladas nas costas. Há detalhes desta cena sangrenta que se conservam na minha memória e que jamais desapareceram. Por que tinha eu essa convicção antes de saber o que tinha sido a noite de São Bartolomeu? Por que, ao ler o relato desse massacre, perguntei a mim mesmo: é meu sonho, esse sonho desagradável que tive em criança, cuja lembrança me ficou tão viva? Por que, quando quis consultar a memória, forçar o pensamento, fiquei como um pobre louco ao qual surge uma ideia e que parece lutar para lhe descobrir a razão? Por quê? Nada sei. Por certo me achareis ridículo, mas nem por isso guardarei menos a lembrança, a convicção.

Se vos dissesse que eu tinha 7 anos quando tive um sonho assim: Eu tinha 20 anos, era jovial, bem-posto, e penso que rico. Vim bater-me em duelo e fui morto. Se dissesse que a saudação feita com a arma, antes de me bater, eu a fiz pela primeira vez que tive um florete na mão; se dissesse que cada preliminar mais ou menos graciosa que a educação ou a civilização pôs na arte de se matar me era desconhecida antes de minha educação nas armas, diríeis, sem dúvida, que sou louco ou maníaco. Bem pode ser, mas às vezes me parece que um clarão penetra nesse nevoeiro e tenho a convicção de que a lembrança do passado se restabelece em minha alma.

Se me perguntásseis se creio na simpatia entre as almas, em seu poder de se porem em contato entre elas, malgrado a distância, apesar da morte, eu vos responderia: Sim; e este sim seria pronunciado com toda a força de minha convicção. Aconteceu encontrar-me a 25 léguas de Lima, após 86 dias de viagem, e despertar em lágrimas, com uma verdadeira dor no coração; uma tristeza mortal apoderou-se de mim durante todo o dia. Anotei o fato em meu

diário. Àquela hora, na mesma noite, meu irmão foi acometido por um ataque de apoplexia, que comprometeu gravemente a sua vida. Confrontei o dia, o instante: tudo era exato. Eis um fato; as pessoas existem. Direis que sou louco?

Não li nenhum autor que tenha tratado de semelhante assunto. Fá-lo-ei quando retornar. Talvez dessa leitura possa jorrar um pouco de luz para mim.

O Sr. V..., autor desta carta, é oficial da Marinha e atualmente em viagem. Poderia ser interessante ver se, evocando-o, confirmaria as suas lembranças, mas haveria a impossibilidade de o prevenir de nossa intenção e, por outro lado, considerando-se a sua profissão, poderia ser difícil encontrar o momento propício. Todavia, disseram-nos que chamássemos o seu anjo da guarda, quando quiséssemos evocá-lo, e ele nos diria se poderíamos fazê-lo.

1. Evocação do anjo da guarda do Sr. V...

*Resp.* – Atendo ao vosso chamado.

2. Conheceis o motivo que nos leva a desejar evocar o vosso protegido. Não se trata de satisfazer uma vã curiosidade, mas de constatar, se for possível, um fato interessante para a ciência espírita: o da recordação de sua existência anterior.

*Resp.* – Compreendo o vosso desejo, mas neste momento seu Espírito não se acha livre; está ativamente ocupado pelo corpo e numa inquietação moral que o impede de repousar.

3. Ainda está no mar?

*Resp.* – Está em terra, mas poderei responder a algumas perguntas, porque aquela alma foi sempre confiada à minha guarda.

4. Já que tendes a bondade de responder, perguntaremos se a lembrança que ele julga ter conservado de sua morte numa existência anterior é uma ilusão.

*Resp.* – É uma intuição muito real. Na época essa pessoa vivia muito bem na Terra.

5. Por que motivo essa lembrança lhe é mais precisa do que para outros? Há nisso uma causa fisiológica ou uma utilidade particular para ele?

*Resp.* – Essas lembranças vivazes são muito raras. Dependem um pouco do gênero de morte, que de tal modo o impressionou que está, por assim dizer, encarnado em sua alma. Entretanto, muitas outras criaturas tiveram mortes igualmente terríveis, mas a lembrança não lhes ficou. Só raramente Deus o permite.

6. Depois dessa morte, ocorrida na noite de São Bartolomeu, teve ele outras existências?

*Resp.* – Não.

7. Que idade tinha quando morreu?

*Resp.* – Uns 30 anos.

8. Pode-se saber o que ele era?

*Resp.* – Era ligado à casa de Coligny.

9. Se tivéssemos podido evocá-lo, ter-lhe-íamos perguntado se recorda o nome da rua onde foi assassinado, a fim de ver se, indo a esse local, quando voltar a Paris, a lembrança da cena lhe será ainda mais precisa.

*Resp.* – Foi no cruzamento de Bucy.

10. A casa onde foi morto ainda existe?

*Resp.* – Não; foi reconstruída.

11. Com o mesmo objetivo teríamos perguntado se recorda o nome que tinha.

*Resp.* – Seu nome não é conhecido na História, pois era simples soldado. Chamava-se Gaston Vincent.

12. Seu amigo, aqui presente, gostaria de saber se ele recebeu suas cartas.

*Resp.* – Ainda não.

13. Éreis seu anjo da guarda naquela época?

*Resp.* – Sim, então e agora.

OBSERVAÇÃO – As pessoas cétricas, mais brincalhonas do que sérias, poderiam dizer que seu anjo da guarda o protegeu mal e perguntar por que não desviou a mão que o feriu. Embora semelhante questão mereça apenas uma resposta, algumas palavras a respeito talvez não sejam inúteis.

Primeiramente diremos que, estando o morrer na natureza do homem, não está no poder de nenhum anjo da guarda opor-se ao curso das leis da natureza. Do contrário, não haveria razão para que também não impedissem a morte natural, tanto quanto a accidental. Em segundo lugar, estando o momento e o gênero de morte no destino de cada um, é preciso que esse destino se cumpra. Finalmente, diremos que os Espíritos não encaram a morte como nós: a verdadeira vida é a do Espírito, da qual as diversas existências corporais não passam de episódios. O corpo é um invólucro que o Espírito reveste momentaneamente e deixa como uma roupa *usada* ou *rasgada*. Pouco importa, pois, que se morra um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde, desta ou daquela maneira, pois que, em última análise, sempre é preciso que se chegue lá, e essa morte, longe de prejudicar o Espírito, pode ser-lhe bastante útil, conforme a maneira por que se realiza. É o prisioneiro que deixa sua prisão temporária para fruir a liberdade eterna. Pode ser que o fim trágico de Gaston Vincent tenha sido uma coisa útil para ele, como Espírito, o que seu anjo da guarda compreendia melhor que ele, porquanto um não via senão o presente, ao passo que o outro vislumbrava o

futuro. Espíritos retirados deste mundo por uma morte prematura, na flor da idade, muitas vezes nos responderam que era um favor de Deus, que, assim, os havia preservado dos males aos quais, sem isto, estariam expostos.

## Os animais

(Dissertações espontâneas feitas pelo Espírito  
Charlet, em várias sessões da Sociedade)

### I

Há uma coisa entre vós que sempre vos excita a atenção e a curiosidade. Esse mistério, pois que o é e muito grande para vós, é a ligação, ou melhor dizendo, a distância existente entre a vossa alma e a dos animais, mistério que, apesar de toda a sua ciência, Buffon,<sup>38</sup> o mais poético dos naturalistas, e Cuvier,<sup>39</sup> o mais profundo, jamais puderam penetrar, assim como o escalpelo não vos detalha a anatomia do coração. Ora, como sabeis, os animais vivem, e tudo que vive pensa. Não se pode, pois, viver sem pensar.

Assim sendo, resta demonstrar-vos que quanto mais o homem avança, não segundo o tempo, mas conforme a perfeição, mais penetrará a ciência espiritual, a qual se aplica não somente a vós, mas ainda aos seres que estão abaixo de vós: os animais. Oh! exclamarão alguns homens, persuadidos de que a palavra *homem* significa todo o aperfeiçoamento. Haverá um paralelo possível entre o homem e o bruto? Podeis chamar inteligência o que não passa de instinto? Sentimento o que é apenas sensação? Podeis, numa palavra, rebaixar a imagem de Deus? Responderemos: houve um tempo em que a metade do gênero humano era considerada no nível do

<sup>38</sup> N.E.: Georges Louis Leclerc de Buffon (1707–1788), naturalista francês.

<sup>39</sup> N.E.: Georges Cuvier (1769–1832), naturalista francês. Formulou as leis da anatomia comparada e lançou os fundamentos da paleontologia animal.

irracional, no qual o animal nada contava; outro tempo, agora o vosso, em que a metade do gênero humano é encarada como inferior, e o animal, como bruto. E então? Do ponto de vista do mundo é assim, certamente; do ponto de vista espiritual é completamente diferente. O que os Espíritos Superiores diriam do homem terrestre, os homens dizem dos animais.

Tudo é infinito na natureza: o material como o espiritual. Ocupai-vos, pois, um pouco, desses pobres irracionais, espiritualmente falando, e vereis que o animal vive realmente, já que pensa.

Isto serve de prefácio a um pequeno curso que vos darei a respeito. Aliás, quando vivo eu havia dito que a melhor companhia do homem era o cão.

*Continua no próximo número.*

CHARLET

## II

O mundo é uma escada imensa, cuja elevação é infinita, mas cuja base repousa num horrendo caos. Quero dizer que o mundo não é senão um progresso constante dos seres. Estais muito embaixo, sempre, mas haverá muitos abaixo de vós. Porque, ouvi bem, não falo apenas do vosso planeta, mas também de todos os mundos do universo. Não temais, pois nos limitaremos à Terra.

Antes disso, entretanto, duas palavras sobre um mundo chamado Júpiter, do qual o engenhoso e imortal Palissy vos deu alguns esboços, tão estranhos e sobrenaturais para a vossa imaginação. Lembrai-vos de que num desses encantadores desenhos ele vos apresentara alguns animais de Júpiter? Não há neles um progresso evidente e lhes podeis negar um grau de superioridade sobre os animais terrestres? E nisso apenas vedes um progresso de forma, e não de inteligência, embora a atividade de que se ocupam não possa ser

executada pelos animais da Terra? Só vos cito este exemplo para vos indicar que já existe uma superioridade de seres que estão muito abaixo de vós. Que seria se vos enumerasse todos os mundos que conheço, isto é, cinco ou seis? Mas, somente na Terra, vede a diferença existente entre eles! Pois bem! Se a forma é tão variada, tão progressiva, que mesmo na matéria há progresso, podeis negar o progresso espiritual desses seres? Ora, como o sabeis, se a matéria progride, mesmo a mais elementar, com mais forte razão o Espírito que a anima.

*Continuarei da próxima vez.*

CHARLET

NOTA – Com o número de agosto de 1858 publicamos uma prancha desenhada e gravada pelo Espírito Bernard Palissy, representando a casa de Mozart em Júpiter, com uma descrição desse planeta, que foi sempre designado como um dos mundos mais adiantados de nosso turbilhão solar, moral e fisicamente. O mesmo Espírito deu um grande número de desenhos sobre o mesmo assunto. Entre outros, há um que representa uma cena de animais em atividade na parte que lhes é reservada na casa de Zoroastro. Indubitavelmente, é um dos mais curiosos da coleção. Entre os animais figurados, há uns cuja forma se aproxima bastante da forma humana terrestre, tendo ao mesmo tempo algo do macaco e do sátiro. Sua ação denota inteligência e compreende-se que sua estrutura possa prestar-se aos trabalhos manuais que executam para os homens. São, como já foi dito, os serviçais e os operários, pois os homens só se ocupam dos trabalhos da inteligência. É a esse desenho, feito há mais de três anos, que alude Charlet na comunicação acima.

### III

Nos mundos adiantados os animais são de tal modo superiores que, para eles, a mais rigorosa ordem é dada pela palavra, e entre vós, muitas vezes, a pauladas. Em Júpiter, por exemplo, basta uma palavra, enquanto entre vós as chicotadas não são suficientes.

Todavia, há um sensível progresso em vossa Terra, jamais explicado: é que o próprio animal se aperfeiçoa. Assim, outrora, o animal era muito mais rebelde ao homem. Também há progresso de vossa parte, por terdes instintivamente compreendido esse aperfeiçoamento dos animais, pois que proibis de bater-lhes. Eu dizia que há progresso moral no animal. Há também progresso de condição. Assim, um infeliz cavalo açoitado, ferido por um carroceiro mais bruto que ele, estará, comparativamente, numa condição muito mais tranquila, mais feliz que a de seu carrasco. Não é de toda justiça, e devemos nos admirar de que um animal que sofre, que chora, que é reconhecido ou vingativo, conforme a doçura ou a crueldade de seus donos, seja recompensado por haver pacientemente suportado uma vida repleta de torturas? Antes de tudo, Deus é justo e todas as suas criaturas estão sob suas leis, e estas dizem: “Todo ser fraco que tiver sofrido será recompensado.” Sempre comparativamente ao homem, entendo, e ousou acrescentar, para terminar, que o animal, em muitas circunstâncias, tem mais alma e mais coração que o homem.

CHARLET

#### IV

A superioridade do homem se manifesta em vosso globo por essa elevação da inteligência que dele faz o rei da Terra. Ao lado do homem, o animal é muito fraco, muito insignificante e, pobre cativo dessa terra de provação, muitas vezes tem que suportar os caprichos cruéis de seu tirano: o homem! A antiga metempsicose era uma lembrança muito confusa da reencarnação e, no entanto, essa doutrina não passa de crença popular. Os grandes Espíritos admittiam a reencarnação progressiva. A massa ignorante, não compreendendo como eles o universo, dizia naturalmente: “Já que o homem reencarna, isto não pode ocorrer senão na Terra; então sua punição, seu tártaro, sua provação é a vida no corpo de um animal”; absolutamente como na Idade Média os cristãos diziam: “É no grande vale que se dará o julgamento, após o que os danados irão para o interior da terra, queimar-se em suas entranhas”.

Crendo na metempsicose, os antigos acreditavam, portanto, em espíritos de animais, já que admitiam a passagem da alma humana para corpos de animais. Pitágoras lembrava-se de sua antiga existência e reconhecia o escudo que usava no cerco de Troia. Sócrates morreu predizendo sua nova vida.

Desde que, como vos disse, tudo é progresso no universo, desde que as Leis de Deus não são e não podem ser senão leis do progresso, do ponto de vista em que estais, do ponto de vista de vossas tendências espiritualistas, não admitir o progresso do que está abaixo do homem seria um contrassenso, uma prova de ignorância ou de completa indiferença.

Como o homem, o animal tem aquilo a que chamais consciência, e que não é outra coisa senão a sensação da alma quando fez o bem ou mal. Observai e vede se o animal não dá prova de consciência, sempre relativamente ao homem. Acreditais que o cão não saiba quando fez o bem ou o mal? Se não o sentisse, não viveria. Como já vos disse, a sensação moral, a consciência, enfim, tanto existe nele como no homem; sem isso seria negar-lhe o sentimento de gratidão, o sofrimento, os pesares, em suma, todos os caracteres de uma inteligência, caracteres que qualquer homem sério pode observar em todos os animais, conforme seus diversos graus, porquanto, mesmo entre eles, há diversidades extraordinárias.

CHARLET

## V

Rei da Terra pela inteligência, o homem é também um ser superior do ponto de vista material. Suas formas são harmoniosas e, para se fazer obedecer, seu Espírito tem um organismo admirável: o corpo. A cabeça do homem é alta e olha o céu, diz o *Gênesis*. O animal olha a terra e, pela estrutura de seu corpo, a ela parece mais ligado que o homem. Além disso, a harmonia magnífica do corpo humano não existe no animal. Observai a infinita variedade

que os distingue uns dos outros, variedade que, no entanto, não corresponde ao seu Espírito, porque os animais — e entendo sua imensa maioria — têm, quase todos, o mesmo grau de inteligência. Assim, no animal, variedade de forma; no homem, ao contrário, variedade de Espírito. Tomai dois homens que tenham gostos, aptidões e inteligência semelhantes, e tomaí um cão, um cavalo, um gato, numa palavra, mil animais e dificilmente notareis diferença em sua inteligência. O Espírito dorme no animal; no homem brilha em todos os sentidos. Seu Espírito adivinha Deus e compreende a razão de ser da perfeição.

Assim, pois, no homem, a harmonia simples da forma, começo do infinito no Espírito; e vede agora a superioridade do homem que domina o animal, materialmente por sua estrutura admirável e intelectualmente por suas imensas faculdades. Parece que, nos animais, aprouve a Deus variar mais a forma, encerrando o Espírito, ao passo que, no homem, fez do próprio corpo humano a manifestação material do Espírito.

Igualmente admirável nessas duas criações, a Providência tanto é infinita no mundo material quanto no espiritual. O homem está para o animal como a flor e todo o reino vegetal estão para a matéria bruta.

Nestas poucas linhas quis estabelecer o lugar que deve ocupar o animal na escala da perfeição. Veremos como pode elevar-se comparativamente ao homem.

CHARLET

## VI

Como se eleva o Espírito? Pela submissão, pela humildade. O que perde o homem é a razão orgulhosa que o leva a desprezar todo subalterno, a invejar todo superior. A inveja é a mais viva expressão do orgulho; não é o prazer do orgulho, é o desejo doentio,

incessante, de poder fruí-lo. Os invejosos são os mais orgulhosos, quando se tornam poderosos. Olhai o mestre de todos vós, o Cristo, homem por excelência, mas na mais alta fase da sublimidade. O Cristo, digo eu, em vez de vir com audácia e insolência para derrubar o mundo antigo, vem à Terra encarnar-se numa família pobre e nasce entre os animais, porque encontrareis por toda parte esses pobres animais, a todos os instantes, em que o homem vive simplesmente com a natureza, numa palavra, pensando em Deus. Nasce entre os animais e estes lhe exaltam o poder na sua linguagem tão expressiva, tão natural e tão simples. Vede que material para reflexão! O Espírito ainda inferior que os animais pressente o Cristo, isto é, o Espírito em toda a sua essência de perfeição. Balaão,<sup>40</sup> o falso profeta, o orgulho humano em toda a sua corrupção, blasfemou contra Deus e bateu no seu animal. De repente o Espírito ilumina o Espírito ainda muito vago do jumento e este fala; por um instante torna-se igual ao homem e, por sua palavra, é o que será em milhares e milhares de anos. Poderíamos citar muitos outros fatos, mas este me parece assaz admirável, a propósito do que afirmei sobre o orgulho do homem, que nega até a sua alma, por não poder compreendê-la e vai até a negação do sentimento entre os seres inferiores, no meio dos quais o Cristo preferiu nascer.

CHARLET

## VII

Eu vos entretive durante algum tempo com o que vos havia prometido. Como disse no início, não falei do ponto de vista anatómico ou médico, mas unicamente da essência espiritual que existe nos animais. Terei ainda que vos falar de muitos outros pontos que, sendo bem diferentes, não são menos úteis à doutrina. Permiti-me uma última recomendação, a de refletirdes um pouco sobre o que eu vos disse: nem é extenso, nem pedante e, crede-me, nem por isso é menos útil. Possa o bom Pastor um dia, quando dividir suas ovelhas, contar-vos entre os bons e excelentes animais que tiverem seguido

<sup>40</sup> N.E.:A história na íntegra ver NÚMEROS, 22.

melhor os seus preceitos. Perdoai esta imagem um pouco viva. Ainda uma vez, necessitais refletir no que vos digo. Aliás, continuarei a vos falar enquanto desejardes. Tereis de vos dizer outra coisa da próxima vez, para definir meu pensamento sobre a inteligência dos animais.

Todo vosso,

CHARLET

## VIII

Tudo quanto vos posso dizer no momento, amigos, é que vejo com prazer a linha de conduta que seguis. Que a caridade, esta virtude das almas verdadeiramente francas e nobres, seja sempre vosso guia, pois é o sinal da verdadeira superioridade. Perseverai neste caminho, que deve necessariamente conduzir-vos à verdade e à unidade, malgrado os esforços cuja força não suspeitais.

A modéstia também é um dom muito difícil de adquirir; não é senhores? É uma virtude bastante rara entre os homens. Pensai que para avançar na senda do bem, no caminho do progresso, só tendes de usar a modéstia. Que seríeis sem Deus e sem seus divinos preceitos? Um pouco menos que esses pobres animais, dos quais já vos falei e sobre os quais tenho a intenção de vos entreter ainda. Cingi os rins e preparai-vos para lutar novamente, mas não fraquejeis. Pensai que não é contra Deus que lutais, como Jacó, mas contra o Espírito do mal, que tudo invade e a vós próprios, a cada instante.

O que vos tenho a dizer seria muito longo para esta noite. Tenho a intenção de vos explicar a queda moral dos animais, após a queda moral do homem. Para concluir o que já vos disse sobre os animais, tomarei por título: O primeiro homem feroz e o primeiro animal tornado feroz.

Desconfiai dos Espíritos maus. Não suspeitais de sua força, disse-vos há pouco. E embora esta última frase não tenha

relação com a precedente, não é menos verdadeira e vem muito a propósito. Agora, reflati.

CHARLET

OBSERVAÇÃO – O Espírito julgou por bem interromper naquele dia o assunto principal que vinha tratando, para fazer este ditado incidental, motivado por uma circunstância particular, de que se quis aproveitar. Mesmo assim o publicamos, por encerrar instruções muito úteis.

## IX

Quando foi criado o primeiro homem, tudo era harmonia em a natureza. A onipotência do Criador tinha posto em cada ser uma palavra de bondade, de generosidade e de amor. O homem era radioso; os animais desejavam seu olhar celeste, e suas carícias eram as mesmas para eles e para sua celeste companheira. A vegetação era luxuriante. O Sol dourava e iluminava toda a natureza, como o sol misterioso da alma, centelha de Deus, iluminava interiormente a inteligência do homem. Numa palavra, todos os reinos da natureza apresentavam essa calma infinita, que parecia compreender Deus. Tudo parecia ter bastante inteligência para exaltar a onipotência do Criador. O céu sem nuvens era como o coração do homem, e a água límpida e azul tinha reflexos infinitos, como a alma do homem tinha os reflexos de Deus.

Muito tempo depois, tudo pareceu mudar subitamente. A natureza oprimida exalou um longo suspiro e, pela primeira vez, a voz de Deus se fez ouvir. Terrível dia de desgraça, em que o homem, que até então não tinha ouvido senão a grande voz de Deus, que em tudo lhe dizia: “Tu és imortal”, ficou apavorado com estas terríveis palavras: “Caim, por que mataste teu irmão?” Logo tudo mudou: o sangue de Abel espalhou-se por toda a Terra; as árvores mudaram de cor; a vegetação, tão rica e tão colorida, murchou; o céu tornou-se negro.

Por que o animal se tornou feroz? Magnetismo todo poderoso, invencível, que então tomou cada ser; a sede de sangue, o desejo de matança brilhavam em seus olhos, outrora tão suaves, e o animal tornou-se feroz como o homem. Já que o homem era o rei da Terra, não deveria ter dado o exemplo? O animal seguiu o seu exemplo e desde então a morte pairou sobre a Terra, morte que se tornou hedionda, em vez de uma transformação suave e espiritual. O corpo do homem deveria dispersar-se no ar, como o corpo do Cristo, e dispersou-se na terra, nessa terra regada pelo sangue de Abel. E o homem trabalhou, e o animal trabalhou.

CHARLET

## Exame crítico das dissertações de Charlet sobre os animais

### SOBRE O § I

1. Dizeis: *Tudo o que vive pensa; então não se pode viver sem pensar.* Tal proposição nos parece um tanto absoluta, pois a planta vive e não pensa. Admitis isto em princípio?

*Resp.* – Sem dúvida. Só falo da vida animal, e não da vegetal, bem deveis compreender.

2. Mais adiante dizeis: *Vereis que o animal vive realmente, desde que pensa.* Não há inversão na frase? Parece-nos que a proposição é: *Vereis que o animal pensa realmente, desde que vive.*

*Resp.* – Isto é evidente.

### SOBRE O § II

3. Lembrais o desenho que foi feito dos animais de Júpiter. Nota-se que há uma analogia surpreendente com os sátiros da fábula. Essa ideia dos sátiros seria uma intuição da existência

desses seres em outros mundos e, neste caso, não seria uma criação meramente fantástica?

*Resp.* – Quanto mais novo o mundo, mais ele se lembrava. O homem tinha a intuição de uma ordem de seres intermediários, quer mais atrasados que ele, quer mais adiantados. É o que ele chamava os deuses.

4. Então admitis que as divindades mitológicas não eram senão o que chamamos *Espíritos*?

*Resp.* – Sim.

5. Foi-nos dito que em Júpiter é possível o entendimento pela simples transmissão do pensamento. Quando os habitantes desse planeta se dirigem aos animais, que são seus serviçais e operários, recorrem a uma linguagem particular? Teriam, para os animais, uma linguagem articulada e, entre si, a do pensamento?

*Resp.* – Não; não há linguagem articulada, mas uma espécie de magnetismo muito intenso que faz curvar o animal e o leva a executar os menores desejos e as ordens de seus donos. O Espírito todo-poderoso não pode rebaixar-se.

6. Entre nós os animais têm, evidentemente, uma linguagem, pois se compreendem, embora muito limitada. Os de Júpiter têm uma linguagem mais precisa, mais positiva que os nossos? Numa palavra, uma linguagem articulada?

*Resp.* – Sim.

7. Os habitantes de Júpiter compreendem melhor que nós a linguagem dos animais?

*Resp.* – Veem através deles e os compreendem perfeitamente.

8.<sup>41</sup> Se examinarmos a série dos seres vivos encontraremos uma cadeia ininterrupta, desde a madrêpora, a própria

---

<sup>41</sup> N.E.: Ver Nota explicativa, p. 561.

planta, até o animal mais inteligente. Mas entre o animal mais inteligente e o homem há uma evidente lacuna, que em algum lugar deve ser preenchida, pois a natureza não deixa elos vazios. Donde vem essa lacuna?

*Resp.* – Essa lacuna dos seres é apenas aparente; não existe na realidade. Ela provém de raças desaparecidas. [São Luís.]

9. Tal lacuna pode existir na Terra, mas certamente não existe no conjunto do universo e deve ser preenchida em alguma parte. Não o seria por certos animais de mundos superiores que, como os de Júpiter, por exemplo, parecem aproximar-se muito do homem terreno pela forma, pela linguagem e por outros sinais?

*Resp.* – Nas esferas superiores o germe surgido da terra desenvolveu-se e jamais se perde. Tornando-vos Espíritos, reencontrareis todos os seres criados e desaparecidos nos cataclismos do vosso globo. [São Luís.]

OBSERVAÇÃO – Desde que essas raças intermediárias existiram na Terra e dela desapareceram, justifica-se o que disse Charlet pouco atrás, que quanto mais novo o mundo, mais ele se lembrava. Se essas raças só tivessem existido nos mundos superiores, o homem da Terra, menos adiantado, não lhes poderia guardar a lembrança.

### SOBRE O § III

10. Dizeis que tudo se aperfeiçoa e, como prova do progresso do animal, dizeis que outrora ele era mais rebelde ao homem. É evidente que o animal se aperfeiçoa, mas, pelo menos na Terra, só se aperfeiçoa pelos cuidados do homem. Abandonado a si mesmo, retoma a sua natureza selvagem, mesmo o cão.

*Resp.* – E pelos cuidados de quem o homem se aperfeiçoa? Não é pelos de Deus? Tudo é graduado na natureza.

11. Falais de recompensas para os animais que sofrem maus-tratos e dizeis que é de toda justiça que haja compensação para

eles. Parece, de acordo com isso, que admitis no animal a consciência do *eu* após a morte, com a recordação do seu passado. Isso é contrário ao que nos foi dito. Se as coisas se passassem como dizeis, resultaria que no mundo espiritual haveria Espíritos de animais. Assim, não haveria razão para não existirem o das ostras. Podeis dizer se vedes em torno de vós Espíritos de cães, gatos, cavalos ou elefantes, como vedes Espíritos humanos?

*Resp.* — A alma do animal — tendes perfeitamente razão — não se reconhece após a morte do corpo; é um conjunto confuso de germes que podem passar para o corpo de tal ou qual animal, conforme o desenvolvimento adquirido. Não é individualizada. Direi, todavia, que em certos animais, entre muitos, mesmo, há individualidade.

12. Aliás, esta teoria não justifica absolutamente os maus-tratos dos animais. O homem é sempre culpado por fazer sofrer um ser sensível qualquer e nos diz a Doutrina que por isso ele será punido. Mas daí a colocar o animal numa posição superior a ele, há uma grande distância. Que pensais disto?

*Resp.* — Sim; entretanto, sempre estabeleceis uma escala entre os animais. Pensais que há distância entre certas raças. O homem é tanto mais culpado quanto mais poderoso.

13. Como explicais que, mesmo no estado selvagem, o homem se faça obedecer pelo mais inteligente animal?

*Resp.* — É principalmente a natureza que age assim. O homem selvagem é o homem da natureza; conhece o animal familiarmente; o homem civilizado estuda o animal e este se curva diante dele. O homem é sempre o homem perante o animal, seja selvagem, seja civilizado.

## SOBRE O § V

14. [A Charlet] Nada temos a dizer sobre este parágrafo, que nos parece muito racional. Tendes algo a acrescentar?

*Resp.* — Apenas isto: os animais têm todas as faculdades que indiquei, mas neles o progresso se realiza pela educação que

recebem do homem, e não por si mesmos. Abandonado no estado selvagem, o animal retoma o tipo que tinha ao sair das mãos do Criador. Submetido ao homem, aperfeiçoa-se; eis tudo.

15. Isto é perfeitamente certo para os indivíduos e as espécies. Mas, se considerarmos o conjunto da escala dos seres, há uma evidente marcha ascendente, que não se detém nos animais da Terra, pois os de Júpiter são física e intelectualmente superiores aos nossos.

*Resp.* – Cada raça é perfeita em si mesma e não emigra para raças estranhas. Em Júpiter são os mesmos tipos, formando raças distintas, mas não são os Espíritos dos animais que morreram.

16. Então em que se torna o princípio inteligente dos animais mortos?

*Resp.* – Retorna à massa em que cada novo animal extrai a porção de inteligência que lhe é necessária. Ora, é principalmente isso que distingue o homem do animal. O Espírito é individualizado no homem e progride por si mesmo; é isso que lhe dá superioridade sobre todos os animais. Eis por que o homem, mesmo selvagem, como fizestes notar, faz-se obedecer mesmo pelos animais mais inteligentes.

### SOBRE O § VI

17. Dais a história de Balaão como um fato positivo. Seriamente, que pensais disso?

*Resp.* – É pura alegoria, ou melhor dizendo, uma ficção para flagelar o orgulho. Fizeram falar o jumento de Balaão, como La Fontaine fez falar muitos outros animais.

### SOBRE O § XI<sup>42</sup>

18. Nessa passagem, Charlet parece ter sido arrastado por sua imaginação, pois o quadro que faz da degradação moral do animal

<sup>42</sup> Nota do tradutor: Há evidente inversão de letras. Na verdade Kardec se refere ao § IX (O XI não existe).

é mais fantástico do que científico. Com efeito, o animal só é feroz por necessidade, e foi para satisfazer a essa necessidade que a natureza lhe deu uma organização especial. Se uns devem nutrir-se de carne, é por uma razão providencial e porque era útil à harmonia geral que certos elementos orgânicos fossem absorvidos. O animal é, desse modo, feroz por constituição, e não se conceberia que a queda moral do homem tivesse desenvolvido os dentes caninos do tigre e encurtado os seus intestinos, porque, então, não haveria razão para que o mesmo não tivesse ocorrido com o carneiro. Antes dizemos que o homem, sendo pouco adiantado na Terra, encontra-se com seres inferiores sob todos os aspectos, cujo contato, para ele, é uma causa de inquietação, de sofrimentos e, conseqüentemente, uma fonte de provas que lhe auxiliam o progresso futuro.

Que pensa Charlet destas reflexões?

*Resp.* – Só posso aprová-las. Eu era um pintor, e não um literato ou um sábio. Eis por que me deixo arrastar, de vez em quando, pelo prazer de escrever belas frases, prazer tão novo para mim, mesmo com prejuízo da verdade. Mas o que dizeis é muito justo e muito inspirado. No quadro que tracei, bordei certas ideias recebidas, a fim de não melindrar nenhuma convicção. A verdade é que as primeiras idades eram a idade do ferro, muito afastadas das pretensas doçuras. Descobrimo diariamente os tesouros acumulados pela bondade de Deus, tanto no espaço quanto na Terra, a civilização levou o homem à conquista da verdadeira terra prometida, aquela que Deus concederá à inteligência e ao trabalho, e que não entregou enfeitada nas mãos dos homens-criança, que deveriam descobri-la à custa da própria inteligência. Aliás, o erro que cometi não poderia ser prejudicial aos olhos das pessoas esclarecidas, que o reconheceriam facilmente; para os ignorantes, passaria despercebido. Entretanto, concordo que errei; agi levemente e isto vos prova até que ponto deveis controlar as comunicações que recebeis.

Observação geral

Do ponto de vista da ciência espírita, ressalta dessas comunicações um importante ensinamento. A primeira coisa que

chama a atenção, ao lê-las, é uma mistura de ideias justas, profundas, que trazem a marca do observador, ao lado de outras, evidentemente falsas e fundadas mais na imaginação que na realidade. Indubitavelmente, Charlet era um homem acima do vulgo, mas, como Espírito, não é mais universal do que o era em vida e pode equivocarse, porque, não sendo ainda bastante elevado, só considera as coisas de seu ponto de vista. Aliás, só os Espíritos chegados ao último grau de perfeição estão isentos de erros; os outros, por melhores que sejam, nem tudo sabem e podem enganar-se; mas, quando verdadeiramente bons, o fazem de boa-fé e concordam francamente, ao passo que os outros o fazem conscientemente e se obstinam nas mais absurdas ideias. É por isso que nos devemos guardar de aceitar tudo quanto vem do mundo invisível, sem antes submeter ao controle da lógica. Os Espíritos bons o recomendam incessantemente e jamais se ofendem com a crítica, porque, de duas uma: ou estão certos do que dizem e, então, nada temem, ou não estão seguros e, se têm consciência de sua insuficiência, eles mesmos buscam a verdade. Ora, se os homens podem instruir-se com os Espíritos, alguns Espíritos também podem instruir-se com os homens. Os outros, ao contrário, querem dominar, esperando que suas utopias sejam aceitas por causa de sua condição de Espírito. Então, seja presunção de sua parte, seja má intenção, não suportam a contradição; querem ser acreditados sob palavra, porque sabem perfeitamente que vão perder no exame. Ofendem-se à menor dúvida sobre a sua infalibilidade e soberbamente ameaçam vos abandonar, como indignos de os ouvir. Assim, só gostam dos que se prostram de joelhos perante eles. Não há homens assim? E devemos admirar-nos de encontrá-los com suas extravagâncias no mundo dos Espíritos? Nos homens, um tal caráter é sempre, aos olhos das pessoas sensatas, indício de orgulho, de vã suficiência, de tola vaidade e, portanto, de pequenez nas ideias e de falso julgamento. O que seria um sinal de inferioridade moral nos homens não poderia ser um sinal de superioridade nos Espíritos.

Como acabamos de ver, Charlet se presta de boa vontade à controvérsia; escuta e admite as objeções, respondendo com benevolência; desenvolve o que era obscuro e reconhece lealmente o que

não é exato. Numa palavra, não quer passar por mais sábio do que é, e nisso prova mais elevação do que se obstinasse nas ideias falsas, a exemplo de certos Espíritos que se escandalizam ao simples anúncio de que suas comunicações parecem suscetíveis de comentários.

O que ainda é próprio desses Espíritos orgulhosos é a espécie de fascinação que exercem sobre *seus médiuns*, por meio da qual algumas vezes os fazem compartilhar dos mesmos sentimentos. Dizemos de propósito *seus médiuns*, porque deles se apoderam e nelas querem ter instrumentos que agem de olhos fechados. De maneira alguma se acomodariam a um médium perscrutador ou que visse bem claro. Não se dá também o mesmo entre os homens? Quando o encontram, temendo que lhes escape, lhe inspiram o afastamento de quem quer que o possa esclarecer. Isolam-no de certo modo, a fim de poderem agir com inteira liberdade, ou só o aproximam daqueles de quem nada têm a temer. E, para melhor lhes captar a confiança, se fazem de bons apóstolos, usurpando os nomes de Espíritos venerados, cuja linguagem procuram imitar. Mas, por mais que façam, jamais a ignorância poderá simular o verdadeiro saber, nem uma natureza má a verdadeira virtude. O orgulho sempre se mostrará sob o manto de uma falsa humildade; e porque temem ser desmascarados, evitam a discussão e afastam seus médiuns.

Não há ninguém que, julgando friamente e sem prevenção, não reconheça como má uma tal influência, porquanto se torna evidente ao mais vulgar bom senso que um Espírito verdadeiramente bom e esclarecido jamais procurará exercê-la. Pode-se, pois, dizer que todo médium que a ela se submete está sob o império de uma obsessão, da qual deve procurar desembaraçar-se o quanto antes. O que se quer, antes de tudo, não são comunicações a qualquer preço, mas comunicações boas e verdadeiras. Ora, para se obter boas comunicações, são necessários Espíritos bons, e para ter Espíritos bons, é preciso ter bons médiuns, livres de toda influência má. A natureza dos Espíritos que habitualmente assistem um médium é, pois, uma das primeiras coisas a considerar. Para conhecê-la com exatidão, há um critério infalível, e não é nos sinais materiais,

nem nas fórmulas de evocação ou de conjuração que será encontrada. Esse critério está nos sentimentos que o Espírito inspira ao médium. Pela maneira deste último agir pode-se julgar a natureza dos Espíritos que o dirigem e, conseqüentemente, o grau de confiança que merecem as comunicações.

Isso não é uma opinião pessoal, um sistema, mas um princípio deduzido da mais rigorosa lógica, se admitirmos esta premissa: um mau pensamento não pode ser sugerido por um Espírito bom. Enquanto não se provar que um Espírito bom pode inspirar o mal, diremos que todo ato que se afaste da benevolência, da caridade e da humildade, ou que denote ódio, inveja, ciúme, orgulho ferido ou simples acrimônia, só pode ser inspirado por um Espírito mau, ainda que este pregasse hipocritamente as mais belas máximas, porquanto, se fosse verdadeiramente bom, ele o provaria pondo seus atos em harmonia com suas palavras. A prática do Espiritismo é cercada de tantas dificuldades, os Espíritos enganadores são tão sabichões, tão astuciosos e, ao mesmo tempo, tão numerosos, que nunca nos armaríamos de precauções suficientes para frustrar seus planos. Importa, pois, rebuscar com o maior cuidado os indícios pelos quais eles podem se trair. Ora, esses indícios estão, ao mesmo tempo, em sua linguagem e nos atos que provocam.

Tendo submetido essas reflexões ao Espírito Charlet, eis o que disse a respeito: “Não posso senão aprovar o que acabais de dizer e exortar a todos quanto se ocupam do Espiritismo a seguir tão sábios conselhos, evidentemente ditados por Espíritos bons, mas que não são absolutamente, e bem podereis crer nisso, do gosto dos maus, pois estes sabem muito bem que esse é o meio mais eficaz para combater sua influência. Assim, fazem tudo quanto podem para desviar aqueles que querem prender em suas redes.”

Charlet disse que se deixou arrastar pelo prazer, novo para ele, de escrever belas frases, mesmo em prejuízo da verdade. Que teria acontecido se tivéssemos publicado seu trabalho sem fazer comentários? Teriam acusado o Espiritismo de dar crédito a ideias

ridículas e nós mesmos por não sabermos distinguir o verdadeiro do falso. Muitos Espíritos estão no mesmo caso; encontram uma satisfação para o amor-próprio em divulgar, pelos médiuns — já que não o podem fazer por si mesmos —, obras literárias, científicas, filosóficas ou dogmáticas de grande fôlego. Mas quando esses Espíritos têm apenas um falso saber, escrevem coisas absurdas, exatamente como o fariam os homens. É, sobretudo, nessas obras sequenciadas que podemos julgá-los, uma vez que sua ignorância os torna incapazes de sustentar seu papel por muito tempo e eles próprios revelam sua insuficiência, chocando a cada passo a lógica e a razão. Em meio a uma porção de ideias falsas há, por vezes, algumas muito boas, de que se servem para fazer passar as outras. Essa incoerência apenas demonstra a sua incapacidade; são pedreiros que sabem alinhar as pedras de uma construção, mas que seriam incapazes de construir um palácio. É, por vezes, curioso ver o dédalo inextricável de combinações e de raciocínios em que se aventuram, e dos quais não podem sair senão à força de sofismas e de utopias. Vimos alguns que, à custa de expedientes, deixaram o trabalho, mas outros não se dão por vencidos e querem arrastá-lo até o fim, rindo-se a expensas dos que os levam a sério.

Estas reflexões nos são sugeridas como um princípio geral e seria erro ver nelas uma aplicação qualquer. Entre os numerosos escritos publicados sobre o Espiritismo, sem dúvida alguns poderiam ensejar uma crítica fundada, mas não os pomos todos na mesma linha; indicamos um meio de apreciá-los e cada um fará como entender. Se ainda não empreendemos fazer-lhes um exame em nossa *Revista* é pelo receio de que se equivoquem sobre o móvel da crítica que poderíamos fazer. Desse modo, preferimos esperar que o Espiritismo fosse mais bem conhecido e, sobretudo, melhor compreendido. Assim nossa opinião, apoiada em base geralmente admitida, não poderá ser suspeitada de parcialidade. O que esperamos acontece todo dia, pois vemos que em muitas circunstâncias o julgamento da opinião adianta-se ao nosso. Só temos, portanto, que aplaudir nossa reserva. Empreenderemos este exame quando julgarmos oportuno o momento. Mas já se pode ver qual será a base de nossa apreciação: esta base será a *lógica*, da qual cada um poderá fazer seu próprio uso, pois não alimentamos a

tola pretensão de lhe ter o privilégio. A lógica, com efeito, é o grande critério de toda comunicação espírita, como o é de todos os trabalhos humanos. Sabemos perfeitamente que aquele que raciocina de maneira errada julga ser lógico. Ele o é à sua maneira, mas apenas para si e não para os outros. Quando uma lógica é rigorosa como dois e dois são quatro, e as consequências são deduzidas de axiomas evidentes, o bom senso geral cedo ou tarde faz justiça a todos esses sofismas. Acreditamos que as proposições seguintes têm este caráter:

1º) Os Espíritos bons não podem ensinar e inspirar senão o bem; assim, tudo que não é rigorosamente bem não pode vir de um Espírito bom;

2º) Os Espíritos esclarecidos e verdadeiramente superiores não podem ensinar coisas absurdas; assim, toda comunicação eivada de erros manifestos ou contrários aos dados mais vulgares da ciência e da observação só por isso atesta a inferioridade de sua origem;

3º) A superioridade de um escrito qualquer está na justeza e na profundidade das ideias, e não na forma material e na redundância do estilo; assim, toda comunicação espírita em que há mais palavras e frases brilhantes do que pensamentos consistentes não pode provir de um Espírito verdadeiramente superior;

4º) A ignorância não pode imitar o verdadeiro saber, nem o mal arremedar o bem de maneira absoluta; assim, todo Espírito que, sob um nome venerado, diz coisas incompatíveis com o título que se atribui é culpado por fraude;

5º) É da essência de um Espírito elevado ligar-se mais ao pensamento do que à forma e à matéria, donde se conclui que a elevação de um Espírito está na razão da elevação das ideias; assim, todo Espírito meticoloso nos detalhes da forma, que prescreve puerilidades, numa palavra, que liga importância aos sinais e às coisas materiais acusa, por isso mesmo, uma pequenez de ideias e não pode ser realmente superior;

6º) Um Espírito verdadeiramente superior não pode contradizer-se; assim, se duas comunicações contraditórias forem dadas sob um mesmo nome respeitável, uma delas é necessariamente apócrifa; e se uma for verdadeira, será aquela que em *nada* desmente a superioridade do Espírito cujo nome a encabeça.

A consequência a tirar destes princípios é que, fora das questões morais, não se deve acolher o que vem dos Espíritos senão com reservas e, em todos os casos, jamais aceitá-las sem exame. Daí decorre a necessidade de se ter a maior circunspeção na publicação dos escritos emanados dessa fonte, sobretudo quando, pela estranheza das doutrinas que encerram, ou pela incoerência das ideias, podem prestar-se ao ridículo. É preciso desconfiar do pendor de certos Espíritos para as ideias sistemáticas, e do amor-próprio que buscam espalhar. Assim, é sobretudo nas teorias científicas que precisa haver extrema prudência, guardando-se de dar precipitadamente como verdades sistemas por vezes mais sedutores que reais, e que, cedo ou tarde, podem receber um desmentido oficial. Que sejam apresentados como probabilidades, se forem lógicos, e como podendo servir de base para observações ulteriores, admite-se; mas seria imprudência tomá-los prematuramente como artigos de fé. Diz um provérbio: *Nada é mais perigoso do que um amigo imprudente*. Ora, é o caso dos que, no Espiritismo, se deixam levar por um zelo mais ardente que refletido.

## Bibliografia

Anunciamos a continuação de *O livro dos espíritos* sob o título de *Espiritismo experimental*, que deveria ter sido publicado em abril último. O trabalho foi retardado por algumas circunstâncias independentes de nossa vontade e, sobretudo, pela maior importância que julgamos dever lhe dar. Hoje está no prelo. Sua data de aparição será conhecida posteriormente.

NOTA – A falta de espaço nos obriga a adiar para o próximo número várias comunicações importantes que nos foram enviadas.

ALLAN KARDEC

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

AGOSTO DE 1860

Nº 8

## AVISO

*O escritório da Revista Espírita e o domicilio particular do Sr. Allan Kardec foram transferidos para a rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.*

## Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Sexta-feira, 29 de junho de 1860 – Sessão particular

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 22 de junho.

Leitura de uma carta do Dr. de Grand-Boulogne, antigo vice-cônsul da França, pedindo para ser admitido como membro correspondente em Havana, para onde irá brevemente.

A Sociedade o admite nessa condição, e como sua carta contém observações muito judiciosas sobre o Espiritismo, requer inserção na *Revista*.

*Comunicações diversas:*

Leitura de um ditado espontâneo recebido pela Sra. Costel, sobre as *Origens*, assinado por Lázaro.

Relato de manifestações físicas espontâneas que ocorreram ultimamente na rua des Noyers, noticiadas por vários jornais, lembrando fatos análogos que se passaram em 1849 na rua des Grès. Alguns acrescentaram que os fatos ocorridos naquela rua resultavam de trapaças imaginadas pelo inquilino para rescindir o contrato de locação.

O Sr. de Grand-Boulogne disse a respeito que pode certificar a autenticidade desses fatos, referidos, aliás, pelo Sr. de Mirville, que tomou todas as informações necessárias para assegurar-se de sua realidade.

Um sócio observa que, no caso, a afluência de curiosos tinha-se tornado tão incômoda para os interessados que eles se desembaraçaram levando a coisa à conta de malquerença. Temendo ver a casa deserta, o proprietário teve todo interesse em não acreditar nas manifestações. Tal é a razão do desmentido muitas vezes dado a fatos dessa natureza.

*Estudos:*

1º) Discussão sobre o mérito e a eficácia das provas do homem de bem, suportadas com vistas a proporcionar alívio aos Espíritos sofredores e infelizes, a propósito de uma passagem da carta do Sr. de Grand-Boulogne.

A respeito, observa ele que a eficácia da prece, considerada como prova de simpatia e de comiseração, uma vez constatada, podem-se considerar as provas que nos impomos com esse objetivo como um testemunho análogo que deve produzir os mesmos efeitos que a prece. A intenção é tudo, neste caso, e se deve

encará-la como uma prece mais ardente ainda do que aquela que só consiste em palavras.

2ª) A Sra. N... expressa suas dúvidas quanto à identidade do Espírito que lhe deu alguns conselhos na última sessão, e que não considera aplicáveis. Roga seja perguntado, por outro médium, se o Espírito que se comunicou é mesmo São Luís. Acrescenta que julgou ver, na natureza de suas reflexões, um sentimento pouco benevolente, que não se coaduna com a sua habitual mansuetude. Foi isso que lhe suscitou dúvidas.

Interrogado a respeito, por intermédio da Srta. H..., respondeu São Luís: “Sim, fui eu mesmo quem veio traçar aquelas linhas e vos dar um conselho. É injustamente que recebem mal os meus conselhos. É preciso que aquele que quer avançar na senda do bem saiba aceitar os conselhos e os avisos que se lhes dão, mesmo que firam o seu amor-próprio. A marca de seu progresso consiste na maneira doce e humilde por que os recebe. Outrora, quando me encontrava na Terra, não dei provas de grande humildade, submetendo-me, sem murmurar, às decisões da Igreja, e mesmo às penitências que me impunha, por mais humilhantes que fossem? Sede, pois, dóceis e humildes, se não fordes orgulhosos; aceitai os conselhos; tratai de corrigir-vos e progredireis.”

O Sr. T... observa que, em vida, nem sempre São Luís se submeteu à Igreja, visto ter lutado contra as suas pretensões.

Responde São Luís: “Dizendo que me submeti às penitências impostas pelos chefes da Igreja, disse-vos a verdade. Mas não vos disse que minha conduta tenha sido sempre irrepreensível; fui um grande pecador perante Deus, embora os homens, mais tarde, me tenham concedido o glorioso título de santo.”

O Sr. Allan Kardec acrescenta que São Luís sempre se submeteu às decisões da Igreja no tocante aos dogmas; só lutou contra as pretensões de outra natureza.

3º) Perguntas sobre os conselhos de São Luís, relativamente às experiências de manifestações físicas, aconselhando a Sociedade a não se ocupar com elas.

4º) Perguntas referentes à faculdade mediúmica nas crianças, a propósito das manifestações obtidas na última sessão pelo jovem N...

5º) Perguntas sobre as manifestações da rua des Noyers.

6º) Dois ditados espontâneos são obtidos simultaneamente: o primeiro, pela Sra. Costel, sobre *A eletricidade do pensamento*, assinado por Delphine de Girardin; o segundo, pela Sra. Lubr..., a propósito dos conselhos dados pelos Espíritos, assinado por Paul, Espírito familiar.

Sexta-feira, 6 de julho de 1860 – Sessão particular

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 29 de junho.

*Comunicações diversas:*

O Sr. Achille R... lê uma carta de Limoges, na qual o autor fala de um médium, amigo seu, que um Espírito faz trabalhar de oito a nove horas por dia; diz ele que esse Espírito deve dar-lhe um meio infalível para assegurar-se da identidade dos Espíritos e de jamais ser enganado, mas lhe aconselha segredo sobre esse ponto e sobre suas comunicações em geral.

O Sr. Allan Kardec observa a respeito que vê três motivos de suspeita neste caso: o primeiro é a duração do trabalho imposto ao médium, o que é sempre um sinal de obsessão. Sem dúvida os Espíritos bons podem pedir ao médium que escreva, mas, em geral, não são imperativos e nada prescrevem de absoluto, nem quanto às horas, nem quanto à duração do trabalho; ao contrário, detêm o médium quando há excesso de zelo. O segundo é o pretense processo

infallível para assegurar-se da identidade, e o terceiro, finalmente, a recomendação de guardar segredo. Se a receita fosse boa, ele não devia fazer mistério. Parece-lhe que o Espírito quer apoderar-se do médium, a fim de manobrá-lo à vontade, em favor da suposta infalibilidade de seu processo. Provavelmente teme que outros vejam as coisas às claras e frustrem suas manobras; daí por que recomenda silêncio, a fim de não ter contraditores: é o meio de sempre ter razão.

*Estudos:*

1<sup>o</sup>) Evocação de François Arago pela Srta. H... São Luís responde que não é o médium que convém a esse Espírito. Aconselha a escolher outro.

Diversas perguntas são feitas sobre a aptidão especial dos médiuns para receber comunicações de tal ou qual Espírito. A resposta é: “Um Espírito vem de preferência a uma pessoa cujas ideias são simpáticas às que possuía em vida; há relação de pensamentos entre o Céu e a Terra ainda maiores do que as existentes na Terra.”

2<sup>o</sup>) Pergunta proposta pelo Sr. conde de Z... sobre a distinção feita por certos sonâmbulos lúcidos, que designam os homens por *luz azul* e as mulheres por *luz branca*. Indaga se o perispírito teria uma cor diferente conforme os sexos. Resposta do Espírito interrogado: “Isto não tem nenhuma relação com o nosso mundo; é um fato puramente físico e depende da pessoa que vê. Entre os homens há os que, mesmo despertos, não vem certas cores ou as veem diferentemente dos outros. Dá-se o mesmo com as pessoas adormecidas: podem ver o que outras não veem.”

3<sup>o</sup>) Quatro ditados espontâneos são obtidos: o primeiro, pela Srta. Huet..., do Espírito que continua suas memórias; o segundo, pelo Sr. Didier, sobre a *Eletricidade espiritual*, assinado por Lamennais; o terceiro, pela Sra. Costel, sobre as *altas verdades do Espiritismo*, assinado por Lázaro; o quarto, pela Srta. Stéphan, *A cada um a sua tarefa*, assinado por Gustave Lenormand.

Sexta-feira, 13 de julho de 1860 – Sessão geral

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 6 de julho.

O Sr. Eugène de Porry, de Marselha, presta homenagem à Sociedade com o seu novo poema, intitulado: *Linda, legenda gaullesa*. A Sociedade recorda seu encantador poema *Urânia*, exprimindo-lhe seus agradecimentos por lhe ter enviado a nova obra. A Srta. P.. é encarregada pela Sociedade de relatá-lo.

*Comunicações diversas:*

1ª) O Sr. S... transmite uma nota sobre um homem que, no ano passado, suicidou-se na rua Quincampoix, a fim de isentar o filho do serviço militar, tornando-o filho único de mulher viúva. Pensa-se que sua evocação será instrutiva.

2ª) O Sr. de Grand-Boulogne envia uma nota sobre o muçulmano Seih-ben-Moloka, que acaba de falecer em Túnis, com 110 anos e cuja vida foi notável pelos atos de caridade que realizou. Será evocado.

Trava-se uma conversa sobre a questão da longevidade. O Sr. de Grand-Boulogne, que viveu muito tempo entre os árabes, diz que os exemplos dessa natureza não são muito raros entre eles, o que o leva a atribuí-lo à sobriedade. Conheceu um com cerca de 130 anos. O Sr. conde Z... diz que a Sibéria talvez seja a região onde a longevidade é mais frequente. A sobriedade e o clima por certo haverão de exercer grande influência sobre a duração da vida, mas o que, sobretudo, deve contribuir para isso é a tranquilidade de espírito e a ausência de preocupações morais que em geral afetam as pessoas do mundo civilizado, consumindo-as prematuramente. Eis por que se encontram maiores velhices entre aqueles cujas vidas estão mais próximas da natureza.

3ª) O Sr. Allan Kardec relata um caso pessoal, que mostra o desejo que experimentam certos Espíritos de serem evocados,

quando jamais o foram. Aproveitam as ocasiões propícias de se comunicar, quando estas se apresentam.

4ª) Vários membros comunicam o protesto, publicado por diversos jornais, do Sr. Lerible, antigo negociante de carvão da rua des Grès, na casa do qual ocorreram, em 1849, notáveis manifestações, cuja autenticidade tinha sido posta em dúvida.

*Estudos:*

1º) Exame crítico da dissertação de Lamennais sobre a *Eletricidade espiritual*, feita na sessão de 6 de julho. O Espírito explica e desenvolve os pontos considerados obscuros.

2º) Evocação do suicida da rua Quincampoix.

3º) Evocação de Gustave Lenormand.

4º) Perguntas diversas sobre os médiuns.

5º) Três ditados são obtidos simultaneamente: o primeiro sobre *O saber dos espíritos*, assinado por Channing; o segundo, continuação de *A eletricidade do pensamento*, assinado por Delphine de Girardin; o terceiro sobre a *Caridade*, assinado por Lamennais, a propósito da nota lida sobre o muçulmano Seih-ben-Moloka.

Sexta-feira, 20 de julho de 1860 – Sessão particular

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 13 de julho.

O Presidente faz observar que, desde algum tempo, têm-se negligenciado de ler, como fora combinado, os nomes dos Espíritos que reclamam assistência. Doravante isto será feito em seguida à evocação geral.

*Comunicações diversas:*

1ª) Leitura de dois ditados obtidos pelo Sr. C..., novo médium, um sobre *Pretensões do homem*, assinado por Massillon; o outro sobre o *Futuro*, assinado por São Luís. Pergunta o Sr. C... se, sobretudo neste último ditado, não existe algo que denote uma substituição de Espírito, sem se levar em conta a sua própria opinião.

Após uma leitura atenta, a Sociedade reconhece na comunicação o cunho de uma incontestável superioridade, nada vendo que desminta o caráter de São Luís, concluindo que não pode emanar senão de um Espírito elevado.

2ª) Outro ditado sobre a *Experiência*, obtido pela Sra. Costel e assinado por Georges.

O presidente anuncia que vários sócios novos fazem notáveis progressos como médiuns de diversos gêneros. Convida-os a comunicar à Sociedade os fatos que obtiverem. A Sociedade é necessariamente limitada em seus trabalhos pelo tempo; deve ser o centro a que chegarão os resultados obtidos nas reuniões particulares. Seria até egoísmo guardar para si trabalhos que podem ser úteis a todos. Aliás, é um meio de controle, pelos esclarecimentos que podem suscitar, a menos que o médium esteja convencido da infalibilidade de suas comunicações, ou tenha recebido, como o de Limoges, a imposição de os manter secretos, o que certamente seria um mau augúrio e um duplo motivo de suspeita. A primeira qualidade de um médium é a abnegação de todo amor-próprio, como de toda falsa modéstia, pela simples razão de que, não sendo mais que um instrumento, não pode atribuir-se o mérito do que recebe de bem, nem se melindrar com a crítica do que pode ser mau. A Sociedade é uma família, cujos membros, animados de recíproca benevolência, devem ser movidos pelo único desejo de instruir-se, banindo todo sentimento de personalismo e de rivalidade, se compreendem a Doutrina como verdadeiros espíritas. A propósito, o Sr. C... deu muito bom exemplo e mostrou não ser desses médiuns que julgam nada mais ter a aprender, só porque recebem algumas comunicações assinadas por grandes nomes. Ao contrário, quanto

mais imponentes os nomes, mais devemos temer ser juguete de Espíritos enganadores.

3ª) O Sr. Achille R... lê uma carta relatando um fato curioso de manifestação espontânea, ocorrido na prisão de Limoges; a realidade do fato foi constatada pelo autor da carta (Publicada adiante, no artigo *Variedades*).

4ª) O Sr. Allan Kardec narra outro fato muito bizarro, que lhe foi relatado no ano passado, por um visitante cujo nome e endereço não se recorda, fonte a que, em consequência, não pode recorrer para verificá-lo. Eis do que se trata:

Um médico crente e um seu amigo que em nada acreditava conversavam a respeito do Espiritismo; o primeiro disse ao outro: “Vou tentar uma prova; ignoro se dará resultado; em todo caso, não respondo por nada. Designai-me uma pessoa viva que vos seja muito simpática.” Tendo o amigo indicado uma moça que reside numa cidade bastante afastada e que era igualmente conhecida do médico, este lhe disse: “Ide passear no jardim e observai o que se passa; repito que é um ensaio que faço e que pode não produzir nada.” Durante o passeio do amigo, ele evocou a jovem. Ao cabo de um quarto de hora, o amigo voltou e lhe disse: “Acabo de ver aquela pessoa; estava vestida de branco, aproximou-se de mim, apertou-me a mão e desapareceu em seguida. Mas o que é muito singular é que me deixou no dedo este anel.” Imediatamente o médico enviou ao pai da moça o seguinte telegrama: “Não me questioneis, mas respondi-me sem demora e dizei o que fazia vossa filha às três horas e como estava vestida.” A resposta foi esta: “Às três horas minha filha estava comigo no salão; usava um vestido branco; adormeceu durante quinze a vinte minutos; ao despertar, percebeu que não tinha mais o anel que usa habitualmente.”

Travou-se uma discussão sobre o fato, cujos diferentes graus de probabilidade e de improbabilidade foram examinados. Interrogado a respeito, São Luís responde: “O fato da aparição é

possível; o do transporte não o é menos, pelo perispírito de uma pessoa viva. Certamente, a Deus tudo é possível, mas Ele não permite tais coisas senão muito raramente. Um Espírito desprendido pode fazer esses transportes mais facilmente. Quanto a vos dizer se o fato é verdadeiro, eu o ignoro.”

NOTA – Publicado o fato, se por acaso cair nas mãos da pessoa que o relatou, seremos gratos pelos esclarecimentos que houver por bem nos dar a respeito.

Estudos:

1º) Perguntas sobre os Espíritos que tomam nomes fictícios.

2º) Evocação do Espírito da rua des Noyers.

3º) São obtidos cinco ditados espontâneos: o primeiro, de Lamennais, sobre uma retificação que pede da ata de sua comunicação sobre a *Caridade*; o segundo sobre *As vítimas da Síria*, assinado por Jean; o terceiro sobre *As aberrações da inteligência*, assinado por Georges; o quarto sobre *Os erros dos médiuns*, assinado por Paul; e o quinto sobre o *Concurso dos médiuns*, assinado por Gustave Lenormand.

Durante a sessão, ouviram-se batidas muito distintas perto da Srta. Stephan. Era o Espírito Gustave que, como disse, queria constrangê-la a escrever coisas com que ela pouco se importava. Pensou que era um meio de provocar perguntas que a obrigariam a vir à mesa, desejando ele mesmo dar uma comunicação por seu intermédio.

Depois da sessão, numa comunicação particular, tendo perguntado a São Luís se ficara satisfeito, respondeu ele: “Sim e não; errastes ao tolerar cochichos contínuos de certos membros, quando os Espíritos são interrogados. Por vezes recebeis comunicações que exigem réplicas sérias de vossa parte, e respostas ainda mais sérias da parte dos Espíritos evocados que, assim, ficai certos, ficarão

descontentes. Daí nada pode sair perfeito, porque o médium que escreve experimenta por sua vez graves distrações, prejudiciais ao seu ministério. Há uma coisa a fazer: ler estas observações na próxima sessão, que serão compreendidas por todos os sócios. Dizei-lhes que aqui não é um gabinete para conversa.”

SÃO LUÍS

## Concordância espírita e cristã

A carta seguinte foi dirigida à Sociedade de Estudos Espíritas pelo Dr. de Grand-Boulogne, antigo vice-cônsul da França.

“Senhor presidente,

Desejando ardentemente fazer parte da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, mas forçado a deixar a França brevemente, venho solicitar a honra de ser aceito como membro correspondente. Tenho a vantagem de vos conhecer pessoalmente e não necessito vos dizer com que interesse e simpatia acompanho os trabalhos da Sociedade. Li vossas obras, bem como as do barão Guldenstubbé, e, conseqüentemente, conheço os pontos fundamentais do Espiritismo, cujos princípios adoto sinceramente, tais quais vos são ensinados. Como protesto aqui a minha firme vontade de viver e morrer como cristão, esta declaração me leva a vos fazer a minha profissão de fé, e talvez vejais com que interesse minha fé religiosa acolhe naturalmente os princípios do Espiritismo. Na minha opinião, eis como as duas coisas se associam:

1. Deus: criador de todas as coisas.
2. Objetivo e fim de todos os seres criados: concorrer para a harmonia universal.
3. No universo criado, três reinos principais: o reino material ou inerte; o orgânico ou vital; o intelectual e moral.

4. Tudo é criado e submetido a leis.

5. Os seres compreendidos nos dois primeiros reinos obedecem irresistivelmente, e por eles a harmonia jamais é perturbada.

6. Como os dois primeiros, o terceiro reino está submetido a leis, mas goza do estranho poder de subtrair-se a elas; possui a temível faculdade de desobedecer a Deus: é o que constitui o livre-arbítrio.

O homem pertence simultaneamente aos três reinos: é um Espírito encarnado.

7. As leis que regem o mundo moral estão formuladas no decálogo, mas se resumem neste admirável preceito de Jesus: “Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos.”

8. Toda derrogação da lei constitui uma perturbação na harmonia universal. Ora, Deus não permite que tal perturbação persista e a ordem deve ser necessariamente restabelecida.

9. Existe uma lei destinada à reparação da desordem no mundo moral, e esta lei está contida por inteiro na palavra: *expição*.

10. A expiação efetua-se: 1º) pelo arrependimento e os atos de virtude; 2º) pelo arrependimento e as provas; 3º) pelas preces e as provas do justo, unidas ao arrependimento do culpado.

11. A prece e as provas do justo, embora concorram da maneira mais eficaz para a harmonia universal, são insuficientes para a expiação absoluta da falta; Deus exige o arrependimento do pecador; mas, com esse arrependimento, a prece do justo e sua penitência em favor do culpado bastam à eterna Justiça, e o crime é perdoado.

12. A vida e a morte de Jesus põem em evidência esta adorável verdade.

13. Sem livre-arbítrio não há pecado, mas também não há virtude.

14. O que é a virtude? A coragem no bem.

15. O que há de mais belo no mundo não é, como disse um filósofo, o espetáculo de uma grande alma lutando contra a adversidade; é o esforço perpétuo de uma alma progredindo no bem e, de virtude em virtude, elevando-se até o Criador.

16. Qual a mais bela de todas as virtudes? A caridade.

17. O que é a caridade? É o atributo especial da alma que, em suas ardentes aspirações para o bem, esquece de si mesma e se consome em esforços pela felicidade do próximo.

18. O saber está muito abaixo da caridade; ele nos eleva na hierarquia espírita, mas não contribui para o restabelecimento da ordem perturbada pelo mau. O saber nada expia, nada resgata, em nada influi sobre a Justiça de Deus: a caridade, ao contrário, expia e apazigua. O saber é uma qualidade; a caridade, uma virtude.

19. Ao encarnar os Espíritos, qual foi o desígnio de Deus? Criar, para uma parte do mundo espiritual, uma situação sem a qual não existiria nenhuma das grandes virtudes que nos enchem de respeito e de admiração. Com efeito, sem o sofrimento não há caridade; sem o perigo não há coragem; sem o infortúnio não há devotamento; sem a perseguição não há estoicismo; sem a cólera não há paciência etc. Ora, sem a corporeidade, com o desaparecimento desses males, desapareceriam essas virtudes.

Para o homem um pouco desprendido dos laços da matéria, neste conjunto do bem e do mal há uma harmonia, uma grandeza de ordem mais elevada que a harmonia e a grandeza do mundo exclusivamente material.

Isto responde em poucas palavras às objeções fundadas sobre a incompatibilidade do mal com a Bondade e a Justiça de Deus.

Seria preciso escrever volumes e mais volumes para desenvolver convenientemente essas diversas proposições. Entretanto, o objetivo desta comunicação não é oferecer à Sociedade uma tese filosófica e religiosa; eu quis apenas formular algumas verdades cristãs em harmonia com a Doutrina Espírita. Em minha opinião, tais verdades constituem a base fundamental da religião e, longe de enfraquecer-se, fortificam-se com as revelações espíritas. Permito-me, também, externar uma queixa contra os ministros do culto, que, enceguecidos pela demonofobia,<sup>43</sup> recusam o esclarecimento e condenam sem exame. Se os cristãos abrissem os ouvidos às revelações dos Espíritos, tudo quanto no ensino religioso perturba nossos corações ou revolta a nossa razão desvanecer-se-ia de repente. Sem se modificar em sua essência, a religião ampliaria o círculo de seus dogmas, e os lampejos da verdade nova consolariam e iluminariam as almas. Se é certo, como diz o padre Ventura, que as doutrinas filosóficas ou religiosas acabam invencivelmente por se traduzirem nos atos ordinários da vida, é bem evidente que uma nação iniciada no Espiritismo tornar-se-ia a mais admirável e a mais feliz das nações.

Dir-se-á que uma sociedade verdadeiramente cristã seria perfeitamente feliz. Concordo. Mas o ensino religioso tanto se faz pelo temor quanto pelo amor; e os homens, dominados por suas paixões, querendo a qualquer preço se libertar dos dogmas que os ameaçam, serão sempre tão numerosos que o grupo dos cristãos perseverantes constituirá sempre uma fraca minoria. Os cristãos são numerosos, mas os verdadeiros cristãos são raros.

Não acontece assim com o ensino espírita. Embora sua moral se confunda com a do Cristianismo e, como este, pronuncie palavras cominatórias, há tão rico tesouro de consolações; é, ao mesmo tempo, tão lógico e tão prático; lança uma luz tão intensa

---

<sup>43</sup> N.E.: Demonomania – variedade de alienação mental que consiste em se crer possuído pelo demônio.

sobre o nosso destino; afasta tão bem as trevas que perturbam a razão e as perplexidades que atormentam os corações que, na verdade, parece impossível a um espírita sincero negligenciar um só dia o trabalho pelo seu progresso e, assim, não contribuir para restabelecer a harmonia perturbada pelo transbordamento das paixões egoístas e cúpidas.

Pode-se, pois, afirmar que, propagando as verdades que temos a felicidade de conhecer, trabalhamos pela humanidade e nossa obra será abençoada por Deus. Para que um povo seja feliz, é necessário que o número dos que querem o bem, que praticam a lei da caridade, supere o dos que querem o mal e só praticam o egoísmo. Creio em minha alma e estou consciente de que o Espiritismo, apoiado no Cristianismo, é chamado a operar esta revolução.

Imbuído de tais sentimentos e querendo, na medida de minhas forças, contribuir para a felicidade de meus semelhantes, ao mesmo tempo em que busco tornar-me melhor, peço, Sr. Presidente, para fazer parte de vossa Sociedade.

Aceitai etc.

DE GRAND-BOULOGNE, DOUTOR EM MEDICINA,  
ANTIGO VICE-CÔNSUL DA FRANÇA

OBSERVAÇÃO – Esta carta dispensa comentários e cada um apreciará o elevado alcance dos princípios nela formulados, de uma maneira ao mesmo tempo tão profunda, tão simples e tão clara. São esses os princípios do verdadeiro Espiritismo, que certos homens ousam ridicularizar, pois reclamam o privilégio da razão e do bom senso, por não saberem se têm uma alma e não fazerem diferença entre o seu e o futuro de uma máquina. Acrescentaremos apenas uma observação: *Bem compreendido*, o Espiritismo é a salvaguarda das ideias verdadeiramente religiosas que se extinguem; contribuindo para a melhoria das criaturas, provocará, pela força das coisas, o melhoramento das massas, e não está longe o tempo em que os

homens haverão de compreender que nesta doutrina encontrarão o mais fecundo elemento da ordem, do bem-estar e da prosperidade dos povos; e isto por uma razão muito simples: é que ela destrói o materialismo, que desenvolve e alimenta o egoísmo, fonte perpétua de lutas sociais, e lhe dá uma razão de ser. Uma sociedade cujos membros fossem guiados pelo amor do próximo, que inscrevesse a caridade no frontispício de todos os seus códigos, seria feliz e em breve veria apagarem-se os ódios e as discórdias. O Espiritismo pode realizar este prodígio e o fará, apesar dos que ainda o agridem, porquanto passarão os agressores, mas o Espiritismo permanecerá.

## O trapeiro da rua des Noyers

(Sociedade, 29 de junho de 1860)

Sob o título de *Cenas de feitiçaria no século XIX*, o *Droit* relata o seguinte:

Um fato muito estranho vem ocorrendo atualmente na rua des Noyers. O Sr. Lesage, ecônomo do Palácio de Justiça, ocupa um apartamento nessa rua. Desde algum tempo, projéteis vindos não se sabe de onde vêm quebrar as vidraças, penetrando o interior da casa e atingindo os que ali se encontram, de modo a feri-los mais ou menos gravemente. São fragmentos bastante consideráveis de lenha semicarbonizados, pedaços de carvão de pedra muito pesados e até dos chamados carvões de Paris. A doméstica do Sr. Lesage recebeu vários no peito, resultando em fortes contusões.

A vítima desses sortilégios acabou por requerer a assistência da polícia. Agentes foram postos em vigilância, mas eles próprios não tardaram a ser atingidos pela mesma artilharia invisível, sendo-lhes impossível saber de onde vinham os golpes.

Tendo a existência se tornado insuportável numa casa em que surpresas desagradáveis poderiam ocorrer a qualquer momento, o Sr. Lesage solicitou ao proprietário a rescisão do contrato. Aceito

o pedido, e a fim de redigir a ata rescisória, mandaram vir o Sr. Vaillant, oficial de justiça, pois seu nome convinha perfeitamente numa circunstância em que as citações não poderiam ser feitas sem perigo.

Com efeito, tão logo o funcionário ministerial começou a redigir o ato, um enorme pedaço de carvão, lançado com extrema violência, entrou pela janela e foi bater contra a parede, reduzindo-se a pó. Sem se perturbar, o Sr. Vaillant serviu-se do pó para espalhá-lo sobre a página que acabava de escrever, da mesma forma que, outrora, Junot se servira da terra levantada pela bomba.

Em 1847 ocorreu um fato análogo na rua des Grès, e seu relato então fizemos. Um tal L..., mercador de carvão, também servia de alvo a fantásticos sagitários, e essas incompreensíveis emissões de pedras punham em polvorosa todo o quarteirão. Paralelamente à casa habitada pelo carvoeiro havia um terreno vago, em meio ao qual se achava a antiga igreja da rua des Grès, hoje Escola dos Frades da Doutrina Cristã. A princípio imaginaram que de lá partiam os projéteis, mas logo tal ilusão se desfez. Quando vigiavam de um lado, as pedras chegavam do outro. Entretanto, eles acabaram surpreendendo em flagrante o mágico, que não era outro senão o próprio Sr. L... Tinha recorrido a essa fantasmagoria porque estava descontente na casa e desejava rescindir o contrato.

Não foi o que se deu com o Sr. Lesage, cuja honorabilidade excluía qualquer ideia de artimanha e, aliás, estava muito contente com o seu apartamento e o deixou com pesar.

Espera-se que o inquérito, conduzido pelo Sr. Hubaut, comissário do bairro da Sorbonne, esclareça o mistério, que talvez não passe de uma brincadeira de mau gosto, excessivamente prolongada.

1. [A São Luís] Teréis a bondade de dizer-nos se são reais os fatos acima relatados? Quanto à sua possibilidade, não duvidamos.

*Resp.* – Sim. Os fatos são verdadeiros; apenas a imaginação dos homens os ampliou, seja por medo, seja por ironia. Mas, repito, são verdadeiros. Tais manifestações são provocadas por um Espírito que se diverte à custa dos habitantes do lugar.

OBSERVAÇÃO – Desde então tivemos oportunidade de ver o próprio Sr. Lesage, que nos honrou com sua visita e não somente confirmou os fatos, mas os completou e retificou em vários pontos. São Luís tinha razão ao dizer que foram ampliados pelo medo ou pela ironia. Com efeito, a história da poeira recolhida estoicamente pelo corajoso oficial de justiça, à guisa de Junot, foi uma invenção do divertido jornalista. No próximo número daremos uma relação completamente exata dos fatos, com as novas observações que terão ensejado.

2. Há na casa uma pessoa que seja a causa dessas manifestações?

*Resp.* – Estas são sempre causadas pela presença da pessoa atacada; é que o Espírito perturbador se vincula ao morador do lugar onde se acha, quer cometer maldades e, até mesmo, fazê-lo mudar-se.

3. Perguntamos se, entre os moradores da casa, existe alguém que seja a causa desses fenômenos por uma influência mediúnica e involuntária?

*Resp.* – É mesmo necessário; sem isso o fato não poderia ocorrer. Um Espírito habita um lugar de sua predileção; fica na inação até que se apresente ali alguém cuja natureza lhe seja conveniente. Quando essa pessoa chega, ele se diverte o quanto pode.

4. Esses Espíritos são sempre de ordem muito inferior. A aptidão para lhes servir de instrumento é uma presunção desfavorável à pessoa? Isso não denota uma simpatia com os seres dessa natureza?

*Resp.* – Não exatamente, porquanto tal aptidão depende de uma disposição física. Entretanto, muitas vezes denuncia uma

tendência material que seria preferível não se ter, pois quanto mais elevado se for moralmente, mais se atraem os Espíritos bons, que necessariamente afastam os maus.

5. Onde o Espírito obtém os projéteis de que se serve?

*Resp.* – Na maioria das vezes esses objetos são colhidos nos próprios lugares. Uma força proveniente de um Espírito os lança no espaço, caindo no local designado pelo Espírito. Quando não existem nesses lugares, pedras, carvões etc., podem por eles ser fabricados muito facilmente.

OBSERVAÇÃO — Na *Revista* do mês de abril de 1859 publicamos a teoria completa desses tipos de fenômenos, nos artigos: *Mobiliário de Além-Túmulo* e *Pneumatografia ou escrita direta*.

6. Julgais que seria útil evocar esse Espírito para pedir-lhe algumas explicações?

*Resp.* – Evocai-o, se quiserdes, mas é um Espírito inferior que só dará respostas muito insignificantes.

(Sociedade, 29 de junho de 1860)

1. Evocação do Espírito perturbador da rua des Noyers.

*Resp.* – Por que me chamais? Quereis pedradas? Seria, então, um salve-se quem puder, não obstante o vosso ar de bravura.

2. Mesmo que nos atirasses pedras, não teríamos medo. Pergunto se de fato tu as podes lançar.

*Resp.* – Aqui talvez não pudesse; tendes um guarda que vela bem por vós.

3. Na rua des Noyers havia alguém que te servia de auxiliar para facilitar as brincadeiras de mau gosto com os habitantes da casa?

*Resp.* – Certamente; encontrei um bom instrumento e nenhum Espírito douto, sábio e virtuoso para me impedir. Porque sou alegre, às vezes gosto de me divertir.

4. Qual era a pessoa que te servia de instrumento?

*Resp.* – Uma criada.

5. Ela te servia de auxiliar sem que o soubesse?

*Resp.* – Oh, sim! Pobre *menina!* Era a mais apavorada.

6. Entre as pessoas que se encontram aqui, haverá alguma capaz de te auxiliar a produzir efeitos semelhantes?

*Resp.* – Bem que eu poderia encontrar uma, se ela quisesse prestar-se a isso; mas não para manipular aqui.

7. Podes designá-la?

*Resp.* – Sim. Ali, à direita daquele que fala; ele usa óculos.

OBSERVAÇÃO – Com efeito, o Espírito designa um membro da Sociedade, que é um pouco médium escrevente, mas que nunca produziu nenhuma manifestação física. É provável que seja uma nova brincadeira do Espírito.

8. Ages com objetivo hostil?

*Resp.* – Não tenho nenhum objetivo hostil, mas os homens, que se apoderam de tudo, tirarão sua vantagem.

9. Que queres dizer com isto? Não te compreendemos.

*Resp.* – Procurava divertir-me, mas estudais a coisa e tendes um fato a mais para mostrar que existimos.

10. Onde conseguias os objetos que atiravas?

*Resp.* – São muito comuns; encontrei-os no pátio e nos jardins vizinhos.

11. Encontraste *todos* ou fabricaste alguns?

*Resp.* – Nada criei, nada compus.

12. Se não os tivesses encontrado, poderias fabricá-los?

*Resp.* – Teria sido mais difícil, mas, a rigor, a gente mistura matérias e isto faz um todo qualquer.

13. Dize-nos, agora, como os lançaste?

*Resp.* – Ah! isto é mais difícil de dizer; servi-me da natureza elétrica daquela menina, junto à minha, menos material. Assim, pudemos ambos transportar aqueles diversos materiais (Vide a nota que segue à evocação).

14. Imagino que gostarias de dar algumas informações a teu respeito. Em primeiro lugar, dize-nos se morreste há muito tempo?

*Resp.* – Há muito tempo; há bem uns cinquenta anos.

15. Que eras em vida?

*Resp.* – Não era grande coisa; costurava molambos neste bairro. Algumas vezes me diziam tolices, porque gostava muito do licor vermelho do ingênuo Noé. Assim, eu queria que todos sumissem daqui.

16. Foi por ti mesmo e de boa vontade que respondeste às nossas perguntas?

*Resp.* – Eu tinha um orientador.

17. Quem é esse orientador?

*Resp.* – O vosso bom rei Luís.

OBSERVAÇÃO – Esta pergunta foi motivada pela natureza de certas respostas, que parecem ultrapassar o alcance do Espírito, pelo fundo das ideias e mesmo pela forma da linguagem. Nada há

de surpreendente tenha sido ele auxiliado por um Espírito mais esclarecido, que queria aproveitar a ocasião para nos instruir. Isto é um fato muito comum. Mas — notável particularidade nesta circunstância — a influência do outro Espírito se fez sentir sobre a própria letra: a das respostas nas quais interferiu é mais regular e corrente; e das outras é angulosa, grosseira, irregular, geralmente pouco legível e mostra um caráter diverso.

18. Que fazes agora? Ocupas-te com o teu futuro?

*Resp.* – Ainda não; erro. Pensam tão pouco em mim aí na Terra que ninguém ora por mim. Assim, não sou ajudado e não trabalho.

19. Qual era teu nome quando vivias?

*Resp.* – Jeannet.

20. Muito bem! Oraremos por ti. Dize-nos se nossa evocação te deu prazer ou te contrariou?

*Resp.* – Antes prazer, porquanto sois criaturas boas, alegres, embora um pouco austeros. Tanto faz: ouvistes a mim e estou contente.

JEANNET

OBSERVAÇÃO – A explicação dada pelo Espírito à pergunta 13 está perfeitamente conforme à que nos foi dada, há tempos, por outros Espíritos, quanto à maneira por que agem para operar o movimento e a translação das mesas e de outros objetos inertes. Quando nos damos conta dessa teoria, o fenômeno parece muito simples. Compreende-se que diz respeito a uma lei da natureza, e não é mais maravilhoso que os demais efeitos cujas causas desconhecemos. Esta teoria se acha completamente desenvolvida nos números da *Revista* de maio e junho de 1858.

Diariamente a experiência nos confirma a utilidade das teorias que temos dado dos fenômenos espíritas. Uma explicação racional desses fenômenos devia resultar em melhor compreensão da

sua possibilidade e, por isso mesmo, dar convicção. Eis por que muitas pessoas que não se tinham convencido pelos mais extraordinários fatos convenceram-se desde que puderam compreender o porquê e o como. Acrescentamos que, para muitos, essas explicações fazem desaparecer o maravilhoso, repondo os fatos, por mais insólitos que sejam, na ordem das coisas naturais, isto é, não sendo derrogações das leis da natureza, nem tendo o diabo coisa alguma a ver com isso. Quando ocorrem espontaneamente, como na rua des Noyers, quase sempre encontramos oportunidade para fazer algum benefício ou aliviar alguma alma.

Sabe-se que em 1849 fatos semelhantes ocorreram na rua des Grès, perto da Sorbonne. O Sr. Lerible, que foi a vítima, acaba de dar um desmentido pelos jornais que o acusaram de fraude, citando-os perante os tribunais. Os considerandos de sua representação merecem ser referidos:<sup>44</sup>

Ano de mil oitocentos e sessenta, nove de julho, a requerimento do Sr. Lerible, antigo negociante de carvão e lenha, proprietário, residente em Paris, na rua de Grenelle-Saint-Germain, 64, eleitor, com domicílio em sua propriedade;

Eu, Aubin Jules Demonchy, oficial de justiça do Tribunal Civil do Sena, sediado em Paris, residente na rua des Fossés Saint-Victor, 43, abaixo assinado, notifico ao Sr. Garat, gerente do jornal *Patrie*, nos escritórios do dito jornal, sitos em Paris, à rua du Croissant, onde estando e falando a uma mulher de confiança, assim declarei:

Determinar a inserção, em resposta ao artigo publicado em 27 de junho último, nos *Fatos* do jornal *Patrie*, da citação seguinte, feita pelo requerente ao gerente do jornal *Droit*, com a oferta que faz o requerente de cobrir os gastos da publicação, caso sua resposta exceda o número de linhas que a lei autoriza a publicar:

<sup>44</sup> Nota do tradutor: Reproduzimos os considerandos da maneira como se encontram no original francês, inclusive com a repetição de parágrafos idênticos, ou quase idênticos.

“No ano de mil oitocentos e sessenta, a cinco de julho, a requerimento do Sr. Lerible, antigo negociante de carvão e lenha, proprietário, residente em Paris, na rua de Grenelle-Saint-Germain, 64, eleitor, domiciliado em sua propriedade;

“Eu, Aubin Jules Demonchy, oficial de justiça do Tribunal Civil do Sena, sediado em Paris, residente na rua des Fossés Saint-Victor, 43;

“Citei o Sr. François, em nome e como gerente do jornal *Droit*, nos escritórios do mesmo jornal, sitos em Paris, na praça Dauphine, onde estando e falando a...

“A comparecer em 8 de agosto de 1860 à audiência perante os senhores presidente e juízes que compõem a sexta câmara do Tribunal de Primeira Instância do Sena, estatuinto em matéria de polícia correccional, no Palácio da Justiça de Paris, às dez horas da manhã, para:

“Considerando que em seu número de 26 de junho último e por ocasião dos fatos que se teriam passado numa casa da rua des Noyers, o jornal *Droit* refere que fatos análogos teriam ocorrido em 1847, numa casa da rua des Grès;

“Que o redator acompanha suas observações por explicações que levam a crer que os ataques de que foi alvo a casa da rua des Grès, em 1847, emanavam do próprio locatário, que os teria praticado de má-fé, a fim de obter, por meio de uma especulação desonesta, a rescisão do contrato de aluguel;

“Tendo em vista que os fatos assinalados pelo jornal *Droit* realmente ocorreram, não em 1847, mas em 1849, na casa que o requerente ocupava naquela época na rua des Grès;

“Que, embora o nome do requerente seja indicado no artigo do *Droit* apenas por uma inicial, a designação exata de sua indústria, a dos locais que habitava e, enfim, que a relação dos fatos em exame foram colhidos pelo próprio jornal, apontam suficientemente

o requerente como o autor das manobras atribuídas à pessoa que ocupava a casa da rua des Grès;

“Visto como essas imputações são capazes de atingir a honra e a consideração do requerente;

“Que são tanto mais repreensíveis quanto nenhuma das verificações, a respeito dos acontecimentos de que se trata, teriam sido realizadas, e que, a exemplo daqueles de que parece ter sido teatro a rua des Noyers, ficaram sem explicação;

“Que, ademais, o requerente era proprietário, desde 1847, da casa e do terreno que ocupava na rua des Grès; que a suposição a que chegou o diretor do *Droit* não tem nenhuma razão de ser e jamais foi formulada;

“Considerando-se que os termos utilizados pelo jornal *Droit* constituem uma difamação e estão sujeitos à aplicação das penas previstas em lei;

“Que todos os jornais de Paris se aproveitaram do artigo do *Droit* e que a honra do requerente sofreu, em razão dessa publicidade, uma ofensa cuja reparação lhe é devida;

“Por estes motivos:

“Resolve aplicar ao Sr. François as penas estabelecidas em lei, condenando-o, em pessoa, a indenizar o requerente por danos e perdas que este se reserva para reclamar em audiência, os quais declara, no momento, empregar em benefício dos pobres; que, além disso, o julgamento a ser feito seja inserido em todos os jornais de Paris, por conta do citado, que deverá pagar, também, as custas do processo, sob todas as reservas.

“E, para que o supracitado não ignore, deixei em seu domicílio uma cópia de igual teor do presente ato.

“Custas: 3 fr. 55 c.

“Assinado: DEMONCHY

“Registrado em Paris, em 6 de julho de 1860. Recebidos 2 fr. e 20 c.

“Assinado: DUPERRON

“Declarando ao supracitado que se não satisfizer à presente intimação, o requerente apelará pelas vias de direito;

“Deixei em seu domicílio uma cópia de igual teor do presente ato.

“Custas: 9 fr. e 10 c.

“DEMONCHY”

## Conversas familiares de Além-Túmulo

### THILORIER, O FÍSICO

Thilorier ocupava-se ativamente na pesquisa de um motor destinado a substituir o vapor e pensou tê-lo encontrado no ácido carbônico, que conseguira condensar. Na época o vapor era considerado um meio de locomoção grosseiro e primitivo. A respeito, lê-se a seguinte notícia na crônica do *Patrie*, de 22 de setembro de 1859:

Se Thilorier tivesse achado um motor de potência sem igual, ao lado do qual o vapor não passasse de mera puerilidade, teria ainda de regular a sua força, e três ou quatro vezes os ensaios que ele havia tentado lhe foram funestos. Ao explodir, os aparelhos o cobriram de numerosas feridas, provocando uma surdez quase completa no mártir da Ciência.

Entrementes, julgou-se de bom alvitre reproduzir a experiência da condensação do ácido carbônico no Colégio de França. Por imprudência ou por um acaso funesto, o aparelho quebrou-se, explodiu,

feriu gravemente várias pessoas, custou a vida a um auxiliar do professor e arrancou um dedo de Thilorier.

Não foi o dedo que ele lamentou, mas o descrédito lançado sobre o novo motor que havia descoberto. O medo apoderou-se de todos os cientistas e estes se recusaram a render-se a todos esses ingênuos argumentos de Thilorier: “Meu aparelho de condensação já estourou vinte vezes em minhas mãos, mas é a primeira que mata alguém! Nunca fez mais do que me ferir.” Só o nome do ácido carbônico afugentava todo o Instituto, sem contar a Sorbonne e o Colégio de França.

Um pouco triste, Thilorier recolheu-se em seu laboratório mais do que o fazia habitualmente. Os que o estimavam notaram desde logo que uma profunda mudança se operava em seus hábitos. Passava dias inteiros sem pensar em pôr seu gato sobre os joelhos, andava a grandes passadas e não tocava mais em suas retortas e alambiques. Quando, por acaso, saía de casa, era simplesmente para parar no meio da rua, sem dar atenção à curiosidade e ao espanto que excitava nos transeuntes.

Como fosse um homem de fisionomia suave e distinta, com belos cabelos que começavam a embranquecer, e levasse na lapela da sobrecasaca azul o distintivo da Legião de Honra, o olhavam sem muita zombaria. Movida pela compaixão, uma moça o tomou um dia pelo braço e o acompanhou em seu passeio. Ele nem pensou em agradecer à sua amável benfeitora. Passava ao lado dos melhores amigos sem os perceber e sem responder quando lhe dirigiam a palavra. A ideia fixa se havia apoderado dele, essa nuance imperceptível que separa o gênio da loucura.

Certo dia conversava no laboratório com um de seus amigos:

— Então — disse ele —, finalmente resolvi o meu problema! Como sabes, há algumas semanas meu aparelho de condensação quebrou-se na Sorbonne...

— Algumas semanas? — interrompi-o. — Mas já se passaram vários anos!

— Ah! — continuou ele sem se desconcertar —; então levei tanto tempo para resolver o meu problema? Afinal de contas, que importam algumas semanas ou anos, desde que tenho a solução! Sim, meu amigo, não só uma explosão é impossível, mas, ainda, essa força terrível, eu a domino! Faço dela o que quiser! É minha escrava! Posso empregá-la à vontade para arrastar massas enormes, movimentar máquinas gigantescas, ou obrigá-la a movimentar-se com os mais delicados e frágeis impulsos!

E como eu o encarasse com estupefação:

— Palavra de honra que ele duvida do que lhe digo! — exclamou, rindo. — Mas olha estes planos, estes desenhos; e se não crês em teus olhos, escuta-me!

Então, com uma lucidez que não deixava nenhuma margem à dúvida, mesmo para um homem estranho aos arcanos da Ciência, discorreu sobre os meios de que dispunha para pôr em ação sua obra. Não se lhe podia fazer uma só objeção: em todos os pontos sua teoria era irrefutável.

— Preciso de três dias para fazer meu aparelho — continuou ele. — Quero construí-lo inteiramente com minhas mãos. Vem ver-me depois de amanhã... E tu, que não me abandonaste, tu que não duvidaste de mim, tu, cuja pena me defendeu, serás o primeiro a usufruir e a compartilhar do meu sucesso.

Fui fiel, com efeito.

Quando passei pela portaria, a encarregada me chamou.

— Ah! senhor — disse-me ela —, que grande desgraça, não é mesmo? Um homem tão bom! Um verdadeiro filho da bondade! Morrer tão depressa!

— Mas quem?

— O Sr. Thilorier. Morreu agora mesmo.

Infelizmente ela dizia a verdade. Meu infeliz amigo fora atingido de morte súbita em seu laboratório.

Que aconteceu à sua descoberta? Com ele não foi encontrado nenhum vestígio dos desenhos que me havia mostrado; suas notas, se é que as deixou, foram igualmente perdidas. Teria resolvido o grande enigma que procurava? Só Deus o sabe! Deus, que não lhe permitira transmitir seu pensamento sublime, ou louco, senão a um profano, incapaz de discernir o verdadeiro do falso e, sobretudo, de se lembrar da teoria sobre a qual o inventor se baseava.

Seja como for, hoje a condensação do ácido carbônico não passa de experiência curiosa, que os professores raramente demonstram em seus cursos.

Se Thilorier tivesse vivido mais alguns dias, quem sabe não teria o ácido carbônico modificado a face do mundo?

SAM

Thilorier havia ou não achado o que buscava? Em todo caso, seria interessante saber o que a respeito ele pensava como Espírito.

1. *Evocação.*

*Resp.* — Eis-me alegre em vossa companhia.

2. Desejamos conversar convosco, porque pensamos que só teríamos a lucrar numa conversa com o Espírito de um cientista, como fostes em vida.

*Resp.* — O Espírito de um sábio muitas vezes é mais elevado na Terra do que no Céu. Entretanto, quando a ciência for companheira da probidade, isto será uma garantia da superioridade espírita.

3. Como físico, vos ocupastes especialmente na procura de um motor para substituir o vapor e pensáveis havê-lo encontrado no ácido carbônico condensado. Que pensais disso agora?

*Resp.* – Minha ideia era de tal modo fixa neste assunto que sonhei na véspera de minha morte, ou, para ser mais exato, no momento de minha ressurreição espiritual.

4. Alguns dias antes de morrer, pensáveis ter encontrado a solução da dificuldade prática. Achastes realmente esse meio?

*Resp.* – Digo-vos que a superexcitação da imaginação me provocara um sonho fantástico, que enunciei desperto. Era, em termos exatos, aquilo a que chamais loucura. O que eu tinha sonhado não era absolutamente aplicável.

5. Estáveis aqui quando foi lida a notícia que vos diz respeito?

*Resp.* – Sim.

6. Que pensais dela?

*Resp.* – Pouca coisa; repouso no seio do meu anjo da guarda, porquanto minha pobre alma saiu bastante machucada de meu corpo miserável.

7. Apesar disso, poderíeis responder a algumas perguntas relativas às ciências?

*Resp.* – Sim; por um momento quero mesmo entrar no labirinto da Ciência.

8. Pensais que um dia o vapor será substituído por outro motor?

*Resp.* – Este será ainda mais aperfeiçoado. Todavia, creio que no futuro a inteligência humana achará um meio de o simplificar ainda mais.

9. Que pensais do ar condensado como motor?

*Resp.* – O ar condensado é um excelente motor, mais leve que o vapor e mais econômico. Quando se souber dirigir o seu emprego, terá mais força e, portanto, mais velocidade.

10. Que pensais agora do ácido carbônico condensado, utilizado para tal fim?

*Resp.* – Eu ainda estava muito atrasado. Serão necessárias numerosas experiências e longos e difíceis estudos para se chegar a um resultado satisfatório. A Ciência ainda tem tanto a fazer!

11. Dos diferentes motores de que se ocupam, qual deles julgais que triunfará?

*Resp.* – O vapor agora; o ar condensado mais tarde.

12. Tornastes a ver Arago?

*Resp.* – Sim.

13. Discutis entre vós as ciências?

*Resp.* – Algumas vezes as faculdades de nossa inteligência se voltam para os estudos humanos. Gostamos muito de assistir às experiências que são feitas. Mas quando se volta ao Céu não se pensa mais nisso; e depois, como já vos disse, estou repousando.

14. Ainda uma pergunta, por obséquio, mas muito séria. Caso não possais respondê-la por vós mesmo, tende a bondade de vos fazer assistir por um Espírito mais competente.

Sempre nos disseram que os Espíritos sugerem ideias aos homens e que muitas descobertas têm essa origem. Mas como nem todos os Espíritos sabem tudo e, por isso, procuram instruir-se, poderíeis dizer-nos se alguns deles fazem pesquisas e descobertas no estado de Espírito?

*Resp.* – Sim. Quando um Espírito chegou a um grau bastante avançado, Deus lhe confia uma missão e o encarrega de

ocupar-se de tal ou qual ciência útil aos homens. É então que essa inteligência, obediente a Deus, busca nos segredos da natureza, que Deus lhe permite entrever, tudo quanto for necessário que ele aprenda para isto. E quando estudou bastante, dirige-se a um homem capaz de apreender aquilo que, por sua vez, pode ensinar. De repente esse homem é torturado por um pensamento; só pensa nele; fala dele a todo instante; sonha com ele todas as noites; ouve vozes celestes que lhe falam. Depois, quando tudo está bem desenvolvido em sua cabeça, esse homem anuncia ao mundo uma descoberta ou um aperfeiçoamento. É assim que os homens, em sua maior parte, são inspirados.

15. Somos gratos pela gentileza das respostas e por terdes abandonado vosso repouso por alguns instantes para atender-nos.

*Resp.* – Pedirei a Deus que vele por vós e vos inspire.

NOTA – A Sra. G..., que algumas vezes vê os Espíritos, descreve as impressões recebidas durante a evocação de Thilorier: viu um Espírito que julga ser o dele.

16. [A São Luís] Poderíeis dizer-nos se realmente foi o Espírito Thilorier que a Sra. G... viu?

*Resp.* – Não é exatamente esse Espírito que esta senhora acaba de ver; mais tarde seus olhos estarão habitados a discernir a forma do perispírito e ela distinguirá os Espíritos perfeitamente. No momento é uma espécie de miragem.

NOTA – As perguntas complementares que seguem também foram dirigidas a São Luís.

17. Se os autores de descobertas são assistidos por Espíritos que lhes sugerem ideias, como é que alguns homens creem inventar e nada inventam, ou só inventam quimeras?

*Resp.* – É que são iludidos por Espíritos enganadores que, achando seu cérebro aberto ao erro, deles se apoderam.

18. Como se explica que o Espírito escolha, com tanta frequência, homens incapazes de levar uma descoberta a bom termo?

*Resp.* – São os cérebros desprovidos de previsão humana os mais capazes de receber a perigosa semente do desconhecido. O Espírito não escolhe tal homem por ser incapaz; é o homem que não sabe fazer frutificar a semente que lhe é dada.

19. Mas, então, é a Ciência que sofre com isso, e isto não explica por que o Espírito não se dirige preferencialmente a um homem capaz.

*Resp.* – A Ciência não sofre, porquanto o que um esboça o outro termina, e, durante o intervalo, a ideia amadurece.

20. Quando uma descoberta é feita prematuramente, obstáculos providenciais poderão opor-se à sua divulgação?

*Resp.* – O desenvolvimento de uma ideia útil jamais é detido. Deus não o permitiria; é preciso que ela siga o seu curso.

21. Quando Papin<sup>45</sup> descobriu a força motriz do vapor, numerosos ensaios foram feitos para utilizá-lo e obtiveram-se resultados bastante satisfatórios, mas que ficaram no estado de teoria. Como se explica que tão grande descoberta ficasse adormecida durante tanto tempo, desde que se possuíam os seus elementos? Não faltavam homens capazes de fecundá-la. Isto foi devido à insuficiência dos conhecimentos ou não era ainda chegado o momento da revolução que ela deveria operar?

*Resp.* – Para a divulgação das descobertas que transformam o aspecto exterior das coisas, Deus deixa a ideia amadurecer, como as espigas, cujo desenvolvimento o inverno não impede, apenas retarda. A ideia deve germinar durante muito tempo, a fim de eclodir no momento em que todos a solicitam. Dá-se o mesmo com as ideias morais, que primeiro germinam e somente se implantam quando chegam à maturidade. O Espiritismo, por exemplo, neste

<sup>45</sup> N.E.: Denis Papin (1647–1714), inventor francês.

momento em que se tornou uma necessidade, será acolhido como um benefício, porque todas as outras filosofias já foram tentadas, inutilmente, para satisfazer as aspirações do homem.

SÃO LUÍS

## O SUICIDA DA RUA QUINCAMPOIX<sup>46</sup>

No ano passado os jornais relataram um exemplo de suicídio consumado em circunstâncias especiais. Foi no começo da guerra da Itália. Um pai de família, gozando de estima geral por parte dos vizinhos, tinha um filho que fora sorteado para o serviço militar. Impossibilitado de eximi-lo de tal serviço, ocorreu-lhe a ideia de suicidar-se, a fim de isentá-lo dessa atividade, como filho único de mulher viúva.

Essa morte foi uma prova para o pai ou para a mãe? Em todo caso, é provável que Deus tenha levado em conta o devotamento desse homem, e que o suicídio não tivesse para ele as mesmas consequências que outros motivos acarretariam.

[A São Luís] Poderíeis dizer-nos se é possível evocar o Espírito de quem acabamos de nos referir?

*Resp.* – Sim, e ele ganhará com isso, porque ficará mais aliviado.

### 1. *Evocação.*

*Resp.* – Oh! obrigado! Sofro muito, mas... é justo. Contudo, Ele me perdoará.

OBSERVAÇÃO – O Espírito escreve com grande dificuldade; os caracteres são irregulares e malformados; depois da palavra

<sup>46</sup> Nota do tradutor: Com ligeiras modificações, Allan Kardec inseriu esta passagem em *O céu e o inferno*, segunda parte, capítulo V, sob o título de *O pai e o conscrito*.

*mas*, ele para, e, procurando em vão escrever, apenas consegue fazer alguns traços indecifráveis e pontos. É evidente que foi a palavra *Deus* que ele não conseguiu escrever.

2. Tende a bondade de preencher a lacuna com a palavra que deixastes de escrever.

*Resp.* – Sou indigno de escrevê-la.

3. Dissestes que sofreis; compreendeis que fizestes muito mal em vos suicidar; entretanto, o motivo que vos levou a esse ato não provocou qualquer indulgência?

*Resp.* – A punição será menos longa, mas nem por isso a ação deixa de ser má.

4. Podereis descrever-nos essa punição, dando o máximo de detalhes para a nossa instrução?

*Resp.* – Sofro duplamente, na alma e no corpo; e sofro neste último, conquanto o não possua, como sofre o operado a falta de um membro amputado.

5. Vossa ação teve por único motivo salvar o filho, ou concorreram para ela outras razões?

*Resp.* – Fui completamente inspirado pelo amor paterno; porém, mal inspirado. Em atenção a isso, a minha pena será abreviada.

6. Podeis precisar a duração dos vossos padecimentos?

*Resp.* – Não lhes entrevejo o termo, mas tenho certeza de que ele existe, o que é um alívio para mim.

7. Há pouco não vos foi possível escrever a palavra *Deus* e, no entanto, temos visto Espíritos muito sofredores fazê-lo: será isso uma consequência da vossa punição?

*Resp.* – Poderei fazê-lo com grandes esforços de arrependimento.

8. Pois então fazei esses esforços para escrevê-lo, porque estamos certos de que sereis aliviado.

O Espírito acabou por traçar esta frase com caracteres grossos, irregulares e trêmulos: “Deus é muito bom.”

9. Estamos satisfeitos pela boa vontade com que correspondestes à nossa evocação, e vamos pedir a Deus para que estenda sobre vós a sua misericórdia.

*Resp.* – Sim, obrigado.

10. [A São Luís] Podereis ministrar-nos a vossa apreciação sobre esse suicídio?

*Resp.* – Este Espírito sofre justamente, pois lhe faltou a confiança em Deus, falta que é sempre punível. A punição seria maior e mais duradoura, se não houvera como atenuante o motivo louvável de evitar que o filho se expusesse à morte na guerra. Deus, que é justo e vê o fundo dos corações, não o pune senão de acordo com suas obras.

OBSERVAÇÃO – Por sua ação, este homem talvez tenha impedido a realização do destino de seu filho. Primeiramente, não é certo que fosse morto na guerra e, talvez, essa carreira lhe fornecesse oportunidade de fazer algo que teria sido útil ao seu progresso. Sem dúvida essa consideração não será estranha à severidade do castigo que lhe é infligido. Sua intenção certamente era boa e isto lhe foi levado em conta. A intenção atenua o mal e merece indulgência, mas não impede que o mal seja sempre mal. Sem isso, a favor da intenção poderiam desculpar-se todos os malefícios, até mesmo matar, sob pretexto de uma boa intenção. Acredita-se, por exemplo, que seja permitido matar um homem que sofre sem esperança de cura, pelo motivo de querer abreviar os seus sofrimentos? Não, porque assim agindo, abreviamos a prova que deve sofrer e lhe fazemos mais mal do que bem. Uma mãe que mata o filho, na crença de que o envia diretamente ao Céu, será menos culpada porque o fez com boa

intenção? Com base nesse sistema, justificaríamos todos os crimes que o fanatismo cego cometeu nas guerras de religião.

## Variedades

### O PRISIONEIRO DE LIMOGES

O fato seguinte foi comunicado à Sociedade pelo Sr. Achille R..., um de seus membros, conforme carta de um de seus amigos de Limoges, datada de 18 de julho:

“Nesse momento nossa cidade se ocupa de um fato interessante para os espíritas, e que me apresso a fazer passar ao Sr. Kardec por vosso intermédio. Eu mesmo colhi as informações mais detalhadas junto às testemunhas em questão, isto é, na prisão em que se acha, no momento, o herói da aventura.

Um soldado da 1ª linha, chamado Mallet, foi condenado a um mês de prisão por ter desviado a quantia de três francos que pertencia a um de seus camaradas. Sua pena expirará em sete dias. O jovem militar perdeu um irmão de 19 anos, doméstico, há cerca de oito anos, e desde 7 anos ele vê, ao menos de quatro em quatro dias, depois da meia-noite, uma grande chama em meio à qual se destaca um cordeirinho. Esta visão o apavora, mas não ousa falar disso. Quando estava só na prisão, ficou ainda mais apavorado, suplicando ao carcereiro que lhe desse companheiros. Assim, foram para junto dele quatro soldados do 2º Regimento de caçadores montados. À uma hora da madrugada, tendo-se levantado Mallet, as quatro testemunhas também viram a chama e o cordeiro em suas costas.

Como disse, a aparição se repete muitas vezes; o pobre rapaz fica tão aflito e tão desolado que chora e não mais se alimenta. O cirurgião-mor do regimento quis assegurar-se do fato por si mesmo, mas não ficou bastante tempo, pois a visão só ocorreu uma hora e meia após a sua saída. Um abade de Saint-Michel, o Sr. F..., foi

mais feliz, ao que parece, porquanto tomou notas. Visitá-lo-ei para lhe perguntar o que pensa a respeito.

Mas não é tudo. Disse-me o carcereiro ter visto várias vezes a porta da prisão aberta pela manhã, embora a tivesse aferrolhado cuidadosamente na véspera. Aconselharam a Mallet que interrogasse o cordeiro, o que fez na noite passada, e lhe foram respondidas estas palavras, que recolhi textualmente de sua boca: *Manda rezar um De profundis<sup>47</sup> e missas; sou teu irmão; não voltarei mais.* Tal é a descrição exata dos fatos; eu os entrego ao Sr. Kardec para que faça o uso que julgar conveniente.”

### PERGUNTAS DE UM ESPÍRITA DE SÉTIF AO SR. OSCAR COMETTANT

A carta seguinte nos foi enviada por um dos nossos assinantes de Sétif (Argélia), onde há numerosos adeptos que recebem comunicações notáveis, com as quais já entretemos os nossos leitores.

“Senhor,

O Sr. Dumas já vos falou de um fenômeno extraordinário que se passou há algum tempo com meu filho de 16 anos, portador de singular mediunidade. Cada vez que se faz uma evocação, ele adormece sem ser magnetizado e, em tal estado, responde a todas as perguntas que, por seu intermédio, são dirigidas ao Espírito. Ao despertar, não guarda nenhuma lembrança. Chega até mesmo a responder em latim, inglês e alemão, línguas das quais não tem nenhum conhecimento. É um fato que muitas pessoas puderam constatar e o afirmo sobre o que tenho de mais sagrado, mesmo ao Sr. Oscar Comettant. Tenho em mão um folhetim deste último, de 27 de outubro de 1859, em que está escrito: “Mas em que acreditais? Talvez me pergunte o Sr. Allan Kardec.” Eu, senhor, não lhe perguntarei se crê em alguma coisa: primeiro, porque isto pouco me importa e, depois, porque há homens que em nada acreditam. O Sr. Oscar

<sup>47</sup> N.E.: Das profundezas. Palavras iniciais da versão latina do Salmo 130, recitado nas cerimônias fúnebres e no ofício dos mortos.

Comettant apoia-se na autoridade de Voltaire,<sup>48</sup> que não acreditava naquilo que sua razão não podia compreender. Está errado, porque, não obstante o imenso saber que Deus havia dado a Voltaire, há milhares de coisas hoje conhecidas e das quais sua razão jamais suspeitou. Ora, ao negar um fato cuja realidade não se deseja constatar, pergunto, em consciência, de que lado está o absurdo.

Dirijo-me diretamente ao Sr. Oscar Comettant e lhe digo: Admitamos não sejam os Espíritos que nos falam; mas, então, dai-nos uma explicação lógica do fato que citei. Se o negais *a priori*, eu vos chamo ao tribunal da razão, que invocais; se me surpreendeis em flagrante delito de mentira, concordo em pedir desculpas ou em passar por louco. Caso contrário, estou pronto a entrar em luta convosco, no terreno dos fatos. Mas, antes de entabular a discussão, perguntar-vos-ei:

1º) Acreditais no sonambulismo natural e vistes indivíduos nesse estado?

2º) Vistes sonâmbulos no momento em que escreviam?

3º) Vistes sonâmbulos respondendo a perguntas mentais?

4º) Vistes sonâmbulos respondendo em línguas que lhes são desconhecidas?

Preciso de um *sim* ou um *não*, puro e simples, a todas essas perguntas. Se for sim, passaremos a outra coisa; se for não, encarrego-me de vos fazer ver e, então, podereis explicar-me a coisa à vossa maneira.

Aceitai etc.”

COURTOIS

<sup>48</sup> N.E.: (1694–1778) Escritor e filósofo francês. Suas obras marcaram o nascimento do Iluminismo francês e o início de sua luta contra as instituições.

Faremos as seguintes reflexões relativamente à carta acima. É provável que o Sr. Comettant não responda ao Sr. Courtois, como não o fez a outras pessoas que lhe escreveram sobre o mesmo assunto. Se ele estabelecesse uma polémica, sem dúvida seria no terreno do sarcasmo, terreno sobre o qual sempre diz a última palavra e no qual nenhum homem sério gostaria de acompanhá-lo. Que o Sr. Courtois o deixe, pois, na *momentânea* quietude de sua incredulidade, já que ela lhe basta e ele se contenta em ser matéria. Desde que só tem anedotas a opor, é que nada tem de melhor a dizer. Ora, como as anedotas não são razões, aos olhos das pessoas sensatas é confessar-se vencido.

O Sr. Courtois labora em erro ao levar muito a sério as negações dos incrédulos. Os materialistas não acreditam sequer possuir uma alma e se reduzem ao modesto papel de fantoches. Como podem admitir Espíritos fora deles, quando não acreditam tê-los em si mesmos? Falar-lhes dos Espíritos e de suas manifestações é, pois, começar por onde se deveria terminar. Não admitindo a causa primeira, não podem admitir as consequências. Dir-se-á, por certo, que, se têm raciocínio, devem ceder à evidência. É verdade, mas é precisamente esse raciocínio que lhes falta; aliás, sabe-se muito bem, o pior cego é aquele que não quer ver. Deixemo-los, pois, em paz, porquanto suas negações não mais impedirão que a verdade se espalhe, como não impediram a água de correr.

## Ditados espontâneos e dissertações espíritas

Recebidas ou lidas nas sessões da Sociedade

### DESENVOLVIMENTO DAS IDEIAS

(A propósito da evocação de Thilorier – Médium: Sra. Costel)

Vou falar da necessidade de reunir elementos diversos do Espírito para formar um todo. É uma ilusão comum acreditar

que uma aptidão especial, para se desenvolver, necessite apenas de um estudo especial. Não. O Espírito humano, como um rio, se avoluma com todos os afluentes. O homem não deve isolar-se em seu trabalho, isto é, pelos mais opostos contrastes deve fazer brotar a seiva das ideias. A originalidade é o contraste das ideias-mãe; é uma das mais raras superioridades. Desde a infância ela é abafada pela regra absurda que rebaixa todos os Espíritos ao mesmo nível. Vou explicar minha ideia. Thilorier, que acabam de evocar, era um inventor apaixonado, uma inteligência ativa, mas se havia limitado à esfera da invenção, isto é, na ideia fixa. Jamais se postava à janela para ver passar as ideias dos outros; assim, ficou prisioneiro de sua própria mente. O gênio fluuava ao seu redor, mas, encontrando todas as saídas fechadas, deixou a loucura, sua irmã, penetrar e invadir o local tão bem guardado. E Thilorier, que teria deixado um nome imortal, vive apenas na lembrança de alguns sábios.

GEORGES  
(Espírito familiar)

## MASCARADAS HUMANAS

(Médium: Srta. Huet)

Falarei da necessidade singular que têm os melhores Espíritos de imiscuir-se sempre nas coisas que lhes são mais estranhas. Por exemplo: um excelente comerciante não duvidará um instante de sua aptidão política, e o maior diplomata porá o amor-próprio na decisão das coisas mais frívolas. Esse defeito, comum a todos e a todas, não tem outro móvel senão a vaidade, e só esta tem necessidades artificiais. Para a toaleta, para o espírito, para o próprio coração, ela busca, antes de tudo, o que é falso; vicia o instinto do belo e do verdadeiro; leva as mulheres a desnaturar sua beleza; persuade os homens a buscar precisamente o que lhes é mais prejudicial. Se os franceses não tivessem esse defeito, uns seriam os mais inteligentes do mundo e outras as mais sedutoras Evas conhecidas. Não tenhamos, pois, essa absurda fraqueza; tenhamos a coragem

de ser nós mesmos, de levar a cor do nosso Espírito, como a dos nossos cabelos. Mas os tronos ruirão, as repúblicas se estabelecerão, antes que um francês leviano renuncie às suas pretensões de gravidade, e uma francesa às suas pretensões de firmeza. Mascarada contínua, em que cada um veste a roupa de outra época, ou simplesmente a de seu vizinho. Mascarada política, mascarada religiosa em que, arrastados pela vertigem, todos vos buscais loucamente, não encontrando nesse tumulto nem vosso ponto de partida, nem o vosso objetivo.

DELPHINE DE GIRARDIN

## O SABER DOS ESPÍRITOS

(Médium: Srta. Huet)

No estudo do Espiritismo há um erro muito grave que se propaga cada dia mais e que se torna quase o móvel que faz os outros virem a nós: é o de nos julgarem infalíveis em nossas respostas. Pensam que tudo devemos saber, tudo ver, tudo prever. Erro! Certamente, não mais estando nossa alma encerrada num corpo material, como um pássaro numa gaiola, lança-se no espaço; os sentidos dessa alma tornam-se mais apurados, mais desenvolvidos; vemos e ouvimos melhor, mas não podemos saber tudo, estar em toda parte, porque não temos o dom da ubiquidade. Que diferença, pois, haveria entre nós e Deus, se nos fosse permitido conhecer o futuro e anunciá-lo com precisão? Isto é impossível. Sabemos mais que os homens, certamente; algumas vezes podemos ler no pensamento e no coração dos que nos falam, mas aí se detém a nossa ciência espírita. Corrigi-vos, pois, da ideia de nos interrogar unicamente para saber o que se passa em tal ou qual parte do vosso globo, em relação a uma descoberta material, comercial, ou para serdes advertidos do que acontecerá amanhã nos negócios políticos e industriais. Haveremos sempre de vos informar sobre o nosso estado, sobre nossa existência extracorpórea e sobre a bondade e a grandeza de Deus; enfim, sobre tudo quanto possa servir à vossa instrução e à vossa

felicidade presente e futura. Mas não nos pergunteis o que não podemos ou não devemos dizer.

CHANNING

## ORIGENS

(Médium: Sra. Costel)<sup>49</sup>

No princípio era o Verbo, e o Verbo era Deus. Assim se anuncia no *Evangelho de São João*. Isto é, no começo estava o princípio e o princípio era Deus, o Criador de todas as coisas, que não hesitou mais na formação do homem que na do globo. Ele o criou tal qual é hoje, dando-lhe, ao sair de suas mãos, o livre-arbítrio e o poder de progredir. Disse Deus ao mar: Não irás mais longe; ao contrário, falou aos homens, mostrando-lhes o universo: Tudo isto é vosso; trabalhai, desenvolvei, descobri os tesouros em germe, semeados por toda parte — no ar, nas ondas, no seio da terra; trabalhai e amai; não duvideis de vossa origem divina, ela é direta; não sois os frutos de uma lenta progressão; não passastes pela feira animal; positivamente sois filhos de Deus. Então, de onde provém o pecado? O pecado foi criado por vossas próprias faculdades, delas sendo o avesso e o exagero.

Não houve um primeiro homem, pai do gênero humano, assim como não houve um sol para iluminar o universo. Deus abriu sua grande mão e, com a mesma profusão, espalhou a raça humana sobre os mundos, como as estrelas nos céus. Espíritos animados por seu sopro logo revelaram sua existência aos homens, muito antes dos profetas que conheceis. Outros enviados desconhecidos haviam esclarecido as almas ignorantes de si mesmas. Simultaneamente com os homens, foram criados os animais, sendo estes dotados de instinto, mas não de inteligência progressiva. Assim, conservaram os tipos primitivos e, salvo a educação individual, são os mesmos do tempo dos patriarcas. Os cataclismos dos dilúvios — porquanto não houve

<sup>49</sup> N.E.: Ver Nota explicativa, p. 561.

um só, mas vários — fizeram desaparecer raças inteiras de homens e animais; são consequências geológicas que ainda vos ameaçam.

Os homens descobrem, mas nada inventam. Assim, as crenças mitológicas não eram meras ficções, mas revelações de Espíritos inferiores. Os sátiros, os faunos eram Espíritos secundários, que habitavam os bosques e os campos, como ainda o fazem hoje. Era-lhes permitido, então, manifestar-se mais amiúde aos olhos dos homens, porque o materialismo não estava depurado pelo Cristianismo nem pelo conhecimento de um Deus único. O Cristo destruiu o império dos Espíritos inferiores, para estabelecer o do Espírito sobre a Terra. Isto é a verdade, que afirmo em nome de Deus Todo-Poderoso.

LÁZARO

## O FUTURO

(Médium: Sr. Coll)

O Espiritismo é a ciência de toda a luz; feliz da sociedade que o puser em prática! Somente então a idade de ouro, ou melhor, a era do pensamento reinará entre vós. E não penseis que por isso tereis menos compensações terrenas; muito ao contrário, tudo será felicidade para vós, porque nesse tempo a luz vos fará ver a verdade sob um clarão mais agradável. O que os homens ensinarão não será mais essa ciência capciosa, que vos faz ver, sob a máscara enganadora do bem geral, ou de um bem por vir, no qual, muitas vezes, os próprios mestres não têm nenhuma confiança, a mentira e a cupidez, a vontade de tudo ter, em proveito de uma seita e, algumas vezes até, em proveito de um só. Por certo os homens não serão perfeitos, mas, então, o falso será tão restrito, os maus terão tão pouca influência, que serão felizes na sua minoridade. Nesses tempos, os homens compreenderão o trabalho e todos alcançarão a riqueza, porque não desejarão o supérfluo senão para fazer grandes obras em proveito de todos. O amor, esta palavra tão divina, não mais terá a aceção impura que lhe atribuíis. Todo sentimento pessoal desaparecerá

ante esse ensinamento tão suave, contido nestas palavras do Cristo: Amai-vos uns aos outros, como a vós mesmos.

Chegados a esta crença, todos sereis médiuns; desaparecerão todos os vícios que degradam vossa sociedade; tudo se tornará luz e verdade. O egoísmo, este verme roedor e retardador do progresso, que asfixia todo sentimento fraterno, não terá mais domínio sobre as vossas almas; vossas ações não mais terão por móvel a cupidéz e a luxúria; amareis vossa mulher, porque ela terá uma alma boa e vos quererá, em vós divisando o homem escolhido por Deus para proteger sua fraqueza; ambos vos auxiliareis a suportar as provas terrenas e sereis os instrumentos votados à propagação de seres destinados a melhorar-se, a progredir, a fim de chegarem a mundos melhores, onde, por um trabalho mais inteligente ainda, havereis de alcançar o nosso supremo benfeitor.

Ide, espíritas! Perseverai; fazei o bem pelo bem; desprezai *suavemente* os gracejadores; lembrai-vos de que tudo é harmonia na natureza, que a harmonia está nos mundos superiores e que, malgrado certos Espíritos fortes, tereis também a vossa harmonia relativa.

SÃO LUÍS

## ELETRICIDADE ESPIRITUAL

(Médium: Sr. Didier Filho)

O homem é, ao mesmo tempo, um ser muito singular e muito fraco. Singular no sentido de que, em meio aos fenômenos que o cercam, nem por isso deixa de seguir o seu curso ordinário, espiritualmente falando; fraco porque, depois de ter visto e admirado, sorri porque seu vizinho sorriu e não pensa mais naquilo. E notai que aqui falo não dos seres vulgares, sem reflexão, sem conhecimento. Não; falo de gente inteligente e, na maioria, esclarecida. De onde vem esse fenômeno? Porque, refletindo bem, é um fenômeno moral. Pois quê! O Espírito começou a agir sobre a matéria pelo

magnetismo e a eletricidade; a seguir entrou no próprio coração do homem e este não o percebe! Estranha cegueira! Cegueira, não produzida por uma causa estranha, mas voluntária, oriunda do Espírito. Em seguida vem o Espiritismo, produzindo uma comoção no mundo, e o homem publicou livros muito sábios, dizendo: é uma causa natural, é simplesmente a eletricidade, uma lei física etc.; e o homem ficou satisfeito. Mas, crede, o homem ainda terá muitos livros para escrever, antes de poder compreender o que se acha escrito no livro da natureza: o livro de Deus. A eletricidade, essa sutileza entre o tempo e o que não é mais o tempo, entre o finito e o infinito, não pôde o homem ainda definir. Por quê? Sabei-o: só podereis defini-la pelo magnetismo, essa manifestação material do Espírito. Por ora só conheceis a eletricidade material; mais tarde conhecereis também a eletricidade espiritual, que mais não é que o reino eterno da ideia.

LAMENNAIS

### Desdobramentos da comunicação anterior

1. Teríeis a bondade de dar-nos alguns esclarecimentos sobre certas passagens de vosso último ditado, que nos parecem um pouco obscuras?

*Resp.* – Farei o que me for possível no momento.

2. Dizeis: *a eletricidade, essa sutileza entre o tempo e o que não é mais o tempo, entre o finito e o infinito*; esta frase não nos parece muito clara. Teríeis a bondade de expô-la mais detalhadamente?

*Resp.* – Explico-me assim, da maneira mais simples que posso. Para vós, o tempo existe, não é mesmo? Mas não existe para nós. Assim defini a eletricidade: essa sutileza entre o tempo e o que não é mais o tempo, porque esta parte do tempo de que outrora vos devíeis servir para vos comunicardes de um a outro extremo do mundo, esta porção do tempo, digo eu, não existe mais. Mais tarde virá a eletricidade, que não será outra coisa senão o pensamento do homem, transpondo o espaço. Com efeito, não é a imagem mais

compreensível entre o finito e o infinito, o pequeno meio e o grande meio? Quero dizer, em síntese, que a eletricidade suprime o tempo.

3. Mais adiante dizeis: *Não conheceis ainda senão a eletricidade material; mais tarde conhecereis também a eletricidade espiritual*. Por isto entendeis os meios de comunicação de homem a homem, por via mediúnica?

*Resp.* — Sim, como progressos médios; outra coisa virá mais tarde. Dai aspirações ao homem: a princípio ele adivinha; depois vê.

## Instrução prática sobre as manifestações espíritas

Esta obra está inteiramente esgotada e não será reimpressa. Será substituída pelo novo trabalho — neste momento no prelo — muito mais completo e que seguirá um outro plano.<sup>50</sup>

ALLAN KARDEC

---

<sup>50</sup> Nota do tradutor: Allan Kardec faz referência a *O livro dos médiuns*, que seria lançado em 1861.



# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

SETEMBRO DE 1860

Nº 9

## AVISO

*Os escritórios da Revista Espírita e o domicilio particular do Sr. Allan Kardec foram transferidos para a rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.*

## Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Sexta-feira, 27 de julho de 1860 – Sessão geral

Reunião da comissão.

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 20 de julho.

*Comunicações diversas:*

1ª) Relatório da Srta. P... sobre o poema que o Sr. De Pory, de Marselha, enviou à Sociedade, intitulado *Linda, legenda gaulesa*. A Srta. P... analisa o assunto da obra e reconhece pensamentos de grande elevação, muito bem expressos, mas, salvo as ideias

crístãs, em geral nele nada vê, ou vê pouca coisa que tenha relação direta com o Espiritismo. O autor lhe parece mais *espiritualista* que *espírita*. Nem por isso, diz ela, sua obra é menos notável, e será lida com interesse pelos amantes da boa poesia.

2ª) Carta do Sr. X... com uma análise sucinta da doutrina do Sr. Rigolot, de Saint-Etienne. Conforme tal doutrina, o mundo espírita não existe; depois da morte do corpo os Espíritos são imediatamente reunidos a Deus. Somente três Espíritos podem comunicar-se por via mediúcnica: Jesus, diretor e protetor de nosso globo; Maria, sua mãe; e Sócrates. Todas as comunicações, qualquer que seja a sua natureza, emanam deles. São os únicos, diz, que a ele se manifestam, e quando lhe ditam coisas grosseiras, pensa que é para o provar.

Trava-se uma discussão a esse respeito, assim resumida:

A Sociedade é unânime em declarar que a razão se recusa a admitir possa o Espírito do bem por excelência, o modelo das mais sublimes virtudes, ditar coisas más, havendo uma espécie de profanação em supor que comunicações de torpezas revoltantes, e até obscenidades, como se vê algumas vezes, possam emanar de uma fonte tão pura. Por outro lado, admitir que todas as almas são imediatamente reunidas a Deus depois da morte é negar o castigo do culpado, porquanto não se poderia pensar que o seio de Deus, que nos ensinam a olhar como suprema recompensa, seja, ao mesmo tempo, um foco de dor para aquele que viveu mal. Se nessa fusão divina o Espírito perde a individualidade, trata-se de uma variedade do panteísmo. Num e noutro caso, conforme essa doutrina, o culpado não tem nenhum motivo para deter-se no caminho do mal, sendo supérfluos os esforços para praticar o bem. É, pelo menos, o que ressalta dos princípios gerais que parecem formar a sua base.

A Sociedade não conhece bem o sistema do Sr. Rigolot para o julgar em seus detalhes; ignora como ele explica uma porção de fatos *patentes*: o das aparições, por exemplo; aqueles em que o

Espírito de um parente evocado prova *materialmente* sua identidade. Seria Jesus, então, que simularia tais personagens; seria ainda quem, no fenômeno dos Espíritos batedores, viria bater o tambor ou as árias ritmadas; depois de ter representado o odioso papel de tentador, viria servir de divertimento? Há incompatibilidade moral entre o trivial e o sublime, entre o bem absoluto e o mal absoluto.

O Sr. Rigolot sempre se manteve isolado dos outros espíritos, o que é um erro. Para bem conhecer uma coisa é preciso ver tudo, aprofundar tudo, comparar todas as opiniões, ouvir os prós e os contras, escutar todas as objeções e, finalmente, só aceitar o que a lógica mais severa pode admitir. É o que incessantemente recomendam os Espíritos que nos dirigem, e é por isso que a Sociedade tomou o nome de *Sociedade de Estudos*, nome que implica a ideia de exame e de pesquisas. É lícito pensar que o Sr. Rigolot, caso tivesse seguido este passo, teria reconhecido em sua teoria pontos em notória contradição com os fatos. Seu afastamento dos outros espíritos não lhe permite ver senão comunicações de uma só natureza e naturalmente o impede de enxergar o que poderia esclarecê-lo sobre sua insuficiência para resolver todas as questões. É o que se constata na maior parte dos médiuns que se isolam, os quais se encontram na condição daqueles que, ouvindo apenas um sino, não ouvem senão um som.

Tal é a impressão que a Sociedade experimenta a respeito dessa doutrina, que lhe parece impotente para explicar a razão de todos os fatos.

3ª) Menção a uma carta do Dr. Morhéry, com novos detalhes sobre a Srta. Godu e a continuação de suas observações sobre as curas obtidas; e a uma outra do Dr. de Grand-Boulogne, sobre o papel dos Espíritos batedores. Tendo em vista sua extensão, a leitura foi adiada para a próxima sessão.

4ª) O Sr. Allan Kardec relata um fato interessante ocorrido em sua casa, numa sessão particular. Nessa sessão estava presente o Sr. Rabache, excelente médium, pelo qual Adam Smith se

havia espontaneamente comunicado num café de Londres. Tendo sido evocado por meio de outro médium — a Sra. Costel —, Adam Smith respondeu simultaneamente, em francês, por essa senhora, e em inglês pelo Sr. Rabache; várias respostas eram de uma identidade perfeita e até mesmo a tradução *literal* uma da outra.

Relato de várias manifestações físicas ocorridas com o Sr. B..., presente à sessão. Entre outros fatos, o do transporte de uma rolha atirada num quarto, e o de um frasco de água fluidificada, que tinha tão forte odor de almíscar que impregnou todo o apartamento.

*Estudos:*

1º) Evocação do muçulmano *Seid-ben-Moloka*, falecido em Tunis com 110 anos, cuja vida foi marcada por atos de beneficência e generosidade. Suas respostas revelam um Espírito elevado, embora, durante a vida, não estivesse isento dos preconceitos de seita.

Dois ditados espontâneos são obtidos: o primeiro, pelo Sr. Didier Filho, sobre a *consciência*, assinado por Lamennais; o segundo, pela Sra. Lub..., sobre conselhos diversos, assinado por Paul.

Sexta-feira, 3 de agosto de 1860 – Sessão particular

Reunião da comissão.

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 27 de julho.

Leitura de uma carta do Sr. Darcol, por meio da qual propõe à Sociedade fazer uma subscrição para os cristãos da Síria. Fundamenta a proposta nos princípios de humanidade, de caridade e de tolerância, que são a própria essência do Espiritismo e devem guiar a Sociedade.

Examinando a proposta e fazendo justiça às boas intenções do Sr. D..., a comissão pensa que a Sociedade deve abster-se de

qualquer manifestação estranha ao objetivo de seus estudos e que deve deixar cada membro livre para agir individualmente.

A Sociedade não enxerga nessa atitude nada que possa ser visto com maus olhos; muito ao contrário. Mas, considerando-se a ausência da maior parte dos sócios, em razão da temporada, adia o exame da proposta para a volta.

Por sugestão do comitê, a Sociedade resolve tirar férias no mês de setembro.

*Comunicações diversas:*

1ª) Carta do Dr. Morhéry.

2ª) Carta do Sr. Indermuhle, membro da Sociedade, falando da boa aceitação das ideias espíritas, encontrada entre gente da classe rural. A propósito, cita um opúsculo alemão, intitulado *Die Ewigkeit kein geheimniss mehr* (Não há mais segredos sobre a eternidade), que se propõe enviar à Sociedade.

3ª) Carta do Dr. de Grand-Boulogne sobre as manifestações físicas como meio de convicção. Pensa ele que seria erro considerar todos os Espíritos batedores pertencentes a uma ordem inferior, já que ele mesmo obteve, por meio de batidas, comunicações de ordem bastante elevada.

O Sr. Allan Kardec responde que a tiptologia é um meio de comunicação como qualquer outro, do qual podem servir-se os mais elevados Espíritos, quando não dispõem de outro mais rápido. Nem todos os Espíritos que se comunicam por batidas são Espíritos batedores, e a maioria deles repudia tal qualificação, que só convém àqueles que chamamos *batedores profissionais*. Repugna ao bom senso acreditar que Espíritos Superiores venham passar o tempo divertindo uma reunião com demonstrações de habilidades. Quanto às manifestações físicas propriamente ditas,

jamais contestou sua utilidade, mas persiste na opinião de que, por si sós, são impotentes para levar à convicção. Ainda mais, diz ele, quanto mais extraordinários os fatos, mais excitam a incredulidade. O que é necessário, antes de tudo, é compreender o princípio dos fenômenos. Para aquele que o conhece, eles nada têm de sobrenatural e vêm apoiar a teoria.

O Sr. De Grand-Boulogne diz que a carta que acabam de ler é um pouco antiga e que, depois, suas ideias se modificaram sensivelmente. Ele partilha inteiramente a opinião do Sr. Allan Kardec, tendo-lhe a experiência demonstrado quanto é útil compreender o princípio antes de ver. Assim, não admite em sua casa senão as pessoas que já se deram conta da teoria, evitando, desse modo, uma porção de questões ociosas e objeções. Reconhece ter feito mais prosélitos por esse sistema do que pela exibição de fatos que não são compreendidos.

*Estudos:*

1º) Evocação de *James Coyle*, alienado, morto com 106 anos no hospital Saint-Patrick, de Dublin, onde se encontrava desde o ano de 1802. A evocação oferece um interessante assunto para estudo sobre o estado do Espírito na alienação mental.

2º) Apelo, sem evocação especial, aos Espíritos que reclamaram assistência. Dois se manifestam espontaneamente: a Grande Françoise e o Espírito de Castelnaudary, agradecendo aos que oraram por eles.

3º) Um ditado espontâneo é obtido pelo Sr. D..., assinado pela *Irmã Jeanne*, uma das vítimas dos massacres da Síria.

Sexta-feira, 10 de agosto – Sessão geral

Reunião do comitê.

Leitura da Ata e dos trabalhos da última sessão.

O Sr. Allan Kardec anuncia que uma senhora, membro da Sociedade, lhe confiou 10 francos para sua subscrição em benefício dos cristãos da Síria ou qualquer outra obra de caridade à qual julgue por bem aplicá-los.

*Comunicações diversas:*

1ª) Carta do Sr. Jobard, de Bruxelas, sobre Thilorier, do qual foi amigo e que foi evocado a 15 de junho de 1860. Dá interessantes detalhes sobre sua descoberta, sua vida e seus hábitos, retificando várias asserções contidas na nota publicada a seu respeito no jornal *Patrie*. Entre outras particularidades, conta como a audição lhe foi restabelecida pelo magnetismo (Publicada adiante).

2ª) O Sr. B..., ouvinte estrangeiro, narra diversos casos de manifestações físicas espontâneas ocorridas com um de seus amigos. Não podendo este comparecer à sessão, o próprio Sr. B... relatará os fatos com mais detalhes, posteriormente.

*Estudos:*

1ª) Perguntas diversas e problemas morais dirigidos a São Luís, a respeito da morte de Jean Luizerolle, condenado no lugar do filho, em 1793, devotando-se a ele para salvar-lhe a vida.

2ª) Evocação de Alfred de Marignac, que deu ao Sr. Darcol uma comunicação sobre a *penúria*, assinada por Bossuet.

3ª) Evocação de Bossuet a esse respeito e várias outras perguntas. Termina com uma dissertação espontânea sobre o perigo das querelas religiosas.

4º) Evocação da *Irmã Jeanne*, vítima dos massacres da Síria, que comparecera espontaneamente na última sessão e havia pedido para ser chamada novamente.

5º) Apelo a um dos Espíritos sofredores que reclamam assistência. Um Espírito novo se apresenta sob o nome de *Fortuné Privat* e dá detalhes sobre sua situação e as penas que sofre. Esta comunicação suscita inúmeras explicações interessantes sobre o estado dos Espíritos infelizes.

6º) Ditado espontâneo sobre *o nada da vida*, assinado por *Sophie Swetchine*, recebido pela Srta. Huet.

Sexta-feira, 17 de agosto de 1860 – Sessão particular

Reunião da comissão.

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 10 de agosto.

Por sugestão da comissão, e após a leitura da Ata, a Sociedade admite como sócio livre o Sr. Jules R..., de Bruxelas, domiciliado em Paris.

#### *Comunicações diversas:*

1ª) Numa carta da Condessa D..., de Milão, dirigida ao Sr. Allan Kardec, encontra-se a seguinte passagem: “Ultimamente, folheando velhas revistas de Paris, encontrei uma historieta de um maravilhoso escritor, Charles Nodier, tendo por título: *Lídia ou a ressurreição*. Achei-me em plena *Revista Espírita*; é uma intuição de *O livro dos espíritos*, embora escrita em 1839. Nodier era um crente? Naquela época já se falava de Espiritismo? Se pudesse, gostaria muito de evocá-lo; era um coração puro e uma alma apaixonada. Evo-cai-o, por favor, vós que podeis *tanto!* Se, encarnado, sua moral era tão suave e tão atraente, o que não será agora, quando seu Espírito se acha completamente desprendido da matéria?”

Há muito tempo a Sociedade deseja evocar Charles Nodier. Fá-lo-á na presente sessão.

2ª) Leitura de duas dissertações obtidas pelo Dr. De Grand-Boulogne, assinadas por Zénon; a primeira, sobre a dúvida suscitada quanto à identidade de Bossuet, na sessão anterior; a segunda, sobre a reencarnação, cuja necessidade o Espírito demonstra, do ponto de vista moral, e sua concordância com as ideias religiosas.

3ª) Leitura de duas comunicações recebidas pela Sra. Costel, assinadas por Georges; a primeira, sobre *o progresso dos Espíritos*; a segunda, sobre *o despertar do Espírito*.

4ª) Leitura da evocação de Luís XIV, feita pela Srta. Huet, e de um ditado espontâneo, obtido pela mesma senhorita, sobre *o proveito a tirar dos conselhos dos Espíritos*, assinado por Marie, Espírito familiar.

*Estudos:*

1º) Recorda o Sr. Ledoyen que há tempos São Luís tinha começado uma série de dissertações sobre os pecados capitais. Pergunta se ele gostaria de continuar esse trabalho.

São Luís responde que o fará de boa vontade e que da próxima vez falará sobre a *inveja*, pois a hora está muito avançada para fazê-lo naquela mesma noite.

2º) Perguntam a São Luís se, na próxima sessão, poderão chamar novamente a rainha de Oude, já evocada em janeiro de 1858, a fim de julgar dos progressos que ela poderia ter feito. Ele responde: “Seríeis inspirados pela caridade se a evocásseis e se lhe falásseis amigavelmente, ao mesmo tempo instruindo-a um pouco, pois ainda está muito atrasada.”

3º) Evocação de Charles Nodier. Depois de ter respondido, com extrema benevolência, às perguntas que lhe foram feitas, promete começar um trabalho contínuo na próxima sessão.

4º) Ditado espontâneo, obtido pelo Sr. Didier, sobre a *hipocrisia*, assinado por Lamennais. Em seguida, o Espírito responde a várias perguntas sobre a sua situação e o caráter que se reflete em suas comunicações.

Sexta-feira, 24 de agosto de 1860 – Sessão geral

Reunião do comitê.

Leitura da Ata e dos trabalhos da última sessão.

O presidente procede à leitura da seguinte instrução, concernente às pessoas estranhas à Sociedade, a fim de preveni-las contra as falsas idéias que poderiam formar a respeito dos objetivos de seus trabalhos.

“Julgamos dever lembrar às pessoas estranhas à Sociedade, e que não estejam ao corrente dos nossos trabalhos, que não fazemos nenhuma experiência, e que elas se enganariam se pensassem encontrar aqui assuntos para distração. Ocupamo-nos seriamente de coisas muito sérias, mas pouco interessantes e pouco inteligíveis para quem quer que seja estranho à ciência espírita. Como a presença de tais pessoas seria inútil para elas mesmas e, para nós, uma causa de perturbação, nós nos recusamos a admitir as que não possuem, ao menos, os seus primeiros elementos e, sobretudo, as que a ela não sejam simpáticas. Antes de tudo somos uma Sociedade científica de estudos, e não uma Sociedade de ensino; jamais convocamos o público porque sabemos, por experiência, que a convicção só se forma por uma longa série de observações e não por ter assistido a algumas sessões, que não apresentam nenhuma sequência metódica. Eis por que não fazemos demonstrações que, devendo recomeçar cada vez, paralisariam nossos trabalhos. Se, apesar disso, aqui se encontrassem pessoas que só fossem atraídas pela curiosidade, ou que não partilhassem nossa maneira de ver, nós lhes pediríamos se lembrassem de que não as convidamos e que esperamos de sua dignidade o respeito às nossas convicções, como respeitamos as suas. Não pedimos de sua

parte senão silêncio e recolhimento. Sendo o recolhimento uma das mais expressas recomendações dos Espíritos que desejam comunicar-se conosco, exortamos insistentemente as pessoas presentes a que se abstenham de qualquer conversação particular.”

Decidiu a comissão que, embora haja uma 5<sup>a</sup> sexta-feira no dia 31 deste mês, a de hoje, 24, será a última sessão antes das férias, e que a próxima será na primeira sexta-feira de outubro.

A comissão tomou conhecimento de uma carta com pedido de admissão como sócio livre, do Sr. B..., de Paris; mas, tendo em vista que a sessão do dia é geral, o exame fica adiado para depois das férias.

#### *Comunicações diversas:*

1<sup>a</sup>) Leitura da evocação particular, feita pelo Sr. Jules Rob..., de *Père Leroy*, falecido ultimamente em Beirute. A evocação é notável pela elevação dos pensamentos do Espírito, que em nada desmente o belo caráter de que deu provas em vida, e que é o de um verdadeiro cristão. Ele externa o desejo de ser evocado na Sociedade.

2<sup>a</sup>) Leitura de um ditado espontâneo, recebido pelo Sr. Darcol, sobre os *médiuns*, assinado por *Salles*. Obtida na última sessão, essa comunicação não pôde ser lida, porque dela não se havia tomado conhecimento prévio, *formalidade* que o regulamento prescreve imperiosamente.

3<sup>a</sup>) Outro ditado espontâneo, recebido pela Sra. De B... sobre a *caridade moral*, assinado pela Irmã Rosália.

4<sup>a</sup>) Dois outros ditados espontâneos, obtidos pela Sra. Costel, um sobre *as várias categorias de Espíritos errantes*, e o outro sobre *os castigos*, assinados por Georges. Estas duas comunicações podem ser classificadas entre as mais notáveis, pela sublimidade

dos pensamentos, a verdade dos quadros e a eloquência do estilo (Serão publicadas, assim como as outras comunicações mais importantes).

O presidente faz observar que a Sociedade é necessariamente limitada pelo tempo, mas que tudo quanto os membros recebem em particular, desde que o queiram trazer, deve ser considerado como um complemento de seus trabalhos. Não deve considerar como dela fazendo parte apenas o que obtém em suas sessões, mas, igualmente, tudo quanto lhe vem de fora e pode servir para a sua instrução. Ela é o centro para onde convergem os estudos particulares para o bem de todos; examina-os, comenta-os e os aproveita, se for o caso. Para os médiuns, é um meio de controle que, esclarecendo-os quanto à natureza das comunicações que recebem, pode preservá-los de mais de um engano. Aliás, muitas vezes os Espíritos preferem comunicar-se na intimidade, onde necessariamente há mais recolhimento que nas reuniões numerosas, pelos instrumentos de sua escolha, nos momentos que lhes convêm e em circunstâncias que nem sempre nos é dado apreciar. Concentrando essas comunicações, cada um aproveita todas as vantagens que elas podem oferecer.

*Estudos:*

1º) Perguntas dirigidas a São Luís sobre o Espírito Georges. Quando vivo ele era pintor e professor de desenho da pessoa que lhe serve de médium. Sua vida não oferece nenhuma particularidade relevante, a não ser que sempre foi bom e benevolente. Suas comunicações, como Espírito, trazem um selo de tal superioridade que se desejou saber a posição por ele ocupada no mundo dos Espíritos. São Luís responde:

“Ele foi um Espírito justo na Terra; toda sua grandeza consiste na bondade, na caridade e na fé em Deus, que professava. Assim, hoje, encontra-se colocado entre os Espíritos Superiores.”

2º) Evocação de *Charles Nodier*, pela Srta. Huet. Ele começa o trabalho prometido na última sessão.

3º) Evocação do *Père Leroy*. Como deixara livre a escolha do médium, preferiu-se não utilizar aquele de que se serviu pela primeira vez, a fim de afastar qualquer influência e poder melhor julgar da identidade por suas respostas. Elas estão em todos os pontos de acordo com os pensamentos antes expressos e dignos de um Espírito elevado. Ele termina por conselhos da mais alta sabedoria, nos quais se revelam, simultaneamente, a humildade do cristão, a tolerância da caridade evangélica e a superioridade da inteligência.

4º) Evocação da rainha de Oude, já evocada em janeiro de 1858 (ver a *Revista* de março de 1858). Médium: Sr. Jules Rob... Nota-se nela uma leve disposição para progredir, mas o fundo de seu caráter sofreu pouca mudança.

OBSERVAÇÃO – Entre os assistentes, achava-se uma senhora que durante muito tempo residiu na Índia e a conheceu pessoalmente. Diz que todas as respostas são perfeitamente conformes com o seu caráter e que é impossível não reconhecer nelas uma prova de identidade.

5º) Três ditados espontâneos são obtidos: o primeiro, pela Srta. Huet, sobre a *inveja*, assinado por São Luís; o segundo, pelo Sr. Didier, sobre o *pecado original*, assinado por Ronsard; e o terceiro, pela Srta. Stéphanie, assinado por Gustave Lenormand.

Durante as últimas comunicações, a Srta. L. J..., médium desenhista, recebeu dois grupos, assinados por Jules Romain.

Em seguida a alguns belos pensamentos escritos por um Espírito que não os assina, outro Espírito, que já se manifestou pela Srta. L. J..., interfere na comunicação, fazendo quebrar os lápis e riscando traços que denotam sentimentos de cólera. Ao mesmo tempo

comunica-se com o Sr. Jules Rob..., respondendo laconicamente e com altivez às questões que lhe são dirigidas.

É o Espírito de um soberano estrangeiro, conhecido pela violência de seu caráter. Convidado a assinar o nome, ele o faz de duas maneiras. Um dos assistentes, ligado ao governo de seu país, que possuía funções que lhe deram ensejo de ver muito a sua assinatura, numa reconhece a de documentos oficiais, e na outra a das cartas particulares.

Encerrada a sessão geral, os senhores membros da Sociedade são convidados a permanecer por mais alguns instantes para uma comunicação.

Numa alocução muito calorosa, o Sr. Sanson expressa o reconhecimento que deve ao Espírito São Luís, por sua intervenção na cura de um mal na perna que havia resistido a todos os tratamentos e deveria levar à amputação. É, diz ele, ao conhecimento do Espiritismo que deve sua cura, verdadeiramente miraculosa, pela confiança que teve na bondade e no poder de Deus, com o que antes pouco se preocupava. E como deve à Sociedade o ter sido iniciado nas verdades que ela ensina, ele a inclui nos seus agradecimentos. Desde então, todos os anos, oferece ao Espírito São Luís, no dia que lhe é consagrado, um buquê de flores em memória do favor de que foi objeto; e é essa homenagem que ele renova hoje, 24 de agosto, véspera de São Luís.

A Sociedade se associa ao testemunho de gratidão do Sr. Sanson. Ela agradece a São Luís a benevolência que tem merecido de sua parte e lhe pede continuar fazendo jus à sua proteção. São Luís responde:

“Sinto-me feliz, triplamente feliz, meus amados irmãos, pelo que vejo e ouço esta noite. Vossa emoção e reconhecimento ainda são a melhor homenagem que podeis dirigir-me. Que o Deus de bondade vos conserve estes bons e piedosos sentimentos!

Continuarei a velar por uma Sociedade unida pelos sentimentos de caridade e de verdadeira fraternidade.”

LUÍS

## O maravilhoso e o sobrenatural<sup>51</sup>

Se a crença nos Espíritos e em suas manifestações fosse uma concepção isolada, o produto de um sistema, poderia, com certa razão, merecer a suspeita de ilusória. Que nos digam, então, por que a encontramos tão vivaz entre todos os povos, antigos e modernos, e nos livros santos de todas as religiões conhecidas? É, respondem os críticos, porque, desde todos os tempos, o homem teve o gosto do maravilhoso. — Mas que entendeis por maravilhoso? — O que é sobrenatural. — Que entendeis por sobrenatural? — O que é contrário às leis da natureza. — Conheceis, porventura, tão bem estas leis, que possais marcar limite ao poder de Deus? Pois bem! Provai então que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da natureza; que não é, nem pode ser uma destas Leis. Acompanhai a Doutrina Espírita e vede se esse encadeamento não apresenta todas as características de uma lei admirável, que resolve tudo o que as filosofias até agora não puderam resolver.

O pensamento é um dos atributos do Espírito. A possibilidade, que eles têm, de atuar sobre a matéria, de nos impressionar os sentidos e, por conseguinte, de nos transmitir seus pensamentos, resulta, se assim nos podemos exprimir, da sua própria constituição fisiológica. Logo, nada há de sobrenatural neste fato, nem de maravilhoso.

Não obstante, objetarão, admitis que um Espírito pode suspender uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio. Não constitui isto uma derrogação da lei de gravidade? — Sim, mas da

<sup>51</sup> Nota do tradutor: Este artigo foi incluído por Allan Kardec em *O livro dos médiuns*, cuja primeira edição apareceu em 1861. Corresponde ao capítulo II, Primeira parte, do livro citado.

lei conhecida; a natureza, contudo, já vos disse a sua última palavra? Antes que se houvesse experimentado a força ascensional de certos gases, quem diria que uma máquina pesada, carregando muitos homens, fosse capaz de vencer a força de atração? Aos olhos do povo, tal coisa não pareceria maravilhosa, diabólica? Aquele que há um século se tivesse proposto a transmitir um telegrama a 500 léguas de distância e a receber a resposta alguns minutos depois teria passado por louco. Se o fizesse, todos acreditariam ter ele o diabo às suas ordens, visto que, naquela época, só o diabo era capaz de andar tão depressa. Por que, então, um fluido desconhecido não poderia, em dadas circunstâncias, ter a propriedade de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Notemos, de passagem, que isto é uma comparação, não uma assimilação, e unicamente para mostrar, por analogia, que o fato não é fisicamente impossível. Ora, foi exatamente por quererem proceder por assimilação que os sábios se transviaram na observação que fizeram estas espécies de fenômenos. De qualquer modo, o fato aí está e não há negação que possa fazer que ele não seja real, porque negar não é provar. Para nós, não há coisa alguma de sobrenatural. É tudo o que podemos dizer no momento.

Se o fato ficar comprovado, dirão eles, nós o aceitaremos. E aceitaríamos até mesmo a causa a que o atribuíis, a de um fluido desconhecido. Mas quem nos prova a intervenção dos Espíritos? Aí é que está o maravilhoso, o sobrenatural.

Precisaríamos, neste caso, de uma demonstração completa, que, no entanto, não seria cabível, constituindo, além disso, uma repetição, porque ressalta de todas as outras partes do ensino. Todavia, para resumi-la em algumas palavras, diremos que ela se baseia, do ponto de vista teórico no princípio de que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente e, do ponto de vista prático, na observação de que os fenômenos ditos espíritas, por terem dado provas de inteligência, hão de ter sua causa fora da matéria; mais ainda: que essa inteligência, não sendo a dos assistentes — o que a experiência atesta — havia de estar fora deles. Visto que não se via o ser que atuava, deveria tratar-se, necessariamente, de um ser invisível.

Assim foi que, de observação em observação, se chegou a reconhecer que esse ser invisível, a que deram o nome de Espírito, não é senão a alma dos que viveram corporalmente, aos quais a morte despojou de seu grosseiro envoltório visível, deixando-lhes apenas um envoltório etéreo, invisível no seu estado normal. Eis, pois, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos à sua expressão mais simples.

Uma vez comprovada a existência de seres invisíveis, a ação deles sobre a matéria resulta da natureza do corpo fluídico que os reveste. Essa ação é inteligente porque, ao morrerem, eles perderam tão somente o corpo, conservando a inteligência que lhes constitui a própria essência. Aí está a chave de todos esses fenômenos tidos erroneamente por sobrenaturais. A existência dos Espíritos não é, portanto, um sistema preconcebido, uma hipótese imaginada para explicar os fatos: é o resultado de observações e consequência natural da existência da alma. Negar essa causa é negar a alma e seus atributos. Os que pensam que podem encontrar, para esses efeitos inteligentes, uma solução mais racional, apontando, sobretudo, a razão de *todos os fatos*, tenham a bondade de fazê-lo. Só então será possível discutir-se o mérito de cada uma.

Para os que consideram a matéria a única potência da natureza, *tudo o que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso ou sobrenatural*. Para eles, maravilhoso é sinônimo de *superstição*. Se assim fosse, a Religião, que se baseia na existência de um princípio imaterial, seria um mosaico de superstições. Não ousam dizê-lo em voz alta, mas o dizem baixinho e julgam salvar as aparências ao condescenderem com uma religião necessária ao povo e às crianças, a fim de que estas se tornem ajuizadas. Ora, de duas, uma: ou o princípio religioso é verdadeiro, ou falso. Se for verdadeiro, ele o é para toda gente; se falso, não tem maior valor para os ignorantes do que para os instruídos.

Os que atacam o Espiritismo em nome do maravilhoso se apoiam geralmente no princípio materialista, uma vez que, negando qualquer efeito extramaterial, negam, automaticamente, a

existência da alma. Sondai-lhes, porém, o fundo das consciências, perscrutai bem o sentido de suas palavras e descobrireis quase sempre esse princípio, se não categoricamente formulado, despontar por baixo da capa de uma pretensa filosofia racional, com a qual se cobrem. Se abordardes claramente, perguntando-lhes se acreditam ter uma alma, talvez não ousem dizer que não, mas responderão que nada sabem ou não têm certeza.<sup>52</sup> Lançando à conta do maravilhoso tudo o que decorre da existência da alma, são, pois, consequentes consigo mesmos; não admitindo a causa, não podem admitir os efeitos. Daí, entre eles, uma opinião preconcebida que os torna impróprios para julgar com isenção o Espiritismo, porque partem do princípio da negação de tudo o que não seja material. Quanto a nós, pela simples razão de admitirmos os efeitos que são a consequência da existência da alma, deveríamos aceitar todos os fatos qualificados de maravilhosos? Seríamos, porventura, os campeões de todos os sonhadores, os adeptos de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas? Pensar assim é conhecer bem pouco o Espiritismo. Mas os nossos adversários não atentam nisto muito de perto. A necessidade de conhecerem aquilo de que falam é a menor de suas preocupações.

Segundo eles, o maravilhoso é absurdo. Ora, o Espiritismo se apoia em fatos maravilhosos; logo o Espiritismo é absurdo. E consideram sem apelação esta sentença. Achem que opõem um argumento irretorquível quando, depois de terem realizado eruditas pesquisas acerca dos convulsionários de Saint-Médard, dos calvinistas das Cévennes, ou das religiosas de Loudun, chegaram à descoberta de evidentes trapças, que ninguém contesta. Semelhantes histórias, porém, serão o evangelho do Espiritismo? Terão os seus partidários negado que o charlatanismo tem explorado, em proveito próprio, alguns fatos? Que outros sejam frutos da imaginação? Que muitos tenham sido exagerados pelo fanatismo? Ele não é mais solidário com as extravagâncias que se cometem em seu nome do que a verdadeira ciência com os abusos da

<sup>52</sup> N.E.: “Se abordardes... não têm certeza.” – Este trecho não consta em *O livro dos médiuns*.

ignorância, ou a verdadeira religião pelos excessos do fanatismo. Muitos críticos só julgam o Espiritismo pelos contos de fada e pelas lendas populares que lhes são as ficções. Dar-se-ia a mesma coisa com quem quisesse julgar a História pelos romances históricos ou pelas tragédias.

Em lógica elementar, para se discutir uma coisa é preciso conhecê-la, porquanto a opinião de um crítico só tem valor quando ele fala com perfeito conhecimento de causa. Só e então a sua opinião, ainda que errônea, poderá ser tomada em consideração. Mas que peso terá quando ele tratar de matéria que não conhece? A verdadeira crítica deve dar provas não só de erudição, mas também de profundo conhecimento do objeto tratado, de isenção no julgamento e de imparcialidade a toda prova. A não ser assim, qualquer músico de feira poderá arrogar-se o direito de julgar Rossini, e um aprendiz de pintor o de censurar Rafael.

O Espiritismo, portanto, não aceita todos os fatos considerados maravilhosos. Longe disso, demonstra a impossibilidade de grande número deles e o ridículo de certas crenças que constituem, propriamente falando, a superstição. É verdade que, naquilo que ele admite, há coisas que, para os incrédulos, são puramente do domínio do maravilhoso, ou, por outra, da superstição. Que seja, mas, pelo menos, discuti apenas esses pontos, pois com relação aos demais, ele nada tem a dizer e pregais em vão.<sup>53</sup> Porém, até onde vai a crença do Espiritismo? Perguntarão. Vede, observai e sabereis. A aquisição de qualquer ciência exige tempo e estudo. Ora, o Espiritismo, que toca nas mais graves questões de Filosofia, em todos os ramos da ordem social, que abrange tanto o homem físico quanto o homem moral, é, em si mesmo, uma ciência, uma filosofia, que já não podem ser aprendidas em algumas horas, como nenhuma outra ciência. Haveria tanta ingenuidade em se querer ver todo o Espiritismo numa mesa girante, como toda a Física em

<sup>53</sup> N.E.: Neste ponto do texto, há, em *O livro dos médiuns*, uma frase que não consta no original da *Revista*: "Atacando o que ele próprio refuta, provais ignorar o assunto e os vossos argumentos erram o alvo."

alguns brinquedos infantis. Quem não quiser ficar na superfície, precisará não de algumas horas somente, mas de meses e anos, para sondar todos os seus segredos. Por aí se pode apreciar o grau de saber e o valor da opinião dos que se atribuem o direito de julgar, só porque viram uma ou duas experiências, na maioria das vezes como distração ou passatempo. Dirão, certamente, que não dispõem do tempo necessário para tais estudos. Que seja; nada os obriga a isso. Mas quem não tem tempo de aprender uma coisa não deve discorrer sobre ela e, ainda menos, julgá-la, se não quiser que o acusem de leviano. Ora, quanto mais elevada a posição que ocupemos na Ciência, tanto menos desculpável é que tratemos, levemente, de um assunto que não conhecemos.

Resumimos o assunto tratado nas proposições seguintes:

1º) todos os fenômenos espíritas têm por princípio a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo e suas manifestações;

2º) fundando-se numa lei da natureza, esses fenômenos nada têm de *maravilhosos*, nem de *sobrenaturais*, no sentido vulgar dessas palavras;

3º) muitos fatos só são tidos por sobrenaturais porque a sua causa não é conhecida. Ao atribuir-lhes uma causa, o Espiritismo os restitui ao domínio dos fenômenos naturais;

4º) entre os fatos qualificados de sobrenaturais, muitos há que o Espiritismo demonstra a impossibilidade, incluindo-os no rol das crenças supersticiosas;

5º) embora reconheça um fundo de verdade em muitas crenças populares, o Espiritismo não avaliza de modo algum todas as histórias fantásticas criadas pela imaginação;

6º) julgar o Espiritismo pelos fatos que ele não admite é dar prova de ignorância e tirar todo o valor à opinião do crítico;

7º) a explicação dos fatos que o Espiritismo admite, de suas causas e consequências morais, constitui toda uma ciência e toda uma filosofia, reclamando estudo sério, perseverante e aprofundado;

8º) o Espiritismo só pode considerar como crítico sério quem tudo tenha visto, estudado e aprofundado com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que tenha tanto conhecimento do assunto quanto o adepto mais esclarecido; que haja, por conseguinte, haurido seus conhecimentos fora dos romances da ciência; aquele a quem não se possa opor *fato algum*, que lhe seja desconhecido, nenhum argumento de que já não tenha cogitado e que sua refutação se faça, não por simples negação, mas por meio de outros argumentos mais categóricos; aquele, finalmente, que possa indicar, para os fatos averiguados, causa mais lógica do que a que lhes aponta o Espiritismo. Tal crítico ainda está por aparecer.

Nem é preciso dizer que os críticos do maravilhoso, com mais forte razão, relegam os milagres para o âmbito das quimeras da imaginação. Algumas palavras a respeito, embora colhidas de um artigo precedente, encontram aqui seu lugar natural, e não será inútil lembrá-las:<sup>54</sup>

Na sua acepção primitiva e por sua etimologia, o vocábulo milagre significa *coisa extraordinária, coisa admirável de se ver*. Mas, como tantas outras, esta palavra se afastou do seu sentido original. Por milagre se entende hoje, segundo a Academia, *um ato do poder divino contrário às leis comuns da natureza*. Tal é, com efeito, a acepção usual e apenas por comparação e por metáfora ela é aplicada às coisas vulgares que nos surpreendem e que não conhecemos a causa. Não entra de modo algum em nossas cogitações examinar se Deus terá julgado útil, em certas circunstâncias, derrogar as leis que Ele mesmo estabeleceu. Nosso objetivo é unicamente demonstrar que os fenômenos espíritos, por mais extraordinários que sejam, não

<sup>54</sup> Nota do tradutor: Com algumas modificações, Allan Kardec inseriu parte deste texto no capítulo XIII de *A gênese*, derradeiro livro da Codificação Espírita, publicado em 1868 (*Características dos milagres*). Em *O livro dos médiuns* não há este trecho.

derrogam de maneira alguma essas leis e não têm nenhum caráter miraculoso, assim como não são maravilhosos ou sobrenaturais. O milagre não se explica; os fenômenos espíritas, ao contrário, explicam-se da maneira mais racional. Não são, pois, milagres, mas simples efeitos, cuja razão de ser se encontra nas leis gerais. O milagre apresenta ainda outro caráter, o de ser inusitado e isolado. Ora, desde que um fato se reproduz, por assim dizer, à vontade e por diversas pessoas, já não pode ser um milagre.

Aos olhos dos ignorantes, a Ciência faz milagres todos os dias. É por isso que, antigamente, os que sabiam mais que o vulgo passavam por feiticeiros; e, como naquela época se acreditava que toda ciência sobre-humana vinha do diabo, eles eram queimados. Hoje, que já estamos muito mais civilizados, contentamo-nos de enviá-los para os hospícios.

Se um homem realmente morto, como dissemos no início, ressuscitar por intervenção divina, haverá aí verdadeiro milagre, porque isso é contrário às leis da natureza. Se, porém, esse homem só tem da morte a aparência, se ainda há nele um resto de *vitalidade latente* e a Ciência ou uma ação magnética consegue reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas isso será um fenômeno natural. Todavia, aos olhos do vulgo ignorante, o fato passará por miraculoso e seu autor será perseguido a pedradas, ou venerado, conforme o caráter dos indivíduos. Solte um físico, em campo aberto, um papagaio elétrico e faça, por esse meio, cair um raio sobre uma árvore e esse novo Prometeu será tido certamente como senhor de um poder diabólico;<sup>55</sup> mas Josué, detendo o movimento do Sol, ou, antes, da Terra, esse teria operado verdadeiro milagre, pois não conhecemos nenhum magnetizador dotado de tão grande poder para realizar tal prodígio.

De todos os fenômenos espíritas, um dos mais extraordinários é, incontestavelmente, o da escrita direta, e um dos que

---

<sup>55</sup> N.E.: Em *O livro dos médiuns*, há um trecho a mais, que não consta no original da *Revista*: “E seja dito de passagem, Prometeu nos parece, muito singularmente, ter sido um precursor de Franklin; mas Josué...”

demonstram de modo mais evidente a ação das inteligências ocultas. Mas, pelo fato de ser esse fenômeno produzido por seres ocultos, não significa que seja mais miraculoso do que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos, que povoam o espaço, são uma das potências da natureza, potências cuja ação é tão incessante sobre o mundo material, quanto sobre o mundo moral.

Esclarecendo-nos a respeito dessa potência, o Espiritismo nos dá a chave de uma infinidade de coisas não explicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio e que, à falta de explicação, passaram por prodígios nos tempos antigos. Do mesmo modo que o magnetismo, ele nos revela uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, melhor dizendo, de uma lei que não se conhecia, embora se conhecessem os seus efeitos, visto que estes sempre se produziram em todos os tempos, tendo a ignorância da lei gerado a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritas, ao fazerem que uma mesa se mova, ou que os mortos escrevam, não operam maior milagre do que opera o médico que restitui a vida a um moribundo, ou o físico que faz cair o raio. Aquele que pretendesse, com o auxílio desta ciência, *fazer milagres*, ou seria um ignorante do assunto ou trapaceiro.

Os fenômenos espíritas, assim como os fenômenos magnéticos, tiveram que passar por prodígios, antes que se lhes conhecesse a causa. Ora, do mesmo modo que os cétricos, os Espíritos fortes, isto é, os que gozam do privilégio exclusivo da razão e do bom senso, não admitem que uma coisa seja possível, desde que não a compreendam. É por isso que todos os fatos considerados prodigiosos são objeto de suas zombarias. Visto que a Religião contém grande número de fatos desse gênero, não creem nela e daí à incredulidade absoluta não há mais que um passo. Explicando a maioria desses fatos, o Espiritismo lhes dá uma razão de ser. Vem, pois, em auxílio à Religião, ao demonstrar a possibilidade de certos fatos que, por não terem mais o caráter miraculoso, nem por isso deixam de ser menos extraordinários, e Deus

não fica sendo menor nem menos poderoso por não haver derogado suas leis. De quantos gracejos não foram objeto as levitações de São Cupertino! Ora, a suspensão etérea dos corpos pesados é um fato explicado pela lei espírita. Fomos *testemunha ocular* desse fato, e o Sr. Home, assim como outras pessoas de nosso conhecimento, repetiram muitas vezes o fenômeno produzido por São Cupertino. Logo, este fenômeno pertence à ordem das coisas naturais.

Entre os fenômenos desse gênero, precisamos colocar em primeira linha as aparições, porque são as mais frequentes. A de Salette, que divide o próprio clero, nada tem para nós de extraordinária. Certamente não podemos afirmar com segurança a realidade do fato, porque não temos a sua prova material; para nós, contudo, ele é possível, tendo em vista os milhares de outros casos análogos *recentes* que conhecemos. Acreditamos neles não só porque lhes verificamos a realidade, como, sobretudo, porque sabemos perfeitamente de que maneira se produzem. Quem se reportar à teoria das aparições,<sup>56</sup> que expomos mais adiante, reconhecerá que este fenômeno se mostra tão simples e plausível como um sem-número de fenômenos físicos, que só parecem prodigiosos por falta de uma chave que permita explicá-los. Quanto à personagem que se apresentou às pastorinhas, em Salette, é outra questão. Sua identidade não nos foi absolutamente demonstrada. Apenas reconhecemos que pode ter havido uma aparição; o resto não é de nossa competência. A esse respeito, cada qual pode guardar as suas convicções, nada tendo o Espiritismo que ver com isso. Dizemos tão somente que os fatos que o Espiritismo produz nos revelam leis novas e nos dão a explicação de uma porção de coisas que pareciam sobrenaturais. Se alguns desses fatos que passavam por miraculosos encontram, assim, uma explicação lógica, isso é motivo suficiente para que ninguém se apresse a negar o que não compreende.

Algumas pessoas contestam os fenômenos espíritos, precisamente porque tais fenômenos lhes parecem estar fora da lei

---

<sup>56</sup> Nota do tradutor: Teoria exposta na *Revista Espírita*, fascículo de dezembro de 1858.

comum e porque não encontram nenhuma explicação para eles. Dai-lhes uma base racional e a dúvida desaparecerá. A explicação, neste século em que ninguém se contenta com palavras, constitui, pois, poderoso motivo de convicção. É por isso que vemos, todos os dias, pessoas que não testemunharam nenhum fato, não observaram uma mesa agitar-se, nem um médium escrever, se tornarem tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam. Se só devêssemos acreditar no que vemos com os olhos, nossas convicções se reduziriam a bem pouca coisa.

## História do maravilhoso e do sobrenatural

Por Louis Figuier<sup>57</sup>

(Primeiro artigo)

Dá-se com a palavra *maravilhoso* o mesmo que se dá com a palavra alma; há um sentido elástico que se presta a interpretações diversas. Eis por que julgamos útil estabelecer alguns princípios gerais no artigo precedente, antes de abordar o exame da história dada pelo Sr. Figuier. Quando essa obra apareceu, os adversários do Espiritismo bateram palmas, dizendo que, sem dúvida, nos iríamos dar mal; em seu caridoso pensamento já nos viam mortos sem apelação. Triste efeito da cegueira apaixonada e irrefletida, porquanto se eles se dessem ao trabalho de observar o que querem demolir, veriam que o Espiritismo será um dia, mais cedo do que pensam, a salvaguarda da sociedade, e talvez eles próprios lhe devam a salvação, não dizemos no outro mundo, com o qual pouco se preocupam, mas neste mesmo! Não é levianamente que dizemos tais palavras; ainda não chegou o momento de desenvolvê-las, embora muitos já nos compreendam.

---

<sup>57</sup> N.E.: Guillaume Louis Figuier (1819–1894), cientista e escritor francês.

Voltando ao Sr. Figuiet, nós mesmos tínhamos pensado ver nele um adversário realmente sério, trazendo argumentos peremptórios que valessem a pena ser refutados com seriedade. Sua obra compreende quatro volumes; os dois primeiros com uma exposição de princípios, um prefácio e uma introdução, depois uma relação de fatos perfeitamente conhecidos, e que devem ser lidos com interesse, tendo em vista as pesquisas eruditas que mereceram da parte do autor; acreditamos ser o relato mais completo já publicado sobre o assunto. Assim, o primeiro volume é quase inteiramente consagrado à história de Urbain Grandier e das religiosas de Loudun; vêm a seguir as convulsionárias de Saint-Médard, a história dos profetas protestantes, a varinha mágica, o magnetismo animal. O quarto volume, que acaba de ser publicado, trata especialmente das mesas girantes e dos Espíritos batedores. Mais tarde voltaremos a este último volume, limitando-nos, agora, a uma apreciação sumária do conjunto.

A parte crítica das histórias que constituem os dois primeiros volumes consiste em provar, por testemunhos autênticos, que a intriga, as paixões humanas e o charlatanismo tiveram grande papel; que certos fatos trazem a marca evidente da astúcia, o que ninguém contesta. Ninguém jamais garantiu a integridade de *todos* esses fatos; menos do que quaisquer outros, os espíritas, que devem ser gratos ao Sr. Figuiet por ter reunido provas que evitarão numerosas compilações. Eles têm interesse em que a fraude seja desmascarada, e todos os que a descobrirem nos fatos erroneamente qualificados de fenômenos espíritas lhes prestarão serviço. Ora, para prestar semelhante serviço, nada melhor que os inimigos. Vê-se, pois, que tais inimigos servem para alguma coisa; apenas o desejo da crítica às vezes os arrasta muito longe e, no ardor de descobrir o mal, muitas vezes o veem onde ele não está, por não terem examinado com bastante atenção e imparcialidade, o que é ainda mais raro. O verdadeiro crítico deve lutar contra as ideias preconcebidas e despojar-se de qualquer preconceito, pois, do contrário, julgará do seu ponto de vista, que talvez nem sempre seja justo. Tomemos um exemplo: suponhamos a história política de acontecimentos contemporâneos

escrita com a maior imparcialidade, isto é, com inteira verdade, e imaginemos esta história comentada por dois críticos de opiniões contrárias. Porque todos os fatos são exatos, forçosamente haverão de contrariar a opinião de um deles; daí os julgamentos contraditórios: um que levará a obra às nuvens, e o outro, defendendo que seja lançada ao fogo. No entanto, a obra só conterà a verdade. Se assim ocorre com os fatos patentes, como os da História, com mais forte razão quando se trata da apreciação de doutrinas filosóficas. Ora, o Espiritismo é uma doutrina filosófica, e os que só o veem no fato das mesas girantes, ou que o julgam pelos contos absurdos e pelos abusos que deles se podem fazer, que o confundem com os meios de adivinhação, provam que não o conhecem. Estaria o Sr. Figuier nas condições requeridas para o julgar com imparcialidade? É o que vamos examinar.

Assim começa o Sr. Figuier o seu prefácio:

Em 1854, quando as mesas girantes e falantes, importadas da América, fizeram sua aparição na França, produziram uma impressão que ninguém esqueceu. Muitos espíritos sábios e prudentes ficaram alarmados com esse transbordamento imprevisto da paixão pelo maravilhoso. Não podiam compreender *semelhante alucinação* em pleno século XIX, com uma filosofia avançada e em meio a esse magnífico movimento científico que hoje dirige tudo para o positivo e o útil.

Seu julgamento está decretado: a crença nas mesas girantes é uma alucinação. Como o Sr. Figuier é um homem positivo, deve-se pensar que antes de publicar seu livro, viu tudo, tudo estudou, aprofundou tudo; numa palavra, que fala com conhecimento de causa. Se assim não fosse, cairia no erro dos Srs. Schiff e Jobert (de Lamballe) com a sua teoria do músculo estalante (ver a *Revista* do mês de junho de 1859). Entretanto, sabemos que há um mês apenas ele assistiu a uma sessão, na qual provou que ignorava os mais elementares princípios do Espiritismo. Considerar-se-á suficientemente esclarecido porque assistiu a uma sessão? Por certo

não duvidamos da sua perspicácia, mas, por maior seja ela, não podemos admitir que ele possa conhecer e, sobretudo, compreender o Espiritismo numa sessão, como não aprendeu a Física numa única lição. Se o Sr. Figuiier pudesse fazê-lo, tomaríamos o fato como um dos mais maravilhosos. Quando ele tiver estudado o Espiritismo com o mesmo cuidado que se dispensa ao estudo de uma ciência, quando lhe tiver consagrado um tempo moral necessário, quando tiver assistido a *milhares* de experiências, quando se tiver dado conta de todos os fatos, sem exceção, quando tiver comparado todas as teorias, só então poderá expender uma crítica judiciosa. Até lá o seu julgamento é uma opinião pessoal, cujo peso, pró ou contra, não terá nenhum valor.

Tomemos a coisa sob outro ponto de vista. Dissemos que o Espiritismo repousa inteiramente na existência, em nós, de um princípio imaterial ou, em outras palavras, na existência da alma. Quem não admite um Espírito em si não pode admiti-lo fora de si. Conseqüentemente, não admitindo *a causa*, não pode admitir o efeito. Gostaríamos, pois, de saber se o Sr. Figuiier colocaria no frontispício de seu livro a seguinte profissão de fé:

1º) Creio num Deus, autor de todas as coisas, todo-poderoso, soberanamente justo e bom e infinito em suas perfeições;

2º) Creio na providência de Deus;

3º) Creio na existência da alma sobrevivente ao corpo, e em sua individualidade após a morte, não como uma *probabilidade*, mas como uma coisa necessária e conseqüente dos atributos da Divindade;

4º) Admitindo a alma e a sua sobrevivência, creio que não seria nem conforme à justiça, nem conforme à bondade de Deus, que o bem e o mal fossem tratados em pé de igualdade após a morte, considerando-se que, durante a vida, muito raramente recebem a recompensa ou o castigo que merecem;

5º) Se a alma do mau e a do bom não são tratadas do mesmo modo, algumas são felizes, outras infelizes, isto é, são recompensadas ou punidas segundo suas obras.

Se o Sr. Figuier fizesse tal profissão de fé, nós lhe diríamos: Esta profissão é a de todos os espíritas, porquanto sem isto o Espiritismo não teria nenhuma razão de ser; somente aquilo que credes teoricamente, o Espiritismo o demonstra pelos fatos, porque todos os fatos espíritas são consequência destes princípios. Não sendo os Espíritos que povoam o espaço mais do que as almas dos que viveram na Terra ou em outros mundos, desde que se admita a alma, sua sobrevivência e sua individualidade, por isso mesmo deve-se admitir os Espíritos. Sendo reconhecida a base, toda a questão se resume em saber se esses Espíritos ou essas almas podem comunicar-se com os vivos; se têm ação sobre a matéria; se influem no mundo físico e no mundo moral; ou, então, se são votados a uma perpétua inutilidade, ou a não se ocuparem senão de si mesmos, o que é pouco provável, desde que se admita a providência de Deus e se considere a admirável harmonia que impera no universo, onde os menores seres desempenham o seu papel.

Se a resposta do Sr. Figuier fosse negativa, ou, por polidez, fosse ambígua, nós lhe diríamos — para nos servir da expressão de certas pessoas e a fim de não chocar muito bruscamente respeitáveis preconceitos — o seguinte: não sois juiz mais competente em matéria de Espiritismo do que um muçulmano em assuntos da religião católica; vosso julgamento não seria imparcial e em vão negaríeis albergar ideias preconcebidas, porquanto tais ideias, em vossa própria opinião, dizem respeito ao princípio fundamental, que rejeitais *a priori*, antes de conhecer o assunto.

Se algum dia uma equipe de cientistas nomeasse um relator para examinar a questão do *Espiritismo* e esse relator não fosse francamente *Espiritualista*, seria o mesmo que um concílio escolher Voltaire para tratar de uma questão dogmática. Admiramo-nos de que os cientistas não tenham dado sua opinião, mas nos esquecemos

de que sua missão — é bom frisar — é o estudo das leis da matéria e não dos atributos da alma e, menos ainda, o de decidir se a alma existe. Sobre tais assuntos eles podem ter opiniões individuais, como podem ter sobre a religião, mas, como entidade científica, jamais terão que se pronunciar.

Não sabemos o que o Sr. Figuier responderia às perguntas formuladas na profissão de fé acima, mas o seu livro deixa pressenti-lo. Com efeito, o segundo parágrafo de seu prefácio é assim concebido:

Um conhecimento exato da História do passado teria prevenido ou, pelo menos, diminuído muito tal espanto. De fato, seria grande erro imaginar-se que as ideias que, em nossos dias, deram origem à crença nas mesas falantes e nos Espíritos batedores são de origem moderna. Esse amor do maravilhoso não é particular à nossa época; está em todos os tempos e países, por se ligar à própria natureza do espírito humano. *Por uma instintiva e injustificada desconfiança em suas próprias forças, o homem é levado a colocar acima de si forças invisíveis, que se exercem numa esfera inacessível.* Esta disposição inata existiu em todos os períodos da história da humanidade, revestindo aspectos diferentes conforme o tempo, os lugares e os costumes, originando manifestações variáveis na forma, porém tendo, no fundo, um princípio idêntico.

Dizer que *é por uma instintiva e injustificada desconfiança em suas próprias forças que o homem é levado a colocar acima de si forças invisíveis, que se exercem numa esfera inacessível*, é reconhecer que o homem é *tudo*, que pode *tudo*, e que acima dele nada há. Salvo engano, isso não é apenas materialismo, mas ateísmo. Aliás, essas ideias ressaltam de uma porção de outras passagens de seu prefácio e de sua introdução, para as quais chamamos toda a atenção de nossos leitores e estamos convencidos de que estes as julgarão como nós. Dir-se-á que tais palavras não se aplicam à Divindade, mas aos *Espíritos*? Então responderemos que ele não conhece a primeira palavra do Espiritismo, pois negar os Espíritos é negar a alma, desde

que Espíritos e almas são a única e mesma coisa; que os Espíritos não exercem sua força numa esfera *inaccessível*, visto estarem ao nosso lado, a nos tocar e a agir sobre a matéria inerte, à semelhança de todos os fluidos imponderáveis e invisíveis que, não obstante, são os mais poderosos motores e os mais ativos agentes da natureza. Só Deus exerce o seu poder numa esfera *inaccessível* aos homens; negar este poder é, pois, negar a Deus. Dir-se-á, enfim, que esses efeitos, que atribuímos aos Espíritos, talvez sejam devidos a alguns desses fluidos? É possível. Mas, então lhe perguntaremos: como fluidos *ininteligentes* podem produzir efeitos inteligentes?

O Sr. Figuiet constata um fato capital ao dizer que *esse amor do maravilhoso não é particular à nossa época; está em todos os tempos e países, por se ligar à própria natureza do espírito humano*. Aquilo a que chama amor do maravilhoso é, muito simplesmente, a crença instintiva, *inata*, como o diz, na existência da alma e sua sobrevivência ao corpo, crença que revestiu formas diversas, segundo os tempos e os lugares, mas tendo no fundo um princípio idêntico. Esse sentimento inato, universal no homem, Deus lhe teria inspirado para se divertir à sua custa? Para lhe dar aspirações impossíveis de realizar? Crer que assim possa ser é negar a bondade de Deus; mais ainda: é negar o próprio Deus.

Querem outras provas do que antecipamos? Vejamos ainda algumas passagens do seu prefácio:

Na Idade Média, quando uma religião nova transforma a Europa, o maravilhoso se instala nessa mesma religião. Acredita-se nas possessões diabólicas, nos feiticeiros e nos magos. Durante vários séculos essa crença é sancionada por uma guerra sem quartel e sem misericórdia, feita aos infelizes, acusados de comércio secreto com os demônios ou com os magos, seus prepostos.

Pelo fim do século XVII, na aurora de uma filosofia tolerante e esclarecida, o diabo envelheceu e a acusação de magia começa a ser um argumento gasto, mas nem por isto o maravilhoso

perde os seus direitos. Os milagres florescem à vontade nas igrejas das diversas comunhões cristãs; acredita-se, ao mesmo tempo, na varinha mágica ou se decifram os movimentos de uma forquilha para pesquisar os objetos do mundo físico e obter esclarecimentos sobre as coisas do mundo moral. Nas diversas ciências continua-se a admitir a intervenção de influências sobrenaturais, precedentemente introduzidas por Paracelso.<sup>58</sup>

No século XVIII, século de Voltaire e da Enciclopédia, enquanto sobre as matérias filosóficas todos os olhos se abriam às luzes do bom senso e da razão — não obstante a voga da filosofia cartesiana — só o maravilhoso resistia à queda de tantas crenças até então veneradas. Os milagres ainda se multiplicavam.

Se a filosofia de Voltaire, *que abriu os olhos à luz do bom senso e da razão* e minou tantas superstições, não pôde extirpar a ideia *inata* de um poder oculto, não seria porque tal ideia é inatacável? A filosofia do século XVIII flagelou os abusos, mas se deteve contra a base. Se essa ideia triunfou sobre os golpes desferidos pelo apóstolo da incredulidade, o Sr. Figuier espera ser mais feliz? Permittimo-nos duvidar.

O Sr. Figuier faz uma confusão singular das crenças religiosas, dos milagres e da varinha mágica. Para ele, tudo isto sai da mesma fonte: a superstição, a crença no maravilhoso. Não tentaremos aqui defender essa pequena forquilha, que teria a singular propriedade de servir à *pesquisa do mundo físico*, em virtude de não nos havermos aprofundado na questão; por uma questão de princípios, só elogiamos ou criticamos o que *conhecemos*. Mas, se quiséssemos argumentar por analogia, perguntaríamos se a pequena agulha de aço, com a qual o navegante acha sua rota, não tem

<sup>58</sup> N.E.: (1493–1541) Médico, alquimista e filósofo suíço. Afirmou a necessidade de indagar sobre as forças mágicas que regem o mundo exterior, segundo ele, ideais para atuar sobre o organismo e controlar as doenças. Elaborou uma doutrina que estabelecia uma correspondência entre o mundo exterior (macrocosmo) e as diferentes partes do organismo humano (microcosmo).

uma virtude muito mais admirável do que a pequena forquilha? Não, direis vós, porquanto conhecemos a causa que a faz agir e esta causa é inteiramente física. De acordo. Mas quem diz que a causa que age sobre a forquilha não seja inteiramente física? Antes que se conhecesse a teoria da bússola, que teríeis pensado se tivésseis vivido naquela época, quando os marinheiros não tinham como guia senão as estrelas, que muitas vezes lhes faltavam? Que teríeis pensado, dizemos nós, de um homem que tivesse vindo dizer: “Tenho aqui numa caixinha, não maior que a de bombons, uma agulha pequenina, com a qual os maiores navios podem navegar com segurança; que indica a rota com qualquer tempo, com a precisão de um relógio”? Ainda uma vez, não combatemos a varinha mágica, e menos ainda o charlatanismo, que dela se apoderou; apenas perguntamos o que haveria de mais sobrenatural se um pequeno pedaço de madeira, em dadas circunstâncias, fosse agitado por um eflúvio terrestre invisível, como a agulha imantada o é pela corrente magnética que também não se vê? Será que essa agulha *também não serve para pesquisar as coisas do mundo físico*? Não será ela influenciada pela presença de uma mina de ferro subterrânea? O maravilhoso é a ideia fixa do Sr. Figuier; é o seu pesadelo; ele o vê por toda parte onde haja algo que não compreende. Mas apenas ele, sábio, poderá dizer como germina e se reproduz o menor grão? Qual a força que faz a flor voltar-se para a luz? Quem, na terra, atrai as raízes para um terreno propício, mesmo por meio dos mais rudes obstáculos? Estranha aberração do espírito humano, que pensa tudo saber e nada sabe, que despreza maravilhas incontáveis e nega um poder sobre-humano!

Estando baseada na existência de Deus, esse poder sobre-humano que se exerce numa esfera inacessível; sobre a alma, que sobrevive ao corpo, conservando a sua individualidade e, conseqüentemente, sua ação, a religião tem por princípio aquilo que o Sr. Figuier chama de maravilhoso. Se ele se tivesse limitado a dizer que entre os fatos qualificados de maravilhoso uns são ridículos e absurdos, aos quais a razão faz justiça, nós o aplaudiríamos com todas a nossas forças, mas não poderíamos concordar com a sua opinião,

quando confunde na mesma reprovação o princípio e o abuso do princípio; quando nega a existência de qualquer poder acima da humanidade. Aliás, essa conclusão é formulada de maneira inequívoca na passagem seguinte:

Dessas discussões, cremos que resultará para o leitor a perfeita convicção da *não existência de agentes sobrenaturais* e a certeza de que todos os prodígios, que em diversas épocas têm excitado a surpresa ou a admiração dos homens, se explicam *apenas pelo conhecimento de nossa organização fisiológica*. A *negação* do maravilhoso, eis a conclusão a tirar deste livro, que poderia chamar-se *o maravilhoso explicado*. E se alcançarmos o objetivo a que nos propusemos atingir, teremos a convicção de ter prestado um verdadeiro serviço ao bem de todos.

Dar a conhecer os abusos, desmascarar a fraude e a hipocrisia onde quer que se encontrem, é, sem dúvida, prestar um grande serviço. Mas julgamos que é fazer grande mal à sociedade, assim como aos indivíduos, atacar o princípio em virtude de terem dele abusado; é querer cortar a boa árvore, porque deu um fruto estragado. Bem compreendido, o Espiritismo, dando a conhecer a causa de certos fenômenos, mostra o que é possível e o que não o é. Por isso mesmo, tende a destruir as ideias realmente supersticiosas, mas, ao mesmo tempo, demonstrando o princípio, dá um objetivo ao bem; fortalece as crenças fundamentais que a incredulidade ataca com violência a pretexto do abuso; combate a chaga do materialismo, que é a negação do dever, da moral e de toda esperança, e é por isso que dizemos que um dia ele será a salvaguarda da sociedade.

Aliás, estamos longe de nos lamentar pela obra do Sr. Figuiet. Sobre os adeptos da Doutrina, ela não poderá ter nenhuma influência, pois eles reconhecerão imediatamente os pontos vulneráveis. Sobre os outros, terá o efeito de todas as críticas: o de provocar a curiosidade. Depois da aparição, ou melhor, da reaparição do Espiritismo, muito se tem escrito contra ele. Não lhe

pouparam sarcasmos, nem injúrias. Apenas de uma coisa ele não teve a honra, graças aos costumes do tempo: a fogueira. Isto o impediu de progredir? Absolutamente, pois hoje conta seus aderentes por *milhões* em todas as partes do mundo e estes todos os dias aumentam. Para isto, e sem o querer, muito contribuiu a crítica, porque, como dissemos, seu efeito é o de provocar o exame. Querem ver o pró e o contra e ficam admirados por encontrarem uma doutrina racional, lógica, consoladora, que acalma as angústias da dúvida, resolvendo o que nenhuma filosofia pôde resolver, quando pensavam apenas encontrar uma crença ridícula. Quanto mais conhecido o nome do contraditor, mais repercussão tem a sua crítica e mais bem ela pode fazer, chamando a atenção dos indiferentes. A esse respeito, a obra do Sr. Figuiet está nas melhores condições: além de escrita de maneira muito séria, não se arrasta na lama das injúrias grosseiras e do personalismo, únicos argumentos dos críticos de baixo nível. Desde que pretende tratar o assunto do ponto de vista científico, e sua posição lho permite, ver-se-á nisso a última palavra da Ciência contra esta doutrina e então o público saberá a quantas se anda. Se a douta obra do Sr. Figuiet não tiver o poder de lhe dar o golpe de misericórdia, duvidamos que outros sejam mais felizes. Para combatê-la com eficácia, ele só tem um meio, que lhe indicamos com prazer. Não se destrói uma árvore cortando-lhe os galhos, mas a raiz. É necessário, pois, atacar o Espiritismo pela raiz, e não nos ramos, que renascem à medida que são cortados. Ora, as raízes do Espiritismo, desta *alucinação* do século XIX, para nos servirmos de sua expressão, são a alma e os seus atributos. Que, pois, ele prove que a alma não existe e não pode existir, porquanto sem *almas* não há mais *Espíritos*. Quando tiver provado isto, o Espiritismo não terá mais razão de ser e nós nos confessaremos vencidos. Se o seu ceticismo não chega até esse ponto, que prove, não por uma simples negação, mas por uma demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica ou qualquer outra:

1º) que o ser que pensa em vida é incapaz de pensar após a morte;

2º) que, se pensa, não deve mais querer comunicar-se com aqueles a quem amou;

3º) que, se pode estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

4º) que, se está ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco;

5º) que, por seu envoltório fluídico, não pode agir sobre a matéria inerte;

6º) que, se pode agir sobre a matéria inerte, não pode agir sobre um ser animado;

7º) que, se pode agir sobre um ser animado, não pode dirigir-lhe a mão para fazê-lo escrever;

8º) que, podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas e lhe transmitir o pensamento.

Quando os adversários do Espiritismo nos tiverem demonstrado que isso é impossível, por meio de razões tão patentes quanto aquelas pelas quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira em torno da Terra, então poderemos dizer que suas dúvidas são fundadas. Infelizmente, até este dia, toda a sua argumentação se reduz nestas palavras: *Não creio, logo é impossível*. Sem dúvida dirão que a nós cabe provar a realidade das manifestações; nós as provamos pelos fatos e pelo raciocínio; se não admitem nem uns, nem o outro, se negam o que veem, a eles cabe provar que nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis.

Em outro artigo examinaremos a teoria do Sr. Figuier. Fazemos votos para que seja de melhor qualidade que a teoria do músculo estalante de Jobert (de Lamballe).

# Correspondência ao Sr. Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

“Sr. Presidente,

Permiti-me alguns esclarecimentos a propósito de Thilorier e suas descobertas (ver a *Revista* de agosto de 1860). Thilorier era meu amigo; quando me mostrou o plano de seu aparelho em ferro fundido, para liquefazer o gás ácido carbônico, eu lhe havia dito que, malgrado a espessura das paredes, ele explodiria como os canhões, após certo número de experiências; por isso aconselhei-o a envolvê-lo em ferro batido, como se faz hoje com os canhões de ferro fundido, mas ele se limitou a adicionar nervuras.

Jamais um aparelho desse gênero estourou em suas mãos, pois teria sido morto como o jovem Frémy, mas a comissão da Academia se mantinha prudentemente atrás da parede quando ele preparava tranquilamente a sua experiência. Já estava surdo há vários anos, o que o forçara a demitir-se do cargo de inspetor dos correios. A única explosão que o vitimou foi a da coronha de um fuzil de ar, cheio de ácido carbônico, que ele havia posto ao sol, sobre a grama do jardim.

Essa experiência que eu lhe havia sugerido, bem como ao Sr. Galy Cazala, fez-lhe ver a que alta pressão poderia elevar-se o gás ácido carbônico, e o perigo de seu emprego nas armas de guerra. Quanto a Galy, teve a ideia de substituir o hidrogênio pelo ácido carbônico, mas este jamais conseguiu ultrapassar 28 atmosferas. Era muito pouco. Sem isso a pólvora teria sido utilmente suprimida, porque seu mecanismo era dos mais simples e um pequeno cilindro de cobre poderia conter facilmente cem tiros, na medida das necessidades, em consequência do restabelecimento quase instantâneo da pressão, pela decomposição da água, por meio do ácido sulfúrico e

da limalha de zinco. Se os nossos químicos encontrassem um gás que pudesse ser produzido sob uma pressão média entre a do ácido carbônico e do hidrogênio, o problema estaria resolvido. *Eis o que seria bom perguntar a Lavoisier, Berzélius ou Dalton.*

Na véspera de sua morte, Thilorier me dava explicações sobre um novo aparelho, quase terminado, a fim de liquefazer o ar atmosférico por meio de pressões sucessivas, capazes de suportar de 500 a 1.000 atmosferas. Terão vendido esta bela máquina ao ferro velho?

Disse eu que Thilorier era extremamente surdo, de sorte que entrando em seu gabinete na Place Vendôme, semanas antes de sua morte, tive de gritar. Ele tapou os ouvidos com as duas mãos, dizendo que eu lhe restituiria a surdez de que felizmente se havia livrado pelo magnetizador Lafontaine, hoje em Genebra. Saí maravilhado pela cura, que na mesma tarde anunciei aos meus dois amigos Galy Cazala e o capitão Delvigne, com os quais passeava na Place de la Bourse, quando percebemos Thilorier com o ouvido colado à vitrine de uma loja, onde alguém tocava piano. Parecia em êxtase, por poder desfrutar da música moderna, que há muitos anos não ouvia. “Ah! por Deus!”, disse aos meus dois incrédulos, “eis a prova; passai por detrás do nosso homem e pronunciai o seu nome normalmente.” Thilorier voltou-se bruscamente, reconheceu os amigos, com eles conversou e passeou, como de ordinário o fazia. Delvigne, que no momento está em meu escritório, lembra-se perfeitamente desse fato, muito interessante para o magnetismo. “Por mais que eu tenha tentado convencer nossos acadêmicos no curso dos últimos trinta dias,” dizia Thilorier, “eles não querem acreditar que eu tenha sido curado sem as drogas de sua farmacopeia, que não curam, pois as empreguei todas sem sucesso, ao passo que os dois dedos de Lafontaine me restabeleceram a audição completamente, em algumas sessões.” Lembro-me de que, encantado pelo magnetismo, Thilorier tinha conseguido inverter os polos de uma barra imantada, que segurava pelo simples esforço da vontade.

A morte desse sábio inventor privou-nos de uma porção de descobertas de que me havia falado e que ele levou para o túmulo.

Era tão sagaz quanto este bom Darcet, que eu também tinha visto cheio de saúde na véspera de sua morte e que me havia mostrado seus livros, malconservados e manchados, dizendo estar certo de que me daria mais prazer apresentando-os naquele estado do que bem encadernados e com lombada dourada numa biblioteca. “É singular”, dizia-me ele, “quanto nossas ideias se assemelham, embora não tenhamos sido educados na mesma escola.” Depois me contou do pesar que havia sentido por ter sido tão criticado a propósito de sua gelatina nutritiva, e que teria feito melhor, dizia, se a tivesse vendido ao preço de um centavo a libra aos pobres da Pont Neuf, do que a apresentado aos acadêmicos, que pagam 15 francos nas casas de comestíveis e ainda pretendem que ela não alimenta. Evocai, pois, esse bravo tecnologista.

Arago nos ensina que as pretensas manchas do Sol não passam de fragmentos de planetas que vêm enriquecer-se no foco de eletricidade com os fluidos que lhes faltam, para se constituírem num cometa que começará o seu curso dentro de um século. Esses fragmentos, grandes como a Europa, estão a mais de 500.000 léguas do Sol; e, chegados ao limite extremo de sua atração, quando a Terra tiver descrito cerca de um quarto de seu percurso sobre a eclíptica, isto é, cerca de três meses (estamos a 6 de julho), esses fragmentos, inseparáveis de sua constelação, terão desaparecido aos nossos olhos.

A Academia ocupa-se de nossa memória sobre a catalepsia, que errastes ao lançá-la à cesta das excomunhões. Não importa; a isto voltareis.

Aceitai etc.”

JOBARD

OBSERVAÇÃO – Agradecemos ao Sr. Jobard os interessantes detalhes que ele houve por bem nos enviar sobre Thilorier, e que são tanto mais preciosos quanto autênticos. Gosta-se sempre de saber a verdade sobre os homens que se destacaram na vida.

O Sr. Jobard engana-se ao pensar que pusemos na cesta do esquecimento a notícia que o Sr. B... nos enviou sobre a catalepsia. Inicialmente, ela foi lida na Sociedade, como consta nas atas de 4 e 11 de maio, publicadas na *Revista* de junho de 1860; o original, em vez de ser posto de lado, está cuidadosamente conservado nos arquivos da Sociedade. Não publicamos esse volumoso documento porque, em primeiro lugar, se tivéssemos de publicar tudo quanto nos mandam, talvez nos fossem necessários dez volumes por ano, e, em segundo lugar, porque cada coisa deve vir a seu tempo. Mas, pelo fato de uma coisa não ter sido publicada, nem por isso deve ser considerada perdida. Nada é perdido daquilo que nos comunicam, seja a nós, seja à Sociedade, e nós o encontramos sempre, para aproveitar no momento oportuno. Eis o de que se devem persuadir as pessoas que desejam enviar-nos documentos. Muitas vezes nos falta o tempo material para lhes responder tão prontamente e tão extensamente quanto, sem dúvida, conviria fazê-lo. Como, porém, responder em detalhes a milhares de cartas por ano, quando se é obrigado a fazer tudo pessoalmente e não se tem um secretário para ajudar? Certamente o dia não bastaria para tudo quanto temos de fazer, se não lhe consagrássemos uma parte de nossas noites.

Dito isto, como justificação pessoal, acrescentaremos a respeito da teoria da formação da Terra, contida na memória citada, bem como do estado cataléptico dos seres vivos em sua origem, que a Sociedade foi aconselhada a esperar, antes de prosseguir tais estudos, a fim de que lhe sejam apresentados documentos mais autênticos. “É preciso desconfiar” — disseram os seus guias espirituais — “das idéias sistemáticas dos Espíritos, tanto quanto dos homens, e não as aceitar levemente e sem controle, se não nos quisermos expor, mais tarde, a ver desmentido o que tivermos aceito com muita precipitação. É por nos interessarmos pelos vossos trabalhos que queremos vos manter em guarda contra um escolho em que se chocam tantas imaginações ardentes, seduzidas por aparências enganadoras. Lembrai-vos de que somente numa coisa jamais sereis enganados: é naquilo que diz respeito ao melhoramento moral dos homens; aí está a verdadeira missão dos Espíritos bons. Mas não pensem que eles

tenham o poder de vos descobrir qual é o segredo de Deus; sobretudo não acrediteis que eles estejam encarregados de vos facilitar o áspero caminho da Ciência, uma vez que esta não é adquirida senão à custa de trabalho e pesquisas assíduas. Quando chegar o momento de revelar uma descoberta útil à humanidade, procuraremos o homem capaz de conduzi-la a bom termo, inspirar-lhe-emos a ideia de se ocupar com ela e lhe deixamos todo o mérito. Mas onde estaria o trabalho e o mérito, se lhe bastasse pedir aos Espíritos o meio de adquirir, sem esforço, ciência, honras e riquezas? Sede, pois, prudentes, e não enveredeis por um caminho onde só teríeis decepções e que em nada contribuiria para o vosso adiantamento. Os que nele se deixarem arrastar reconhecerão, um dia, quanto estavam enganados e lamentarão por não haverem empregado melhor o tempo.”

Tal é o resumo das instruções que tantas vezes os Espíritos têm dado a nós e à Sociedade. Por experiência, chegamos, mesmo, a lhes reconhecer a sabedoria. Eis por que as comunicações relativas às pesquisas científicas só têm para nós uma importância secundária. Não as repelimos; acolhemos tudo quanto nos é transmitido, porque em tudo há alguma coisa a aprender, mas não o aceitamos senão sob a condição de verificá-lo previamente, guardando-nos de lhe emprestar uma fé cega e irrefletida: observamos e esperamos. O Sr. Jobard, que é um homem positivo e de grande bom senso, compreenderá melhor que ninguém que esta é a melhor maneira para nos preservarmos do perigo das utopias. Certamente não seremos nós os acusados de querer ficar na retaguarda, mas queremos evitar pisar em falso e tudo quanto pudesse comprometer o crédito do Espiritismo, dando prematuramente como verdades incontestáveis o que é ainda hipotético.

Pensamos que estas observações serão igualmente apreciadas por outras pessoas que, por certo, compreenderão o inconveniente de antecipar o momento para certas publicações. A experiência lhes mostrará a necessidade de nem sempre levarem em consideração a impaciência de certos Espíritos. Os Espíritos verdadeiramente superiores — e não nos referimos aos que se dão por

tais — são muito prudentes, virtude que constitui um dos caracteres pelos quais podemos reconhecê-los.

## Dissertações espíritas

Recebidas ou lidas na Sociedade por diversos médiuns

### DEVANEIO

Vou contar-te uma história do outro mundo, onde me encontro. Imagina um céu azul, um mar calmo e verde, rochedos bizarramente talhados; nenhuma vegetação, a não ser os pálidos líquens agarrados às fendas das pedras. Eis a paisagem. Como simples romancista, não posso comprazer-me em te dar mais detalhes. Para povoar este mar, estes rochedos, só se achava um poeta, sentado, sonhando, refletindo em sua alma, como num espelho, a suave beleza da natureza, que não falava menos ao coração do que aos olhos. Este poeta, este sonhador, era eu. Onde? Quando se passa a minha história? Que importa!

Assim eu escutava, olhava, comovido e trespassado pelo encanto impenetrável da grande solidão. De repente vi surgir uma mulher, de pé, no penacho do rochedo. Era alta, morena e pálida. Os longos cabelos negros flutuavam sobre o vestido branco. Olhava direto em frente, com estranha firmeza. Eu me havia levantado, extasiado de admiração, porque aquela mulher, florescendo de repente no rochedo, parecia o próprio devaneio, o divino devaneio, que tantas vezes eu havia evocado com singular enlevo. Aproximei-me. Sem se mover, estendeu o braço nu e soberbo para o mar e, como que inspirada, cantou com voz suave e lamentosa. Eu a ouvia, assaltado por uma tristeza mortal, e repetia mentalmente as estrofes que deslizavam de seus lábios, como de uma fonte viva. Então ela se voltou para mim e fui como que envolvido pela sombra de suas alvas vestes.

— Amigo — disse ela —, escuta-me. Menos profundo é o mar de ondas inconstantes, menos implacáveis são os rochedos do que o amor, o cruel amor que dilacera um coração de poeta. Não

escutes a sua voz, que se apodera de todas as seduções da onda, do ar, do sol, para estreitar, penetrar e queimar sua alma, que treme e deseja sofrer o mal do amor.

Assim falava. Eu a ouvia e sentia o coração fundir-se numa divina ebriedade. Desejaria aniquilar-me no hálito puro que emanava de sua boca.

— Não — continuou ela —, amigo, não lutes contra o gênio que te domina. Deixa-te levar em suas ardentes asas pelas esferas riosas. Esquece, esquece a paixão que te fará rastejar, a ti, águia destinada aos píncaros elevados. Escuta as vozes que te chamam aos celestes concertos. Alça o teu voo, ave sublime; o gênio é solitário. Marcado pelo selo divino, não podes tornar-te escravo de uma mulher.

Ela falava, a sombra avançava e o mar, de verde que era, tornara-se negro; o céu se vestia de trevas e os rochedos se perfilavam sinistros. Mais riosa ainda, parecia coroar-se de estrelas, que acendiam suas luzes cintilantes, enquanto sua túnica, alva como a espuma que açoitava a praia, desdobrava-se em pregas imensas.

— Não me deixes — disse-lhe eu finalmente. — Leva-me em teus braços; deixa que teus negros cabelos sirvam de laço para me reterem cativo; deixa-me viver em tua luz ou morrer à tua sombra.

— Vem, então — retomou ela com voz clara, embora parecesse distante. — Vem, já que preferes o devaneio, que entorpece o gênio, ao gênio, que esclarece os homens. Vem, não te deixarei mais, e, feridos pelo golpe mortal, seguiremos enlaçados, como o grupo de Dante. Não temas que te abandone, ó meu poeta! O devaneio te consagra para a desgraça e para o desdém dos homens, que só bendirão teus cantos quando não mais se sentirem irritados ante o esplendor de teu gênio.

Então senti que poderoso abraço me levantava do solo. Nada mais vi, a não ser as néveas vestes a me envolverem como uma

auréola. E fui arrebatado pelo poder do devaneio, que me separava para sempre dos homens.

ALFRED DE MUSSET

## SOBRE OS TRABALHOS DA SOCIEDADE

Falarei da necessidade de ser observada maior regularidade nas vossas sessões, isto é, de evitar-se toda confusão, toda divergência de ideias. A divergência favorece a substituição dos Espíritos bons pelos maus e, quase sempre, são estes que primeiro se apoderam das perguntas feitas. Por outro lado, numa reunião composta de elementos diversos, e desconhecidos uns dos outros, como evitar as ideias contraditórias, as distrações, ou, pior ainda, uma vaga e zombeteira indiferença? Eu gostaria de encontrar um meio eficaz e certo para isso. Talvez esteja na concentração dos fluidos espalhados em redor dos médiuns. Somente eles, sobretudo os que são amados, retêm os Espíritos bons na sessão. Sua influência é suficiente para dissipar a turba dos Espíritos brincalhões. O trabalho de exame das comunicações é excelente. Não seria demais que se aprofundassem as perguntas e, principalmente, as respostas. O erro é fácil, mesmo para os Espíritos animados das melhores intenções. A lentidão da escrita, durante a qual o Espírito se desvia do assunto, que esgota tão logo o concebe; a imobilidade e a indiferença por certas formas convencionais, todas essas razões e muitas outras vos devem levar apenas a uma confiança limitada, e sempre subordinada ao exame, mesmo quando se trata das mais autênticas comunicações.

Dito isto, que Deus tome sob a sua santa guarda todos os verdadeiros espíritos.

GEORGES (ESPÍRITO FAMILIAR)

AVISO – A segunda edição de *O livro dos espíritos*, publicada em março de 1860, esgotou-se em quatro meses. A terceira edição acaba de ser lançada.

ALLAN KARDEC

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

OUTUBRO DE 1860

Nº 10

## AVISO

*Os escritórios da Revista Espírita e o domicílio particular do Sr. Allan Kardec foram transferidos para a rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.*

## Resposta do Sr. Allan Kardec à Gazette de Lyon

Sob o título de *Uma sessão espírita*, a *Gazette de Lyon*, em seu número de 2 de agosto de 1860, publicou o artigo seguinte, ao qual o Sr. Allan Kardec, durante sua visita a Lyon, deu a resposta que vai mais adiante, embora aquele jornal ainda não se tenha dignado a reproduzi-lo.

“São chamados de espíritas certos alucinados que, não obstante haverem rompido com todas as crenças religiosas de seu tempo e de seu país, pretendem entrar em relação com os Espíritos.

Concebido das mesas girantes, o Espiritismo não passa de uma das mil formas desse estado patológico em que pode cair o

cérebro humano, quando se deixa levar por essas mil e uma aberrações de que a Antiguidade, a Idade Média e os tempos atuais não deixaram de dar muitos exemplos.

Condenadas prudentemente pela Igreja Católica, todas essas pesquisas misteriosas, que escapam ao domínio dos fatos positivos, não têm outro resultado senão produzir a loucura nos que delas se ocupam, supondo que este estado de loucura já não tenha passado ao estado crônico no cérebro dos adeptos, o que está longe de ser demonstrado.

Os espíritas têm um jornal em Paris e basta ler algumas passagens para nos certificarmos de que em nada exageramos. A inépcia das perguntas dirigidas aos Espíritos evocados só é comparável à estupidez de suas respostas e, com razão, é permitido dizer-lhes que não vale a pena voltar do outro mundo para falar tantas tolices.

Enfim, essa nova loucura, copiada dos antigos, acaba de abater-se sobre nossa cidade. Lyon possui espíritas e é em casa de simples tecelões que os Espíritos se dignam manifestar-se.

O *antro* de Trophonius está situado (*sic*) numa oficina; o sumo sacerdote do lugar é um tecelão de seda e sua esposa é a sibila; os adeptos são, em geral, operários, pois ali não são recebidos facilmente os que, pelo seu exterior, possam denunciar muita inteligência. Os Espíritos só se dignam manifestar-se aos *simples*. Provavelmente foi isso que nos valeu para sermos admitidos naquele lugar.

Convidado a assistir a uma das reuniões hebdomadárias dos espíritas lioneses, entramos numa oficina onde se achavam quatro teares, um dos quais parado. Ali, entre as quatro forcas dessas máquinas, a sibila sentou-se à frente de uma mesa quadrada, sobre a qual havia um caderno e, ao lado, uma pena de *ganso*. Notai bem que dissemos uma pena de *ganso*, e não uma pena metálica, pois os Espíritos têm horror aos metais.

Vinte a vinte e cinco pessoas de ambos os sexos, inclusive este vosso servo, formavam um círculo em torno da mesa.

Depois de um pequeno *speech*<sup>59</sup> do sumo sacerdote sobre a natureza dos Espíritos, tudo num estilo que deveria encantar os *Espíritos*, devido à sua... *simplicidade*, começaram as perguntas.

Aproxima-se um rapaz e pergunta à sibila por que, oito dias antes dos combates, fosse na Crimeia ou na Itália, ele sempre se via chamado a outro lugar?

A inspirada — é o nome que lhe dão —, tomando a pena de ganso, a movimentava sobre o papel, no qual traça sinais cabalísticos e depois pronuncia esta fórmula: '*Meu Deus, fazei-me a graça de nos esclarecer neste assunto.*' A seguir acrescenta: 'Leio a seguinte resposta: É que estais destinado a viver para instruir e esclarecer vossos irmãos.'

Evidentemente, é um adepto influente que querem conquistar para a causa. Além disso, foi soldado, talvez um ex-zuavo; não vamos criar caso; prossigamos.

Um outro jovem se aproxima por sua vez e pergunta se o Espírito de seu pai o acompanhou e protegeu nos combates.

Resposta: Sim.

Abordamos o jovem à parte e lhe perguntamos desde quando seu pai estava morto.

— Meu pai não está morto — respondeu ele.

A seguir apresenta-se um velho e pergunta — notai bem a sutileza da pergunta, imitada de Tarquínio, o Antigo — se o que ele pensa foi o motivo pelo qual seu pai lhe deu o nome de João.

<sup>59</sup> Nota do tradutor: Discurso, fala introdutória.

Resposta: — Sim.

Um velho soldado do primeiro império pergunta em seguida se os Espíritos dos soldados do velho império não acompanharam nossos jovens soldados à Crimeia e à Itália.

Resposta: — Sim.

A seguir, uma pergunta supersticiosa é feita por uma senhora: Por que sexta-feira é um dia de mau agouro?

A resposta não se fez esperar e, por certo, merece que se tome cuidado, por causa de várias obscuridades históricas que ela deixa de lado. — É — respondeu a inspirada — porque Moisés, Salomão e Jesus Cristo morreram nesse dia.

Um jovem operário lionês, a julgar por seu sotaque, deseja ser esclarecido sobre um fato maravilhoso. — Certa noite — diz ele — minha mãe sentiu um rosto que tocava o seu; desperta a mim e a meu pai, procuramos por toda parte e nada encontramos. De repente, porém, um de nossos *teares* se põe a bater; ao nos aproximarmos, ele para. Um outro também se põe a bater, na extremidade da oficina. Estávamos apavorados e tudo ficou pior quando vimos todos trabalhando ao mesmo tempo, sem que percebêssemos ninguém.

— É o vosso avô — respondeu a sibila — que vem pedir preces.

Ao que o rapaz respondeu com um ar que lhe devia garantir fácil acesso ao santuário:

— É isso mesmo. Pobre velho! Tinham-lhe prometido missas, que não foram celebradas.

Outro operário pergunta por que, diversas vezes, o fiel de sua balança se movia sozinho.

— É um Espírito batedor — responde a inspirada — que produziu o fenômeno.

— Muito bem — responde o operário —; fiz cessar o prodígio, pondo um pedaço de chumbo no prato mais leve.

— É muito simples — continuou a adivinha —, os Espíritos têm horror ao chumbo, devido à *miragem*.

Todos querem saber o significado da palavra miragem.

Aí se detém o poder da sibila: — Deus não quer explicar isto, diz ela, *nem mesmo a mim!*

Era uma razão considerável, ante a qual todos se inclinaram.

Então o sumo sacerdote, prevendo objeções interiores, tomou a palavra e disse:

— Sobre esta questão, senhores, devemos abster-nos, porque seríamos arrastados a outras perguntas científicas que não podemos resolver.

Nesse momento as perguntas se multiplicavam e se cruzavam:

— Se os sinais que nos aparecem no céu desde algum tempo (os cometas) são os de que fala o Apocalipse?

Resposta: — Sim; e em 140 anos o mundo não mais existirá.

— Por que Jesus Cristo disse que sempre haveria pobres?

Resposta: — Jesus Cristo quis falar dos pobres de espírito; para estes, Deus acaba de preparar um globo especial.

Não realçaremos toda a importância de semelhante resposta. Quem não compreende quão felizes serão os nossos descendentes quando não mais tiverem de temer o contato com os pobres de Espírito? Quanto aos outros, a resposta da sibila felizmente deixa supor que seu reinado terminou. Boa notícia para os economistas, a quem o problema do pauperismo impede de dormir.

Para terminar, aproxima-se uma mulher entre 40 e 50 anos, e pergunta se seu Espírito já foi encarnado e quantas vezes?

Como eu, ficaríeis muito embaraçado para responder. Mas os Espíritos têm resposta para tudo:

— Sim — responde a pena de ganso —, foi três vezes: a primeira, como filha natural de uma *respeitável* princesa russa (esse *respeitável*, próximo da palavra precedente, me intriga); a segunda, como filha legítima de um trapeiro da Boêmia; e a terceira, ela o sabe...

Esperamos baste essa amostra de uma sessão de espíritas lioneses para demonstrar que os *Espíritos* de Lyon valem bem os de Paris.

Mas, perguntamos, não seria o caso de impedir que pobres loucos se tornassem ainda mais loucos?

Outrora a Igreja era bastante poderosa para impor silêncio a semelhantes divagações. Talvez ela castigasse em demasia, é verdade, mas detinha o mal. Hoje, considerando-se que a autoridade religiosa é impotente, que o bom senso não tem bastante poder para fazer justiça a tais alucinações, não deveria a outra autoridade intervir neste caso, pondo fim a práticas cujo menor inconveniente é tornar ridículos os que delas se ocupam?"

C. M.

Resposta do sr. Allan Kardec ao senhor redator da Gazette de Lyon

Senhor,

Enviaram-me um artigo, assinado por C. M., que publicastes na *Gazette de Lyon* de 2 de agosto de 1860, com o título *Uma sessão espírita*. Nesse artigo, se não sou atacado senão indiretamente, eu o sou na pessoa de todos os que partilham de minhas convicções. Isto, porém, nada representaria, se vossas palavras não tendessem a falsear a opinião pública sobre o princípio e as consequências das práticas espíritas, cobrindo de ridículo e censurando os que as professam, e que apontais à vindita legal. Peço-vos permissão para fazer algumas retificações a respeito, esperando de vossa imparcialidade que publiqueis minha resposta, já que julgastes por bem publicar o ataque.

Não penseis, senhor, que eu tenha o objetivo de vos convencer, nem de retribuir injúria por injúria. Sejam quais forem as razões que vos impeçam de partilhar de nossa maneira de ver, não cogito em procurá-las, e as respeito, se forem sinceras. Só reclamo a reciprocidade praticada entre gente que sabe conviver. Quanto aos epítetos incivis, não é de meu costume utilizá-los.

Se tivésseis discutido seriamente os princípios do Espiritismo; se a eles tivésseis oposto quaisquer argumentos, bons ou maus, eu teria podido vos responder. Mas como toda a vossa argumentação se restringe a nos qualificar de *imbecis*, não me cabe discutir convosco se tendes ou não razão. Limito-me, pois, a destacar aquilo que as vossas asserções têm de inexato, fora de todo personalismo.

Não basta dizer às pessoas que não pensam como nós que elas são imbecis: isto está ao alcance de qualquer um. É necessário demonstrar-lhes que estão erradas. Mas como fazê-lo? Como entrar no cerne da questão, se não se conhece a sua primeira palavra? Ora, creio seja o caso em que vos encontrais, pois do contrário teríeis empregado melhores armas que a acusação banal de estupidez.

Quando vos tiverdes dado ao estudo do Espiritismo o tempo moral necessário — e vos previno que é preciso bastante; quando tiverdes lido tudo quanto puder fundamentar a vossa opinião, aprofundado em todas as questões, assistido, como observador *consciencioso e imparcial*, a alguns milhares de experiências, vossa crítica terá algum valor. Até lá, não passa de uma opinião pessoal, que em nada se apoia e a respeito da qual podeis, palavra por palavra, ser pilhado em flagrante delito de ignorância. O começo de vosso artigo é uma prova.

Dizeis: “*São chamados de espíritas certos alucinados que romperam com todas as crenças religiosas de sua época e de seu país.*” Sabeis, senhor, que esta acusação é muito grave, e tanto mais grave quanto é, ao mesmo tempo, falsa e caluniosa? O Espiritismo baseia-se inteiramente sobre o dogma da existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade após a morte, sua imortalidade, as penas e recompensas futuras. Não apenas sanciona essas verdades pela teoria; é de sua essência prová-las de maneira patente. Eis por que tanta gente, que em nada acreditava, foi reconduzida às ideias religiosas. Toda a sua moral se resume no desenvolvimento destas máximas do Cristo: Praticar a caridade, pagar o mal com o bem, ser indulgente para com o próximo, perdoar aos inimigos; numa palavra, agir com os outros como gostaríamos que eles agissem conosco. Então achais estas ideias tão estúpidas? Terão rompido com toda crença religiosa os que se apoiam sobre as próprias bases da religião? Não, direis, mas basta ser católico para ter tais ideias. Tê-las, vá; mas praticá-las é outra coisa, ao que parece. É muito evangélico para vós, católico, insultar pessoas simples, que nunca vos fizeram mal, que não conheceis e que tiveram bastante confiança em vós para vos receber entre elas? Admitamos que estejam erradas; será cobrindo-as de injúria e as irritando que as reconduzireis?

Vosso artigo contém um erro de fato que, mais uma vez, prova a vossa ignorância em matéria de Espiritismo. Dizeis: *Os adeptos, em geral, são operários.* Sabei então, senhor, para vosso governo, que, dos cinco ou seis milhões de espíritas que existem atualmente, a quase totalidade pertence às classes mais esclarecidas

da sociedade; entre seus aderentes, conta grande número de médicos em todos os países, advogados, magistrados, homens de letras, altos funcionários, oficiais de todas as patentes, artistas, sábios, negociantes etc., pessoas que levemente colocais entre os ineptos. Mas deixemos isso de lado. As palavras *insulto e injúria* vos parecem muito fortes? Vejamos.

Pesastes bem o alcance de vossas palavras quando, depois de ter dito que os adeptos geralmente são operários, acrescentais, a propósito das reuniões lionesas: *pois ali não são recebidos facilmente os que, pelo seu exterior, possam denunciar muita inteligência. Os Espíritos só se dignam manifestar-se aos simples. Provavelmente foi isso que nos valeu para sermos admitidos naquele lugar.* E, mais adiante, esta outra frase: *Depois de um pequeno speech do sumo sacerdote sobre a natureza dos Espíritos, tudo num estilo que deveria encantar os Espíritos, devido à sua simplicidade, começaram as perguntas.* Não me recordo das facécias relativas à pena de *ganso*, da qual, em vossa opinião, o médium se servia, nem de outras coisas, também assaz espirituosas; falo mais seriamente. Só farei uma simples observação: vossos olhos e ouvidos vos serviram muito mal, porquanto o médium de quem falais não se serve de pena de *ganso*, e tanto a forma quanto o fundo da maioria das perguntas e das respostas que referis em vosso artigo são pura invenção. São, pois, pequenas calúnias, por meio das quais quisestes fazer brilhar a vossa inteligência.

Assim, segundo pensais, para ser admitido nessas reuniões de operários é preciso ser operário, isto é, desprovido do bom senso, e ali só fostes introduzido porque certamente vos tomaram por um tolo. É provável que vos teriam fechado a porta, se vos tivessem julgado com bastante espírito para inventar coisas que não existem.

Já pensastes, senhor, que não atacais apenas os espíritos, mas toda a classe operária e, em particular, a de Lyon? Esqueceis que são esses mesmos operários, esses *tecelões*, como dizeis com afetação, que fazem a prosperidade de vossa cidade, por meio de sua indústria?

Teriam sido criaturas sem valor moral os operários que produziram Jacquard? De onde saíram em bom número os vossos fabricantes, que adquiriram sua fortuna com o suor do rosto e graças à ordem e à economia? Não é insultar o trabalho comparar seus teares a *forças* ignóbeis? Ridicularizai-lhes a linguagem e vos esqueceis de que o seu ofício não lhes permite fazer discursos acadêmicos. Será necessária uma franqueza excessiva para dizer o que se pensa? Vossas palavras, senhor, não são apenas levianas — emprego esta palavra por consideração —, elas são imprudentes. Se algum dia Deus vos reservou dias nefastos, orai a Ele para que os tecelões de Lyon não se lembrem disto. Os que são espíritas esquecerão, porque a caridade o ordena. Assim, fazei votos para que todos o sejam, uma vez que é no Espiritismo que eles haurem os princípios de ordem social, de respeito à propriedade e de sentimentos religiosos.

Sabeis o que fazem os operários espíritas lioneses, que tratais com tanto desprezo? Em vez de se desequilibrarem num cabaré, ou de se alimentarem em doutrinas subversivas e quiméricas, nessa oficina que por irrisão comparais ao antro de Trophonius, em meio a esses teares de quatro forças, *eles pensam em Deus*. Eu os vi durante minha estada aí; conversei com eles e me convenci do seguinte: entre eles muitos maldiziam seu trabalho penoso; hoje o aceitam com a resignação do cristão, como uma prova; muitos viam com ciúme e inveja a sorte dos ricos; hoje sabem que a riqueza é uma prova ainda mais perigosa que a da miséria, e que o infeliz que sofre e não cede à tentação é o verdadeiro eleito de Deus; sabem que a verdadeira felicidade não está no supérfluo e que aqueles que são chamados os felizes deste mundo também padecem cruéis angústias, que o ouro não acalma. Muitos se riam da prece; hoje oram e reencontraram o caminho da igreja, que tinham esquecido, porque outrora não acreditavam em nada e agora creem; vários teriam sucumbido no desespero; hoje, que conhecem a sorte dos que voluntariamente abreviam a vida, resignam-se à vontade de Deus, pois sabem que têm uma alma, do que antes não estavam certos. Enfim, por saberem que estão apenas de passagem na Terra e que a Justiça de Deus não falha para ninguém.

Eis aí, senhor, o que sabem e o que fazem esses *ineptos*, como os chamais. Talvez se exprimam numa linguagem ridícula, trivial aos olhos de um homem de espírito como vós, mas aos olhos de Deus o mérito está no coração, e não na elegância das frases.

Noutro lugar dizeis: *Outrora a Igreja era bastante poderosa para impor silêncio a semelhantes divagações. Talvez ela castigasse em demasia, é verdade, mas detinha o mal. Hoje, considerando-se que a autoridade religiosa é impotente, não deveria a outra autoridade intervir neste caso?* Com efeito, ela queimava. É realmente lamentável que não haja mais fogueiras. Oh! deploráveis efeitos do progresso das luzes!

Não tenho por hábito responder às diatribes. Se só se tratasse de mim, eu nada teria dito, mas, a propósito de uma crença de que me orgulho de professar, porque é uma crença eminentemente cristã, ridicularizais pessoas honestas e laboriosas, porque são iletradas, esquecendo que o próprio Jesus era operário; vós as excitaes por palavras irritantes; reclamais contra elas os rigores da autoridade civil e religiosa, quando são pacíficas e compreendem o vazio das utopias com que foram embaladas e que vos metem medo. Tive de lhes tomar a defesa, lembrando os deveres que a caridade impõe e dizendo-lhes que, se outros não cumprem suas obrigações, isso não é razão para se afastarem do caminho reto. Aí estão, senhor, os conselhos que lhe dou; são também os que lhe dão os Espíritos que cometem a tolice de se dirigirem a pessoas simples e ignorantes, e não a vós. É que, provavelmente, sabem que serão mais escutados. A propósito, poderíeis dizer-me por que Jesus escolheu seus apóstolos entre o povo, e não entre os homens de letras? Sem dúvida porque na época não havia jornalistas para lhe dizerem o que Ele devia fazer.

Direis, sem dúvida, que vossa crítica só atinge a crença nos Espíritos e em suas manifestações, e não os princípios sagrados da Religião. Estou certo disto. Mas, então, por que dissestes que os espíritas romperam com todos os princípios religiosos? É que não sabíeis em que eles se apoiam. No entanto, vistes um médium orar com recolhimento, e vós, católico, ristes de uma pessoa que orava!

Provavelmente não sabeis, também, o que são os Espíritos. Os Espíritos nada mais são que a alma dos que viveram; almas e Espíritos são, pois, uma única e mesma coisa, de modo que negar a existência dos Espíritos é negar a alma. Admitir a alma, sua sobrevivência, sua individualidade, é admitir os Espíritos. Toda a questão, portanto, se resume em saber se, após a morte, a alma pode manifestar-se aos vivos. Os livros sagrados e os pais da Igreja o reconheciam. Se os Espíritos estão errados, essas autoridades também se enganaram. Para prová-lo, é preciso demonstrar não por uma simples negativa, mas por razões peremptórias:

1º) que o ser que pensa em nós durante a vida não pode mais pensar após a morte;

2º) que, se pensa, não deve mais pensar naqueles que amou;

3º) que, se pensa nos que amou, não deve mais querer comunicar-se com eles;

4º) que, se pode estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

5º) que, se está ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco.

Se conhecêsseis o estado dos Espíritos, sua natureza e, se assim me posso exprimir, sua constituição fisiológica, tal como eles no-la descrevem e tal qual a observação nos confirma, saberíeis que Espírito e alma, sendo uma única e mesma coisa, só há de menos no Espírito o corpo, de que se despoja ao morrer, restando-lhe, porém, um invólucro etéreo, que para ele constitui um corpo fluídico, com o auxílio do qual pode, em certas circunstâncias, tornar-se visível. É o que ocorre nos casos de aparições, que a própria Igreja admite perfeitamente, tendo em vista que de alguns faz artigos de fé. Dada esta base, às proposições precedentes acrescentarei as seguintes, pedindo-vos provar:

6º) que, por seu envoltório fluídico, o Espírito não pode agir sobre a matéria inerte;

7º) que, se pode agir sobre a matéria inerte, não pode agir sobre um ser animado;

8º) que, se pode agir sobre um ser animado, não pode dirigir sua mão para fazê-lo escrever;

9º) que, podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas e lhe transmitir seu pensamento.

Quando tiverdes demonstrado que tudo isto é impossível, por meio de raciocínios tão patentes quanto aqueles pelos quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira, então vossa opinião poderá ser levada em consideração.

Objetareis, sem dúvida, que em suas comunicações os Espíritos dizem, algumas vezes, coisas absurdas. Isto é verdade; e fazem mais: por vezes dizem grosserias e impertinências. É que, deixando o corpo, o Espírito não se despoja imediatamente de todas as suas imperfeições. É, pois, provável que aqueles que dizem coisas ridículas como Espíritos as disseram ainda mais ridículas quando estavam entre nós. Daí por que não aceitamos mais cegamente tudo que vem da parte deles do que o que vem da parte dos homens. Como, porém, não tenho a intenção de dar um curso, vou parar aqui. A mim bastou provar que tínheis falado do Espiritismo sem conhecê-lo.

Aceitai, senhor, minhas respeitosas saudações.

ALLAN KARDEC

# Banquete oferecido pelos espíritas lioneses ao Sr. Allan Kardec

(19 de setembro de 1860)

Nesta reunião íntima e familiar, um dos membros, Sr. Guillaume, houve por bem expor os sentimentos dos espíritas lioneses na alocução que segue. Lendo-a, compreenderão que devemos ter hesitado em publicá-la na *Revista*, malgrado o desejo que nos foi expresso. Assim, não foi senão cedendo a instâncias que concordamos, temendo, por outro lado, que a recusa pudesse ser interpretada como falta de reconhecimento aos testemunhos de simpatia que recebemos. Rogamos, pois, aos leitores, que façam abstração da pessoa, vendo, nessas palavras, apenas uma homenagem prestada à Doutrina.

“Ao Sr. Allan Kardec; ao zeloso propagador da Doutrina Espírita!

É graças à sua coragem, às suas luzes e à sua dedicada perseverança que devemos a felicidade de estar hoje reunidos neste banquete simpático e fraterno.

Que todos os espíritas lioneses jamais esqueçam que, se têm a felicidade de sentir-se melhorados, apesar de todas as influências perniciosas que muitas vezes desviam o homem da senda do bem, devem-no a *O livro dos espíritos*.

Se sua existência se suavizou, se seu coração está mais depurado e mais afetuoso, se dele expulsaram a cólera e a vingança, devem-no a *O livro dos espíritos*.

Se, na vida privada, suportam com coragem os revezes da fortuna; se repelem todos os meios baseados na astúcia e na mentira

para adquirir os bens terrenos, devem-no a *O livro dos espíritos*, que os fez compreender a prova e acendeu-lhes a luz que dissipa as trevas.

Se um dia, que talvez não esteja longe, os homens se tornarem humanos, fraternos e dedicados a uma mesma fé; se, para eles, a caridade não mais for uma palavra vã, isso ainda deverão a *O livro dos espíritos*, ditado pelos melhores dentre eles ao Sr. Allan Kardec, escolhido para espalhar a luz.

À união sincera dos espíritas lioneses! À Sociedade Espírita Parisiense, cuja irradiação a todos esclareceu, verdadeira sentinela avançada, incumbida de desbravar a estrada difícil do progresso! Paris é o cérebro do Espiritismo, como Lyon merece, por sua união, seu trabalho, suas luzes e seu amor, ser o seu coração.

Quando o coração e o espírito estiverem unidos na mesma fé, para alcançar o mesmo objetivo, logo só haverá na França irmãos amorosos e dedicados. Cresçamos, pois, pela união no amor, e em breve os nossos sentimentos, os nossos princípios cobrirão o mundo inteiro. O Espiritismo, senhoras e senhores, é o único meio para chegarmos prontamente ao reino de Deus.

Honra à Sociedade Espírita Parisiense! Honra ao Sr. Allan Kardec, o fundador e o primeiro elo da grande corrente espírita!”

GUILLAUME

Resposta do sr. Allan kardec

Senhoras, senhores, e todos vós, meus caros e bons irmãos em Espiritismo.

A acolhida tão amiga e benévola que recebo entre vós, desde a minha chegada, seria bastante para me encher de orgulho, se eu não compreendesse que tais testemunhos se dirigem menos à pessoa do que à Doutrina, da qual não passo de um dos mais humildes

operários; é a consagração de um princípio e me sinto duplamente feliz, porque esse princípio deve um dia assegurar a felicidade do homem e o repouso da sociedade, quando for bem compreendido e, melhor ainda, bem praticado. Seus adversários só o combatem porque não o compreendem. Cabe a nós, aos verdadeiros espíritas, aos que veem no Espiritismo algo além de experiências mais ou menos curiosas, fazê-lo compreendido e espalhado, tanto pregado pelo exemplo quanto pela palavra. *O livro dos espíritos* teve como resultado fazer ver o seu alcance filosófico. Se esse livro tem algum mérito, seria presunção minha orgulhar-me disso, porquanto a Doutrina que encerra não é criação minha. Toda honra do bem que ele fez pertence aos sábios Espíritos que o ditaram e quiseram servir-se de mim. Posso, pois, ouvir o elogio, sem que seja ferida a minha modéstia e sem que o meu amor-próprio por isso fique exaltado. Se eu quisesse prevalecer-me disto, por certo teria reivindicado a sua concepção, em vez de atribuí-la aos Espíritos; e se pudesse duvidar da superioridade daqueles que cooperaram, bastaria considerar a influência que ele exerceu em tão pouco tempo, só pelo poder da lógica, sem contar com nenhum dos meios materiais próprios para superexcitar a curiosidade.

Seja como for, senhores, a cordialidade do vosso acolhimento para mim será um poderoso estímulo na tarefa laboriosa que empreendi e da qual fiz a razão de minha vida, pois me dá a certeza consoladora de que os homens de coração já não são tão raros neste século material, como se comprazem em afirmar. Os sentimentos que em mim fazem nascer esses testemunhos benevolentes são mais bem compreendidos do que expressos, e o que lhes dá, aos meus olhos, um valor inestimável, é que não têm por móvel nenhuma consideração pessoal. Agradeço-vos do fundo do coração, em nome do Espiritismo e, sobretudo, em nome da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, que ficará feliz com as demonstrações de simpatia com que vos dignais de lhe dar, e orgulhosa de contar em Lyon tão grande número de bons e leais confrades. Permiti-me descrever, nalgumas palavras, as impressões que levo de minha breve passagem entre vós.

A primeira coisa que me impressionou foi o número de adeptos. Eu bem sabia que Lyon os contava em grande número, mas estava longe de suspeitar que fosse tão considerável, pois são contados às centenas e logo, espero, não se poderá mais contá-los. Mas se Lyon se distingue pelo número, não o faz menos pela qualidade, o que é ainda melhor. Por toda parte só encontrei espíritas sinceros, que compreendem a Doutrina sob seu verdadeiro ponto de vista.

Há, senhores, três categorias de adeptos: os que se limitam a acreditar na realidade das manifestações e que, antes de mais, buscam os fenômenos. Para eles, o Espiritismo é uma série de fatos mais ou menos interessantes.

Os segundos veem algo mais do que fatos; compreendem o seu alcance filosófico; admiram a moral que dele resulta, mas não a praticam. Para eles, a caridade moral é uma bela máxima, e eis tudo.

Os terceiros, enfim, não se contentam em admirar a moral: praticam-na e aceitam todas as suas consequências. Bem convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar esses curtos instantes para marchar na senda do progresso que lhes traçam os Espíritos, esforçando-se por fazer o bem e reprimir suas inclinações más. Suas relações são sempre seguras, porque suas convicções os afastam de todo pensamento do mal. Em tudo a caridade lhes é regra de conduta. São estes os *verdadeiros espíritas*, ou melhor, os *espíritas cristãos*.

Muito bem, senhores! Eu vos digo com satisfação que aqui não encontrei nenhum adepto da primeira categoria. Em parte alguma vi se ocuparem do Espiritismo por mera curiosidade, ou se servirem das comunicações para assuntos fúteis. Em toda parte o objetivo é nobre, as intenções honestas e, a crer no que vejo e no que me dizem, há muitos da terceira categoria. Honra, pois, aos espíritas lioneses, por haverem tão generosamente penetrado essa via progressiva, sem a qual o Espiritismo não teria objetivo! Tal

exemplo não será perdido; terá suas conseqüências e não foi sem razão, bem o vejo, que outro dia os Espíritos me responderam, por um dos vossos médiuns mais dedicados, conquanto um dos mais obscuros, quando eu lhes exprimia a minha surpresa: *“Por que te admirar? Lyon foi a cidade dos mártires. A fé aqui é viva; ela fornecerá apóstolos ao Espiritismo. Se Paris é o cérebro, Lyon será o coração.”* A coincidência desta resposta com a que vos foi dada precedentemente, e que o Sr. Guillaume acaba de recordar em sua alocução, tem algo de muito significativo.

A rapidez com que a Doutrina propagou-se nos últimos tempos, apesar da oposição que ainda encontra, ou, talvez, por isso mesmo, pode fazer prever-lhe o futuro. Por uma questão de prudência, evitemos tudo quanto possa produzir uma impressão desagradável e — não digo perder uma causa já assegurada — retardar-lhe o desenvolvimento. Sigamos nisto os conselhos dos sábios Espíritos e não esqueçamos que, neste mundo, muitos sucessos foram comprometidos por excessiva precipitação. Também não nos esqueçamos de que nossos inimigos do outro mundo, assim como os deste, podem procurar arrastar-nos por um caminho perigoso.

Houvestes por bem me pedir alguns conselhos e para mim é um prazer vos dar aqueles que a experiência poderá sugerir-me. Não será mais que uma opinião pessoal, que vos convido a ponderar com a vossa sabedoria e da qual fareis o uso que vos parecer conveniente, pois não tenho a pretensão de me impor como árbitro absoluto.

Tínheis a intenção de formar uma grande sociedade. A respeito já vos disse a minha maneira de pensar, de sorte que me limito a resumi-la aqui.

Sabe-se que as melhores comunicações são obtidas em reuniões pouco numerosas,<sup>60</sup> sobretudo naquelas em que reinam harmonia e comunhão de sentimentos. Ora, quanto maior for o

---

<sup>60</sup> Nota do tradutor: Vide *O livro dos médiuns*, Segunda parte, capítulo 29, especialmente o item 332.

número, mais difícil será a obtenção dessa homogeneidade. Como é impossível que no começo de uma ciência, ainda tão nova, não surjam algumas divergências na maneira de apreciar certas coisas, dessa divergência infalivelmente nasceria um mal-estar, que poderia levar à desunião. Ao contrário, os pequenos grupos serão sempre mais homogêneos; as pessoas se conhecem melhor, estão mais em família e podem ser mais bem admitidas as que desejamos. E, como em última análise, todos tendem para um mesmo objetivo, podem entender-se perfeitamente e haverão de entender-se tanto melhor quanto não haja aquele melindre incessante, que é incompatível com o recolhimento e a concentração de espírito. Os Espíritos maus, que buscam incessantemente semear a discórdia, ferindo suscetibilidades, terão sempre menos domínio num pequeno grupo do que num meio numeroso e heterogêneo. Numa palavra, a unidade de vistas e de sentimento nele será mais fácil de estabelecer.

A multiplicidade dos grupos tem outra vantagem: a de obter uma variedade muito maior de comunicações, pela diversidade de aptidão dos médiuns. Que essas reuniões parciais comuniquem reciprocamente o que elas obtêm, cada uma por seu lado, de modo que todas aproveitem os seus mútuos trabalhos. Aliás, chegará o momento em que o número de aderentes não permitirá mais uma reunião única, que deverá fracionar-se pela força das coisas. Eis por que preferível é fazer imediatamente aquilo que serão obrigados a fazer mais tarde.

Incontestavelmente, do ponto de vista da propaganda, não é nas grandes reuniões que os neófitos podem colher elementos de convicção, mas na intimidade. Há, pois, duplo motivo para preferir os pequenos grupos, que podem multiplicar-se ao infinito. Ora, vinte grupos de dez pessoas, por exemplo, indiscutivelmente obterão mais e farão mais prosélitos que uma reunião única de duzentas pessoas.

Há pouco falei das divergências que podem surgir e disse que elas não deviam criar obstáculos ao perfeito entendimento

entre os diferentes centros. Com efeito, essas divergências só podem dar-se nos detalhes, e não sobre o fundo. O objetivo é o mesmo: o melhoramento moral; o meio é o mesmo: o ensino dado pelos Espíritos. Se tal ensino fosse contraditório; se, evidentemente, um desse ser falso e o outro verdadeiro, notai bem que isto não poderia alterar o objetivo, que é conduzir o homem ao bem, para sua maior felicidade presente e futura. Ora, o bem não poderia ter dois pesos e duas medidas. Do ponto de vista científico ou dogmático é, contudo, útil ou, pelo menos, interessante, saber quem está certo e quem está errado. Pois bem! Tendes um critério infalível para apreciá-lo, quer se trate de simples detalhes, quer de sistemas radicalmente divergentes; e isto se aplica não somente aos sistemas espíritas, mas a todos os sistemas filosóficos.

Examinai, antes, o que é mais lógico, o que melhor corresponde às vossas aspirações, que melhor pode alcançar o objetivo. O mais verdadeiro será, evidentemente, aquele que explica melhor, que melhor dá a razão de tudo. Se se puder opor a um sistema um único fato em contradição com a sua teoria, é que a teoria é falsa ou incompleta. A seguir, examinai os resultados práticos de cada sistema; a verdade deve estar do lado de quem produz maior soma de bem, exerce uma influência mais salutar, produz mais homens bons e virtuosos e impele ao bem pelos motivos mais puros e mais racionais. A felicidade é o objetivo constante a que aspira o homem. A verdade estará do lado do sistema que proporciona maior soma de satisfação moral; numa palavra, que torna o homem mais feliz.

Como o ensino vem dos Espíritos, os diversos grupos, assim como os indivíduos, acham-se sob a influência de certos Espíritos que presidem aos seus trabalhos ou os dirigem moralmente. Se esses Espíritos não estiverem de acordo, a questão será saber qual o que merece mais confiança. Evidentemente, será aquele cuja teoria não pode suscitar nenhuma objeção séria; em suma, aquele que, em todos os pontos, dá mais provas de sua superioridade. Se tudo for bom, racional nesse ensino, pouco importa o nome que toma o Espírito; e, neste sentido, a questão da identidade é absolutamente

secundária. Se, sob um nome respeitável, o ensino peca pelas qualidades essenciais, podeis, sem qualquer vacilação, concluir que é um nome apócrifo e que é um Espírito impostor, ou que se diverte. Regra geral: jamais o nome é uma garantia; a única, a verdadeira garantia de superioridade é o pensamento e a maneira por que este é expresso. Os Espíritos enganadores são capazes de imitar tudo, tudo mesmo, exceto o verdadeiro saber e o verdadeiro sentimento.

Não tenho intenção, senhores, de vos dar aqui um curso de Espiritismo, e talvez esteja abusando de vossa paciência com todos esses detalhes. Entretanto, não me posso furtar a acrescentar mais algumas palavras.

Acontece muitas vezes que os Espíritos, para fazer adotar certas utopias, afetam um falso saber e tentam impô-las retirando do arsenal de palavras técnicas tudo quanto possa fascinar aquele que acredita muito facilmente. Dispõem, ainda, de um meio mais fácil, que é o de aparentar virtudes. Arrimados nas grandes palavras: caridade, fraternidade e humildade, esperam fazer passar os mais grosseiros absurdos. É isso que acontece com frequência, quando não se está prevenido; é preciso, pois, não se deixar levar pelas aparências, tanto da parte dos Espíritos quanto dos homens. Confesso: eis aí uma das maiores dificuldades. Contudo, jamais se disse que o Espiritismo fosse uma ciência fácil. Ele tem os seus escolhos, que só podem ser evitados pela experiência. Para não cair na cilada, é necessário, primeiro, guardar-se contra o entusiasmo que cega, do orgulho que leva certos médiuns a se julgarem os únicos intérpretes da verdade. É preciso tudo examinar friamente, pesar tudo maduramente, tudo controlar; e, se se desconfia do próprio julgamento, o que muitas vezes é mais prudente, é preciso reportar a outros, conforme o provérbio de que quatro olhos veem mais do que dois. Um falso amor-próprio ou uma obsessão podem, por si sós, fazer persistir uma ideia notoriamente falsa e que é repelida pelo bom senso de cada um.

Não ignoro, senhores, ter aqui muitos adversários. Isto vos espanta, e, no entanto, nada é mais verdadeiro. Sim, aqui há

os que me ouvem com indignação; não digo entre vós — graças a Deus! — onde só espero ter amigos. Quero falar dos Espíritos enganadores, que não querem que vos dê os meios de desmascará-los, porque descubro as suas astúcias e porque, pondo-vos em guarda, eu lhes tiro o domínio que poderiam ter sobre vós. A tal respeito, senhores, vos direi que seria um erro imaginar que eles não exerçam esse domínio senão sobre os médiuns. Ficai certos de que, estando em toda parte, os Espíritos agem incessantemente sobre nós, sem o sabermos, quer se seja ou não espírita ou médium. A mediunidade não os atrai; ao contrário, fornece-lhes o meio de conhecerem o inimigo, que se trai *sempre*. *Sempre*, ouvi bem, e que só abusa dos que se deixam abusar.

Isto, senhores, leva-me a completar meu pensamento sobre o que acabo de dizer a respeito das dissidências que poderiam surgir entre os diversos grupos, em consequência da diversidade de ensino. Eu disse que, não obstante algumas divergências, eles poderiam entender-se e devem entender-se, desde que sejam verdadeiros espíritas. Dei-vos o meio de controlar o valor das comunicações; agora vos darei o de apreciar a natureza das influências exercidas sobre cada um. Considerando-se que toda influência salutar emana de um Espíritos bom, que tudo quanto é mau vem de fonte má, que os Espíritos maus são os inimigos da união e da concórdia, o grupo que for assistido pelo Espírito do mal será aquele que lançar a pedra sobre o outro e não lhe estender a mão. Quanto a mim, senhores, eu vos considero a todos como irmãos, quer estejais com a verdade, quer com o erro. Mas vos declaro, alto e bom som, que estarei de corpo e alma com os que mostrarem mais caridade, mais abnegação. Se houvesse alguns — que Deus não permita! — que alimentassem sentimentos de ódio, inveja, ciúme, eu os lamentaria, porque estariam sob má influência, preferindo acreditar que esses maus pensamentos lhes vêm de um Espírito estranho do que de seu próprio coração. Mas isto só me tornaria suspeita a veracidade das comunicações que pudessem receber, em virtude do princípio de que um Espírito verdadeiramente bom não poderá sugerir senão bons sentimentos.

Terminarei, senhores, esta alocução, por certo já bem longa, com algumas considerações sobre as causas que devem assegurar o futuro do Espiritismo.

Compreendeis todos, pelo que tendes sob os olhos e pelo que sentis em vós mesmos, que dia virá em que o Espiritismo deverá exercer uma imensa influência sobre a estrutura social. Mas o dia em que essa influência será generalizada ainda está longe, sem dúvida. São necessárias gerações para que o homem se despoje do homem velho. Contudo, desde agora, se o bem não pode ser geral, já é individual, e porque esse bem é efetivo, a doutrina que o proporciona é aceita com tanta facilidade, direi mesmo com tanto entusiasmo, por muitos. Com efeito, pondo de lado a sua racionalidade, que filosofia é mais capaz de libertar o pensamento do homem dos laços terrenos, de elevar sua alma para o infinito? Qual a que lhe dá uma ideia mais justa, mais lógica e apoiada sobre as provas mais patentes, de sua natureza e de seu destino? Que seus adversários a substituam por algo melhor, uma doutrina mais consoladora, que melhor se ponha de acordo com a razão, que substitua a alegria infável de saber que os seres que nos foram caros na Terra estão junto a nós, que nos veem, nos ouvem, nos falam e nos aconselham; que dê um motivo mais legítimo à resignação; que faça temer menos a morte; que proporcione mais calma nas provas da vida; que, enfim, substitua essa doce quietude experimentada quando se pode dizer: sinto-me melhor. Ante uma doutrina que faça melhor que tudo isto, o Espiritismo deporá as armas.

O Espiritismo torna, pois, soberanamente feliz; com ele, não mais isolamento, nem desespero; ele já poupou muitas faltas, impediu vários crimes, levou a paz a inúmeras famílias, corrigiu muitas imperfeições. Que será, então, quando os homens forem alimentados por tais ideias! Porque, então, vindo o raciocínio, eles se fortificarão e não mais renegarão a alma. Sim, o Espiritismo torna feliz e é isso que lhe dá um poder irresistível e assegura o seu triunfo futuro. Os homens querem a felicidade; como o Espiritismo a oferece, eles se lançarão em seus braços. Desejam aniquilá-lo? Então

deem ao homem uma fonte maior de felicidade e de esperança. Isso quanto aos indivíduos.

Duas outras forças parecem ter receado o seu aparecimento: a autoridade civil e a autoridade religiosa. Por quê? Porque não o conhecem. Hoje a Igreja começa a ver que nele encontrará uma arma poderosa para combater a incredulidade, a solução lógica de vários dogmas embaraçosos e, finalmente, que ele já conduz aos seus deveres de cristãos um bom número de ovelhas desgarradas. Por seu lado, o poder civil começa a ter provas de sua benéfica influência sobre a moralidade das classes laboriosas, às quais essa Doutrina, *pela convicção*, inculca ideias de ordem e de respeito à propriedade, fazendo compreender o nada das utopias. Testemunha metamorfozes morais quase miraculosas e em breve entreverá, na difusão dessas ideias, um alimento mais útil ao pensamento que as alegrias dos cabarés ou o tumulto da praça pública e, conseqüentemente, uma salvaguarda para a sociedade. Assim, povo, Igreja e poder, um dia vendo nele um dique contra a brutalidade das paixões, uma garantia da ordem e da tranquilidade, um retorno às ideias religiosas que se extinguem, ninguém terá interesse em obstaculizar a sua marcha. Ao contrário, cada um buscará no Espiritismo um apoio. Aliás, quem poderia deter o curso dessa torrente de ideias, que já movimenta suas águas benfazejas nas cinco partes do mundo?

Tais são, meus caros confrades, as considerações que desejava vos submeter. Termino agradecendo novamente vossa bondosa acolhida, cuja lembrança estará sempre presente em minha memória. Agradeço igualmente aos Espíritos bons por toda a satisfação que me proporcionaram durante minha viagem, porquanto, por toda parte onde me detive, também encontrei bons e sinceros espíritas e pude constatar, por meus próprios olhos, o imenso desenvolvimento dessas ideias e com que facilidade elas se enraízam. Por toda parte encontrei pessoas felizes, aflitos consolados, mágoas acalmadas, ódios apaziguados; por toda parte a confiança e a esperança sucedendo às angústias da dúvida e da incerteza. Ainda uma vez, o

Espiritismo é a chave da verdadeira felicidade e aí está o segredo de seu poder irresistível. Então é utopia uma doutrina que faz tais prodígios? Que Deus, na sua bondade, meus amigos, se digne vos enviar Espíritos bons para vos assistir nas vossas comunicações, a fim de que sejais esclarecidos sobre as verdades de que estais encarregados de espalhar. Um dia colhereis centuplicados os frutos do bom grão que houverdes semeado.

Que este banquete de amigos, meus mui amados confrades, como os ágapes de outrora, seja o penhor da união entre todos os verdadeiros espíritas!

Levanto um brinde aos espíritas lioneses, tanto no meu quanto no nome da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

ALLAN KARDEC

## Sobre o valor das comunicações espíritas

(Pelo sr. Jobard)

A ortodoxia religiosa confere um papel de excessiva importância a Satã e aos seus supostos satélites, que apenas deveriam ser chamados Espíritos malignos, ignorantes, vaidosos, e quase todos maculados do pecado do orgulho que os perdeu. Nisto em nada eles diferem dos homens, dos quais fizeram parte durante um período muito curto, em relação à eternidade de sua existência pneumática, que pode ser comparada à de um corpo passado ao estado volátil. O erro está na crença de que, pelo fato de serem Espíritos, devem ser perfeitos, como se o vapor e o gás fossem mais perfeitos que a água ou o líquido de onde saíram; como se um malfeitor pudesse ser um homem pacífico depois de escapar da prisão; como se um louco pudesse ser reputado sábio depois de haver transposto os muros do

hospício; como se um cego, saído do Quinze-Vingts,<sup>61</sup> pudesse fazer-se passar por um clarividente.

Imaginais, senhores médiuns, que vos tivésseis de haver com toda essa gente e que haja tanta diferença entre os Espíritos quanto entre os homens. Ora, não ignorais que há tantos homens quanto sentimentos diferentes; tantos corpos quanto propriedades diversas, antes como depois de sua mudança de estado. Podeis julgar, pelos seus erros, a má qualidade dos Espíritos, como se julga a má qualidade de um corpo pelo odor que exala. Se, por vezes, estão de acordo sobre certos pontos, entre si e convosco, é que se copiam e vos copiam, porquanto sabem, melhor que vós, o que foi escrito, no passado e atualmente, sobre tal ou qual doutrina que vos repetem, muitas vezes como papagaios, mas outras vezes com convicção, se forem Espíritos estudiosos e conscienciosos, como certos filósofos ou sábios que vos dessem a honra de vir conversar e discutir convosco. Mas ficai persuadidos de que só vos respondem quando pressentem que vos encontrais em condições de compreendê-los. Sem isto não vos dizem senão vulgaridades e nada que ultrapasse o alcance de vossa inteligência e dos vossos conhecimentos adquiridos. Tanto quanto vós, eles sabem que não se lançam pérolas aos porcos; citam o Evangelho, se sois cristão, o Alcorão, se sois muçulmano, e facilmente se põem em unísono convosco, porque no estado pneumático têm a inteligência que os corpos materiais volatilizados não possuem; somente nisto a comparação precedente não é exata. Se gostais de rir, fazer jogo de palavras, e tratais com um Espírito sério, ele vos enviará farsistas, mais fortes que vós nos gracejos e nos trocadilhos. Se tiverdes o cérebro fraco, ele vos abandona aos mistificadores, que vos levarão mais longe do que gostaríeis.

Em geral os Espíritos gostam de se entreter com os homens; é uma distração e por vezes um estudo para eles, como todos o dizem. Assim, não temais fatigá-los, pois sempre o ficareis antes deles, mas não vos ensinarão nada além do que vos poderiam ter dito

---

<sup>61</sup> Nota do tradutor: Alusão a antigo hospital parisiense, fundado por São Luís (Luís IX) e destinado aos cegos.

em vida. Eis a razão por que tanta gente pergunta qual a vantagem de perder tempo em consultá-los, desde que não se pode esperar revelações extraordinárias, invenções inesperadas, panaceias, pedras filosofais, transmutações de metais, movimentos perpétuos, já que não sabem mais que vós sobre os resultados ainda não obtidos pela ciência humana. E se vos estimulam a fazer experiências, é que eles mesmos estariam curiosos para ver os seus efeitos, pois, do contrário, só vos dão explicações confusas, como os pseudossábios e certos advogados, que se deixam enredar em suas próprias palavras. Se se trata de um tesouro, eles vos dizem: cavai; de uma liga, dizem: soprai. É possível que, buscando, encontreis. Ficarão tão assombrados quanto vós e se gabarão de vos terem dado bons conselhos. A vaidade humana não os abandona. Os Espíritos bons não vos afirmam que encontrareis tesouros, como fazem os maus, que não têm escrúpulo em vos arruinar. É nisto que jamais deveis fazer abstração do vosso julgamento, do vosso livre-arbítrio, da vossa razão. Que dizeis quando um homem vos instiga a um mau negócio? Que é um Espírito infernal, diabólico. Pois bem! O Espírito que vos aconselha mal não é mais diabólico, mais infernal; quando muito é um ignorante, um mistificador, mas não tem missão especial, nem poder sobre-humano, nem grande interesse em vos enganar; usa igualmente do livre-arbítrio que Deus lhe deu, como deu a vós, podendo, como vós, fazer dele bom ou mau uso; eis tudo. É tolice acreditar que ele se ligue a vós durante anos e anos para tentar alistar a vossa própria alma no exército de Satã. O que adianta a Satã um recruta a mais ou a menos, quando eles chegam, espontaneamente, aos milhares de milhões, sem que ele se dê ao trabalho de convocá-los? Os eleitos são raros, mas inumeráveis os voluntários do mal. Se Deus e o diabo têm, cada um, o seu exército, só Deus necessita de recrutadores; o diabo pode poupar-se ao trabalho de preencher os seus quadros. Como a vitória está sempre do lado dos grandes batalhões, julgai de sua grandeza e de seu poder, e da facilidade de seus triunfos sobre todos os pontos do universo. E, sem ir muito longe, olhai em torno de vós.

Tudo isso, porém, não tem sentido. Desde que hoje se sabe facilmente conversar com as criaturas do outro mundo, é

preciso aceitá-las como são e pelo que são. Há poetas que podem ditar bons versos, filósofos e moralistas que podem dar boas máximas, historiadores que podem dar esclarecimentos sobre sua época, naturalistas que podem ensinar o que sabem ou retificar os erros que cometeram, astrônomos que podem revelar certos fenômenos que ignorais, músicos, autores capazes de escrever obras póstumas e que chegam mesmo a pedir que sejam publicadas em seu nome. Um deles, que pensava ter inventado alguma coisa, indignou-se ao saber que a patente não lhe seria entregue pessoalmente; outros não fazem mais caso das coisas terrenas do que certos sábios. Há também os que assistem com prazer infantil à inauguração de sua estátua e outros que não se dão ao trabalho de ir vê-la e que desprezam profundamente os imbecis que lhes prestam essa honra, depois de os haverem desprezado e perseguido em vida. A propósito de sua estátua, Humboldt não respondeu senão uma palavra: irrisão! Um outro deu a inscrição da estátua que lhe preparam e que sabe não havê-la merecido: “Ao grande ladrão, os roubados reconhecidos.”

Em resumo, devemos considerar como certo que cada um leva consigo o caráter e as conquistas morais e científicas; os tolos daqui são ainda os tolos de lá. Só os larápios, que não têm mais bolsos a esvaziar; os gulosos, nada mais a fritar; os banqueiros, nada mais a descontar, sofrem tais privações. É por isso que o Espírito Santo, o Espírito de Verdade, nos recomenda o desprezo das coisas terrenas, que não podemos carregar, nem assimilar, para só pensarmos nos bens espirituais e morais, que nos acompanham e nos servirão pela eternidade, não só de distração, mas como degraus para nos elevarmos incessantemente na grande escada de Jacó, na incomensurável hierarquia dos Espíritos.

Assim, vede quão pouco caso fazem os Espíritos bons dos bens e dos prazeres grosseiros que perderam ao morrer, isto é, ao entrarem em seu país, como eles dizem. Semelhantes a um sábio prisioneiro arrancado subitamente de sua cela, não são suas roupas, seus móveis, seu dinheiro que ele lamenta, mas os seus livros e manuscritos. A borboleta que sacode o pó de suas asas antes de retomar

o voo pouco se preocupa com os restos da lagarta que lhe serviu de habitáculo. Do mesmo modo, um Espírito como o de Buffon não mais lamentará o seu castelo de Montbard, como Lamartine<sup>62</sup> não lamentará seu Saint-Point, que tanta questão ele fazia em vida. É por isso que a morte do sábio é tão calma e a do *humanimal*<sup>63</sup> tão horrível, porquanto sente este último que, perdendo os bens terrenos, tudo perde; aí se agarra como o avarento ao seu cofre-forte. Seu Espírito não pode sequer afastar-se; prende-se à matéria e continua a assombrar os lugares que lhe foram caros e, em vez de fazer incessantes esforços para romper os laços que o retêm à Terra, a ela se prende como um desesperado. Sofre verdadeiramente como um danado, por não mais poder gozá-los; eis o inferno, eis o fogo que esses réprobos se empenham em tornar eterno. Tais são os Espíritos maus, que repelem os conselhos dos bons e que necessitam socorros da razão e da própria sabedoria humana, a fim de se decidirem a abandonar a presa. Os bons médiuns devem dar-se ao trabalho de fazê-los pensar, de doutriná-los e orar por eles, pois confessam que a prece os alivia; por isso mesmo testemunham o seu reconhecimento, em termos às vezes muito tocantes. Isso prova a existência de uma solidariedade entre todos os Espíritos, livres ou encarnados, porque, evidentemente, a encarnação não passa de uma punição, e a Terra, de um lugar de expiação, onde, como diz o salmista, não somos postos para nosso entretenimento, mas para nos aperfeiçoarmos e aprender a adorar a Deus, estudando as suas obras. De onde se segue que o mais infeliz é o mais ignorante; o mais selvagem torna-se o mais vicioso, o mais criminoso e o mais miserável dos seres, aos quais Deus outorgou uma centelha de sua alma divina e talentos para os fazer valer, e não para os enterrar até a chegada do mestre, ou antes, até o comparecimento do culpado de preguiça ou de negligência perante Deus.

Eis o que verdadeiramente é para uns e para outros o mundo espírita, que a uns inspira tanto medo e a outros tanto

<sup>62</sup> N.E.: Alphonse de Lamartine (1790–1869), poeta e político francês.

<sup>63</sup> Nota do tradutor: Cunhada por Jobard, a palavra *humanimal* não faz parte do léxico francês, embora, no contexto da frase em que se acha inserida, possamos adivinhar facilmente o seu significado.

encanta, e que nem mereceu esse excesso de homenagens, nem essa indignidade.

Quando, à força de estudo e de experiência, nos tivermos familiarizado com o fenômeno das manifestações, tão natural quanto qualquer outro, reconheceremos a veracidade das explicações que acabamos de dar. O poder do mal, que é concedido aos Espíritos, tem por antítese o poder do bem que se pode esperar dos outros. Essas duas forças são *adequadas*, como todas as da natureza, sem o que o equilíbrio se romperia e o livre-arbítrio seria substituído pela fatalidade, o cego *fatum*, o *fato bruto*, inteligente, a morte de todos, a catalepsia do universo, o caos.

Proibir interrogar os Espíritos é reconhecer que eles existem; assinalá-los como prepostos do diabo é fazer pensar que existem os que são agentes e missionários de Deus. Que os maus sejam mais numerosos, estamos de acordo; mas há de tudo, como na Terra. No entanto, porque há mais grãos de areia do que pepitas de ouro, deve-se condenar os garimpeiros?

Quando os Espíritos vos dizem que lhes é proibido responder a certas perguntas de importância meramente pessoal, é uma maneira cômoda de ocultar a sua ignorância das coisas do futuro. Tudo quanto depende de nossos próprios esforços, de nossas pesquisas intelectuais, não nos pode ser revelado sem violar a Lei Divina, que obriga o homem ao trabalho. Seria muito cômodo para qualquer *médium*, tomado por um Espírito familiar complacente, adquirir sem esforço todos os tesouros e todo o poder imaginável, desembaraçando-se de todos os obstáculos que os outros superam com tanta dificuldade. Não, os Espíritos não têm semelhante poder e fazem bem dizendo que lhes é interdito tudo o que lhe pedis de ilícito. Contudo, exercem grande influência sobre os encarnados, para o bem ou para o mal; felizes daqueles que os Espíritos bons aconselham e protegem: tudo lhes sai bem, se obedecem às boas inspirações, que, aliás, não recebem senão após havê-las merecido e realizado o esforço equivalente ao sucesso que lhes é dado por acréscimo.

Quem quer que, deitado na cama, espere a fortuna não terá muita chance de adquiri-la. Tudo aqui depende do trabalho inteligente e honesto, que nos proporciona uma grande satisfação íntima e nos livra do mal físico, comunicando-nos o dom de aliviar o mal alheio, porquanto não existe um *médium* bem-intencionado que não seja magnetizador e curador por natureza. Mas, ignorando possuir tal tesouro, não intentam utilizá-lo. É nisto que deveriam ser melhor aconselhados e mais poderosamente auxiliados por seus Espíritos bons. Têm-se visto milagres análogos ao sucedido com o duque de *Celeuza, príncipe Vasto*, no café *Nocera*, em Nápoles, em 13 de junho último, o qual acaba de publicar que foi curado instantaneamente de uma doença reputada *incurável*, da qual sofria há dez anos, unicamente pela palavra de um velho cavalheiro francês, ao qual narrara seus sofrimentos. Há outros que fazem tais coisas em diversos países, na Holanda, na Inglaterra, na França, na Suíça. Mas eles se multiplicarão com o tempo: os germes estão semeados.

Os *médiuns* devidamente advertidos sobre a natureza, os usos e costumes dos Espíritos terrenos nada mais têm a fazer do que se conduzirem de acordo. Quanto aos Espíritos celestes ou de uma ordem transcendente, é tão raro se comunicarem com os indivíduos que ainda não é tempo de falar deles. Eles presidem aos destinos das nações e às grandes catástrofes, às grandes evoluções dos globos e das humanidades; no momento estão trabalhando. Esperemos, com recolhimento, as grandes coisas por vir: *Renovabunt faciem terrae*.

JOBARD

#### OBSERVAÇÕES

“O Sr. Jobard havia dado ao seu artigo o título de *Conselhos aos médiuns*. Julgamos dever dar-lhe um título menos exclusivo, tendo em vista que suas observações se aplicam, em geral, à maneira de apreciar as comunicações espíritas. Sendo os *médiuns* apenas instrumentos das manifestações, estas podem ser dadas a todas as

pessoas, seja diretamente, seja por um intermediário. Todos os evocadores podem, pois, aproveitá-las, tanto quanto os médiuns.

Aprovamos esta maneira de julgar as comunicações porque é rigorosamente verdadeira e não pode senão contribuir para nos acautelarmos contra a ilusão, à qual estão expostos os que aceitam muito facilmente, como expressão da verdade, tudo quanto venha do mundo dos Espíritos. Todavia, pensamos que o Sr. Jobard talvez seja um tanto absoluto sobre certos pontos. Em nossa opinião, ele não leva muito em conta o progresso realizado pelo Espírito no estado errante. Sem dúvida — fato constatado pela experiência —, o Espírito leva para o Além-Túmulo as imperfeições da vida terrena, porém, como se acha num meio completamente diverso, como já não recebe as suas sensações através dos órgãos materiais, e visto não ter mais sobre os olhos o véu espesso que obscurecia as ideias, suas sensações, percepções e concepções devem experimentar uma sensível modificação. Eis por que vemos, todos os dias, homens que pensam, após a morte, de modo completamente diverso do que o faziam em vida, porque o horizonte moral para eles se dilatou; autores criticando as próprias obras; homens do mundo censurando a própria conduta; sábios reconhecendo seus erros. Se o Espírito não progredisse na vida espiritual, retornaria à vida corpórea como dela havia saído, nem mais adiantado, nem mais atrasado, o que, positivamente, é contraditado pela experiência. Certos Espíritos podem, pois, ver mais claro e mais justo do que quando estavam na Terra; assim, alguns são vistos dando excelentes conselhos, com os quais nos edificamos. Mas entre os Espíritos, como entre os homens, é preciso saber a quem nos dirigimos e não crer que qualquer um deles possua a ciência infusa, nem que um sábio esteja liberado de seus preconceitos terrenos, só porque são Espíritos. A este respeito o Sr. Jobard tem inteira razão ao dizer que não devemos aceitar suas teorias e sistemas senão com extrema reserva; é preciso fazer com eles o que se faz com os homens, isto é, só lhes dar crédito quando tiverem dado provas irrecusáveis de sua superioridade, e não pelo nome falso com que por vezes se apresentam, mas pela constante sabedoria de seus pensamentos, a irrefutável lógica de seus raciocínios e a inalterável bondade de seu caráter.

As judiciosas observações do Sr. Jobard, deixando de lado o que podem conter de exagero, sem dúvida decepcionarão os que pensam encontrar nos Espíritos um meio certo de tudo saber, fazer descobertas lucrativas etc. Realmente, aos olhos de certas pessoas, para que servem os Espíritos, se não nos auxiliam a fazer fortuna? Pensamos que basta ter estudado um pouco a Doutrina Espírita para compreender que nos ensinam uma porção de coisas mais úteis do que saber se ganharemos na bolsa ou na loteria. Contudo, mesmo admitindo a hipótese mais rigorosa, na qual seria completamente indiferente dirigir-se aos Espíritos ou aos homens para as coisas deste mundo, nada significaria o fato de nos darem prova da existência de Além-Túmulo? de nos inteirarem do estado feliz ou infeliz dos que nos precederam? de nos provarem que aqueles a quem amamos não estão perdidos para nós, e que os reencontraremos nesse mundo que nos espera a todos, ricos ou pobres, poderosos ou escravos? Porque, afinal, uma coisa é certa: mais dia, menos dia, haveremos de morrer. O que existirá além dessa barreira? atrás dessa cortina que nos vela o futuro? Alguma coisa ou o nada? Pois bem! os Espíritos nos ensinam que existe algo; que, quando morremos, nem tudo está acabado. Longe disso; só então é que começa a verdadeira vida, a vida moral. Ainda que só isso nos ensinassem, suas conversas não seriam inúteis. Fazem mais: ensinam o que devemos fazer aqui para nos encontrarmos em melhores condições no outro mundo. E como lá teremos que ficar muito tempo, é bom nos assegurarmos o melhor lugar possível. Como diz o Sr. Jobard, em geral os Espíritos atribuem pouca importância às coisas da Terra, por uma razão muito simples: *é que têm melhor do que isso*; seu objetivo é ensinar-nos o que devemos fazer para ali sermos felizes. Eles sabem que nos prendemos às alegrias da Terra, como as crianças com seus brinquedos; querem avançar o nosso raciocínio: tal a sua missão. Se somos enganados por uns, é porque queremos tirá-los da esfera de suas atribuições. Perguntar-lhes o que não sabem, o que não podem ou não devem dizer, é ser mistificado pela turba de Espíritos zombeteiros, que se divertem com a nossa credulidade. O erro de certos médiuns é crer na infalibilidade dos Espíritos que com eles se comunicam e os seduzem por belas frases, escorados num nome imponente que, na maioria

das vezes, não lhes pertence. Reconhecer a fraude é um resultado do estudo e da experiência. Nesse sentido, o artigo do Sr. Jobard só lhes pode ajudar a abrir os olhos.

## Dissertações espíritas

Recebidas ou lidas na Sociedade por vários médiuns

### FORMAÇÃO DOS ESPÍRITOS

(Médium: Sra. Costel)

Deus criou a semente humana, que espalhou nos mundos, como o lavrador lança nos sulcos o grão que deve germinar e amadurecer. Essas sementes divinas são moléculas de fogo que Deus faz jorrar do grande foco, centro de vida, onde resplandece o seu poder. Tais sementes são para a humanidade aquilo que são os germes das plantas para a terra; desenvolvem-se lentamente e só amadurecem após longa permanência nos planetas-mãe, onde se forma o começo das coisas. Falo apenas do princípio; chegado à sua condição de homem, o ser se reproduz e a obra de Deus está consumada.

Por que, sendo comum o ponto de partida, são tão diversos os destinos humanos? Por que nascem uns num meio civilizado e outros no estado selvagem? Qual é, então, a origem dos demônios? Retomemos a história do Espírito em sua primeira eclosão. Apenas formadas, hesitantes e balbuciantes, as almas são, entretanto, livres de inclinar-se para o bom ou para o mau lado. Desde que viveram, os bons separam-se dos maus. A história de Abel é ingenuamente verdadeira. Apenas saídas das mãos do Criador, as almas ingratas persistem na revolta do crime; então, durante a sucessão dos séculos, elas erram, prejudicando os outros e, sobretudo, a si mesmas, até que sejam tocadas pelo arrependimento, o que acontece infalivelmente. Então os primeiros demônios são os primeiros homens culpados. Deus, na sua imensa

justiça, jamais impõe sofrimentos que não sejam os resultantes dos atos maus. A Terra devia ser inteiramente povoada, mas não o poderia ser igualmente; conforme o grau de progresso obtido nas migrações terrenas, uns nascem nos grandes centros de civilização, enquanto outros, Espíritos incertos, ainda necessitados de iniciação, nascem nas florestas recuadas. O estado selvagem é preparatório. Tudo é harmonioso, e a alma culpada e cega de um demônio da Terra não pode reviver num centro esclarecido. No entanto, algumas se aventuram nesse meio que não é o seu. Se aí não marchar em unísono, oferecem o espetáculo da barbárie no seio da civilização. São seres expatriados.

O estado embrionário é o de um ser que ainda não sofreu migração. Não se pode estudá-lo à parte, por isso que é a origem do homem.

GEORGES

## OS ESPÍRITOS ERRANTES

(Médium: Sra. Costel)

Os Espíritos estão divididos em várias categorias. A princípio os *embriões*, que não possuem nenhuma faculdade distinta; que flutuam no ar como insetos que se veem turbilhonar num raio de sol; que volitam sem objetivo e se encarnam sem terem feito escolha. Tornam-se seres humanos ignorantes e grosseiros.

Acima deles estão os *Espíritos levianos*, cujos instintos não são maus, mas apenas maliciosos; divertem-se com os homens e lhes causam aborrecimentos frívolos. São crianças, delas conservando os caprichos e a malícia pueril.

Os Espíritos maus não são todos do mesmo grau; uns não fazem outro mal além de ligeiros enganos; não se prendem a um ser e se limitam a cometer faltas pouco graves.

Os Espíritos malfeitores impelem ao mal e gozam com isso, mas ainda têm algum lampejo de piedade.

Os Espíritos perversos não a têm. Todas as suas faculdades tendem para o mal. Fazem-no por cálculo e com perseverança; gozam as torturas morais que provocam. Correspondem, no mundo dos Espíritos, aos criminosos no vosso. Chegam a tal perversidade porque desconhecem as Leis de Deus; nas suas vidas carnis, sucumbem de queda em queda e passam-se séculos antes que lhes venha um pensamento de renovação. O mal é o seu elemento; nele mergulham com prazer, mas, obrigados a reencarnar-se, passam por tais sofrimentos e esses sofrimentos de tal modo crescem em suas vidas espíritas que a paixão do mal neles se consome; acabam por compreender que devem ceder à voz de Deus, que não cessa de chamá-los. Viram-se Espíritos rebeldes pedir com ardor as mais terríveis expiações e suportar o martírio com alegria. Esse retorno ao bem é uma imensa felicidade para os puros Espíritos. A palavra do Cristo sobre as ovelhas desgarradas é radiosa verdade.

Os Espíritos errantes da segunda ordem são os intermediários entre os Espíritos Superiores e os mortais, porque é raro que os Espíritos se comuniquem diretamente, sendo preciso que a tanto sejam impelidos por uma solicitude particular. Esses intermediários são os Espíritos dos mortais que não têm nenhum mal grave a se censurar e suas intenções não foram más. Recebem missões e, quando as realizam com zelo e amor, são recompensados por um progresso mais rápido. Têm menos migrações a sofrer. Assim, os Espíritos desejam ardentemente essas missões, que só lhes são concedidas como recompensa e quando são julgados capazes de cumpri-las. São os Espíritos Superiores que os dirigem e lhes escolhem as funções.

Os Espíritos Superiores não são todos do mesmo grau. Se eles são dispensados das migrações nos vossos mundos, não o são das condições de progresso nas esferas mais elevadas. Enfim, não

existe nenhuma lacuna no mundo visível e no invisível; uma ordem admirável proveu a tudo; nenhum ser é ocioso ou inútil; todos concorrem na medida de suas faculdades para a perfeição da obra de Deus, que não tem termo nem limite.

GEORGES

## O CASTIGO

(Médium: Sra. Costel)

Os Espíritos maus, egoístas e inflexíveis, logo após a morte, são entregues a uma dúvida cruel sobre o seu destino presente e futuro; inicialmente olham em torno de si e, porque não veem nenhum assunto sobre o qual possam exercer a sua influência má, o desespero apodera-se deles, uma vez que o isolamento e a inação são intoleráveis para os Espíritos maus; não levantam o olhar para os lugares habitados pelos Espíritos puros; consideram o que os cerca e logo, sensibilizados pelo abatimento dos Espíritos fracos e punidos, lançam-se a eles como a uma presa, armando-se com a lembrança de suas faltas passadas, incessantemente postas em ação por meio de gestos irrisórios. Não lhes bastando esta zombaria, lançam-se sobre a Terra como abutres esfaimados; procuram entre os homens a alma que dará mais fácil acesso às suas tentações; dela se apoderam, exaltam-lhe a cobiça, tentam extinguir a sua fé em Deus e, finalmente, quando donos de uma consciência, veem a presa dominada, espalham o fatal contágio sobre tudo que se aproximar de sua vítima.

O Espírito mau que dá vazão à sua raiva é quase feliz; apenas sofre nos momentos em que não age e também naqueles em que o bem triunfa sobre o mal.

Entretanto, passam os séculos, o Espírito mau sente-se de súbito invadido pelas trevas. Aperta-se o seu círculo de ação, e sua consciência, até então muda, faz-lhe sentir as pontas aceradas

do arrependimento. Inativo, arrastado pelo turbilhão, vaga, sentindo, como diz a Escritura, o pelo de sua carne se eriçar de pavor; em breve um grande vazio se faz nele e ao seu redor; chegado o momento, deve expiar; a reencarnação, ameaçadora, lá está; ele vê, como numa miragem, as provas terríveis que o aguardam; gostaria de recuar, mas avança e, precipitado no abismo escancarado da vida, rola apavorado até que o véu da ignorância lhe cai sobre os olhos. Vive, age, é ainda culpado; sente em si uma espécie de lembrança inquietante, de pressentimentos que o fazem tremer, mas não o levam a recuar no caminho do mal. Esgotado de forças e de crimes, vai morrer. Estendido sobre o catre ou sobre o leito — não importa —, o homem culpado sente, sob aparente imobilidade, mover-se e viver um mundo de sensações esquecidas! Debaixo das pálpebras fechadas, vê surgir um clarão e ouve sons estranhos; sua alma, que vai deixar o corpo, agita-se impaciente, enquanto suas mãos crispadas procuram agarrar-se aos lençóis; gostaria de falar, de gritar aos que o cercam: “Segurem-me! vejo o castigo!” Não pode; a morte se fixa sobre os lábios descorados e os assistentes dizem: “Ei-lo em paz!”

Entretanto, ele ouve tudo, flutua em redor do corpo, que não desejaria abandonar; uma força secreta o atrai: vê, reconhece o que já viu. Desvairado, lança-se no espaço, onde quer esconder-se. Não há mais retiro! Não há mais repouso! Outros Espíritos lhe devolvem o mal que ele fez e, castigado, ridicularizado, confuso por sua vez, erra e errará até que o divino clarão penetre a sua resistência e o esclareça, para lhe mostrar o Deus vingador, o Deus triunfante de todo o mal, que ele só poderá apaziguar à força de gemidos e expiações.

GEORGES

OBSERVAÇÃO – Nunca foi desenhado um quadro mais eloquente, mais terrível e mais verdadeiro da sorte do mau. É então necessário recorrer à fantasmagoria das chamas e das torturas físicas?

## MARTE

(Médium: Sra. Costel)

Marte é um planeta inferior à Terra, da qual é grosseiro esboço; não é necessário habitá-lo. Marte é a primeira encarnação dos mais grosseiros demônios. Os seres que o habitam são rudimentares; têm a forma humana, mas sem nenhuma beleza; têm todos os instintos do homem, sem a nobreza da bondade.

Entregues às necessidades materiais, comem, bebem, batem-se, acasalam-se. Mas como Deus não abandona nenhuma de suas criaturas, no fundo das trevas de sua inteligência jaz latente o vago conhecimento de si mesmos, mais ou menos desenvolvido. Esse instinto é suficiente para torná-los superiores uns aos outros e preparar a eclosão para uma vida mais completa. A deles é curta como a dos insetos efêmeros. Os homens, que são apenas matéria, desaparecem após curta evolução. Deus tem horror ao mal e só o tolera quando serve de princípio ao bem. Ele abrevia o seu reino, sobre o qual triunfa a ressurreição.

Nesse planeta a terra é árida; pouca verdura; uma folhagem sombria, que a primavera não renova; um dia igual e cinzento. Apenas aparente, o Sol jamais prodigaliza suas festas; o tempo escoá monótono, sem as alternativas e as esperanças das novas estações; não é inverno, não é verão. Mais curto, o dia não é medido do mesmo modo; a noite reina mais longa. Sem indústria, sem invenções, os habitantes de Marte consomem a vida à procura de alimento. Suas grosseiras habitações, baixas como um casebre, são repugnantes pela incúria e pela desordem que nelas reinam. As mulheres se destacam sobre os homens; mais abandonadas, mais famélicas, não passam de suas fêmeas. Têm apenas o sentimento maternal; dão à luz com facilidade, sem nenhuma angústia; alimentam e guardam seus filhos a seu lado, até o completo desenvolvimento de suas forças, e os expulsam sem pesar e sem saudade.

Não são canibais; suas contínuas batalhas não têm outro objetivo que não seja a posse de um terreno mais ou menos abundante

em caça. Caçam nas planícies intermináveis. Inquietos e instáveis como os seres desprovidos de inteligência, deslocam-se incessantemente. A igualdade da estação, a mesma em toda parte, comporta, em consequência, as mesmas necessidades e as mesmas ocupações; há pouca diferença entre os habitantes de um e de outro hemisfério.

Para eles, a morte não representa nenhum pavor ou mistério; consideram-na apenas como a putrefação do corpo, que queimam imediatamente. Quando um desses homens vai morrer, logo é abandonado; então, só e deitado, pensa pela primeira vez; um vago instinto o assalta; como a andorinha advertida da próxima estação, sente que nem tudo está acabado, que vai recomeçar alguma coisa desconhecida. Não é bastante inteligente para supor, temer ou esperar, mas calcula, às pressas, suas vitórias e derrotas; pensa no número de caças que abateu e se regozija ou se aflige conforme os resultados obtidos. Sua mulher — só têm uma por vez, embora possam trocá-la sempre que lhes convêm —, agachada à entrada, atira seixos no ar; quando formam um montículo, ela julga que chegou a hora e se aventura a olhar para o interior; se suas previsões se tiverem realizado, se o homem estiver morto, ela entra sem um grito, sem uma lágrima, despoja-o da pele de animais que o envolve, vai friamente avisar seus vizinhos, que transportam o corpo e o incineram, tão logo esfria.

Os animais, que por toda parte sofrem os reflexos humanos, são mais selvagens, mais cruéis que em qualquer outro lugar. O cão e o lobo são uma só e mesma espécie, incessantemente em luta com o homem, que, contra eles, se entrega a combates encarniçados. Aliás, menos numerosos, menos variados que na Terra, os animais são a miniatura deles mesmos.

Os elementos têm a cólera cega do caos; o mar furioso separa os continentes sem navegação possível; o vento ruga e curva as árvores até o solo; as águas submergem as terras ingratas, que não fecunda; o terreno não oferece as mesmas condições geológicas da Terra; o fogo não o aquece; os vulcões são desconhecidos; as

montanhas, pouco elevadas, não oferecem nenhuma beleza, fatigam o olhar e desencorajam a exploração; enfim, por toda parte, monotonia e violência; por toda parte, a flor sem cor e sem perfume; por toda parte, o homem sem previdência, matando para sobreviver.

GEORGES

OBSERVAÇÃO – Para servir de transição entre o quadro de Marte e o de Júpiter, seria necessário o de um mundo intermediário, da Terra, por exemplo, mas que conhecemos suficientemente. Observando-a, fácil é reconhecer que mais se aproxima de Marte que de Júpiter, posto que, mesmo no seio da própria civilização, ainda se encontram seres tão abjetos e tão desprovidos de sentimentos e de humanidade, vivendo no mais absoluto embrutecimento e não pensando senão em suas necessidades materiais, sem jamais terem voltado o olhar para o Céu, que parecem ter vindo diretamente de Marte.

## JÚPITER

(Médium: Sra. Costel)

Infinitamente maior que a Terra, o planeta Júpiter não apresenta o mesmo aspecto. É inundado por uma luz pura e brilhante, que ilumina sem ofuscar. As árvores, as flores, os insetos, os animais, dos quais os vossos são o ponto de partida, ali são maiores e aperfeiçoados; a natureza é mais grandiosa e mais variada; a temperatura é igual e deliciosa; a harmonia das esferas encanta os olhos e os ouvidos. A forma dos seres que o habitam é a mesma que a vossa, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada. Não somos submetidos às condições materiais de vossa natureza: não temos as necessidades, nem as doenças que lhes são consequência. Somos almas revestidas de um envoltório diáfano, que conserva os traços de nossas passadas migrações; aparecemos aos amigos tal como nos conheceram, porém iluminados por uma luz divina, transfigurados por nossas impressões interiores, que são sempre elevadas.

Como a Terra, Júpiter é dividido num grande número de países de aspectos variados, mas não de clima. As diferenças de condições são determinadas apenas pela superioridade moral e de inteligência; não há senhores nem escravos; os mais elevados graus são marcados somente pelas comunicações mais diretas e mais frequentes com os Espíritos puros e pelas mais importantes funções que nos são confiadas. Vossas habitações não vos podem dar nenhuma ideia das nossas, pois não temos as mesmas necessidades. Cultivamos as artes, chegadas a um grau de perfeição desconhecida entre vós. Gozamos de espetáculos sublimes; entre eles, o que mais admiramos, à medida que melhor compreendemos, é o da inesgotável variedade das criações, variedades harmoniosas que têm o mesmo ponto de partida e se aperfeiçoam no mesmo sentido. Todos os sentimentos ternos e elevados da natureza humana, nós os encontramos engrandecidos e purificados, e o desejo incessante que temos de alcançar o plano dos Espíritos puros não é um tormento, mas uma nobre ambição que nos impele ao aperfeiçoamento. Estudamos incessantemente, com amor, para nos elevarmos até eles, o que também fazem os seres inferiores para nos igualarem. Vossos pequenos ódios, vossos ciúmes mesquinhos nos são desconhecidos; um laço de amor e de fraternidade nos une: os mais fortes ajudam os mais fracos. Em vosso mundo tendes necessidade da sombra do mal para sentir o bem, da noite para admirar a luz, da doença para apreciar a saúde. Aqui, esses contrastes não são necessários; a eterna luz, a eterna bondade, a calma eterna da alma nos cumulam de uma eterna alegria. Eis o que o Espírito humano tem mais dificuldade para compreender: se foi engenhoso para pintar os tormentos do inferno, jamais pôde representar as alegrias do Céu. E por quê? Porque, sendo inferior, só tendo suportado sofrimentos e misérias, não foi capaz de entrever as claridades celestes; não vos pode falar senão do que conhece, como o viajante descreve os países que percorreu. Mas, à medida que se eleva e se depura, o horizonte se aclara e ele compreende o bem que está à sua frente, como compreendeu o mal que ficou para trás.

Já outros Espíritos tentaram vos fazer compreender, tanto quanto o permite a vossa natureza, o estado dos mundos felizes, a fim de vos estimular a seguir o único caminho que a eles pode

conduzir. Mas há entre vós os que estão de tal modo ligados à matéria que ainda preferem as alegrias materiais da Terra às alegrias puras, reservadas ao homem que sabe desligar-se delas. Que gozem, pois, enquanto estão aqui, porque um triste revés os espera, talvez mesmo nesta vida. Os que escolhemos para nossos intérpretes são os primeiros a receber a luz. Infelizes, sobretudo, os que não aproveitam o favor que Deus lhes concede, porquanto sua justiça pesará sobre eles!

GEORGES

## OS ESPÍRITOS PUROS

(Médium: Sra. Costel)

Os Espíritos puros são aqueles que, chegados ao mais alto grau da perfeição, são julgados dignos de ser admitidos aos pés de Deus. O infinito esplendor que os envolve não os dispensa de ser úteis nas obras da Criação: as funções que devem preencher correspondem à extensão de suas faculdades. Esses Espíritos são os ministros de Deus; sob suas ordens, regem os mundos inumeráveis; dirigem do alto os Espíritos e os humanos; estão ligados entre si por um amor sem limites, e esse ardor se estende sobre todos os seres que procuram atrair para se tornarem dignos da suprema felicidade. Deus se irradia sobre eles e lhes transmite suas ordens; eles o veem sem serem ofuscados por sua luz.

Sua forma é etérea, nada tendo de palpável; falam aos Espíritos Superiores e lhes comunicam sua ciência; tornam-se infalíveis. Em suas fileiras é que são escolhidos os anjos da guarda, que bondosamente baixam o olhar sobre os mortais e os recomendam aos Espíritos Superiores que os amaram. Estes escolhem os agentes de sua direção nos Espíritos de segunda ordem. Os Espíritos puros são iguais, e nem poderia ser de outro modo, pois somente são chamados a essa posição depois de haverem atingido o mais alto grau de perfeição. Há igualdade, mas não uniformidade, porquanto não quis Deus que nenhuma de suas obras fosse idêntica. Os Espíritos puros conservam sua personalidade, que apenas adquiriu a perfeição mais completa no sentido de seu ponto de partida.

Não é permitido dar mais detalhes sobre esse mundo supremo.

GEORGES

## MORADA DOS BEM-AVENTURADOS

(Médium: Sra. Costel)

Falemos das últimas espirais da glória, habitadas pelos Espíritos puros. Ninguém as atinge antes de haver atravessado os ciclos dos Espíritos errantes. Júpiter está no mais alto grau da escala. Quando um Espírito, longamente purificado por sua estada nesse planeta, é julgado digno da suprema felicidade, é disso advertido por um redobramento de ardor; um fogo sutil anima todas as partes delicadas de sua inteligência, que parece irradiar e tornar-se visível; deslumbrante, transfigurado, ele clareia a luz que parecia tão radiosa aos olhos dos habitantes de Júpiter; seus irmãos reconhecem o eleito do Senhor e, trêmulos, ajoelham-se ante a sua vontade. Entretanto, o Espírito escolhido eleva-se, e os céus, na sua suprema harmonia, lhe revelam belezas indescritíveis.

À medida que sobe, compreende, não mais como na erraticidade, não mais vendo o conjunto das coisas criadas, como em Júpiter, mas abarcando o infinito. Sua inteligência transfigurada eleva-se como uma flecha até Deus, sem tremor e sem terror, como num foco imenso alimentado por mil objetos diversos. O amor, nesses diversos Espíritos, reveste a cor de sua personalidade; eles se reconhecem e se regozijam. Refletidas, suas virtudes repercutem, por assim dizer, as delícias da visão de Deus e aumentam incessantemente com a felicidade de cada eleito. Mar de amor que cada afluyente aumenta, essas forças puras não ficam mais inativas que as forças de outras esferas. Logo investidos do dom da ubiquidade, abrangem ao mesmo tempo os detalhes infinitos da vida humana, desde a sua eclosão até as últimas etapas. Irresistível como a luz, sua vista penetra por toda parte simultaneamente e, ativos como a força que os move, espalham

a vontade do Senhor. Como de uma urna cheia escapa a onda benfazeja, sua bondade universal aquece os mundos e confunde o mal.

Esses diversos intérpretes têm como ministros de seu poder os Espíritos já depurados. Assim, tudo se eleva, tudo se aperfeiçoa e a caridade irradia sobre os mundos, que alimenta em seu seio poderoso.

Os Espíritos puros têm como atributo a posse de tudo quanto é bom e verdadeiro, porque possuem o próprio princípio, que é Deus. O próprio pensamento humano limita tudo que abrange e não admite o infinito, que a felicidade não limita. Depois de Deus, que pode haver? Deus ainda, sempre Deus. O viajante vê os horizontes se sucederem aos horizontes e um é apenas começo de outro; assim, o infinito se desdobra incessantemente. A maior alegria dos Espíritos puros é precisamente essa extensão tão profunda quanto a própria eternidade.

Do mesmo modo que não se descreve uma graça, uma chama e um raio, não posso descrever os Espíritos puros. Mais vivos, mais belos e mais resplandecentes que as mais etéreas imagens, uma palavra resume seu ser, seu poder e seus prazeres: amor! Preenchi com esta palavra o espaço que separa a Terra do Céu, e ainda não te-reis senão a ideia de uma gota de água no mar. Por mais grosseiro que seja, só o amor terrestre pode vos dar ideia de sua divina realidade.

GEORGES

## A REENCARNAÇÃO

(Médium: Sr. de Grand-Boulogne)

Há na doutrina da reencarnação uma economia moral que não escapa à tua inteligência.

Sendo a corporeidade compatível somente com os atos de virtude, e sendo esses atos necessários ao melhoramento do

Espírito, raramente encontrará este, numa única existência, as circunstâncias necessárias ao seu progresso acima da humanidade.

Sendo admitido que a Justiça de Deus não pode harmonizar-se com as penas eternas, deve a razão concluir pela necessidade: 1<sup>o</sup>) de um período de tempo durante o qual o Espírito examina o seu passado e toma suas resoluções para o futuro; 2<sup>o</sup>) de uma existência nova em harmonia com o avanço atual desse Espírito. Não falo dos suplícios, por vezes terríveis, a que são condenados certos Espíritos, durante o período da erraticidade; por um lado eles correspondem à enormidade da falta e, por outro, à Justiça de Deus. Isto diz bastante para dispensar detalhes que, aliás, encontrarás no estudo das evocações. Voltando às reencarnações, haverás de compreender a sua necessidade por uma comparação vulgar, mas de impressionante verdade.

Após um ano de estudos, o que acontece ao jovem colegial? Se progrediu, passa para a classe superior; se ficou imobilizado em sua ignorância, repete o ano. Vai mais longe; comete faltas graves e é expulso. Pode vagar de colégio em colégio; pode ser afastado da universidade e pode ir da casa de educação à casa de correção. Tal a imagem fiel da sorte dos Espíritos e nada satisfaz mais completamente à razão. Quer-se cavar mais profundamente a Doutrina? Ver-se-á, nessas ideias, quanto a Justiça de Deus parece mais perfeita e mais conforme às grandes verdades que dominam a nossa inteligência.

No conjunto, como nos detalhes, há nisso algo de tão surpreendente que o Espírito que começa a iniciar-se fica como que iluminado. E as censuras murmuradas contra a Providência, e as maldições contra a dor, e o escândalo do vício feliz em face da virtude que sofre, e a morte prematura da criança, e, numa mesma família, de encantadoras qualidades, dando, por assim dizer, a mão a uma perversidade precoce, e as enfermidades que datam do berço, e a infinita diversidade de destinos, tanto nos indivíduos, quanto nos povos, problemas até hoje insolúveis, enigmas que fazem duvidar da bondade e quase da existência de Deus — tudo isto se explica ao mesmo tempo. Um puro raio de luz se estende no horizonte da

filosofia nova e, no seu quadro imenso, agrupam-se harmoniosamente todas as condições da existência humana. As dificuldades se aplainam, os problemas se resolvem, e mistérios até hoje impenetráveis se explicam numa única palavra: *reencarnação*.

Leio em teu pensamento, prezado cristão. Tu dizes: eis, desta vez, uma verdadeira heresia. Meu filho, nada mais que a negação das penas eternas. Nenhum dogma *prático* entra em contradição com esta verdade. O que é a vida humana? O tempo durante o qual o Espírito permanece unido ao corpo. No dia marcado por Deus, os filósofos cristãos não terão nenhuma dificuldade para dizer que a vida é múltipla. Isso não acrescenta nem muda nada nos vossos deveres. A moral cristã fica de pé e a lembrança da missão de Jesus paira sempre sobre a humanidade. A Religião nada tem a temer deste ensino, e não está longe o dia em que seus ministros abrirão os olhos à luz; por fim reconhecerão, na revelação nova, os socorros que, do fundo de suas basílicas, imploram do Céu. Eles creem que a sociedade vai perecer: será salva.

ZÉNON

## O DESPERTAR DE UM ESPÍRITO

(Médium: Sra. Costel)

Quando o homem abandona os despojos mortais, experimenta um espanto e um deslumbramento que o deixam por algum tempo indeciso quanto ao seu estado real; não sabe se está morto ou vivo e suas sensações, muito confusas, demoram bastante para aclarar-se. Pouco a pouco, os olhos do Espírito ficam deslumbrados por diversas claridades que o cercam e ele acompanha toda uma ordem de coisas, grandes e desconhecidas, que de início tem dificuldade em compreender, mas em breve reconhece que não passa de um ser impalpável e imaterial; procura seus despojos e se surpreende de não encontrá-los; passa-se algum tempo antes que lhe venha a memória do passado e o convença de sua identidade.

Olhando a Terra, que acaba de deixar, vê os parentes e amigos que o pranteiam, como vê o corpo inerte. Finalmente seus olhos se destacam da Terra e se elevam para o Céu; se a vontade de Deus não o retém no solo, ele sobe lentamente e se sente flutuar no espaço, o que é uma sensação deliciosa. Então a lembrança da vida que deixa lhe aparece com uma clareza às mais das vezes desoladora, mas outras vezes consoladora. Falo-te aqui do que experimentei, eu que não sou um Espírito mau, mas que não tenho a felicidade de ocupar uma posição elevada. Nós nos despojamos de todos os preconceitos terrenos; a verdade aparece em toda a sua luz; nada atenua as faltas, nada oculta as virtudes; vemos nossa alma tão claramente quanto num espelho; procuramos entre os Espíritos os que foram conhecidos, porque o Espírito se apavora no seu isolamento, mas eles passam sem se deter; não há relações amistosas entre os Espíritos errantes; aqueles mesmos que se amaram não trocam sinais de reconhecimento; essas formas diáfanas deslizam e não se fixam; as comunicações afetuosas são reservadas aos Espíritos Superiores, que intercambiam seus pensamentos. Quanto a nós, nosso estado transitório só serve para o nosso adiantamento, tendo em vista que nada nos distrai; as únicas comunicações que nos são permitidas são com os humanos, porque têm um fim de mútua utilidade, que Deus prescreve.

Os Espíritos maus também contribuem para a melhoria humana: servem para as provas; quem lhes resiste conquista méritos. Os Espíritos que dirigem os homens são recompensados por um grande abrandamento de suas penas. Os Espíritos errantes não sofrem a ausência de comunicações entre si, pois sabem que se encontrarão; têm apenas mais ardor para chegar ao momento em que as provas realizadas lhes darão o objeto de sua afeição, que não pode ser expressa, mas que neles jaz latente. Nenhum dos laços que contraímos na Terra se desfaz; nossas simpatias serão restabelecidas na ordem em que tiverem existido, mais ou menos vivas conforme o grau de calor ou de intimidade que tiverem tido.

GEORGES

## PROGRESSO DOS ESPÍRITOS

(Médium: Sra. Costel)

Os Espíritos podem avançar intelectualmente, se o quiserem sinceramente e com firmeza. Como os homens, têm o livre-arbítrio, e o estado errante não lhes impede o exercício de suas faculdades; até auxilia, facultando-lhes meios de observação, de que podem aproveitar-se.

Os Espíritos maus não estão fatalmente condenados a permanecer como tais. Podem melhorar-se, mas raramente o querem, uma vez que lhes falta o discernimento e encontram uma espécie de prazer doentio no mal que praticam. Para que voltem ao bem é necessário que sejam violentamente impressionados e punidos, porquanto seus cérebros tenebrosos não se esclarecem senão pelo castigo.

Os Espíritos fracos, que não fazem o mal por prazer, mas que não avançam, são detidos por sua própria fraqueza e por uma espécie de entorpecimento, que paralisa suas faculdades; vão sem saber aonde; passa-se o tempo, sem que o avaliem; pouco se interessam pelo que veem, disso não tiram proveito ou se revoltam. É necessário que o Espírito haja chegado a um certo grau de progresso moral para poder progredir na erraticidade; assim, esses pobres Espíritos frequentemente escolhem muito mal as suas provas, sobretudo procuram ficar o melhor possível na vida corpórea, sem se inquietarem muito com o que serão mais tarde. Esses Espíritos fracos aspiram ardentemente à reencarnação, não para se depurar, mas para viver ainda. Os seres que fizeram muitas migrações são mais experimentados que os outros; cada uma de suas existências depositou neles uma soma de conhecimentos mais consideráveis; viram e retiveram; são menos ingênuos do que os que se encontram mais próximos do ponto de partida.

Os Espíritos que deixaram a Terra nela reencarnam mais do que alhures, porque a experiência aí adquirida é mais aplicável.

Quase não visitam outros mundos, senão antes ou após o seu aperfeiçoamento. Em cada planeta as condições de existência são diferentes, porquanto Deus é inesgotável na variedade de suas obras. Entretanto, os seres que os habitam obedecem às mesmas leis de expiação e tendem todos para o mesmo objetivo de completa perfeição.

GEORGES

## A CARIDADE MATERIAL E A CARIDADE MORAL<sup>64</sup>

(Médium: Sra. de B...)

“Amemo-nos uns aos outros e façamos aos outros o que quereríamos que nos fizessem eles.” Toda a religião, toda a moral se acham encerradas nestes dois preceitos. Se fossem observados nesse mundo, todos seríeis felizes: não mais aí ódios, nem ressentimentos. Direi ainda: não mais pobreza, porquanto, do supérfluo da mesa de cada rico, muitos pobres se alimentariam, e não mais veríeis, nos quarteirões sombrios onde habitei durante a minha última encarnação, pobres mulheres arrastando consigo miseráveis crianças a quem tudo faltava.

Ricos! pensai nisto um pouco. Auxiliai os infelizes o melhor que puderdes. Dai, para que Deus, um dia, vos retribua o bem que houverdes feito, para que tenhais, ao sairdes do vosso invólucro terreno, um cortejo de Espíritos agradecidos, a receber-vos no limiar de um mundo mais ditoso.

Se pudésseis saber da alegria que experimentei ao encontrar no Além aqueles a quem, na minha última existência, me fora dado servir!... Dai e amai ao vosso próximo; amai-o como a vós mesmos, porque o sabeis, vós também, agora que Deus permitiu começásseis a vos instruir na ciência espírita, que, repelindo um

<sup>64</sup> Nota do tradutor: Com o mesmo título esta mensagem foi inserida por Allan Kardec em *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo XIII, item 10 (3ª edição definitiva – 1866).

desgraçado, estareis, quiçá, afastando de vós um irmão, um pai, um amigo vosso de outrora. Se assim for, de que desespero não vos sentireis presa ao reconhecê-lo no mundo espírita!

Desejo compreendais bem o que seja a *caridade moral*, que todos podem praticar, que *nada custa*, materialmente falando, porém que é a mais difícil de exercer-se.

A caridade moral consiste em se suportarem umas às outras as criaturas, e é o que menos fazeis nesse mundo inferior onde vos achais, por agora, encarnados. Sede, pois, caridosos, porque avançareis mais no bom caminho; sede humanos e suportai-vos uns aos outros. Grande mérito há, crede-me, em um homem saber calar-se, deixando fale outro mais tolo do que ele. É um gênero de caridade isso. Saber ser surdo quando uma palavra zombeteira se escapa de uma boca habituada a escarnecer; não ver o sorriso de desdém com que vos recebem pessoas que, muitas vezes erradamente, se supõem acima de vós, quando na vida espírita, a *única real*, estão, não raro, muito abaixo, constitui merecimento, não do ponto de vista da humildade, mas do da caridade, porquanto não dar atenção ao mau proceder de outrem é caridade moral. Passando junto a um pobre enfermo, olhá-lo com compaixão tem sempre muito mais mérito do que lhe atirar um óbolo com desprezo.

Contudo, não se deve tomar essa figura ao pé da letra, porque essa caridade não deve impedir a outra. Tende, porém, cuidado principalmente em não tratar com desprezo o vosso semelhante. Lembrai-vos de tudo o que já vos tenho dito: tende presente sempre que, repelindo um pobre, talvez repilais um Espírito que vos foi caro e que, no momento, se encontra em posição inferior à vossa. Encontrei aqui um dos pobres da Terra, a quem, por felicidade, eu pudera auxiliar algumas vezes, e ao qual, a meu turno, *tenho agora de implorar auxílio*.

Sede, pois, caridosos; não sejais desdenhosos; sabeis deixar passar uma palavra que vos fere e não julgueis que ser caridosos

seja apenas prodigalizar o auxílio material, mas também praticar a caridade moral. Eu vo-lo repito: praticai uma e outra.

Lembraí-vos de que Jesus disse que todos somos irmãos e pensai sempre nisso antes de repelirdes o leproso<sup>65</sup> ou o mendigo. Virei ainda para vos dar uma comunicação mais longa, pois agora sou chamada. Adeus: pensai nos que sofrem e orai.

IRMÃ ROSÁLIA

## A ELETRICIDADE DO PENSAMENTO

(Médium: Sra. Costel)

Falarei do estranho fenômeno que se passa nas assembleias, seja qual for o seu caráter. Quero falar da eletricidade do pensamento, que se espalha, como por encanto, nos cérebros menos preparados para recebê-la. Por si só esse fato poderia confirmar o magnetismo aos olhos dos mais incrédulos. Surpreende-me, sobretudo, a coexistência dos fenômenos e a maneira pela qual se confirmam reciprocamente. Sem dúvida direis: O Espiritismo os explica a todos, pois dá a razão dos fatos, até então relegados ao domínio da superstição. É preciso crer no que ele vos ensina, porque transforma a pedra em diamante, isto é, eleva incessantemente as almas que se aplicam a compreendê-lo e lhes dá, nesta Terra, a paciência para suportar os males, proporcionando-lhes, no Céu, a elevação gloriosa que aproxima do Criador.

Volto ao ponto de partida, do qual me afastei um pouco: a eletricidade que une os Espíritos dos homens numa reunião e os faz compreender, todos ao mesmo tempo, a mesma ideia. Essa eletricidade será, um dia, empregada tão eficazmente entre os homens quanto já o é agora para as comunicações distantes. Chamo-vos a atenção para esta ideia; um dia eu a desenvolverei, pois é

---

<sup>65</sup> N.E.: Termo atualmente considerado pejorativo; hanseniano.

muito fecunda. Conservai a calma em vossos trabalhos e contaí com a benevolência dos Espíritos bons para vos assistirem.

\* \* \*

Vou concluir meu pensamento, incompleto na última comunicação. Eu falava da eletricidade do pensamento e dizia que um dia ela seria empregada como o é a sua irmã, a eletricidade física. Com efeito, reunidos, os homens liberam um fluido que lhes transmite, com a rapidez do relâmpago, as menores impressões. Por que jamais se pensou em empregar esse meio, por exemplo, para descobrir um criminoso, ou fazer que as massas compreendam as verdades da religião ou do Espiritismo? Nos grandes processos criminais ou políticos, todos os assistentes dos dramas judiciários puderam constatar a corrente magnética que, pouco a pouco, forçava as pessoas mais interessadas a ocultar o pensamento, a descobri-lo, até mesmo a se acusar, por não mais poderem suportar a pressão elétrica que, mau grado seu, fazia brotar a verdade, não de sua consciência, mas de seu coração. Deixando de lado essas grandes emoções, o mesmo fenômeno se reproduz nas ideias intelectuais, que se comunicam de cérebro a cérebro. O meio, portanto, já foi encontrado; trata-se de aplicá-lo: reunir num mesmo centro homens convictos, ou homens instruídos, e lhes opor a ignorância ou o vício. Essas experiências devem ser feitas conscientemente, e são mais importantes do que os inúteis debates travados sobre palavras.

DELPHINE DE GIRARDIN

## A HIPOCRISIA

(Médium: Sr. Didier Filho)

Deveria haver na Terra dois campos bem distintos: o dos homens que fazem o bem abertamente e o dos que fazem o mal abertamente. Mas não! O homem não é franco nem mesmo no mal: afeta virtude. Hipocrisia! Hipocrisia! deusa poderosa, quantos

tiranos procriaste? quantos ídolos fizeste adorar? O coração do homem é realmente muito estranho, pois pode bater quando está morto e amar, em aparência, a honra, a virtude, a verdade e a caridade! Diariamente o homem se prostra ante estas virtudes e falta à sua palavra, desprezando o pobre e o Cristo. Todo dia mente, todo dia é um tartufo! Quantos homens parecem honestos porque a aparência muitas vezes engana! Cristo os chamava sepulcros caiados, isto é, cheios de podridão por dentro e limpos por fora, brilhando ao sol. Homem, na verdade tu pareces essa morada da morte; e, enquanto teu coração estiver morto, não serás inspirado por Jesus, essa divina luz que não clareia o exterior, mas ilumina interiormente.

A hipocrisia, entendei bem, é o vício de vossa época; e quereis fazer-vos grandes pela hipocrisia! Em nome da liberdade, vos engrandeceis; em nome da moral, vos embruteceis; em nome da verdade, mentis.

LAMENNAIS

ALLAN KARDEC

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

NOVEMBRO DE 1860

Nº 11

## Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Sexta-feira, 5 de outubro de 1860 – Sessão particular

Reunião da comissão.

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 24 de agosto.

Com o parecer da comissão, que tomou conhecimento da carta de pedido, e após a leitura da Ata, a Sociedade admite como sócio livre o Sr. B..., negociante em Paris.

*Comunicações diversas:*

1ª) O Sr. Allan Kardec relata o resultado da viagem que acaba de fazer no interesse do Espiritismo e se congratula pela cordialidade da acolhida que recebeu por toda parte, principalmente em Sens, Mácon, Lyon e Saint-Etienne. Em todos os locais onde se deteve, pôde constatar os progressos consideráveis da Doutrina, mas o que, sobretudo, é digno de nota é que em parte alguma viu fazerem

dela uma distração. Por toda parte se ocupam do Espiritismo de modo sério e lhes compreendem o alcance e as consequências futuras. É possível que ainda haja muitos oponentes, dos quais os mais obstinados são os interesseiros, mas os trocistas diminuem sensivelmente. Vendo que seus sarcasmos não atraem os brincalhões para o seu lado, e que estes mais favorecem do que entravam o progresso das crenças novas, começam a compreender que nada ganham e desperdiçam o espírito em pura perda, razão por que se calam. Uma expressão muito característica aparece, por toda parte, na ordem do dia: *O Espiritismo está no ar*, por si só ela descreve bem o estado das coisas. Mas é principalmente em Lyon que os resultados são mais notáveis. Ali os espíritas são numerosos em todas as classes e, na classe operária, eles se contam por centenas. A Doutrina Espírita tem exercido, entre os operários, a mais salutar influência do ponto de vista da ordem, da moral e das ideias religiosas. Em resumo, a propagação do Espiritismo marcha com a mais encorajadora rapidez.

O Sr. Allan Kardec lê o discurso pronunciado pelo Sr. Guillaume, no banquete que os espíritas lioneses lhe ofereceram, assim como a resposta que lhe deu.

Reconhecida pelos testemunhos de simpatia que os confrades de Lyon lhe deram na ocasião, a Sociedade lhes vota uma moção de agradecimento, cujo projeto foi submetido à Comissão e por ela emendado. Esta moção será transmitida por intermédio do presidente.

O Sr. Allan Kardec viu, em Saint-Etienne, o Sr. R... e dele ouviu a exposição do sistema que lhe foi ditado por meio do que ele chama *escrita inconsciente*. Mais tarde esse sistema será objeto de um estudo especial.

Além disso, dá conta de um caso muito curioso de obsessão física de uma pessoa de Lyon; de um caso de mediunidade visual, do qual foi testemunha, e de um fenômeno de transfiguração ocorrido nos arredores de Saint-Etienne, com uma jovem que, em

certos momentos, tomava a aparência completa de seu irmão, morto alguns anos antes.

2ª) Relato de um notável caso de identidade espírita ocorrido num navio da Marinha imperial, ancorado nos mares da China. O fato é relatado por um cirurgião da frota, presente à sessão. Todos no navio, desde os marinheiros até o estado-maior, se ocupavam de evocações; porém, não conhecendo o meio de obter comunicações escritas, se serviam da tiptologia alfabética. Alguém teve a ideia de evocar um tenente falecido há dois anos; entre outras particularidades, disse ele: “Peço insistentemente que paguem ao capitão a quantia de... (ele designa a soma), que eu lhe devo, e que lamento não ter podido fazê-lo antes de morrer.” Ninguém conhecia tal circunstância; o próprio capitão se havia esquecido, mas, verificando suas contas, encontrou menção da dívida do tenente, e a cifra, indicada por seu Espírito, era perfeitamente exata.

3ª) O Sr. de Grand-Boulogne lê uma encantadora poesia, por ele dirigida ao seu Espírito familiar.

*Estudos:*

1ª) Perguntas endereçadas a São Luís sobre sua aparição a um médium vidente de Lyon, em presença do Sr. Allan Kardec. Ele responde: “Sim, era eu mesmo; era dever de minha missão não abandonar o diretor da sociedade que patrocino.”

Outras perguntas sobre a impressão física produzida em certos médiuns escreventes pelos Espíritos bons e maus.

2ª) Evocação do Sr. Ch. de P..., que encontraram afogado e sua morte foi atribuída ao suicídio. Ele desmente tal opinião e narra as causas acidentais que lhe ocasionaram a morte.

3ª) Ditado espontâneo, assinado por Lamennais, recebido pelo Sr. D...

Sexta-feira, 12 de outubro de 1860 – Sessão geral

Reunião da comissão.

Presidência do Sr. Jobard, de Bruxelas, presidente honorário.

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 5 de outubro.

*Comunicações diversas:*

1ª) Leitura de várias comunicações obtidas pela Sra. Schm...: *Os órfãos*, assinada por Jules Morin. Outras, assinadas por Alfred de Musset, pela rainha de Oude e por Nicolas.

2ª) Leitura de um ditado espontâneo assinado por São Luís, recebido pelo Sr. Darcol, contendo diversos conselhos aos espíritos.

3ª) Carta dirigida ao Sr. Allan Kardec pelo Sr. J..., da Terra-Negra, sobre a penosa impressão que lhe produziu a exposição do sistema do Sr. R...

*Estudos:*

1º) Evocação de Saul, rei dos judeus. Declara que não é ele quem se comunica pela Srta. B... O Espírito que se comunica com esse nome tinha ensinado no círculo dessa senhora um sistema particular, cujos principais pontos são estes: a) Os Espíritos são tanto mais esclarecidos quanto mais antiga tenha sido sua última existência terrena, de que se conclui, por exemplo, que São Luís deve ser menos adiantado que ele, porque morreu há menos tempo; b) Os Espíritos só se encarnam na Terra, sendo exatamente três o número dessas encarnações, nem mais, nem menos, o que basta para os levar do grau mais baixo ao mais elevado.

Tendo o Sr. Allan Kardec combatido esta teoria, como irracional e desmentida pelos fatos, o Espírito empenhou-se em

fazê-lo mudar de ideia. Evocado, não pôde sustentar o seu sistema, mas não se dá por vencido e pede para ser ouvido numa sessão íntima, por seu médium habitual.

NOTA – Realizada a sessão alguns dias depois, o Espírito persistiu em dizer-se Saul, rei dos judeus. Mas, pressionado pelas perguntas, deu provas da mais absoluta ignorância, dizendo, por exemplo, que a encarnação só ocorre na Terra, porque esta é o único globo sólido; segundo ele, não sendo os outros planetas senão *globos fluidicos*, não podiam servir de habitação a seres corpóreos. Quando se lhe objetou o fenômeno dos eclipses do Sol, ele asseverou que jamais o Sol foi eclipsado por Mercúrio e Vênus, no que, aliás, nem sempre os astrônomos tinham estado de acordo.

O fato prova, mais uma vez, que os Espíritos estão longe de ter a ciência infusa<sup>66</sup> e quanto é preciso se pôr em guarda os sistemas que, por amor-próprio, alguns procuram impor, por meio de algumas belas máximas de moral. Este, apesar da jactância, revelou sua verdadeira intenção com a ridícula teoria dos corpos planetários e provou que, em vida, devia ser menos instruído que o mais atrasado estudante, o que não é uma garantia em favor de seu progresso. Quando esses Espíritos encontram ouvintes que acolhem suas palavras com uma confiança demasiado cega, eles os aproveitam; serão, porém, menos encontrados à medida que nos compenetrarmos desta verdade: é preciso submeter todas as comunicações ao controle severo da lógica e da razão. Quando esses Espíritos pseudossábios perceberem que ninguém se deixará enganar pelos nomes respeitáveis com que se adornam, e que não podem impor suas utopias, compreenderão que perdem o tempo e se calarão.

2º) Evocação do Espírito que se comunica ao Sr. R... e também lhe ditou um sistema completo. Esse estudo será retomado posteriormente.

<sup>66</sup> Nota do tradutor: Ciência que se supõe vinda de Deus por inspiração.

3º) Ditado espontâneo obtido pelo Sr. D... sobre a *ciência infusa*, assinado por São Luís. Essa comunicação parece ter sido provocada pelos assuntos de que se ocuparam durante a sessão.

4º) Desenho obtido pela Srta. J... e assinado por Ary Schoeffer.

5º) Evocação de Nicolas pela Srta. J... Como de hábito, manifesta-se pela violência. “Pedir-me calma” — diz — “é pedir que eu não seja eu. Como vedes, ainda queimo; é que o sopro da batalha subiu até mim.”

Interrogado sobre a razão por que se mostrou tão calmo com a Sra. Sch..., responde: “Eu tinha tomado um intérprete para não prejudicar esta frágil criatura; pude ter belos e bons pensamentos, mas não pude escrevê-los eu mesmo.”

Um outro Espírito se comunica espontaneamente por intermédio da Srta. J...; por sua extrema suavidade, por sua escrita bem-posta, correta e quase moldada, que contrasta de maneira tão notável com a escrita entrecortada, angulosa e impaciente de N..., a médium crê reconhecer João Batista, que várias vezes assim se manifestou. Ele fala da eficácia da prece e lembra as profecias do *Apocalipse*, que hoje encontram sua aplicação.

Sexta-feira, 19 de outubro de 1860 – Sessão particular

Reunião da comissão.

Leitura da Ata e dos trabalhos da última sessão.

Por indicação da comissão, e depois de lida a Ata, são admitidos, como sócios livres, o Sr. G..., negociante em Paris, e o Sr. D..., empregado nos Correios.

*Comunicações diversas:*

1ª) Leitura de uma comunicação recebida pela Sra. Sch..., de seu irmão. É extraordinária pela elevação dos pensamentos, provando a afeição que os Espíritos conservam por aqueles que amaram na Terra.

2ª) A Sra. Desl... lê a evocação de uma antiga empregada de sua família, já falecida. Essa evocação, na qual o Espírito prova a sua afeição e os seus bons sentimentos, oferece uma notável particularidade na forma da linguagem, que é, em todos os pontos, semelhante à da gente simples do campo, havendo o Espírito conservado até mesmo as expressões que lhe eram familiares.

3ª) Caso de identidade, relativo ao Espírito Charles de P..., evocado na sessão de 5 de outubro. A pessoa com quem já se havia comunicado em Bordeaux, e que o tinha evocado novamente nos primeiros dias deste mês, por ele soube que o chamaram na Sociedade, onde tinha confirmado o que dissera a respeito da causa accidental de sua morte. Pouco depois essa pessoa recebeu a carta do Sr. Allan Kardec, transmitindo detalhes da evocação feita na Sociedade.

4ª) Relato de diversos casos de aparições vaporosas e tangíveis e de transporte de objetos materiais, ocorridos com o Sr. de St.-G..., presente à sessão, bem como a uma de suas parentas. Esses casos serão objeto de exame ulterior.

#### *Estudos:*

1º) Evocação do Espírito que se manifestou visivelmente ao Sr. de St.-G... Ele dá algumas explicações, mas declara que prefere comunicar-se por seu médium habitual.

2º) Evocação de um Espírito que toma o nome de Baltazar e se revelou espontaneamente à Srta. H..., mostrando disposições gastronômicas. Essa evocação oferece um grande interesse do ponto de vista do estudo dos Espíritos não desmaterializados e que conservam os instintos da vida terrena.

Três ditados espontâneos são obtidos: o primeiro, pelo Sr. Didier Filho, sobre o Cristianismo, assinado por Lamennais; o segundo, pela Sra. Costel, sobre os Espíritos materiais, assinado por Delphine de Girardin; o terceiro, pela Srta. Huet, a parábola *Beijo da paz*, assinada por Channing.

## Bibliografia – Carta de um católico sobre o espiritismo

Pelo Dr. Grand, antigo vice-cônsul da França<sup>67</sup>

O autor desta brochura propôs-se a provar que se pode ser, ao mesmo tempo, bom católico e fervoroso espírita. Neste sentido, prega pela palavra e pelo exemplo, pois é sinceramente uma e outra coisa. Por fatos e argumentos de uma lógica rigorosa, estabelece a concordância do Espiritismo com a religião, e demonstra que todos os dogmas fundamentais encontram, na Doutrina Espírita, uma explicação suscetível de satisfazer à razão mais exigente, que em vão a Teologia se esforça para dar; de onde conclui que, se esses dogmas fossem ensinados desta maneira, encontrariam bem menos incrédulos e que, portanto, devendo a religião ganhar com essa aliança, dia virá em que, pela força das coisas, o Espiritismo estará na religião, ou a religião no Espiritismo.

Parece difícil que, após a leitura desse opúsculo, aqueles que os escrúpulos religiosos ainda afastam do Espiritismo não sejam levados a uma apreciação mais sadia do problema. Aliás, há um fato evidente: é que as ideias espíritas marcham com tal rapidez que, sem ser adivinho nem feiticeiro, é possível prever o tempo em que serão tão gerais que, querendo ou não, ter-se-á que contar com elas; essas ideias conquistarão foros de cidadania, sem haver necessidade da permissão de ninguém, e em breve se reconhecerá, se ainda não se

---

<sup>67</sup> Nota de Allan Kardec: Br. Grand in-18, preço 1 fr.; pelo Correio 1 fr. 15 cent, Ledoyen, livreiro-editor, Palais-Royal, 31, galerie d'Orléans e no escritório da *Revista Espírita*.

fez, a absoluta impossibilidade de lhe deter o curso. As próprias diatribes dar-lhes-ão um impulso extraordinário e não se poderia crer no número de adeptos que, sem querer, fez o Sr. Louis Figuier com a sua *História do maravilhoso*, na qual pretende tudo explicar pela alucinação, quando, definitivamente, nada explica, porque, sendo seu ponto de partida a negação de toda força fora da humanidade, sua teoria material não pode resolver todos os casos. Os gracejos do Sr. Oscar Comettant não são argumentos: ele faz rir, mas não à custa dos espíritas. O impudente e grosseiro artigo da *Gazette de Lyon* só prejudicou a ela mesma, pois todos o julgaram como o merece. Após a leitura da brochura de que falamos, que dirão os que ainda ousam avançar que os espíritas são ímpios e que a sua doutrina ameaça a religião? Não percebem que, assim falando, fariam crer que a religião é vulnerável; realmente, seria muito vulnerável se uma utopia, pois, segundo eles, trata-se de utopia, pudesse comprometê-la. Não receamos dizer: todos os homens sinceramente religiosos — e por isso entendemos os que o são mais pelo coração do que pelos lábios — reconhecerão no Espiritismo uma manifestação divina, cujo objetivo é reavivar a fé que se extingue.

Recomendamos insistentemente essa brochura a todos os nossos leitores e cremos que farão uma coisa útil, procurando propagá-la.

## Homero

Estamos há muito tempo em contato com dois médiuns de Sens, tão distintos por suas faculdades, quanto recomendáveis por sua modéstia, devotamento e pureza de intenções. Evitaríamos dizê-lo se não os soubéssemos inacessíveis ao orgulho, essa pedra de tropeço de tantos médiuns, contra a qual vieram quebrar-se tantas disposições felizes. É uma qualidade bastante rara, que merece assinalada. Pudemos assegurar-nos pessoalmente das simpatias que eles desfrutavam entre os Espíritos bons, mas, longe de se prevalecerem disso, longe de se julgarem os únicos intérpretes da verdade, sem se deixarem ofuscar pelos nomes imponentes, aceitam com toda

humildade e com *prudente reserva* as comunicações que recebem, sempre as submetendo ao controle da razão. É o único meio de desencorajar os Espíritos enganadores, sempre à espreita das pessoas dispostas a crer, sob palavra, em tudo quanto vem do mundo dos Espíritos, contanto que traga a assinatura de um nome respeitável. Aliás, eles nunca receberam comunicações frívolas, triviais, grosseiras ou ridículas, e jamais algum Espírito tentou inculcar-lhes ideias excêntricas ou impor-se como regulador absoluto. E o que tudo isso prova ainda mais em favor dos Espíritos que os assistem são os sentimentos de real benevolência e verdadeira caridade cristã que esses Espíritos inspiram aos seus protegidos. Tal a impressão que nos ficou do que vimos, e nos sentimos felizes de proclamar.

No interesse da conservação e do aperfeiçoamento de sua faculdade, fazemos votos por que jamais caiam no engano dos médiums que se julgam infalíveis. Não há um só que se possa vangloriar de jamais ter sido enganado. As melhores intenções não garantem sempre e, muitas vezes, são uma prova para exercitar o julgamento e a perspicácia. Mas, a respeito dos que têm a infelicidade de se julgarem infalíveis, os Espíritos enganadores são muito habilidosos para aproveitá-los; fazem o que fazem os homens: *exploram todas as fraquezas*.

No número das comunicações que esses senhores nos enviaram, a seguinte, assinada por Homero, embora não apresente nada de excepcional quanto às ideias, pareceu-nos merecer particular atenção, em virtude de um fato notável que pode, até certo ponto, ser considerado prova de identidade. Esta comunicação foi obtida espontaneamente e sem que o médium de forma alguma pensasse no poeta grego. Provocou diversas perguntas que também julgamos dever reproduzir.

Certo dia o médium escreveu o que se segue, sem saber quem lho ditava:

“Meu Deus! como são profundos os vossos desígnios e impenetráveis as vossas vistas! Em todos os tempos os homens têm

procurado a solução de uma multidão de problemas que não se acham ainda resolvidos. Eu também o procurei em toda a minha vida e fui incapaz de resolver o que de todos parece o mais simples: o mal, aguilhão de que vos servis para impelir o homem a fazer o bem por amor. Ainda muito jovem, conheci os maus-tratos que os homens fazem sofrer uns aos outros, sem premeditação, como se para eles o mal fosse um elemento natural; entretanto, não é assim, uma vez que todos tendem para o mesmo fim, que é o bem. Degolam-se uns aos outros e, ao despertarem, reconhecem que feriram um irmão! Mas são os vossos decretos, não nos competindo mudá-los; só temos o mérito ou o demérito de haver resistido mais ou menos à tentação, e, como sanção de tudo isto, o castigo ou a recompensa.

Passei a juventude nos *alagados de Mèlès*;<sup>68</sup> banhei-me e embalei-me muitas vezes em suas ondas. Daí por que, na minha juventude, eu era chamado de *Melesigênio*.”

1. Sendo este nome desconhecido, rogamos ao Espírito que se dignasse explicá-lo de maneira precisa.

*Resp.* – Minha mocidade foi embalada nas ondas; a poesia me deu cabelos brancos. Sou eu a quem chamais *Homero*.

OBSERVAÇÃO – Grande foi a nossa surpresa, pois não fazíamos nenhuma ideia do sobrenome de Homero; depois o encontramos no dicionário mitológico. Continuamos as perguntas.

2. Poderíeis dizer a que devemos a felicidade de vossa visita espontânea? Não pensávamos absolutamente em vós neste momento, pelo que vos pedimos perdão.

*Resp.* – É porque venho às vossas reuniões como se vai sempre aos irmãos que têm em vista fazer o bem.

<sup>68</sup> Nota do tradutor: Grifo nosso – *roseaux du Mèlès*. No contexto, corresponde a uma região alagada onde vicejam plantas aquáticas semelhantes à cana-da-índia.

3. Se não for ousar bastante, gostaríamos que falásseis dos últimos momentos de vossa vida na Terra.

*Resp.* – Ó meus amigos, Deus permita que não morrais tão infelizes quanto eu! Meu corpo feneceu na última das misérias humanas; a alma fica muito perturbada em tal estado; o despertar é mais difícil, mas é, também, mais belo. Oh! como Deus é grande! que Ele vos abençoe! Eu o peço do fundo do coração.

4. Os poemas da *Iliada* e da *Odisseia*, que temos, são exatamente os que compusestes?

*Resp.* – Não; foram modificados.

5. Várias cidades disputaram a honra de vos ter sido o berço. Poderíeis esclarecer-nos a respeito?

*Resp.* – Procurai a cidade da Grécia que possui a casa do cortesão Clénax. Foi ele quem expulsou minha mãe do lugar de meu nascimento, porque ela não queria ser sua amante; assim, sabereis em que cidade eu nasci. Sim, elas disputaram essa suposta honra, mas não disputavam por me haverem dado hospitalidade. Oh! eis os pobres humanos; sempre futilidades; bons pensamentos, jamais!

OBSERVAÇÃO – O fato mais importante desta comunicação é a revelação do sobrenome de Homero; e é tanto mais notável quanto os dois médiuns, que deploram a insuficiência de sua instrução — o que os obriga a viver do trabalho manual —, não podiam ter a menor ideia a respeito. E tanto menos se pode atribuí-lo a um reflexo qualquer do pensamento, considerando-se que no momento estavam sós.

A respeito, faremos outra observação: Está provado, para todo espírita, mesmo para os menos experientes, que se alguém soubesse o sobrenome de Homero e, numa evocação, como prova de identidade, lhe pedisse para revelá-lo, nada obteria. Se as comunicações não passassem de um reflexo do pensamento, como não diria o Espírito aquilo que sabemos, já que ele próprio diz aquilo

que ignoramos? É que ele também tem a sua dignidade e a sua suscetibilidade e quer provar que não está às ordens do primeiro curioso que apareça. Suponhamos que aquele que mais protesta contra o que chama capricho ou má vontade do Espírito se apresente numa casa declinando o nome. Que faria, se o acolhessem e lhe pedissem à queima-roupa que provasse ser ele mesmo? Voltaria as costas. É o que fazem os Espíritos. Isto não quer dizer que se deva crer sob palavra, mas, quando quisermos ter provas de identidade, é necessário que os tratemos com a mesma consideração que dispensamos aos homens. As provas de identidade fornecidas espontaneamente pelos Espíritos são sempre as melhores.

Se nos estendemos tanto a propósito de um assunto que não parecia comportar tantas considerações, é que se me afigura útil não negligenciar nenhuma ocasião de chamar a atenção sobre a parte prática de uma ciência cercada de mais dificuldades do que geralmente se pensa, e que muitas pessoas julgam possuir porque sabem fazer bater uma mesa ou mover-se um lápis. Aliás, nós nos dirigimos aos que ainda julgam necessitar de alguns conselhos, e não aos que, após alguns meses de estudo, pensam não mais necessitá-los. Se os conselhos, que julgamos dever dar, forem perdidos para alguns, sabemos que não o serão para todos e que muitas pessoas os acolherão com prazer.

## Conversas familiares de Além-Túmulo

### BALTAZAR, O ESPÍRITO GASTRÔNOMO

(Sociedade, 19 de outubro de 1860)

Numa reunião espírita particular apresentou-se espontaneamente um Espírito, sob o nome de Baltazar, e ditou a seguinte frase por meio de batidas:

“Gosto da boa mesa e das mulheres; viva o melão e a lagosta, o café e o licor!”

Pareceu-nos que tais disposições de um habitante do mundo invisível poderiam dar lugar a um estudo sério, do qual poderíamos tirar um ensinamento instrutivo sobre as faculdades e as sensações de certos Espíritos. A nosso ver, era um interessante assunto de observação que se apresentava por si, ou, melhor ainda, que talvez tivesse sido enviado pelos Espíritos elevados, desejosos de nos fornecer meios para nos instruírmos; seríamos culpados se não o aproveitássemos. É evidente que essa frase burlesca revela, da parte do Espírito, uma natureza toda especial, cujo estudo pode lançar nova luz sobre o que podemos chamar a fisiologia do mundo espírita.

Eis por que a Sociedade julgou por bem evocá-lo, não por um motivo fútil, mas na esperança de encontrar um novo tema para instrução.

Certas pessoas creem que só se pode aprender com o Espírito dos grandes homens: é um erro. Sem dúvida, só os Espíritos de escol nos dão lições de alta filosofia teórica, mas o que não importa menos é o conhecimento do estado real do mundo invisível. Pelo estudo de certos Espíritos tomamos, de certo modo, a natureza sobre o fato; é vendo as chagas que podemos encontrar o meio de curá-las. Como nos daríamos conta das penas e sofrimentos da vida futura se não tivéssemos visto Espíritos infelizes? Por eles compreendemos que se pode sofrer muito sem estar no fogo e nas torturas materiais do inferno, e essa convicção, dada pela escória da vida espírita, não é uma das causas que têm contribuído menos para atrair partidários à Doutrina.

1. *Evocação.*

*Resp.* – Meus amigos, eis-me ante uma grande mesa, mas, infelizmente, vazia!

2. Esta mesa está vazia, é verdade; mas quereis dizer-nos de que vos serviria se estivesse repleta de alimentos?

*Resp.* – Sentiria o seu aroma, como outrora lhes saboreava o gosto.

OBSERVAÇÃO – Esta resposta encerra todo um ensinamento. Sabemos que os Espíritos têm as nossas sensações e percebem os odores tão bem quanto os sons. Não podendo comer, um Espírito material e sensual se repasta da emanção dos alimentos; saboreia-os pelo olfato, como em vida o fazia pelo paladar. Há, pois, algo de verdadeiramente material em seu prazer; porém, como há, na verdade, mais desejo do que realidade, este mesmo prazer, aguilhoando os desejos, torna-se um suplício para os Espíritos inferiores que ainda conservam as paixões humanas.

3. Falemos muito seriamente, peço-vos. Nosso propósito não é brincar, mas instruir-nos. Quereis, pois, responder com seriedade às nossas perguntas e, se for necessário, fazei-vos assistir por um Espírito mais esclarecido.

Tendes um corpo fluídico, nós o sabemos, mas dizei se, nesse corpo, há um estômago.

*Resp.* – Estômago fluídico também, no qual só os aromas podem passar.

4. Quando vedes um prato apetitoso, sentis vontade de comer?

*Resp.* – Ah! comer! não o posso mais; para mim essas iguarias são o que representam as flores para vós: cheirais, mas não comeis. Isto vos contenta. Pois bem! fico contente também.

5. Sentis prazer vendo os outros a comer?

*Resp.* – Muito, quando estou perto.

6. Sentis *necessidade* de comer e beber? Notai que dizemos *necessidade*; há pouco tínhamos dito *desejo*, o que não é exatamente a mesma coisa.

*Resp.* – Necessidade, não, mas desejo, sim. Sempre.

7. Esse desejo fica plenamente satisfeito pelo aroma que aspirais? É, para vós, como se realmente comêsseis?

*Resp.* – É como se vos perguntasse se a visão de um objeto, que desejais ardentemente, substitui a posse desse objeto.

8. Pareceria, conforme isso, que o desejo que experimentais deve ser um verdadeiro suplício, pois não há prazer real.

*Resp.* – Suplício bem maior do que imaginais, mas eu procuro atordoar-me, criando-me a ilusão.

9. Vosso estado nos parece bastante material. Dizei-nos: dormis algumas vezes?

*Resp.* – Não; adoro caminhar sem destino por toda parte.

10. O tempo vos parece longo? Por vezes vos aborreceis?

*Resp.* – Não; percorro as feiras e os mercados; vou ver a chegada da pescaria, com o que me ocupo bastante.

11. Que fazíeis quando estáveis na Terra?

NOTA – Alguém diz: sem dúvida era cozinheiro.

*Resp.* – Eu era apreciador da boa mesa, não glutão; advogado, filho de gastrônomo; neto de gastrônomo. Meus pais eram *fermiers généraux*.<sup>69</sup>

Respondendo em seguida à reflexão precedente, o Espírito acrescenta: “Bem vêes que eu não era cozinheiro. Jamais te convidaria para os meus almoços, pois não sabes comer nem beber.”

12. Há muito tempo que morrestes?

*Resp.* – Há cerca de 30 anos, com 80 anos de idade.

---

<sup>69</sup> Nota do tradutor: Grifo nosso. Financista que, no Antigo Regime, tinha direito de cobrar impostos, mediante pagamento de certa quantia fixa ao Tesouro francês.

13. Vedes outros Espíritos mais felizes do que vós?

*Resp.* – Sim, vejo alguns cuja felicidade consiste em louvar a Deus; ainda não conheço isto: meus pensamentos continuam vinculados à Terra.

14. Compreendeis as causas que os tornam mais felizes do que vós?

*Resp.* – Não as estimo ainda, como aquele que, desconhecendo um prato requintado, não o sabe apreciar. Talvez um dia chegue a compreender. Adeus; vou à procura de um jantarzinho muito delicado e muito suculento.

BALTAZAR

OBSERVAÇÃO – Este Espírito é bem singular; faz parte dessa classe numerosa de seres invisíveis que não se elevaram em coisa alguma acima da condição de humanidade; só têm de menos o corpo material, mas as ideias são exatamente as mesmas. Este não é um Espírito mau; não tem contra si senão a sensualidade, que é, ao mesmo tempo, para ele, um suplício e um gozo. Como Espírito não é, pois, muito infeliz; é até feliz a seu modo. Mas sabe Deus o que o espera numa nova existência! Um triste retorno poderá fazê-lo refletir e desenvolver o senso moral, ainda abafado pela preponderância dos sentidos.

## Um espírita a seu Espírito familiar

ESTÂNCIAS

Tu, que de ti minha tristeza  
 Conta olhar terno de piedade!  
 Tu, para quem minha fraqueza  
 Recolhe assim santa amizade!  
 És alma, gênio ou pura chama,

Suspende o voo de acesso aos céus;  
Fica a aclarar-me, esta alma clama,  
Ó Conselheiro dentre véus!

Mensageiro és da Providência,  
Sábio interpretas sua lei,  
Oh! fala; escuto com paciência:  
Mestre Divino, aprenderei.  
Ainda há pouco eu duvidava,  
Sem fé sentindo o coração,  
Porém teu sopro o iluminava,  
Arremessando-me um clarão!

Assim, oh! Deus, Ser adorável,  
Pai, muito mais que Criador,  
Pois com ternura, ah! inefável,  
Dá-nos um anjo em nossa dor.  
E cada qual, ó maravilha!  
Tem um celeste guardião;  
Cada um de nós tem sua trilha  
Ou invisível proteção.

Amável Ser que me consola!  
Bendito irmão doce e piedoso,  
Com quem minh'alma em luz se evola,  
Com ele evole ao céu radioso!  
Amo-te, sim, ser tutelar;  
Em tuas mãos, feliz afã;  
Sigo-te estrela; que a clarear  
Vens nosso céu nesse amanhã.

A. G.

## Relações afetuosas dos Espíritos

Comentário sobre o ditado espontâneo publicado na *Revista* do mês de outubro de 1860, sob o título *O despertar do Espírito*.

São geralmente admiradas as belas comunicações do Espírito que assina *Georges*, mas, em razão mesmo da superioridade de que esse Espírito dá prova, várias pessoas viram com surpresa o que ele diz em sua comunicação *O despertar do Espírito*, a propósito das relações de Além-Túmulo. Ali se lê o seguinte:

Nós nos despojamos de todos os preconceitos terrenos; a verdade aparece em toda a sua luz; nada atenua as faltas, nada oculta as virtudes; vemos nossa alma tão claramente quanto num espelho; procuramos entre os Espíritos os que foram conhecidos, porquanto o Espírito se apavora no seu isolamento, embora passem sem se deter; não há relações amistosas entre os Espíritos errantes; aqueles mesmos que se amaram não trocam sinais de reconhecimento; essas formas diáfanas deslizam e não se fixam; as comunicações afetuosas são reservadas aos Espíritos Superiores.

O pensamento do reencontro após a morte e da comunicação com os que amamos é uma das mais doces consolações do Espiritismo, e a ideia de que as almas não possam ter entre si relações de amizade seria dolorosa, se fosse absoluta; por isso não nos surpreendemos com o sentimento penoso que ela produziu. Se *Georges* tivesse sido um desses Espíritos vulgares e sistemáticos, que manifestam as próprias ideias sem se inquietarem com a sua exatidão ou falsidade, não lhe teríamos dado a menor importância. Em razão de sua sabedoria e de sua profundidade habituais, poder-se-ia imaginar que no fundo dessa teoria houvesse algo de verdadeiro, mas que o pensamento não tivesse sido expresso completamente. É, com efeito, o que resulta das explicações que pedimos. Temos, pois, uma prova a mais de que nada se deve aceitar sem o haver submetido ao controle da razão; e aqui a razão e os fatos nos dizem que essa teoria não podia ser absoluta.

Se o isolamento fosse uma propriedade inerente à erraticidade, tal estado seria um verdadeiro suplício, tanto mais penoso quanto pode prolongar-se por muitos séculos. Sabemos, por experiência, que a privação da vista dos que amamos é uma punição para certos Espíritos, mas também sabemos que muitos são felizes por se encontrarem; que, ao sairmos desta vida, os nossos amigos do mundo espírita nos vêm receber e nos ajudam a nos desembaraçarmos das vestes materiais, e que nada é mais penoso do que não encontrar nenhuma alma benevolente nesse momento solene. Esta doutrina consoladora seria uma quimera? Não, não pode ser, porquanto não é apenas o resultado de um ensino: são as próprias almas, felizes ou sofredoras, que vêm descrever a sua situação. Sabemos que os Espíritos se reúnem e combinam entre si para agir de comum acordo, com mais força em certas ocasiões, tanto para o mal, quanto para o bem; que os Espíritos que não possuem os necessários conhecimentos para responder às perguntas que lhes são dirigidas podem ser assistidos por Espíritos mais esclarecidos; que estes têm por missão ajudar com seus conselhos o progresso dos Espíritos mais atrasados; que os Espíritos inferiores agem sob o impulso de outros Espíritos, dos quais são instrumentos; que recebem ordens, proibições ou permissões, circunstâncias essas que não ocorreriam se os Espíritos fossem entregues a si mesmos. O simples bom senso nos diz, pois, que a situação da qual ele falou é relativa e não absoluta; que pode existir para alguns em dadas circunstâncias, mas não poderia ser geral, porque, do contrário, seria o maior obstáculo ao progresso do Espírito e, por isso mesmo, não seria conforme à Justiça de Deus, nem à sua bondade. Evidentemente, o Espírito Georges não considerou senão uma fase da erraticidade, na qual, para melhor dizer, restringiu a acepção do termo *errante* a uma determinada categoria de Espíritos, em vez de aplicá-lo, como nós o fazemos, indistintamente a todos os Espíritos não encarnados.

Pode, pois, acontecer que dois seres que se amaram não troquem sinais de reconhecimento; que nem mesmo possam ver-se e se falar, caso seja uma punição para um deles. Por outro lado, como os Espíritos se reúnem conforme a ordem hierárquica, dois seres que

se amaram na Terra podem pertencer a ordens muito diferentes e, justamente por isso, encontrar-se separados até que o menos adiantado alcance o grau do outro. Essa privação pode ser, assim, uma consequência da expiação e das provas terrestres: compete a nós agir de modo a não merecê-la.

A felicidade dos Espíritos é relativa à sua elevação. Essa felicidade só é completa para os Espíritos depurados e consiste principalmente no amor que os une; isto se concebe e é de toda justiça, porquanto a verdadeira afeição não pode existir senão entre seres que se despojaram de todo egoísmo e de toda influência material, pois somente neles ela é pura, sem segunda intenção, não podendo ser perturbada por nada. Daí se segue que suas comunicações devem ser, por isso mesmo, mais afetuosas e mais expansivas do que entre os Espíritos que ainda se acham sob o império das paixões terrenas. É preciso daí concluir que os Espíritos errantes não são forçosamente privados, mas podem ser privados dessas comunicações, se tal for a punição a eles imposta. Como diz Georges em outra passagem: “[Essa privação momentânea lhes dá] mais ardor para chegarem ao momento em que as provas realizadas lhes darão o objeto de sua afeição.” Portanto, essa privação não é o estado normal dos Espíritos errantes, mas uma expiação para os que a mereceram, uma das mil e uma variedades que nos esperam na outra vida, quando tivermos desmerecido nesta.

## Dissertações espíritas

Recebidas ou lidas na Sociedade por vários médiuns

### PRIMEIRAS IMPRESSÕES DE UM ESPÍRITO

(Médium: Sra. Costel)

Falarei da estranha mudança que se opera no Espírito logo após a sua libertação. Ele se evapora dos despojos que abandona, como uma chama se desprende do foco que a produziu; depois sucede uma grande perturbação e essa dúvida estranha: estou

morto ou vivo? A ausência das sensações ordinárias produzidas pelo corpo surpreende e imobiliza, por assim dizer. Como um homem habituado a um fardo pesado, nossa alma, aliviada repentinamente, não sabe o que fazer de sua liberdade; depois, o espaço infinito, as maravilhas sem número dos astros, sucedendo-se num ritmo harmonioso, os Espíritos solícitos, flutuando no ar e deslumbrantes de luz sutil que parece atravessá-los, o sentimento da libertação que inunda de repente, a necessidade de lançar-se também no espaço como aves que querem treinar as próprias asas, tais as primeiras impressões que todos nós sentimos. Não vos posso revelar todas as fases desta existência; apenas acrescentarei que, tão logo satisfeita com o seu encantamento, a alma ávida quer se lançar e subir mais às regiões do verdadeiro belo, do verdadeiro bem, e essa aspiração é o tormento dos Espíritos sedentos do infinito. Como a crisálida, esperam despojar-se de sua pele; sentem brotar as asas que os levarão, radiosos, ao azul abençoado. Mas, retidos ainda pelos laços do pecado, devem planar entre o Céu e a Terra, não pertencendo nem a um, nem a outra. Que são todas as aspirações terrenas, comparadas ao ardor insaciável do ser que entreviu um recanto da eternidade! Sofrei, pois, bastante, para chegardes depurados entre nós. O Espiritismo vos ajudará, pois é uma obra abençoada; liga entre si os Espíritos e os vivos, formando os elos de uma cadeia invisível que sobe até Deus.

DELPHINE DE GIRARDIN

## OS ÓRFÃOS<sup>70</sup>

(Médium: Sra. Schmidt)

Meus irmãos, amai os órfãos. Se soubésseis como é triste ser só e abandonado, sobretudo na infância! Deus permite que haja órfãos para vos estimular a servir-lhes de pais. Que divina caridade amparar uma pobre criaturinha abandonada, evitar que sofra fome e frio,

<sup>70</sup> Nota do tradutor: Esta mensagem foi inserida por Allan Kardec em *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo XIII, item 18 da edição definitiva (1866).

dirigir-lhe a alma, a fim de que não desgarre para o vício! Quem estende a mão a uma criança abandonada agrada a Deus, porque compreende e pratica a sua Lei. Ponderai também que muitas vezes a criança que socorreis vos foi cara em outra encarnação, mas, se pudésseis lembrar-vos, já não seria caridade, mas um dever. Assim, pois, meus amigos, todo sofredor é vosso irmão e tem direito à vossa caridade; não, porém, a essa caridade que magoa o coração, não a essa esmola que queima a mão em que cai, pois frequentemente os vossos óbolos são bem amargos. Quantas vezes eles seriam recusados, se na choupana a enfermidade e a miséria não os estivessem esperando! Dai delicadamente, juntai ao benefício que fizerdes o mais precioso de todos: uma boa palavra, uma carícia, um sorriso amistoso. Evitai esse ar de proteção, que equivale a revolver a lâmina no coração que sangra e considerai que, fazendo o bem, trabalhai por vós mesmos e pelos outros.

JULES MORIN

OBSERVAÇÃO – O Espírito que assina a mensagem é completamente desconhecido. Podemos ver pela comunicação acima e por muitas outras do mesmo gênero que nem sempre é necessário um nome ilustre para obter belas coisas. É uma puerilidade prender-se ao nome; é preciso aceitar o bem, venha de onde vier; aliás, o número de nomes ilustres é muito limitado; o dos Espíritos é infinito. Por que, então, não os haveria também capazes entre os que não são conhecidos? Fazemos esta reflexão porque há pessoas que julgam nada poder obter de sublime, a não ser chamando celebridades. A experiência prova o contrário todos os dias, mostrando-nos que podemos aprender alguma coisa com todos os Espíritos, desde que saibamos aproveitar as ocasiões.

## UM IRMÃO MORTO À SUA IRMÃ VIVA

(Médium: Sra. Schmidt)

Minha irmã, tu pouco me evocas. Isto não me impede de vir ver-te todos os dias. Conheço teus dissabores; tua vida é

penosa, bem o sei, mas importa sofrer a sorte nem sempre alegre. Todavia, há por vezes um alívio nas penas. Aquele, por exemplo, que faz o bem à custa da própria felicidade pode, por si mesmo e pelos outros, afastar o rigor de muitas provas.

Neste mundo é raro ver-se fazer o bem com essa abnegação; certamente é difícil, mas não impossível, e os que têm essa sublime virtude são, em verdade, os eleitos do Senhor. Se nos dessemos bem conta dessa pobre peregrinação na Terra, haveríamos de compreendê-lo. Mas assim não é: os homens se agarram aos bens como se devessem ficar sempre em seu exílio. Entretanto, o mais vulgar bom senso, a mais simples lógica demonstram, diariamente, que aqui não passamos de aves de arribação e os que têm menos penas nas asas são os que chegam mais depressa.

Minha boa irmã, para que serve ao rico todo esse luxo, todo esse supérfluo? Amanhã estará despojado de todos esses vãos ouro-péis a fim de descer ao túmulo, para onde nada levará. É verdade que fez uma bela viagem; nada lhe faltou, não sabia mais o que desejar e esgotou as delícias da vida. Também é certo que, em seu delírio, algumas vezes lançou, sorrindo, a esmola nas mãos de seu irmão; mas terá, por isso, retirado algo da boca? Não, porquanto não se privou de um só prazer, de uma única fantasia. Contudo, esse irmão é um filho de Deus, nosso Pai comum, a quem tudo pertence. Compreendes, minha irmã, que um bom pai não deserda um de seus filhos para tornar mais rico o outro? Daí por que recompensará o que foi privado de sua parte nesta vida.

Assim, pois, os que se julgam deserdados, abandonados e esquecidos alcançarão em breve a margem bendita, onde reinam a justiça e a felicidade. Mas infelizes dos que fizeram mau uso dos bens que nosso Pai lhes confiou! Infeliz, também, o homem favorecido com o dom tão precioso da inteligência, se dela abusou! Acredita-me, Maria, quando se crê em Deus nada existe na Terra que se possa invejar, a não ser a graça de praticar suas Leis.

TEU IRMÃO WILHELM

## O CRISTIANISMO

(Médium: Sr. Didier Filho)

O que se deve observar no Espiritismo é a moral cristã. Desde séculos houve muitas religiões, diversos cismas e numerosas pretensas verdades. E tudo quanto foi erguido fora do Cristianismo caiu, porque o Espírito Santo não o animava. O Cristo resume o que a moral mais pura e mais divina ensina ao homem, no tocante a seus deveres, nesta vida e na outra. A Antiguidade, no que tem de mais sublime, é pobre diante dessa moral tão rica e tão fértil. A auréola de Platão empalidece ante a do Cristo, e a taça de Sócrates é muito pequena perante o imenso cálice do Filho do Homem. És tu, ó Sesóstris!, déspota do poderoso Egito, que te podes medir, do alto de tuas pirâmides colossais, com o Cristo numa manjedoura? És tu, Solon? És tu, Licurgo, cuja bárbara lei condenava as crianças malformadas, que vos podeis comparar àquele que disse face a face com o orgulho: “Deixai vir a mim as criancinhas”? Sois vós, pontífices sagrados do piedoso Numa, cuja moral exigia a morte viva das vestais culpadas, que vos podeis comparar àquele que disse à mulher adúltera: “Levanta-te, mulher, e não peques mais”? Não, não mais com esses mistérios tenebrosos que praticais, ó sacerdotes antigos! Não mais com esses mistérios cristãos que são a base desta religião sublime, que se chama Cristianismo. Diante dele todos vos inclinai, legisladores e sacerdotes humanos; inclinai-vos, porquanto foi o próprio Deus quem falou pela boca desse ser privilegiado que se chama Cristo.

LAMENNAIS

## O TEMPO PERDIDO

(Médium: Srta. Huet)

Se, por um instante, pudésseis refletir sobre a perda de tempo, mas refletir muito seriamente e calcular o imenso erro que

cometeis, veríeis quanto esta hora, este minuto escoado inutilmente e que não podeis recuperar poderia ser necessário ao vosso bem futuro. Nem todos os poderes da Terra vo-lo poderiam devolver. E se o usastes mal, um dia sereis obrigados a repará-lo pela expiação, e, talvez, de maneira terrível! O que não daríeis, então, para recuperar o tempo perdido! Votos inúteis; pesares supérfluos! Assim, pensai bem nisto, em benefício de vosso interesse futuro e mesmo presente, porque muitas vezes os pesares nos atingem mesmo na Terra. Quando Deus vos pedir contas da existência que vos concedeu, da missão que tínheis de cumprir, que havereis de responder? Sereis como o enviado de um soberano que, longe de cumprir as ordens de seu senhor, passava o tempo a divertir-se, não se ocupando absolutamente do negócio para o qual foi credenciado. Em que responsabilidade não incorreria à sua volta? Sois aqui os enviados de Deus e tereis que prestar conta do vosso tempo passado com os vossos irmãos. Eu vos recomendo esta meditação.

MASSILLON

## OS SÁBIOS

(Médium: Srta. Huet)

Desde que chamais um Espírito, Deus me permite vir. Vou dar-vos um bom conselho, sobretudo a vós, M...

Vós que vos ocupais sempre dos sábios, pois é a vossa preocupação, deixai-os de lado. Que podem eles com as crenças religiosas e, sobretudo, espíritas! Não repeliram em todos os tempos as verdades que se apresentaram? Não rejeitaram todas as invenções, tratando-as de quimeras? Dentre os que anunciavam essas verdades, uns eram tratados como loucos e, assim, encarcerados; outros lançados nas masmorras da Inquisição; outros ainda lapidados ou queimados. Mais tarde a verdade não brilhava menos aos olhos dos sábios surpresos, que a tinham posto sob o alqueire. Dirigindo-vos incessantemente a eles, quereis,

novo Galileu, vos infligir a tortura moral, que é o ridículo, e ser forçado à retratação? Dirigiu-se o Cristo aos acadêmicos de seu tempo? Não. Pregava a divina moral a todos, em geral, e ao povo, em particular.

Para apóstolos ou propagadores de sua vinda, escolheu pescadores, gente simples de coração, muito ignorantes, que não conheciam as leis da natureza e não sabiam se um milagre as poderia interrogar, mas que acreditavam sinceramente. “Ide” — dizia Jesus — “e contaí o que vistes.”

Jamais operou um milagre que não fosse em favor dos que o pediam com fé e convicção. Recusou-os aos fariseus e aos saduceus que vinham para o tentar, e os chamou de hipócritas. Assim, dirigi-vos também a pessoas inteligentes, dispostas a crer; rejeitai os sábios e os incrédulos.

Aliás, o que é um sábio? Um homem mais instruído do que os outros, porque estudou mais, mas que perdeu o prestígio que tinha antigamente, auréola fatal que muitas vezes lhe valia as honras da fogueira. No entanto, à medida que a inteligência popular se desenvolveu, o seu brilho diminuiu. Hoje, o homem de gênio não mais teme ser acusado de feitiçaria. Já não é aliado de Satã.

A humanidade esclarecida aprecia em seu justo valor aquele que trabalha muito e sabe muito; ela sabe colocar no pedestal que lhe convém o homem de gênio que produz belas obras. Como sabe em que consiste a ciência do sábio, não mais o atormenta; como sabe de onde emana o gênio criador, inclina-se perante ele. Mas, por sua vez, quer ter a liberdade de crer naquelas verdades que lhe prodigalizam consolações. Não quer que aquele que sabe mais ou menos Química, mais ou menos Retórica, que produz a mais bela ópera, venha entrar as suas crenças, lançando-lhe o ridículo no rosto e tratando suas ideias como loucura. Ela se desviará desse caminho e silenciosamente continuará sua rota. Um dia a verdade envolverá o mundo inteiro, e os que a tinham repellido serão obrigados a

reconhecê-la. Eu mesmo, que me ocupei do Espiritismo até meu último dia, sempre o pratiquei na intimidade.

Pouco me importa a Academia. Crede-me, mais tarde ela virá até vós.

DELPHINE DE GIRARDIN

## O HOMEM

O homem é um misto de grandeza e de miséria, de ciência e de ignorância. É, na Terra, o verdadeiro representante de Deus, porquanto sua vasta inteligência abrange o universo; soube descobrir uma parte dos segredos da natureza; sabe servir-se dos elementos; percorre distâncias imensas por meio do vapor; pode conversar com o seu semelhante de um antípoda ao outro, pela eletricidade, que sabe dirigir; seu gênio é imenso; quando depuser tudo isto aos pés da Divindade e lhe render homenagem, será quase igual a Deus!

Mas como é pequeno e miserável, quando o orgulho se apossa de seu ser! Não vê a sua miséria; vê apenas sua existência, esta vida, que não pode compreender, lhe ser arrebatada algumas vezes instantaneamente, pela só vontade dessa Divindade que ele desconhece, porquanto não pode defender-se contra ela; é preciso que se cumpra a sua sorte! Ele, que tudo estudou, tudo analisou; ele, que conhece tão bem a marcha dos astros, conhece a força criadora que faz germinar o grão de trigo que lançou à terra? Pode criar uma flor, mesmo a mais simples e a mais modesta? Não; aí se detém seu poder. Deveria reconhecer, então, um poder muito superior ao seu; a humildade deveria apossar-se de seu coração e, admirando as obras de Deus, praticaria um ato de adoração.

SANTA TERESA

## A FIRMEZA NOS TRABALHOS ESPÍRITAS

Vou falar-vos da firmeza que deveis ter nos vossos trabalhos espíritas. Uma citação a respeito já vos foi feita; eu vos aconselho a estudá-la de coração e aplicar-lhe o Espírito, porquanto, assim como Paulo, sereis perseguidos, não em carne e osso, mas em espírito. Os incrédulos, os fariseus da época, vos censurarão, vos ridicularizarão, mas nada temais; será uma prova que vos fortalecerá, se souberdes ofertá-la a Deus; mais tarde vereis vossos esforços coroados de sucesso. Será um grande triunfo para vós à luz da eternidade, sem esquecer que, neste mundo, já é uma consolação, uma felicidade, para as pessoas que perderam parentes e amigos, saber que são felizes, que é possível comunicar-se com eles. Marchai, pois, avante, cumpri a missão que Deus vos dá, e ela vos será levada em consideração no dia em que comparecerdes ante o Todo-Poderoso.

CHANNING

## OS INIMIGOS DO PROGRESSO

(Médium: Sr. R...)

Os inimigos do progresso, da luz e da verdade trabalham na sombra; preparam uma cruzada contra as nossas manifestações; não vos preocupeis com isso. Sois sustentados poderosamente; deixai que se agitem na sua impotência. Entretanto, por todos os meios de que dispondes, dedicai-vos a combater, a aniquilar a ideia da eternidade das penas, pensamento blasfemo contra a justiça e a bondade de Deus, a fonte mais fecunda da incredulidade, do materialismo e da indiferença que invadiram as massas, desde que sua inteligência começou a se desenvolver. Prestes a se esclarecer, não obstante embrutecido, bem depressa o Espírito compreendeu a monstruosa injustiça; sua razão a repele e, então, raramente deixa de confundir, no mesmo ostracismo, a pena que revolta e o Deus ao qual é atribuída. Daí os males sem número que se abateram sobre vós, e para os quais viemos trazer o remédio. A tarefa que vos

assinalamos vos será tanto mais fácil quanto as autoridades sobre as quais se apoiam os defensores desta crença têm, todas, se esquivado a um pronunciamento formal. Nem os Concílios, nem os Pais da Igreja resolveram essa grave questão. Se, conforme os próprios Evangelistas, e tomando ao pé da letra as palavras emblemáticas do Cristo, ele ameaçou os culpados com um fogo que não se extingue, um fogo eterno, nada há em suas palavras que prove haja condenado os culpados *eternamente*.

Pobres ovelhas desgarradas, sabeis ver o bom Pastor que, longe de vos querer banir para sempre de sua presença, vem, ele mesmo, ao vosso encontro para vos reconduzir ao aprisco. Filhos pródigos, deixai o exílio voluntário; dirigi vossos passos para a casa paterna: o pai vos estende os braços e está sempre pronto para festejar o vosso retorno à família.

LAMENNAIS

## DISTINÇÃO DA NATUREZA DOS ESPÍRITOS

(Médium: Sra. Costel)

Quero falar-te das altas verdades do Espiritismo. Elas estão intimamente ligadas às da moral, sendo, pois, importante jamais as separar. Antes de mais, o ponto que atrai a atenção dos seres inteligentes é a dúvida sobre a própria verdade das comunicações espíritas. A verdade, primeira dignidade da alma, está contida por inteiro neste ponto de partida. Procuremos, então, estabelecê-la.

Não há um meio infalível para distinguir a natureza dos Espíritos, se abdicarmos da razão, da comparação, da reflexão. Estas três faculdades são mais que suficientes para distinguir seguramente os diversos Espíritos. O livre-arbítrio é o eixo sobre o qual gira o pivô da inteligência humana; o equilíbrio seria rompido se não tivessem os Espíritos senão que falar para submeter os homens; nesse caso o seu poder se igualaria ao de Deus. Não pode ser assim. O

intercâmbio entre os humanos e os invisíveis assemelha-se à escada de Jacó: se a uns permite que subam, deixa que outros desçam. E, agindo todos uns sobre os outros, sob os olhos de Deus, devem marchar para Ele, no mesmo espírito de amor e de *inteligente* submissão. Apenas abordei superficialmente o assunto, aconselhando-vos a aprofundá-lo sob todos os seus aspectos.

LÁZARO

## SCARRON

(Médium: Srta. Huet)

Meus amigos, fui muito infeliz na Terra, porque meu Espírito era igual e por vezes superior ao das pessoas que me rodeavam, mas o corpo era inferior. Assim, meu coração era ulcerado pelos sofrimentos morais e pelos males físicos que haviam reduzido meu envoltório terrestre a um estado lastimoso e miserável.

Meu caráter se azedara com as moléstias e as contrariedades que experimentava nas relações com os amigos. Deixei-me levar pela mais causticante malignidade; eu era alegre e aparentemente sem mágoas; no entanto, sofria bem no fundo do coração. Quando estava só, entregue aos secretos pensamentos de minha alma, gemia por encontrar-me em luta entre o bem e o mal. O mais belo dia de minha existência foi aquele em que meu Espírito se separou do corpo; em que, leve e iluminado por um raio divino, lançou-se às esferas celestes. Parecia que eu renascera e a felicidade apoderou-se de meu ser: enfim, eu repousava.

Mais tarde a consciência despertou; reconheci os erros contra o Criador; experimentei remorsos e implorei a piedade do Todo-Poderoso. Desde então, procuro instruir-me no bem; busco tornar-me útil aos homens e progrido diariamente. Contudo, sinto necessidade de que orem por mim e peço aos crentes fervorosos que elevem o pensamento a Deus em meu benefício. Se me chamarem,

procurarei vir sempre e responderei às perguntas tanto quanto o puder. Assim se pratica a caridade.

PAUL SCARRON

## O NADA DA VIDA

(Médium: Srta. Huet)

Meus bons amigos de adoção, permiti que vos diga algumas palavras, como conselhos. Deus me autoriza a vir até vós. Como lamento não poder comunicar-vos todo o ardor que havia em meu coração e que me animava para o bem! Crede em Deus, o autor de todas as coisas; amai-o; sede bons e caridosos: a caridade é a chave do Céu. Para vos tornardes bons, pensai algumas vezes na morte; é um pensamento que eleva a alma e a deixa melhor. Pois o que somos na Terra? Um átomo lançado no espaço; bem pouca coisa no universo. O homem nada é: faz número. Quando olha à sua frente, quando olha para trás, é ainda o infinito que vê; sua vida, por mais longa que seja, é um ponto na eternidade. Pensai, pois, em vossa alma, pensai na vida nova que vos espera, porquanto não podeis duvidar que ela existe, fosse mesmo pelos desejos de vossa alma, jamais satisfeitos, o que é uma prova de que o serão num mundo melhor. Até logo.

S. SWETCHINE

## AOS MÉDIUNS

(Médium: Sr. Darcol)

Quando quiserdes receber comunicações de Espíritos bons, importa que vos prepareis para esse favor pelo recolhimento, pelas intenções sãs e pelo desejo de fazer o bem, tendo em vista o progresso geral, porque, lembrai-vos, o egoísmo é uma causa de retardamento em todo avanço. Recordai que se Deus permite que alguns dentre vós recebam o sopro de alguns de seus filhos que, pela

sua conduta, souberam merecer a felicidade de compreender sua bondade infinita, é que quer, por solicitação nossa, e à vista de vossas boas intenções, dar-vos os meios de avançar no seu caminho. Assim, pois, ó médiuns! tirai proveito dessa faculdade que Deus houve por bem vos conceder. Tende fé na mansuetude de nosso Mestre; ponde a caridade sempre em prática; jamais vos canseis de exercitar esta sublime virtude, assim como a tolerância. Que as vossas ações estejam sempre em harmonia com a vossa consciência: é um meio certo de centuplicar vossa felicidade nesta vida passageira e de vos preparardes uma existência ainda mil vezes mais suave.

Que, entre vós, se abstenha o médium que não se sentir com forças de perseverar no ensino espírita, porquanto, não tirando proveito da luz que esclarece, será menos escusável que um outro, e terá de expiar a sua cegueira.

FRANCISCO DE SALLES

## A HONESTIDADE RELATIVA

(Médium: Sra. Costel)

Hoje nos ocuparemos da moralidade dos que não a têm, isto é, da honestidade relativa, que se encontra nos mais perversos corações. O ladrão não rouba o lenço de seu camarada, mesmo quando este tenha dois; o negociante não vende caro para os amigos; o traidor, apesar de tudo, é fiel a um ser qualquer. Jamais um clarão divino está completamente ausente do coração humano; assim, deve ser conservado com cuidados infinitos, quando não expandido. O julgamento estreito e brutal dos homens impede, por sua severidade, muito mais mudanças positivas do que a prática de ações más. Desenvolvido, o Espiritismo deve ser e será a consolação e a esperança dos corações estigmatizados pela justiça humana. Repleta de sublimes ensinamentos, a religião paira muito alto para os ignorantes. Não alcança, com bastante clareza, a espessa imaginação do iletrado, que quer ver e tocar para crer. Esclarecida pelos médiuns, a crença

florescerá no coração talvez ressequido do próprio médium. Assim, é principalmente ao povo que os verdadeiros espíritas devem dirigir-se, como outrora os apóstolos; que espalhem a Doutrina Consoladora; como pioneiros, que penetrem no pântano da ignorância e do vício, para arrotear, sanear, preparar o terreno das almas, a fim de que elas possam receber a bela cultura do Cristo.

GEORGES

## PROVEITO DOS CONSELHOS

(Médium: Srta. Huet)

Aproveitais os nossos conselhos e o que vos dizemos diariamente? Não; muito pouco. Saindo de uma de vossas reuniões, entretendes a curiosidade do fato e o maior ou menor interesse que despertou nos assistentes. Mas haverá um só entre vós que se pergunte se pode aplicar a moral, o conselho que acabamos de prescrever, e se tem intenção de fazê-lo? Pediu, solicitou uma comunicação; obteve-a: isto lhe basta. Volta às suas ocupações diárias, prometendo a si mesmo vir rever um espetáculo tão interessante; conta os fatos aos seus amigos, a fim de lhes excitar a curiosidade, e somente para provar que os sábios podem ser confundidos; bem poucos o fazem com vistas a pregar a moral; muito poucos, mesmo, procuram melhorar-se.

Minha lição é severa; entretanto, não quero vos desencorajar. Trazei sempre a boa vontade, apenas com um pouco mais de bons sentimentos voltados para Deus e menos desejo de querer aniquilar os que não querem crer: estes dizem respeito ao tempo e a Deus.

MARIE (ESPÍRITO FAMILIAR)

## PENSAMENTOS AVULSOS

Ó homens! como sois soberbamente orgulhosos! Vossa pretensão é realmente cômica. Quereis tudo saber e vossa essência se

opõe a esta faculdade de compreensão universal. Não chegareis a conhecer esta maravilhosa natureza senão pelo trabalho perseverante; não tereis a alegria de aprofundar esses tesouros e de entrever o infinito de Deus, senão quando vos melhorardes pela caridade, fazendo todas as coisas do ponto de vista do bem para todos, e referindo esta faculdade do bem a Deus, que, na sua generosidade inigualável, vos recompensará além de toda expectativa.

MASSILLON

Como muitas vezes se diz, o homem é o joguete dos acontecimentos. De quais acontecimentos se quer falar? Qual seria sua causa, seu objetivo? Jamais se viu nisso o dedo de Deus. Esse pensamento vago e materialista, mãe da fatalidade, perdeu mais de um grande Espírito, mais de uma profunda inteligência. Sabeis o que disse Balzac: “Não há princípios; só há acontecimentos.” Isto é, segundo ele o homem não tem mais livre-arbítrio; a fatalidade apodera-se dele no berço e o conduz até o túmulo. Monstruosa invenção do Espírito humano, esse pensamento abate a liberdade, isto é, o progresso, a ascensão da alma humana, demonstração evidente da existência de Deus. O homem que se deixasse assim conduzir seria escravo de tudo: dos homens e de si mesmo! Ó homem! examina-te. Nascestes para a servidão? Não; nascestes para a liberdade.

LAMENNAIS

## Maria de Agreda – Fenômeno de bicorporeidade

Num compêndio histórico que acaba de ser publicado sobre a vida de *Maria de Jesus de Agreda*, encontramos um fato extraordinário de bicorporeidade, que prova que tais fenômenos são perfeitamente aceitos pela Religião. É verdade que, para certas pessoas, as crenças religiosas não têm mais autoridades do que as crenças espíritas. Mas quando essas crenças se apoiarem sobre

as demonstrações dadas pelo Espiritismo, sobre as provas patentes que ele fornece, por uma teoria pessoal, de sua possibilidade, sem derrogar as leis da natureza, e de sua realidade por exemplos análogos e autênticos, será forçoso render-se à evidência e reconhecer, fora das leis conhecidas, a existência de outras que ainda pertencem aos segredos de Deus.

Maria de Jesus nasceu em Agreda, cidade da Castela, em 2 de abril de 1602, de pais nobres e de virtude exemplar. Muito jovem ainda, tornou-se superiora do mosteiro da Imaculada Conceição de Maria, onde morreu em estado de perfeição espiritual. Eis o relato que se acha em sua biografia:

Por maior que seja a nossa vontade de resumir, não podemos deixar de falar aqui do papel absolutamente excepcional de missionária e de apostolado que Maria de Agreda exerceu no Novo México. O fato que vamos narrar, cujas provas incontestáveis provariam, por si sós, quão elevados eram os dons sobrenaturais com que Deus havia enriquecido sua humilde serva e quão ardente o zelo que ela nutria no coração pela salvação do próximo. Nas suas relações íntimas e extraordinárias com Deus, ela recebia uma viva luz, com a ajuda da qual descobria o mundo inteiro, a multidão dos homens que o habitavam, entre os quais os que ainda não haviam entrado no seio da Igreja e estavam em evidente perigo de perder-se para a eternidade. À vista da perda de tantas almas, Maria de Agreda sentia o coração partido e, em sua dor, multiplicava preces fervorosas. Deus a fez saber que os povos do Novo México apresentavam menos obstáculos para a sua conversão que o resto dos homens, e era especialmente sobre eles que a divina Misericórdia queria derramar-se. Esse conhecimento foi um novo aguilhão para o coração caridoso de Maria de Agreda, que, do mais profundo de sua alma, implorou a clemência divina em favor desse pobre povo. O próprio Deus lhe ordenou que orasse e trabalhasse para tal fim. E ela o fez de maneira tão eficaz que o Senhor, cujas razões são impenetráveis, operou nela e por ela uma das maiores maravilhas que a História pode relatar.

Certo dia, tendo-a o Senhor arrebatado em êxtase, no momento em que orava insistentemente pela salvação daquelas almas, Maria de Agreda sentiu-se de repente transportada para uma região longínqua e desconhecida, sem saber como. Achou-se, então, num ambiente que não era o da Castela e experimentou os raios de um sol mais ardente que de costume. Homens de uma raça que jamais tinha encontrado estavam diante dela, e Deus lhe ordenava que satisfizesse seus caridosos desejos e pregasse a lei e a fé santa àquele povo. A extática de Agreda obedecia à ordem. Pregava a esses índios em sua língua espanhola, e os infieis entendiam como se ela lhes falasse em sua língua materna. Seguiram-se conversões em grande número. Voltando do êxtase, esta santa mulher se achava no mesmo lugar em que estava no começo do arrebatamento. Não foi apenas uma vez que Maria de Jesus desempenhou esse maravilhoso papel de missionária e de apóstolo junto aos habitantes do Novo México. O primeiro êxtase do gênero ocorreu em 1622, mas foi seguido de mais cinco êxtases do mesmo tipo, durante cerca de oito anos. Maria de Agreda encontrava-se frequentemente nessa mesma região para continuar o seu apostolado. Parecia-lhe que o número dos convertidos tinha aumentado prodigiosamente e que uma nação inteira, com o rei à frente, estava resolvida a abraçar a fé em Jesus Cristo.

Ela via ao mesmo tempo, mas a grande distância, os franciscanos espanhóis que trabalhavam pela conversão desse novo mundo, mas que ainda ignoravam a existência desse povo que ela havia convertido. Tal consideração levou-a a aconselhar aos índios que mandassem alguns dentre eles àqueles missionários, pedir que viessem ministrar-lhes o batismo. Foi por esse meio que a divina Providência quis dar uma espetacular manifestação do bem que Maria de Agreda havia feito no Novo México, por sua pregação extática.

Um dia os missionários franciscanos, que Maria de Agreda tinha visto em Espírito, mas a grande distância, viram-se abordados por um grupo de índios de uma raça que ainda não tinham encontrado em suas excursões. Estes se anunciaram como enviados de sua

nação, pedindo a graça do batismo com grande insistência. Surpreendidos com a vista desses índios, e mais espantados ainda pelo pedido que faziam, os missionários trataram de saber a sua causa. Os enviados responderam que desde muito tempo uma mulher havia aparecido em seu país, anunciando a Lei de Jesus Cristo. Acrescentaram que essa mulher desaparecia por momentos, sem que se pudesse descobrir o seu retiro; que lhes fizera conhecer o verdadeiro Deus e lhes aconselhara que fossem aos missionários a fim de obterem, para toda a nação, a graça do sacramento que resgata os pecados e transforma os homens em filhos de Deus. A surpresa dos missionários cresceu ainda mais quando, interrogando os índios sobre os mistérios da fé, os encontraram perfeitamente instruídos de tudo o que é necessário para a salvação. Os missionários tomaram todas as informações possíveis sobre essa mulher, mas tudo quanto os índios puderam dizer foi que jamais tinham visto uma pessoa semelhante. No entanto, alguns detalhes descritivos da roupa levaram os missionários a suspeitar que aquela mulher portasse hábitos de religiosa, e um deles, que tinha consigo o retrato, ainda viva, da venerável madre Luiza de Carrion, cuja santidade era conhecida em toda a Espanha, o mostrou aos índios, pensando, talvez, que pudessem reconhecer alguns traços da mulher-apóstolo. Estes, depois de examinarem o retrato, responderam que a mulher que lhes havia pregado a Lei de Jesus Cristo na verdade tinha um véu, como esta cuja imagem lhes era apresentada, mas que, pelos traços do rosto, era completamente diferente, sendo mais jovem e de grande beleza.

Então, alguns missionários partiram com os emissários indígenas para recolher entre eles tão abundante colheita. Após vários dias de caminhada, chegaram ao meio da tribo, sendo acolhidos com as mais vivas demonstrações de alegria e reconhecimento. Na viagem, puderam constatar que em todos os indivíduos daquela raça a instrução cristã era completa.

O chefe da nação, objeto de especial solicitude da serva de Deus, quis ser o primeiro a receber a graça do batismo, com toda a sua família, seguindo o seu exemplo, em poucos dias, a nação inteira.

Não obstante esses grandes acontecimentos, ainda ignoravam quem era a serva do Senhor que tinha evangelizado esses povos, e nutria-se uma santa curiosidade e piedosa impaciência por conhecê-la. Sobretudo o padre Alonzo de Benavides, que era o superior dos missionários franciscanos no Novo México, queria romper o véu misterioso que ainda cobria o nome dessa mulher-apóstolo, aspirando a voltar momentaneamente à Espanha para descobrir o retiro dessa religiosa desconhecida que havia cooperado prodigiosamente para a salvação de tantas almas. Em 1630 pôde, enfim, embarcar para a Espanha e se dirigiu diretamente a Madri, onde então se encontrava o Geral de sua ordem. Benavides lhe deu a conhecer o objetivo que se havia proposto ao empreender sua viagem à Europa. O Geral conhecia Maria de Jesus Agreda e, conforme o dever de seu cargo, tivera de examinar a fundo o íntimo dessa religiosa. Conhecia, pois, a sua santidade, tão bem quanto a sublimidade dos caminhos em que Deus a havia posto. Veio-lhe logo o pensamento de que essa mulher privilegiada bem podia ser a mulher-apóstolo de que lhe falava o padre Benavides, a quem comunicou suas impressões. Deu-lhe credenciais, pelas quais o constituía seu comissário, com ordem a Maria de Agreda para responder com toda simplicidade às perguntas que ele julgasse por bem dirigir-lhe. Com tais despachos, o missionário partiu para Agreda.

A humilde irmã se viu, assim, obrigada a revelar ao missionário tudo quanto sabia com referência ao objeto de sua missão junto a ela. Confusa, e ao mesmo tempo dócil, relatou a Benavides tudo quanto lhe tinha acontecido em seus êxtases, acrescentando com franqueza que ignorava completamente o modo pelo qual sua ação tinha podido exercer-se a tão grande distância. Benavides também interrogou a irmã sobre as particularidades dos lugares que tantas vezes deveria ter visitado e percebeu que ela estava muito bem informada sobre tudo o que se relacionava com o Novo México e os seus habitantes. Ela lhe expôs, nos mínimos detalhes, a topografia dessas regiões e lhes desvendou servindo-se mesmo dos nomes próprios, como o teria feito um viajante depois de vários anos passados nessas regiões. Acrescentou até que tinha visto Benavides e seus religiosos várias

vezes, indicando os lugares, os dias, as horas, as circunstâncias, e fornecendo detalhes especiais sobre cada um dos missionários.

Compreende-se facilmente o alívio de Benavides por ter, finalmente, descoberto a alma privilegiada de que Deus se tinha servido para exercer sua ação miraculosa sobre os habitantes do Novo México.

Antes de deixar a cidade de Agreda, Benavides quis redigir uma declaração de tudo quanto havia constatado, quer na América, quer em Agreda, nas suas conversas com a serva de Deus. Nessa peça exprimiu sua convicção pessoal no tocante à maneira pela qual a ação de Maria de Jesus se fizera sentir nos índios. Inclina-se a crer que tal ação tinha sido material. Sobre o assunto, a humilde religiosa sempre guardou uma grande reserva. Apesar dos incontáveis indícios que levaram Benavides a concluir pelo que, antes dele, já havia concluído o confessor da serva de Deus, indícios que pareciam acusar uma mudança corporal de lugar, Maria de Agreda sempre persistiu em crer que tudo se passava em Espírito. Na sua humildade, era fortemente tentada a pensar que o fenômeno não passasse de mera alucinação, embora, de sua parte, inocente e involuntário. Mas o seu diretor, que conhecia o fundo das coisas, pensava que a religiosa fosse transportada corporalmente, em seus êxtases, aos locais de seus trabalhos evangélicos. Apoiava sua opinião na impressão física que a mudança de clima provocara em Maria de Agreda, na longa série de seus trabalhos entre os índios, e na opinião de várias pessoas doutas, que ele consultara em grande segredo. Seja como for, o fato permanece sempre como um dos mais maravilhosos de que se tem falado nos anais dos santos, e é muito apropriado para dar uma ideia verdadeira não só das comunicações divinas que recebia Maria de Agreda, mas também de sua candura e de sua amável sinceridade.

## Aviso

Lembramos aos nossos leitores que a obra intitulada *Instrução prática sobre as manifestações espíritas* está esgotada e será

substituída por outra, bem mais completa, sob o título de *Espiritismo experimental*.<sup>71</sup> Encontra-se no prelo e aparecerá no mês de dezembro.

Lembramos, igualmente, que a segunda edição da *História de Joana d'Arc*, ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufaux, está a venda. O seu sucesso não diminuiu; é sempre lida com o mesmo interesse pelas pessoas sérias, partidárias ou não do Espiritismo. Essa História será sempre considerada uma das mais interessantes e mais completas já publicadas.

ALLAN KARDEC

---

<sup>71</sup> Nota do tradutor: Allan Kardec refere-se a *O livro dos médiuns*, que surgiria em janeiro de 1861.



# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

DEZEMBRO DE 1860

Nº 12

## Aos assinantes da *Revista Espírita*

Três anos de existência devem ter sido suficientes para os leitores desta *Revista* conhecerem o pensamento que preside à sua redação. E a melhor prova de que tal pensamento tem a sua anuência está no constante aumento do número de assinantes, consideravelmente acrescido neste último período. Mas o que para nós é infinitamente mais precioso são os testemunhos de simpatia e de satisfação que diariamente recebemos. Seu sufrágio é um encorajamento para prosseguirmos em nossa tarefa, trazendo ao nosso trabalho todos os melhoramentos cuja utilidade a experiência nos irá mostrar. Como no passado, continuaremos o estudo racional dos princípios da ciência do ponto de vista moral e filosófico, sem negligenciar os fatos; mas, quando citamos os fatos, não nos limitamos a uma simples narração, divertida, talvez, mas certamente estéril, se a eles não se junta a pesquisa das causas e a dedução das consequências. Por isso nos dirigimos às pessoas sérias, que não se contentam em ver, mas que, antes de tudo, querem compreender e dar-se conta do que veem. Aliás, a série dos fatos logo se esgota, se não quisermos cair nas repetições fastidiosas, porquanto todos giram mais ou menos no mesmo círculo e nada de novo ensinávamos aos nossos leitores quando lhes disséssemos que em tal ou

qual casa fazem as mesas girar mais ou menos bem. Para nós, os fatos têm outro caráter: não são histórias, mas temas de estudo; e os mais simples em aparência muitas vezes podem dar lugar às mais interessantes observações. É a mesma coisa que ocorre na ciência comum, em que um pezinho de erva encerra, para o observador, tantos mistérios quanto uma árvore gigante. Eis por que, nos fatos, consideramos muito mais o lado instrutivo que o divertido e nos prendemos aos que nos podem ensinar alguma coisa, independente de sua maior ou menor estranheza.

Apesar do número considerável de assuntos de que já temos tratado, estamos longe de haver esgotado a série de todos aqueles que se ligam ao Espiritismo, porque, quanto mais se avança nesta ciência, mais o horizonte se amplia. Os que nos restam por examinar fornecerão material por muito tempo ainda, sem contar as notícias mais recentes. Há muitas que adiamos propositadamente, a fim de somente abordá-las à medida que o estado dos conhecimentos permita compreender melhor o seu alcance. Assim, por exemplo, abrimos hoje maior espaço às dissertações espíritas espontâneas, porque as instruções que encerram, na maioria, podem ser muito mais bem apreciadas do que numa época em que apenas se conheciam os primeiros elementos da ciência; outrora, teriam sido julgadas apenas do ponto de vista literário, deixando passar despercebidos uma porção de pensamentos úteis e profundos, porque tratavam de pontos ainda desconhecidos ou mal compreendidos. A diversidade dos assuntos não exclui o método, e a desordem é apenas aparente, pois cada coisa tem seu lugar justificado. A variedade repousa o espírito, mas a ordem lógica auxilia a inteligência. O que nos esforçamos por evitar é fazer de nossa *Revista* uma coletânea indigesta. Certamente não temos a pretensão de fazer uma obra perfeita, mas esperamos, pelo menos, que seja levada em conta a nossa intenção.

NOTA – Aos senhores assinantes que, em 1861, não quiserem receber a *Revista* com atraso, rogamos a gentileza de renovar sua assinatura antes de 1º de janeiro próximo.

# Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Sexta-feira, 26 de outubro de 1860 – Sessão geral

## *Comunicações diversas:*

1ª) Leitura de uma comunicação recebida pela Sra. M... sobre a pergunta: Se Deus criou todas as almas semelhantes, como é que de repente há tanta distância entre elas?

2ª) Leitura de várias comunicações recebidas pelo Sr. P..., médium de Sens; uma, assinada por Homero, apresenta um fato notável, que pode ser considerado uma prova de identidade: a revelação espontânea do nome de *Melesigênio*, sob o qual Homero era primitivamente designado. O nome era desconhecido pelo médium.

3ª) Análise de uma carta do Sr. L..., de Troyes, na qual relata fatos notáveis de manifestações físicas espontâneas, ocorridas em 1856 com uma pessoa dessa cidade, e que lembram os de Bergzabern.

4ª) Carta do Dr. Morhéry, relatando diversos fatos singulares de manifestações espontâneas, ocorridas em sua presença, com a Srta. Désirée Godu, coincidindo com a chegada de uma carta do Sr. Allan Kardec.

## *Estudos:*

1º) Perguntas diversas dirigidas a São Luís.

2º) Evocação do filho do Sr. Morhéry, que diz ter participado das manifestações ocorridas na casa de seu pai.

3º) Ditado espontâneo obtido pelo Sr. Alfred Didier, sobre o *desespero*, assinado por Lamennais.

4<sup>o</sup>) Perguntas diversas, dirigidas a Lamennais, sobre vários casos particulares de suicídio, sobre as relações dos Espíritos e sobre a identidade de Homero na comunicação de Sens.

Sexta-feira, 2 de novembro de 1860 – Sessão particular

*Comunicações diversas:*

1<sup>a</sup>) Leitura de uma segunda comunicação de Homero, recebida pelo Sr. P..., médium de Sens, e de diversas perguntas e respostas a propósito.

2<sup>a</sup>) Desenhos obtidos por um médium de Lyon, notáveis por sua originalidade, se não pela execução. Interrogado a respeito, São Luís diz que os desenhos têm o seu valor, porque realmente são do Espírito, mas não têm significação muito precisa, pois o médium e o Espírito ainda não estão bem identificados um com o outro. Acrescenta que o médium, com o tempo, poderá tornar-se excelente.

*Estudos:*

1<sup>a</sup>) Perguntas dirigidas a São Luís: 1<sup>a</sup>) sobre a fórmula de afirmação para a identidade dos Espíritos; 2<sup>a</sup>) sobre o papel do homem na moralização dos Espíritos imperfeitos; 3<sup>a</sup>) sobre a aparição dos Espíritos na forma de uma chama; 4<sup>a</sup>) sobre o valor dos desenhos enviados de Lyon; 5<sup>a</sup>) sobre o transporte de objetos materiais pelos Espíritos, sua elevação do solo e sua invisibilidade.

3<sup>a</sup>)<sup>72</sup> Exame da questão de saber se os Espíritos podem operar o transporte de objetos a um recinto fechado e através de obstáculos materiais.

O Sr. L... faz observar que tais questões se prendem aos fenômenos das manifestações físicas, com os quais a Sociedade não deve ocupar-se.

---

<sup>72</sup> Nota do tradutor: Numerado conforme o original, isto é, faltando o item 2.

O presidente responde que a pesquisa das causas é um ponto importante, que se liga diretamente ao estudo da ciência e entra no quadro dos trabalhos da Sociedade; todas as partes da ciência devem ser elucidadas. Outra coisa é ocupar-se dessas pesquisas teóricas ou fazer da produção dos fenômenos objeto exclusivo. Aliás, acrescenta, podemos referi-lo a São Luís, rogando dizer-nos se considera a discussão que acaba de ocorrer como tempo perdido. São Luís responde: “Estou longe de encarar vossa conversa como inútil.”

4º) Evocação de Charles Nodier. É solicitado a continuar o trabalho começado. Responde que lhe dará continuidade na próxima vez; lembra a solenidade do dia num belo ditado espontâneo. Atendendo a um pedido, dita uma breve prece, própria para a circunstância.

É feito um apelo geral, sem designação especial, aos Espíritos sofredores que possam estar presentes, convidando-os a se manifestarem. O Espírito de um homem altamente colocado em vida, falecido há dois anos, apresenta-se espontaneamente e, por sua linguagem ao mesmo tempo simples e digna, testemunha os bons sentimentos de que se acha agora animado e o pouco caso que faz das grandezas humanas; responde com complacência e benevolência às perguntas que lhe são feitas.

Sexta-feira, 9 de novembro de 1860 – Sessão geral

O Sr. Allan Kardec faz algumas observações sobre o que foi dito na última sessão, concernentes às manifestações físicas. A respeito, lembra a instrução dada por São Luís, no mês de novembro de 1858, sobre o objetivo dos trabalhos da Sociedade. Essa instrução está assim formulada:

“Zombaram das mesas girantes; jamais zombarão da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Elas foram o limiar da ciência; é nela que, entrando, devem ser deixados os preconceitos, como se deixa um casaco. Não posso

senão vos estimular a fazer de vossas reuniões um centro sério. Que alhures façam demonstrações físicas, vejam, ouçam, mas que *entre vós haja compreensão e amor*. Que pensais ser aos olhos dos Espíritos Superiores quando fazeis girar ou levantar uma mesa? Escolares. Passará o sábio seu tempo a recordar o *á-bê-cê* da Ciência? Ao passo que, vendo que investigais as comunicações sérias, considerar-vos-ão como homens em busca da verdade.”

SÃO LUÍS

Não está aqui, senhores — acrescenta o Sr. Allan Kardec —, um admirável programa, traçado com essa precisão, essa simplicidade de palavra que caracterizam os Espíritos verdadeiramente superiores? *Que entre vós haja compreensão*, isto é, que devemos aprofundar tudo, para nos darmos conta de tudo; *que entre vós haja amor*, isto é, que a caridade e uma mútua benevolência sejam o objetivo de nossos esforços, o laço que nos deve unir, a fim de mostrar pelo nosso exemplo o verdadeiro objetivo do Espiritismo. Enganar-nos-íamos singularmente quanto aos sentimentos da Sociedade se julgássemos que ela despreza o que se faz noutros lugares. Nada é inútil e as experiências físicas também têm sua vantagem, que ninguém contesta. Se não nos ocupamos com elas, não é porque tenhamos outra bandeira. Temos nossa especialidade de estudos, como outros têm a sua, mas tudo isto se confunde num objetivo comum: o progresso e a propagação da Ciência.

*Comunicações diversas:*

1<sup>a</sup>) Leitura de ditados espontâneos recebidos fora da Sociedade.

2<sup>a</sup>) Carta do Sr. L..., de Troyes, relatando fatos ocorridos em sua presença, produzidos pelo Espírito obsessivo de que se tratou na última sessão. Esses fatos, que haviam cessado desde 1856, acabam de reproduzir-se em circunstâncias muito notáveis e serão objeto de um estudo por parte da Sociedade.

*Estudos:*

1ª) Perguntas diversas sobre a obsessão; sobre a possibilidade de reproduzir, por daguerreotípia, a imagem das aparições visíveis e tangíveis; sobre as manifestações físicas do Sr. Squire.

2ª) Perguntas sobre o Espírito que se manifesta em Troyes, especialmente sobre os efeitos magnéticos produzidos nessa circunstância.

3ª) Cinco ditados espontâneos são obtidos por quatro médiuns diferentes.

4ª) Evocação do Espírito perturbador de Troyes. Esse Espírito revela uma das mais baixas naturezas.

## Arte pagã, arte cristã, arte espírita

Na sessão da Sociedade de 23 de novembro, tendo-se manifestado espontaneamente o Espírito Alfred de Musset (ver detalhe adiante), foi-lhe dirigida a seguinte pergunta:

A pintura, a escultura, a arquitetura e a poesia se inspiraram sucessivamente nas ideias pagãs e cristãs. Podeis dizer-nos se, depois da arte pagã e da arte cristã, não haveria um dia a arte espírita? — O Espírito respondeu:

“Fazeis uma pergunta respondida por si mesma. O verme é verme, torna-se bicho da seda, depois borboleta. Que há de mais etéreo, de mais gracioso do que uma borboleta? Pois bem! a arte pagã é o verme; a arte cristã é o casulo; a arte espírita será a borboleta.”

Quanto mais se aprofunda o sentido dessa graciosa comparação, mais se lhe admira a exatidão. À primeira vista poder-se-ia supor que o Espírito tivesse a intenção de rebaixar a arte cristã, colocando a arte espírita no coroamento do edifício; mas não há nada

disso, e basta meditar nessa imagem poética para assimilar-lhe a precisão. De fato, o Espiritismo se apoia essencialmente no Cristianismo; de modo algum vem substituí-lo: completa-o e o reveste com uma túnica brilhante. Nos primórdios do Cristianismo encontram-se os germes do Espiritismo; se eles se repelisses mutuamente, um renegaria o seu filho, e o outro, o seu pai. Comparando o primeiro ao casulo e o segundo à borboleta, o Espírito indica perfeitamente o laço de parentesco que os une. Há mais: a própria imagem descreve o caráter da arte que um inspirou e que o outro inspirará. A arte cristã teve de inspirar-se nas terríveis provações dos mártires e revestir a severidade de sua origem materna. Representada pela borboleta, a arte espírita inspirar-se-á nas vaporosas e esplêndidas paisagens da existência futura que se desvenda; deleitará a alma que a arte cristã havia tomado de admiração e de temor; será o canto de alegria após a batalha.

O Espiritismo encontra-se inteiramente na teogonia pagã, e a mitologia não passa de um quadro da vida espírita poetizada pela alegoria. Quem não reconheceria o mundo de Júpiter nos Campos Elísios, com seus habitantes de corpos etéreos? E os mundos inferiores no Tártaro? E as almas errantes nos manes? E os Espíritos protetores da família nos lares e nos penates? No Letes, o esquecimento do passado, no momento da reencarnação? Nas pitonisas, nossos médiuns videntes e falantes? Nos oráculos, as comunicações com os seres do Além-Túmulo? A Arte necessariamente teve de inspirar-se nessa fonte tão fecunda para a imaginação; mas, para elevar-se até o sublime do sentimento, faltava-lhe o sentimento por excelência: a caridade cristã. Não conhecendo os homens senão a vida material, a Arte procurou, antes de tudo, a perfeição da forma. A beleza corporal, então, era a primeira de todas as qualidades: a Arte apegou-se a reproduzi-la, a idealizá-la, mas só ao Cristianismo estava reservada a tarefa de fazer ressaltar a beleza da alma sobre a beleza da forma; assim, a arte cristã, tomando a forma na arte pagã, adicionou-lhe a expressão de um sentimento novo, desconhecido dos Antigos.

Como dissemos, porém, a arte cristã ressentiu-se da austeridade de sua origem e inspirou-se nos sofrimentos dos primeiros

adeptos; as perseguições impeliram os homens a uma vida de isolamento e de reclusão, e a ideia do inferno, à vida ascética. Eis por que a pintura e a escultura são inspiradas, em três quartos dos casos, pelo quadro das torturas físicas e morais; a arquitetura se reveste de um caráter grandioso e sublime, embora sombrio; a música é grave e monótona como uma sentença de morte; a eloquência é mais dogmática do que comovente; a própria beatitude é marcada pelo tédio, pela ociosidade e pela satisfação toda pessoal; aliás, encontra-se tão longe de nós, colocada tão alto, que nos parece quase inacessível; daí por que nos toca pouco quando a vemos reproduzida na tela ou no mármore.

O Espiritismo nos mostra o futuro sob uma luz mais ao nosso alcance; a felicidade está mais perto de nós, ao nosso lado, nos próprios seres que nos cercam, com os quais podemos entrar em comunicação; a morada dos eleitos não é mais isolada: há solidariedade incessante entre o Céu e a Terra; a beatitude já não é uma contemplação perpétua, que não passaria de eterna e inútil ociosidade, mas sim uma constante atividade para o bem, sob o próprio olhar de Deus; não está na quietude de uma contemplação pessoal, mas no amor mútuo de todas as criaturas chegadas à perfeição. O mau já não é relegado para as fornalhas ardentes, o inferno se acha no próprio coração do culpado, que em si mesmo encontra o seu próprio castigo. Mas Deus, em sua infinita bondade, ao deixar-lhe o caminho do arrependimento, deixa-lhe, ao mesmo tempo, a esperança, essa sublime consolação do infeliz.

Que fecundas fontes de inspiração para a Arte! Quantas obras-primas essas ideias novas podem criar para a reprodução de cenas tão variadas e, ao mesmo tempo, tão suaves e tão pungentes da vida espírita! Que assuntos ao mesmo tempo poéticos e palpitantes de interesse nesse incessante comércio dos mortais com os seres de Além-Túmulo, na presença, junto a nós, dos seres que nos são caros! Já não será a representação dos despojos frios e inanimados, mas a mãe, tendo ao seu lado a filha querida, em sua forma etérea e radiosa de felicidade; um filho ouvindo atentamente

os conselhos do pai, que vela por ele; o ser pelo qual se ora, que vem testemunhar o seu reconhecimento. E, numa outra ordem de ideias, o Espírito do mal insuflando o veneno das paixões, o malvado fugindo da visão de sua vítima, que o perdoa, e o isolamento do perverso em meio à multidão que o repele, a perturbação do Espírito no momento de despertar, sua surpresa à visão de seu corpo, do qual se surpreende por estar separado, o Espírito do defunto em meio aos seus ávidos herdeiros e amigos hipócritas; e tantos outros assuntos, tanto mais capazes de impressionar quanto mais de perto tocarem a vida real. Quer o artista elevar-se acima da esfera terrestre? Encontrará temas não menos atraentes nesses mundos felizes, que os Espíritos gostam de descrever, verdadeiros Edens de onde o mal foi banido, e nesses mundos ínfimos, verdadeiros infernos onde reinam, soberanas, todas as paixões.

Sim, repetimos, o Espiritismo abre para a Arte um campo novo, imenso, ainda não explorado. Quando o artista trabalhar com convicção, como o fizeram os artistas cristãos, haurirá nessa fonte as mais sublimes inspirações.

Quando dizemos que um dia a arte espírita será uma arte nova, queremos dizer que as ideias e as crenças espíritas darão às produções do gênio uma marca particular, como ocorreu com as ideias e crenças cristãs, e não que os temas cristãos caiam em descrédito; longe disso. Mas, quando um campo está respigado, o ceifador procura colher alhures, e colherá abundantemente no campo do Espiritismo. Sem dúvida já o fez, mas não de maneira tão especial quanto o fará mais tarde, quando for encorajado e estimulado pelo assentimento geral. Quando estas ideias estiverem popularizadas, o que não deve tardar, porquanto os cegos da geração atual diariamente desaparecem da cena, a geração nova terá menos preconceitos, pela própria força das coisas. A pintura se inspirou, mais de uma vez, em ideias desse gênero; a pintura, sobretudo, está cheia delas, mas estão isoladas, perdidas na multidão. Tempo virá em que elas farão surgir obras magistrais, e a arte espírita terá seus Rafaéis e seus Michelangelos, como a arte pagã teve seus Apeles e seus Fídias.

# História do maravilhoso

(Pelo Sr. Louis Figuier)

(Segundo artigo; vide a *Revista* de setembro de 1860)

Falando do Sr. Louis Figuier em nosso primeiro artigo, procuramos descobrir, antes de tudo, qual era o seu ponto de partida, e demonstramos, citando textualmente suas palavras, que ele se apoia na negação de qualquer força que esteja fora da humanidade corpórea; suas premissas devem fazer pressentir sua conclusão. Seu quarto volume, em que deveria tratar especialmente da questão das mesas girantes e dos médiuns, ainda não tinha aparecido, e nós o esperávamos para ver se ele daria destes fenômenos uma explicação mais satisfatória que a do Sr. Jobert (de Lamballe). Lemo-lo com cuidado e o que ressaltou para nós com mais clareza foi o fato de o autor haver tratado de um assunto que absolutamente não conhece. Não necessitamos de outra prova disto, além das duas primeiras linhas, assim concebidas: *Antes de abordar a história das mesas girantes e dos médiuns, cujas manifestações são inteiramente modernas etc.* Como ignora o Sr. Figuier que Tertuliano fala em termos explícitos das mesas girantes e falantes? Que os chineses conheciam esse fenômeno desde tempos imemoriais? Que é praticado pelos tártaros e siberianos? Que há médiuns entre os tibetanos? Que os havia entre os assírios, os gregos e os egípcios? Que todos os princípios fundamentais do Espiritismo se acham na filosofia sânscrita? Assim sendo, é falso avançar que tais manifestações são *inteiramente modernas*. Os modernos nada inventaram a respeito, e os espíritas se apoiam na ancianidade e na universalidade de sua doutrina, o que deveria ter sabido o Sr. Figuier, antes de pretender fazer sobre ele um tratado *ex professo*.<sup>73</sup> Nem por isso sua obra deixou de receber as honras da imprensa, que se apressou em homenagear esse campeão das ideias materialistas.

<sup>73</sup> N.E.: Do latim – com verdadeiro conhecimento de causa.

Aqui se apresenta uma reflexão cujo alcance não escapará a ninguém. Diz-se que nada é tão brutal quanto um fato. Ora, eis um que tem bem o seu valor: é o extraordinário progresso das ideias espíritas, às quais nenhuma imprensa, nem pequena nem grande, prestou o seu concurso. Quando ela se dignou falar desses pobres imbecis que pensam ter uma alma, e que essa alma, após a morte, ainda se ocupa dos vivos, não foi senão para gritar socorro contra eles e os enviar aos manicômios, perspectiva pouco encorajadora para o público ignorante do assunto. O Espiritismo não entou a trombeta da publicidade; não encheu os jornais de anúncios pomposos. Como é, então, que, sem barulho, sem estardalhaço, sem apoio dos que se arvoram em árbitros da opinião, ele se infiltra nas massas e, segundo a graciosa expressão de um crítico, cujo nome não lembramos, depois de ter *infestado as classes esclarecidas*, agora penetra nas classes laboriosas? Que nos digam de que maneira, sem a utilização dos meios ordinários de propaganda, pôde a segunda edição de *O livro dos espíritos* esgotar-se em quatro meses? Diz-se que o povo se entusiasma com as coisas mais ridículas. Seja; mas a gente se entusiasma com o que diverte, uma história, um romance. Ora, *O livro dos espíritos* não tem, absolutamente, a pretensão de ser divertido. Não será porque a opinião geral encontra, nessas crenças, algo que desafia à crítica?

O Sr. Figuiet encontrou a solução do problema: é, diz ele, o amor do maravilhoso; e tem razão. Tomemos a palavra maravilhoso na acepção que ele lhe empresta e estaremos de acordo. Em sua opinião, estando a natureza contida inteiramente na matéria, todo fenômeno extramaterial se deve ao maravilhoso: fora da matéria não há salvação. Consequentemente a alma e tudo quanto lhe atribuem, seu estado após a morte, tudo isso pertence ao maravilhoso. Como ele, chamemo-lo maravilhoso. A questão é saber se esse maravilhoso existe ou não. O Sr. Figuiet, que não gosta do maravilhoso e só o admite nos contos da carochinha, diz que não. Mas se o Sr. Figuiet não faz questão de sobreviver ao seu corpo; se despreza sua alma e a vida futura, nem todos partilham seus gostos e não é preciso, por isto, que ele desgoste os outros. Há muitas pessoas para as quais a perspectiva do nada encanta muito pouco e que esperam encontrar

lá em cima, ou acolá, pai, mãe, filhos ou amigos. O Sr. Figuier não dá importância para isto. Gostos não se discutem.

Por instinto o homem tem horror à morte. Convenhamos que o desejo de não morrer completamente é muito natural. Pode-se mesmo dizer que essa fraqueza é geral. Ora, como sobreviver ao corpo se não possuímos esse *maravilhoso* que se chama alma? Se temos uma alma, ela há de ter algumas propriedades, porquanto sem propriedades não seria coisa alguma. Infelizmente, para certas pessoas, não são propriedades químicas; a alma não pode ser introduzida num vidro para ser conservada nos museus de anatomia, como se conserva um crânio; nisto, o grande Obreiro certamente errou, por não havê-la feito mais palpável; provavelmente Ele não pensou no Sr. Figuier...

Seja como for, de duas uma: essa alma, se existir, vive ou não vive após a morte do corpo; é alguma coisa ou é o nada: não há meio-termo. Vive sempre ou por algum tempo? Se deve desaparecer em dado momento, pouco importaria se fosse imediatamente; um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde, nem por isso o homem seria mais avançado. Se vive, faz algo ou nada faz. Mas como admitir um ser inteligente que nada faz, e isto por toda a eternidade? Sem ocupação, a existência futura seria muito monótona. Não admitindo que uma coisa inacessível aos sentidos possa produzir quaisquer efeitos, o Sr. Figuier é conduzido, em razão de seu ponto de partida, à conclusão de que todo efeito deve ter uma causa material. Eis por que coloca no domínio do maravilhoso, isto é, da imaginação, todos os efeitos atribuídos à alma e, em consequência, a própria alma, suas propriedades, seus feitos e gestos de Além-Túmulo. Os simples, que creem na tolice de querer viver após a morte, naturalmente gostam de tudo quanto satisfaz os seus desejos e vem confirmar as suas esperanças. Daí por que amam o maravilhoso. Até agora se contentavam em dizer-lhes: “Nem tudo morre com o corpo; ficai tranquilos; nós vos damos nossa palavra de honra.” Sem dúvida era muito tranquilizador, mas uma pequena prova não estragaria o negócio. Ora, eis que o Espiritismo, com seus fenômenos, vem lhes dar esta prova, e eles a aceitam com alegria. Eis

todo o segredo de sua rápida propagação; torna real uma esperança: a de viver e, melhor que isto, de viver mais feliz. Ao passo que vós, Sr. Figuiet, vos esforçais para lhes provar que tudo isto não passa de uma quimera, de uma ilusão. Ele levanta a coragem, vós a abateis. Acreditaís que entre os dois a escolha seja duvidosa?

O desejo de reviver após a morte é, pois, no homem, a fonte de seu amor pelo maravilhoso, isto é, por tudo quanto se liga à vida de Além-Túmulo. Se alguns homens, seduzidos por sofismas, puderam duvidar do futuro, não creiais que tenha sido voluntariamente. Não; porque essa ideia lhes inspira pavor, e é com terror que sondam as profundezas do nada. O Espiritismo acalma suas inquietudes, dissipa suas dúvidas; aquilo que é vago, indeciso, incerto, toma uma forma, torna-se uma realidade consoladora. Eis por que, em alguns anos, deu a volta ao mundo, pois todos querem viver e o homem sempre dará preferência às doutrinas que o tranquilizam àquelas que o apavoram.

Voltemos à obra do Sr. Figuiet e digamos, de começo, que seu quarto volume, consagrado às *mesas girantes e aos médiuns*, em três quartas partes está cheio de histórias que não lhes guardam nenhuma relação, de maneira que o principal ali se torna o acessório. Cagliostro, o caso do colar, que ali figuram, não se sabe por quê, a moça elétrica, os caracóis simpáticos, ocupam 13 capítulos em 18. É verdade que essas histórias são tratadas com verdadeiro luxo de detalhes e de erudição, que as fará lidas com interesse, pondo-se de lado qualquer opinião espírita. Sendo seu objetivo provar o amor do homem pelo maravilhoso, busca ele todos os contos que o bom senso, em todos os tempos, já havia dado o seu justo valor, e se esforça por provar que são absurdos, o que ninguém contesta. E exclama: “Eis o Espiritismo fulminado!” A dar-lhe ouvidos, poder-se-ia crer que as proezas de Cagliostro e os contos de Hoffmann são artigos de fé para todos os espíritas, e que os caracóis simpáticos têm toda a sua simpatia.

O Sr. Figuiet não rejeita todos os fatos; longe disso. Em sentido oposto a outros críticos que, pura e simplesmente, negam

tudo, o que é mais cômodo, pois dispensa qualquer explicação, ele admite perfeitamente as mesas girantes e os médiuns, mas os atribuindo em larga escala à trapaça. As Srtas. Fox, por exemplo, são insignes prestidigitadoras, porque foram ridicularizadas pelos jornais americanos pouco elegantes. Chega mesmo a admitir o magnetismo — como agente material, bem entendido —, o poder fascinante da vontade e do olhar, o sonambulismo, a catalepsia, o hipnotismo, todos os fenômenos de Biologia. Que se tenha cuidado! Ele vai passar por um iluminado aos olhos de seus confrades. Mas, conseqüente consigo mesmo, quer tudo reduzir às leis da Física e da Fisiologia. É verdade que cita algumas testemunhas autênticas e das mais honradas em apoio dos fenômenos espíritas, mas se estende com indulgência sobre todas as opiniões contrárias, sobretudo as dos sábios que, como o Sr. Chevreul e outros, buscaram provas na matéria. Tem em grande estima a teoria do músculo estalante dos Sr. Jobert e comparsas. Sua teoria, como a lanterna mágica da fábula, peca num ponto capital: perde-se num labirinto de explicações que demandariam outras explicações para serem compreendidas. Um outro defeito é que a cada passo é contraditada por fatos que não pode explicar e que o autor silencia por uma razão muito simples: é que não os conhece. Ele nada viu ou pouco viu por si mesmo; numa palavra, nada aprofundou *de visu*, com a sagacidade, a paciência e a independência das ideias do observador consciencioso; contentou-se com relatos mais ou menos fantásticos, encontrados em certas obras que não primam pela imparcialidade. Não leva em consideração os progressos que a Ciência fez desde alguns anos; ele a toma em seu começo, quando marchava tateante e cada um trazia uma opinião incerta e prematura, estando longe de conhecer todos os fatos; absolutamente como se quisesse julgar a química de hoje pelo que era ao tempo de Nicolas Flamel. Em nossa opinião, por mais sábio seja o Sr. Figuiet, falta-lhe a primeira qualidade que se exige de um crítico: a de conhecer *a fundo* aquilo de que fala, condição ainda mais necessária quando se quer explicá-lo.

Não o acompanharemos em todos os seus raciocínios. Preferimos indicar a sua obra, que todo espírita pode ler sem o menor

perigo para as suas convicções; só citaremos a passagem na qual ele explica sua teoria das mesas girantes, que resume mais ou menos a de todos os outros fenômenos.

Vem a seguir a teoria que explica os movimentos das mesas pelos *Espíritos*. Se a mesa girar após um quarto de hora de recolhimento e de atenção por parte dos experimentadores, é, dizem, que os Espíritos, bons ou maus, anjos ou demônios, entraram na mesa e a fizeram oscilar. Espera o leitor que discutamos tal hipótese? Não pensamos fazê-lo. Se empreendêssemos provar, com grandes reforços de argumentos lógicos, que o diabo não entra nos móveis para os fazer dançar, precisaríamos também demonstrar que não são os Espíritos que, introduzidos em nosso corpo, nos fazem agir, falar, sentir etc.<sup>74</sup> Todos esses fatos são da mesma ordem, e aquele que admite a intervenção do demônio para girar uma mesa deve recorrer à mesma influência sobrenatural para explicar os atos que só ocorrem em virtude de nossa vontade e com auxílio de nossos órgãos. *Ninguém jamais quis atribuir seriamente* os efeitos da vontade sobre os nossos órgãos, por mais misteriosa que seja a essência desse fenômeno, à ação de um anjo ou de um demônio. É, entretanto, a essa consequência que são levados os que querem vincular a rotação das mesas a uma causa sobre-humana.

Digamos, para terminar esta breve discussão, que a razão proíbe recorrer a uma causa sobrenatural em todas as situações em que uma causa natural pode bastar. Poderíamos invocar uma causa natural, normal, fisiológica, para explicar o movimento das mesas? Esta é a questão.

Eis, pois, chegado o momento de expor o que nos parece dar conta do fenômeno estudado nesta última parte de nosso livro.

---

<sup>74</sup> Nota de Allan Kardec: Não são os Espíritos que nos fazem agir e pensar, mas um Espírito que é a nossa alma. Negar esse Espírito é negar a alma; negar a alma é proclamar o materialismo puro. O Sr. Figuiet parece pensar que, como ele, ninguém crê possuir uma alma imortal, ou que ele crê ser todo o mundo.

A explicação do fato das mesas girantes, considerada na sua maior simplicidade, parece-nos ser fornecida por esses fenômenos cujo nome até aqui variou muito, mas cuja natureza, no fundo, é idêntica, haja vista que, seguidamente, foi chamada *hipnotismo* com o Dr. Braid, *biologismo* com o Sr. Philips, *sugestão* com o Sr. Carpenter. Lembramos que, em consequência da forte tensão cerebral resultante da contemplação, mantida por muito tempo, de um objeto imóvel, o cérebro cai num estado particular que recebeu, sucessivamente, os nomes de *estado magnético*, *sono nervoso* e *estado biológico*, nomes diferentes que designam certas variantes particulares de um estado geralmente idêntico.

Uma vez chegado a esse estado, quer pelos passes de um magnetizador, como se faz desde Mesmer, quer pela contemplação de um corpo brilhante, como operava Braid, imitado depois pelo Sr. Philips, e como operam ainda os feiticeiros árabes e egípcios, quer simplesmente, enfim, por uma forte contenção moral, de que já citamos mais de um exemplo, o indivíduo cai nessa passividade automática que constitui o *sono nervoso*. Perdeu a força de dirigir e controlar a própria vontade e está sob o império de uma vontade estranha. Apresentem-lhe um copo de água, afirmando, com autoridade, que é deliciosa bebida, e ele bebe julgando tomar vinho, licor ou leite, conforme a vontade daquele que se apoderou fortemente de seu ser. Privado assim do auxílio de seu próprio juízo, o indivíduo fica quase estranho às ações que executa e, uma vez voltando ao seu estado natural, perdeu a lembrança dos atos que realizou durante essa estranha e momentânea abdicção do seu *eu*. Está sob a influência de *sugestões*, isto é, aceita sem poder repeli-la, uma ideia fixa que lhe é imposta por uma vontade exterior, age e é forçado a agir sem ideia e sem vontade própria, conseqüentemente, sem consciência. Este sistema levanta uma grave questão de psicologia, porquanto, assim influenciado, o homem perdeu o livre-arbítrio e não tem mais responsabilidade pelas ações que executa. Age determinado por imagens intrusas que lhe obsidiam o cérebro, análogas a essas visões que Cuvier supõe fixadas no *sensório* da abelha, e que lhe representam a forma e as proporções da célula que o instinto a

leva a construir. O princípio das *sugestões* explica perfeitamente os fenômenos, tão variados e por vezes tão terríveis, das alucinações, mostrando, ao mesmo tempo, o pequeno intervalo que separa o alucinado do monômano. Não é de admirar que, num grande número de giradores de mesas, a alucinação sobreviva à experiência e se transforme em loucura definitiva.

Esse princípio das *sugestões*, sob a influência do sono nervoso, parece-nos fornecer a explicação do fenômeno da rotação das mesas, tomado na sua maior simplicidade. Consideremos o que se passa numa corrente de pessoas que se entregam a uma experiência desse gênero. Tais pessoas estão atentas, preocupadas, fortemente emocionadas com a espera do fenômeno que se deve produzir. Uma grande atenção, um recolhimento completo de espírito lhes é recomendado. À medida que a espera se prolonga e a contenção moral fica muito tempo entretida pelos experimentadores, seu cérebro se fatiga cada vez mais e as ideias sofrem uma ligeira perturbação. Quando assistimos, durante o inverno do ano de 1860, às experiências realizadas em Paris pelo Sr. Philips; quando vimos as 10 ou 12 pessoas às quais ele confiava um disco metálico, com a injunção de olhar fixamente e unicamente esse disco, colocado na palma da mão durante cerca de meia hora, não pudemos deixar de ver, nessas condições reconhecidas indispensáveis para a manifestação do estado hipnótico, a imagem fiel do estado em que se encontram as pessoas que, em silêncio, formam a corrente com vistas a obter a rotação da mesa. Num e noutro caso, há uma forte contenção de espírito, uma ideia perseguida exclusivamente durante um tempo considerável. O cérebro humano não pode resistir por muito tempo a essa tensão excessiva, a esse acúmulo anormal do influxo nervoso. Das 10 ou 12 pessoas que se entregaram a essa operação, a maioria abandona a experiência, forçada a renunciar pela fadiga nervosa que experimenta. Somente algumas, uma ou duas, que perseveram, são presas do estado hipnótico ou biológico, dando lugar, então, aos diversos fenômenos que examinamos no curso desta obra, ao falarmos do hipnotismo e do estado biológico.

Nessa reunião de pessoas fixamente ligadas, durante vinte minutos ou meia hora, a formar a corrente, com as mãos espalmadas sobre a mesa, sem liberdade de distrair, nem sequer por um instante, a atenção da operação em que tomam parte, a maioria não experimenta nenhum efeito particular. Mas é muito difícil que uma delas, uma só que seja, não venha a cair, ainda que por um momento, no estado hipnótico ou biológico. Talvez esse estado não precise durar mais que um segundo para que se realize o fenômeno esperado. Caindo nessa espécie de sono nervoso, não tendo mais consciência de seus atos e sem outro pensamento que não seja a ideia fixa da rotação da mesa, o membro da corrente imprime inconscientemente o movimento ao móvel. Ele pode, nesse momento, exibir uma força muscular relativamente considerável e a mesa se move. Dado esse impulso, realizado esse ato *inconsciente*, nada mais é preciso. Assim passageiramente biologizado, o indivíduo pode a seguir voltar ao seu estado ordinário; porque, apenas manifestado esse movimento de deslocamento mecânico na mesa, logo todas as pessoas que compõem a corrente se levantam e seguem seus movimentos; em outras palavras, fazem a mesa marchar, pensando que apenas a acompanham. Quanto ao indivíduo, causa involuntária, *inconsciente* do fenômeno, posto não guardar nenhuma lembrança dos atos executados nesse estado de sono nervoso, ignora o que fez e, de boa-fé, fica indignado se o acusam de haver empurrado a mesa. Até suspeita que outros membros da corrente tenham feito uma brincadeira de mau gosto, de que o acusam. Daí essas frequentes discussões e mesmo *essas disputas graves, que tantas vezes deram origem* ao divertimento das mesas girantes.

Tal a explicação que julgamos poder dar, no que diz respeito ao fato da rotação das mesas, tomado na sua maior simplicidade. Quanto ao movimento das mesas respondendo a perguntas: os pés que se levantam às ordens e que, pelo número de batidas, respondem às perguntas feitas, o mesmo sistema o explica se admitirmos que, entre os membros da corrente, haja algum no qual o estado de sono nervoso conserve uma certa duração. Tal indivíduo, hipnotizado à sua revelia, responde às perguntas e às ordens que lhe são dadas,

inclinando a mesa ou fazendo-a dar pancadas, conforme o pedido. Voltando depois ao estado normal, esqueceu todos os atos assim realizados, como qualquer indivíduo magnetizado ou hipnotizado perde a lembrança dos atos executados nesse estado. O indivíduo que representa o papel mau grado seu é, pois, uma espécie de dorminhoco acordado; não é absolutamente *sui compos*; está num estado mental que participa do sonambulismo e da fascinação. Não dorme; está encantado ou fascinado em virtude da forte concentração moral a que se impôs: é um *médium*. Como este último exercício é de ordem superior ao primeiro, não pode ser obtido em todos os grupos. Para que a mesa responda às perguntas feitas, levantando um de seus pés e dando pancadas, é necessário que os indivíduos que operam tenham praticado seguidamente o fenômeno da mesa girante, e que entre eles se encontre um sensitivo particularmente apto a cair naquele estado, o que se dá mais depressa pelo hábito e pela perseverança por mais tempo: numa palavra, é preciso um *médium* experimentado.

Mas, dirão, vinte minutos ou meia hora nem sempre são necessários para obter o fenômeno da rotação de uma mesinha de pé de galo ou de uma mesa convencional. Muitas vezes, ao cabo de quatro ou cinco minutos, a mesa se põe em movimento. A tal observação responderemos que um magnetizador, quando trata com um sensitivo habitual ou com um sonâmbulo profissional, faz este cair em sonambulismo em um ou dois minutos, sem passes, sem aparatos, e apenas pela imposição fixa do olhar. Aqui, é o hábito que torna o fenômeno fácil e rápido. Do mesmo modo, os *médiuns* exercitados podem em pouco tempo chegar a esse estado de semissono nervoso, que deve tornar inevitável o fenômeno da rotação da mesa ou o movimento imprimido por ele ao móvel, conforme o pedido feito.

Não sabemos como o Sr. Figuier explicaria sua teoria aos movimentos que ocorrem, aos ruídos que se ouvem, ao deslocamento dos objetos, sem o contato do médium, sem a participação de sua vontade, até mesmo contra a sua vontade. Mas

há muitas outras coisas que ele não explica. Aliás, aceitando-se mesmo sua teoria, ela revelaria um fenômeno fisiológico dos mais extraordinários, e bem digno da atenção dos sábios. Por que, então, o desdenharam?

O Sr. Figuiet termina o seu *Tratado do maravilhoso* por uma breve notícia sobre *O livro dos espíritos*. Naturalmente ele o julga do seu ponto de vista: “A filosofia” — diz ele — “é antiquada e a moral enfadonha.” Certamente ele teria preferido uma moral galhofeira e excitante. Mas que fazer? É uma moral para uso da alma; aliás, ela teria sempre uma vantagem: a de fazer dormir. É, para ele, uma receita em caso de insônia...

## Conversas familiares de Além-Túmulo

### BALTAZAR, O ESPÍRITO GASTRÔNOMO

(Segunda conversa)

Um dos nossos assinantes, ao ler na *Revista Espírita* do mês de novembro a evocação do Espírito que se deu a conhecer pelo nome de Baltazar, julgou reconhecer um homem que havia conhecido pessoalmente, e sua vida e caráter coincidiam perfeitamente com todos os detalhes relatados. Não duvidava que fosse o mesmo que se tinha manifestado sob um nome de fantasia e pediu-nos que nos certificássemos em nova evocação. Segundo ele, Baltazar não era outro senão o Sr. G... de la R..., conhecido por suas excentricidades, sua fortuna e seu pendor gastronômico.

#### 1. *Evocação.*

*Resp.* — Ah! eis-me aqui; mas nunca tendes algo a me oferecer. Decididamente não sois amáveis.

2. Quereis dizer o que vos poderíamos oferecer para vos ser agradáveis?

*Resp.* – Oh! pouca coisa: um chazinho; um jantarzinho muito fino, eu gostaria mais disso; e essas senhoras, sem contar os senhores aqui presentes, não o poriam de lado, haveis de concordar.

3. Conhecestes um certo Sr. G... de la R...?

*Resp.* – Creio que sois curioso.

4. Não; não se trata de curiosidade; disse, por obséquio, se o conhecestes.

*Resp.* – Então quereis descobrir o meu incógnito.

5. Portanto, sois o Sr. G... de la R...?

*Resp.* – Ai! Sim, e sem almoço.

6. Não fomos nós que descobrimos vosso incógnito; foi um dos vossos amigos aqui presente que vos reconheceu.

*Resp.* – É um falador; deveria ter ficado calado.

7. Em que isto vos pode aborrecer?

*Resp.* – Em nada, mas eu preferia não ter sido reconhecido imediatamente. Tanto faz, não esconderei meus gostos por isto. Se conhecêsseis os jantares que eu dava, conviriam francamente que eram bons e tinham um valor que hoje não mais se aprecia.

8. Não; não os conhecia. Mas falemos mais seriamente, por favor, pondo de lado os jantares e ceias, que nada nos ensinam. Nosso objetivo é de nos instruímos, razão por que vos pedimos dizer qual o sentimento que vos levou, no dia de vossa festa de formatura como advogado, a fazer jantar vossos confrades numa sala decorada em câmara mortuária?

*Resp.* – Não desvendais, no meio de todas as minhas excentricidades de caráter, um fundo de tristeza causado pelos erros da sociedade, sobretudo pelo orgulho daquela que eu frequentava e da qual fazia parte pelo nascimento e pela fortuna? Eu buscava atordoar o

coração por meio de todas as loucuras imagináveis e, por isso, me chamavam louco, extravagante. Pouco importava. Saindo desses jantares tão elogiados por sua originalidade, eu me apressava a praticar uma boa ação que ignoravam; mas para mim era indiferente: meu coração ficava satisfeito e os homens também. Eles riam de mim enquanto eu me divertia com eles. Que não direis dessa ceia, em que cada conviva tinha seu caixão atrás de si! Seus tristes semblantes me divertiam muito. Como vedes, era a loucura aparente unida à tristeza do coração.

### 9. Qual a vossa opinião atual sobre a Divindade?

*Resp.* – Não esperei perder o corpo para acreditar em Deus. Ocorre apenas que esse corpo, que tanto amei, materializou meu Espírito a tal ponto, que lhe será preciso bastante tempo para quebrar todos os laços terrenos das paixões que o prendiam à Terra.

OBSERVAÇÃO – Vê-se que podemos tirar, de um assunto aparentemente frívolo, muitos ensinamentos úteis. Não haverá algo de eminentemente instrutivo nesse Espírito que, conservando no Além-Túmulo os instintos corporais, reconhece que o abuso das paixões de certo modo *materializou* o seu Espírito?

## A educação de um Espírito

Um de nossos assinantes, cuja esposa é excelente médium escrevente, não pode, apesar disso, comunicar-se com seus parentes e amigos, porque um Espírito mau se impõe a ela e *intercepta*, por assim dizer, todas as comunicações, o que lhe causa viva contrariedade. Notemos que há simples obsessão, e não subjugação, porquanto a médium absolutamente não é enganada por esse Espírito, que, aliás, é francamente mau e não procura esconder o seu jogo. Tendo pedido nossa opinião a respeito, dissemos-lhe que não se livraria dele nem pela cólera, nem pelas ameaças, mas pela paciência; que era preciso dominá-lo pelo ascendente moral e buscar torná-lo melhor pelos bons conselhos; que é um *encargo de alma* que lhe é confiado, e sua dificuldade lhe será meritória.

Conforme nosso conselho, marido e esposa empreenderam a educação desse Espírito, e devemos dizer que se conduzem admiravelmente; se não o conseguirem, nada terão a se censurar. Extraímos algumas passagens dessas instruções, que damos como modelo no gênero, e porque a natureza desse Espírito nelas se desenha de maneira característica.

1. Para que sejas mau assim, é preciso que sofras?

*Resp.* – Sim, sofro; e é isto que me faz ser mau.

2. Jamais sentes remorsos do mal que fazes ou procuras fazer?

*Resp.* – Não; jamais tenho remorso e gozo o mal que faço, pois não posso ver os outros felizes sem sofrer.

3. Não admites, então, que se possa ser feliz com a felicidade dos outros, em vez de encontrar a felicidade em sua desventura? Jamais fizestes tais reflexões?

*Resp.* – Jamais as fiz, e acho que tens razão, mas não posso me... não posso fazer o bem; eu sou...

OBSERVAÇÃO — Essas reticências substituem os rabiscos feitos pelo Espírito, quando não quer ou não pode escrever uma palavra.

4. Mas, enfim, não queres ouvir-me e experimentar os conselhos que te poderia dar?

*Resp.* – Não sei, porque tudo quanto me dizes me faz sofrer ainda mais, e não tenho coragem de fazer o bem.

5. Muito bem! prometes ao menos tentar?

*Resp.* – Oh! não; não posso, porque não cumpriria a promessa e por isso seria punido. Ainda é preciso que rogues a Deus para mudar-me o coração.

6. Então oremos juntos. Pede comigo que Deus te melhore.

*Resp.* – Insisto que não posso; sou muito mau e agrade-me fazer o mal.

7. Mas realmente querias fazê-lo a mim? Não considero como verdadeiro mal as tuas mistificações que, por certo, até aqui nos têm sido mais úteis que prejudiciais, porquanto serviram para a nossa instrução. Assim, como vês, perdes o teu tempo.

*Resp.* – Sim, faço tanto mal quanto posso e, se não faço mais, é por não poder.

8. Quem te impede de fazer isso, então?

*Resp.* – O teu bom anjo da guarda e tua Maria; sem eles verias do que sou capaz.

OBSERVAÇÃO – Maria é o nome de uma jovem que eles evocam em vão e que não se pode manifestar por causa desse Espírito. Contudo, pela própria resposta do Espírito vê-se que ela, embora não possa comunicar-se materialmente, nem por isso deixa de lá estar, assim como o anjo da guarda, velando por eles. Esse fato levanta um sério problema, o de saber como um Espírito mau pode impedir as comunicações de um bom. Ele só impede as comunicações materiais, mas não pode opor-se às espirituais. Não é o Espírito mau mais poderoso que o bom, é o médium que não é bastante forte para vencer a obstinação do mau, e que deve esforçar-se por vencê-lo pelo ascendente do bem, melhorando-se cada vez mais. Deus permite essas provas em nosso interesse.

9. Mas o que me farias, então?

*Resp.* – Eu te faria mil coisas, mais desagradáveis umas que outras; eu te faria...

10. Vejamos, pobre Espírito, jamais tens um impulso generoso? Nunca tens um só desejo de fazer algum bem, ainda que fosse um vago desejo?

*Resp.* – Sim, um desejo vago de fazer o mal; não posso ter outro. É preciso que ores a Deus, para que eu seja tocado, pois, de outro modo, certamente continuarei mau.

11. Então crês em Deus?

*Resp.* – É necessário que eu creia nele, pois Ele me faz sofrer.

12. Muito bem! Já que crês em Deus, deves ter confiança em sua perfeição e em sua bondade. Deves compreender que Ele não fez suas criaturas para votá-las à infelicidade; que, se são infelizes, é por sua própria culpa, e não pela dele; mas que elas sempre têm meios de melhorar e, conseqüentemente, de alcançar a felicidade; que Deus não fez inteligentes as criaturas sem objetivo e que esse objetivo é fazer que todas concorram para a harmonia universal: a caridade, o amor do próximo; que a criatura que se afasta de tal objetivo perturba a harmonia e ela própria é a primeira a sofrer os efeitos dessa perturbação. Olha em torno de ti e acima de ti; não vês Espíritos felizes? Não tens vontade de ser como eles, já que dizes sofrer? Deus não os criou mais perfeitos do que tu; como tu, talvez tenham sofrido, mas se arrependeram e Deus lhes perdoou; podes, pois, fazer como eles.

*Resp.* – Começo a ver e a compreender que Deus é justo; eu ainda não tinha visto; és tu que me vens abrir os olhos.

13. Então! já sentes o desejo de melhorar?

*Resp.* – Ainda não.

14. Espera, que ele virá. Eu o espero. Dissistes à minha mulher que ela te torturava, enquanto te invocava. Crês que procuramos torturar-te?

*Resp.* – Não; bem vejo que não. Mas não é menos verdade que sofro mais que nunca e vós sois a causa disto.

OBSERVAÇÃO – Interrogado sobre a causa de tal sofrimento, um Espírito superior respondeu: — Vem do combate a que

ele se entrega; mau grado seu, sente algo que o arrasta para um caminho melhor, mas resiste. É essa luta que o faz sofrer. — Quem vencerá nele, o bem ou o mal?

*Resp.* — O bem; mas a luta será longa e difícil. É preciso ter muita perseverança e dedicação.

15. Que poderíamos fazer para que não sofras mais?

*Resp.* — É preciso que ores a Deus para que me perd... (ele risca essas duas últimas palavras) que tenha piedade de mim.

16. Pois bem! ora conosco.

*Resp.* — Não posso.

17. Disseste que precisas crer em Deus, pois Ele te faz sofrer. Mas como sabes que é Deus quem te faz sofrer?

*Resp.* — Ele me faz sofrer porque sou mau.

18. Se é verdade que julgas ser Deus quem te faz sofrer, deves conhecer o motivo, porquanto não podes imaginar que Deus seja injusto.

*Resp.* — Sim, creio na Justiça de Deus.

19. Disseste que fomos nós quem te abrimos os olhos. Verdade ou não, o certo é que não podes dissimular a verdade do que te dizemos. Ora, quer essas verdades te sejam conhecidas antes de nós, ou por nosso intermédio, o essencial é que as conheças. Hoje, o grande negócio para ti é tirar partido delas. Dize, pois, francamente, se a satisfação que experimentas em fazer o mal não te deixa nada a desejar.

*Resp.* — Desejo que meus sofrimentos acabem; eis tudo. E eles jamais acabarão.

20. Compreendes que depende de ti que eles acabem?

*Resp.* — Compreendo.

21. Em tua última existência corpórea te entregaste sem reservas às más inclinações, como parece que fazes agora?

*Resp.* – É preciso que saibas que sou mais imundo que uma fera; sou um miserável que fez tudo até...

22. Eu e minha mulher te fizemos algum mal? Tivestes de te queixar de nós numa outra existência?

*Resp.* – Não; eu não...

23. Então, dize por que encontras mais prazer em destilares o teu ódio contra pessoas inofensivas como nós, que te queremos bem, e não contra gente má, que talvez seja ou tenha sido tua inimiga?

*Resp.* – *Eles não me causam inveja.*

OBSERVAÇÃO – Esta resposta é característica. Pinta o ódio do mau contra os homens que sabe serem melhores que ele. É a inveja que cega e muitas vezes impele a atos mais contrários aos seus interesses. O mesmo ocorre aqui na Terra, onde muitas vezes os maiores erros de um homem, aos olhos de certas pessoas, têm o seu mérito: Aristides é um exemplo.

24. Eras mais feliz na Terra do que agora?

*Resp.* – Oh! sim. Era rico e de nada me privava. Cometi baixezas de toda sorte e fiz todo o mal que se pode fazer quando se tem dinheiro e miseráveis à disposição.

25. Por que me pedias outro dia que te deixasse em paz?

*Resp.* – Porque não queria responder às perguntas que me fazias. Mas estou muito à vontade por me evocares e queria sempre escrever, porque o tédio me mata. Oh! não sabes o que é estar continuamente em presença das faltas e dos crimes, como estou!

26. Que impressão experimentas à vista de uma ação generosa?

*Resp.* – Experimento despeito; gostaria de aniquilá-la.

27. Durante tua última existência corpórea, jamais fizeste uma boa ação, fosse qual fosse o móvel?

*Resp.* – Fiz por ambição e por orgulho; jamais por bondade. É por isso que não me foi levada em conta.

Observação — Essas conversas se prolongaram durante grande número de sessões, e ainda neste momento, infelizmente sem resultado muito sensível. O mal domina sempre nesse Espírito, que só em raros intervalos demonstra alguns clarões de bons sentimentos; assim, é uma tarefa penosa para os seus instrutores. Contudo, esperamos que com perseverança consigam domar essa natureza rebelde, ou ao menos que Deus leve em conta os seus esforços.

## Dissertações espíritas

Recebidas ou lidas na Sociedade por diversos médiuns

### ENTRADA DE UM CULPADO NO MUNDO DOS ESPÍRITOS

(Médium: Sra. Costel)

Vou contar-te o que sofri quando morri. Retido no corpo por laços materiais, meu Espírito teve grande dificuldade para se desprender, o que foi uma primeira e grande angústia. A vida que havia deixado aos 24 anos era ainda tão forte em mim, que não acreditava na sua perda. Procurava meu corpo e estava admirado e apavorado de me ver perdido em meio a essa multidão de sombras. Por fim, a consciência de meu estado e a revelação das faltas que havia cometido em todas as minhas encarnações me feriram de repente. Uma luz implacável iluminou os mais secretos recônditos de minha alma, que se sentiu *nua* e tomada de acabrunhante vergonha. Eu buscava escapar, interessando-me por objetos novos, *no entanto conhecidos*, que me cercavam; os Espíritos radiosos, flutuando no

éter, davam-me a ideia de uma felicidade à qual eu não podia aspirar; formas sombrias e desoladas, umas mergulhadas em triste desespero, outras irônicas ou furiosas, deslizavam à minha volta e sobre a terra à qual eu estava preso. Via os humanos se movimentando e lhes invejava a ignorância. Toda uma ordem de sensações desconhecidas *ou reencontradas* invadia-me ao mesmo tempo. Como que arrastado por uma força irresistível, buscando fugir a essa dor apunhalante, eu transpunha as distâncias, os elementos, os obstáculos materiais, sem que as belezas da natureza nem os esplendores celestes pudessem acalmar um instante o dilaceramento de minha consciência, nem o pavor que me causava a revelação da eternidade. Um mortal pode pressentir as torturas materiais pelos arrepios da carne, mas as vossas frágeis dores, suavizadas pela esperança, temperadas pelas distrações, mortas pelo esquecimento, jamais vos poderão dar a compreender as angústias de uma alma que sofre sem tréguas, sem esperança, sem arrependimento. Passei um tempo, cuja duração não posso apreciar, invejando os eleitos, dos quais entrevia o esplendor, detestando os Espíritos maus que me perseguiram com as suas zombarias, desprezando os humanos, cujas torpezas eu via, passando de um profundo abatimento a uma revolta insensata.

Por fim, me acalmaste. Escutei os ensinamentos que te davam teus guias. A verdade me penetrou e eu orei: Deus me ouviu. Revelou-se a mim por sua clemência, como se havia revelado pela sua justiça.

NOVEL

## CASTIGO DO EGOÍSTA

(Médium: Sra. Costel)

NOTA – O Espírito que ditou as três comunicações seguintes é o de uma mulher que a médium conheceu em vida, de conduta e caráter que bem justificam os tormentos que ela sofre. Era dominada principalmente por um sentimento de extremo egoísmo e um personalismo que se reflete na última comunicação, por sua

pretensão em querer que a médium se ocupe somente dela, e por ela renuncie aos seus estudos ordinários.

## I

Eis-me aqui, a infeliz Claire. Que queres que te ensine? Tua resignação e tua esperança não passam de palavras para quem sabe que, inumeráveis como os seixos da praia, seus sofrimentos haverão de durar na sucessão interminável dos séculos. Dizes que podes suavizá-los! Que palavra vazia! Onde encontrar a coragem, a esperança para tanto? Procura, pois, cérebro limitado, compreender o que é um dia que jamais acaba. Será um dia, um ano, um século? Que sei eu? As horas não se marcam; as estações não variam. Eterno e lento como a água que brota do rochedo, esse dia execrado, esse dia maldito, pesa sobre mim como um relicário de chumbo... Sofro!... Nada vejo à minha volta senão sombras silenciosas e indiferentes... Sofro!

Entretanto, sei que, acima desta miséria reina Deus, o Pai, o Senhor, aquele para o qual tudo se encaminha. Quero pensar nisto. Quero implorar-lhe socorro.

Debato-me e me arrasto como um estropiado, que pena um longo caminho. Não sei que poder me atraí para ti; talvez seja a salvação. Retiro-me de ti um pouco calma, um pouco renovada, como um velho tiritando de frio, reanimada por um raio de sol. Minha alma enregelada haure uma vida nova ao aproximar-se de ti.

CLAIRE

## II

Minha desgraça cresce dia a dia, à medida que o conhecimento da eternidade se desenvolve em mim. Ó miséria! quanto vos maldigo, horas culpadas, horas de egoísmo e de esquecimento em que, desconhecendo toda caridade, todo devotamento, só pensava em meu bem-estar! Convencionalismo humano, sede maldito!

vãs preocupações dos interesses materiais! Sede malditos, vós que me haveis engegucido e perdido! Sou corroída pelo incessante pesar do tempo transcorrido. Que direi a ti, que me escutas? Vigia incessantemente sobre ti; ama aos outros mais que a ti mesma; não te demores nos caminhos do bem-estar; não sobrecarregues teu corpo à custa de tua alma. Vigia, como dizia o Salvador a seus discípulos. Não me agradeças estes conselhos: meu espírito os concebe, mas meu coração jamais os ouviu. Semelhante a um cão açoitado, o medo me faz rastejar, mas não conheço ainda o verdadeiro amor! Sua divina aurora tarda muito a romper. Ora por minha alma ressequida e tão miserável!

CLAIRE

### III

NOTA – Os dois primeiros ditados foram recebidos em casa da médium. Este foi dado espontaneamente na Sociedade, o que explica o sentido da primeira frase:

Venho procurar-te aqui, já que me esqueces. Crês, então, que preces isoladas e o meu nome pronunciado bastarão para acalmar meu sofrimento? Não, cem vezes não. Tenho rugido de dor; erro sem repouso, sem asilo, sem esperança, sentindo o eterno aguilhão do castigo cravar-se em minha alma revoltada. Sorrio quando escuto vossos lamentos, quando vos vejo abatidos. Que são as vossas insignificantes misérias! que são as vossas lágrimas! que são os vossos tormentos, que o sono interrompe! Será que durmo? Eu quero, entendes, eu quero que, deixando tuas dissertações filosóficas, te ocupes de mim; que os outros também se ocupem. Não encontro expressão para descrever a angústia desse tempo que se escoia, sem que as horas lhe marquem os períodos. Vejo apenas um fraco raio de esperança; e essa esperança foste tu que ma deste. Não me abandones, pois.

CLAIRE

## IV

NOTA – A comunicação seguinte não é do mesmo Espírito; é de um Espírito superior, nosso guia espiritual, em resposta ao pedido que lhe dirigimos, para nos dar sua opinião acerca das comunicações precedentes:

Esse quadro é muito verdadeiro, e absolutamente não está exagerado. Talvez me perguntem o que fez essa mulher para estar tão miserável! Terá cometido algum crime horrível? Roubou, assassinou? Não. Nada fez que tivesse merecido a justiça dos homens. Ao contrário, divertia-se com aquilo a que chamais a felicidade terrena: beleza, fortuna, prazeres, adulação, tudo lhe sorria, nada lhe faltava e, ao vê-la, diziam: Que mulher feliz! E invejavam sua sorte. Que fez ela? Foi egoísta; tinha tudo, menos um bom coração. Se não violou a lei dos homens, violou a Lei de Deus, porquanto desconheceu a caridade, a primeira das virtudes. Não amou senão a si mesma: agora ninguém a ama. Nada deu: nada lhe dão. Está isolada, desamparada, abandonada, perdida no espaço, onde ninguém pensa nela, ninguém se ocupa com ela: este o seu suplício. Como só buscou os prazeres mundanos, que hoje não mais existem, fez-se o vazio em seu redor. Só vê o nada e o nada lhe parece a eternidade. Não sofre torturas físicas; os demônios não vêm atormentá-la, mas isto não é necessário. Ela própria se atormenta e sofre muito mais, porque esses demônios seriam ainda seres que pensavam nela. O egoísmo fez sua alegria na Terra: ele a persegue, agora, como um verme a lhe roer o coração; é o seu verdadeiro demônio.

Ah! se os homens soubessem quanto lhes custa ser egoístas! Entretanto, Deus vo-lo ensina todos os dias, porquanto, ao enviar tantos Espíritos egoístas à Terra, tem em mira que, desde esta vida, eles se castiguem uns aos outros e possam melhor compreender, pelo contraste, que a caridade é o único antídoto dessa lepra da humanidade.

## ALFRED DE MUSSET

(Médium: Srta. Eugénie)

Na sessão da Sociedade do dia 23 de novembro, um Espírito comunicou-se espontaneamente, escrevendo o seguinte:

Como desejo, antes de tudo, vos ser agradável, pergunto de que tema quereis que eu trate. Se tiverdes um assunto, perguntai. Enfim, senhores, sou sempre o vosso dedicado *Alfred de Musset*.

— Sendo vossa visita imprevista, não temos um assunto preparado. Pedimos, pois, que vos digneis de tratar um à vossa escolha. Seja qual for, ficaremos muito reconhecidos.

— Tendes razão. Sim, porque meu Espírito, em particular, e nós todos, em geral, conhecemos melhor as vossas necessidades e melhor podemos escolher as comunicações, do que faríeis vós mesmos.

“De que vou tratar? Sinto-me assaz embaraçado em meio a tantos assuntos interessantes. Comecemos por falar daquelles que desejam ardentemente ser espíritas, mas que parecem recuar diante do que julgam uma apostasia. Falemos, pois, para os que recuariam ante a ideia de se acharem em contradição com o Catolicismo. Ouvi bem, digo Catolicismo e não Cristianismo.

Temeis renegar a fé de vossos pais? Erro! Vossos pais, os primeiros, os que fundaram essa religião sublime em sua origem, eram mais espíritas do que vós; pregavam a mesma doutrina que hoje vos ensinam. E quem diz Espiritismo como vossa religião diz: caridade, bondade, esquecimento e perdão das injúrias. Como o Catolicismo, ele vos ensina a abnegação de si mesmo. Podeis, pois, consciências timoratas, reuni-los e vir, sem escrúpulo, sentar-vos a esta mesa e conversar com os seres de quem sentis saudade. Como vossos pais, sede caridosos, bons, compassivos, e no fim da estrada

tereis todos o mesmo lugar; no fim do caminho, a balança que pesará vossas ações terá os mesmos pesos, e a obra, o mesmo valor. Vinde sem temor, eu vos peço; vinde, mulheres graciosas, com o coração cheio de ilusões; vinde aqui, e estas serão substituídas por realidades mais belas e mais radiosas; vinde, esposa de coração duro, que sofreis a vossa aridez, aqui está a água que amolece a rocha e estanca a sede; vinde, mulheres amantes, que em toda a vossa vida aspirais à felicidade, que medis a profundidade de vosso coração e desesperais de preenchê-la; vinde, mulher de inteligência ávida, vinde: aqui a ciência corre clara e pura; vinde beber nesta fonte que rejuvenesce. E vós, velhos, que vos curvais, vinde e rireis na face de toda essa juventude que vos desdenha, porque, para vós, se abrem as portas do santuário, para vós o nascimento vai recomeçar e trazer a felicidade de vossos primeiros anos; vinde, e nós vos faremos ver os irmãos que vos estendem os braços e vos esperam; vinde, pois, todos, porque para todos há consolações.

Vede que me presto de boa vontade; disponde de mim e me dareis prazer.”

Aproveitando a boa vontade do Espírito Alfred de Musset, foram-lhe dirigidas as seguintes perguntas:

1. Qual será a influência da poesia no Espiritismo?

*Resp.* – A poesia é o bálsamo que se aplica sobre as chagas. A poesia foi dada aos homens como o maná celeste, e todos os poetas são médiuns que Deus enviou à Terra para regenerar um pouco o seu povo e não deixar que se embruteçam completamente. Pois o que haverá de mais belo, que mais fale à alma que a poesia?

2. A pintura, a escultura, a arquitetura, a poesia foram, sucessivamente, influenciadas pelas ideias pagãs e cristãs. Podeis dizer se, depois das artes pagã e cristã, haverá um dia a arte espírita?

*Resp.* – Fazeis uma pergunta que se responde por si mesma: o verme é verme, torna-se bicho da seda, depois borboleta.

Que há de mais etéreo, de mais gracioso que uma borboleta? Pois bem! A arte pagã é o verme; a arte cristã, o casulo; a arte espírita será a borboleta.

[A respeito vide o artigo anterior sobre a arte pagã, a arte cristã e a arte espírita].

### 3. Qual a influência da mulher no século XIX?

NOTA – Esta pergunta foi feita por um jovem, estranho à Sociedade.

*Resp.* – Ah! é o progresso. E é um jovem quem faz a pergunta; magnífico; eu mesmo seria muito amador para não deixar de responder, e estou certo de que todos o desejam também.

A influência da mulher no século XIX! Acreditais que ela tenha esperado esta época para que continueis a dominá-la, pobres e fracos homens que sois? Se tentastes aviltá-la, foi porque a temíeis; se tentastes abafar a sua inteligência, foi porque receastes a sua influência. Somente em seu coração não pudestes opor barreiras. E como o coração é o presente que Deus lhe deu em particular, continuou senhor e soberano. Mas eis que a mulher também se faz borboleta: ela quer sair de seu casulo; quer reconquistar seus direitos divinos; como aquela, lança-se na atmosfera e dir-se-ia que respira o ar em seu justo valor. Não julgueis que eu as queira transformar em eruditas, letradas, poetisas. Não; mas eu quero, querem aqui, no mundo em que habito, que aquela que deve elevar a humanidade seja digna de seu papel; que aquela que deve formar os homens comece a se conhecer a si mesma e, para lhes infiltrar desde tenra idade o amor do belo, do grande, do justo, é necessário que ela possua esse amor num grau superior, é preciso que o compreenda. Se o agente educador por excelência for reduzido ao estado de nulidade, a sociedade vacilará. É o que deveis compreender no século XIX.

## INTUIÇÃO DA VIDA FUTURA

(Médium: Srta. Eugénie)

NOTA — A médium escreve num caderno antigo, que antes servira a outro médium, no qual se achava uma comunicação escrita há muito tempo, assinada por Delphine de Girardin. Tal circunstância explica o início da comunicação seguinte:

Encontro traçado justamente o meu nome, e ele me servirá de assinatura antes de haver começado.

Quero falar aqui a todos em geral e vos provar que sois espiritualistas; por isso, basta que me dirija ao vosso raciocínio. Que ireis fazer num cemitério no dia primeiro de novembro, desde que ele não conserva senão os despojos dos seres que perdestes? Por que perder tempo em levar-lhes um buquê de flores, um pensamento de amizade e uma doce lembrança? Por que evocar a sua memória, se eles não vivem mais? Por que derramar lágrimas e lhes pedir que as enxuguem ou que vos levem com eles? Respondei, vós todos que dizeis — porque os que não dizem em voz alta, pensam baixinho — que dizeis: a matéria é a única coisa que existe em nós; depois de nós, nada. Dizei: não estais em desacordo convosco mesmo? Mas rejubilai-vos, pois tendes mais fé do que imaginais. Deus, que vos criou imperfeitos, quis vos dar confiança, mau grado vosso, e sem querer compreender, sem disso ter consciência, falais a esses seres queridos, pedi-lhes que cheirem as flores que lhes ofertais, implorai-lhes amizade e proteção. Mãe! chamas a tua filha de anjo e lhe pedes preces. Filha! pedes a proteção de tua mãe e os seus conselhos. Muitos entre vós dizem: “Sinto no coração a verdade do que dizeis, mas estava em desacordo com o que meus pais me ensinaram” e, Espíritos timoratos que sois! vos fechais em vossa ignorância. Agi, pois, sem medo, porquanto a fé espírita está de acordo com todas as religiões, desde que diz o que todas repetem: amor, caridade, humildade. Vede que se isto só resulta de vossa hesitação, deveis crer.

DELPHINE DE GIRARDIN

OBSERVAÇÃO – A contradição de que fala o Espírito, no começo, é vista a cada instante, entre as próprias pessoas que mais fortemente negam a vida futura. Se tudo acabasse com a vida corpórea, de que serviria, com efeito, a comemoração dos seres que choramos, se eles não nos ouvem mais? Falaram-nos de um senhor imbuído ao último ponto das ideias materialistas mais absolutas; acaba de perder o filho único e o pesar que sentiu foi tal que queria suicidar-se para ir juntar-se a ele. Ora, para ir juntar-se a quem? Aos ossos, que não são mais ele, porque os ossos não pensam.

## A REENCARNAÇÃO

(Médium: Srta. Eugénie)

NOTA – Na sessão da Sociedade em que foi recebido o ditado precedente, o Espírito da Sra. De Girardin, solicitada a dar outro sobre a reencarnação, respondeu: “Oh! não penso em outra coisa. A médium está habituada a me ver fazer o que nem sempre lhe agrada, e tendes razão.” Esta última frase é uma alusão a certas ideias particulares da médium a propósito da reencarnação.

A reencarnação é uma coisa lógica; toca os nossos sentidos. Assim, pois, trata-se somente de refletir, de querer examinar bem à nossa volta. Não tereis de olhar senão para dentro de vós mesmos para encontrar as provas da reencarnação. Vedes a esta mesa um bom pai de família; tem várias crianças lindas, umas de inteligência notável, outras num estado quase abjeto. De onde vem, pois, esta diferença? Mesmo pai, mesma mãe, mesma educação e, não obstante, quantos contrastes!

Atentai para a vossa lembrança; nela não encontrareis a intuição de fatos dos quais não tendes nenhum conhecimento e que, no entanto, se retratam para vós absolutamente como se tivessem existido? Não ficais chocados, vendo um ser pela primeira vez, porque vos parece havê-lo conhecido? Sim, não é mesmo?

Pois bem! isto vos prova uma vida anterior, à qual pertencestes; isto prova que a criança inteligente deve ter percorrido várias existências e, por meio delas, se depurou, ao passo que a outra talvez esteja na primeira; que a pessoa que encontrais talvez vos tenha sido íntima, e que o fato de que vos lembrais vos foi pessoal em outra vida. Prova, finalmente, que para entrar no reino de Deus é preciso que sejais perfeitos. Vejamos! pensais que vos resta tão pouco a fazer, para crer que depois de vossa morte uns três ou quatro meses nas esferas vos bastarão?<sup>75</sup> Não. Não acredito em tanta pretensão. Para adquirir é necessário trabalhar, e a fortuna moral não se lega como a fortuna material. Para vos depurardes, é preciso passar por vários corpos que com eles levam, em cada despojamento, uma parte das vossas impurezas.

Se refletirdes, não podereis deixar de vos render à evidência.

DELPHINE DE GIRARDIN

## O DIA DOS MORTOS

(Médium: Srta. Huet)

NOTA – Na sessão da Sociedade, de 2 de novembro, Charles Nodier, solicitado a continuar o trabalho que havia começado, responde:

Meus caros amigos, permiti que nesta noite vos fale de um outro assunto. Na próxima vez continuarei o trabalho começado.

Hoje é uma data que nos é pessoalmente tão consagrada que chamamos vossa atenção sobre a morte e as preces reclamadas pela maioria dos que vos antecederam. Esta semana é um período de confraternização entre o Céu e a Terra, entre os

<sup>75</sup> Nota de Allan Kardec: Alusão à opinião de algumas pessoas a respeito da vida futura.

vivos e os mortos. Deveis ocupar-vos de nós mais particularmente, e de vós também, porque, meditando sobre este pensamento de que em breve, para vós, como para nós, os vivos entoarão preces por vossa alma, deveis tornar-vos melhores. Conforme a maneira pela qual tiverdes vivido aqui embaixo, sereis recebidos perante Deus. O que é a vida, afinal de contas? Uma curtíssima migração do Espírito na Terra; tempo, entretanto, em que pode acumular um tesouro de graças ou se preparar para cruéis tormentos. Pensai nisso, pensai no Céu, e a vida, seja qual for a que levais, vos parecerá bem amena.

CHARLES NODIER

A respeito de sua comunicação, foram feitas ao Espírito as seguintes perguntas:

1. Hoje os Espíritos são mais numerosos nos cemitérios que normalmente?

*Resp.* – Nesta época ficamos mais à vontade junto aos nossos despojos terrenos, porque os vossos pensamentos, as vossas preces ali estão conosco.

2. Os Espíritos que, nesses dias, vêm aos seus túmulos, junto aos quais ninguém ora, sofrem por se verem desamparados, enquanto outros têm parentes e amigos que lhes trazem uma prova de lembrança?

*Resp.* – Não há pessoas piedosas que oram por todos os mortos em geral? Pois bem! essas preces alcançam o Espírito esquecido e são, para ele, o maná celeste, que tanto caía para o preguiçoso como para o homem ativo. A prece é para o conhecido, como para o desconhecido. Deus a reparte igualmente, e os Espíritos bons que delas não mais necessitam as devolvem àqueles a quem podem ser necessárias.

3. Sabemos que a fórmula das preces é indiferente; no entanto, muitas pessoas têm necessidade de uma fórmula para fixar

as ideias. Nós vos seríamos gratos se ditásseis uma a propósito. Todos nos associaremos pelo pensamento, para aplicá-la aos Espíritos que dela possam necessitar.

*Resp.* – Também o quero.

“Deus, criador do universo, dignai-vos ter piedade de vossas criaturas; considerai as suas fraquezas; abreviai suas provas terrenas, se estiverem acima de suas forças; compadecei-vos dos sofrimentos dos que deixaram a Terra e lhes inspirai o desejo de progredirem para o bem.”

4. Certamente aqui há vários Espíritos aos quais podemos ser úteis. Vamos pedir que se deem a conhecer.

*Resp.* – Que pedido fazeis! Ireis ser assaltados.

5. De modo algum nos apavoramos com isso. Se não pudermos ouvir a todos, o que dissermos para um servirá para os outros.

*Resp.* – Pois bem! fazei o que vos ditar o coração.

Tendo sido feito um apelo, sem designação particular, a um dos Espíritos presentes que queria comunicar-se para reclamar nossa assistência, manifestou-se o de uma personagem muito conhecida, morta há dois anos, revelando sentimentos muito diversos dos que tinha em vida, e que se estava longe de suspeitar.

## ALEGORIA DE LÁZARO

(Médium: Sr. Alfred Didier)

Cristo gostava de um homem chamado Lázaro. Quando soube de sua morte, grande foi a sua dor e se fez levar até o seu túmulo. A irmã de Lázaro suplicava ao Senhor, dizendo: “É possível restituirdes a vida a meu irmão? Ó vós, que o amáveis tanto, devolvei-lhe a vida!”

Mundo do século XIX, também estás morto. A fé, que é a vida dos povos, extingue-se dia a dia; em vão alguns crentes quiseram despertar-te de tua agonia. É muito tarde. Lázaro está morto; só Deus o pode salvar.

Então o Cristo se fez conduzir ao túmulo. Levantaram a pedra do sepulcro: cercado de faixas, o cadáver se apresentou em todo o horror da morte. Cristo lançou um olhar para o céu, tomou a mão da irmã e, levantando a outra mão para o alto, exclamou: “Lázaro, levanta-te!” Apesar das faixas, a despeito do sudário, Lázaro despertou e se levantou.

Ó mundo, tu pareces Lázaro; nada te pode devolver a vida. Teu materialismo, tuas torpezas, teu ceticismo são outras tantas faixas que envolvem o teu cadáver, e cheiras mal, porquanto há muito tempo estás morto. Quem te gritará como a Lázaro: “Em nome de Deus, levanta-te? É o Cristo que obedece ao apelo do Espírito Santo. Século, a voz de Deus se fez ouvir! Estarás mais corrupto que Lázaro?”

LAMENNAIS

## O DUENDE FAMILIAR

(Médium: Sra. Costel)

Jamais me comuniquei convosco e me sinto muito feliz por aumentar a vossa plêiade literária. Bem sabeis, vós que lestes com tanto gosto, que intuição eu tinha por aquilo a que chamam o mundo fantástico. Muitas vezes só, nas longas noites de inverno, recolhido a um canto de meu lar solitário, eu escutava o gemido das notas plangentes do vento. Enquanto o olhar distraído seguia vagamente os desenhos inflamados do fogo, por certo o duende doméstico me entretinha, e eu não inventava Trilby: repetia o que ele me havia murmurado ao ouvido atento. Que coisa encantadora sentir que vivem à nossa volta esses hóspedes invisíveis! Com eles,

nada de mistérios: eles vos amam, mau grado vosso, e vos conhecem melhor que vós mesmos. Na minha vida literária, na minha vida de homem, devo a esses amigos invisíveis os meus melhores sucessos e minhas mais caras consolações. É a minha vez de murmurar agora, aos ouvidos amigos, as coisas que o coração adivinha e não repete. É vos dizer, caro médium, que muitas vezes terei o doce privilégio de conversar convosco.

CHARLES NODIER

ALLAN KARDEC



## Nota explicativa<sup>76</sup>

Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868).

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O livro dos espíritos* (1857), *O livro dos médiuns* (1861), *O evangelho segundo o espiritismo* (1864), *O céu e o inferno* (1865), *A gênese* (1868), além da obra *O que é o espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras póstumas* (1890).

O estudo metuculoso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos

---

<sup>76</sup> N.E.: Esta Nota explicativa, publicada de acordo com o Termo de Compromisso com o Ministério Público Federal/Procuradoria da República no Estado da Bahia, datado de 28 de setembro de 2007, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as ideias frenológicas de Gall e as da fisiognomonia de Lavater eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 — dois anos depois do lançamento de *O livro dos espíritos* — do livro sobre a *Evolução das espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade (*O livro dos espíritos*, it. 207, p. 176).

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor (*Revista Espírita*, 1861, p. 432).

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente

e sobrevivente a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chegar-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes (*Revista Espírita*, 1867, p. 231).

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa Lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade (*A gênese*, cap. I, it. 36, p. 42-43. *Vide também Revista Espírita*, 1867, p. 373).

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863).

“O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus (*O evangelho segundo o espiritismo*, cap. XVII, it. 3, p. 348).

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como

a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica (*A gênese*, cap. XI, it. 43, Nota, p. 292).

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações (*Revista Espírita*, 1862, p. 38).

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA

---

## O QUE É ESPIRITISMO?

---

O ESPIRITISMO É UM CONJUNTO DE PRINCÍPIOS E LEIS revelados por Espíritos Superiores ao educador francês Allan Kardec, que compilou o material em cinco obras que ficariam conhecidas posteriormente como a Codificação: *O livro dos espíritos*, *O livro dos médiuns*, *O evangelho segundo o espiritismo*, *O céu e o inferno* e *A gênese*.

Como uma nova ciência, o Espiritismo veio apresentar à Humanidade, com provas indiscutíveis, a existência e a natureza do Mundo Espiritual, além de suas relações com o mundo físico. A partir dessas evidências, o Mundo Espiritual deixa de ser algo sobrenatural e passa a ser considerado como inesgotável força da Natureza, fonte viva de inúmeros fenômenos até hoje incompreendidos e, por esse motivo, são tidos como fantasiosos e extraordinários.

Jesus Cristo ressaltou a relação entre homem e Espírito por várias vezes durante sua jornada na Terra, e talvez alguns de seus ensinamentos

pareçam incompreensíveis ou sejam erroneamente interpretados por não se perceber essa associação. O Espiritismo surge então como uma chave, que esclarece e explica as palavras do Mestre.

A Doutrina Espírita revela novos e profundos conceitos sobre Deus, o Universo, a Humanidade, os Espíritos e as leis que regem a vida. Ela merece ser estudada, analisada e praticada todos os dias de nossa existência, pois o seu valioso conteúdo servirá de grande impulso à nossa evolução.



Conselho Editorial:

*Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente*  
*Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial*  
*Cirne Ferreira de Araújo*  
*Evandro Noleto Bezerra*  
*Maria de Lourdes Pereira de Oliveira*  
*Marta Antunes de Oliveira de Moura*  
*Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi*

Produção Editorial:

*Rosiane Dias Rodrigues*

Revisão:

*Denise Giusti*  
*Elizabete de Jesus Moreira*  
*Perla Serafim*

Capa:

*João Guilherme Andery Tayer*  
*Tarcisio Ferreira*

Projeto gráfico:

*Tarcisio Ferreira*

Reconstrução de layout e diagramação:

*Rones José Silvano de Lima – [www.bookebooks.com.br](http://www.bookebooks.com.br)*

Normalização Técnica:

*Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro*

Esta edição foi impressa pela Gráfica Santa Marta, São Bernardo do Campo, SP, com tiragem de 1 mil exemplares, todos em formato fechado de 140x210 mm e com mancha de 110x180mm. Os papéis utilizados foram o Pólen Bold 60 g/m<sup>2</sup> para o miolo e o Cartão Triplex 250 g/m<sup>2</sup> para a capa. O texto principal foi composto em fonte Adobe Garamond 12/14 e os títulos em Adobe Garamond 32/38,4. Impresso no Brasil. *Presita en Brazilo.*